

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA

IMPrensa INTEGRALISTA,
IMPrensa MILITANTE (1932-1937)

Porto Alegre, RS
Março de 2009

RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA

IMPrensa INTEGRALISTA,
IMPrensa MILITANTE (1932-1937)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de História das Sociedades Ibéricas e Americanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Lubisco Brancato

Porto Alegre, RS
Março de 2009

RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA

IMPrensa INTEGRALISTA,
IMPrensa MILITANTE (1932-1937)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, área de História das Sociedades Ibéricas e Americanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História.

Porto Alegre, ____/____/____

Doutora Sandra Maria Lubisco Brancato
(PUCRS – Orientadora)

Doutor (a)

Doutor (a)

Doutor (a)

Doutor (a)

Este trabalho é dedicado aos meus pais,
Armando e Célia, pela sua eterna
dedicação em fazer seus filhos
estudarem e sempre conquistarem mais...

AGRADECIMENTOS

*But we in it shall be remembered / We few, we happy few, we band of brothers /
For he today that sheds his blood with me shall be my brother
The Life of King Henry the Fifth, William Shakespeare*

É difícil imaginar este trabalho sem a participação de pessoas excepcionais que me auxiliaram ao longo dos quatro anos. Refletindo sobre o tema parecia que cada uma delas era um dos soldados que lutaram ao lado de Henrique V no dia de São Crispin.

Inicialmente aos “Oliveiras”, como o grande bastião da minha existência: meus pais, Armando e Célia; meus irmãos João, Alexandre, Kátia e Zilda; meus sobrinhos Bernardo e Eduarda;

À dama e alma do meu coração, minha noiva Claudia, pelo amor, afeto, carinho e paciência que dedicaste a mim nestes anos de convivência. Aos amigos que conheci em Guaíba: Ana Paula Mello e Fellipe Pedroso; Cristina Markowski e Marcelo Silveira; Taís Cristine da Silva e Juliano Zanchin.

Aos amigos de longa data: Rafael Quadros e Gisela Castro (pais da minha pequena e bela afilhada Luísa); Alexandre Machado e sua nobre família; Cristiano Jacobsen; Marcelo Fonseca e Rafael Ferreira;

Aos amigos que conquistei em minhas jornadas pela História: Maristel e Adalberto Nogueira; Gerson Fraga e Vanderlise Barão; Taís Campelo; Elaine Sodré; Patrícia Anastácio; Cristina Wolf; Waleska Garbinatto; Adriana Fraga e Arthur Barcelos; Claudio Salenave; Rodrigo Dinnebie; Rosa Ubal; Guilherme Eichner; Charles Scherer; Cristine Fortes Lia; Júlia Matos; Bruno Biazetto; Luis Martins;

Aos eternos amigos e colegas do Centro de Documentação: Ângela Flach, Alexandre Batista, Claudira Cardoso, Daniel Milke, Gustavo Coelho e Laura Montemezzo;

Aos três grandes mestres dos tempos de graduação na UFRGS e que acompanharam meus primeiros passos acadêmicos: Enrique Padrós, César Guazzelli e René Gertz;

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação e História da PUCRS. É devido a sua dedicação que esta nobre casa é um curso de excelência internacional.

Por fim, e não menos importante, à minha orientadora Sandra Brancato por acreditar em meu sonho e auxiliar de todas as formas possíveis. Sempre me instigando a crescer e a melhorar. Ressalto que todos os possíveis erros deste estudo devem ser creditados ao autor e não à sua orientadora.

“A imprensa e os livros são os mais poderosos meios que se têm inventado para a
divulgação de um pensamento”

Carlos de Laet, jornalista e poeta anarquista,
um dos fundadores a Academia Brasileira de Letras

RESUMO

O presente estudo analisa a imprensa organizada pela Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo de orientação fascista que existiu no Brasil entre 1932 e 1937. Como primeiro movimento de massas estruturado nacionalmente no país a ter grande expressão social, utilizou radicalmente uma rede de jornais e revistas com o objetivo de expandir sua ideologia política, atrair novos adeptos e doutrinar seus militantes dentro de seus princípios básicos. A imprensa integralista tinha por finalidade atingir todos os setores que eram suscetíveis ao seu discurso e “universalizar” os seus pressupostos ideológicos defendidos pelo movimento, independente de gênero, faixa etária, credo ou etnia. A partir disto, a rede de periódicos montada pela AIB teve um papel fundamental para a considerável aceitação do movimento – superior a quinhentos mil filiados – no Brasil dos anos de 1930.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira. Integralismo. Plínio Salgado. Imprensa. História da Imprensa.

ABSTRACT

The present study analyses the press organized by the Brazilian Integralist Action (AIB), a fascist orientation group that existed in Brazil between 1932 and 1937. As first mass movement nationally structured in the country to have great social expression, it had radically utilized a network of newspapers and magazines in order to expand its politics' ideology, attract new adepts and indoctrinate its militants within its basic principles. The integralist press aimed all the sectors that were susceptible to its speech and "universalize" its ideological presuppositions, independently of gender, age, creed or ethnicity. Since that, the web of periodicals settled by the AIB has had a fundamental role for the considerable movement's acceptance – superior to five hundred thousand members – in Brazil in the years of 1930.

Keywords: Brazilian Integralist Action. Integralism. Plínio Salgado. Press. History of Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. Referencial teórico, integralismo e imprensa em questão.....	21
1.1. Referencial teórico: História Política.....	21
1.2. Integralismo: histórico e revisão bibliográfica.....	25
1.2.1. Histórico da Ação Integralista Brasileira.....	25
1.2.2. A evolução dos estudos sobre o integralismo.....	28
1.2.2.1. Os primeiros estudos acadêmicos.....	29
1.2.2.2. O integralismo como novo tema de debate nas Ciências Humanas.....	31
1.3. Imprensa: a relação entre a História e a Imprensa, breve História da Imprensa e a Imprensa no Brasil.....	46
1.3.1. História e Imprensa.....	47
1.3.2. História da Imprensa.....	51
1.3.2.1. A imprensa no Brasil.....	53
2. Plínio Salgado e a gestação do integralismo através da literatura e da imprensa.....	68
2.1. Os primeiros anos de Plínio Salgado (1895-1920).....	68
2.2 A ação jornalística.....	69
2.3 A ação literária.....	70
2.3.1 O modernismo.....	71
2.3.2. Plínio Salgado e o Modernismo.....	77
2.3.2.1. Plínio Salgado e a bibliografia sobre o modernismo.....	77
2.3.2.2. A produção modernista de Plínio Salgado.....	80
2.4. O jornal <i>A Razão</i> : o útero para a criação de uma ideologia.....	99
2.4.1. Nota Política: uma coluna nacionalista.....	106
2.4.1.1. Materialismo e Espiritualismo.....	107
2.4.1.2. Pluripartidarismo e regionalismos.....	110
2.4.1.3. Antiliberalismo.....	112
2.4.1.4. Anticapitalismo.....	118
2.4.1.5. Anticomunismo.....	119
2.4.1.6. Fascismo, nacionalismo, integralismo e o Estado Integral.....	124
2.5. O Manifesto de Outubro de 1932: da “Nota Política” ao movimento integralista.....	130
3. Histórico da imprensa integralista.....	137
3.1. Jornais.....	137
3.1.1. “Pré-Integralismo”: <i>A Razão</i>	142
3.1.2. Integralismo.....	149
3.1.2.1. Jornais de circulação nacional: <i>Monitor Integralista</i> e <i>A Offensiva</i>	150
3.1.2.2. Jornais de circulação regional.....	166
3.1.2.3. Jornais de circulação nuclear.....	173
3.1.2.4. Jornais que não eram oficialmente ligados ao movimento.....	178
3.2. Revistas.....	180
3.2.1. <i>Anauê!</i>	181
3.2.2. Panorama.....	194
3.2.3. Demais revistas integralistas.....	200

3.3. A <i>Sigma Jornaes Reunidos</i>	204
4. A produção da ideologia integralista.....	209
4.1. Uma ideologia em definição.....	209
4.2. A produção teórica.....	216
4.2.1. A fase inicial (1933-1934).....	217
4.2.1.1. Plínio Salgado e Gustavo Barroso: divulgadores de uma nova doutrina...	217
4.2.1.2. Miguel Reale: o início da teorização.....	239
4.2.2. A maturidade da ideologia.....	256
4.2.2.1. Plínio Salgado.....	258
4.2.2.2. Gustavo Barroso.....	261
4.2.2.3. Miguel Reale.....	263
4.2.2.4. Demais autores.....	264
5. A imprensa vista pelos integralistas e os mecanismos de difusão ideológica através da imprensa periódica.....	270
5.1. A imprensa vista pelos integralistas.....	270
5.1.1. A estrutura interna.....	271
5.1.2. O “ano verde” e a relação entre Estado Integral e a Imprensa.....	274
5.1.3. O jornalista de “Deus, Pátria e Família”.....	278
5.1.4. Discutindo imprensa dentro dos jornais.....	281
5.2. Os mecanismos de difusão ideológica através da imprensa periódica (um estudo de caso).....	288
5.2.1. Análise de Conteúdo.....	289
5.2.1.1. A pré-análise.....	291
5.2.1.1.2. A inter-relação entre a teoria (livros) e a doutrina (jornais).....	294
5.2.1.1.2. A exploração do material: a análise quantitativa.....	295
5.2.1.1.3. O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação: a análise qualitativa.....	301
5.2.1.1.3.1. Integralismo.....	302
5.2.1.1.3.2. Liberalismo no Brasil.....	308
5.2.1.1.3.3. Comunismo no Brasil e no mundo.....	315
5.2.1.1.3.4. Fascismos.....	329
5.2.1.1.3.4. Liberalismo Internacional.....	336
Apontamentos finais.....	343
Referências bibliográficas, fontes e arquivos pesquisados.....	354
Anexos.....	365

Introdução

INTRODUÇÃO

I

Gostaria de apresentar a primeira parte da Introdução objetivando colocar em evidência minha trajetória com o objeto de estudo, para isto, utilizarei a primeira pessoa ao invés da primeira do plural. Posteriormente retornarei ao tempo verbal tradicional.

Este trabalho é o resultado final de dez anos de pesquisas sobre o integralismo. Este período abarcou praticamente toda a minha trajetória acadêmica, pois entrei no curso de História em 1998 e em abril do ano seguinte ingressei como bolsista de iniciação científica (PIBIC-CNPq/UFRGS) no Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (CD-AIB/PRP). Neste ano, paralelo às atividades de organização do Acervo (minha função primordial) e do Programa de História Oral, passei a pesquisar a questão do anticomunismo dentro da AIB.

Na época, me surpreendia o fato de não haver estudos específicos sobre o tema, tendo em vista que a oposição ao comunismo era um dos elementos centrais do discurso integralista, de acordo com as fontes a que eu tinha acesso e, tal fato não se repercutia nas obras sobre isto. O anticomunismo, quando citado, ficava restrito a subitens e subcapítulos de dissertações e teses. Para mim, esta situação era insuficiente para explicar o anticomunismo integralista.

Passei a pesquisar este ponto da ideologia da AIB ao longo dos três anos em que fui bolsista e apresentando os resultados parciais em salões de Iniciação Científica, organizados pela UFRGS. Com isto, fui amadurecendo meus conhecimentos sobre a temática.

Ao concluir a graduação utilizei esta “bagagem” de pesquisa para montar meu projeto de mestrado. Ingressei no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com bolsa financiada pelo CNPq e trabalhando sob orientação do Prof. Dr. René Gertz.

Ao longo dos dois anos de pesquisa sobre o anticomunismo integralista fui tendo a atenção despertada para o veículo principal onde era transmitida esta ideologia de oposição ao “perigo vermelho”: a imprensa. Isto ocorreu por dois fatores: o primeiro foi a expansão do universo de fontes que a pesquisa de mestrado me obrigou a realizar. Até então eu ficava restrito aos documentos do CD-AIB/PRP, principalmente às revistas

Anauê! e *Panorama* e aos livros de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. A nova busca me levou a vários arquivos e dentre eles em destaque o Acervo Benno Mentz, localizado no Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA/UFRGS). Neste local havia um grande número de jornais integralistas, de vários Estados do país, incluído *A Offensiva* e *Monitor Integralista*.

O segundo fator referido o contato que tive com a Prof.^a Dr.^a Sandra Brancato, responsável pela linha de pesquisa História e Imprensa e que ministrava uma disciplina com o mesmo nome no Programa de Pós Graduação da PUCRS. Ao fazer a “cadeira” e participar das discussões fui me apercebendo da importância que a imprensa tinha dentro da AIB, como instrumento por excelência para a difusão da ideologia integralista.

Semelhante à questão do anticomunismo, a imprensa integralista não havia sido estudada por nenhum pesquisador. Com isto, passei a ver a imprensa com outros olhos, quase mantendo uma pesquisa paralela ao mestrado, pois ao analisar os jornais e revistas integralistas para a dissertação já selecionava dados sobre a imprensa. Buscava compreendê-los não apenas como uma fonte, mas como um objeto. Também aproveitava para tentar encontrar um padrão ou elementos comuns nestes periódicos.

Quando coletei material suficiente para realizar um esboço de pesquisa sobre a imprensa integralista, recebi “carta branca” do Prof. René Gertz para me aprofundar no tema, desde que isto não atrapalhasse a dissertação. O que jamais atrapalharia porque eram temas correlatos, tendo em vista que minhas principais fontes eram a imprensa e mesmo que eu buscasse a questão pontual do anticomunismo, era impossível não reparar na construção destes periódicos.

Apresentei os dados à Prof.^a Sandra Brancato e combinamos que após a defesa da dissertação começaríamos a pensar num projeto de doutorado. Ao mesmo tempo, recebi do Prof. Dr. César Guazzelli, meu antigo mestre e orientador na monografia de Técnica de Pesquisa na UFRGS (equivalente na época ao Trabalho de Conclusão de Curso), imprescindíveis indicações sobre a relação entre a história e a imprensa.

Após a defesa, elaborei o projeto de doutorado sobre a imprensa integralista, ao qual, para minha surpresa e orgulho, foi aprovado em primeiro lugar no PGH-PUCRS, sendo mais uma vez agraciado com uma bolsa CNPq.

A partir de então, passei a montar um “grande quebra-cabeças” que era a imprensa político-partidária desenvolvida pelos “camisas-verdes”. Ao longo dos quatro anos pude dedicar-me exclusivamente a esta tarefa, que foi muito auxiliada pela

bagagem de seis anos de pesquisa prévia sobre o tema geral, integralismo. Também foi instigante pelas descobertas novas no campo da História e Imprensa. Em alguns momentos foi árduo o trabalho para resgatar fontes que estavam tão dispersas pelos arquivos espalhados pelo país e, muitas vezes, triste, ao descobrir que muitos jornais e revistas se perderam ao longo do tempo e jamais poderão ser encontrados em nenhum acervo. Todavia, aprendi com os anos de pesquisa que isto é uma constante na vida de um historiador. Apesar disto, tive o orgulho de poder organizar uma grande coletânea sobre a imprensa desenvolvida pela AIB, fundamental para a realização desta tese.

II

O objetivo central desta tese é fazer um resgate histórico da imprensa desenvolvida pela Ação Integralista Brasileira ao longo do seu período de existência legal (1932-1937). A AIB foi o primeiro movimento de massas no Brasil a ter uma organização nacional. Foi estruturado em todos os estados do país e chegando a ter um número de filiados superior a quinhentos mil.

Também foi a primeira vez que um movimento/partido utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois até então as organizações políticas mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários. O que o diferenciava dos jornais dos partidos tradicionais era que tais organizações políticas tradicionais, cuja estrutura mantinha o poder, muitas vezes pela coerção, editavam jornais muito mais informativos do que doutrinários.¹ Já os integralistas constituíram uma extensa rede de jornais e revistas com vistas à difusão de sua doutrina. E isto foi um dos grandes responsáveis pela inserção social do integralismo no Brasil dos anos de 1930.

A estratégia proposta pelos integralistas era inversa dos partidos tradicionais: consenso ao invés da coerção; tentativa de universalizar a ideologia central a todos os brasileiros ao invés de ficar restrito a um pequeno grupo oligárquico/intelectual; um discurso nacionalista oposto ao regionalista. Para a cooptação social das massas, os integralistas valeram-se da imprensa em larga escala, constituindo uma rede que ultrapassou cem periódicos e que garantia uma constante difusão da ideologia do movimento.

¹ Como exemplo podemos citar os jornais *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense e *Correio Paulistano*, do Partido Republicano Paulista. Não estamos afirmando que estes periódicos não possuíam carga ideológica, apenas que não tinham o objetivo de doutrinação e expansão de seus pressupostos políticos.

Com isto se estabeleceu uma relação direta entre o crescimento físico da AIB e o seu número de jornais e revistas. Não é ao acaso que uma das primeiras atitudes de cada núcleo regional era a fundação de um jornal, o que permitia o crescimento do número de filiados pela transmissão da ideologia através do veículo de comunicação de massas por excelência no período: a imprensa.

A utilização dos jornais e revistas garantia a difusão de uma mensagem a um custo relativamente baixo. O filiado não precisava ir a um núcleo para receber a sua carga doutrinária, ele podia comprar a um custo baixo em uma banca ou receber em sua residência, caso os assinasse. Desta forma, quem não era membro do integralismo podia ler o jornal ou a revista e aderir ao movimento. Ao mesmo tempo, um único exemplar tinha como ser consumido por mais de um indivíduo. Ou seja, a imprensa não era apenas um instrumento pedagógico, mas também uma ferramenta de cooptação social.

Evidente que não temos condições de fazer um resgate mais preciso de como era a recepção desta mensagem política, até porque a distância temporal não permite realizar um estudo de História Oral com uma amostragem significativa de militantes. Contudo, é possível verificar como era a transmissão e quais eram os mecanismos utilizados dentro da imprensa para isto.

Todavia podemos afirmar que a imprensa integralista teve grande crescimento e que tal fato acompanhou a expansão de filiados. Compreender como isto ocorreu também é uma das propostas desta pesquisa.

III

Atrelado ao objetivo do nosso estudo, está a nossa hipótese de trabalho, na qual acreditamos que a imprensa foi um dos elementos fundamentais para que os integralistas se inserissem na sociedade e a partir disto, conseguissem um grande número de filiados.

O jornalista Plínio Salgado, líder máximo da AIB e “arquiteto” da rede de imprensa integralista, tinha plena consciência da força que o jornal possuía, enquanto meio de comunicação de massa por excelência do período. A utilização radical da imprensa revela que existia uma estratégia que permeava a manutenção de tantos jornais e revistas espalhados pelo país.

Não se registrava a criação de periódicos de forma aleatória, e sim todo um aparato para a organização de uma rede de imprensa. Havia secretarias em todas as

esferas de ação, serviços de controle e censura. Por sua vez, tudo isto era ligado diretamente à figura de Salgado. Desta forma, a ideologia era transmitida em larga escala e de forma linear e uniforme, que eram imprescindíveis para um movimento de orientação fascista.

IV

Os documentos impressos produzidos pela AIB – especialmente a imprensa – representaram quase que a totalidade do material utilizado para a constituição deste trabalho. Contudo, não foram nossas únicas fontes. Os livros de autores integralistas se tornaram uma ferramenta fundamental para compreender como se estabelecia relação entre a produção da doutrina e a sua difusão. Os folhetos contendo manifestos, discursos, resoluções, etc., também foram importantes, mesmo sendo utilizados em menor número.

Esta documentação foi encontrada através da busca em vários arquivos, entretanto o cerne foi localizado em quatro arquivos.

O primeiro foi o CD-AIB/PRP, onde encontramos as revistas *Panorama* e *Anauê!* e os livros de autores integralistas. Ressaltamos que o acervo de livros integralistas é o maior que localizamos em nossas buscas por fontes.

O segundo é o Acervo Benno Mentz e que foi um dos grandes responsáveis pela viabilidade deste projeto devido a sua grande quantidade de jornais de vários estados do país, tendo destaque especial para *Monitor Integralista* e *A Offensiva*. Tais jornais faziam parte de uma hemeroteca montada pelo líder integralista Dario de Bittencourt na década de 1930. Foi apenas devido a este trabalho de Bittencourt que os jornais foram reunidos. Não se sabe, porém, como estes periódicos chegaram às mãos de Benno Mentz. É neste local que se encontra o maior número de coleções completas e/ou semi-completas de jornais da AIB.

O Arquivo Público da cidade de Rio Claro, em São Paulo, guarda o maior número de títulos de jornais, embora em sua grande maioria não ultrapasse mais de um ou dois exemplares.² O destaque é para os jornais *Aço Verde* e *Acção*, ambos da capital paulista. O acervo também mantém a documentação pessoal de Plínio Salgado.

² No Acervo Benno Mentz encontramos quinze coleções completas ou semi-completas dos jornais integralistas. Já no arquivo da cidade de Rio Claro, encontramos o maior número de títulos destes periódicos – em torno de quarenta – no entanto, a grande maioria possui apenas um ou dois exemplares.

Por fim, o Arquivo Público de São Paulo foi fundamental para encontrar o jornal pré-integralista *A Razão*. Porém, faltaram os exemplares dos três primeiros meses. Esta lacuna foi suprida no NUPERGS/UFRGS, arquivo organizado pelo Prof. Dr. Héglio Trindade, que cedeu gentilmente os artigos de Plínio Salgado na coluna “Nota Política”, que não tínhamos.

V

Esta tese possui cinco capítulos, dispostos de forma a permitir uma melhor visualização do objeto central que é a imprensa integralista. O presente trabalho está dividido em três partes: a primeira, que abarca um capítulo, apresenta o aporte teórico em que a tese se fundamenta, o contexto e revisão bibliográfica dos dois temas centrais do trabalho, que são o integralismo e a imprensa. A segunda parte faz um histórico da imprensa integralista e é composta de dois capítulos. Finalmente estabelecemos uma relação entre a produção da ideologia integralista e a sua difusão através da imprensa, igualmente dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo separa-se em três seções. A primeira apresenta a opção teórica da pesquisa dentro dos pressupostos da Nova História Política, de acordo com a visão de René Remond e outros teóricos desta corrente. A segunda centra-se em torno do integralismo, ideologia concebida pelo escritor e jornalista Plínio Salgado na década de 1930. Apresentamos neste momento um histórico da AIB entre 1932 e 1937 e, posteriormente uma revisão bibliográfica enfatizando os estudos sobre o integralismo. Ressaltamos que as referências sobre o integralismo que constam neste setor são uma adaptação de nossa dissertação de mestrado, tendo em vista a especificidade deste ponto. A terceira refere-se à imprensa e à história, depois resgatando a história da imprensa e concluindo com a imprensa no Brasil.

O segundo capítulo centra-se no período de gestação do integralismo e de sua imprensa. Colocando em destaque a figura de Plínio Salgado, analisaremos como a sua atuação política dentro do jornal *Correio Paulistano* (órgão oficial do Partido Republicano Paulista), sua tentativa na política como deputado pelo PRP e sua atividade literária e poética dentro do movimento modernista (principalmente vinculados às correntes de extrema direita como Anta e Pau-Brasil) congregaram-se em sua formação ideológica e permitiram a fundação do jornal *A Razão*. Este periódico que foi o centro onde Salgado reuniu seus primeiros adeptos e fundou a Sociedade de Estudos Políticos

(SEP), que, por sua vez, abriria caminho para a criação da AIB. A partir dos textos editoriais escritos por Salgado dentro da coluna “Nota Política” percebemos a gestação dos pontos básicos que vieram a constituir a ideologia integralista.

O terceiro capítulo faz um histórico analítico da imprensa da AIB entre 1932 e 1937. Iniciamos resgatando o jornal *A Razão*, buscando visualizar os principais elementos deste periódico “pré-integralista” e como eles permanecem posteriormente nos demais jornais integralistas, tendo em vista que *A Razão* foi o “ensaio geral” e modelo para os demais. Depois entramos nos jornais do movimento, discorrendo sobre os três tipos: de circulação nacional, regional e nuclear (local ou municipal). Resgatamos como se dava a interação entre estas folhas, embora tenhamos centrado nossa atenção em torno de *A Offensiva* e *Monitor Integralista*, ambos de circulação nacional. Também evidenciamos os regionais e nucleares, mas sem analisar pontualmente cada folha, apenas buscando trazer luz aos elementos em comum. Depois passamos a analisar as revistas integralistas, em destaque *Anauê!* e *Panorama*. A partir destas fontes constatamos que os integralistas destinavam periódicos, visando atingir todos os setores da sociedade com o seu discurso totalizante. Por fim, discorremos sobre a *Sigma Jornaes Reunidos*, empresa criada pelo movimento com o objetivo de sistematizar a produção dos periódicos integralistas.

No quarto capítulo analisamos a produção da ideologia integralista, desde os primeiros livros de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, voltados para a definição do integralismo, perpassando a teorização de Miguel Reale. Além disto, buscamos compreender a produção de outros autores integralistas. O objetivo deste capítulo é verificar como se dava a criação da ideologia do integralismo e como eram transmitidos ao militante através da imprensa. A partir de tal interação entre livros e periódicos, passamos a verificar quais eram os elementos que seriam mantidos e/ou alterados e/ou excluídos entre a produção e a difusão. Para tanto, estabelecemos uma inter-relação com o capítulo seguinte.

O quinto e último desta tese é dividido em duas seções. Iniciamos discutindo como os integralistas pensavam e estruturavam a sua imprensa. A partir deste conhecimento nos foi possibilitado entender que a imprensa integralista não era algo aleatório. Era, acima de tudo, uma organização conscientemente montada com o objetivo de difusão ideológica e expansão da ideologia da AIB junto à sociedade brasileira. Isto ocorreu de tal forma que a relação entre imprensa e o Estado Integral passou a ser uma proposta do movimento para as eleições presidenciais de 1937. O

objetivo era “universalizar” a concepção integralista de imprensa para o conjunto da sociedade. Na segunda seção realizamos um estudo de caso utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo, aplicada ao jornal *A Offensiva*, buscando compreender quais eram os elementos doutrinários mais recorrentes e como se dava a definição do integralismo aos militantes. Descobrimos que acontecia através da relação de construção de uma identidade política, dentro da lógica “materialismo *versus* espiritualismo”, elementos idealizado por Salgado no período “pré-integralista” (e discutido no segundo capítulo). Esta oposição vai permanecer no período integralista e se constituir na base central do discurso na imprensa. A partir disto, os integralistas vão constituir e apresentar a sua ideologia aos militantes e à sociedade em geral. Isto ocorre através da contraposição dos seus valores ideológicos com os de seus inimigos e aliados. E estes são os pontos que utilizamos como Unidades de Registro, conforme será explicado no capítulo em questão.

A seguir apresentamos o resultado de nossa tese de doutorado.

CAPÍTULO I

**Referencial teórico,
integralismo e imprensa em questão**

Capítulo I – Referencial teórico, integralismo e imprensa em questão

1.1. Referencial teórico: História Política

Este trabalho sobre o movimento integralista enquadra-se dentro dos pressupostos da Nova História Política.

A História Política tradicional privilegiava, acima de tudo, os acontecimentos ligados às questões de Estado e atos políticos de grandes lideranças e estadistas, onde o papel do historiador era o de “escrever a história como tinha acontecido” a partir de fontes “fidedignas”, com total objetividade. Logicamente, esta leitura – que impedia a interpretação por parte do historiador – caiu em descrença.

Nas primeiras décadas do século XX, Marc Bloch e Lucien Febvre lideraram uma rebelião contra esta perspectiva tradicional ao fundarem a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.³ Com isso, fatores econômicos e sociais (e até mesmo culturais) ganharam importância. As fontes também começaram a ser vistas de outra forma: deixaram de ser encaradas como “sacrário” de verdades absolutas e passaram a ser alvo do olhar crítico da interpretação do historiador. Contudo, com o passar do tempo, os fatores políticos, que haviam sido alvo da rebelião historiográfica, retornaram como temática relevante aos estudos históricos.

Dois fatores levaram ao retorno à História Política. O primeiro, como aponta Falcon, foi o crescimento da circulação de textos marxistas no pós-Segunda Guerra Mundial. Os textos marxistas, que desde a época de Marx e Engels mantinham uma leitura do político, mas sem manter vínculos com a História Política tradicional, foram responsáveis pelo crescimento do interesse por questões políticas.⁴ Além disso, foi a experiência das guerras, que não podiam ser explicadas apenas pelo fator econômico e também as pressões internacionais sobre a vida interna dos Estados, “foram elementos que lembraram que a política tinha o poder de agir sobre o destino dos povos, o que

³ O historiador Francisco Falcon aponta que a leitura política da História no período entre 1929/30 e o pós-1945 teve dois caminhos distintos: no primeiro, passou por um período de condenação pelos *Annales* na França e em suas zonas de influência historiográfica. No segundo, teve sobrevivência e lenta recuperação em outros locais, como na Grã-Bretanha, Itália, Alemanha, EUA e também no Brasil. Nesses países, de acordo com o autor, o que caiu não foi o interesse pela política e sim o paradigma tradicional. Ver: FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁴ *Ibid.*, p. 64.

contribuiu para que os historiadores se dessem conta de que o político tinha consistência e uma certa autonomia em relação aos outros componentes sociais”.⁵

O segundo fator foi a divisão dentro do próprio grupo central dos *Annales*, quando os membros da chamada “terceira geração” assumiram o controle da revista. A história política encontrou nesta terceira geração uma reação contra os líderes das duas gerações anteriores e também contra outras formas de determinismo, como ressalta Peter Burke em seu estudo sobre a escola francesa.⁶ Este retorno à política é uma clara reação contra uma história, mesmo de forma tênue, que ainda levava em conta apenas fatores estruturais de caráter social e econômico. Como nos explica Le Goff: “História do político que seja uma história do poder sobre todos os aspectos, nem todos políticos, uma história que inclua notadamente o simbólico e o imaginário”.⁷

Mas esse retorno à política não significa um retorno ao paradigma tradicional. A Nova História Política “se apropriou de uma gama muito grande de problemas que antes não lhe diziam respeito e com as quais a antiga História Política não se preocupava”. Assim, “medidas relacionadas com o saneamento público, água, a construção de moradias, hospitais, segurança, cultura, meio ambiente, entre outras, aproximavam a História Política das massas e lhe deram a possibilidade de cobrir uma quantidade muito maior de objetos e de ‘verdades históricas’”.⁸

A Nova História Política também acompanhou as transformações da História enquanto ciência do conhecimento humano. Como aponta René Rémond, principal representante dessa corrente historiográfica, além de novos espaços e novas leituras, buscou também apoio em outras áreas:

De fato, a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas. É uma verdade geral a utilidade, para todo o ramo do saber, de abrir-se a outros e acolher contribuições externas, mas o objeto da história política, sendo por sua natureza interdisciplinar, torna isso uma necessidade mais imperativa que em outros casos.⁹

⁵ MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003, p. 14. (dissertação de mestrado em História)

⁶ BURKE, Peter. *A escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 103.

⁷ LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p. 8.

⁸ MILKE, op. cit. 14.

⁹ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 29.

Essa preocupação de voltar a estudar a política, a partir das últimas cinco décadas, não é um retorno à velha História Política, e sim uma nova forma de encarar as questões relativas ao “poder”. Agora não mais restrito aos atos de grandes vultos, esse estudo se abre para todas as esferas sociais, seja ações políticas de governo, disputas de poder entre operários e patrões em uma fábrica, em uma escola, em nosso lar, etc.

Como pretendemos desenvolver um trabalho sobre a imprensa organizada por um movimento político – a AIB – e buscamos responder a questões inseridas em uma perspectiva política, mesmo que dentro de uma lógica de imprensa, optamos por escolher como referencial teórico geral a Nova História Política. Além disso, vários dos trabalhos que são nossa influência no tocante ao estudo sobre a relação entre a História e a Imprensa se apóiam nesta base teórica, como é o caso dos trabalhos da professora Maria Helena Capelato, *Os arautos do liberalismo*¹⁰ e *O bravo matutino*¹¹; o clássico estudo *História da Imprensa no Brasil* de Nelson Werneck Sodré¹² e duas obras de Maria Nazareth Ferreira, *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*¹³ e *Imprensa operária no Brasil (1920-1986)*.¹⁴

O ensaio “Mídia” de Jean-Noël Jeanneney – publicado na coletânea de ensaios coordenado por Rémond – apresenta que a história política renovada ainda não destinou a devida importância aos meios de comunicação.¹⁵

Não que não se sinta vivamente seu interesse e sua atração, medindo a importância, ao vivo, da representação que uma sociedade política faz de si mesma, apreciando os efeitos da idéia – correta ou falsa – que ela faz da influência dessa representação sobre os rumos de seu destino, constatando enfim os esforços que conseqüentemente os atores fazem para modificá-la...¹⁶

De acordo com a visão do autor, no caso da imprensa escrita o grande problema para se desenvolver um estudo sobre o tema é a discrepância existente entre a quantidade de periódicos disponíveis à pesquisa e as informações referentes aos órgãos de imprensa que produzem esse material:

¹⁰ CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: a imprensa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹¹ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹³ FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

¹⁴ FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1920-1986)*. São Paulo : Ática, 1988.

¹⁵ JEANNENEY, Jean-Noël. Mídia. In: REMOND, op. cit, p. 213.

¹⁶ Ibidem.

A história da imprensa escrita carrega assim de saída o *handicap* de um desequilíbrio da documentação (e esta observação pode estender-se às agências de notícias): de um lado, a massa imensa de papel impresso e, em contraste, uma mediocridade geral dos arquivos de empresas que permitiriam descrever a *instituição* do jornal, suas finanças, seus métodos de recrutamento, suas ligações cotidianas com os diferentes poderes.¹⁷

Apesar da restrição no tocante a essa questão sobre acesso aos arquivos das *instituições*, o autor apresenta a imprensa como uma importante ferramenta para a História Política atual, pois reflete a vida cotidiana de um país. Contudo, ressalta que ao utilizar a imprensa como fonte, o pesquisador deve procurar desvendar os interesses por trás de quem a produziu.

Para concluir, tomemos cuidado: o estudo das relações de poder, conflitantes ou convergentes, entre os meios de comunicação e a nação como um todo, não deve se furtar a considerar as instituições de comunicação em si mesmas. A história política sabe hoje melhor que outrora o partido que pode tirar do estudo de pequenas comunidades não políticas: como renunciar ao estudo do poder *no interior* dessas empresas?

Em última análise, o que quer dizer é que o pesquisador deve ser rigoroso com a sua fonte.

Se alguém alegar que isso foge do político *stricto sensu*, eu retrucaria, a partir da minha experiência, que sempre se esbarra no político, de uma maneira ou outra, no interior desses estabelecimentos, porque na vida cotidiana de um jornal, de uma rádio, de uma televisão, se reflete constantemente a vida política do país. Com todas as deformações que se queira, vê-se aí resumido, reunido, com relevos acentuados, o jogo que é jogado no mundo político.¹⁸

¹⁷ Ibid., p. 214.

¹⁸ Ibid., p. 224.

1.2. Integralismo: histórico e revisão bibliográfica

1.2.1. Histórico da Ação Integralista Brasileira

A Ação Integralista Brasileira foi um movimento que surgiu após a Revolução Constitucionalista de 1932 com o Manifesto de Outubro, elaborado por Plínio Salgado. Caracterizava-se principalmente por uma atuação política. Segundo alguns autores, dentre os quais se destaca Héglio Trindade, possuía muitas semelhanças com o fascismo europeu. O integralismo foi uma organização de extrema direita, que cultuava a figura do “Chefe Nacional” e pregava a centralização política nas mãos de um Estado com plenos poderes, contrário à pluralidade de partidos políticos. Este modelo de Estado forte e centralizado (Estado Integral) tinha como lema “Deus, Pátria, Família”.

Porém, as origens da AIB são anteriores ao lançamento do Manifesto de Outubro. Em 1931, Plínio Salgado já utilizava uma forte arma para a difusão da sua ideologia¹⁹ - o jornal *A Razão*: “O próprio Salgado reconhece o papel instrumental do jornal. Através dele os artigos chamam a atenção dos intelectuais e dos dirigentes dos movimentos que rejeitam o retorno do liberalismo da Constituição de 1891”.²⁰ Em um trecho escrito por Salgado, fica evidente a função de *A Razão* na gênese do futuro movimento:

Em 1931, surgiu em São Paulo um jornal que se tornou, dentro em breve, o instrumento aglutinador de brasileiros orientados por um pensamento cristão e nacionalista [...]. Dentro em pouco, estava registrada num fichário, apreciável corrente de homens ligados por algumas idéias fundamentais.²¹

¹⁹ Mário Stopino aponta que Norberto Bobbio delimitou dois significados para Ideologia: “fraco” e “forte”. “No seu significado fraco, Ideologia representa o *genus*, ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas: um conjunto de idéias e valores representantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos. O significado forte tem origem no conceito de Ideologia de Marx, entendido como falsa consciência das relações de domínio entre as classes, e se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção de falsidade: a Ideologia é uma crença falsa”. STOPINO, Mário. “Ideologia”. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco (orgs.). *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília, Editora da UNB; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 585. Não é o objetivo deste trabalho abrir longa discussão sobre Ideologia. Utilizaremos para esta pesquisa em específico uma variação do conceito fraco de Ideologia: “Segundo o qual as Ideologias são ‘sistemas de idéias conexas com a ação’, que compreendem tipicamente ‘um programa e uma estratégia para sua atuação’ e destinam-se a ‘mudar ou defender a ordem política existente’. Têm, além disso, a função de manter conjuntamente um partido ou um outro grupo empenhado na luta política”. Ibid., p. 587.

²⁰ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, p. 124.

²¹ SALGADO citado por TRINDADE, op. cit., p. 124.

O jornal foi o instrumento de difusão das idéias de Plínio Salgado e criou todas as condições para a organização dos seus adeptos, a partir da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que seria o centro de reflexão ideológica de onde surgiu o manifesto integralista de 1932 e também a futura AIB.

De acordo com Trindade, a primeira reunião realizou-se em 24 de fevereiro de 1932, por iniciativa de Salgado, na sede do jornal *A Razão* em São Paulo. Nesta reunião foram apresentados os princípios fundamentais da SEP, sendo aprovados pelos participantes da sessão. A partir deste momento, iniciavam-se as atividades da sociedade.²²

Com isto, Plínio Salgado começou a se articular com outras lideranças de movimentos contestadores do liberalismo e do próprio Estado varguista. Dentre eles, estão Olbiano de Mello, de Minas Gerais; João Alves dos Santos, da Bahia; Severino Sombra, do Ceará (líder da Legião Cearense do Trabalho); entre outros representantes de movimentos direitistas regionais. Além disso, como aponta Calil:

Da Sociedade de Estudos Políticos provieram lideranças como Madeira de Freitas (Chefe Provincial da AIB na Guanabara), Raymundo Padilha (Chefe Provincial do Rio), e Hélio Viana, tendo aderido posteriormente Gustavo Barroso, que ocupou a chefia do Departamento de Milícias da AIB e Miguel Reale, que assumiu a chefia do Departamento de Doutrina, e Olbiano de Mello ficou com a chefia Provincial em Minas Gerais.²³

Salgado e suas lideranças realizaram uma série de conferências, cujo público-alvo eram principalmente intelectuais e estudantes. Nessas ocasiões, divulgavam suas idéias em locais como a Faculdade de Direito e a Academia Paulista de Letras no estado de São Paulo. O movimento em si já estava praticamente estruturado: “A última etapa do processo de formação do integralismo é a redação de um manifesto para divulgar publicamente a AIB”.²⁴

Contudo, o projeto acabou sendo “engavetado” por alguns meses, pois eclodiu em São Paulo a Revolução Constitucionalista, como explica Trindade: “a eminência do desencadeamento da Revolução ‘Constitucionalista’ em São Paulo obriga Salgado, por

²² Ibidem.

²³ CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 53-54.

²⁴ TRINDADE, op. cit., p. 131

prudência ou cálculo político, a retardar a publicação do documento para uma época mais oportuna”.²⁵

Após a revolta paulista, Plínio Salgado lançou o manifesto, em sete de outubro de 1932, inaugurando a Ação Integralista Brasileira, e promoveu a rearticulação dos movimentos com que havia perdido contato devido à eclosão do conflito. No Ceará, por exemplo, Hélder Câmara e Jeovah Motta incorporaram-se à AIB, mesmo sem a autorização de seu líder, Severino Sombra, que estava exilado. A AIB, dessa forma, incorporava para si a Legião Cearense do Trabalho. Plínio Salgado recebeu ainda apoio em Recife, na Bahia e no sul do Brasil:

Estas são as circunstâncias da fundação do movimento integralista, do qual Plínio Salgado tornava-se o principal líder: a AIB, a partir de outubro de 1932, transformava-se no principal partido de extrema-direita fascisante dos anos 30 em busca de poder político.²⁶

Entre outubro de 1932 e o início de 1934, o movimento passou por um período de consolidação. Em fevereiro de 1934, a AIB realizou o Congresso de Vitória no estado do Espírito Santo, quando os integralistas organizaram a sua estrutura diretiva. Nesta ocasião, aprovaram-se os seus estatutos, estabeleceram-se as diretrizes básicas dos “camisas-verdes”, criou-se a milícia partidária e definiu-se a posição sobre a religião. Foram elaborados, naquele congresso, os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Foi definido ainda, com maior precisão, o estatuto do “Chefe Nacional”.²⁷

Em setembro de 1937, a AIB obteve o registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral.²⁸ Depois de um plebiscito interno, Plínio Salgado foi escolhido candidato do partido à presidência da República nas eleições que deveriam ocorrer naquele ano, frustradas, entretanto, pelo golpe do Estado Novo.

A AIB foi extinta como as demais agremiações políticas em dezembro de 1937. No entanto, para continuar na legalidade devido à nova conjuntura estadonovista, organizou-se novamente como uma sociedade civil (como a antiga SEP), que teve a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC):

²⁵ Ibid., p. 131.

²⁶ Ibid., p. 133.

²⁷ CALIL, op. cit., p. 54.

²⁸ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 18.

Plínio Salgado assumiu a presidência da ABC, e os demais cargos foram assumidos por membros da antiga cúpula da AIB. A estrutura e a direção da nova associação permitiram que a AIB continuasse, ainda que de forma mais velada, sua campanha doutrinária. Essa campanha continuou até maio do ano seguinte, quando a AIB parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violenta. Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada do poder.²⁹

O atentado a Vargas no palácio da Guanabara, realizado por um pequeno grupo de integralistas em conjunto com alguns liberais, em maio de 1938, parece ter sido resultado dessa nova tática. A Intentona Integralista, como ficou conhecida, foi totalmente dominada por Vargas, que, em seguida, desencadeou intensa campanha contra o integralismo, com a prisão e o exílio de alguns de seus líderes. Outros integrantes, por sua vez, foram englobados na máquina estatal do governo Vargas. Plínio Salgado foi preso e, no ano seguinte, exilou-se em Portugal, regressando ao país com o fim do Estado Novo.

1.2.2. A evolução dos estudos sobre o integralismo

O interesse acadêmico pelo movimento integralista teve seu início com a tese de doutoramento de Héglio Trindade³⁰, defendida no ano de 1971 na Universidade de Paris, gerando intenso debate acadêmico nas Ciências Humanas, cujo reflexo é a grande quantidade de pesquisas realizadas sobre o tema até os dias de hoje. Antes deste, havia apenas duas obras publicadas sobre Plínio Salgado e a AIB – defendidas enquanto as “cinzas” do movimento ainda estavam quentes. Depois dessas pesquisas realizadas na segunda metade da década de 1930, o tema foi jogado no ostracismo acadêmico durante quase trinta anos.³¹ Nesse interregno o integralismo passou a ser visto como uma mera cópia caricata dos movimentos fascistas europeus e, essa simples afirmação por si só justificava qualquer resposta superficial sobre o fenômeno.

²⁹ Ibid., p.19.

³⁰ Estamos nos referindo exclusivamente à produção acadêmica. O integralismo chegou a ser discutido por jornalistas – quase sempre abordando questões pontuais, como o levante integralista de 1938. Sobre este tema Davi Nasser publicou *A revolução dos covardes* (1947) e Hélio Silva *1938: terrorismo em campo verde* (1971). Mas Héglio Trindade foi o primeiro dentro da academia (com pressupostos teóricos e científicos claramente definidos) a se preocupar com o integralismo.

³¹ Com a reestruturação do integralismo em agremiação política (Partido de Representação Popular) em 1945, o tema voltou a ser debatido na sociedade, principalmente pela vinculação ideológica da antiga AIB com o fascismo europeu. As discussões giravam em torno da legalização do partido. Contudo, isso não teve reflexo em estudos acadêmicos naquele período, ficando restrito aos espaços sociais e políticos.

1.2.2.1. Os primeiros estudos acadêmicos³²

As primeiras pesquisas sobre a AIB tiveram seu início ainda durante o período de vigência legal do movimento. No ano de 1937, Carlos Henrique Hunsche defendeu a tese de doutoramento *O integralismo brasileiro: história do movimento fascista no Brasil*³³ na Faculdade de Filosofia da Universidade Friederich Wilhelm, Berlim. Este trabalho possui uma importância fundamental não apenas devido ao fato de ser a primeira análise acadêmica sobre o movimento (e portando “livre” das paixões políticas que faziam parte das disputas entre aqueles que defendiam e criticavam o integralismo), mas por representar uma leitura feita dentro da estrutura de um Estado organizado nos moldes fascistas (Alemanha Nazista). Contudo, não estamos afirmando que este trabalho seja uma leitura nazista sobre o integralismo, mas sim que o “meio”, de certa forma, “condicionou” o resultado final – como todo trabalho em Ciências Humanas os valores sociais da época e local influenciaram no desenvolvimento do trabalho. O autor não se coloca como um crítico ou defensor do movimento, aliás, abstém-se de emitir “juízos de valores” em seu texto. As críticas quando aparecem no corpo do texto são fundamentadas a partir da contraposição de fontes ou com comparações ao nazismo.³⁴

Dividido em oito capítulos, o autor buscou compreender desde a influência autóctone da AIB – expresso no primeiro capítulo “A evolução do nacionalismo na História do Brasil”, onde encontra o nacionalismo surgindo já com a chegada dos conquistadores portugueses em 1500, perpassando o Brasil colonial, imperial e republicano, tendo seu ápice com o integralismo e no quinto capítulo “A promoção da brasilidade”, analisando a identificação que os integralistas apresentavam entre o

³² Não levamos em conta o debate político e ideológico gerado nos anos de 1930, ou seja, entre aqueles que defendiam o movimento e aqueles que o combatiam. Entre os primeiros, seus principais representantes são os ideólogos integralistas, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, entre outros. Entre seus opositores, poderíamos citar: HERVÉ, Egydio. *Democracia liberal e socialismo entre os extremos: integralismo e comunismo*. Porto Alegre, Globo, 1935 e KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo e Comunismo*. Rio de Janeiro, 1935.

³³ CALIL, Gilberto e SILVA, Carla (orgs). *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil*, (tese de doutoramento autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, em 1930) de Carlos Henrique Hunsche. Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles.

³⁴ Um exemplo significativo é a análise feita pelo autor no que se refere ao anti-semitismo: “Na realidade, o anti-semitismo de acordo com a Doutrina Integralista constitui um dos pilares básicos do Integralismo. Entretanto, seria um erro crasso traçar um paralelo entre o Nacional-Socialismo e o Integralismo no que concerne à problemática judaica, como faz a AIB para conquistar a população teuto-brasileira. O Nacional-Socialismo combate o judeu, antes de mais nada, fundamentado em sua concepção racial: como elemento destrutivo de uma raça. O Integralismo combate-o por razões políticas e econômicas”. *Ibid.*, p. 81.

movimento e a “brasilidade”. Além dessa influência interna, o autor contrapõe com a externa, presente no segundo capítulo “A pré-história do movimento integralista” no contexto do pós-guerra e com os modelos políticos europeus e sua inter-relação com outros movimentos fascistas, presentes no sétimo capítulo “O Integralismo e os movimentos autoritários europeus”. A mediação entre a influência interna e externa é tratada no terceiro capítulo “Os fundamentos ideológicos e o Integralismo brasileiro”.³⁵ A organização do “Estado Integral” é abordada no quarto capítulo “O Estado Integralista”. Um histórico da evolução do movimento é desenvolvido no sexto capítulo “O crescimento da AIB”.³⁶ O autor apresenta suas conclusões no oitavo capítulo, analisando o integralismo como um fenômeno ao mesmo tempo brasileiro, sul-americano e internacional.

Em 1938, Arnaldo Nicolau de Flue Gut defendeu a tese de doutoramento *Plínio Salgado, o creador do integralismo brasileiro na literatura brasileira* na Ludwig-Maximilian Universität de Munique.³⁷ Diferente da tese de Carlos Hunsche, que tem na AIB seu principal foco de análise, Gut centra suas atenções na obra intelectual de Plínio Salgado (tanto literária como política). Além da diferença de objeto de estudo a forma de abordagem entre os dois trabalhos será completamente oposta. Se por um lado, a análise de Hunsche é extremamente acadêmica, onde inclusive se omite de expressar juízo de valores, por outro, Gut não consegue manter a distância de seu objeto. Em vários momentos o autor deixa expressa sua simpatia pelo líder integralista, como por exemplo:

Quando, porém, a comoção toma conta da visão intelectual e esta se cristalizou em prismas regulares e transparentes, o ser, a alma de Plínio Salgado é um florilégio que se esbanja à vontade, inexorável: na poesia e na ciência. O pensamento é conciso, vibrante e de força irresistível.³⁸

³⁵ A questão da influência interna e externa do movimento integralista terá um papel de destaque no debate acadêmico surgido entre Héliogio Trindade, Gilberto Vasconcelos e José Chasin, discutido mais adiante.

³⁶ O autor ainda traça previsões e possibilidades para o pleito previsto para 3 de janeiro de 1938, tendo em vista que a tese fora entregue em junho de 1937, meses antes do golpe do Estado Novo, que fechou as agremiações políticas e impediu a realização das eleições presidenciais. *Ibid.*, p. 107-108.

³⁷ GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

³⁸ *Ibid.*, p. 34.

Crítica Hunsche por ficar preso a uma análise meramente acadêmica, mantendo distância sentimental com seu trabalho: “Infelizmente, porém, o autor não se integrou com a alma brasileira, com o sentir *brasileiro*, com o pensamento central de Plínio Salgado”.³⁹ Censura também o fato de o autor dar importância à influência da “lusitanidade”

No trabalho de Gut, a AIB e a ideologia integralista ficam à margem, tendo muito pouco destaque. Embora cite uma série de obras de Salgado sobre o integralismo e jornais integralistas onde eram publicados os artigos do “Chefe Nacional”, o conteúdo destes textos não é discutido.⁴⁰ Nos dois capítulos em que discute o pensamento político e o nacionalismo de Plínio Salgado (respectivamente capítulos IV – *Plínio Salgado como pensador*, e VI – *Os últimos valores nacionalistas de Plínio Salgado*), o autor, mesmo usando textos integralistas, não aborda o integralismo.

1.2.2.2. O integralismo como novo tema de debate nas Ciências Humanas⁴¹

A tese de Trindade abriu espaço para uma verdadeira “onda” de estudos sobre o tema. Estes, por sua vez, podem ser arbitrariamente divididos em três fases distintas⁴²: 1ª fase: a AIB como movimento de massas organizadas nacionalmente; 2ª fase: estudos regionais sobre o integralismo; 3ª fase: novas abordagens sobre o integralismo.

1ª Fase – A AIB como movimento de massas organizada nacionalmente⁴³

³⁹ Ibid., p. 82.

⁴⁰ Ibid., p. 31.

⁴¹ Tendo em vista a grande quantidade de obras sobre o tema, não faremos uma análise exaustiva de toda a produção científica sobre a Ação Integralista. Buscaremos analisar algumas obras significativas e que sirvam para exemplificar as três fases desses estudos.

⁴² É arbitrária, pois parte de uma divisão feita a partir de semelhanças presentes nesses trabalhos, ao mesmo tempo, não é uma separação fechada, existem trabalhos que poderiam ser enquadrados em mais de uma fase, devido às suas características. Em resumo, é uma divisão feita para uma melhor visualização da evolução das pesquisas sobre o tema. A idéia original dessa divisão foi apresentada no artigo publicado nos anais do I Encontro de Pesquisadores do Integralismo ocorrido na cidade de Rio Claro em São Paulo, nos dias 16 e 17 de outubro de 2002. Havíamos originalmente apresentado o termo *gerações* para caracterizar essas pesquisas, no entanto, preferimos alterar para o termo *fases*, pois *gerações* acabaria por marcar os trabalhos de acordo com o período em que foram produzidos e não devido ao seu conteúdo, que, em nossa opinião, é o que diferencia uma *fase* de estudo de outra.

⁴³ Não analisaremos individualmente as obras de Trindade, Vasconcelos e Chasin, principais representantes desta primeira fase, pois tais obras já foram amplamente discutidos em outros trabalhos. Escolhemos então analisar um ponto específico e que tenha sido discutido pelos três autores, ou seja, analisaremos um possível diálogo entre os três autores. Além da discussão feita por intelectuais brasileiros, o tema também foi objeto de pesquisa de três autores norte-americanos: LEVINE, Robert M. *O regime Vargas. Os anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (a versão original em inglês foi publicada em 1970); BROXSON, Elmer. *Plínio Salgado and the Brazilian Integralism*

A Ação Integralista Brasileira foi o tema central de uma série de estudos acadêmicos a partir dos anos de 1970. Uma das principais questões destes trabalhos era determinar quais seriam suas origens ideológicas e a sua vinculação ou não com o fascismo, que a partir de sua matriz européia, se espalhou por várias regiões do planeta.

Tendo em vista o fato de o movimento integralista ter apresentado como um dos elementos centrais de sua pregação política o nacionalismo e sempre ter defendido a originalidade de sua doutrina frente a influências externas, esta questão de influência ou não do fascismo sobre o integralismo foi um tema de discussão desses primeiros estudos.

Nesta parte faremos uma análise deste debate surgido entre Hélgio Trindade (*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*), Gilberto Vasconcelos (*Ideologia curupira: Análise do discurso integralista*) e José Chasin (*O integralismo de Plínio Salgado*).⁴⁴

Ao ler o trabalho dos três autores fica claro que a formação ideológica inicial de Plínio Salgado se dá nos anos de 1920, principalmente em sua atuação literária “verde-

(1932-1938). Washington: The Catholic University of América, 1972 (tese de doutorado – não tivemos acesso a esse trabalho ainda); HILTON, Stanley. *A Ação Integralista Brasileira: fascism in Brazil (1932-1938)*. In: *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977 (a versão original em inglês publicada em 1972). O integralismo ainda fora discutido no estudo sobre o fascismo de Stanley Payne, em que o integralismo brasileiro é apresentado como “El único que alcanzó real importância y que, de hecho, se convirtió em el único gran partido latinoamericano que se aproximara em casi todos los aspectos al fascismo europeo, fue la Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, fundada em 1932”. PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.

⁴⁴ TRINDADE, op. cit.; VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979; CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. Em realidade o diálogo de Vasconcelos e Chasin não foi o primeiro debate acadêmico enfrentado por Hélgio Trindade. O primeiro se estabelecerá a partir das críticas feitas por Wanderley Guilherme dos Santos na obra “Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira” (Rio de Janeiro, FGV, 1975). Não tivemos acesso a esse trabalho até o presente momento, contudo, possuímos a réplica de Trindade, publicada na *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, V.4, 1976, p. 126-134)*, sob título de “Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo “Paradigma e História” de Wanderley Guilherme dos Santos”. A crítica de Trindade ao trabalho se baseia no fato do autor utilizar trechos descontextualizados do livro *Integralismo (o fascismo brasileiro dos anos de 30)* como justificativa para apontar supostas falhas desta obra. Como aponta Trindade em relação às críticas feitas sobre a simpatia de Plínio Salgado ao fascismo europeu: “E o sintomático é que, do conjunto de citações de Salgado, o autor escolhe a menos explicitamente simpática ao fascismo europeu. Ele não menciona as referências feitas em dois ou três parágrafos anteriores em que Salgado afirmava, por exemplo, que ‘o fascismo é o Estado-síntese por excelência, o Estado que traz em si, todas as fisionomias nacionais’ ou, mais adiante, que ‘o que há de essencial na doutrina fascista é perfeitamente aceitável, como concepção de Estado’” (p. 131). E assim por diante, seguem as críticas em que Trindade afirma que o autor extrapola ilegitimamente o significado do seu texto.

amarela” da Semana de Arte Moderna e na frustrada atividade partidária no Partido Republicano Paulista (frustrada segundo a própria leitura de Salgado).

Mesmo que a formação política de Plínio Salgado nos anos de 1920 seja um ponto pacífico para os autores, a influência dessa base ideológica sobre a futura AIB será diferente para cada um.

A explicação mais controversa ao nosso ver é a de José Chasin. Para o autor a base da futura AIB estaria assentado sobre três “pilares fundamentais” (capítulo II – Véspera e antevéspera de um movimento).⁴⁵ O primeiro seria a atuação literária de Plínio Salgado. O segundo seria a atuação política dentro do Partido Republicano Paulista (PRP). A experiência resultante dos dois primeiros “pilares” abriria as portas para o terceiro, que seria a doutrinação jornalística, a partir do jornal *A Razão*, fundado em 1931, após o retorno de Plínio Salgado da Europa. Ao mesmo tempo, o autor renega veementemente uma possível influência do fascismo europeu na formação do movimento integralista.

A leitura de Vasconcelos sobre as influências para a formação da AIB divergem das propostas por Chasin. Segundo o autor, os principais elementos da doutrina integralista estariam presentes, mesmo que de forma rudimentar, na corrente “verde-amarela” e “Anta” do modernismo dos anos de 1920. Contudo, as influências do fascismo dariam o “norte” para a organização do integralismo.

Para Trindade, por sua vez, a formação política de Plínio Salgado nos anos de 1920, tanto literária como no PRP, são necessárias para compreender a formação da Ação Integralista, contudo, o contexto do fascismo é decisivo para definir a natureza da ideologia integralista.

Aparentemente, o fio condutor das críticas de Chasin está expresso no segundo parágrafo da sua introdução, quando assevera que há uma oposição entre Plínio Salgado, que defendia sua ideologia como autóctone, baseada em uma raiz brasileira e não europeia (e distinta do fascismo), enquanto os críticos ao integralismo, esquecendo ou renegando o que afirmava o líder integralista, defendem o contrário, que o discurso de Salgado em vez de original é o resultado de meras dissimulações táticas. As críticas feitas por tais autores (no caso o autor cita Trindade e Edgar Carone) procuram explicar o integralismo à luz do mimetismo, ou seja, defendem a influência externa, principalmente da matriz fascista europeia. O autor refuta tais idéias ao fazer uma

⁴⁵ CHASIN, op. cit., p. 177-489.

análise da tese de doutoramento de Héglio Trindade. Defende, de forma veemente, o integralismo como resultado da atuação e das experiências políticas de Plínio Salgado e a desvinculação do pensamento integralista do fascismo europeu.

O trabalho de Trindade, duramente criticado por Chasin – ao nosso ver críticas de forma bastante superficiais –, apresenta dados mais coesos e concisos. O integralismo, segundo a interpretação de Trindade, não é um mero mimetismo como Chasin apresentou em sua crítica. Em realidade, difere completamente. Em nenhum momento o autor atesta uma transposição direta da ideologia fascista para o Brasil ou renega as influências prévias de Plínio Salgado, pelo contrário, vai além, explora essas influências, só que sem a preocupação de utilizá-las para comprovar suas hipóteses, mas como um complemento para a sua análise. O integralismo visto por Trindade não é uma cópia caricata ou um mero fascismo “tupiniquim”. Mais do que isso, é um movimento que possui influências do fascismo, entretanto mantém suas peculiaridades frente ao fascismo italiano, alemão etc. Ao mesmo tempo, o autor não se prende apenas a Plínio Salgado, explora outros autores do movimento, o que contribui para uma visão mais ampla, mais geral e menos generalizante como a de José Chasin.

Não é possível avaliar as críticas de Chasin a Vasconcelos (e vice-versa), tendo em vista que os autores não se citam mutuamente. Os dois trabalhos foram defendidos mais ou menos no mesmo período em diferentes cursos de pós-graduação e, provavelmente, não tiveram conhecimento recíproco até sua conclusão. No entanto, tendo em vista os enfoques opostos dos seus trabalhos, podemos chegar a uma aproximação daquilo que seria a crítica. Certamente a principal seria a forma heterodoxa de Vasconcelos para explicar o integralismo. Indo das bases ideológicas do movimento dentro da corrente “verde-amarela” no modernismo, até a influência do fascismo, o autor busca apoio teórico não apenas na História Política, mas também no marxismo, em obras literárias, na psicanálise etc. Além disso, o autor não nega a influência do fascismo. Ao mesmo tempo, as críticas de Vasconcelos estariam centradas no “determinismo” de Chasin em procurar “comprovar” a originalidade do integralismo frente a ideologias externas. Também criticaria a ortodoxia de utilizar apenas a produção de Plínio Salgado para explicar o fenômeno do movimento integralista.

As críticas de Héglio Trindade tanto a Vasconcelos quanto a Chasin foram sistematizadas na coletânea “História Geral da Civilização Brasileira”.⁴⁶ Naquilo que concerne às críticas dirigidas à *Ideologia Curupira*, Trindade aponta certas generalizações feitas pelo autor, como, por exemplo: apontar influências do fascismo no discurso ideológico, mas não exemplificá-lo com fontes; utilizar apenas textos de Plínio Salgado, esquecendo de outros autores, como Gustavo Barroso e Miguel Reale e sua influência no movimento. Todavia, o conjunto da análise sobre a obra feita por Trindade, apesar de considerar “polêmica em função da diversidade de enfoques analíticos utilizados para captar multiformes dimensões do discurso pliniano”, não nega a contribuição feita por Vasconcelos, ao contrário, a coloca como uma obra original sobre a interpretação do discurso integralista.

Em relação à obra de José Chasin as críticas foram mais duras, citaremos apenas as principais. Para Trindade, o trabalho de Chasin já parte de um determinismo que atrapalha toda a sua obra: que só existiria o fascismo no Brasil se o capitalismo tivesse tido um estágio superior. Para comprovar tal premissa, o autor utilizou apenas a produção de Plínio Salgado na sua tese de que o integralismo não possui influência do fascismo, defendendo, inclusive, a visão “oficial” de Salgado de que o integralismo teria sido uma ideologia baseada em elementos puramente brasileiros. Para Trindade, um dos principais problemas metodológicos de Chasin foi ter utilizado textos não apenas dos anos de 1930 (1932-1937, período de vigência da AIB), mas também obras do pós-guerra. O ponto central desta questão em utilizar indiscriminadamente textos do pós-guerra está na adulteração sofrida no período de redemocratização, quando as obras sofreram alterações para renegar o caráter fascista e antidemocrático da extinta AIB, alvo principal daqueles que se opunham à reestruturação do integralismo como partido político. Assim, mais uma vez Chasin estaria defendendo o ponto de vista “oficial” dos integralistas.

Com base na leitura das obras dos autores e também no debate gerado por suas análises podemos fazer algumas considerações em torno da questão fundamental deste debate inicial: o integralismo é uma ideologia do “sertão” ou do “litoral”?

⁴⁶ TRINDADE, Héglio. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981, vol. 3, p. 304-316.

Ao nosso ver, a resposta mais aproximada para a questão seria ambos, pois embora haja as influências iniciais de Plínio Salgado nos anos de 1920 (o que de certa forma inicia sua visão nacionalista e ufanista de ver o Brasil), as influências do fascismo europeu são inegáveis, tendo em vista a estruturação do movimento e seus pressupostos políticos.

Aliás, como todo movimento fascista ou protofascista, as características locais influem no “resultado final”, para tanto basta ver as diferenças entre o fascismo italiano e o nazismo ou ainda entre o salazarismo e o franquismo. A AIB, como sendo um movimento com influências do fascismo, não foge dessa regra: se, por um lado, possui semelhanças com outros movimentos de orientação fascista (partido único, corporativismo, anticomunismo e antiliberalismo etc.), por outro, possui características que lhe são peculiares (espiritualismo, apelo religioso etc.).

Assim, acreditamos que seja difícil caracterizar a Ação Integralista Brasileira (e a própria atuação de seus membros) como uma ideologia do “sertão” ou do “litoral”. Possui elementos de ambos, como os trabalhos de Vasconcelos e Trindade comprovaram. A leitura realizada por Chasin, como já apontamos, apresenta uma série de problemas, principalmente por partir do determinismo de negar a influência do “litoral” na ideologia integralista.⁴⁷

2ª Fase – O integralismo organizado regionalmente

Em um artigo de jornal publicado em 1978, Trindade⁴⁸ destacava as diferenças entre as abordagens dos principais estudos até então defendidos sobre a AIB (no caso entre a sua tese de doutoramento, a de Gilberto Vasconcelos – *Ideologia Curupira* – e principalmente com a de José Chasin – *O integralismo de Plínio Salgado*). No mesmo artigo também apresentou um trabalho que fugia do “modelo” original dessas pesquisas: *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul*, dissertação de mestrado

⁴⁷ A discussão desta fase sobre o integralismo organizado nacionalmente não foi esgotada nos anos de 1970, sendo retomada posteriormente em SOUZA, Francisco Martins de. *O integralismo*. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982; e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. O autor ainda realizou dois estudos sobre os líderes integralistas Plínio Salgado e Miguel Reale: *A cor da esperança-totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1984 (não tivemos acesso a esse trabalho ainda); *In Medio Vertius: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio: CPDOC/FGV, 1988.

⁴⁸ TRINDADE, Hélgio. Integralismo e Fascismo em questão. *Zero Hora*, Porto Alegre, 9/4/1978, p. 12.

de René Gertz⁴⁹, que trazia para a discussão elementos sobre a AIB de cunho regional, em contraposição aos trabalhos que estudavam o movimento organizado nacionalmente, que havia sido a característica principal da “primeira fase”.

A dissertação de Gertz, mesmo não sendo um estudo regionalista sobre o integralismo, foi a primeira pesquisa a trazer elementos regionais às discussões sobre o tema. Tendo em vista que os primeiros estudos não conseguiram (ou não pretenderam) dar conta da estruturação do movimento integralista nas diversas regiões do país, ficando apenas em uma discussão do movimento enquanto nacional, existia uma grande lacuna sobre as peculiaridades de cada região. O integralismo seria igual em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, etc., ou teria diferenças? Embora ainda não exista nenhum trabalho que procure sistematizar uma comparação entre diferentes regiões do país, a leitura desses trabalhos regionais nos leva a notar diferenças e semelhanças na estruturação regional do movimento integralista, que nos permite compreender melhor o funcionamento e também a própria atuação e inserção dos integralistas na sociedade brasileira dos anos de 1930.

A pesquisa de Gertz não teve a pretensão de ser um estudo sobre o integralismo no estado do Rio Grande do Sul. Como o próprio título sugere, visava analisar a relação entre o integralismo e os teuto-brasileiros, grupo étnico em que o movimento integralista teve considerável inserção social. O trabalho dividido em três partes, apresenta uma discussão sobre germanismo⁵⁰; germanismo e nazismo; germanismo e integralismo e integralismo e nazismo na primeira parte. A segunda parte dedica-se ao estudo dos teuto-brasileiros e a política sul-riograndense. O estudo de caso da comunidade étnica teuto-brasileira de São Leopoldo é o tema da terceira parte.

O autor aprofunda a análise em sua tese de doutoramento⁵¹, expandindo seu recorte físico ao estado de Santa Catarina. Além de aumentar seu espaço de pesquisa, também acrescenta novas perguntas, como a questão da imigração alemã e sua relação com a política regional, e a participação dos teutos na política tanto imperial como republicana (República Velha), apresentado no primeiro capítulo. Discute de forma

⁴⁹ GERTZ, René. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controverso*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

⁵⁰ Segundo o autor, germanismo ou “Deutschtum”, era um “[...] movimento [que] tinha por objetivo garantir a peculiaridade étnico-cultural de todos os alemães e seus descendentes no Brasil, tentando segregá-los deliberadamente da população etnicamente diferente que aqui habitava”. Ibid., p. 16.

⁵¹ Utilizamos aqui a publicação da tese em português: *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

mais aprofundada a questão do nazismo e os teuto-brasileiros, além das relações entre Brasil e Alemanha no período e as intenções do nazismo no Brasil. No terceiro capítulo sistematiza a relação entre o integralismo e os teutos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ambos os trabalhos apresentam um dado peculiar no que se refere ao integralismo: até então era considerado como um movimento puramente urbano, principalmente a partir de sua matriz paulista e carioca, não havendo muita inserção nas zonas rurais. No sul do país, em contrapartida, houve considerável influência nas regiões coloniais (tanto rurais como urbanas).

Assim como os trabalhos de Gertz, que trouxeram a discussão do integralismo para os teuto-brasileiros no sul do Brasil, a tese de Josênio Parente ampliou a discussão do integralismo para o Nordeste, mais especificamente para o caso do Ceará.⁵² A peculiaridade deste trabalho está centrada em dois pontos básicos: movimento operário/integralismo e Igreja Católica/integralismo, tendo como elo de ligação a Legião Cearense do Trabalho (LCT).

Do mesmo modo que Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o Ceará estava distante do “centro” de difusão ideológica da Ação Integralista Brasileira: São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar desta distância, o Estado do Ceará foi o responsável pela maior vitória eleitoral do movimento: com apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC)⁵³ elegeu um deputado federal em 1933 (Jeovah Motta) e dois estaduais em 1934 (Ubirajara Índio do Ceará e Carlito Benevides). Isso garantiria a participação direta dos integralistas no Governo do estado em 1935, devido ao auxílio dos deputados integralistas na eleição indireta do governador do estado (Francisco Menezes Pimentel) e dos dois senadores (Edgar de Arruda e Waldemar Falcão), que eram membros da LEC.⁵⁴

Igualmente peculiar foi a grande inserção do integralismo junto ao movimento operário do Ceará. Um fato que chama a atenção, devido à pouca influência dos camisas-verdes nos círculos operários de outras regiões do país. A incorporação da LCT pela AIB garantiu essa grande influência junto aos operários e ainda possibilitou

⁵² PARENTE, Josênio. *Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Edições UFC, 1986. No mesmo ano foi publicado MONTENEGRO, J. A. S. *O integralismo no Ceará*. Fortaleza, 1986. Até o presente momento não tivemos acesso a esse trabalho.

⁵³ “Formada por inspiração do Cardeal Leme, do Rio de Janeiro, a LEC marcou a presença política da Igreja Católica na sociedade brasileira. Pretendia influir na eleição para a Assembléia Nacional Constituinte, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais”. PARENTE, p. 15.

⁵⁴ Ibid. p. 141.

estabelecer amistosa relação com a Igreja Católica, tendo em vista que esta possuía grande poder junto aos operários cearenses.

Os trabalhos anteriores, baseados em dados gerais apontavam para um distanciamento entre o operariado e a AIB, além de um afastamento dos círculos de poder. A partir do estudo de Parente, esses dados precisam ser relativizados, tendo em vista que, no caso específico do Ceará, a regra geral não pode ser aplicada, pois o integralismo neste estado teve grande repercussão junto aos operários e, ao mesmo tempo, teve participação direta no círculo central do poder.⁵⁵

A obra *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão* de João Ricardo de Castro Caldeira⁵⁶ complementa a produção de obras regionais sobre o integralismo. Traz histórico do desenvolvimento e evolução da Ação Integralista no estado do Maranhão. Dividido em três capítulos, que contemplam a evolução cronológica do movimento, aborda a estruturação e o início de sua consolidação com a eleição de 1934 para a Câmara Federal e a Assembléia Constituinte do estado⁵⁷ em seu primeiro capítulo. A oposição à ANL e ao comunismo no Maranhão é o tema do segundo capítulo, que trata da expansão do integralismo no ano de 1935. Pelo conhecimento que temos, este é o único capítulo de dissertação ou tese que é específico sobre a oposição à ANL e ao comunismo. O terceiro e último capítulo aborda o auge da AIB local e o seu fechamento. Nesta parte, é tratada a relação da AIB com seus aliados e adversários, e a organização dos ex-membros no contexto posterior ao fechamento da AIB.

O trabalho de Caldeira, assim como os demais trabalhos regionais, nos mostram que as características locais foram decisivas para as formas de inserção social e a conquista de espaços pelos integralistas – o que reflete uma “quebra” com a imagem

⁵⁵ No mesmo ano da obra de Parente foi publicado o livro *Pequena História do Integralismo no RN* de Luiz Gonzaga Cortez (Natal: Clima/Fundação José Augusto, 1986). Em forma de narrativa, desprendido de qualquer estrutura acadêmica, o trabalho restringiu-se a relatar fatos ocorridos no estado do Rio Grande do Norte, não utilizando nenhum referencial teórico sobre o integralismo, com exceção de uma breve citação à tese de Héglio Trindade em uma nota de rodapé, não sendo citado posteriormente na bibliografia (p. 55).

⁵⁶ CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

⁵⁷ Os integralistas não elegeram nenhum dos seus candidatos, contudo, se levarmos em conta a organização necessária para concorrer a uma eleição, isso reflete em uma organização considerável. *Ibid.*, p. 40-48.

idílica de ordem e unificação, na qual os integralistas têm de conquistar ou negociar seus espaços, como ficou evidente no estudo de Gertz⁵⁸ e no de Parente.⁵⁹

Até o presente momento dos estudos regionais – pelo menos das obras de que temos conhecimento –, apenas as regiões periféricas apresentam estudos sistemáticos sobre a organização do integralismo. Talvez isso se deva ao fato de que durante os debates iniciais, indiretamente, os núcleos centrais do movimento integralista – São Paulo, Rio de Janeiro e em menor grau Minas Gerais – eram tidos como matrizes de difusão da ideologia e do movimento. Porém, esta interpretação é insuficiente para explicar a inexistência de tais trabalhos, principalmente se levarmos em conta que o integralismo nesses Estados não ficou restrito às capitais, tendo se expandido para o interior. Se levarmos em conta outros exemplos regionais em que o integralismo apresentava significativas diferenças entre capital e interior (e às vezes entre regiões e cidades próximas), há uma grande lacuna nos estudos regionais que ainda necessitam ser pesquisados.

A partir dos anos de 1990, surge uma grande quantidade de estudos sobre o movimento integralista no Rio Grande do Sul.⁶⁰ Em um de seus artigos, Gertz faz uma análise da evolução dessas pesquisas e o seu destaque no bojo das discussões regionais.⁶¹ Tendo em vista que o autor, de forma sintética deu conta do tema, não iremos fazer uma profunda leitura desses trabalhos, nos limitaremos a uma citação pontual de algumas das principais obras.

O primeiro trabalho que procurou sistematizar a questão do integralismo no Rio Grande do Sul é a dissertação de Carla Brandalise⁶², que traça um panorama geral da estruturação da AIB no Rio Grande do Sul. Embora dê ênfase às zonas de colonização italiana, procura fazer comparação com a zona de colonização alemã.

⁵⁸ No caso o autor apresenta a leitura do Pastor Hermann Dohms sobre o integralismo em uma série de artigos publicados na revista mensal DEBB entre 1933 e 1936. Em uma citação apresenta resposta de Wolfram Metzler, líder integralista, sobre a questão do uso da língua alemã e a manutenção das associações culturais germânicas. Nesse exemplo fica expressa a possibilidade de negociação. GERTZ, 1977, p. 29-33.

⁵⁹ No caso sobre as negociações que levaram à eleição de deputados integralistas e a participação no governo e à inserção no movimento operário local e o bom relacionamento com o clero local, já citado anteriormente.

⁶⁰ Esses novos estudos regionais surgem na mesma época em que novas perguntas começam a ser feitas nas Ciências Humanas, tendo reflexo nos trabalhos sobre o integralismo, muitos dos trabalhos abaixo poderiam ser também enquadrados na terceira “fase”, discutido adiante.

⁶¹ GERTZ, René. O integralismo no Rio Grande do Sul. In. *Jornal Folha da História*. Porto Alegre, novembro de 2002, Ano VII, nº 61, p. 7 (edição especial sobre os setenta anos do surgimento do integralismo).

⁶² BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política)

A questão do integralismo na zona de colonização italiana é retomada posteriormente por Daniela Pistorello⁶³, focalizando principalmente à região de Caxias do Sul. A questão do integralismo na região norte do Estado é o tema do trabalho de Fausto Irschlinger⁶⁴, zona com grande concentração de teuto-brasileiros, em alguns pontos retoma a discussão iniciada por Gertz.

O grau de especificidade chegou a tal estágio que novos trabalhos apresentaram um recorte espacial mais restrito, em vez de regiões, municípios. Como é o caso da dissertação mestrado de Ivo Canabarro dos Santos⁶⁵ sobre o integralismo na cidade de Ijuí. Esta pesquisa apresenta uma nova abordagem sobre o integralismo, uma visão mais voltada para o cultural do que para o político, sob o prisma da Nova História Cultural. Outro trabalho cujo recorte é municipal é a dissertação de Daniel Milke⁶⁶ sobre o integralismo em Porto Alegre. Engendrado dentro dos princípios da Nova História Política, traça a trajetória da AIB na capital gaúcha desde sua gênese, sua evolução e conseqüente perseguição a partir de sua organização interna, combate aos inimigos, busca de espaços, relação com aliados, intervenção política, etc.

Atualmente não apenas o integralismo nos municípios passou a ser tema de estudos, como também o estudo sobre lideranças integralistas como Dario de Bittencourt e Wolfram Metzler. Maria Barreras⁶⁷ traçou um interessante estudo sobre o “Chefe Provincial” Dario de Bittencourt, analisando não apenas o período em que foi membro da AIB, como também toda sua intervenção política nas décadas de 1920 até seu falecimento em 1974. A atuação política do teuto-brasileiro Wolfram Metzler é o tema do trabalho de Veridiana Tonini.⁶⁸ Partindo do “microcosmo” central (Metzler), a autora traça importantes relações entre integralismo (tanto no período da AIB como no PRP), política regional, Igreja Católica e as regiões coloniais do Rio Grande do Sul.

⁶³ PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: *O integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História). Além da atuação do integralismo na zona de colonização italiana, há a intervenção do fascismo italiano, discutido de forma rápida por Pistorello. É o tema do trabalho de: GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ParLenda, 1994. A crítica deste trabalho aparece em: BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa preta: notas sobre a ação do fascismo e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 24, nº 2, dezembro de 1998.

⁶⁴ IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

⁶⁵ CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado em História).

⁶⁶ MILKE, Op. cit.

⁶⁷ BARRERAS, Maria José Lanziotti. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: PUCRS, 1993 (dissertação de mestrado em História).

⁶⁸ TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo, UPF, 2003.

3ª Fase – Novas abordagens sobre o integralismo

Durante a década de 1990 os estudos sobre o integralismo experimentaram um verdadeiro impulso. Este passou a ser visto segundo diversos matizes, as perguntas mudaram. A escolha dos temas foram do “porão” ao “sótão”, em uma alusão ao clássico estudo de Peter Burke sobre a Escola dos *Annales*.⁶⁹ No primeiro momento, buscavam compreender a AIB a partir da organização nacional e do pensamento das principais lideranças nacionais, como Salgado, Barroso e Reale. Este paradigma começou a ser quebrado com os estudos regionais, no qual evidencia-se que as questões locais interferiam na forma de intervenção do integralismo junto à sociedade, e tal discussão regional acabou por suscitar novos questionamentos, que caracterizariam uma nova “fase” de estudos. E a terceira “fase” tem buscado dar conta de uma série de temas que possuíam um papel marginal nas discussões iniciais e passaram a ter relevância, cujo estudo nos permite compreender de forma mais clara o funcionamento do integralismo: o militante de base ganhou voz, a mulher integralista também, a intervenção do integralismo junto à sociedade passou a ter relevância, os símbolos e ritos passaram a ser estudados, integralismo no pós-guerra se tornou objeto de estudo, o combate aos inimigos do integralismo também, e assim por diante.

Atualmente há um interessante intercâmbio entre os pesquisadores que estudam o integralismo, organizados em uma lista de discussão na *internet* chamada Grupo de Estudos do Integralismo (GEINT).⁷⁰ Através dos contatos do GEINT já foram organizados três encontros nacionais de pesquisadores do integralismo: o primeiro realizado na cidade de Rio Claro, em São Paulo, no mês de novembro de 2002; o segundo na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no mês de outubro de 2003 e o terceiro na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, em novembro de 2005. Estes encontros têm mostrado a grande variedade de estudos sob os mais variados enfoques e temas, o que revela a grande riqueza desta terceira “fase”.

Embora tenhamos declarado que essa terceira “fase” tenha iniciado nos anos 1990, uma publicação feita ainda nas discussões iniciais da década de 1970 apresentou questionamentos que viriam ser amplamente discutidos posteriormente. Estamos nos

⁶⁹ BURKE, Op. cit.

⁷⁰ Endereço na *internet*: geint@yahoogrupos.com.br

referindo ao texto “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira” de Marilena Chauí. Este trabalho discute o integralismo como organização política nacional, semelhante ao de Trindade, Vasconcelos e Chasin, contudo, fica explícita a insatisfação da autora com as explicações sobre a AIB presentes nesses estudos. Para tanto – e aqui fica o diferencial de seu trabalho – propõe novas abordagens, seja uma nova forma de interpretar a questão da ideologia, que permeia toda a obra, seja pela questão do imaginário integralista, ou o destinatário do discurso. Ou seja, a discussão da autora se inseriu no contexto da primeira “fase”, mas as questões apresentadas por ela se aproximam daquilo que posteriormente será discutido em pontos mais específicos da terceira “fase”.

Todavia, esses questionamentos só começaram a ganhar fôlego nos anos de 1990. O primeiro destes surgiu em torno da questão do anti-semitismo dentro do movimento integralista, mais especificamente de sua principal matriz ideológica, Gustavo Barroso. Durante o debate dos anos de 1970, o anti-semitismo, assim como o combate aos demais inimigos declarados do movimento, recebeu explicações superficiais em notas de rodapé ou pequenos trechos de capítulos, insuficientes para explicar o fenômeno. Tendo em vista essa lacuna dois autores se debruçaram sobre a obra de Barroso: Roney Cytrynowicz⁷¹ e Marcos Chor Maio.⁷² A importância desses trabalhos reside no fato de abrirem perspectivas de pesquisa a temas considerados “secundários”, além, é claro, de analisar a questão do anti-semitismo.

A questão da memória dos militantes é abordada por Márcia Carneiro.⁷³ Tem o mérito de reconstruir o cotidiano da militância integralista no Rio de Janeiro e por fazer uma leitura da permanência das idéias integralistas a partir de organizações neo-integralistas⁷⁴, tema que até então não havia sido considerado. Outra importante contribuição para o debate foi a tese de doutoramento de Rosa Cavallari⁷⁵, que apresenta a sistematização da estrutura de imprensa criada pela AIB e a questão da simbologia e dos ritos integralistas (aqui entram pontos importantes como a imagem da mulher e da criança, por exemplo).

⁷¹ CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP, 1992 (dissertação de mestrado em História).

⁷² MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

⁷³ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, 2000 (dissertação de mestrado em História).

⁷⁴ A autora não utiliza esse termo no texto, essa é uma livre interpretação nossa a partir de seu texto. Qualquer responsabilidade deve ser creditada a nós, não à autora.

⁷⁵ CAVALARI, op. cit.

O integralismo e os trabalhadores em São Paulo é o tema explorado por Renato Dotta.⁷⁶ Trabalha pontualmente cada profissão, fazendo análise dos materiais encontrados no jornal *Ação*.

Abordamos em nossa dissertação de mestrado a questão do anticomunismo integralista presente nos jornais, revistas e livros de autores integralistas, buscando compreender como chegava ao militante este anticomunismo e quais eram os interesses e objetivos por detrás do combate ao “inimigo vermelho”. No mesmo trabalho, abordamos a oposição entre *materialismo* e *espiritualismo* como sendo uma das bases do anticomunismo integralista.⁷⁷ Cerca de três anos depois deste trabalho Camila Merg, desenvolveu uma dissertação abordando especificamente a questão do espiritualismo dentro do Partido de Representação Popular (e também contrapondo em alguns momentos com o materialismo). É interessante observar que esta questão do materialismo e espiritualismo continuou presente no discurso PRP, mesmo que tenha se reestruturado em alguns pontos.⁷⁸

Outro tema que ganhou importância dentro das discussões foi o integralismo no pós-guerra. O trabalho pioneiro foi a dissertação de mestrado de Gilberto Calil.⁷⁹ Aborda a reestruturação do integralismo em partido político, o Partido de Representação Popular (PRP). Tendo como marco temporal o período entre 1945 a 1950, apresenta em seus sete capítulos os elementos de gênese do partido no conturbado período de redemocratização, a estruturação interna do partido, seus projetos políticos e seus mecanismos de mobilização popular, o anticomunismo e a intervenção do PRP no processo político brasileiro entre 1945 e 1950. Outro trabalho que tem no PRP seu objeto é a dissertação de Claudira Cardoso⁸⁰, sobre as alianças políticas do partido no Rio Grande do Sul de 1958 e 1962. O trabalho lança luz sobre a atuação política do PRP e o seu papel de “fiel da balança” no jogo eleitoral sul-riograndense. Permite ter uma nova visão sobre a política no Estado, tendo em vista que os estudos geralmente

⁷⁶ DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. São Paulo: USP, 2003 (dissertação de mestrado em História).

⁷⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-197)*. Porto Alegre: PUCRS, 2004 (dissertação de mestrado em História).

⁷⁸ MERG, Camila Ventura. *Saberei sustentar a Cruz de Cristo e a bandeira da pátria”: o espiritualismo integralista na doutrina do Partido de Representação Popular (1945-1950)*. Porto Alegre: PUCRS, 2007 (dissertação de mestrado em História).

⁷⁹ CALIL, op. cit.

⁸⁰ CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *Partido de Representação Popular: política de alianças e partidos nos governos estaduais do RS de 1958/1962*. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (dissertação de mestrado em História).

apontam para uma polarização entre duas das principais forças políticas da época, PSD e PTB, não sobrando espaço para as forças menores. O trabalho de Cardoso mostrou o contrário, que os pequenos partidos tiveram papel decisivo (pelo menos nas eleições analisadas pela autora) e a necessidade dos dois pólos em atrair essas pequenas agremiações, faziam com que tivessem possibilidade de acesso a cargos do governo, fosse no primeiro, segundo ou terceiro escalões. Outro que aborda o integralismo no pós-1945 é o de Rodrigo Cristofolletti, que tem seu foco principal na edição da *Enciclopédia do Integralismo*.⁸¹

O integralismo nos anos 1960 no Rio Grande do Sul é trabalhado por Ângela Flach.⁸² Este trabalho faz uma interessante análise da participação dos perrepistas na política gaúcha em um dos momentos de maior efervescência política da história republicana. Acompanha desde a atuação do PRP no governo de Leonel Brizola e seu rompimento a partir da Campanha da Legalidade, a articulação para a eleição de Ildo Meneghetti. Aborda o anticomunismo e a participação dos perrepistas no pré-março de 1964, além do PRP no novo contexto “revolucionário” e com o AI-2, que extinguiu as agremiações políticas, em outubro de 1965, e a atuação dos membros do PRP na ARENA.

O estudo sobre o integralismo atualmente ocupa um lugar de destaque dentre as temáticas desenvolvidas nas Ciências Humanas. Raramente se encontra um estado brasileiro que não tenha pelo menos uma pesquisa sobre o integralismo. O objetivo desse resgate não é apresentar um suposto arrolamento completo sobre o tema, longe disso, quer mostrar a importância da temática, que já foi debatida na Ciência Política, na História, na Sociologia, na Filosofia, na Literatura, na Educação, ao longo de mais de trinta anos. Grande parte de tais pesquisas apresenta um pequeno resgate bibliográfico. Contudo, levantam apenas questões relevantes aos seus estudos – o que não constitui problema algum –, mas não se preocupam em explicitar a evolução do tema central de suas pesquisas: o integralismo, quer dentro do período da AIB, no pós-guerra ou pós-1964.

Assim sendo, procuramos dar conta deste estudo, principalmente porque nosso trabalho está inserido nessa discussão. Isoladamente não se justificaria. A imprensa organizada pela Ação Integralista Brasileira seria apenas uma questão pontual. No

⁸¹ CRISTOPHOLETTI, Rodrigo. *As celebrações do jubileu de prata integralista (1957-1961)*. Assis, Faculdade de Ciências e Letras UNESP, 2002 (dissertação de mestrado em História).

⁸² FLACH, Ângela. “*Os vanguardistas do anticomunismo*”: o PRP e os perrepistas no RS (1961-1966). Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

contexto do conjunto das pesquisas, acreditamos que seja uma contribuição importante ao debate, que não a conclui, mas que apresenta elementos que permitem compreender melhor o funcionamento da AIB, sua relação com seus militantes e sua intervenção junto à sociedade.

1.3. Imprensa: a relação entre a História e a Imprensa, breve História da Imprensa e a Imprensa no Brasil

Nesta parte que denominamos como “Imprensa” não nos propomos a discutir teorias da comunicação, porque não temos a formação necessária e, principalmente, porque não temos a pretensão de realizar tal “empresa”. Em realidade, buscamos aqui a relação da História e a Imprensa, e também um histórico da Imprensa, como mecanismos fundamentais para resolver a questão central de nossa pesquisa, que é a de imprensa integralista.

Mas o que significa imprensa?

Nas palavras do historiador português José Tengarrinha:

O termo *Imprensa* tem largo âmbito, envolvendo aspectos muito diversos [...]. Originariamente, *imprensa* diria respeito apenas à máquina de imprimir caracteres tipográficos em papel ou qualquer outra matéria. Passou a designar, depois, o estabelecimento onde trabalham essas máquinas e outras relacionadas com elas, isto é, a tipografia. Por extensão, o instrumento acabou por confundir-se com o produto e passou a significar, também, os próprios impressos.⁸³

O próprio autor, por sua vez, nos mostra que o termo imprensa estaria ainda mais reduzido na concepção atual, sendo reconhecido vulgarmente como um sinônimo de jornalismo, ou seja, de imprensa periódica.

Para evitar confusões conceituais em relação a este conceito, ao longo do nosso trabalho, gostaríamos de esclarecer que aqui se busca compreender e analisar a utilização dos *impressos* de forma geral. Assim sendo, preferimos adotar especificamente para o caso desses impressos produzidos pela AIB, expressão “estrutura de imprensa”. Este trabalho não é apenas sobre a imprensa periódica, embora esta seja, dentro do conjunto de fontes que usaremos, a mais significativa, mas ela não será a única.

⁸³ TENGARRINHA, José Manuel. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989, p. 15.

Por que a expressão “estrutura de imprensa”?

Por que a definição mais simples do verbete apresenta “estrutura” como “disposição e ordem das partes de um todo”.⁸⁴ O evolucionista do século XIX Herbert Spencer define, a partir de conceitos retirados da Biologia, “estrutura” como “um conjunto de partes funcionais em relação à unidade que constituem, ou seja, um conjunto de partes mutuamente dependentes”. Levando a “uma progressiva diferenciação das funções que se desenvolve contemporaneamente à das partes da Estrutura”. Além disso, “as partes que a compõem são interdependentes, na medida em que é a combinação das suas ações que constitui a vida do todo, e a modificação se reflete sobre as demais”.⁸⁵ Seguindo a mesma lógica, quando nos remetemos à “estrutura de imprensa” do movimento integralista, não estamos nos referindo a um jornal ou a uma revista e sim ao conjunto de mecanismos impressos utilizados para a doutrinação do militante e a difusão social do integralismo – no caso os jornais, os livros e as revistas. Estes mecanismos são interdependentes e possuem funções e utilizações distintas na rede de imprensa constituída pela AIB.

Assim, utilizando “estrutura de imprensa” conseguimos exprimir melhor aquilo que estamos querendo transmitir ao leitor.

1.3.1. História e Imprensa

A utilização da Imprensa como fonte de pesquisa para o ofício do historiador é um fenômeno recente dentro da Historiografia. Pode-se dizer que é um reflexo da rebelião historiográfica contra a velha Escola Metódica. A “rebelião” não apenas buscou uma nova interpretação do conhecimento histórico, como também novas fontes de pesquisa ao historiador. O novo olhar também levou o historiador a uma nova leitura das suas fontes – que deixaram de “falar por si” – e se tornaram passíveis de interpretação.

O objeto de estudo do historiador também foi alterado: a história passou a ser vista sobre várias perspectivas, não apenas ficando restrita a acontecimentos políticos dos grupos dominantes. Assim, elementos do cotidiano social, que outrora eram

⁸⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975, p.589.

⁸⁵ GOZZI, Gustavo. Estrutura. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfrancesco (orgs.). *Dicionário de Política*. 5ª ed. Brasília, Editora da UNB; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 446.

relegados ao esquecimento, agora adquiriram importância. Diante desse novo paradigma, os historiadores cada vez mais recorreram a fontes que refletiam o coletivo. Destarte conseguiam ter uma visão mais ampla do seu objeto de estudo.

Acompanhando tais transformações, a imprensa se mostrou uma importante ferramenta para o trabalho do historiador. Mas, acima de tudo, o historiador deve buscar compreender a sua fonte para melhor interpretá-la. Marialva Barbosa aponta a questão das duas “temporalidades”, ou seja, entre a imprensa que relatou o acontecimento no momento em que este aconteceu e o historiador que o reinterpreta no futuro.

Na verdade, o que aproxima o ofício do jornalista ao trabalho do historiador é o olhar com que deve focar os fatos. Não se procura a *verdade* dos fatos, mas tão somente de interpretar, para a partir de uma interpretação – onde não se nega a subjetividade de quem a realiza – tentar registrar um instante, no caso do jornalismo, ou recuperar o instante, no caso do historiador.⁸⁶

De acordo com a autora, tanto o jornalista quanto o historiador realizam reinterpretações; a diferença é que o primeiro acredita estar construindo a história do presente. O segundo acredita estar, com a sua reinterpretação do passado, entendendo o hoje.⁸⁷

Ao selecionar o texto jornalístico como sua fonte de pesquisa, o historiador deve levar em conta que sua fonte não é um documento “puro e cristalino” que contenha todas as verdades. É importante dialogar com essas fontes, fazer entrecruzamentos com outras informações e, às vezes, buscar as razões do seu silêncio ou de sua omissão. Acima de tudo, o historiador procura manter o seu olhar crítico, pois considera que a objetividade da notícia de um texto jornalístico é “vista como uma falácia, até para o mais ingênuo dos profissionais”. No momento em que seleciona, hierarquiza e prioriza esta ou aquela informação – a partir de critérios subjetivos –, “o que o jornalismo está fazendo é uma seletiva reconstrução do passado”.⁸⁸ Então, o historiador, consciente da forma de concepção do texto jornalístico, pretende manter um constante diálogo com sua fonte para poder melhor compreender o passado que quer reconstruir.

⁸⁶ BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (org.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p. 87.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 88.

⁸⁸ A autora utiliza o termo “passado” no texto original, contudo acreditamos que ela se referia ao termo “presente”.

Alexandre Stephanou vai mais adiante na interpretação do texto jornalístico. De acordo com seu estudo:

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos.⁸⁹

Diante disto, de acordo com o autor, o historiador que se dispõe a utilizar a imprensa como fonte deve compreender os métodos utilizados na atividade jornalística, no processo de construção de tais acontecimentos. É preciso que o pesquisador veja as matérias que cercam aquela que está sendo pesquisada, analise a publicação como um todo, inclusive na disposição gráfica das notícias. “O texto é uma narrativa intencional, uma produção de sentido, não um conjunto de verdades”. Assim, o historiador, ao interpretar o conteúdo discursivo, tem de considerar contingências sociais e políticas do momento específico da sua produção e a interpretação individual de quem escreve.

O jornalista procede de uma interpretação, na qual a subjetividade está sempre presente, por isso é preciso enxergar nos textos a sua carga de temporalidade. Por outro lado, opera a seleção do *relevante*, colaborando com a transformação do imediato em perene. É preciso ler os textos na sua complexidade, distinguindo entre o fato (o real acontecido) e a notícia (o real reconstruído).⁹⁰

A historiadora Maria Helena Capelato, em seu manual *Imprensa e História do Brasil*, ao parafrasear o historiador José Honório Rodrigues, já apontava tais questões, principalmente ao levar em consideração que o jornal era uma das principais fontes de informação histórica e, assim, deveria merecer atenção dos historiadores. Contudo, que deveria ser considerado um documento suspeito no tocante à sua credibilidade, pois o pesquisador está obrigado a estar atento, visto que tal fonte não é isenta e “aconselha que se determine os interesses econômicos e políticos; que se distinga a imprensa oficial da oficiosa; que se diferencie imprensa e opinião pública”.⁹¹ Ainda para a autora:

⁸⁹ STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 45.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 44.

⁹¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 20.

O jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de idéias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas.⁹²

Mas fica ao encargo do historiador interpretar os fatos diversos. Cláudio Elmir aponta que a própria leitura do historiador necessita ser diferente do indivíduo que teve acesso ao jornal no momento em que foi confeccionado, ou seja, o pesquisador precisa, acima de tudo, evitar o erro de ler o jornal antigo com a mesma tranqüilidade com que leria um jornal de hoje. Para tanto, precisa fazer uma “leitura intensiva” e que “deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha”.⁹³ De acordo com Janete Espig, o historiador está obrigado a ter este cuidado porque a imprensa não informa a história, não adianta retirar dados referentes à sua pesquisa das páginas do jornal e considerar seu trabalho concluído. “Sobre o jornal devem incidir reflexões metodológicas que possibilitem uma leitura mais competente, através da qual se possa desvendar cuidadosamente o que é importante dentro de determinado assunto”.⁹⁴

Segundo Renée Zicman, existem dois campos que unem a História e a Imprensa. O primeiro é a “Imprensa através da História”, que engloba os trabalhos históricos que utilizam a Imprensa como fonte primária para a pesquisa Histórica. O segundo é a “História da Imprensa” que busca a reconstrução da evolução histórica dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características para um determinado período histórico.⁹⁵ De acordo com a autora, a imprensa é importante para o historiador, pois “é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc”.⁹⁶

⁹² Ibid., p. 21.

⁹³ ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, n° 13, 1995, p. 21.

⁹⁴ ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, vol. XXIV, n°2, 1998, p.274.

⁹⁵ ZICMAN, René Barata. História a través da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUCSP*. São Paulo: PUCSP, n° 4, 1985, p. 89.

⁹⁶ Ibid., p. 90.

1.3.2. História da Imprensa

Como aponta Francisco Neves Alves, a evolução histórica da imprensa sempre esteve ligada à busca por informações inerentes às sociedades – ou pelo menos à grande parte delas – sendo que a curiosidade pública, a narração dos acontecimentos e as necessidades burocrático-administrativas dos Estados, entre outros, se tornaram elementos fundamentais para o surgimento de sistemas de coletas e propagação de informações. Ainda para o autor “as transformações do mundo moderno, como o crescimento da curiosidade científica e da necessidade de dados informativos, com o Renascimento”. Mais, “as polêmicas religiosas advindas da Reforma e da Contra-Reforma” e outros elementos como as “trocas de informações” devido “às atividades bancárias e comerciais” que se ampliavam no momento, acrescidos ainda pelos “progressos burocráticos e de comunicação” dos Estados Nacionais e os demais avanços tecnológicos, principalmente a invenção da tipografia.

Surgiam, desta maneira, ainda nos séculos XVI e XVII, uma série de folhas volantes impressas como libelos, os pasquins, os almanaques, além das *occasionnels* francesas, dos *zeitungen* alemães e das *gazetas* italianas, atividades que tiveram longa sobrevivência.⁹⁷

De acordo com Francisco Rüdiger, o jornalismo nasceu dentro da formação do mundo moderno. Para ele, o jornalismo enquanto prática social com atuação consistente começou no final do século XVII. “Nesta época, os serviços de correio privado e os relatos extraordinários veiculados em folhas volantes surgidos nos séculos anteriores começaram a ceder lugar a publicações periódicas regulares, lançadas por casas editoras especializadas”.⁹⁸

Para Rüdiger, duas correntes tentaram explicar o fenômeno do surgimento da imprensa: a marxista e a weberiana. A marxista vincula o surgimento “com o desenvolvimento do capitalismo comercial e a ascensão da burguesia, tendo se tornado clássica a tese de que ‘a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento do Capitalismo’”. Já a corrente weberiana defende que “os jornais não são produto direto

⁹⁷ ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, p. 7. (tese de doutorado em História)

⁹⁸ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 13.

do capitalismo, tendo relação histórica com o processo de construção do Estado Moderno”.⁹⁹

Por sua vez, de acordo com Rüdiger, os dois vieses convergiram no clássico trabalho de Jürgen Habermas, *Mudança estrutural da esfera pública* de 1962:

Para o autor [Habermas], a revolução comercial fomentou simultaneamente o trânsito de mercadorias e o trânsito de informações, na medida em que progressivamente a própria informação virou mercadoria. Porém, a publicação sistemática e aberta de informações só se desenvolveu com o surgimento dos periódicos patrocinados direta ou indiretamente pelo Estado. A ascensão da sociedade burguesa na esteira da expansão do capitalismo comercial colocou novos problemas de governo para as autoridades, que rápido descobriu na imprensa nascente um meio de controlar a opinião e exercer o poder.¹⁰⁰

Para José Marques de Melo, em seu excelente estudo, *História Social da Imprensa*, a imprensa representa a fase extrema da cultura alfabética, a evolução final do processo iniciado com a transição da tradição oral para a escrita (que representou também um dos elementos do fim da pré-história).¹⁰¹ O autor busca as origens da imprensa num período anterior àqueles apontados por Francisco Neves Alves e Francisco Rüdiger. De acordo com Melo, a imprensa tem seu início no Oriente, onde “chineses, japoneses e coreanos, não apenas realizavam impressões tabulares desde o século VII, mas chegaram até a possuir tipos móveis, por volta do século XI”.¹⁰² Para ele, há uma tendência na maioria dos estudiosos em minimizar a importância do oriente no surgimento da imprensa, dentre eles Max Weber. Contudo, as influências do Oriente não poderiam ser negadas. O autor cita Fernand Braudel para finalizar a questão:

Todavia Braudel chama a atenção para um aspecto fundamental do problema – o de saber se a descoberta européia “foi, ou não, reaparecimento, imitação ou redescoberta”, porque é natural que se faça uma ligação entre as duas experiências (a oriental e a ocidental), não obstante se desconheça “o elo intermediário que provaria a filiação”. E conclui: “Mas houve bastantes viajantes, e viajantes

⁹⁹ Ibid., p. 13-14.

¹⁰⁰ Ibid., p. 14.

¹⁰¹ MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores sociais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 32-33.

¹⁰² Ibid., p. 33.

cultos, que fizeram a viagem de ida e de volta da China, para que a invenção européia seja em princípio das mais duvidosas”.¹⁰³

Através desta influência é que surgiu, para o autor, a imprensa na Europa, no final da Idade Média, a partir de algumas transformações estruturais: o desenvolvimento do comércio interno e o aparecimento das indústrias; renascimento e expansão urbana, criação das universidades e com a formação de uma nova elite intelectual.

1.3.2.1. A imprensa no Brasil

A imprensa no Brasil tem seu início tardiamente, não apenas se compararmos com o surgimento da imprensa em geral, mas também em relação com a sua introdução, por parte dos europeus nas áreas conquistadas do continente Americano:¹⁰⁴

Área Colonial	Início da ocupação territorial	Data da introdução da imprensa	Período que separa os dois episódios	Período que separa da iniciativa pioneira
América Espanhola	1519	1533	14 anos	—
América Inglesa	1620	1638	18 anos	105 anos
América Portuguesa	1532	1808	276 anos	275 anos

José Marques Melo e Nelson Werneck Sodré apontam uma série de questões sobre as razões que levam a tal discrepância. Como não é nosso objetivo fazer um longo arrolamento desse histórico inicial (nossa principal preocupação são as transformações ocorridas na imprensa periódica a partir da República Velha), vamos apresentar esses dados de forma resumida. Podemos citar:

1º) O tipo de colonização: tanto na América Espanhola quanto na Inglesa desde o início estabeleceu-se uma estrutura administrativa (*audiências* e *vice-reis* no caso espanhol e *assembléias colonizadoras* e *governadores* no caso inglês). Na América Portuguesa há uma grande distância entre a ocupação e a organização administrativa, estruturada muito tempo depois (ver dados da tabela acima).

¹⁰³ Ibid, p. 34.

¹⁰⁴ Ibid, p. 70-71.

2º) Urbanização e tipo de população autóctone: Na América Espanhola ocorreu um acelerado processo de urbanização, principalmente pela criação de cidades junto aos territórios conquistados, além disso, nos territórios de sua colonização já havia civilizações em acelerado grau de desenvolvimento. Na América Inglesa, a população autóctone não era desenvolvida, mas o tipo de colonização visava, a partir da construção de cidades, à fixação das populações. Com este acelerado desenvolvimento urbano acabou ocorrendo, mesmo que em escala menor, a reprodução do cotidiano vivido na metrópole, levando ao funcionamento de uma série de instituições urbanas para os quais a existência da imprensa era indispensável.

3º) Grau de instrução nas colônias: Tanto na área de colonização espanhola e inglesa ocorreu a criação de instituições universitárias, o que permitia não apenas desenvolver intelectualmente os indivíduos como prepará-los para produzir obras intelectuais. Na área portuguesa, por sua vez, a instrução se reduzia aos conhecimentos básicos, apenas o necessário para se ler a Bíblia.

Esses são os contrastes que levam ao surgimento tardio da imprensa no Brasil, que tem seu início apenas no século XIX, quando a Corte Portuguesa foge das tropas francesas e espanholas de Napoleão Bonaparte. Com esta transferência, o Brasil se torna Reino Unido de Portugal e a sede do império português.

Os governantes portugueses, acantonados no Brasil durante o período de ocupação da Península Ibérica pelas tropas de Napoleão Bonaparte, providenciaram a instalação de prelos e tipografias, ensejando a circulação do primeiro jornal em língua portuguesa na América – a *Gazeta do Rio de Janeiro*, editada pelo Frei Tibúrcio José da Rocha. Precedendo esse oficialista, que sofre as penas da censura estatal, Hipólito da Costa lançara em Londres e enviara clandestinamente para o Brasil o jornal *Correio Braziliense*, considerado o mais antigo periódico brasileiro, pela sua natureza independente e pelo seu caráter noticioso.¹⁰⁵

Com a criação da tipografia oficial, começam a ser produzidos não apenas a *Gazeta* e a documentação governamental, como também outras obras populares como folhinhas, almanaques e textos literários e de cunho científico. Ao mesmo tempo, a censura foi um elemento constante, não apenas ao material produzido nas tipografias locais como ao material que vinha de fora (como o *Correio Braziliense* editado na Inglaterra). Esta censura e o extremo controle garantiram a centralização da produção e

¹⁰⁵ MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 31.

circulação de impressos desde sua implementação até ao processo que levou à Independência do Brasil, em 1822. Como mostramos dados levantados por Carlos Rizzini em relação a livros científicos/literários e a presença de tipografias capazes de produzir obras e periódicos:¹⁰⁶

Obras publicadas

Período	Número de trabalhos publicados
1808/1820	623
1821/1822	531

Presença de tipografias

Período	Número de províncias com atividades regulares de impressão tipográfica
1808/1820	2
1821/1852	19

O processo que levou à Independência do país gerou um grande estímulo à produção autóctone de impressos, seja de obras literárias como de periódicos. As províncias, paulatinamente, foram incrementando a sua produção, o que, com o passar do tempo, acarretou tanto no desenvolvimento da imprensa local como na utilização de sua força política. Das lutas políticas que acompanharam a Independência, as elites provinciais tiveram a noção da força que a imprensa tinha sobre a sociedade. Com isto, passaram a utilizar a imprensa como mecanismo de difusão ideológica sobre a sociedade. Ao mesmo tempo, esta imprensa ainda não havia construído um conceito próprio e se confundia “com a noção de literatura pública, de finalidade moral e política”.¹⁰⁷

Em um primeiro momento a imprensa no Brasil se configurou a partir da produção de “pasquins”, esses primeiros pasquins, contudo não apresentavam necessariamente uma relação orgânica com os grupos políticos dirigentes e muitas vezes até entravam em conflitos com os mesmos. Como aponta Rüdiger:

¹⁰⁶ Adaptação dos dados levantados por Rizzini e citados por José Marques Melo na obra *História Social da Imprensa*, já citado neste trabalho, p. 92 (Obras publicadas) e p. 94-95 (Presença de tipografias).

¹⁰⁷ RÜDIGER. Op. cit., p. 23.

Os *pasquins* que caracterizaram a imprensa brasileira no século passado, são a melhor expressão desse *jornalismo*. A falta de ligação orgânica das forças políticas com os jornais favorecia a falta de responsabilidade com os conceitos externados e uma série de excessos de linguagem, até porque quem respondia pelos crimes de imprensa não são os verdadeiros redatores da matéria, mas os diretores da publicação. Para estes, por sua vez, não havia escolha, seu destino estava ligado diretamente ao curso do processo político, traduzido nas páginas de seus pasquins como verrina e polêmica pessoal.¹⁰⁸

Esses pasquins se configuraram em uma das primeiras formas de imprensa “popular”.¹⁰⁹ Também a imprensa reflete o momento conturbado em que o Brasil se encontrava, principalmente entre a saída de Dom Pedro I e o fim do período regencial, momento que registrou uma série de conflitos provinciais. “O ambiente do país, na época em que surgiram e se multiplicaram os pasquins, explica, de forma nítida a fisionomia áspera assumida pela pequena imprensa, comprovando que suas características eram ligadas diretamente às condições do meio”.¹¹⁰

Ainda, de acordo com Nelson Werneck Sodré, os pasquins possuíam um denominador comum, que garantia a fisionomia peculiar que marcou e com que espelhou o meio e a época, dentre os principais elementos:¹¹¹

- Formato e valor semelhante: in-4º, quatro páginas em regra e valor avulso que variava entre 40 e 80 réis;
- Não havia venda de rua, apenas em locais especializados (como tipografias e lojas de livros);
- O título se referia, via de regra, a pessoas, acontecimentos, coisas de interesse notório no momento;
- Não trazia invariavelmente o nome do redator. Guardava-se, por outro lado rigoroso anonimato;
- Quase sempre possuía um único artigo, que ocupava todo o exemplar;
- Não possuía periodicidade certa, e a maioria dos pasquins não passou do primeiro exemplar;
- Quase sempre era produto de um único autor. Um homem, um escritor, foliculário, político, servindo a interesses seus ou de outrem, adotando orientação própria ou obedecendo àquela imposta por mandantes, escrevia o jornal inteiro;
- Jacobinismo: seja em oposição aos lusos no Brasil, seja em oposição ao imperador ou governadores locais, etc.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Colocamos o termo popular entre aspas, pois queremos nos referir a uma imprensa sem o controle estatal sistemático e sim realizado por parcelas da população não vinculadas diretamente ao poder público.

¹¹⁰ SODRÉ. Op. cit., p. 155.

¹¹¹ Ibid., p. 158-164.

Ou seja, o pasquim de certa forma sempre esteve ligado à contestação política e social. E, deste modo, teve seu desenvolvimento em um período de extrema efervescência política. Não é por acaso que os pasquins sempre foram alvo de repressão e censura, ao mesmo tempo em que muitas vezes seus autores mantinham anonimato, com o objetivo de autopreservação.

Para Sodré:

[...] o período de 1830 a 1850 foi o grande momento da imprensa brasileira. Fraca em técnica, artesanal na produção, com distribuição restrita e emprestada, praticamente inexistente uma vez que inespecífica, encontrou, entretanto, na realidade política a fonte de que se valeu para exercer sobre essa realidade, por sua vez, influência extraordinária, consideradas as condições da época. Foi, praticamente, a infância da imprensa brasileira; talvez a sua turbulenta adolescência, quando muito, se considerarmos infância a curta fase em que batalhou pela liberdade conjugada a Independência do país.¹¹²

Com a paulatina reorganização política no período posterior ao Regencial e a pacificação das províncias e, assim, o fim da instabilidade, acrescidos do desenvolvimento de técnicas de imprensa mais apuradas, levaram os pasquins ao declínio, sendo substituídos pelos órgãos político-partidários, e também por uma imprensa literária.¹¹³ Os grupos políticos, que em um primeiro momento não tiveram controle direto sobre os pasquins, se aperceberam da potencial força da imprensa como instrumento político e ideológico.

Se, de um lado, os pasquins se baseavam na liberdade de imprensa como base para sua existência e desenvolvimento (mesmo em inúmeros casos sofrendo com a repressão e a censura), por outro, tal liberdade era vista por muitos setores (principalmente os políticos) como elemento de desagregação e ameaça, pelo menos para aqueles que estavam no poder. Como aponta Rüdiger:

Os riscos resultantes dessa situação para a própria manutenção do princípio da liberdade de expressão foi um dos fatores que provocaram o surgimento progressivo de um conceito político-

¹¹² Ibid., p. 180.

¹¹³ Não é objetivo deste resgate analisar essa imprensa literária. Tendo em vista as questões pontuais deste trabalho, analisaremos apenas a imprensa político-partidária.

partidário de jornalismo na segunda metade do século 19. A pasquinagem foi se tornando cada vez mais problemática, enquanto o sistema partidário consolidava-se como base do regime de governo do País, na medida em que ela podia servir de pretexto para a degeneração deste próprio regime.¹¹⁴

Ao mesmo tempo, com a “consolidação do regime monárquico constitucional e do sistema parlamentarista de governo regularizaram o modo de circulação das elites no poder, contribuindo pra a progressiva transformação das facções políticas em embriões de partidos”.¹¹⁵ A partir de então, as elites políticas “começaram a desenvolver relações orgânicas com imprensa”, de onde surgiu o tipo de imprensa político-partidária, que se tornou preponderante e teria força até à primeira metade do século seguinte.¹¹⁶

Com o fim dos pasquins, vem um período de reordenamento da estrutura jornalística, que acompanha as mudanças políticas. Denominado por Nelson Werneck Sodré de *A conciliação*, é o momento que marca a centralização do poder nas mãos da Coroa, ao mesmo tempo em que ocorre o abrandamento dos conflitos e oposições regionais. Surge também uma espécie de conciliação entre os grupos dominantes das províncias e o governo central. A imprensa teve papel destacado no processo:

Para esses tempos, para essa gente, para a estrutura nova que pouco a pouco se firma e se consolida, a imprensa deve estar em suas mãos, deve servi-la, deve contribuir para a consolidação da estrutura escravista e feudal que repousa no latifúndio e que não admite resistência.¹¹⁷

Paradoxalmente, a nosso ver, para o autor, mesmo que a imprensa tenha sido utilizada com esses objetivos políticos, tem um declínio nas províncias. “O jornalismo político declinava também nas províncias”. Em realidade, pelo que podemos perceber, a perda de força política acontece apenas naquilo que se refere à oposição ao governo central e aos “valores republicanos”. O que emerge não é um retrocesso da imprensa política e sim o fim de uma estrutura combativa, que era a pasquinagem, em substituição de uma nova, que possuía uma relação íntima com o poder e, assim não

¹¹⁴ RÚDIGER. Op. cit., p. 26.

¹¹⁵ Ibid., p. 26-27.

¹¹⁶ Tendo em vista a grande diversidade presente nas questões regionais neste estágio da História da Imprensa brasileira, não vamos nos deter em discutir província por província. Analisaremos em linhas gerais, por momentos políticos pontuais

¹¹⁷ SODRÉ. Op. cit., p. 182.

precisava se opor ao próprio grupo que a orientava. Como não havia dissensões internas no grupo dominante, pois era um período, que o próprio Sodré denomina de conciliação, não há divergências internas entre aqueles que produziam os jornais.

Conforme o panorama político se alterou e iniciaram as divergências entre setores políticos divergentes, começou a haver novamente disputas entre grupos dominantes. “Na Corte, que dava o tom ao país e, portanto, à política e à imprensa, a *conciliação* escondia os graves problemas que se aprofundaram na estagnação da aparente tranquilidade reinante”.¹¹⁸ Tais divergências, por fim, levaram a novas agitações e ao surgimento de duas alas. “Em 1869, terminou a *conciliação*; separaram-se liberais e conservadores. [...] No meio dos [liberais] surgiria, no ano seguinte, a ala radical que viria a apontar a República, em manifesto, como saída para a situação do país: os clubes radicais começaram a transformar-se em clubes republicanos”.¹¹⁹

A partir dessa divisão, novos partidos políticos e facções políticas foram se organizando nas províncias, e estes recorriam à imprensa como forma de propaganda das idéias que defendiam.

Os partidos encarregavam-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiam as redações propriamente falando, os jornais passaram a ter uma organização editorial e se consolidou uma racionalidade em seu funcionamento. Os políticos foram progressivamente tomando o lugar dos tipógrafos na função social de jornalistas.¹²⁰

Desta maneira, “o jornalismo ganhou, na sua forma político-partidária um conceito, tornando-se meio de formação doutrinária da opinião pública, cujos termos e medida dependerão de cada partido”.¹²¹

Com a Guerra do Paraguai, que em um primeiro momento, foi celebrado pela comoção nacional às agressões paraguaias ao Brasil, posteriormente, no desenrolar do conflito, acabou catalisando as contradições da sociedade brasileira (devido ao recrutamento forçado, à perda em vidas humanas e aos gastos militares). Tal

¹¹⁸ Ibid., p. 189.

¹¹⁹ Ibid., p. 188.

¹²⁰ RÜDIGER. Op. cit., p. 28.

¹²¹ Ibid., p. 29.

acontecimento teve reflexos na imprensa que cada vez mais contestava as políticas imperiais, tanto em relação à guerra quanto nos setores políticos e o econômicos.

Concomitantemente ao final do conflito começam a surgir jornais contestatórios ao sistema monárquico. De acordo com Nelson Werneck Sodré, entre 1870 e 1872 surgem mais de vinte jornais republicanos no país.¹²² O jornal *A República*, órgão do Partido Republicano Brasileiro, que começou a circular em dezembro de 1870, tornou-se diário em setembro de 1871, com uma tiragem de 10.000 exemplares, número avultado para a época. O periódico pregava a substituição da monarquia, como o próprio nome sugere, para o regime republicano. Entretanto,

[*A República*] Fazia sorteios com prêmios, inovação curiosa, depois largamente usada na imprensa; defendeu a idéia do monumento a Tiradentes, figura histórica que o Império fizera esquecer; pregou a separação entre a Igreja e o Estado; combateu o castigo corporal nas forças armadas; defendeu a federação.¹²³

Nota-se que as idéias defendidas no jornal *A República* foram as bases de todo o discurso republicano de oposição ao sistema monárquico. O jornal foi empastelado em fevereiro de 1873. Contudo, mesmo a repressão não pôde conter o crescimento paulatino dos órgãos de oposição. Sendo a imprensa um dos grandes responsáveis pela conscientização das camadas cultas da população, como intelectuais, estudantes, militares, padres, etc.

A causa abolicionista também foi um dos elementos que geraram grande debate dentro da imprensa político-partidária, principalmente por parte de alguns jornais de cunho republicano (deve-se salientar que nem todos os republicanos eram abolicionistas). Com o passar dos anos, a causa abolicionista foi-se avolumando, ganhando adeptos em todos os setores sociais. Se por um lado a causa abolicionista tinha na imprensa um dos seus principais mecanismos de luta, por outro, é através dela que aqueles que se apóiam no sistema servil buscavam se defender. “Acossados pela campanha que avança e se avoluma, os fazendeiros escravistas agrupam homens de fortuna para fundar um jornal, o *Novidades*, destinado a defender”.¹²⁴

¹²² SODRÉ. Op. cit., p. 212.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibid., p. 238.

Com as pressões constantes, a Abolição foi proclamada ao mesmo tempo em que as pressões republicanas para a mudança do regime político se acirram. Em 1887, a imprensa republicana já conta com setenta e quatro jornais espalhados por todo o país. A comoção social da abolição foi habilmente conduzida para a mudança do regime político.

A Proclamação da República gerou intensos debates na imprensa, pois embora os republicanos conquistassem grande prestígio ao longo da campanha republicana e, principalmente, com o golpe militar, os monarquistas também mantiveram uma postura combativa de defesa da Casa Real e do sistema monárquico.

À medida que os ânimos políticos se acalmam, surgem dois novos padrões de imprensa, que passam a dividir espaço com a imprensa político-partidária, e que diferiam tanto desta quanto da antiga estrutura de pasquinagem. De um lado surgia, mesmo que de forma bastante efêmera, em princípio, uma imprensa organizada nos moldes empresariais e voltada à notícia enquanto produto. Por outro, surgia uma imprensa combativa e que buscava representar um setor ainda incipiente da sociedade brasileira, o operariado urbano. Discutiremos mais adiante a imprensa operária.

No fim do século XIX, “a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa”.¹²⁵ Diante disto, com a passagem do século XIX para o XX, ocorre a transição da chamada “pequena” para a “grande” imprensa.

Os pequenos jornais de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se for assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. Essa transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria [...]. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. Uma das conseqüências imediatas dessa transição é a redução do número de periódicos. Por outro lado, as empresas jornalísticas começam a firmar sua estrutura, de sorte que é reduzido o aparecimento de novas empresas.¹²⁶

¹²⁵ Ibid., p. 261.

¹²⁶ Ibid., p 275-276.

Para Gisela Taschner:

Esse período que [...] vai de 1880 a 1930 aproximadamente é a fase da aventura e consolidação industrial. A organização (ou reorganização) empresarial dos jornais, que então se deu, está ligada a um processo de modernização tecnológica e diferenciação funcional. As gráficas dos jornais foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais. [...] As influíram sobre as características dos jornais, que evoluíram para o formato *standard* e puderam ampliar as suas tiragens.¹²⁷

Os jornais de cunho empresarial começaram a se desenvolver e atingir as capitais e principais cidades do país. Contudo, não há um aumento radical no número de jornais-empresas, ficando restritos a poucos deste tipo por cidade, que disputavam entre si a parcela do mercado crescente que era a própria “informação”.

Com tal crescimento, surge uma diminuição dos jornais político-partidários, que tinham como objetivo específico: “formar e também dirigir a opinião pública”.¹²⁸ Com o novo tipo de imprensa, os jornais apresentavam-se como órgãos imparciais, cujo objetivo era informar a população. Mesmo que tivessem posicionamentos políticos definidos, eles chegavam ao leitor como imparciais, “começava então a esboçar-se uma imprensa de massas, no sentido de estar mais preocupada com o público leitor e menos em expressar interesses individuais e de grupos”.¹²⁹

Assim, órgãos oficiais de agremiações regionais como o Partido Republicano Paulista e Partido Republicano Rio-grandense, paulatinamente, vão tendo refluxo em importância e venda para os jornais-empresas como: *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Correio do Povo* e *Jornal do Comércio*, que conseguem grande crescimento em tiragem e prestígio.

A partir da década de 1920, surge ainda uma nova mutação dentro da estrutura dos jornais enquanto empresas jornalísticas. Começam a existir os “conglomerados” jornalísticos. Os grandes jornais passam a ser vistos como “instituições”, crescem em prestígio e o seu papel social muitas vezes acaba formando a opinião pública. “Nos anos

¹²⁷ TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 31.

¹²⁸ RÜDIGER. Op. cit., p. 50.

¹²⁹ TASCHNER. Op. cit., p. 31.

20 teríamos indícios de uma imprensa mais moderna, tanto do ponto de vista técnico [...] como no de organização, forma de apresentação da mensagem e relações com a publicidade”.¹³⁰

Foi durante esta década que tiveram início os Diários Associados de Assis Chateaubriand, que foi a maior cadeia de jornais que o país já teve, e também de *O Globo*, por Irineu Marinho, que, posteriormente, viria a se tornar no maior complexo de meios de comunicação de massa do Brasil.¹³¹

Na década de 1930, de acordo com a historiografia que se dedica ao estudo da imprensa, a estrutura jornalística de cunho político-partidário entra em franca decadência, sendo extinta por completo com o Golpe do Estado Novo, em 1937. Deste modo, a grande imprensa desponta como elemento hegemônico no poder.

Agora, voltemos nossa atenção à imprensa operária.

Embora o senso comum tenha o século XX como origem da imprensa operária, ela é muito mais antiga do que isso. O primeiro jornal operário surgiu em 1847, em Recife, sendo que até o final do século já haviam sido editados setenta títulos, sendo cinquenta e dois no eixo Rio de Janeiro e São Paulo (principais centros de produção industrial no país – mesmo que fosse uma industrialização bastante rudimentar, e em vários casos tendendo ao artesanal) e dezoito no restante do país.¹³²

A imprensa operária diferia do modelo pasquinário e também o político-partidário embora apresentasse alguns pontos de convergência. Por sua vez, diferia completamente da grande imprensa. Como nos demonstra Maria Ferreira:

Até numa visão superficial é perceptível a diferença dos jornais operários frente aos outros. Por exemplo, mesmo se tratando de uma publicação periódica, o tratamento da notícia tem um caráter processual, recuperando e analisando os fatos [...]. Nas primeiras páginas podem ser encontrados manifestos e convocações para assembleias operárias. O formato do jornal variava de acordo com as condições de papel e máquinas disponíveis, predominando, entretanto, o tablóide.

[...] A periodicidade era determinada pelos acontecimentos: jornais aparentemente semanais poderiam passar a circular diariamente.

¹³⁰ Ibid., p. 32.

¹³¹ Ibid., p. 32-33.

¹³² Dados adaptados de: FERREIRA. Op. cit., 1978, p. 91-102. Apesar desse primeiro periódico ter surgido em 1847, é apenas a partir da década de 1870 que começa a surgir um maior número de periódicos operários.

[...]. Outro aspecto interessante é a ausência de publicidade. Nos raros casos em que se encontram produtos anunciados, a publicidade aparece acompanhada de recomendações do próprio jornal com relação à utilidade do produto, o que lhe confere um caráter de escolha política. Do mesmo modo, em certos momentos, aparecem recomendações de boicote, de não-consumo de determinada mercadoria (geralmente quando a empresa responsável por tal produto estava em litígio com seus operários).¹³³

Tendo em vista isto, a imprensa operária não possuía uma organização e era destinada a uma parcela específica de operários que mantinham o periódico. Por sua vez, tinha por objetivo politizar e informar e principalmente organizar os trabalhadores brasileiros.¹³⁴

A imprensa operária teve um desenvolvimento bastante acelerado. Entre o último quartel do século XIX e as duas primeiras décadas do XX, surgiram trezentos e quarenta e três títulos espalhados por todo o território brasileiro. Não esqueçamos que grande parte da organização do movimento operário era feita por imigrantes e, por este fato, havia um número considerável de títulos em língua estrangeira, sendo principalmente em língua italiana.

Semelhante à imprensa político-partidária, a operária começou a dar sinais de declínio no final dos anos 1920, diminuindo de forma radical na década seguinte. Isto acontecia por várias razões: repressão política por parte do Estado, controle estatal nos sindicatos, substituição do anarquismo pelo comunismo como ideologia dominante dentro do movimento operário, etc.

Nos anos de 1930, a imprensa no Brasil já estava completamente estruturada, possuía qualidade técnica e de impressão bastante avançada. Em parte acompanhava o desenvolvimento da forma de grande imprensa do mundo ocidental, por outro ainda apresentava elementos próprios do tipo de imprensa desenvolvido ao longo da história da imprensa brasileira, como a imprensa político-partidária e a operária (embora não esqueçamos que também encontramos tais elementos em outros países ocidentais).

A imprensa integralista – objeto do nosso estudo – surge num ambiente que seapresenta, ao mesmo tempo, envolto em problemas internos devido ao fim da República Velha com a Revolução de 1930, e com problemas externos, devido à crise econômica advinda da Quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, que leva à

¹³³ FERREIRA. Op. cit., 1988, p. 20-21.

¹³⁴ Ibid., p. 14.

desestruturação do sistema liberal no mundo; com a Revolução Russa de 1917; com a ascensão do fascismo na Europa, etc.

Assim, os periódicos da AIB aparecem como paradoxais em relação à historiografia que a negligencia e, por isto, acaba cometendo, pelo menos a nosso ver, um erro ao fazer certas generalizações. A maioria dos autores aponta o declínio completo da imprensa político-partidária a partir de 1930, tendo sua extinção completa com o Golpe do Estado Novo, em 1937. Isto pode ser aplicado à imprensa político-partidária apenas das agremiações políticas regionais. Contudo, no tocante ao integralismo, como primeiro movimento político de massas organizado nacionalmente, não se aplica a ele. Pelo contrário, a imprensa integralista tem um grande desenvolvimento, tornando-se inclusive a maior organização de imprensa política da História do Brasil, pois nenhuma outra agremiação ou movimento político conseguiu possuir e manter tantos periódicos. Matinha elementos dos vários tipos de imprensa que existiram no país. Seus cento e trinta e oito jornais e suas quatro revistas eram organizados como um grande conglomerado jornalístico (a *Sigma Jornaes Reunidos*), principal característica jornalística da época. Possuíam a combatividade característica dos pasquins. E, por fim, buscava utilizar sua imprensa para atrair mais adeptos e conscientizar parcelas da população sobre a sua ideologia, semelhante aos jornais operários.

Mas antes de trabalhar com a imprensa integralista de forma direta achamos necessário buscar os elementos prévios e que levaram à criação tanto da AIB quanto de sua organização jornalística. Acreditamos ser importante fazer este resgate, para compreendermos melhor o nosso objeto de estudo.

Esta parte “pré-integralista” vai servir de base para a imprensa do movimento, além de ditar os fundamentos da ideologia do futuro movimento. Por essa razão, analisaremos no capítulo seguinte a experiência pessoal de Plínio Salgado, enquanto escritor, jornalista e político, que o levaram a estruturar a Ação Integralista com uma íntima relação com a imprensa.

O capítulo que acabamos de concluir tinha dois objetivos específicos. O primeiro era apresentar nossa opção teórica dentro dos pressupostos da Nova História Política. Buscamos fazer isto de forma breve, selecionando alguns autores que tenham influência sobre esta corrente e que tivesse nos auxiliado em nosso trabalho. O segundo era fazer uma revisão histórica e bibliográfica dos dois temas norteadores deste

trabalho: Integralismo e Imprensa. Objetivamos com isto melhor compreender nosso objeto de estudo.

Por esta razão, o construímos a partir de discussões bibliográficas. Do segundo capítulo em diante ele será constituído através de fontes produzidas no período, embora dialogaremos sempre que possível e/ou necessário com a bibliografia existente.

CAPÍTULO II

Plínio Salgado
e a gestação do integralismo
através da literatura e da imprensa

Capítulo II – Plínio Salgado e a gestação do integralismo através da literatura e da imprensa

Para entender a imprensa integralista, é preciso compreender a ação prévia de Plínio Salgado, o líder máximo do movimento, o “Chefe Nacional”. Isto porque é a partir da sua intervenção que o integralismo será organizado, juntamente com esta “estrutura de imprensa”. Assim, neste capítulo, nos dedicaremos a estudar a formação de Plínio Salgado, tanto literária (década de 1920) quanto jornalística (início da década de 1930). Também gostaríamos de destacar que não pretendemos fazer uma biografia de Plínio Salgado, e sim elencar alguns elementos que achamos importantes para a nossa análise e que nos ajudarão na leitura posterior sobre a imprensa integralista.

Dividiremos este capítulo em cinco subitens. Ressaltamos que não nos preocuparemos em estabelecer ordem cronológica, até porque tais pontos são interligados e a sua divisão foi feita apenas para facilitar a visualização de cada tópico.

2.1. Os primeiros anos de Plínio Salgado (1895-1920)¹³⁵



Plínio Salgado nasceu na pequena cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo. Teve criação conservadora e religiosa. Seu pai era coronel da Guarda Nacional e fora chefe político em São Bento desde o advento da República. Junto a tal conservadorismo, possuía grande influência do antiliberalismo por parte dos avós. O avô paterno havia emigrado de Portugal para o Brasil por questões políticas, principalmente por oposição ao liberalismo, enquanto o materno tinha sido membro ativo no Partido Conservador, na época do Império.

Sua educação inicial ocorreu em casa,

¹³⁵ Plínio Salgado. In: *Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC 2001, p. 5195-5206. Notamos que em grande parte o verbete foi retirado do capítulo II, da segunda parte da já citada obra de Héliog Trindade (ver TRINDADE, op. cit. p. 42-49). A opção pelo primeiro texto deveu-se ao fato de estar organizado de forma sintética. Utilizaremos o texto de Trindade mais adiante, quando aprofundarmos mais a análise sobre a produção literária, jornalística e política de Salgado.

ministrada pela mãe, que era professora primária. Posteriormente, já no período secundário, foi para um internato em Minas Gerais (fotografia acima tirada no Colégio São José, na cidade de Pouso Alegre, 1909 aos quatorze anos).¹³⁶ Com a morte do pai, em 1911, quando tinha dezesseis anos, teve que interromper os estudos e retornar à sua cidade natal. No mesmo ano, rumou para a capital São Paulo, onde viveu por conta própria, sem auxílio da família, por dois anos, retornando em 1913, quando passou a fazer trabalhos como agrimensor e outras atividades. Aos vinte e um anos, fundou junto com Joaquim Pereira, o jornal *Correio de São Bento*, iniciando sua carreira jornalística. Em 1918, aos vinte e três anos, participou da organização e fundação do Partido Municipalista, agremiação de pequenos municípios em oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP). No mesmo ano, casou-se, ficando viúvo no ano seguinte, poucos dias após o nascimento da primeira filha.

Em 1920, durante um comício do Partido Municipalista, foi preso devido à repressão policial. Após sua libertação, mudou-se novamente para São Paulo. Na capital, por intermédio de um amigo, conseguiu o emprego de revisor do jornal *Correio Paulistano*, órgão oficial do PRP.

2.2 A ação jornalística

Durante sua função de revisor do jornal *Correio Paulistano*, Plínio Salgado estabeleceu contato com figuras como Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Motta Filho. Trabalhar neste periódico foi fundamental para a formação de Salgado, pois nesse meio inteirou-se no movimento modernista. Também como membro de um órgão político-partidário, pôde perceber a importância que a imprensa tinha para conquistar “corações e mentes”, ou seja, constituía-se num poderoso instrumento político.

Como jornalista seguiu uma estreita relação com a participação dentro do movimento modernista, tanto que seu primeiro livro de crônicas (que discutiremos mais adiante) foi uma compilação de textos publicados nas páginas do *Correio Paulistano*. Os temas e as preocupações eram correlatas entre a ação jornalística e literária, e não podia ser diferente, pois Plínio Salgado teve uma participação bastante engajada no movimento modernista. O jornal também se converteu em uma espécie de núcleo, onde os membros das correntes nacionalistas do modernismo se reuniam.

¹³⁶ Fotografia do Arquivo da Cidade de Rio Claro/SP.

Por esta razão, optamos por não fazer uma análise da sua produção jornalística, pois ela segue um padrão muito semelhante à intervenção literária dele. Deteremo-nos, com mais profundidade nesta parte, na evolução de sua atuação enquanto poeta e escritor e a relação com a produção da literatura na década de 1920, e a partir disto analisaremos a formação e a intervenção política de Plínio.

2.3 A ação literária

Junto à atividade jornalística, a literária teve um papel fundamental na formação intelectual e política de Plínio Salgado. O nacionalismo terá um papel de destaque e se tornará o “pilar central” do discurso integralista, desde sua fase modernista, e o acompanhará em toda a sua vida: desde a AIB, nos anos de 1930 (tendo uma relação direta com a imprensa do movimento), perpassando o Partido de Representação Popular, nas décadas de 1940 e 1950 e princípio de 1960, até sua participação na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), nos anos 1960 e 1970. Aliás, é um ponto controverso da própria biografia de Salgado, devido ao caráter que teve o “nacionalismo” no seu pensamento e no integralismo. Alguns estudiosos do movimento literário o acusaram de ter desvirtuado o conceito nacionalista do modernismo, outros, por sua vez, simplesmente ignoraram sua participação, devido ao seu ativismo político. Contudo, discutiremos este tema mais tarde. Gostaríamos de destacar apenas a questão do nacionalismo. Como aponta Hélió Trindade:

Constata-se que o nacionalismo dos anos 20 não é unidimensional. Partindo de uma atitude profundamente antiportuguesa, exalta as virtudes cívicas e militares e contém, finalmente, uma dimensão econômica e antiimperialista. O importante é ressaltar que esse nacionalismo constitui-se na atmosfera intelectual que vai modelar o pensamento do Chefe integralista. O nacionalismo cívico e econômico tornar-se-á com o integralismo, na década de 30, mais radical e a revolução modernista lhe acrescentará uma nova dimensão: a exaltação nacional pelo retorno às origens do povo brasileiro.¹³⁷

Tendo em vista o valor fundamental do modernismo no pensamento de Salgado, não apenas apontado por Trindade, como por outros autores que estudaram o integralismo, achamos necessário apontar alguns pontos importantes do movimento

¹³⁷ TRINDADE, Op. cit. p.33

literário e artístico modernista, principalmente no tocante às correntes nacionalistas e à atuação do futuro líder integralista ao longo dos anos 1920 e princípio dos anos 1930.

2.3.1 O modernismo

Antonio Candido e José Aderaldo Castello, no excelente estudo *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*¹³⁸, afirmam que o conceito Modernismo, dentro da nossa literatura, possui três fatos com íntima ligação entre si, que seria um movimento literário e artístico, um conceito estético e também um período de tempo restrito.

O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana de Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo País, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava sobretudo a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. Estes fatos tiveram o seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930, abrindo-se a partir daí uma nova etapa de maturação, cujo término se tem localizado cada vez mais no ano de 1945.¹³⁹

Em uma linha semelhante, Silvio Castro afirma que o século XX começou para a cultura brasileira com o movimento modernista, pois o modernismo, acima de tudo, era uma oposição ao passado e “traz para a cultura nacional aquela inquietude que desde os primeiros anos de nossa época levava as maiores nações européias a novas direções, contrárias às linhas mestras da cultura símbolo do século XIX”.¹⁴⁰

Para Dulce Braga, o modernismo representa o terceiro estágio de libertação do pensamento brasileiro através da literatura:

1º - no anseio do libertar-se do jugo português que se concretiza literariamente na Plêiade dos Inconfidentes Mineiros e na política da Independência do Brasil – *Ciclo da Literatura Clássica Brasileira*;
2º - na batalha pela liberdade dos escravos que tem seu momento culminante com Castro Alves, José do Patrocínio e Rui Barbosa – *Ciclo da Literatura Romântico-Naturalista*;

¹³⁸ São Paulo: DIFEL, 9ª edição, 1983, p. 7.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ CASTRO, Silvio. *A revolução da palavra: origens e estrutura brasileira moderna*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 89.

3º - na independência de pensamento, luta que vem desde o simbolismo, aumenta sua tensão na corrente modernista e que muitos crêem vencida na atualidade – *Ciclo da Literatura Modernista, Moderna e Contemporânea*;¹⁴¹

Apesar de ter como um dos objetivos superar o simbolismo, de certa forma o modernismo surge de uma evolução das linhas poéticas do próprio simbolismo. Seria uma evolução natural da resistência ao passado, pois “o simbolismo opondo-se à mentalidade oitocentista, caracteristicamente positivista e realista parnasiana, permitirá a mudança de uma mentalidade, e partirá para a criação de um novo conceito-artístico”. Através desta nova mentalidade, “lentamente uma inteligência positiva perde o valor até então exercitado, substituída por uma consciência da validade de uma racionalidade lógica tomada como base de toda a invenção”.¹⁴²

Este simbolismo, paulatinamente, vai ganhando um caráter “ativo revolucionário”, culminando no Movimento Modernista, principalmente no período posterior à Primeira Guerra Mundial.

Contudo, a “alvorada modernista já começava a se fazer presente em momentos anteriores”. Wilson Martins aponta que “bem antes do famoso artigo de Ernesto Bertorelli, no *Estado de São Paulo*, 1914, a literatura brasileira manifestava as primeiras reações com respeito à estética futurista, o que torna mais orgânica a história do modernismo”.¹⁴³ Além disso, de acordo com o autor, duas palavras que dominaram a década de 1920 já se faziam presentes: o *moderno* e o *futurismo*. Uma prova teria sido o discurso de posse de Félix Pacheco na Academia Brasileira de Letras, em 1913, que “anunciava a sutil passagem do simbolismo deliçescente para o futurismo triunfante”.¹⁴⁴ Todavia, a guerra, iniciada em 1914, mudara radicalmente o pensamento literário brasileiro, devido principalmente às mudanças estruturais de nossa sociedade. Se levarmos em consideração que as artes, como a literatura, a poesia, o teatro e a pintura estão sempre sensíveis a mudanças, pois acompanham indivíduos e as sociedades que as produzem, não estranharemos a evolução radical. Até porque a guerra da Europa culminou aqui no Brasil em um processo de industrialização para substituição das importações, que outrora eram compradas nos países beligerantes europeus. Como era de se esperar a mudança nas artes é um reflexo de tais alterações

¹⁴¹ BRAGA, Dulce Salles Cunha Braga. *Autores Contemporâneos Brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Editora Giordano, 1996, p. 6.

¹⁴² CASTRO, op. cit., p. 89.

¹⁴³ MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 429.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

sociais. “Não apenas surge uma mentalidade renovadora na educação e nas artes, como se principia a questionar a legitimidade do sistema político, dominado pela oligarquia rural”.¹⁴⁵

Do ponto de vista da rebeldia, o modernismo seria uma consequência deste “caldo” político efervescente vinculado à industrialização, mudanças na estrutura social e contestação com a estrutura governativa existente. No entanto, suas influências enquanto movimento das letras e artes proviria de autores das duas primeiras décadas do século XX, porque tais intelectuais representavam uma ruptura com a antiga ordem.

Em nossa pesquisa bibliográfica notamos, que os manuais, tanto escolares quanto acadêmicos, costumam enquadrar a produção dessas duas décadas como “pré-modernismo”, e os autores como “pré-modernistas”. Isto ocorre, provavelmente, devido à exigência deste tipo publicação, em que existe a necessidade de caracterização dos momentos literários.

Os manuais escolares costumam apresentar definições mecânicas, para facilitar a visualização, por parte do leitor desse período, como pode ser observado no texto abaixo:

A QUESTÃO DA CLASSIFICAÇÃO DO PERÍODO LITERÁRIO

Esses vinte anos (1900-1920) apresentam as linhas mais variadas. Entrechocam-se múltiplas tendências, várias correntes e estilos, as ideologias mais contraditórias. É comum encontrar-se no mesmo autor aspectos acadêmicos misturados com posições revolucionárias. A indefinição e o ecletismo do momento e o seu caráter anunciador de crises levariam Alceu Amoroso Lima – muitos anos mais tarde – à criação do termo *pré-modernismo*. Um conceito que a rigor pouco esclarece. Mas, pela falta de outra classificação, passou a ser um referencial didático para as obras produzidas na época.¹⁴⁶

Tais manuais também costumam definir certos autores como pré-modernistas, “por apresentarem uma obra significativa para uma nova interpretação da realidade brasileira, bem como pelo valor estilístico”¹⁴⁷, o Pré-Modernismo ficaria restrito ao estudo de Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos. Duas obras seriam consideradas como marco inicial – *Os Sertões*, de

¹⁴⁵ CANDIDO & CASTELLO, op. cit., p. 7-8.

¹⁴⁶ GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 139.

¹⁴⁷ NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1989, p. 173.

Euclides de Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha – e a Semana de Arte Moderna como marco final.

Como era de se esperar, os manuais acadêmicos apresentam críticas, apesar de manter uma definição cronológica, como é o caso da obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, considerado um dos principais manuais sobre a nossa literatura. Na obra, o autor sinteticamente apresenta como pré-modernismo a seguinte definição: “creio que se possa chamar de pré-modernista (no sentido forte da premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural”. Ainda deixa subentendido certa desconfiança sobre o período em seu texto: “O grosso da literatura anterior à ‘Semana’ foi, como é sabido, pouco inovador. As obras, pontilhadas pela crítica de ‘neos’ – neoparnasianos, neo-simbolistas, neo-românticos – traíam o marcar passo da cultura em pleno século da revolução industrial”.¹⁴⁸

Dentro dos estudos acadêmicos específicos sobre o modernismo, por sua vez, raramente encontraremos a denominação “pré-modernismo” para se referir aos autores “rebeldes” do período 1900-1922. Nos trabalhos, os pesquisadores buscam encontrar ou destacar nesses autores apenas os elementos inovadores de suas obras e também aspectos que os diferem do *status quo* da produção daquela época, que seriam temas relevantes a partir de 1922. Para Wilson Martins, é um momento de *Alvorada Modernista* em que começa a existir, mesmo que de forma fecunda, a rebeldia modernista.

Também encontraremos, na década anterior à Semana de Arte Moderna, muitos dos principais nomes que estarão na liderança tanto do evento quanto do movimento, produzindo obras com todos os feitiços rebeldes do modernismo: Oswald de Andrade lança em 1911 o semanário humorístico *O Pirralho*, com colaboradores como Di Cavalcanti; em 1913 o expressionismo aparece pela primeira vez nas telas de Lasar Segall e no ano seguinte as obras de Anita Malfatti seguem a mesma tendência. Em 1916, a obra *Memórias Sentimentais de João Miramar* de Oswald de Andrade, apresenta um estilo experimental diferenciado; no ano de 1917, ocorre uma verdadeira ebulição de obras de autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Di Cavalcanti, entre outros. Mas é a exposição de Anita Malfatti que gera a maior repercussão, principalmente pela crítica

¹⁴⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983, p. 345.

feita por Monteiro Lobato no *O Estado de São Paulo*, em que chama, entre outras coisas, de caricatural as novas tendências na obra de Malfatti, que seriam baseadas, segundo o crítico, nas extravagâncias de Picasso e companhia. Como apontam Cândido e Castello, “a exposição de Anita Malfatti, em São Paulo, deu lugar a uma primeira divisão virtual entre os partidários da arte nova e os conservadores representados violentamente por Monteiro Lobato”.¹⁴⁹ Diante das críticas “em defesa da jovem pintora forma-se um grupo que conta com Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, entre outros”.¹⁵⁰

Do ponto de vista político e social, o ano de 1917 é marcado por grandes mudanças e transformações, além de ser um momento radical que atinge o mundo e o Brasil. Tais fatos tiveram reflexos nos meios artísticos, como aponta Francisco Alambert:

O ano de 1917 – ano da Revolução Socialista Russa, em Plena Primeira Guerra Mundial, e das grandes greves em São Paulo, organizadas pelos operários anarquistas – foi decisivo para a formação do grupo e do espírito que elaborou a Semana. Deu-se aí o encontro de Oswald (o rico e irreverente filho da elite paulistana) e Mário de Andrade (o jovem e modesto professor de música), que se tornariam segundo muitos autores, as duas figuras de ponta do movimento modernista.¹⁵¹

Em 1920, tanto Oswald de Andrade quanto Menotti de Picchia “abrem nos jornais a campanha renovadora, que encontra o seu poeta em Mário de Andrade”.¹⁵² No ano de 1921, o grupo de modernistas já tinha considerável organização e contatos. Mário de Andrade escreve os versos de *Paulicéia Desvairada* e também publica uma série de artigos críticos contra os poetas parnasianos, chamados de “Mestres do Passado”. Também ocorre a exposição de Di Cavalcanti. Nesta ocasião, com a presença de Graça Aranha, surge a idéia de se realizar a Semana de Arte Moderna. Aranha acabaria por se tornar uma espécie de líder, inclusive, publicando a obra *Espírito Moderno*, que apresenta alguns pontos básicos da “doutrina” e tenta definir o que é o modernismo.¹⁵³

¹⁴⁹ CANDIDO, CASTELO, op. cit., p. 11.

¹⁵⁰ NICOLA, op. cit., p. 211.

¹⁵¹ ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2004, p.34.

¹⁵² CANDIDO, CASTELLO, op. cit., p. 12.

¹⁵³ ARANHA, Graça. *Espírito Moderno*. São Paulo: ML Editora, 1925.

Os rebeldes de nossas artes iniciavam seu caminho ao *status quo*. A Semana de Arte Moderna ocorreu em fevereiro de 1922, foi bastante combativa, como não poderia deixar de ser o ato de rebelião contra uma antiga ordem, contando com a presença de músicos, artistas plásticos, poetas e escritores.

A Semana de Arte Moderna foi uma predeterminada tomada de posição violenta e negativa contra o passado; a indispensável ofensa ao passadismo vigorante no país; a clara vontade de desmitização de valores estratificados, para uma chegada de contato eficiente e imediata com o público; negação inicial e radical para a conquista de novos métodos e novos meios de expressão estética; em síntese uma violenta batalha de costumes. Sendo uma revolução de costumes, na Semana, o movimento modernista revela sua pretensão de uma mudança radical da sensibilidade brasileira. Por isso ela é um ato de afirmação-negação em todos os setores: artes visuais, música, literatura.¹⁵⁴

Com a Semana, paulatinamente, o modernismo toma conta das artes no Brasil. De maneira combativa, surge uma série de periódicos para divulgação das novas tendências ao longo dos anos 1920. As mais importantes são *Klaxon* e *Revista de Antropofagia* de São Paulo. Também foram importantes as revistas *Estética* e *Festa* do Rio de Janeiro. Estas revistas serviriam para “a difusão (e junto com ela a diversidade) do movimento modernista em território brasileiro”.¹⁵⁵

Com a propagação de idéias, surgiria também a diversidade de pensamento. Se, de início, o grupo modernista era coeso, pois tinha a velha ordem como inimigo em comum, quando assume o “poder”, começam a aparecer as divisões internas. As duas principais oposições era entre o “movimento pau-brasil” e o “movimento verde-amarelo”.

Em ambos, há uma espécie de primitivismo. Contudo, fazem leituras diferentes de como deveria ser o movimento modernista. As duas vertentes surgem de um ponto comum: um nacionalismo anárquico, revolucionário e “desabusado”¹⁵⁶, que diferente do ufanismo romântico, tinha uma perspectiva crítica, o que gerava em parte dos autores, ao mesmo tempo, orgulho e deboche.

O “movimento pau-brasil” foi lançado em março de 1924, a partir de um manifesto no jornal *Correio da Manhã*. As bases desta corrente seriam: a junção do moderno e do arcaico brasileiros, a ironia contra o bacharelismo e a luta por uma nova

¹⁵⁴ CASTRO, op. cit., p. 94.

¹⁵⁵ ALAMBERT, op. cit., p. 60.

¹⁵⁶ GONZAGA, op. cit., p. 173.

linguagem nacional.¹⁵⁷ Era liderado principalmente por Oswald de Andrade e teve grande repercussão, atraindo grande parte dos modernistas.

A reação ao Pau-Brasil veio dois anos depois, com o surgimento do grupo Verde-amarelo, liderado principalmente por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Uma das bases das críticas era ao tom “afrancesado” do nacionalismo Pau-Brasil. Para os verde-amarelos, o nacionalismo foi primitivista e ufanista, sem vínculos quaisquer com o pensamento europeu. Também eram opostos ao primitivismo destruidor e debochado do Pau-Brasil, por não valorizar um sentido de brasilidade. Apresentavam também uma visão conservadora de sociedade.¹⁵⁸

Os dois grupos foram combativos e trocaram uma série de críticas e ironias entre si. Os embates se davam principalmente nos manifestos, artigos de jornais e obras dos autores das duas correntes.

2.3.2. Plínio Salgado e o Modernismo

2.3.2.1. Plínio Salgado e a bibliografia sobre o modernismo

Dentro da bibliografia sobre o modernismo, a sombra da antiga Ação Integralista Brasileira é uma chaga aberta, tendo reflexo na forma como Salgado, quando referenciado, é apresentado. Quase todos os autores, ao abordarem a sua participação, vinculam-no ao integralismo, o que, por sua vez, atrapalha a análise desses autores, pois partem de um preconceito, para depois analisar a obra. Isso gera, a nosso ver, uma discrepância entre a atuação e a forma como é representado. Alfredo Bosi, autor de um dos principais manuais acadêmicos sobre a Literatura Brasileira apresenta um resumo da leitura sobre Plínio Salgado:

Falando de Plínio Salgado, costuma-se distinguir um primeiro momento de interesse pela nova ficção e pela literatura em geral (ex.: o romance *O Estrangeiro*, de prosa solta e impressionista), da carreira ideológica e política que se lhe seguiu. Mas a verdade está no todo: o indianismo mítico dos escritos iniciais e a xenofobia do Manifesto de *Anta* não estavam infensos aos ideais reacionários que selariam o

¹⁵⁷ Ibidem. Posteriormente houve um novo manifesto, lançado em 1928, que ampliou as idéias do Pau-Brasil, que viria a gerar “Antropofagia”; suas principais mudanças seriam: a retomada das raízes, o humor como forma crítica, a criação de uma utopia brasileira e a postura antropofágica como alternativa entre o nacionalismo conservador e a cópia dos valores ocidentais (que seria, não um mimetismo das idéias externas, mas a adaptação e sua ‘moldação’ aos valores brasileiros).

¹⁵⁸ A partir de 1928, se transformou em Anta, mas a base do pensamento verde-amarelista permaneceu o mesmo.

homem público na década de 30. Pelo contrário, o Integralismo foi o sucedâneo daquele nacionalismo abstrato que, em vez de sondar as contradições objetivas das nossas classes sociais, tais como apresentavam às vésperas da Revolução de 1930, preferiu fanatizar-se pelos mitos de Sangue, da Força, da Terra, da Raça, da Nação, que de brasileiros nada tinham, importados como eram de uma Alemanha e de uma Itália ressentidas em face das grandes potências.¹⁵⁹

A visão de Bosi, marcada pelo preconceito em relação à obra de Plínio Salgado, devido à sua atuação como liderança integralista, é a que mais predomina, chegando a extremos, como por exemplo, em enquadrar ou vincular a corrente “verde-amarela” do período modernista como fascista:

Assim, logo após 1922, o ‘espírito’ da Semana foi sempre reinventando: ele ressurgiu no internacionalismo inicial de *Kaxton*, no ‘paulistanismo’ de *Terra Roxa e Outras Terras*, no ‘matavirgismo’ de Mário de Andrade, na ‘antropofagia’ oswaldiana, no ‘verdeamarelismo’ e no fascismo tupiniquim de Plínio Salgado, Menotti, Cassiano Ricardo.¹⁶⁰

Nossa opinião referente a Salgado é que sua ação literária é um dos elementos importantes para a gestação do pensamento que o levaria a criar a Ação Integralista, contudo, achamos perigoso creditar sua atuação como maléfica para o modernismo ou permitir que preconceitos sobre o seu nome misturem dois momentos diferentes. Também achamos perigoso fazer a relação direta entre modernismo e integralismo sem fazer as devidas considerações a respeito, pois o aspecto literário, é apenas um dos pontos da produção de Salgado. Se tal relação fosse direta, por que Cassiano Ricardo e, de modo especial Menotti del Picchia, não seguiram o caminho fascista, tendo em vista que participavam do mesmo grupo, escrevendo e lançando os mesmos manifestos ao lado de Plínio.

Além disso, o caráter nacionalista de Plínio Salgado não tinha vinculações ao fascismo até a década de 1930 e, por isso, não poderia, enquanto escritor modernista nos anos de 1920, ser enquadrado como fascista. A descoberta deste pressuposto teórico é posterior, e o seu nacionalismo está muito mais preso às origens primitivistas (o apego ao “sertão”) e às disputas com as correntes literárias Pau-Brasil e Antropofagia, embora as leituras da “raça brasileira” já estivessem em gestação, como é o artigo que Salgado escreveu sobre a artista plástica Tarsila do Amaral no jornal *Correio Paulistano*:

¹⁵⁹ BOSI, op. cit. p., 419.

¹⁶⁰ ALAMBERT, op. cit. p., 101.

[...] Tarsila do Amaral, de quem Blaise Cendrars disse que seria capaz de provocar um movimento literário... na Rússia. Não. Tarsila é capaz de provocar um movimento literário no Brasil... Ela traz indicações notáveis dessas grandes forças elementares a que estou me referindo. Duas de suas telas principalmente têm um profundo sentido do “meio cósmico” e da “verdade racial”. Fê-las sem sentir, porque o artista não pretende outra coisa senão fixar um rito. E esse pensamento, muitas vezes, é uma revelação profética.¹⁶¹

De todos os autores que analisamos, Wilson Martins e Antonio Prado são os que apresentam uma leitura que consideramos mais coerente. Martins não faz uma vinculação direta entre modernismo e integralismo, contudo, afirma que a obra *Literatura e Política* (que analisaremos posteriormente) não lançaria a doutrina integralista, mas, “ao contrário, que a doutrina integralista, ao ser mais tarde elaborada, mostrou-se coerente com o pensamento nacionalista de Plínio Salgado”¹⁶², já presente na época. O autor atesta que o escritor segue uma posição de direita, ao lado de Ricardo e Picchia, mas em nenhum momento o vincula ao fascismo, como grande parte dos críticos literários.

Já Antonio Arnoni Prado ao analisar a obra dos modernistas dissidentes – apresentados pelo autor mais como reformistas do que como revolucionários –, procurou relativizar o caráter revolucionário que era atribuído a alguns grupos internos dentro do movimento modernista. Traça uma interessante análise sobre o integralismo:

No conjunto do ideário integralista, a literatura funciona, assim, como uma força articuladora do sistema, pois é a partir dela que se impõe uma espécie de retórica emblemática da nova ordem, dado que a ruptura dos processos de estilo é gradativamente assimilada a uma ruptura dos processos políticos.¹⁶³

Apesar de fazer essa leitura sobre o integralismo e dos textos integralistas de Plínio Salgado, o autor comete um pequeno deslize, a nosso ver, ao enquadrar a AIB como a última expressão da dissidência modernista à direita: “Das escaramuças de rua à conversão, em 1932, na Ação Integralista Brasileira, e daí para o primeiro desfile dos ‘camisas-verdes’ em 23 de abril de 1933, a aventura da ‘brasilidade integral’ viria

¹⁶¹ SALGADO, *apud.* AMARAL, Aracy A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 288.

¹⁶² MARTINS, *op. cit.* p., 531.

¹⁶³ PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 97.

marcar o último passo da aventura revolucionária de São Paulo”.¹⁶⁴ Acreditamos que tal afirmação é um tanto perigosa, senão errônea. Até porque de todos os modernistas que fizeram parte das mesmas correntes, Salgado foi o único que seguiu uma linha fascista. Em nossa opinião, Prado cometeu um erro de adotar o discurso da fonte para fazer tal afirmação, pois se apóia nos textos de Salgado do período integralista para estabelecer esta relação entre o modernismo e o movimento político que estava fundando.

2.3.2.2. A produção modernista de Plínio Salgado

Plínio Salgado não organizou a Semana, nem foi responsável pelo modernismo em gestação – como Mário e Oswald de Andrade, Menotti de Picchia Anita Malfatti, entre outros –, mas participou do grupo que foi se agregando ao movimento entre os anos de 1922 e 1924 – como Cassiano Ricardo, Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima, etc.¹⁶⁵

Embora Plínio Salgado seja sempre lembrado dentro do modernismo como escritor, pela trilogia “Crônicas da vida brasileira”, tendo como destaque a obra *O estrangeiro*, de 1926, seu despertar literário apontou a partir da poesia, e não da literatura. Suas preocupações, até essa obra, eram voltadas para a produção e discussões em torno da poesia.

Na palestra que proferiu no segundo dia da Semana, del Picchia ilustrou a sua fala com poesias e trechos de prosas que refletiam o “novo espírito moderno”. Plínio Salgado era um dos autores citados e foi apresentado como um poeta vinculado “ao novo espírito”.¹⁶⁶

Contudo, o despertar da poesia de Salgado foi anterior. Em 1919 publicou *Tabor*, livro de poesias, marcadamente em estilo parnasiano, mas que já demonstrava certas características modernistas.¹⁶⁷ Este livro foi a reunião de poesias que publicou em um jornal literário, chamado “Albor”, em sua juventude.¹⁶⁸

¹⁶⁴ Ibid., p. 93.

¹⁶⁵ CANDIDO e CASTELLO, op. cit., pp. 12-14.

¹⁶⁶ ALAMBERT, op. cit., p. 47.

¹⁶⁷ De acordo com a biografia feita por sua filha, sua primeira manifestação literária foi através de uma poesia composta, quando estava na escola primária em sua cidade natal, São Bento. Ver: LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, meu pai*. São Paulo, GRD, 2001. Apesar do tom ufanista de exaltação da memória do próprio pai, o texto apresenta o mérito de apresentar dados memorialísticos da autora e dados pontuais, como o encontro de Salgado com lideranças e personalidades, etc. Ou seja, memórias contrapostas com documentos pessoais, que ao pesquisador serve como uma fonte auxiliar.

¹⁶⁸ TRINDADE, op. cit., pp. 42-43.

Na revista *Klaxton*, principal voz do modernismo nos seus primeiros passos, Plínio Salgado foi um dos colaboradores. Na mesma revista publicou uma de suas poesias, já desvinculado do estilo parnasiano e completamente inserido na “vanguarda modernista”.¹⁶⁹

O eco

Nas cristalinas lâminas da serra
nebrilha a sua voz, na multidão das vozes.
Cada encosta é um espelho; cada espelho
reflete a imagem do seu canto.

Canção magoada... noiva triste...
mira, remira o límpido cristal...
É a voz do sabiá multiplicada
num grande coro de sabiás!

Como esse canto se namora!
Como vaidoso fita a própria imagem
Sobre a paisagem colorida,
o panorama da Sonoridade...
O eco é a multidão das imagens sonoras
na face pura dos espelhos invisíveis...

Canta sozinho... todos os pássaros
morreram...

Só ele vive, o solitário...
Canta! E cantando opera
o alto milagre da Ressurreição!

Canção magoada... como se enamora
nas árias simultâneas que desperta,
no mimetismo das suas sombras!

Canção magoada... noiva triste...
voz do sabiá sozinho, nunca estarás
sozinha
nunca terás esta impressão desoladora
da minha dor que não achou ainda
que ainda não viu, para se enamorar
na lâmina pura das almas,
como vês nas lâminas da serra,
desabrochar o desenho da sua imagem!

Numa interpretação para este poema, o “eco” seria a reverberação do modernismo “nas cristalinas lâminas da serra”, ou seja, São Paulo. E a partir deste “eco”, que “cantava sozinho”, porque todos os demais movimentos teriam morrido, apenas o modernismo permaneceria e realizaria o “milagre da ressurreição” das artes brasileiras. Em resumo, o poema poderia ser interpretado como uma típica produção modernista, da primeira fase: combativa, iconoclasta, e que procura apresentar apenas o modernismo como representante das artes brasileiras. Uma característica interessante do poema é o fato de apresentar uma referência religiosa, mesmo que desvinculado de um sentido religioso, mas que é um traço peculiar na produção de Salgado ao longo de toda a vida, mesmo antes de sua adesão ao modernismo¹⁷⁰, perpassando o integralismo até a sua morte em 1975.

Junto à atuação como poeta, Plínio Salgado também se preocupou com a poesia que era produzida pelo modernismo. Ainda em 1922, buscou compreender esta poesia em São Paulo, que neste ano seria a base do próprio movimento. O resultado de suas

¹⁶⁹ SALGADO, Plínio. O eco. In: *Klaxton: mensário de arte moderna*. São Paulo, nº 7, 30/11/1922, p. 4.

¹⁷⁰ Plínio Salgado, antes de sua adesão ao modernismo, publicou um livro específico sobre questões religiosas, pouco conhecido e muito difícil de ser encontrado. *A boa nova: assuntos religiosos*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1921.

reflexões está no texto *A poesia em São Paulo no ano do centenário da Independência*. É um texto bastante combativo, e que buscava compreender, ou até mesmo fixar, as bases do pensamento modernista dentro da poesia. Para ele: “a poesia, como toda a literatura paulista, é, no atual momento, uma expressão tão complexa de tendências e influências, de caracteres raciais confusos e de circunstâncias tão diversas, que um espírito sensato, uma vez senhor da situação geral das nossas letras, teme qualquer tentativa de classificação ou síntese”.¹⁷¹

Assim, estariam atravessando um “período neutro”, em que não havia “aspirações coletivas nem fenômenos sociais generalizados”. Naquele momento não existiria “uma escola artística ou literária [...] seria aliás, o absurdo”, pois não tinha nenhum fato predominante para atrair as atenções, “seja ele estético, político, filosófico ou referente a simples acontecimentos regionais”.¹⁷²

Esta poesia paulista, de acordo com a leitura do autor, “é uma verdadeira mostra de variedades, que não denuncia na semelhança das técnicas ou afinidades de assuntos, a influência poderosa de um fato exterior único nem os impulsos de uma tendência interior única”.¹⁷³

Dentro dessa visão, não havia um pensamento único e coerente, que pudesse gerar uma corrente, relacionada àqueles apegados à antiga estrutura, pois todos estariam presos a grilhões de reminiscências de escolas antigas: “temos neoclássicos, românticos, parnasianos, simbolistas, neoparnasianos, regionalistas, futuristas, nefelibatas e revolucionários independentes”.

Faltaria um elo de ligação dentro do pensamento artístico.

Sem um forte idealismo político, moral ou religioso, cada espírito é, por enquanto, um gesto a procurar um roteiro seguro. Rondam em torno das teorias de arte codificadas e vigentes pensamentos esparsos de rebeldias ainda nebulosas. Do caos deverá nascer a luz.¹⁷⁴

Esta “luz” quebraria com a “neutralidade” das artes naquele momento e iniciaria as bases de um novo pensamento, o modernismo.

¹⁷¹ SALGADO, Plínio. *A poesia em São Paulo no ano do centenário da Independência*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol 19, p. 137.

¹⁷² *Ibidem*.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 139.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 142-143.

Num período assim, que se afigura neutro, pelas suas incoerentes reações artísticas, pelas mutabilidades verificadas no tipo fregolesco do escritor que se inicia em várias escolas para a todas renunciar, sem cantar vitória dentro de nenhuma, a única atitude da crítica deve ser a de aconselhar a redução de todas as inteligências a um denominador comum de cultura, bem orientada e dirigida. Nossa grande poesia, moldada no ambiente contemporâneo, dirigindo-se aos homens de hoje, em nome das emoções contemporâneas, pousará, só assim, sobre uma base sólida e ela mesma indestrutível.¹⁷⁵

Plínio Salgado ainda apresenta o modernismo como um movimento em marcha, contudo salienta a necessidade de uma orientação para colocar ordem dentro das várias “linhas de pensamento” nas letras.

As revoluções da arte moderna serão um perigo para os povos sem cultura; agirão como elemento dissolúvel em vez de construtor; desorientarão completamente os “novos” e corresponderão para o senso estético das turbas a um movimento de anarquia e de regresso. Não é preciso apenas marchar, porém, saber marchar, e marchar com segurança. Ora se o avanço é fatal na arte, que é a síntese da grande ofensiva acentuada nos dias de contemporâneos, preparemo-nos para não resvalar nos declives da decadência que é, indiscutivelmente também, um modo de marchar.¹⁷⁶

Posteriormente, expõe exemplos de poetas que representam o “novo espírito moderno”, em que destaca Menotti Del Picchia, com as obras *Poemas do Vício e da Virtude*, *Moisés*, *Juca Mulato* e *Máscaras*; também Mário de Andrade, autor de *Paulicéia Desvairada*.

Não há necessidade de discutir o extenso arrolamento de obras e autores que Plínio Salgado apresenta, e sim a sua leitura sobre o movimento, principalmente no fato de querer introduzir uma ordem ou organização, tentando estabelecer uma espécie de base para o movimento, mesmo que ele aponte vários matizes e vieses que tornavam tão eclética a produção das artes literárias nesse momento. Em especial, se levarmos em conta que, pelo menos neste princípio, os modernistas pregavam sua independência por não ficarem presos a modelos filosóficos, teóricos e estéticos.

Um fato interessante, quando analisamos este texto de Salgado, é notar que vários elementos apresentados como básicos para que o modernismo se tornasse um movimento significativo, veremos introduzidos, pelo menos no âmbito do discurso,

¹⁷⁵ Ibid., p. 143.

¹⁷⁶ Ibidem.

futuramente no integralismo. O que nos remete a uma concepção de pensamento que vai se cristalizando em seu pensamento com o passar dos anos. Podemos destacar “forte idealismo político, moral ou religioso”, além de expressões de cunho religioso como “do caos nascerá a luz”, além de uma noção de processo evolutivo, da questão da marcha. Isso é indispensável quando levamos em conta que é nesse período que começa a ser gestado nele uma concepção nacionalista que culmina na AIB, dez anos mais tarde.

No ano de 1926, parte para a literatura com duas obras: *Discurso às estrelas*, uma coletânea de crônicas, e *O estrangeiro*, o primeiro volume da trilogia “crônicas da vida brasileira”.

Como apontou na reedição de 1956:

“Discurso às estrelas” é também, uma preparação dos trabalhos de teor puramente literário que da mesma pena saíram nas páginas de “O estrangeiro”, “O esperado”, “O cavaleiro de Itararé”, “Geografia sentimental” e outros, não se excluindo, sob muitos aspectos, a “Vida de Jesus”.

Editado depois de “O estrangeiro”, este livrinho foi escrito antes daquele romance, num período de experiências do estilo moderno, em que o autor se preparava para a composição da sua obra, que foi a primeira a surgir sob a inspiração revolucionária da arte, nos domínios da ficção.¹⁷⁷

Dividido em oito pequenas crônicas, possui a religiosidade como tema principal¹⁷⁸; também aborda questões da modernidade e como esta afetava a vida das pessoas nas cidades grandes; a família e a sua desestruturação; sobre a genialidade dos intelectuais e artistas, além de preocupações com a poesia e a literatura.

A obra *Discurso às estrelas* abre o caminho de escritor para Salgado. O ponto maior do texto no conjunto da obra é o fator religioso em destaque. Porém, deve ser ressaltado que o estilo das crônicas é modernista. Sem regras ou normas pré-determinadas, ele varia a forma em que são apresentadas as histórias. Também cabe destacar que este livro, assim como aconteceu com *Tabor*, de 1919, é uma compilação de textos publicados pelo autor entre 1921 e 1923. De acordo com o próprio Salgado:

¹⁷⁷ Nota preliminar de Plínio Salgado. SALGADO, Plínio. *Discurso às estrelas*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol. 20, p. 9.

¹⁷⁸ A religiosidade é tema central de três das oito crônicas.

Corriam os anos de 1921 e 1923. Comecei minhas experiências nas colunas do “Correio Paulistano”. Eram escritos que, posteriormente, saíram enfiados num pequeno volume que intitulei “Discurso às estrelas” [...], onde se pode ver, claramente, o prenúncio da forma adotada em “O estrangeiro”.¹⁷⁹

Todavia, de toda sua a produção literária, *O esperado*, publicado ainda em 1926, é aquela que tem a maior expressão, seja pelo seu papel dentro do modernismo ou pelo papel que teve dentro da obra de Salgado.

O próprio Salgado reconheceu a importância do livro em vários momentos de sua vida, porém em dois merecem destaque.¹⁸⁰ O primeiro foi em *Despertemos a nação*, de 1935, quando ele era a liderança máxima dentro da Ação Integralista Brasileira.

O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandara. A tragédia da raça e o poema lírico da Terra desvendaram-se aos meus olhos cantaram nos meus ouvidos. Uma noite, em que o acaso me levava a rua. Visconde de Parnaíba, em frente ao prédio silencioso da hospedaria dos imigrantes, senti a voz do destino, escrevi o primeiro capítulo de *O Estrangeiro*. Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonarei esta batalha.¹⁸¹

Aqui notamos o tom messiânico que Salgado usaria posteriormente em suas publicações no tempo da AIB. Esta primeira leitura servia na época, para apresentar o integralismo como algo mais longínquo, e o vinculava a expressões da nacionalidade, no caso específico, o modernismo, que seria algo maior do que o movimento político.

A segunda vez foi dentro do livro *Sentimentais*, publicado cerca de trinta anos depois do lançamento de *O estrangeiro*. Nestas memórias sobre a publicação, ele procura apresentar os acontecimentos que o levaram a escrever a obra e aqueles

¹⁷⁹ SALGADO, Plínio. *Sentimentais*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol. 20, pp. 368-369.

¹⁸⁰ Aqui achamos que devemos contar um fato interessante que aconteceu quando estávamos fazendo o levantamento de fontes para escrever sobre *O esperado*. Depois que já havíamos selecionado os textos para citar a importância da obra para Salgado, tivemos acesso à tese de doutorado em Ciência da Literatura de José Elíseo de Barros, sobre as obras *O esperado* e *O estrangeiro*. O autor, em dois momentos diferentes, cita os dois exemplos semelhantes aos que selecionamos para usar no nosso trabalho. O curioso é o fato de dois autores que trabalham em áreas diferentes (História e Literatura) utilizem exemplos semelhantes das mesmas obras. Ver: BARROS, José Elíseo de. *O modernismo integralista nos romances O estrangeiro e O esperado de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 13 e 23 a 34. A diferença é que o autor coloca em sua tese de forma literal todo o texto de Salgado sobre os trinta anos de *O esperado* enquanto usamos apenas citações pontuais.

¹⁸¹ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol. 10, p. 9.

indivíduos que tiveram papéis importantes na produção do romance. O autor acredita que a inspiração para compor o livro foi a viagem que fez ao interior paulista, percorrendo várias cidades, em 1923. “Era a força da Pátria, a explodir convidando o Homem Brasileiro a aproveitá-la. Era a imagem de nossas potências anímicas, que deveriam ser captadas e dirigidas no sentido dos grandes ideais. Meu pensamento tomava corpo. O livro ia nascendo”.¹⁸² Além desta viagem, havia a vida na cidade, que refletia uma das bases do livro, o choque entre a zona urbana e o campo. Dos amigos que o cercavam, ele coloca em destaque Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Mário Graciotti, Manuel Mendes, Gabriel Marques, Plínio Melo, Augusto Frederico Schmidt, Menotti del Picchia, Motta Filho e Alfredo Elis como importantes para a realização do romance.

O estrangeiro foi considerado por alguns críticos, entre eles Wilson Martins¹⁸³, como o principal romance produzido no Brasil nos anos 1920. Como aponta José Eliseu de Barros, na fase inicial do modernismo, predominava a poesia.¹⁸⁴ De acordo com o próprio Salgado, o modernismo tinha grandes expressões nesta área, contudo, não havia intelectuais que produzissem obras em prosa, ou seja, romances modernistas.

Estávamos em plena revolução literária e artística. Até aquele momento, muito se discutia, mas nada ainda se havia realizado em prosa moderna. A produção do modernismo era exclusivamente poética, revelando-se em valores da estirpe de Menotti, Guilherme, Ronald, Mário de Andrade, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Tasso da Silveira, os grupos de Belo Horizonte e de Cataguazes. Os prosadores continuavam a escrever em forma e estilo velhos, embora arremetendo contra estes. Não saíra ainda um romance representativo dos anseios renovadores da geração.¹⁸⁵

Logicamente, *O estrangeiro*, para Salgado, foi a obra que iniciou a prosa dentro do modernismo, que não apenas seria o principal romance modernista, como a base da futura AIB. “Estava lançado, com ele, um grande movimento nacional, que mais tarde se corporificou na Ação Integralista Brasileira”.¹⁸⁶

De acordo com Barros, a poética futurística é a base estética nesta obra modernista de Plínio Salgado.¹⁸⁷

¹⁸² SALGADO. *Sentimentais*, op. cit. p 361-362.

¹⁸³ MARTINS, Wilson *apud* TRINDADE, op. cit., p. 62.

¹⁸⁴ BARROS, op. cit., p. 11.

¹⁸⁵ SALGADO. *Sentimentais*, op. cit. p. 368.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 373.

¹⁸⁷ BARROS, op. cit., p. 57.

No romance *O Estrangeiro* a identidade é total. A poética futurística era o modelo estético a ser seguido por Plínio Salgado em determinado momento de sua obra. Também outros modernistas brasileiros receberam forte influência da vanguarda européia que em nada se adequara ao contexto nacional onde a modernização se estabelecia.

O romance é dividido em três partes: “A terra do Saci”, “O Boitatá” e a “Cabeça da mula sem cabeça”.¹⁸⁸ Acreditamos não haver necessidade de fazer uma descrição da obra. Retiraremos apenas alguns elementos que auxiliem em nossa análise. Por esta mesma razão, nos deteremos apenas na primeira parte, pois neste momento pode-se averiguar a questão sobre a visão da brasilidade de Plínio Salgado: os problemas sociais e raciais, a oposição entre “sertão” e “litoral”, a modernidade, o nacionalismo, a religiosidade que aparece em pequenas referências, mas que está sempre presente. Ou seja, elementos do seu pensamento, que estarão na futura AIB, mas que já estão presentes de forma embrionária neste romance social.

Nesta parte, intitulada “A terra do saci”, Salgado apresenta os diversos personagens – junto com suas personalidades e elementos de sua origem social e racial.¹⁸⁹ Aqui podemos fazer uma relação com o *Saci*, figura de nossa mitologia que simboliza a congregação de várias características étnicas da composição brasileira.

No romance, o personagem central Ivan (imigrante russo) e “a figura culminante do livro”, segundo o próprio autor. Ele é a “síntese de todos os personagens. Consciência de todos os males. Ação norteada por um idealismo ‘a priori’ anulada pelos ceticismos cruéis, em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Pletora de personalidades contrastantes e incapazes”.¹⁹⁰ É através da fala de Ivan que Plínio Salgado apresenta a sua visão de sociedade:

¹⁸⁸ Cada um dos capítulos recebe o nome de uma figura da mitologia brasileira. No primeiro, o “saci”, que possui características das três raças que compõem o povo brasileiro: o indígena, o africano e o europeu. Surgiu entre os indígenas na região das Missões no Sul do Brasil, no norte do país com influência africana foi transformado em um negro que perdeu uma perna lutando capoeira, também herdou o pito, um tipo de cachimbo da cultura africana. Do europeu, herdou o píleo, uma espécie de gorro, que era usado tanto por gregos quanto romanos em solenidades. Era um símbolo de liberdade. No segundo, o “boitatá”, que seria uma cobra de fogo que protegeria as matas contra aqueles que a incendiariam, sua origem é indígena. Por fim a “mula-sem-cabeça”, representada, logicamente por uma mula sem cabeça e que relinchava e soltava fogo pelas ventas. É um mito brasileiro sem origem definida, está vinculado ao imaginário católico brasileiro, segundo o mito, se uma mulher seduzisse algum membro da Igreja Católica, principalmente padres, seria transformada nesse ser. Tipologia das lendas retiradas da enciclopédia virtual Wikipedia (www.wikipedia.org). Acessado em 16 de fevereiro de 2007, às 9h.

¹⁸⁹ Utilizamos o termo “racial” e não “étnico”, pois o autor faz questão de ressaltar as diferenças “raciais”. Ou seja, a questão racial é muito importante para o autor, por isso mantivemos o termo utilizado por ele.

¹⁹⁰ SALGADO, Plínio. *O esperado*. São Paulo: Editora Hélios, 1926, p. 8.

- As instituições americanas repousam na rocha viva dos direitos do Homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui, de encontro com as paredes de Imigração, onde há um dístico, à maneira de sentença, a encimar um arco de triunfo. E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo.

Distraía-se olhando a noite. Mas o seu pensamento voltava:

- Aqui, sem prerrogativas de nascimento, sem brasões nem escudos de armas, efetiva-se o ciclo da evolução social. O homem entra pela porta da escravidão e sai pela da opulência. E apenas os fracos sucumbirão na luta, em que se forja o Deus-Ciclope-Indivíduo.¹⁹¹

É interessante notar que nessa citação encontram-se dois pontos centrais da pregação ideológica da futura Ação Integralista: a união das raças e a miscigenação (“as paredes de Imigração”) e o “fantasma” do comunismo (“quando desabar o dilúvio russo”).

A sociedade apresentada pelo autor é composta por dois grupos raciais: o caboclo (miscigenação entre o índio, o africano e o europeu) e pelo europeu (colonos europeus e fazendeiros luso-brasileiros).

Os caboclos seriam a expressão pura da brasilidade, para Plínio Salgado, mas que estariam diminuindo e perdendo a sua identidade diante da “invasão” européia.

Ivan queria ver um caboclo autêntico. Contou-lhe um amigo que eram raros. Quase todos estavam no sertão. Poucos ficaram nas redondezas, cantando a viola, empalamados.

Alguns - pequenos agricultores, taverneiros, carregadores ou peões, exceção feita ao Zé Candinho -, andavam por ali, mas guardavam poucos traços do caboclo genuíno, ou antes, eram uma expressão inferior do caboclo.

O legítimo, esse prosseguia a sua faina, rumo das brenhas, afastando-se da onda absorvente dos estrangeiros.

Dizia exaltado, num largo gesto:

- Caboclo, Hércules em fuga, a rebentar portas de bronze!¹⁹²

Aqui podemos observar outro traço do pensamento de Salgado e que terá bastante destaque na futura AIB, a relação entre o “sertão” e o “litoral”. No primeiro, seria mantida a pureza do “espírito brasileiro”, e, no segundo, por onde chegaria a influência estrangeira, a “brasilidade” seria corrompida.

É dentro de uma perspectiva de conflito que o autor apresenta os grupos sociais que compõem a sociedade.

¹⁹¹ Ibid., p. 19.

¹⁹² Ibid., p. 29.

Seguindo essa mesma lógica, os colonos (o autor ressalta principalmente os imigrantes italianos) trariam com eles o trabalho e a modernidade. Aqui apresenta um contraponto entre o tipo imigração européia: entre a antiga e tradicional herança lusitana e a nova imigração voltada a substituir a mão-de-obra escrava. Ou seja, enquanto os fazendeiros, luso-brasileiros, garantiriam a manutenção dos valores sociais e dos velhos costumes, os italianos trariam a nova onda de modernidade. No livro, isto se faz presente através do conflito entre o “ciclo ascendente do colono (os Mandolfis [família de imigrantes italianos]) e o ciclo descendente das raças antigas (os Pantojos [tradicional família de luso-brasileiros]).”¹⁹³

Na trama, os elementos sociais e raciais entram em choque, e são apresentados através do preconceito racial: “Carminé Mandolfi [imigrante] não via com bons olhos a pretensão do Zé Candinho [caboclo]. A sua irrevelada aversão ao mameluco ficava no fundo subconsciente, entre comiseração e desprezo”.¹⁹⁴ Também pela discriminação econômica e política: “- Esses estrangeiros, concluiu, chegam aqui com uma trouxa às costas, e logo são fazendeiros, prefeitos, delegados, chefes políticos. Deprimem os brasileiros e, no caminho que vamos, não tardará o dia em que seremos súditos de Vitor Manuel”.¹⁹⁵

O conflito é resolvido através da concepção de miscigenação entre a cultura européia e a brasileira, em que Salgado, através do personagem Ivan, apresenta seu ponto de vista:

Ivan dizia a Floriano:

- Realmente, a moeda do imigrado está nas suas veias. Em compensação, os povos que assim pagam à terra o preço da vida, compram a vida eterna. Que hoje é a faixa de terra de onde partiram os navegantes de Sagres? Um casco de navio, mordido de ferrugem, que encalhou na História. Mas Portugal viverá sempre deste lado do oceano, porque se fez a eucaristia da terra bárbara.

Pantojo entrou na conversa:

- Portugal explorou o Brasil, sim senhor!

E Martinho acolitou:

- Isso, coronel! Muito bem!

Floriano explicou:

¹⁹³ Ibid., p. 7.

¹⁹⁴ Ibid., p. 72-73.

¹⁹⁵ Ibid., p. 84. A questão racial é extremamente importante no pensamento de Plínio Salgado, e isto torna-se presente ao longo do romance. É dentro dos conflitos sociais, culturais, políticos e étnicos que o autor vai delineando a sua concepção de nação e sociedade brasileira.

- O que Ivan quer dizer eu entendo: os reis portugueses levaram o ouro, mas pagaram com sangue e alma do seu povo. O proveito material...

E Ivan concluiu:

- Por isso, digo: o ideal de “italianidade” é uma ilusão de ótica dos que ficaram na Itália. E refiro-me à concepção de “italianidade” adotada por “Dante Alighieri”, que é uma instituição obcecada e impertinente. Os que aqui estão são glóbulos da Pátria Nova, em que Itália será eterna, como Portugal.¹⁹⁶

Aqui aparece uma concepção de nacionalismo, este que já havia ficado latente nas reflexões do personagem Ivan sobre o “novo” e “velho” mundo. “Pensava que, ao embarcar para a América, viesse matar a sede de liberdade que requeimava as entranhas do seu povo. Mas a liberdade no Novo Mundo era uma relação de equilíbrio, uma expressão intermédia, que não desalterava o homem secularmente comprimido pela laje do despotismo”.¹⁹⁷

Além desse nacionalismo regado pelas reflexões de Ivan, sobre o velho e novo mundo e suas ponderações sobre a miscigenação dos povos dentro da “Pátria Nova”, aqui o autor mostra o seu traço ufanista. Através do personagem Juvêncio, um professor primário, apresentado por ele no prefácio do livro como símbolo “do nacionalismo latente corporificado no mestre-escola”.¹⁹⁸ É o personagem que ensina às crianças os valores nacionais:

As crianças das Escolas Reunidas eram filhos de italianos, espanhóis, japoneses, sírios, mulatinhos espertos puxados ao português.

Cantavam o Hino Nacional e respondiam na ponta da língua, se lhes perguntavam – quem descobriu o Brasil?

- Foi o almirante português Pedro Álvares Cabral.¹⁹⁹

O mesmo Juvêncio – provavelmente um Alter Ego do escritor – emociona-se diante dos símbolos nacionais:

A bandeira flutuava – palpitante cabeleira – na ponta do caule esguio, que era um homem comprido e entusiasmado.

O gavião no alto – pinhé! Pinhé! – descrevia grandes círculos azuis. E as vozes afinadinhas:

¹⁹⁶ Ibid., p. 85-86.

¹⁹⁷ Ibid., p. 51.

¹⁹⁸ Ibid., p. 7.

¹⁹⁹ Ibid., p. 30.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante...

Juvêncio vibrava. Nem uma nota fora do compasso! Eram uníssonas, como saídas de uma só boca, de um só peito, de um só coração.²⁰⁰

Também é através deste personagem que Plínio Salgado apresenta a sua noção sobre política e os partidos políticos, muito semelhante ao que aparecerá nos escritos dele na década seguinte. Na fala de Juvêncio:

- Não é admirável o fato de não termos partidos. Não há partidos sem povo e, em São Paulo, ainda não há povo, mas elementos em combate para a fixação da coletividade tipo. Nossa consciência não se orienta ainda num sentido definitivo. Adiantamos, pois, o problema das idéias para quando tivermos resolvido o do progresso material, da organização econômica, sobretudo o do predomínio de um dos determinados cursos das correntes raciais. Precisamos de estradas, de escolas. Todo o sentimento de divergência partidária, resto do antigo caráter, que apenas provisoriamente se expressara, será antecipação desastrosa.

O romance social *O estrangeiro* marca um momento de inflexão na obra modernista de Plínio Salgado. Suas preocupações passam da produção e análise literária para um discurso que ultrapassa o âmbito das artes e assume proporções de pregação política. Ainda sob efeito desta obra, publicou *A anta e o curupira*, surgido de uma palestra que ministrou nas dependências do jornal *Correio Paulistano*. Na ocasião, recebeu de seus amigos uma placa de bronze pelo fato de ter editado o romance. No corpo do texto, vários temas que aparecem dentro da fala e das ações de seus personagens (que também eram elementos do pensamento do autor) são apresentados de forma didática, marcados pelo “pragmatismo” de Plínio Salgado. Podemos notar que o nacionalismo sobressaiu-se como elemento central, inclusive sendo o ponto inicial da palestra: “estes dias inquietantes que estamos vivendo no Brasil, exigem da nossa geração uma atitude sem precedentes. Chegou o momento de tomarmos uma resolução suprema: revestir-nos da coragem de nos confessarmos brasileiros...”.²⁰¹

Dividido em doze pontos didaticamente doutrinários, o texto abrange vários aspectos da “nacionalidade” e do “nacionalismo”, que, dentro da visão de Plínio Salgado, deveria ser o ideal a ser alcançado por todos os brasileiros. Para ele, a “Pátria”

²⁰⁰ Ibid., p. 30-31.

²⁰¹ Ver: SALGADO, Plínio. *A anta e o curupira*. In: *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol. 10, p. 31.

era uma “fatalidade humana”. Assim sendo, “quem se libertar da Pátria, fazendo desta apenas um objeto curioso de estudo, tornar-se-á o escravo mesquinho de todas as outras pátrias”.²⁰² O nacionalismo, dentro de sua concepção, era uma forma de libertação do jugo externo: “Eximidos do que chamamos ‘os prejuízos do preconceito nacionalista’ eis-nos optando pelos prejuízos de arbítrios exteriores, puramente pessoais. Somos postos à venda, a retalhos, no bazar cosmopolita”.²⁰³

A arte fica, neste texto, em segundo plano, e aparece em apenas três dos doze pontos, e, mesmo assim, utilizados para ressaltar o caráter nacionalista das artes no Brasil. “É o velho refrão, desde o ‘dadaísmo’, que a arte corresponde a um estado de espírito. Acredito que nós, brasileiros, temos o nosso estado de espírito, que não é o dadaísta. Um estado de espírito é uma forma de ambientação. Nosso ambiente tem que ser brasileiro.”²⁰⁴ Ainda, segundo ele:

Para não cairmos numa nova onda de falsa literatura, ou pesquisa literária burocrática – que é a feição predominante de grande parte da modernidade brasileira –, é necessário que nos integremos no Brasil. Pelo sentimento de brasilidade, não de patriotismo *a priori*. Esse sentimento tem raízes profundas na Nacionalidade porque provém da primeira raça que aqui viveu. O sangue negro, o português, o espanhol, o italiano, o alemão, o asiático, tudo aqui entrou, mas não o destruiu. Modificou-o para melhor.²⁰⁵

A conclusão do texto mostra o nacionalismo embrionário de Salgado em uma forma mais próxima do discurso integralista: o ufanismo, o providencialismo, o retorno às origens nacionais...

Mais do que um símbolo nacional, símbolo humano que supera a D. Quixote e todas as outras criações – o “Curupira” há de descer um dia do sertão, lá de onde está a voz que chama, acompanhado de seus milhões de pirilampos, escoltado pelas hordas das caítitus e das capivaras, montando a anta, seu cavalo e totem da raça tupi, para a invasão das cidades *e a grande revolução do pensamento nacional*, de que somos batedores, destinados ao sacrifício. Só então, será proclamada a nossa independência, já claramente esboçada, e teremos

²⁰² Ibid., p. 32.

²⁰³ Ibidem.

²⁰⁴ Ibid., p. 42.

²⁰⁵ Ibid., p. 48.

uma arte humana e universal, possuindo uma política brasileira, com raízes profundas na terra americana e na alma da Pátria.²⁰⁶

Neste trecho, podemos perceber a vinculação direta que Plínio Salgado faz entre a arte e a política. Esta relação vai acabar tomando espaço ainda maior na sua produção, e isto fica claro no manifesto *O curupira e o carão*, escrito em conjunto com Cassiano Ricardo e Menotti de Picchia. O livro é dividido em nove artigos, assinados pelos três autores. Não possuiu um elo de ligação entre os textos e, em última análise, concentra uma coletânea, cujos temas centrais são a arte e o nacionalismo, e a oposição a correntes modernistas opostas a tais ideais.

A obra foi publicada em 1927 pela editora de Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, a Editora Hélios, cujas principais publicações eram a da “Coleção Verde-Amarelo”, voltadas à divulgação de sua “visão” modernista. Em si, *O curupira e o carão* era um manifesto de oposição à corrente de Oswald de Andrade, “Pau-Brasil”, e possui um “tom” de ordem de guerra:

Em três correntes dividiu-se o grande rio [modernismo]: a de Mário de Andrade com os extremistas; a do “Pau-Brasil” importado da França por Villagaignon e lavrado por Oswald de Andrade, e a nossa Verde-amarela, que quer conter, vivas, a alma e a paisagem da Pátria. Se um espírito comum é o Deus tutelar das três igrejas, cada uma criou seu Evangelho e seu rito. A nossa está para a de Mário, como a igreja católica para a grega ortodoxa. Oswald é o heresiarca, quase huguenote, a quem reservamos uma noite de São Bartolomeu...²⁰⁷

A arte neste manifesto é o “campo de batalha” do nacionalismo e da nacionalidade. “O culto do país é uma consequência de processos inspirados num ideal muito mais superior e humano. Arte é sinceridade. Nesta sinceridade vão os tons fortes do sangue e da terra. Portanto, toda obra de arte é nacionalista”.²⁰⁸

Na obra em foco, os três autores apresentam as bases do pensamento em comum sobre o que deve ser a arte e o que é o nacionalismo. Suas oposições às correntes inimigas, principalmente no tocante a influências externas, que levariam a uma dependência de nossas artes. Aliás, é um dos temas mais recorrentes.

Nas palavras de Menotti del Picchia:

²⁰⁶ Ibid., p. 53.

²⁰⁷ PICCHIA, Menotti del; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio. *O curupira e o carão*. São Paulo: Editora Hélios, 1927, pp. 14-15.

²⁰⁸ SALGADO, Plínio. Arte brasileira. . In: PICCHIA, RICARDO, SALGADO. Op. cit., p. 41.

A nossa estética é de reação. Como tal é guerreira. O termo *futurista*, com que erradamente nos etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. Na geleira de mármore de Camarra do parnasianismo dominante, a ponta agressiva dessa proa verbal estilhaçava como um aríete. Não somos, nem nunca fomos “futuristas”. Eu pessoalmente abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é para nós, um precursor iluminado, que veneramos como um general da grande batalha da reforma, que alarga seu “front” em todo o mundo. No Brasil, não há, porém, razão lógica e social para o *futurismo ortodoxo*, porque o prestígio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade de sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo estético, repugna a jaula de uma escola. Procuramos, cada um atuar de acordo com o nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade.²⁰⁹

Para Cassiano Ricardo, haveria uma grande divisão entre as correntes nacionais e as adversárias, que sofrem influências externas, ou seja, em seu pensamento também é voltado, assim como Salgado, para a questão do “sertão” e do “litoral”.

Dentro de nossa originalidade como povo livre é que nós da taba verde-amarela procurando a melhor forma de expressão para revelar o Brasil. Os outros também, não há dúvida. Mas há uma diferença enorme de processos e de atitudes [...]. O caso, entretanto, é que eles, a começar pelo começo estão errados: olham o nosso país visto do litoral; nós procuramos olhá-lo, visto do centro. Quando querem descobrir o Brasil, metem-se a procurá-lo nos livros (os que não foram à Europa) ou vão achá-lo na “rue de la Paix” (os que passeiam a sensibilidade displicente a bordo dos transatlânticos). Ao passo que nós, quando queremos certificar-nos da nossa existência e da nossa originalidade, enveredamos pelo país a dentro [...]. Os nossos adversários são adeptos da cultura importada e das receitas de inteligência: são dadaístas, futuristas, expressionistas, cubistas, impressionistas, principalmente francesistas; nós não. O que propugnamos é a criação de uma cultura nossa, viva e intelectual. Americana e brasileiro.²¹⁰

É notório o traço de Ricardo no tocante à leitura dos adversários e a sua oposição em estilo e prática. Pelo menos é o que propunham. Como um manifesto de oposição, Oswald de Andrade é o principal adversário, e é combatido principalmente por Plínio Salgado.

²⁰⁹ PICCHIA, Menotti del. A arte moderna. In: PICCHIA, RICARDO, SALGADO. Op. cit., pp. 20-21.

²¹⁰ RICARDO, Cassiano. Originalidade ou morte. In: PICCHIA, RICARDO, SALGADO. Op. cit., pp. 47-48.

A poesia de Oswald de Andrade é muito gostosa, mas é servida à francesa. Pega daqui um elemento, pega outro, e vai fazendo pratinhos de estilo com ingredientes da terra. É fragmentária como experiências. É muito mais registro de nativismos, material que vai juntando. Há um grande mérito no Oswald. A sua pesquisa é paciente como a dos dicionários de regionalismos, de idiotismos. Essa sua ocupação deveria levá-lo para a Academia. Quando a forma brasileira se cristalizar no futuro Silogeu, ele será o patrono de uma cadeira.²¹¹

A a corrente de Salgado seria o oposto.

A nossa Academia Verde-Amarelo é constituída de espíritos anti-acadêmicos. Quer dizer que é justamente o contrário de uma academia. A primeira condição para fazer parte é não ser literato. A segunda é divergir dos companheiros, e nisto estamos todos de acordo. A terceira é mandar às favas a Europa, desde Racine a Cocteu. A quarta é ser brasileiro nato, eleitor, maior de idade [...]. Quer dizer o cidadão tem que ser brasileiro.²¹²

Nessas duas citações de Plínio Salgado, fica latente outra característica da futura AIB, uma oposição sempre marcada pela contraposição direta ao inimigo, em um embate que tem dupla função: a oposição propriamente dita e uma “demarcação de território”, através de uma definição de identidade. A este ponto voltaremos mais adiante, quando analisarmos a questão da contraposição entre aliados e inimigos integralistas.

Fica nítido em uma análise desse manifesto que a tomada de posição dentro do modernismo, para os verde-amarelos, é política e marcada por um embate ideológico nacionalista. Já está presente, não apenas nos escritos de Plínio Salgado, como em seus dois companheiros. Contudo, é Salgado quem tenta definir ou pelo menos corporificar o pensamento da corrente modernista através da vinculação entre arte e política. Aliás, é o tema central de outro de seus estudos teóricos *Literatura e Política*, de 1928.

A obra é dividida em artigos, semelhante ao *Curupira e o carão*, que não possuem uma vinculação orgânica entre eles. No texto, ele vai pregar um papel militante dos literatos na sociedade, engendrados pelo caráter nacionalista. “É fácil compreender toda a extensão das conseqüências da destruição dos ídolos literários do passado. Chegou o momento da intelectualidade brasileira influir decisivamente nos

²¹¹ SALGADO, Plínio. Carta Verdeamarela. In: PICCHIA, RICARDO, SALGADO. Op. cit., p. 74.

²¹² Ibid., p. 75.

destinos do país, como aconteceu na Rússia, com Dostoiewsky, Tolstoi, Máximo Gorki, Turgueneff, Kroprotckine [...]”²¹³

No texto, o pensamento de Salgado já está bastante cristalizado. As críticas a Oswald de Andrade e seus “comparsas” seguem o mesmo padrão de *O curupira e o carão*, entretanto, as críticas ao comunismo, ao liberalismo e ao imperialismo atingem um ponto muito semelhante ao que vai estar presente nos artigos publicados no jornal *A Razão* e na futura AIB, como podemos observar nos trechos abaixo:

Abatida a doutrina imperialista nos domínios das relações internacionais dá-se, por assim dizer, um fenômeno geológico no equilíbrio moral dos povos. A submersão de um continente de idéias políticas corresponde, na humanidade contemporânea, ao surgimento de um continente novo: instintos comerciais inconfessáveis, consolidando-se em princípios econômicos.²¹⁴

Junto às críticas ao sistema liberal baseado no sufrágio universal, apresenta suas reticências:

O sufrágio universal dá ao patrão e ao operário a faculdade de depositar, nos comícios de que saem eleitos os dirigentes e legisladores [...]. Todos são iguais. Cada voto é a “unidade”... A organização das elites dirigentes, por processos seletivos, torna-se impossível na prática, em consequência do preconceito democrático da igualdade de direitos. Origina-se desse fato, nova burla, que tende a agravar-se cada vez mais, à proporção que os idealistas utópicos, fundamentados no princípio da Revolução Francesa. [...]. A igualdade dos direitos políticos é o controle da liberdade num sentido meramente teórico, liberdade essa abandonada às suas próprias leis existenciais, nas contingências pragmáticas da vida econômica.²¹⁵

Ainda sobre o liberalismo: “Que rumo devem seguir os países novos, como o Brasil? Se pretendemos empreender a defesa da democracia, em face das prementes realidades econômicas dos povos, devemos colocar o problema sob o ponto de vista retardatário do liberalismo dos nossos partidos oposicionistas?”²¹⁶

A pergunta surge diante de dois “problemas”, pela lógica de Salgado, para os males europeus, que afligiriam os povos americanos: “fascismo” e “comunismo”.

²¹³ SALGADO, Plínio. Literatura e política. In: *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1957?, vol. 19, p. 30.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 62.

²¹⁵ *Ibid.*, pp. 62-63.

²¹⁶ *Ibid.*, pp. 64-65.

“Aparecem duas tisanas para as doenças da Europa; o comunismo e o fascismo. Ambos materialistas, decretam a falência da democracia: ou triunfa o imperialismo econômico baseado no ‘nacionalismo’, no ‘fascismo’, na ‘ditadura militar’; ou vence o imperialismo político da Terceira Internacional”.²¹⁷ O que é de se ressaltar deste trecho é o fato de o fascismo ser apresentado como uma vertente do materialismo e vinculado ao imperialismo. Nota-se, aqui, que o futuro líder da AIB ainda não está convencido das “benesses” do fascismo, que virá apenas com a sua viagem à Europa, três anos mais tarde, contudo, a sua leitura sobre o comunismo segue o mesmo padrão da década seguinte.

Neste momento, faremos algumas ponderações sobre a produção modernista de Plínio Salgado. Antes ressaltamos que não faríamos uma leitura da obra *O esperado*, devido ao fato de os elementos que achamos necessários da obra já estão presentes nos seus demais escritos. Também não faremos uma leitura neste momento de *O cavaleiro de Itararé*, terceiro volume da trilogia denominada pelo autor de “Crônicas da vida brasileira”, pois só foi lançado durante o período de vigência da AIB, no ano de 1937 e o seu caráter modernista se perde diante do fato de ser uma obra utilizada com objetivo de glorificar a imagem do seu progenitor, enquanto líder de um movimento político.²¹⁸

Em primeiro lugar, destacamos o fato de vários elementos do movimento integralista já se fazerem presentes no pensamento de Salgado nos anos de 1920. Isto fica evidente em uma leitura mais aprofundada de seus textos. Em segundo, dentro da mesma leitura, fica manifesto que não são estes os elementos fundamentais para o lançamento da AIB. Falta o elemento aglutinador no seu pensamento, pois virá apenas na década seguinte, na viagem que Salgado fez à Europa, onde conhecerá a experiência fascista. Neste ponto concordamos plenamente com Héglio Trindade, que desde os anos 1970 afirma que o fascismo é o elemento central para a AIB.

Aqui tomamos uma posição que, talvez, seja um pouco controversa, porque acreditamos que os pontos básicos da formação política de Salgado, que vão surgindo tanto na sua formação jornalística quanto literária, entram em anacronismo com a sua própria atuação política. Por que afirmamos isto? Vamos nos prender a uma leitura pontual dos elementos básicos que surgem em seu pensamento na década de 1920: aversão ao liberalismo e ao sistema político partidário; antiimperialismo (anti-

²¹⁷ Ibid., p. 64.

²¹⁸ Plínio Salgado utiliza pela primeira vez o termo “Crônicas da vida brasileira” no prefácio de *O esperado* em 1931 e anuncia que seria uma trilogia, que se concluiria com *O cavaleiro de Itararé*.

capitalismo naquilo que se refere ao ingresso de capital externo, mas não apresenta críticas ao capitalismo nacional); apelo religioso; anticomunismo e antimaterialismo, e principalmente um nacionalismo ufanista, exacerbado e também xenofóbico, oposição entre “sertão” e “litoral”.

Não seriam anacrônicos, se Salgado não estivesse imerso dentro da estrutura liberal do Partido Republicano Paulista (PRP) e que toda a sua produção se devesse aos contatos que fez (igual a Menotti e Ricardo) como redator do órgão oficial do PRP. Ou seja, as idéias que ele defendia eram exatamente opostas àquelas que ele, enquanto funcionário do Partido, era obrigado a aceitar. Igualmente devemos levar em conta que Plínio Salgado chegou a se eleger deputado estadual pela agremiação, e não nos anos iniciais de sua formação, mas sim no período entre 1928 e 1930, momento que observamos em sua produção intelectual com pensamento já está bastante “amadurecido”. Como explicar que um membro do principal partido, vinculado a mais poderosa oligarquia do país, fosse contra o liberalismo e o sistema partidário? Como entender que um membro do partido que garantia a manutenção de sua força na supervalorização do seu produto (café) em detrimento de toda a produção das outras unidades da federação, fosse um ferrenho nacionalista?

Aí encontramos o anacronismo, na oposição entre discurso e prática. Pelo menos nos anos de 1920. Já na década seguinte, devido ao declínio das oligarquias, com a Revolução de 1930, e sua experiência com o fascismo, ele entra em um consenso entre sua atuação e pensamento, através do jornal *A Razão*, que analisaremos adiante.

Finalizando, gostaríamos apenas de salientar que não podemos afirmar que o integralismo já estava gestado apenas na produção literária e jornalística na década de 1920. Eles são fundamentais, sem os quais a AIB não existiria, mas é o caráter fascista da década seguinte que vai dar uma coesão ao pensamento de Plínio Salgado.²¹⁹

²¹⁹ No pós-guerra, os integralistas fizeram de tudo para desvincular a antiga AIB com o fascismo. Para tanto tentaram “reconstruir” a imagem do antigo movimento, buscando “compreender” os elementos “nacionais” do pensamento de Salgado e a suas influências de autores brasileiros. Assim, se apegavam aos escritos da década de 1920, em que alguns dos elementos da futura AIB já se faziam presentes, e reeditavam textos publicados no período da AIB retirando ou reescrevendo trechos em que apareciam a citações que pudessem ser compreendidas como fascistas. Ou seja, tentavam apagar o principal elo de ligação do movimento integralista, o seu caráter fascista.

2.4. O jornal *A Razão*: o útero para a criação de uma ideologia²²⁰

Quando começamos a nos preocupar com a imprensa produzida pelo movimento integralista, ainda nos tempos do nosso mestrado, alguns pontos nos chamaram a atenção: a grande quantidade de periódicos editados pelo movimento e, paradoxalmente, a pequena (ou quase inexistência) de estudos sobre o tema; a importância destinada à imprensa dentro do integralismo e o fato de o próprio movimento ter surgido através de um jornal, *A Razão*. Como vimos no primeiro capítulo, foi este órgão que permitiu a Plínio Salgado arregimentar intelectuais para a posterior criação da SEP, e por consequência, a AIB.

O jornal foi fundado por Alfredo Egídio de Souza Aranha, amigo de longa data de Plínio Salgado e antigo patrão.²²¹ Como aponta Hélgio Trindade, Aranha já havia financiado a viagem de Salgado à Europa em 1930, como preceptor de seu filho.²²² Nas palavras do próprio Salgado:

Foi em 1931 que apareceu *A Razão*, jornal nacionalista, fundado pelo meu amigo Alfredo Egídio de Souza Aranha, que me convidou para redigi-lo com San Tiago Dantas, Mário Graciotti, Nuto Sant’Anna, Gabriel de Barros e José Maria Machado.²²³

As principais “cabeças” do jornal eram os redatores Salgado e San Tiago Dantas. Sendo que o primeiro ficava responsável pela principal coluna do periódico, chamada *Nota Política*, que ficava sempre na terceira página e tinha uma função de editorial²²⁴, embora não recebesse tal denominação. “Escrevi trezentos artigos doutrinários, até o dia

²²⁰ Analisaremos aqui apenas os editoriais de Plínio Salgado, presentes na coluna “Nota Política” e não nos preocuparemos, agora, em analisar a diagramação geral do jornal *A Razão*. No capítulo seguinte faremos uma discussão histórica da imprensa integralista, que segue um padrão, semelhante ao deste jornal, pois deixaremos para discutir a diagramação nesta parte. Também gostaríamos de revelar que discutiremos a produção intelectual e o pensamento político de Salgado – temas bastante controversos em termos atuais –, o leitor não deve confundir com o nosso posicionamento político.

²²¹ Quando Salgado se demitiu do *Correio Paulistano* na década de 1920, foi empregado no escritório de advocacia de Alfredo Aranha, que também era um grande empresário paulista.

²²² TRINDADE, op. cit., p. 88.

²²³ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. op. cit., p. 22.

²²⁴ Por “editorial” utilizamos o verbete de BAHIA, Juarez. *Jornal História e Técnica*, Santos: Livraria Martins Editora, 1967, pp. 160-161. “Parente literário do ensaio, o editorial é no jornal, no rádio e na televisão a palavra do editor, a opinião do veículo. Antigamente esta opinião de artigo-de-fundo ou comentário. Artigo-de-fundo ou comentário, era o ponto de vista do editor, a versão do proprietário, o pensamento do jornal. [...] O editorial é, a um só tempo, uma notícia informativa e opinativa. É ainda a notícia interpretativa, se o objetivo é dar à opinião a segurança e o cunho de persuasão. Assim, pode-se compreender o editorial como a notícia mais qualificada do jornal, ou pelo menos aquela que fere frontalmente o foro íntimo do veículo e tem irrecorrigivelmente uma mensagem a transmitir ao leitor”.

em que o jornal foi destruído e incendiado [...]. Nunca assinei esses escritos, pois meu desejo era que as idéias valessem por si mesmas, conservando-se o autor na mais completa obscuridade”.²²⁵

O jornal *A Razão* não chegou a ter um ano de existência, mas o seu papel foi fundamental para Plínio Salgado através da coluna “Nota Política”, estabelecer as bases ideológicas da futura AIB.

Desde o primeiro texto, sob o título de “Erros de hoje, perigos de amanhã”, Salgado esclarece qual é a função da sua coluna:

No Brasil, não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos, ao iniciar a discussão dos problemas que este momento nos suscita, declarar, como base de nossa orientação segura, que – não há interesses estaduais, diante dos supremos interesses nacionais. Colocando-nos neste ponto de vista de nacionalismo integral, é que iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira. Nesta nota diária, iremos traçar a linha de um pensamento político, procurando marcar os rumos que nos parecem mais acertados às nossas condições e necessidades.²²⁶

Nesses textos, publicados no seu espaço diário, podemos notar que ele constrói a base ideológica da futura AIB. Vários pontos básicos são explorados, como a sua aversão ao liberalismo e ao pluripartidarismo, sua oposição aos regionalismos e a defesa de um nacionalismo e centralismo, sua simpatia por regimes fortes e ditatoriais convergentes em sua simpatia pelo fascismo, seu ódio ao comunismo, sua religiosidade, etc. Pontos que discutiremos mais adiante.

Agora, objetivamente, vamos trabalhar com a noção de imprensa presente nos textos de Plínio Salgado. Em alguns textos da “Nota Política” ele se dedica a analisar o que deve e o que não deve ser a imprensa e o papel dos jornalistas na sociedade brasileira da época.

No texto “Responsabilidades de imprensa”, analisa o jornalismo enquanto empresa, que começava a se expandir através do mundo ocidental. A imprensa dentro desta lógica perderia a sua função “formativa” para assumir um caráter puramente

²²⁵ Ibid., pp. 22-23.

²²⁶ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3. Hélió Trindade também cita esse trecho ao analisar o jornal. Ver TRINDADE, op. cit., p. 89.

“informativo”. E enquanto um objeto informativo se tornaria um produto de consumo da sociedade liberal.

O tipo de imprensa moderna, expressão exata da civilização burguesa, é o jornal de Emile de Girardin. O jornal de informação. A indústria da publicidade. A comercialização dos assuntos.

O fato é a matéria prima por excelência. A técnica jornalística consiste em condicionar o fato segundo as preferências do consumo. E, como a procura, no mercado, varia com a própria evolução da sociedade, a fisionomia do jornal tem de ir-se adaptando aos impositivos da praça.

O aperfeiçoamento das máquinas de composição e de impressão, a facilidade dos meios de transporte, das comunicações telefônicas e telegráficas, das viagens terrestres, marítimas e aéreas, tornaram o jornal a mercadoria de consumo imediato e essa posição especial no mercado veio tirar à imprensa do nosso século o caráter fundamental de doutrina, que era a sua feição geral antes das rotativas.²²⁷

Dentro da visão antiliberal do futuro líder integralista, a imprensa, enquanto “produto”, era fruto do pensamento que apenas visaria ao lucro imediato. Emile Girardin, apresentado como um exemplo de todos os demais liberais, seria retratado como um indivíduo vil, que não veria nada além do lucro.

Em 1875, apareceram os “jornais tipos” da época, com o “Petit Parisien”. E o “jornalista-tipo” que é o próprio Girardin.

Homem sem convicções, negociista, de atitudes políticas várias, agitador de opinião, Girardin conhecia o artigo que comerciava e que ele definia dizendo: “... agora, a mercadoria vale 75 francos por 100 quilos; amanhã, ela valerá quanto muito 6 francos e 75 cêntimos”.

Ele compreendia o interesse instantâneo e a vida de relâmpago do jornal. E, industrial, comerciante, político sem convicções, tratou de criar a “imprensa mercadoria”, cuja matéria prima e custo de produção, incluía mão de obra intelectual e gráfica, ocasionariam um prejuízo efetivo na venda, para que o grande lucro viesse pela receita da sua publicidade.²²⁸

Além disto, a informação como mercadoria do sistema liberal, seria um objeto vendido de acordo com os interesses publicitários e financeiros.

A publicidade, base do lucro, passou a ir ampliando seu raio de ação, interessando o comércio e a indústria, abrangendo as classes, captando os partidos políticos e, finalmente, os governos.

²²⁷ Responsabilidades da Imprensa. In: *A Razão*: São Paulo, 10/7/1931, p. 3.

²²⁸ *Ibidem*.

E os grandes clientes da “publicidade”, por sua vez, começaram a influir na feição da própria mercadoria. O jornal passou a ser, conseqüentemente, situado, entre as exigências dos consumidores, os interesses de publicidade, e os próprios interesses do seu aperfeiçoamento.²²⁹

Este fenômeno também estaria acontecendo no Brasil, com a substituição dos antigos jornais por um novo tipo. Estaria assim, perdendo o seu caráter doutrinário em detrimento do lucro fácil, que seria o objeto de desejo dos liberais.

No Brasil de tempos para cá, é que estamos vendo surgirem os jornais do padrão de Emile Girardin. Mesmo a velha imprensa se vai adaptando às exigências do progresso. As nossas folhas precisam explorar a matéria-prima “fato”. Precisam criar meios de interessar a apatia do mercado consumidor. E, como nem sempre a publicidade se desenvolve de sorte a oferecer fabulosos lucros, e sendo o jornal “uma indústria”, com finalidade de “indústria”, eles precisam buscar em outras fontes, que lhes alteram a opinião e a fisionomia, os elementos de vida próspera.

Perde, desse modo, a imprensa brasileira, o seu caráter doutrinário, a sua função de orientar a opinião pública segundo determinados princípios. E, não havendo aqui possibilidades comerciais que se oferecem aos jornais de finalidade meramente industrial, em outros países, muitos jornais vivem aqui a vida precária das subvenções de partidos, dos estipêndios de governos, das propinas e das grandes companhias e sindicatos estrangeiros, realizando o grande sonho de Girardin, apenas a face mais dolorosa.²³⁰

Nota-se aqui a crítica pesada ao liberalismo, de transformar qualquer produção em indústria e qualquer atividade em lucro. “Lucro *versus* doutrina”, esta pode ser considerada uma das principais bases da oposição de Salgado aos jornais tidos por ele de “liberais”, que seriam sempre vinculados aos interesses econômicos e financeiros de determinados grupos, muitas vezes a serviço do capital estrangeiro. Tal visão “liberal” era tida como o oposto daquilo que deveria ser uma imprensa “sadia”, tendo por objetivo primordial guiar a população brasileira no caminho da construção de um nacionalismo.

No Brasil, diferente dos países desenvolvidos, não haveria condições para uma imprensa nos moldes liberais, pois em tais estados a população já teria condições de separar o “joio do trigo”, enquanto a brasileira ainda não.

²²⁹ Ibidem.

²³⁰ Ibidem.

Nos países politicamente organizados, como os Estados Unidos, a Inglaterra e França, justifica-se até certo ponto, a “grande imprensa de informação”, a mercadoria consumida num relâmpago. A opinião lá está coordenada em partidos políticos de programa definidos. Para a educação da parte mais estudiosa, existem revistas especializadas, que discutem todos os problemas. Os livros circulam com grande facilidade. Há institutos de educação, de cultura. Realizam-se freqüentemente cursos, conferências. As assembléias dos partidos são caracterizados pela discussão de idéias. Os parlamentos agitam questões de interesse nacional. Tudo está definido. Todos conhecem as suas posições, nos partidos, nas correntes de idéias.

No Brasil não temos nada disso. Os partidos não orientam, os intelectuais se afastam do contato com o vulgo. Os livros circulam com dificuldade pela falta de organização editorial, pela dificuldade dos meios de transporte e as revistas mesmo vivem uma vida de sacrifício.

Fazer do jornal uma indústria num país como esse é um erro das piores conseqüências para a Nação. Quando não há partidos que orientem a massa popular, é a imprensa que cabe orientar.²³¹

Podemos observar neste texto de Salgado algumas características que estarão presentes na futura Ação Integralista Brasileira: um partido de organização nacional, voltado à doutrinação da população em um “norte” nacionalista, utilizando assim uma organização de imprensa ideológica, além de toda uma produção teórica de obras para a construção de um *corpus* político e social. Ou seja, o que veremos mais tarde no movimento integralista é um projeto que já estava cristalizado em Salgado no jornal *A Razão*.

Desta forma, podemos notar que, para o autor, a população brasileira não estava preparada para a imprensa informativa. Se analisarmos em conjunto com outro texto publicado por ele na “Nota Política”, percebemos qual era a sua visão sobre a sociedade brasileira. Seria um “povo criança” incapaz de pensar por si mesmo e que deveria ser guiado por órgãos de formação. Nota-se a sua visão pessimista em contraponto com o seu nacionalismo exacerbado.

Somos ainda um povo muito rudimentar. Quase primário. Confundimos cultura com erudição; pensamento com literatura; política com politicagem; governo com administração; estadista com técnico especializado; inteligência com esperteza; valentia com crueldade; honestidade com timidez; coerência doutrinária com

²³¹ Ibidem.

partidária; fidelidade a princípios com fidelidade a pessoas; e nenhuma atitude é compreendida sem que se origine de algum interesse pessoal.

Nós somos um país, mas não somos uma nação. Somos um povo, mas não somos uma coletividade. Concebemos idéias parciais, não abrangemos idéias gerais. Possuímos apenas a capacidade de ver as causas imediatistas, muito concretas, muito superficiais. Os fatos nos surpreendem porque nunca os esperamos, não contamos com eles, nunca pensamos na sua possibilidade [...]. O brasileiro tem o temor de que o julguem um homem sem personalidade. É que a sua personalidade não é bastante profunda para discernir. É uma personalidade superficial infantil, caprichosa, cheia de arestas. Daí a grande confusão nacional. Daí a dificuldade para se conduzir as massas brasileiras. Daí o clarão de relâmpago dos “heróis”. Nossos heróis vivem apenas algumas semanas. Alguns morrem, mal pronunciam algumas palavras.²³²

Mas, faltaria apenas a orientação para o povo brasileiro, alguém que o guiasse.

Não lancemos nossa condenação sobre esse povo, fundamentalmente bom, mas sem nenhuma capacidade de realização, porque ainda é um povo criança, que espera pelo seu Messias, como um menino confia na guarda e na proteção de um adulto.

Esse povo ainda pode vir a ser alguma coisa muito grande e muito séria na Humanidade. Ao seu messianismo que se polariza na figura legendária do “herói”, respondamos com o messianismo fundado na realidade, nos fatos positivos do processo histórico, e que deve esperar, sem apelar para o acaso, mas aguardando das próprias forças da população brasileira, não do homem-herói, mas a Nação Heróica. Saibamos conduzir, na sua complexidade, na sua confusão, com a soma de seus defeitos e incapacidades do momento, sem lhe mentir com falsos liberalismos e hipócritas atitudes demagógicas, o povo brasileiro para um grande destino.²³³

Logicamente, esta condução caberia à imprensa “sadia”. Aquela que levaria o país à glória. No entanto, embora a sociedade brasileira não estivesse preparada para a imprensa liberal, de acordo com a visão de Salgado, pela incapacidade do povo, era o modo como estava sendo organizado o jornalismo brasileiro. Entretanto, deveria haver uma reformulação, a criação de uma nova imprensa, que “cumprisse” o verdadeiro papel social.

²³² O povo criança. In: *A Razão*: São Paulo, 16/7/1931, p. 3.

²³³ *Ibidem*.

Façamos jornais de informação, mas não nos esqueçamos de que a imprensa, no Brasil, tem uma responsabilidade muito maior do que nos outros países, pois a opinião está desorganizada e desorientada. Aqui a imprensa é o que se convencionou “o quarto poder”. E, num regime de exceção, em que subsistem apenas o Executivo e o Judiciário, a imprensa está exercendo a função de Parlamento. [...]. Assuma o seu papel. Discuta idéias. Oriente a opinião. Seja uma força. Provoque movimentos. Salve o país da dúvida em que está. E, quando divergirem uns jornais dos outros, não seja por motivos de ordem pessoal, mas de pura doutrina. Não demos um exemplo deplorável ao povo, já tão desorientado e sem guias. Cumpramos o papel que nos compete. Com gravíssima responsabilidade que nos pesa e a consciência suprema do dever.²³⁴

Sendo assim, propõe como forma de atuação da imprensa no Brasil um modo alternativo de “quarto poder”, que não levasse em consideração a opinião pública, muito menos vigiasse a atuação dos poderes de governo, mas que dirigisse as mentes da população e a partir daí controlasse o próprio Estado. Assim, acredita que a imprensa no Brasil tinha de seguir os moldes de uma imprensa formativa, diferente da liberal: “precisamos ver surgir no Brasil numerosos órgãos de doutrina. Do tipo ‘*L’action Française*’, do ‘*Il Popolo d’Italia*’, da fase de organização do fascismo”.²³⁵ Ou seja, uma imprensa doutrinária, cujo objetivo não seria o lucro e sim a doutrinação da população em uma série de valores sociais, políticos, culturais e econômicos, embasados em uma doutrina nacionalista.

Pois em todos os países – e basta citar a Itália e a França, de onde conhecemos admiráveis mensários ou semanários de alta cultura – em que a revista desempenha um papel notável junto às classes intelectuais, vivem órgãos de imprensa, destinados ao grande público, que encaminham todas as questões para um plano elevado. E essa deve ser a missão da imprensa. A de educadora das massas. A de fixadora de direções. Cumpre à imprensa no Brasil assumir uma atitude a altura do nosso momento histórico.²³⁶

²³⁴ Responsabilidades da imprensa. op. cit. O autor se refere ao “quarto poder”, uma concepção clássica da imprensa chamada liberal. Em uma sociedade dividida em Executivo, Legislativo e Judiciário, a imprensa surgiria como um poder de fiscalização da sociedade sobre os outros três poderes estatais. Desvinculada do Estado, o “quarto poder” representaria as aspirações da população e também com capacidade de influência sobre as decisões dos demais poderes. Logicamente, essa concepção não leva em consideração toda uma discussão sobre objetividade e subjetividade da imprensa, ou seja, os interesses políticos, econômicos, culturais e sociais dos grupos que financiam os jornais. Além de considerar a imprensa “neutra”.

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ A imprensa no Brasil. In: *A Razão*: São Paulo, 19/9/1931, p. 3.

Para Plínio Salgado, a imprensa seria a responsável pela construção de uma concepção nacional e identidade nacionalista, através da formação da população e do controle, por meio deste jornalismo, da opinião pública. Em resumo, a imprensa teria um duplo papel, teorizar a ideologia, e, a partir daí, doutrinar a população. Como aponta o próprio Salgado: “É à imprensa que compete teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-lo às claras definições e às atitudes nítidas e fortes”.²³⁷

Dentro de tal lógica, o jornal *A Razão* será o instrumento político que lhe permitirá conceber uma ideologia nos moldes fascistas e através dela arregimentar seguidores. É deste jornal que surgirá o primeiro movimento de massas organizado nacionalmente no Brasil. E pelo discurso presente na coluna de Plínio Salgado, podemos chegar à conclusão de que este era o seu objetivo, ao assumir o papel de liderança dentro do periódico (mesmo que ele não fosse, objetivamente, o dono do jornal).

Tal experiência é fundamental, pois a imprensa, dentro do movimento, tornar-se-á um dos principais pilares para a difusão da ideologia integralista. Para tanto, avultamos: dentro de toda a estrutura interna do movimento, a imprensa será um dos principais mecanismos de cooptação social e também de propaganda política, como também a sua importância vai se fazer presente na concepção política da AIB, através do atrelamento entre Estado e Imprensa, que se incorpora com o passar do tempo na ideologia, o que discutiremos mais adiante.

No momento, porém, precisamos esclarecer a importância que a imprensa possui para Plínio Salgado, e que será fundamental para a organização da AIB e da rede de jornais criada através dela, seguindo os moldes do jornal *A Razão*.

Abaixo discutiremos alguns elementos presentes na coluna “Nota Política” de Plínio Salgado e que se farão presentes na futura AIB.

2.4.1. Nota Política: uma coluna nacionalista

Ao analisarmos os textos publicados por Salgado na “Nota Política” podemos perceber como grande objetivo a criação de um novo modelo político, ou, até mesmo, fixar as bases para uma nova ideologia. Ao longo desses textos, podemos notar como

²³⁷ Ibidem.

Salgado começa a dar forma ao que viria a ser a futura AIB, pelo menos do ponto de vista ideológico, além da delimitação daquilo que deveria ser um Estado, que mais tarde se cristalizará na noção de “Estado Integral”. Também podemos observar, neste momento os pontos básicos do integralismo que são gestados: o nacionalismo (que já estava presente no pensamento “salgadiano” nos anos 1920), a oposição ao sistema pluripartidário, ao regionalismo, o antiliberalismo, o anticomunismo, o anticapitalismo, a simpatia pelo fascismo e a opção pelo sistema corporativo, críticas à Revolução de 1930, etc.

Em sua coluna diária, estabelece o embrião do integralismo. Entretanto, devemos levar em consideração que nos textos não encontramos o autor organizando pontos em um pensamento único, coerente e pontualmente delineado. Contudo, podemos notar vários elementos trabalhados por ele na coluna, já estando num estágio muito semelhante ao que vai constar posteriormente no *Manifesto de Outubro*. Assim, podemos asseverar que Plínio Salgado vai construir o integralismo dentro de sua leitura sobre o quadro político nacional apresentada à sociedade na “Nota Política”. Como observamos, a visão de Salgado vai sofrendo mudanças entre os anos 1920 até o princípio dos 1930 (entre a sua concepção de passado nacional [político, cultural, econômico e social] e o que deveria ser feito para “criar” um novo futuro).

Dentro da coluna editorial, verificamos como vão surgindo os pontos básicos da doutrina. Abaixo analisaremos alguns deles, através de exemplos retirados da “Nota Política”.

2.4.1.1. Materialismo e Espiritualismo

A dicotomia entre o “bem” e o “mal” é uma questão de extrema importância na produção política de Plínio Salgado. De forma didática servia para “guiar” o leitor (não devemos esquecer que para ele a missão da imprensa era “formar” e não “informar”) para chegar ao caminho certo, logicamente seria aquele delineado por ele.

Duas forças antagônicas estariam disputando a supremacia no mundo contemporâneo: materialismo e espiritualismo.

A questão social do mundo contemporâneo está colocada em termos claros, precisos, que não admitem dúvidas nas posições intermediárias. A solução do problema do homem e da sociedade dependerá de uma das duas únicas concepções existenciais: a tese

materialista e a tese espiritualista. O exatário do experimentalismo científico e suas conclusões econômicas; e o conceito da sociedade como expressão de uma finalidade extraterrena. O homem, objetivando o homem; e o homem dirigindo-se ao sobrenatural. Ou a matéria precede o espírito; ou o espírito precede a matéria. Ou há uma soma de direitos; ou uma síntese de deveres. Daí a idéia de uma sociedade que se fundamenta em uma ordem exclusivamente econômica; e a de uma sociedade que se estrutura sob a inspiração de que o homem é um ser complexo, com outras aspirações superiores, além das de ordem puramente material.²³⁸

Diante dos dois caminhos, os povos teriam que fazer uma opção entre qual deveriam seguir, pois não haveria espaço para posições intermediárias.

A política dos povos tem hoje de se definir em face de duas correntes:

- a que condiciona o homem e a sociedade a uma finalidade espiritual;
- a que subordina o indivíduo e a coletividade a uma finalidade exclusivamente material.

No primeiro caso, temos a concepção religiosa da existência; as expressões do Estado Cristão, ou do Estado oriundo de uma doutrina extraterrena, extramaterial, que toma a Economia apenas como um meio e não como um fim.

No segundo caso, temos o conceito naturalista da vida, as expressões do regime capitalista ou do regime comunista.²³⁹

A base do materialismo seria uma concepção individualista da vida. A sociedade estaria se estruturando, desde a Revolução Francesa, com vistas ao indivíduo e não mais de acordo com os princípios morais, familiares e religiosos. A Revolução Industrial teria acelerado este processo, no qual os homens buscariam apenas conquistas pessoais e nada mais. Isto teria levado, paulatinamente, a uma desorganização da sociedade ocidental e cristã.

Nessa fase de desorganização completa da sociedade, o homem se transforma numa máquina cruel. Não tem mais coração. A vida íntima desaparece. Ao lar se sucede o clube. E nem há profundos afetos no lar, como não há mais amizades verdadeiras nos clubes. Todos giram em torno de interesses. Os homens não se amam mais. Toleram-se, para tornar suportável a vida. E como o individualismo tomou um vulto formidável, os atritos são permanentes. Isso enfada o homem da sociedade, que é obrigado a manter a sua linha. Pois a boa linha é ainda uma vaidade. De sorte que se cria uma nova espécie de recalque, de contrariedades contínuas.²⁴⁰

²³⁸ Sociólogos medíocres. In: *A Razão*: São Paulo, 11/8/1931, p. 3.

²³⁹ Posição social-democrata. In: *A Razão*: São Paulo, 29/9/1931, p. 3.

²⁴⁰ A tristeza contemporânea. In: *A Razão*: São Paulo, 3/10/1931, p. 3.

O pensamento individualista teria chegado a se tornar o pensamento corrente do final do século XIX.

No século passado, Nietzsche clamava que o cristianismo era triste e imprimia um sentido de tristeza à vida do homem, quando este deveria ser alegre e forte. Todo o materialismo do século XIX começou a repetir essa sentença. Sim: o que entristecia a humanidade eram os preconceitos. O gênero humano estava encarcerado. O amor não era livre. O gênio não era livre. O *homo sapiens* era um mísero animal amarrado por mil cadeias. Cumpria libertá-lo, para que ele fosse feliz. Todo o fim do século XIX foi um movimento nesse sentido: de arrancar o homem da tristeza do cristianismo.²⁴¹

Para Salgado, essa adoção de materialismo como base de vida das sociedades seria a principal deficiência da cultura moderna.

Não há dúvida que toda cultura, hoje em dia, obedece a um programa nivelado por interesses materiais, com aproveitamento imediato e fins meramente práticos. Perdeu-se o sentimento espiritualista e de cultura. Parece que ninguém admite mais um critério de elevação, independente e livre das contingências ambientes, a necessidade de elevar-se, de atingir sempre mais alto na escala ascensional.²⁴²

Esta tendência contemporânea estaria colocando em risco toda uma concepção espiritual, ameaçando todas as sociedades baseadas nestes preceitos.

Essa infelizmente, vista e exposta em síntese perfeita, é a síntese da cultura contemporânea. O materialismo utilitário submergiu todas as manifestações do pensamento, revestindo de espessa e grosseira crosta a ciência e a arte, até mesmo a religião.

A vida espiritual, no que ela representa de concentração sobre si mesma, de iluminação interna, de visão superior as vicissitudes transitórias da vida, extinguiu-se ou vai secando rapidamente as suas fontes.²⁴³

Diante deste grande perigo que assombraria os povos, apenas uma reação das forças nacionais, baseadas em preceitos morais e religiosos, poderia salvar o mundo ocidental dos perigos materialistas. E assim estabelecendo as bases de Estados comprometidos com aquilo que seria a verdadeira liberdade para Plínio Salgado, a do “espírito”.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² A cultura espiritual. In: *A Razão*: São Paulo, 11/11/1931, p. 3.

²⁴³ Ibidem.

Dentro da dicotomia entre o “bem” e o “mal”, é que se processaria uma das bases de seu pensamento: todos aqueles indivíduos, movimentos, grupos, governos, etc., considerados aliados representariam o espiritualismo, e todos aqueles considerados inimigos, seriam expressões do materialismo. Não haveria meio termo entre os dois pólos.

2.4.1.2. O pluripartidarismo e regionalismos

Embora o pluripartidarismo seja uma característica das sociedades liberais e democráticas (pelo menos em tese), Salgado credita ao pluripartidarismo quase um caráter de ideologia. A aversão ao sistema pluripartidário está presente em uma quantidade considerável dos textos da “Nota Política”, principalmente nos seus primeiros três meses – sempre sendo referenciado, mesmo que de forma sintética.

Seria um problema que viria se arrastando desde o período imperial, e que teria chegado ao seu ápice com a República.

As contrastantes expressões da fisionomia social brasileira, reveladas já nas longas décadas do Império, sob o disfarce de um lineamento político mais ou menos nítido, porém artificial, que define o traçado histórico do nosso regime parlamentar, agravaram-se com a República e vieram, após quarenta anos, chocar a visão dos que se tinham habituado à apreciação, apenas, de uma ordem de fenômenos puramente exteriores da Nacionalidade.²⁴⁴

Entretanto, o sistema pluripartidário não era o problema em si, mas abria espaço para os regionalismos, ou seja, a pulverização do poder central, diante das forças regionais. No Império, havia dois partidos nacionais, que ao menos não interfeririam no centralismo político.

Se o Império praticou o parlamentarismo inglês, que representava uma expressão falsa do grau de desenvolvimento de nossa cultura política, ele, pelo menos, agia numa época em que a tese política podia perfeitamente predominar sobre o tema econômico. Desse modo, num país que vinha da tradição colonial, habituado a operar todos os seus movimentos em torno da Metrópole, a Monarquia criou uma política de transitoriedade, expressiva da fase de nossa longa organização econômica, forçando os dois partidos a gravitarem em torno do trono. Isso não deixou de concorrer, de certa forma para manter a unidade nacional: os partidos liberal e conservador, captando todas as

²⁴⁴ Erros de hoje, perigos de amanhã, op. cit., p. 3

atividades políticas disponíveis, não deixavam resíduos para a formação de blocos regionais.²⁴⁵

Contudo, com o implemento da República ocorreu o advento dos partidos regionais, acabando com o centralismo e colocando as oligarquias no poder.

A República criou os partidos estaduais e, dentro destes, os partidos municipais. Os partidos estaduais girando em torno do poder central, no qual iam haurir forças para melhor manifestar o seu caráter essencialmente regional. Os partidos municipais giravam em torno do poder estadual, na disputa das posições locais. Num mesmo município havia sempre dois partidos, ambos subservientes ao presidente do Estado. De sorte que todos os adversários se fundiam na expressão estadual. E esta fazia as manobras para a conquista da hegemonia na federação. E assim foi sempre a política na República.²⁴⁶

Isso redundaria em vários problemas, entre eles a perda do caráter político do povo brasileiro.

Esse processo de fazer a política foi eminentemente anticultural. Foi profundamente antinacional. Foi radicalmente prejudicial à formação do caráter do povo brasileiro.

O povo brasileiro perdeu o caráter político, a força de acompanhar essa orientação degradante, que ia buscar o prestígio dos partidos nos homens do Poder. Se tudo, na Nação era interesse do Estado, nada mais natural que tudo, no Estado, fosse o interesse na zona; como na zona o interesse do município, no município o interesse da família dominante.

Dessa organização das forças de opinião civil, resultaram os conchavos, as transações de toda a natureza, o desbriamento mais completo.²⁴⁷

Os partidos, dentro da visão de Salgado, teriam levado o país à decadência e o povo à inércia. No vazio de poder e incapacidade popular, haveria a necessidade de uma nova consciência e uma nova organização, que destoasse da antiga estrutura, e, também, que fosse nacional, e não regional, mas que não cometesse os mesmos erros do Império. “Aí está o país numa situação transitória, SEM UMA FISIONOMIA JURÍDICA PRÓPRIA. Temos de modelar as feições novas da República. Temos de consultar as

²⁴⁵ Os partidos na República. In: *A Razão*: São Paulo, 18/6/1931, p. 3.

²⁴⁶ A inércia dos partidos e o medo dos partidos. In: *A Razão*: São Paulo, 27/6/1931, p. 3.

²⁴⁷ *Ibidem*.

realidades nacionais e fundar nela a nossa organização, a nossa expressão política. O povo está desorientado”.²⁴⁸

Assim Salgado inicia a sua preocupação com a formação de um novo modelo político. E dentro da coluna “Nota Política” vai pregar não apenas contra os partidos como a ideologia que estaria por detrás desta organização político-partidária regional: o liberalismo.

2.4.1.3. O antiliberalismo

Uma análise da coluna “Nota Política” nos remete a dois grandes inimigos da sociedade brasileira, de acordo com Plínio Salgado. O primeiro e mais imediato seria o liberalismo, que estaria arraigado na sociedade desde antes da República, e teria o seu ápice na “era das oligarquias” (1889-1930). O segundo seria o comunismo, uma ameaça que era tida como iminente, mas que atingiria o Brasil a médio e longo prazo. “Diante desse quadro geral do Brasil, quadro doloroso, assistimos a Nação desarmada daquilo que seria a sua maior força (o sentimento nacionalista) e sob a ameaça dos dois imperialismos: o de Moscou e o de Nova Iorque”.²⁴⁹

O liberalismo, ou a liberal democracia, nesta fase de maturação ideológica pré-AIB, representa tudo aquilo que Salgado mais execrava e também o que considerava a causa da ruína do povo brasileiro. Para ele, o Estado liberal colocava sempre os interesses de pequenos grupos dominantes acima dos nacionais, opondo-se assim a uma idéia de conjunto, de nacionalidade, porque o coletivo nacional jamais estaria em primeiro plano no liberalismo.

Essas classes, justamente por serem lideradas pelos comerciantes e industriais (entre os quais podemos incluir os fazendeiros que moram nas cidades) não podem ter, dada a natureza das suas atividades, um sentimento de Pátria. A sua preocupação tem um caráter de individualismo que internacionaliza todos os sentimentos. O sentimento do comércio é internacionalista. E ainda quando haja atitudes isoladas que pareçam contradizer essa regra, é preciso considerá-las como expressões de impulsos que não vieram precisamente do “espírito comercial”.²⁵⁰

²⁴⁸ Ibidem.

²⁴⁹ O pavoroso diagnóstico. In: *A Razão*: São Paulo, 12/7/1931, p. 3.

²⁵⁰ Ibidem.

Seria calcada no individualismo, ou seja, nos interesses de grupos em oposição a um conceito de nação. “E portanto um regime de dissolução política (e portanto, de liberdade como ideal) e não de concentração política (e de deficiência como ideal) como é o sistema das massas, do povo, como entidade coletiva, como classe popular propriamente dita”.²⁵¹ Este individualismo levaria a um processo de “oligarquização” da sociedade dentro de um Estado liberal democrata.

A democracia liberal, portanto, converteu-se, praticamente, em um processo de oligarquia, quer política, quer financeira. Entre a plutocracia e a demagogia, tem oscilado os regimes políticos burgueses e a reação que alguns procuram fazer contra isso coincide com a decadência política da democracia liberal, que a burguesia julgou ser o regime ideal e definitivo para o governo das sociedades humanas.²⁵²

A democracia liberal, na visão de Salgado, seria um governo de minorias, contudo, minorias incapazes de serem os líderes de uma nação.

O verdadeiro estado político burguês, por conseqüência, tem sido, de fato, um governo de minorias, mas não de minorias qualitativamente superiores, e, ao contrário quase sempre expressivas de grande mediocridade. Não são as minorias qualitativas que geralmente triunfam, e sim as minorias oligárquicas, ocasionais ou tradicionais.²⁵³

Essa minoria oligárquica controlaria o Estado liberal, baseando sua ação pelo lucro, e assim, levaria a uma dissolução moral dos costumes sociais da população. Representaria um duplo perigo, o de colocar os interesses individuais acima dos coletivos e também a uma desestruturação da base moral da sociedade. Desta forma, levaria a uma paulatina perda de identidade nacional por parte da população.

Essa lei da maioria numérica ocasional desligada de toda a finalidade moral (como seria uma organização cristã), ou social (como seria uma organização marxista) – esse anti-finalismo político da burguesia, além de converter a democracia sonhada numa oligarquia real, introduz na sociedade o germe da dissociação perigoso: o amoralismo político e jurídico. As constituições políticas passam a ser simples reflexos de uma soberania popular desligada de todo dever moral e simplesmente guiada por caprichos da vontade ou pelo utilitarismo das circunstâncias. E por sua vez o direito, base de todas as relações de justiça entre os indivíduos na sociedade, passa apenas a ser um reflexo de costumes e dos tempos, e sobretudo, da ordem econômica,

²⁵¹ Oligarquismo político. In: *A Razão*: São Paulo, 19/12/1931, p. 3.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ *Ibidem*.

sem nenhuma referência às normas morais inflexíveis a que se deve submeter.²⁵⁴

O Estado liberal democrático, embasado nesses preceitos individualistas, comandados por uma minoria, seria o entrave para a criação de um “Brasil Integral”. Para Salgado, “a marcha do liberalismo democrático é a expansão máxima do individualismo, conseqüentemente o caminho inevitável da desagregação social em relação à ‘unidade integral’”.²⁵⁵ Dentro de sua visão, o cidadão seria encarado como uma expressão política, um objeto a ser manipulado pelo governo liberal. Por sua vez, este “cidadão, baseado no velho critério da Revolução Francesa, vê no Estado, apenas o representante comum dos indivíduos do país, nas relações exteriores, assim como o provedor das necessidades relativas aos serviços públicos, nas suas relações de ordem interna, com a sociedade nacional”.²⁵⁶ Este Estado estaria embasado na “soberania nacional”, que seria o sufrágio universal. Mas com o sistema liberal, controlado pelos interesses individuais, quem comandaria seriam os grupos dominantes, e a população apenas teria a ilusão de participação política.

O sufrágio universal foi a grande ilusão com que a burguesia triunfante com a Revolução Francesa embriagou a massa dos oprimidos. O Estado liberal democrático é o regime, por excelência, dos plutocratas, dos que podem exercer à revelia do Poder Político, a sua preponderância. Abandonando o Estado as forças vivas do trabalho, da produção ao controle exclusivo dos detentores do capital, ele próprio se enfraqueceu, dia a dia, ficando à margem dos grandes problemas que desafiam a sociedade.

A sua própria base fundamental, o sufrágio, foi ferida de morte pela pressão irresistível dos imperativos da luta pelo pão, que transferiu, dentro da democracia, o direito do voto à necessidade corrosiva do estômago. Os chefes de serviços, os capitães da indústria, os diretores de monopólios, de *trusts*, os grandes latifundiários, os superiores hierárquicos, passaram a ser os grandes eleitores do regime democrático. E não haverá nenhum processo de voto que corrija esse vício, originado da fatalidade da completa desorganização social e econômica em que o Estado liberal deixa o cidadão.²⁵⁷

A preocupação de Plínio Salgado com a democracia liberal era tão grande que dedicou dentro da sua coluna uma coleção de textos específicos sobre o tema, chamada “Federação e sufrágio”, que teve vinte e três edições, entre janeiro e fevereiro de 1932.

²⁵⁴ Ibidem.

²⁵⁵ Federação e sufrágio (XIII). In: *A Razão*: São Paulo, 17/1/1932, p. 3.

²⁵⁶ O cidadão e o Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 17/7/1931, p. 3.

²⁵⁷ Ibidem.

Para se ter uma noção, foi a maior coleção sobre um mesmo título/tema em seu espaço editorial.

Dentro de sua lógica de pensamento, “Federalismo” e “Sufrágio” seriam os dois principais erros do liberalismo no Brasil, onde o primeiro marcaria a descentralização e a falta de coesão interna; o segundo garantiria o controle das oligarquias sobre a nação a partir de politicagem e de interesses de grupos regionais.

Tendo por início um discurso de posse do ministro da Justiça Maurício Cardoso, que assumia no lugar de Oswaldo Aranha, ele estrutura sua leitura sobre o tema:

O sr. Maurício Cardoso insinua no seu discurso que não devemos nos esquecer, na elaboração da nossa futura carta constitucional, duas conquistas do nosso liberalismo: o Sufrágio e a Federação. Eis aí dois assuntos que não podem ser resolvidos, como se diz, vulgarmente, dos pés pelas mãos. Eles envolvem toda a base em que repousará a estabilidade das nossas instituições, a segurança dos governos, a paz da família brasileira, a sinceridade das leis em consonância com as realidades do país.

Dizer vagamente “federação” e “sufrágio” é repetir os erros da República Velha, que, afinal de contas, sustentava essas duas teses e fazia mesmo delas seus pontos capitais.

Com “federação” e “sufrágio” chegamos nós à Revolução de 1930, tendo vindo por caminhos ásperos e dolorosos de desilusões e sofrimentos. Essas palavras precisam encontrar os precisos termos de sua tradução prática. Não podem ser jogadas assim a esmo como fez o sr. Maurício Cardoso.²⁵⁸

Das relações políticas dos governadores na República Velha teria vindo a ruína do país e que teria acarretado na Revolução de 1930. Ou seja, desta “federação” de interesses regionais, calcados na corrupção das eleições e da troca de favores entre os governos regionais frente ao central.

A maneira como Campos Sales ordenou as forças eleitorais do país, para lançar a candidatura Rodrigues Alves, revela o sentido da política brasileira, que a Federação veio criar o que a sua continuidade veio agravar. Foi naquele instante que o presidente paulista lançou o primeiro punhado de pólvora, cujo acúmulo deveria explodir em 1930. Estava lançada a política dos Governadores, que seria o rastilho para o predomínio de vinte sátrapas, que iriam dispor discricionariamente das forças eleitorais dos seus Estados.

Esses sátrapas acompanhariam os colegas que dispusessem dos maiores núcleos de populações votantes e o presidente da República requestaria a amizade e a aliança dos mais fortes.

Dessa maneira o chefe da nação perdia em autoridade o que adquiria em arbítrio e prepotência. Os excessos e abusos dos presidentes da

²⁵⁸ Federação e sufrágio (I). In: *A Razão*: São Paulo, 2/1/1932, p. 3.

República se originavam dos interesses dos presidentes de Estado aos quais eles se achavam ligados.²⁵⁹

Disto redundariam todos os problemas da República Velha e que ameaçariam retornar ao país, caso o governo revolucionário optasse pelo modelo federativo e baseado no sufrágio universal.

Pois o maior de todos os erros que correm atualmente é o que afirma provirem todos os nossos males do excesso de poder do Chefe da Nação. Os males atribuídos ao nosso pobre presidencialismo sempre tiveram suas origens exatamente na fraqueza da autoridade central da República, que se via forçada a ligar-se aos presidentes de Estado mais fortes, transgredindo as leis, para lhes favorecer. E nisso residia a sua força: uma força que não provinha da lógica das leis, mas do império do capricho e do desrespeito às leis. Manter a Federação como nós a entendemos e praticamos é conservar os mesmos planos políticos que a Revolução de Outubro encontrou no país. É esse porventura o mais difícil de todos os problemas a serem resolvidos no Brasil.²⁶⁰

A partir deste texto, o autor retorna ao período imperial para analisar as atitudes políticas liberais que iriam se repetindo até chegar na República. Em vários dias aborda esta questão. Como não é o nosso objetivo esgotar a discussão, vamos apenas apresentar um pequeno resumo: as ações dos liberais no período imperial teriam paulatinamente corroído o centralismo político nacional, abrindo espaços para as oligarquias. Este pensamento liberal não apenas teria se arraigado na sociedade como também teria sido a base da ação das oligarquias durante a República. Toda a ação estaria embasada no manifesto do Partido Liberal, de 1869.

Salgado apresenta e comenta cada um dos pontos do manifesto. Interessante ver a vinculação que o autor faz entre a atuação dos liberais imperiais com os da década de 1930. Outro fato importante é a clara aversão dele a esses pontos, através dos seus comentários. (Ver Anexo I)

Como não poderia deixar de fora, Salgado analisa o sufrágio universal, considerado por ele “o cavalo de batalha da ala mais avançada dos liberais”.²⁶¹ Assim, o voto, dentro de sua concepção, o liberalismo não traria a liberdade aos indivíduos viverem em sociedade, e seria apenas uma forma de controle e domínio por parte dos mais ricos sobre os mais fortes.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ Ibidem.

²⁶¹ Federação e sufrágio (XXIV). In: *A Razão*: São Paulo, 30/1/1932, p. 3.

O conjunto de eleitores nas liberais democracias constituem massas amorfas, à mercê de forças exteriores, de oportunidades, da exploração de sentimentos que não dizem respeito ao indivíduo essencial, considerado no seu tríplice aspecto: de agente econômico da produção; de contribuinte interessado na administração pública; e de entidade moral e espiritual.

Essas massas amorfas são trabalhadas pelos aventureiros ou pelos políticos profissionais; agem quase sempre sem consciência das realidades; deixam-se levar pela onda das paixões; tornam-se elementos perigosos dos grandes desmoronamentos nacionais.

No Brasil, o sufrágio universal produziu tão péssimas conseqüências que só os loucos ou os cegos pela ambição partidária ou pelas aventuras pessoais podem insistir em desejá-lo.²⁶²

Na conclusão desta série “Federação e sufrágio”, coloca o liberalismo como um pensamento retrógrado e fadado à destruição diante das duas forças que dominariam o mundo: a extrema esquerda e a extrema direita. De um lado, o comunismo e, do outro, o fascismo.

O mundo contemporâneo não admite senão duas interpretações dos destinos da sociedade. Ou ficamos com a tese de Karl Marx e adotamos o princípio do materialismo histórico e o processo de revolução social; ou ficamos na extrema direita, afirmando que o homem e a sociedade objetivam, através das contingências econômicas ideais superiores, de natureza intelectual, moral e espiritual.²⁶³

Para ele, o liberalismo seria um dos caminhos para se chegar à extrema esquerda.

Se ficamos na extrema esquerda, podemos usar dos processos liberais democráticos como simples instrumentos de uma evolução fatal que os golpes imprevistos poderão precipitar. Se aceitamos, em todas as suas conseqüências, o desenvolvimento, no campo da sociologia e da política, dos princípios do experimentalismo científico, traduzido no pragmatismo teórico que, em última análise, se reduz a um empirismo cego, então nesse caso, é melhor que arranquemos as mascaras, rasguemos a nossa bandeira, ridicularizemos o hino nacional, declaremos o Brasil uma simples província em perspectiva do imperialismo russo.²⁶⁴

Salgado apresenta o liberalismo como o grande responsável pelos problemas da sociedade, contudo, o sistema liberal enquanto estrutura política, estava fadado ao

²⁶² Federação e sufrágio (XXII). In: *A Razão*: São Paulo, 28/1/1932, p. 3

²⁶³ Federação e sufrágio (XXVII - conclusão). In: *A Razão*: São Paulo, 3/2/1932, p. 3.

²⁶⁴ *Ibidem*.

fracasso diante das duas grandes forças que considerava preponderantes no século XX: o comunismo (uma espécie de sucedâneo do liberalismo enquanto materialismo) e a reação das forças nacionais, o fascismo (que seria uma resposta espiritualista às forças materialistas). Dos “escombros” do liberalismo, surgiria a guerra que colocaria frente a frente materialismo e espiritualismo.

2.4.1.4. Anticapitalismo

Antes de analisarmos o comunismo, gostaríamos de nos prender ao capitalismo. Seria aquele que permitiria a ação do liberalismo, de um lado, e, do outro, abriria espaços aos comunistas.

O capitalismo teria sido a força propulsora das forças materialistas através do individualismo, baseado na busca pelo lucro. A ambição levaria ao crescimento, não do homem, mas de um desenvolvimento material, que ao invés de gerar benefícios, criaria desigualdades entre os grupos sociais que compõem as sociedades. Como pode ser visto no trecho a seguir:

Crescem cidades tentaculares. Os arranha-céus galgam as nuvens. As fábricas multiplicam as suas chaminés. A máquina começa a expulsar as nuvens das usinas. O homem começa a morrer de fome nas ruas. A fome gera a revolta e o ódio. O trabalho humano passa a ser uma mercadoria. Perde a sua dignidade. O operário se transforma num autômato. O capitalista noutro autômato. E essa civilização vem incrementar toda a sorte de egoísmo. Tudo se resolve com dinheiro. Sentimento, afeto, honra, elevação moral, nada valem. Quanto tendes, quanto vale, nada tendes, nada vales. O exibicionismo da riqueza atinge ao auge. A ostentação dos ricos torna-se o insulto dos pobres. O insulto e a opressão. E os pobres também aninham no seu coração a cólera surda, a inveja, o egoísmo. É Satan que governa o mundo.²⁶⁵

Salgado muitas vezes apresenta uma vinculação entre capitalismo e comunismo, como expressões do materialismo. É comum ver nesses textos, ao tratar do capitalismo, citar o comunismo (mas raramente encontramos o contrário, textos sobre o “credo vermelho” comparando-o com o “credo do capital”). Como podemos conferir no exemplo abaixo:

A tese do capitalismo é tão execrável como a do comunismo. Ambas se fundam na grosseira finalidade da material da existência. Em geral,

²⁶⁵ A tristeza contemporânea. op. cit.

o capitalista não crê em Deus e não tem coração para avaliar as necessidades físicas, morais e intelectuais daqueles que a contingência dos planos sociais em que vivemos coloca sob seu domínio. O proletariado, também é ateu, e aprende de própria indiferença moral dos ricos, no livro aberto de uma sociedade materializada, a lição da impiedade, da crueldade em face do seu semelhante. [...]

A mentalidade capitalista e a proletária equivalem-se. São ambas materialistas. Ambas cruéis.²⁶⁶

Da oposição dessas duas mentalidades cruéis levaria aos conflitos de classe, dentro do próprio sistema. Porém, o capitalismo seria o mais fraco, acabaria por ser dominado pelo comunismo. “E como o capitalismo é o mais frágil por ser o mais insincero, mais contraditório, mais imbecil, nas suas atitudes, acabará por dominar o comunismo”. Por isto, deveria ser travado o combate ao capitalismo para evitar que ele permitisse o domínio comunista sobre as sociedades ocidentais.

Ao mesmo tempo, para ele, o capitalismo, diferente do comunismo, poderia ser “domesticado” e utilizado para servir aos interesses nacionais. Ver trecho a seguir:

Temos que criar uma concepção de Estado na altura das circunstâncias. Que resolva a situação do operário, em face do capitalismo. Que imprima ao capital uma finalidade nacional e o subordine a um processo de evolução compatível com os interesses sociais e nacionais. Que situe a autonomia dos Estados, de sorte a evitar choques permanentes entre as ambições regionalistas na política nacional. Que imprima uma orientação segura aos interesses da economia brasileira e ao decoro da Nação. Um Estado baseado na realidade.²⁶⁷

2.4.1.5. Anticomunismo

Como vimos no ponto anterior, o liberalismo em decadência abriria espaços para o comunismo, de um lado, mas por outro, estava cedendo para o fascismo. O comunismo, assim, ascenderia como principal inimigo a ser combatido. A diferença fundamental é que o liberalismo seria uma “colcha de retalhos”, sem uma base doutrinária definida, cujo único objetivo era o lucro, e, assim, sem coesão, pois cada pequeno grupo tentaria defender os seus interesses, colocando-os sempre acima dos coletivos. Por este motivo, as forças espiritualistas facilmente derrubariam o liberalismo. Em relação ao comunismo era diferente, pois estaria embasado em uma

²⁶⁶ A questão social. In: *A Razão*: São Paulo, 11/7/1931, p. 3.

²⁶⁷ *Ibidem*.

doutrina política bem definida, cuja prática sempre se embasaria nesses princípios. Assim, o comunismo, para Salgado, era o inimigo primordial.

A revolução Russa, por exemplo, ainda em marcha, tem duas feições, a teórica e a prática. Os princípios de Marx e de Lenine são mantidos, como espinha dorsal do regime; tudo o mais são as formas que condicionam o desenvolvimento desses princípios. Quando triunfou o bolchevismo, Lenine compreendeu que era necessário fazer uma espécie de captação das forças nacionais e, ao mesmo tempo, dar possibilidades de estabilidade ao Estado Russo, afim de que dentro dele se fosse processando a revolução marxista. Isto não significa que os dirigentes da Revolução não saibam para onde devem ir. As divergências hoje naquele país existem em relação aos processos. Os debates entre Stalin e Trotski não é no tocante aos princípios, em que ambos estão de acordo. Existe o esquema doutrinário. Pode-se mesmo dizer que, de certo ponto de vista, o bolchevismo é um regime reacionário. E é reacionário justamente porque pretende pôr peias ao desenvolvimento normal da sociedade capitalista, condicionando-a no Estado. Por um lado, precipita a evolução social, transpondo estágios econômicos para chegar a forma adiantada do capitalismo de Estado; por outro paralisa o movimento de perpétua transformação a que obedece o senso materialista da evolução histórica, para cristalizar formas sociais prefixadas. Seja lá como for, o próprio comunismo traçou um programa, e tanto o traçou que possui uma constituição como qualquer país.²⁶⁸

No trecho acima, podemos notar que dentro da perspectiva do autor, mesmo as divergências internas no comunismo não abalariam a sua ação, pois estaria sedimentada em uma base doutrinária sólida (diferente do liberalismo). Além disto, o comunismo cresceria por dentro do sistema liberal, aproveitando-se de todas as suas falhas, para atingir o seu objetivo primordial de dominação mundial.

Tal postura torna-se evidente quando analisamos o texto “Do liberalismo ao comunismo”, em que Salgado apresenta a sua leitura de como o liberalismo abria espaços ao comunismo. Partindo de acontecimentos ocorridos na Espanha e usados como exemplo para demonstrar a sua posição.

A situação dos regimes de índole liberal-democrática é verdadeiramente insustentável em face das realidades contemporâneas. Ainda ontem num artigo publicado por esta folha, o Sr. Azaña, atual chefe do governo espanhol, incumbiu-se de assumir

²⁶⁸ Teoria e prática das revoluções (III). In: *A Razão*: São Paulo, 25/12/1931, p. 3.

uma atitude tragicômica, que caracteriza a mentalidade de todos os democratas. [...]

O Sr. Azaña substituiu o Sr. Alcalá Zamora, por não merecer esta a confiança dos partidos de extrema esquerda. Aquele sorriso otimista do presidente democrático, que afirmava, em resposta às observações dos próceres conservadores da Europa, achar-se o seu país imunizado contra os excessos extremistas, não podia satisfazer as alas vanguardistas do socialismo espanhol. No meio da confusão dos espíritos, após a proclamação da República, os responsáveis por esta conseguiram fazer triunfar, como expressão da soberania popular da Espanha, as mentalidades medíocres, que serviriam de pára-choques entre as pressões das esquerdas e a resistência das direitas parlamentares.²⁶⁹

Dentro de toda a insegurança do regime democrático espanhol, embasado nos preceitos do liberalismo, as forças esquerdistas estariam agindo livremente, colocando em caos toda a sociedade, desde a queda da monarquia (aqui notamos que o autor pretendia estabelecer um elo entre os acontecimentos espanhóis e os brasileiros, “abrindo os olhos” dos seus leitores para o “fantasma do comunista”). Dos grupos de esquerda, os comunistas se sobressairiam devido ao fato de ter uma doutrina a ser seguida (e aqui retornamos ao fato de os comunistas possuírem uma base doutrinária e os liberais não).

Cumprir acentuar que as correntes esquerdistas da Espanha possuem uma variada coloração, que vai dos liberais democratas, aos sindicalistas e anarco-sindicalistas, todas as forças manobradas pela superior inteligência e critério científico dos comunistas, que conhecem muito mais o sentido dos movimentos dialéticos das revoluções do que os líricos esquerdistas mascarados de liberalismo e de agnosticismo, que constituem a água de flores de laranjeiras, que jamais conseguiu aplacar a superexcitação nervosa das massas populares.²⁷⁰

A Espanha no momento em que deveria fazer a escolha entre uma das duas doutrinas que dominariam o século XX, comunismo e fascismo, e afastando-se definitivamente do liberalismo decadente, estava fazendo exatamente o contrário, seguia o caminho liberal.

²⁶⁹ Do liberalismo ao comunismo. In: *A Razão*: São Paulo, 2/12/1931, p. 3.

²⁷⁰ *Ibidem*.

A Espanha, pois, em pleno século em que os povos mais civilizados estão discutindo noutra terreno, isto é, tratando de decidir aí deverão marchar definitivamente para o conservadorismo, para o Estado Integral, ou para o esquerdismo, para o Estado Econômico, parcial, que toma o homem e a sociedade, apenas sob aspecto de seus interesses materiais, a Espanha neste século de fortes realidades, tomou a posição que os outros países já tomaram há mais de cinquenta anos, e da qual estão hoje se retirando: a posição agnóstica, do liberalismo sem finalidade definitiva.²⁷¹

O caso espanhol servia de exemplo para que o Brasil, saído de uma revolução que havia deposto as oligarquias e retirado-as do poder, não retornasse ao caminho do liberalismo. Também, quando estivesse diante da escolha entre materialismo e espiritualismo, deveria seguir a segunda.

Outra diferença fundamental que encontramos na leitura de Salgado sobre liberalismo e comunismo é no tocante aos indivíduos que seguem as duas ideologias. Os comunistas eram vistos como adversários mais valorosos do que os liberais, pois a sua ação estaria pautada em princípios doutrinários, enquanto os liberais teriam por objetivo apenas o lucro. Como podemos observar quando dedica uma de suas colunas a Luiz Carlos Prestes:

A figura de Luiz Carlos Prestes é dessas tão vigorosas, tão marcadamente varonis, que não se compreende que possam os adversários das idéias que ele prega agir com escrúpulos sentimentais [...].

Ninguém, no Brasil, pode agora dizer que está possivelmente iludido por ele, que o acompanha sem saber porque. Ele não é mais uma ameaça vaga. Para os marxistas, é uma esperança nítida, concreta; para os adversários dessas idéias, é o perigo, também nítido, concreto. Para uns, é o amigo, que não ilude; para outros, o inimigo, de viseira erguida. É, enfim, um homem. É uma figura respeitável, que não se deve tratar com sofismas e subterfúgios, com benevolências e benefícios magnânimos. Esta atitude da parte de seus julgadores não está de acordo com a estatura de Luiz Carlos Prestes.

Os grandes homens como Prestes, não admitem situações intermediárias. Ele não é um medíocre: é uma afirmação integral de caráter e varonilidade, que deve ser tratado, também, com afirmações integrais.²⁷²

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² Força contra força. In: *A Razão*: São Paulo, 8/8/1931, p. 3.

Apesar de vistos com respeito e combatidos pelos espiritualistas de forma aguerrida, os comunistas deviam ser temidos, embora seguissem princípios norteadores; estes não seriam embasados em valores morais, nacionais e religiosos, o que fazia deles, dentro da visão de Salgado, inimigos perigosíssimos. Os comunistas tanto por suas características quanto por suas qualidades, como forma de atuação, estariam se inserindo na sociedade, dentro das próprias brechas abertas pela sociedade liberal. Porquanto o comunismo era o “temporal” que estaria se aproximando.

Enquanto se processa o jogo dos partidos e as comadres confabulam, ora armando conspirações, ora armando o castelo de cartas das alianças e dos corrilhos, o temporal se aproxima. Com a velha casa desmantelada, a política brasileira oferece a impressão de um estalar de vigas e traves, prenunciando o irremediável desmoronamento de uma sociedade corrompida. E a onda vermelha caminha, inexoravelmente. Caminha como um castigo sobre um país onde os responsáveis pelos destinos da Pátria perderam o senso do sadio nacionalismo.²⁷³

Uma análise nos textos da “Nota Política” nos mostra que para o autor, o comunismo estaria se espalhando da mesma forma em todas as sociedades ocidentais, ainda organizadas nos moldes liberais (como no caso espanhol), seguindo uma mesma matriz: a URSS.

Na Rússia foi assim, e sucumbiram todos os partidos. E aqui também poderá acontecer a mesma coisa, pois ninguém ignora o vulto que vem tomando ultimamente na consciência das classes proletárias, da própria burguesia, da pequena burguesia principalmente, e até no espírito dos militares, a fascinação do credo vermelho.

Enquanto os partidos discutem, aproxima-se mais Carlos Prestes, e estabelece ligações com elementos que convivem com esses próprios partidos. Ursos e renas, amigos de agora, adversários de amanhã, serão devorados pelas vagas.²⁷⁴

Em resumo, o comunismo seria a expressão máxima do materialismo, o grande mal a ser combatido. Para enfrentar esta ameaça que se colocava diante das nações ocidentais, apenas uma reação nacional e espiritual poderia fazer frente. Diante disto, o

²⁷³ A marcha dos “icebergs”. In: *A Razão*: São Paulo, 21/4/1932, p. 3.

²⁷⁴ *Ibidem*.

fascismo e outras “soluções nacionalistas” eram a resposta espiritualista para evitar a “maré vermelha” que estaria corroendo a sociedade ocidental.

Assim sendo, Plínio Salgado estabelecia as bases de sua ação política, justificando como uma resposta nacionalista ao liberalismo em decadência e ao comunismo ascendente.

2.4.1.6. Fascismo, nacionalismo, integralismo e o Estado Integral

Plínio Salgado perguntou aos seus leitores “Para onde vamos?”, em determinado momento. “Para uma república democrática parlamentar? Para um regime republicano presidencialista? Para o fascismo, para o comunismo? Para um regime unitário ou para um sistema federativo? Para uma orientação socialista, ou um rumo capitalista? Para o liberalismo agnóstico, ou para o confessionalismo? [...] Para onde vamos?”²⁷⁵ Esta pergunta baseava-se de um lado pela indecisão ideológica do Governo Provisório de Vargas, e do outro pelo fato do autor preparar as bases de um “novo” modelo político, através das páginas do jornal *A Razão*.

Para ele, a luta entre materialismo e espiritualismo, corporificada pela oposição entre comunismo e os regimes nacionalistas, estaria baseada não em democracias, mas em regimes de força, ditaduras. O mundo “moderno” não admitiria situações intermediárias.

A Europa nos oferece hoje três tipos de ditadura. Todos os três fundamentados num conceito muito claro, muito definido de Estado. Todos os três justificando doutrinariamente a soma de poderes que se enfaixem nas mãos do Ditador.

Essas três expressões do governo são: a Rússia, a Itália; e Portugal. Entre as duas últimas estão as ditaduras mais ou menos assemelhadas de outros países. Todas, entretanto, com base ideológica. Todas criando um alicerce em que se esteiam as leis emanadas do Chefe da Nação, isto é, a concepção de Estado e do Governo.

Já Benito Mussolini afirmou, e é verdade, que não se compreende um povo que viva sem um estatuto consubstanciador do pensamento político que o dirige. E, realmente, assim é. Por isso todas as ditaduras dos países civilizados se apóiam hoje em dia num corpo de idéias mediante o qual são apreciados todos os problemas de ordem política e técnica.²⁷⁶

²⁷⁵ Teoria e prática das revoluções (III). op. cit.

²⁷⁶ Tipos de ditaduras. *A Razão*: São Paulo, 1/9/1931, p. 3.

A força comunista só poderia ser combatida pelo nacionalismo. Estas forças deveriam ser regidas por uma liderança competente, sendo este um líder que fosse o representante de todos os valores sociais, morais e religiosos (no caso nacionalista), e, portanto, respeitado dentro de um princípio de disciplina (princípio da hierarquia – culto ao líder).

O fascismo italiano teria sido a primeira reação das forças nacionais contra as forças do materialismo. Para Salgado, a Itália era uma nação que inspirava e devia ser um exemplo a ser seguido. Este país, sob o “manto” do fascismo, corporificava em si as glórias do passado romano, tanto espirituais quanto materiais, e com isto abria as perspectivas para o futuro.

Nunca se falou tanto nas glórias passadas de Roma que na Itália renascente do fascismo. Os monumentos daquelas eras foram restaurados. O teatro grego ressurgiu em grandes festas nacionais. No Coliseu foi celebrada a glória do cristianismo. As escavações se multiplicaram, os lagos foram esvaziados, para se descobrirem os vestígios da civilização romana, fonte eterna de energia da nacionalidade. As comemorações de Dante empolgam o país. E quem viajar pela península itálica encontrará, em cada cidade, o culto amoroso, apaixonado das tradições. Até nos festejos populares são restauradas a indumentária e as cerimônias de séculos atrás. É que um povo só é forte quando tem a consciência de sua grandeza passada.

A partir do exemplo italiano, começariam a surgir em outros países as reações nacionais às forças nacionalistas. Como era o caso português, que seria muito semelhante ao caso brasileiro (dentro da visão de Salgado).

A República Portuguesa esgotou-se no delírio do liberalismo, que multiplicou as revoluções, as intencas, as desordens; que fez deflagrar no seio do parlamento todas as competições estreitas dos partidarismos sem idéias nem programas; que alienou a política pessoal e caudilhesca e que terminou pela instabilidade de todos os governos. O sistema parlamentar, num país sem correntes de opinião nitidamente definidas segundo pensamentos doutrinários exatos, só pode redundar num tumulto de idéias, na baixa do nível intelectual das assembléias nacionais. Pouco a pouco, Portugal foi chegando à mesma situação a que havíamos chegado no Brasil, de lutas eleitorais em torno de interesses locais e distritais.²⁷⁷

Contudo, através de um regime de força, Portugal tinha conseguido se livrar dos problemas que também assolariam o povo brasileiro.

²⁷⁷ Democracia e nacionalismo. In: *A Razão*: São Paulo, 12/12/1931, p. 3.

Mas não faltou à gloriosa nação o grande instinto que salva os povos superiores nos momentos críticos da sua história. E quando todo o mundo vai sendo solapado pelo “mal da liberdade”, que aproveita aos fortes e aos exploradores das crises, em detrimento do princípio da autoridade nacional e das massas trabalhadoras, operou-se na terra dos nossos maiores um movimento de saúde e de energia. A ditadura Carmona começou a realizar o seu plano de salvação nacional. E o sr. Oliveira Salazar iniciou a sua obra notável de reconstrução econômico-financeira.²⁷⁸

Outro exemplo seria a Alemanha com a ascensão do nacional socialismo, superando o liberalismo da República de Weimer e opondo-se abertamente ao comunismo. Para o autor,

Entre esses dois campos de tendências da humanidade de hoje, está a corrente intermediária, que é o nacional socialismo. Nesta corrente, é traçada ao homem, não somente uma finalidade espiritual, nem uma finalidade material, mas uma finalidade nacional [...]. O nacional socialismo, desde que mantenha firmemente o seu papel de integração de todas as forças nacionais no Estado, tende a harmonizar a situação econômica dos povos com a sua finalidade espiritual. E é por isso que quer fazer do Estado a síntese das realidades econômicas, religiosas, culturais e artísticas. O Estado, para o nacionalismo bem compreendido, é um instrumento de expressão dos elementos essenciais constitutivos dos povos.²⁷⁹

Entender o nacionalismo citado no trecho, como em muitos outros, é fundamental para compreender o pensamento de Plínio Salgado. Em nossa pesquisa na “Nota Política” não encontramos em nenhum momento a afirmação de que o Brasil deveria se tornar fascista, nacional-socialista, etc., ou adotar qualquer modelo de outro país. Contudo, notamos que ele busca inspiração nestes modelos, para propor a sua solução aos problemas nacionais. Estes, que seriam resolvidos apenas através de uma saída nacionalista. Não estar atrelado a nenhuma ideologia externa (como era o caso dos comunistas) e, ao mesmo tempo, ser mais uma das forças nacionalistas em oposição ao materialismo (quase dentro de uma perspectiva de “Internacional Nacionalista”, em alusão a “Internacional Comunista”).

Para ele, esta influência ou inspiração não estaria em antagonismo com uma perspectiva nacionalista.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ Posição social-democrata. In: *A Razão*: São Paulo, 29/9/1931, p. 3.

Não se compreende uma política baseada exclusivamente nas realidades brasileiras, tomadas essas como causa e efeito. E não se compreende também uma política firmada exclusivamente numa série de idéias abstratas, sem consciência com os fenômenos ambientes. O próprio nacionalismo, que seria, originando-se exclusivamente das realidades, uma conseqüência vaga e transitória, pode levar a erros, os mais lamentáveis, se ele não constituir um meio e pretender firmar-se como finalidade despótica.²⁸⁰

De acordo com Salgado, o nacionalismo deveria nascer de um cultivo à memória do passado dessa sociedade (vide caso italiano citado anteriormente), tornando o culto um elemento de agregação social, algo que convergisse à coletividade.

Não é verdade que os povos em decadência sejam aqueles que cultuam a sua história e os heróis do seu passado. Muito ao contrário, a decadência dos povos se assinala pelo esquecimento das tradições nacionais. São exatamente os povos mais fortes e em pleno desenvolvimento os que mais cultivam a memória dos seus antepassados e os episódios que marcaram as sucessivas etapas da sua vida coletiva.²⁸¹

Entretanto, no Brasil, as forças do materialismo teriam atacado o sentimento nacionalista, fato que colocaria em risco a própria sobrevivência da nação brasileira, caso não houvesse uma reação nacional.

O nosso Brasil (e para este fato chamamos a atenção da mocidade civil e militar) está sofrendo o desprezo dos seus filhos. Assistimos à decadência, cada vez maior do sentimento de Pátria. Esse sentimento está hoje entre dois fogos impiedosos: o regionalismo e o internacionalismo.

Entre nós, quem não puxa a brasa para a sua província é porque está embriagado pela cocaína de Moscou.

O brasileiro já não ama mais o Brasil. Ou está encharcado pelas teorias comunistas que ridicularizam o sentimento nacional, ou está superexcitado pelos ressentimentos ou pelos entusiasmos locais, que coloca acima dos interesses da Pátria, que ele renega.²⁸²

A única saída encontrada por Salgado seria uma reestruturação da nação em torno da coesão nacional, que objetivaria salvar o Brasil dos inimigos internos e externos.

²⁸⁰ Realidades e finalidades. In: *A Razão*: São Paulo, 15/9/1931, p. 3.

²⁸¹ As fontes do espírito nacional. In: *A Razão*: São Paulo, 19/11/1931, p. 3

²⁸² Federação e sufrágio (XXVII – conclusão). op. cit.

O único remédio é a disciplinação das forças sociais; a coordenação harmoniosa das forças produtoras; o superamento pelos interesses da Nação Total, de todos os interesses de províncias, de classe e de indivíduos. Integrar no Estado Brasileiro todas as suas forças morais e materiais. Impôr diretrizes claras, francas, decisivas, corajosas, a esse povo de boa índole, generoso, trabalhador, que só está a espera de uma elite dirigente na altura de compreender as realidades do país e do mundo.²⁸³

Outrossim, necessitaria de um governo ditatorial, que conduzisse a sociedade brasileira ao “caminho certo” do espiritualismo embasado na “pureza do nacionalismo”. Um governo que se obrigasse a ser forte e constituído de idéias “integrals”.

Os governos fortes só podem ter base em idéias, em programas de idéias claramente expostas à Nação. Essas idéias tem de ser integrals. Devem abranger a própria natureza, a finalidade e o progresso de formação, de expressão e de funcionamento do Poder Público. Não se compreende uma ditadura sem a concepção total da sua essência e das suas diretrizes.

Na hora atual, o Brasil precisa de um período de dilatada ditadura. Pelo menos até que o povo resolva interessar-se pelas idéias políticas, pois até agora só se está interessado pelos homens políticos. Enquanto durar essa indiferença, dos brasileiros pelas questões fundamentais que se relacionam com o seu próprio destino, precisamos de uma ditadura que possa tutelar um povo sem consciência de seus interesses [...].

Precisamos de uma ditadura baseada numa essência doutrinária, coadjuvada pelos estudiosos, técnicos, especialistas nos assuntos nacionais.²⁸⁴

Um governo ditatorial seria o responsável por salvar a nação, libertando-a de todos os problemas materiais.

Realizar sobre os desastres nacionais para os quais caminham os partidos, o Estado Brasileiro nacionalista e integralista, não embriagado com falsos liberalismos e deletérias democracias; não envenenado de ambições facciosas ou regionais; mas o Estado expressivo dos que produzem, dos que trabalham, dos que pensam, dos que sabem renovar-se para salvar a Nação.

É a Revolução que vai começar.²⁸⁵

Aí entra o papel fundamental do jornal, que seria responsável por transmitir aos leitores as bases da ideologia integralista.

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ A ditadura. In: *A Razão*: São Paulo, 10/12/1931, p. 3.

²⁸⁵ O esboroamento dos partidos. In: *A Razão*: São Paulo, 22/4/1932, p. 3.

O espírito conservador e nacionalista desta folha não nos permite – sabem-no todos os que nos lêem – aplaudir a manutenção de uma Ditadura sem a condicionamento ideológico, sem uma doutrina claramente exposta, sem rumos econômico-sociais, morais, culturais e políticos clara e definitivamente assentes como base da construção integral da Nacionalidade [...].

O nosso ponto de vista é doutrinário. Como doutrina, pregamos uma concepção integralista do homem e da sociedade. Como integralistas, aspiramos uma Nação unida e forte.²⁸⁶

Mas é interessante notar, no trecho citado acima, a noção da “missão” do jornal como instrumento para a doutrina integralista. A partir desta concepção “integralista”, Salgado vai pregar uma nova visão de Estado, que posteriormente será denominado de “Estado Integral”.

O que viria a ser este Estado e como ele iria se organizar?

Diferente do liberal, mínimo e não intervencionista, o novo Estado deveria intervir e guiar todas as esferas da sociedade, controlando deste modo os rumos da nação. Seria um Estado que exerceria o seu poder “na maior órbita possível”. Aquele que “discipline e oriente as forças vivas da nacionalidade”. Também seria o responsável pelo “controle sobre as relações entre Capital e o Trabalho”.²⁸⁷

Acima de tudo seria um Estado forte, que garantiria o controle social e o poder entre os interesses individuais e coletivos.

O Estado como força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais. O Estado que, garantindo a propriedade e a iniciativa privada, saiba demarcar os limites do exercício das liberdades individuais, segundo os interesses gerais e nacionais [...].

O Estado que defende o Indivíduo contra a Sociedade e defenda a Sociedade contra o Indivíduo; que realize a harmonização de todos os elementos humanos de que se estrutura um país, que seja o impositor do equilíbrio, o mediador máximo, o juiz e o orientador.²⁸⁸

Tal organização estatal, estruturada “como uma expressão das aspirações essências e integrais do homem”, seria capaz de trazer a verdadeira liberdade. Depois que conhecesse esta concepção, a população brasileira não iria querer mais a velha mentalidade liberal, e sim a voz de comando que o levaria até o Estado ideal, “Integral”.

O povo não acompanhará mais os partidos. O povo espera pelos seus guias, acima de interesses imediatos de mando, acima das intrigas

²⁸⁶ Registro. In: *A Razão*: São Paulo, 25/2/1932, p. 3.

²⁸⁷ A verdadeira concepção de Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 4/9/1931, p. 3.

²⁸⁸ *Ibidem*.

e dos conchavos dos grupos e das alianças baseadas exclusivamente em ambições políticas.
 É a Revolução que está em caminho. É o Brasil que, dos escombros dos partidos, vai reagir, para a conquista definitiva de seus justos e melhores destinos.²⁸⁹

2.5. O Manifesto de Outubro de 1932: da “Nota Política” ao movimento integralista

O Manifesto de Outubro de 1932 lançou oficialmente a Ação Integralista Brasileira, entretanto, analisando seus pontos principais podemos perceber que não surgiu do nada. Pelo contrário, ele é o fruto do trabalho de Plínio Salgado na “Nota Política”. Não existe nenhum elemento que não tenha sido trabalhado, mesmo que de forma superficial, em um dos trezentos editoriais de Salgado no jornal *A Razão*.

Ao longo dos textos, podemos observar a cristalização desta ideologia. No início, não tendo um caráter muito bem estruturado e apenas a aversão ao pluripartidarismo e às oligarquias, posteriormente vai tomando forma a partir da oposição ao liberalismo, ao capitalismo e ao comunismo. De tais ideologias surgia a base do pensamento integralista, principalmente pelas características que não deveriam ser seguidas. Também a influência dos regimes de força, como o fascismo italiano, auxiliaram a dar um corpo para esta ideologia em gestação.

Com o passar do tempo, pudemos observar que surgia nos textos uma concepção daquilo que deveria ser o Estado dentro da perspectiva de Plínio Salgado, ao mesmo tempo em que expressões como “integralismo”, “integral”, “integralista” foram aparecendo, desconexas no princípio, mas com o tempo já em uma lógica de “Estado Integral”.

Analisemos agora os pontos principais retirados do manifesto.

Concepção do universo e do homem.

Prega a união entre os grupos sociais que compõem a sociedade. “Os grupos e as classes, pois, podem e devem viver em paz [...]. Todos os homens são suscetíveis de harmonização social e toda a superioridade provém de uma superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e suprema finalidade”. Seria um sentimento de brasilidade: “Este é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes da

²⁸⁹ A marcha dos “icebergs”. op. cit.

nossa História e está no íntimo de todos os corações”.²⁹⁰ Evidenciamos o passado histórico que seria comum a todos os brasileiros, o elo de ligação da nação.

Como entendemos a Nação Brasileira

Aqui o conceito do que é ser a “Nação”. “A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para tanto precisamos que todos os brasileiros estejam unidos”. Com isto não poderia existir uma nação com descentralização. “Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem Estados dentro de Estados”. E também disputas internas pelo poder: “Partidos políticos fracionando a Nação; classes lutando contra classes; indivíduos isolados, exercendo ação pessoal nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro”.²⁹¹

O princípio da autoridade

A sociedade seria obrigada a estar organizada dentro de uma forma hierarquizada dentro do “Princípio da Autoridade”. “Precisamos de Autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam sua influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da Nação. Precisamos de hierarquia”.²⁹²

O nosso nacionalismo

O nacionalismo como “escudo de defesa” frente a ideologias externas. “O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever”. Aqui a aversão ao liberalismo. “Tendo-nos dado um regime político inadequado, preferem diante dos desastres da Pátria acusar o brasileiro de incapaz ao invés de confessar que o regime é que era incapaz”. Estes seriam os “céticos desiludidos, esgotados de prazeres, tudo o que falam esses poderosos, ou esses grandes e pequenos burgueses, distila um veneno que corrói alma da mocidade. Eles criaram preconceitos ridículos, originados de países capitalistas, querem nos dominar, desprezam todas as nossas tradições”. A influência maléfica do liberalismo

²⁹⁰ Manifesto da Ação Integralista Brasileira. São Paulo: Secretaria Nacional de Imprensa, 1932, p. 2.

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² Ibid., p. 3.

seria também nos costumes. “Somos contra a influência perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandardizar”. Também a aversão ao comunismo se faz presente. “E somos contra a influência do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende nos reduzir a uma capitania”.²⁹³

A questão social como considera a Ação Integralista Brasileira

Neste ponto retoma a oposição aos inimigos, mas do ponto de vista social. Frente ao capitalismo e ao liberalismo. “O direito de propriedade é fundamental para nós, considerado no seu caráter natural e pessoal. O capitalismo atenta hoje contra este direito, baseado como se acha no individualismo desenfreado, assinalado na fisionomia do sistema liberal democrático”. A saída seria “adotar novos processos reguladores da produção e do comércio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social”. E também ao comunismo: “O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana para melhor escravizar o homem à coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica uma humanidade inteira por um sonho falsamente científico.”.²⁹⁴

Nós, os partidos e os Governos

Percebemos a aversão completa ao pluripartidarismo. “Nosso ideal não nos permite entrar em combinação com qualquer partido político, pois não reconhecemos partidos; reconhecemos a Nação”. Também encontramos oposição ao federalismo e às oligarquias. “Nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos vinte e um governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos”. Assim, escaparia dos problemas que afligiriam o Brasil. “Nossa Pátria precisa estar unida e forte, solidamente constituída, de modo a escapar do domínio estrangeiro, que ameaça, dia a dia, e salvar-se do comunismo internacionalista que está entrando no seu corpo, como um cancro”.²⁹⁵

²⁹³ Ibidem.

²⁹⁴ Ibid., p. 5.

²⁹⁵ Ibid., p. 4.

O Estado Integralista.

Por fim, apresenta a concepção de Estado. “Pretendemos realizar o Estado Integralista, livre de todo e qualquer princípio de divisão: partidos políticos; estadualismos em luta pela hegemonia; luta de classes; facções locais; caudilhismos; economia desorganizada; antagonismos de militares e civis; entre polícias estaduais e o Exército; entre o governo e o povo; entre o governo e os intelectuais; entre estes e a massa popular”. Também seria um Estado arbitrário. “Pretendemos criar com os elementos raciais, segundo os imperativos mesológicos e econômicos a Nação Brasileira, salvando-a dos erros da civilização capitalista e dos erros da barbárie comunista”. Este seria criado sob “uma única expressão: o Estado Econômico, o Estado Financeiro, o Estado Representativo e o Estado Cultural”²⁹⁶, em resumo, uma estrutura que abarcasse todos os setores sociais, o “Estado Integral”.

Como vimos, todos os pontos acima se fizeram presentes na “Nota Política” e o que demonstra a importância desta coluna dentro do movimento integralista. Se retornarmos ao início de nosso capítulo perceberemos um caráter evolutivo do pensamento de Plínio Salgado, primeiro dentro do modernismo, na década de 1920, iniciando com a poesia e da literatura, que acabam englobando uma discussão nacionalista em relação à produção das artes no Brasil (correntes verde-amarela e anta). Isto acabou se tornando uma discussão que ultrapassa as artes e se torna política. No princípio da década seguinte, diante da Revolução, vemos Plínio Salgado com liberdade de ação, agora desligado de qualquer vínculo com o Partido Republicano Paulista, e encontrando na influência do fascismo o elemento que faltava em seu pensamento político. A partir da produção dos textos para a “Nota Política” podemos observar a ideologia integralista se cristalizando, até chegar no Manifesto de Outubro, em 1932. Surgia assim, a Ação Integralista Brasileira, das páginas do jornal *A Razão*.

Neste capítulo, buscamos compreender as origens do integralismo (e por consequência da imprensa integralista). Quando levamos em consideração que o movimento tinha um caráter de massas e era organizado nacionalmente, devemos ter em mente que a sua intervenção será dentro desta perspectiva. Ou seja, a partir de mecanismos que atingiam o maior número possível de pessoas e em grande espaço

²⁹⁶ Ibid., p. 8.

físico. Mesmo que tivessem um grupo social que recebesse suas idéias com mais facilidade, sua proposta deveria ser “universalista”, que chegasse a todos, independente de gênero, raça, credo e posição social. Todos deveriam ser enquadrados dentro da ideologia do movimento. Neste sentido, a imprensa era o meio de comunicação que garantia a maior amplitude naquele período.

Por esta razão, o integralismo “elegeu” a imprensa como o seu principal veículo de divulgação. Mas a forma de utilização da imprensa tem várias singularidades dentro da AIB. Por sua vez, estas derivam das experiências prévias de Plínio Salgado. Percebe-se que o integralismo surge atrelado a sua atuação literária, política e jornalística ao longo da década de 1920 e princípio da seguinte. Isto se reflete na forma como os periódicos serão utilizados.

Enquanto escritor, observamos seu pensamento se estruturando em torno da idéia do nacionalismo. Abrindo, desta forma, uma perspectiva política, pois o seu engajamento no modernismo assume o papel de militância dentro das correntes “Verde-amarela” e “Anta”. Junto a isso, em sua atuação jornalística podemos perceber a força que a imprensa possui, ao se dar conta que o consenso pode ser muito mais forte do que a coerção e que a imprensa periódica é o meio de comunicação com maior poder do período.

Não é por acaso que ele utiliza o jornal *A Razão* para difundir suas idéias. Partindo deste periódico, ele coopta os primeiros adeptos, que o auxiliarão a criar a SEP e lançar o *Manifesto de Outubro*, fundando oficialmente a Ação Integralista. Um dado interessante é o fato de o integralismo não ter sido a primeira organização de orientação fascista. Hégio Trindade aponta quatro outros movimentos de relativa expressão: Ação Social Brasileira ou Partido Nacional Fascista, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e Ação Nacional Patrionovista.²⁹⁷ A diferença é que estes grupos não estabeleceram nenhum elemento de diálogo com a sociedade, por isto tiveram vida efêmera, atuação restrita a regiões isoladas e um reduzido número de adeptos.

Em contrapartida, a AIB, desde a sua “pré-fundação”, já tinha a preocupação de difundir as suas idéias através da imprensa. No mês seguinte ao lançamento do *Manifesto de 1932* editaram o primeiro jornal dos “camisas-verdes”, e o crescimento dos jornais acompanhou a expansão do movimento nos Estados. Pouco mais de um ano depois, já era veiculado o primeiro periódico de circulação nacional, e menos de seis

²⁹⁷ TRINDADE, Op. cit., p. 111.

meses depois – maio de 1934 – o segundo jornal de circulação nacional já havia sido editado. Ainda em 1934, todos os estados da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste, assim como parte do Nordeste já tinham núcleos regionais organizados e já editavam seus próprios jornais. Em 1935 já havia oitenta e oito jornais circulando oficialmente vinculados à Secretaria Nacional de Imprensa da AIB. Na base de tudo isto estava Plínio Salgado e o seu pensamento arquitetava como deveria ser a imprensa do movimento integralista.

No próximo capítulo, vamos nos deter em como os integralistas pensavam esta imprensa, vinculando-a ao Estado Integral e o que deveria ser a imprensa “sadia”, em oposição à “imprensa liberal”. Também será nosso objetivo central traçar um histórico desta imprensa integralista.

CAPÍTULO III

Histórico da imprensa integralista

Capítulo III – Histórico da imprensa integralista

Neste capítulo abordaremos a história da imprensa integralista, evidenciando o surgimento e os tipos de periódicos. Começaremos analisando o jornal pré-integralista *A Razão*, que foi uma espécie de “ensaio geral” do que viria ser a imprensa, ou até mesmo, um “molde” para aqueles que foram editados em seguida. A partir dele, discutiremos as demais publicações, nas esferas nacionais, regionais e locais ou nucleares. Posteriormente abordaremos as revistas integralistas. Por fim, faremos uma discussão em torno da *Sigma Jornaes Reunidos*, empresa jornalística do movimento integralista.

3.1. Jornais²⁹⁸

Falar em jornais integralistas é quase o mesmo que falar na história do próprio integralismo nos anos de 1930 (colocando nas suas devidas proporções). O movimento surge a através das páginas de um jornal. Além disso, acreditamos que exista uma relação dialética entre o integralismo enquanto organização política e a sua imprensa. Por quê? Percebe-se que enquanto o movimento se desenvolve (crescimento do número de adeptos e estrutura organizativa) editam-se novos jornais. Ao mesmo tempo, são estes os periódicos responsáveis por levar a palavra aos futuros militantes, tendo em vista que o jornal é o meio de comunicação de massa por excelência neste período.

Apenas para exemplificar – adiantando alguns pontos que discutiremos de forma mais aprofundada em seguida: o primeiro jornal integralista propriamente dito vai ser publicado cerca de um mês depois da fundação da AIB. Outro dado interessante é o fato de que em todos os Estados sobre os quais tivemos acesso aos jornais das secretarias provinciais, a fundação do primeiro periódico nunca ultrapassou quarenta dias após a organização do primeiro núcleo de comando regional. O que nos leva a crer que uma das primeiras ações de cada chefia provincial é a fundação de um periódico para difundir a ideologia dos camisas-verdes.

Estes dados nos revelam a importância fundamental que a imprensa tinha para a Ação Integralista. Esta parte do capítulo será subdividida em “Pré-Integralismo” e “Integralismo”, a primeira evidenciando *A Razão*, que foi a base na qual se organizou a

²⁹⁸ Lista completa dos jornais integralistas ver Anexo II.

ideologia do movimento. e depois discutiremos os jornais do movimento, nas suas três esferas de circulação: nacional, regional e local ou nuclear.

No período de existência legal da Ação Integralista foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear. Também se percebe que os Estados do Sul e Sudeste, acrescidos da Bahia concentram grande quantidade de publicações, enquanto os demais representam uma pequena parte, como pode ser observado nas tabelas abaixo:

Tabela 1 – Número de jornais por Estado²⁹⁹

Estado	Número de jornais	Número de núcleos³⁰⁰
Minas Gerais	27	162
São Paulo	23	219
Rio de Janeiro/Guanabara	16	243
Santa Catarina	13	111
Bahia	13	166
Rio Grande do Sul	8	55
Paraná	7	86
Pernambuco	5	59
Sergipe	4	23
Amazonas	3	8
Ceará	3	98
Maranhão	3	14
Pará	3	8
Alagoas	2	28
Espírito Santo	2	30
Paraíba	2	29
Rio Grande do Norte	2	10
Mato Grosso	1	21
Goiás	1	11

²⁹⁹ Retirado de *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957, Vol. X, Tomo I, p. 141-145. Tendo em vista que é uma publicação do pós-Segunda Guerra Mundial (onde muitos dados são adulterados), comparamos com as listas de jornais publicados em *Monitor Integralista* e aqueles que encontramos em nossas pesquisas. Os dados conferiram.

³⁰⁰ Com base nos dados estatísticos apresentados no jornal *Monitor Integralista* (Rio de Janeiro, 3/10/1935, p. 2).

Tabela 2 – Porcentagens de jornais por região³⁰¹

Estados	Número de Jornais	%	Número de núcleos	%
Sul, Sudeste e Bahia	107	77,5	1042	75,4
Demais Estados	31	22,5	339	24,6

Se olharmos em um mapa perceberemos que há uma faixa contínua de terra que vai do Rio Grande do Sul até a Bahia. Esta zona é a principal região de influência do integralismo (pelo menos no tocante ao número de jornais). As tabelas 1 e 2 revelam que há uma íntima relação entre o número de jornais e o número de núcleos. Nota-se que os Estados com o maior número de núcleos possuem o maior número de periódicos.

O único caso em que há uma discrepância entre uma pequena produção de jornais e um grande número de núcleos é o Estado do Ceará, em que existem noventa e oito núcleos e apenas três jornais. Este fenômeno é explicado se olharmos a forma como o integralismo se estruturou neste Estado. Diferente de outras regiões onde, os núcleos iam surgindo sem uma organização pré-existente, no Ceará o integralismo se organizou a partir da Legião Cearense do Trabalho (LCT). Esta sociedade não acabou ao aderir ao integralismo, embora tenha adotado a ideologia. Com isto, os jornais deste movimento operário passaram a publicar as idéias integralistas, mas não deixaram de ser oficialmente da LCT. Tendo em vista esta relação, não havia necessidade de fundar jornais, pois já existiam periódicos que difundiam as idéias do movimento. Mas o caso cearense é isolado, assim como várias outras características do integralismo naquele Estado, tais como: a grande inserção dentro do movimento operário; a única região em que os integralistas conseguiram ter deputados federais eleitos; participação direta no governo estadual, com membros assumindo secretarias no governo regional.

Outro dado interessante que apresentaremos abaixo é a relação entre número de núcleos e os jornais.

Tabela 3 – Razão entre número de jornais e número de núcleos (brutos)

Número total de jornais	Número total de núcleos	Razão jornais/núcleos (divisão)
138	1381	1 jornal a cada 10 núcleos

³⁰¹ O Estado do Espírito Santo deveria constar na região sudeste por sua posição geográfica, contudo, por ter apenas dois periódicos foi enquadrada na subdivisão “Demais Estados”.

Os números totais mostram que há uma razão de um jornal para cada dez núcleos. Em outras palavras, um único jornal deveria atingir uma região que abarcaria dez núcleos integralistas. Mas isto são dados brutos, não levando em consideração que tinha uma divisão entre jornais de circulação nacional, regional e nuclear e que este é o número total de jornais ao longo de todo o período legal da AIB.

Contudo, de acordo com os dados oficiais do movimento, existiam oitenta e oito jornais oficialmente ligados ao integralismo circulando no período em que saiu no *Monitor Integralista* o balanço do número de núcleos que utilizamos como base para construir esta tabela.

Tabela 4 - Razão entre número de jornais e número de núcleos (com base no ano de 1935)

Número total de jornais³⁰²	Número total de núcleos	Razão jornais/núcleos (divisão)
88	1381	1 jornal para cada 15 núcleos

Se levarmos em consideração que em uma cidade de grande porte, como São Paulo e Belo Horizonte, havia mais de vinte núcleos e em uma cidade de pequeno porte poderia ter de um a cinco núcleos, percebemos que cada jornal abrange uma determinada região, que podia atingir uma cidade e distritos próximos ou até mesmo algumas cidades vizinhas. O que nos leva a crer que havia a preocupação de que todos os núcleos estivessem sob a esfera de influência dos jornais do movimento: cada núcleo recebia os jornais de circulação nacional, regional e da sua própria localidade (ou de uma localidade próxima). Desta forma, os militantes ficavam a par de todas as informações e recebiam periodicamente sua carga doutrinária.

Em outras palavras, o movimento tinha a preocupação de que o filiado entrasse em contato com as ordens, a doutrina e a ideologia integralista tanto da Chefia Nacional (Plínio Salgado), Provincial (lideranças regionais) e Nucleares (lideranças locais).

Mas, em nossas pesquisas, qual foi a quantidade de jornais a que tivemos acesso?

³⁰² Dado retirado do jornal *A Razão* (15/10/1935, p. 5), editado pela Chefia Provincial do Paraná. Estava em uma pequena nota sobre o surgimento da *Sigma Jornas Reunidos*, empresa que se tornou responsável pela organização da imprensa integralista a partir de 1935. “SIGMA JORNAES REUNIDOS – Oitenta e oito jornais conjugados no maior consórcio da América do Sul. A Secretaria Nacional de Propaganda acaba de organizar o maior consórcio de publicidade até hoje realizado no Brasil, pois compreende um conjunto de 88 jornais atualmente em circulação em todo o território da República”. Discutiremos posteriormente o papel da *Sigma Jornaes Reunidos*.

Dos cento e trinta e oito, encontramos nos arquivos espalhados pelo país apenas trinta e três. A tabela abaixo auxiliará a entender quais foram estes periódicos encontrados.

Tabela 5 – Jornais por tipo de circulação e localizados na pesquisa

Jornais por tipo de circulação	Número de jornais	Encontrados na pesquisa
Nacional	2	2
Provincial (Estadual)	30	15
Nuclear	106	16

Os jornais de circulação nacional são os mais facilmente encontrados, pois todos os núcleos recebiam. Tinham também uma tiragem considerável para que chegassem a todas as regiões e possuíam uma estrutura bem organizada. Circularam por um longo período (*Monitor Integralista* durou cinco anos e *A Offensiva* quatro). Os jornais dos Estados possuíam uma organização semelhante (principalmente das regiões Sul, Sudeste e da Bahia). Eram sustentados pelas chefias provinciais e chegavam a todos os núcleos locais. Embora não possuíssem a mesma estrutura dos nacionais, mantinham uma periodicidade constante e possuíam uma vida relativamente longa (de um a dois anos). Os jornais nucleares eram mantidos pelos núcleos locais e em sua grande maioria eram pequenos pasquins, sem uma periodicidade constante e sem uma fonte de renda que os mantivesse. Muitos não passaram de cinco exemplares, e foram raros os exemplos que encontramos de algum que tenha durado mais de um ano.

Por isso, encontramos nos arquivos com mais facilidade os jornais de circulação nacional e provincial, e poucos dos jornais nucleares. Dos regionais encontrados, a grande maioria são de regiões de destaque (mais estruturados). Em relação aos nucleares, encontramos poucos, devido a sua própria estrutura em forma de pasquim, sua pequena expressão e baixa tiragem, acrescido à repressão policial no período pós-levante de 1938. O resultado disto é que existe pouco mais de dez por cento do total preservado atualmente.

Abaixo faremos um histórico desta imprensa integralista, a partir da amostragem que possuímos, ressaltando que de muitos dos jornais temos apenas a referência do local em que circularam. Assim, nos restringiremos aqueles a que tivemos acesso em nossa pesquisa.

Iniciaremos discutindo o jornal “pré-integralista” *A Razão*, posteriormente passando aos jornais da AIB nas suas três “esferas”. Ainda abordaremos algumas folhas que não eram oficialmente do movimento, mas que veiculavam as idéias e a ideologia dos “camisas-verdes”.

3.1.1. “Pré-Integralismo”: *A Razão*

No capítulo anterior já havíamos discutido algumas matérias retiradas da coluna “Nota Política” de Plínio Salgado, no entanto, não tínhamos feito uma análise criteriosa do jornal. Agora vamos nos deter em analisar a forma, a divisão interna e quais eram os tipos de matérias, entre outros aspectos.

Como já visto (ponto 2.4. O jornal *A Razão*: útero para a criação de uma ideologia), o jornal foi o centro no qual surgiu a ideologia concebida por Salgado. Foi neste que os pontos básicos do integralismo foram sendo definidos e também a base da SEP, que, por sua vez, originou a AIB.

A Razão era um periódico diário e circulava na capital paulista (mas tinha distribuição nacional via correio) e teve existência de pouco mais de um ano, de maio de 1931 até junho de 1932, quando foi empastelado no início da Revolução Constitucionalista em São Paulo. O jornal tinha dez páginas e formato tablóide.

Na primeira página, invariavelmente eram apresentadas matérias e/ou notícias nacionais de cunho político ou de informação geral. Às vezes surgiam matérias e/ou notícias internacionais (mas não era uma regra). Ainda havia notícias rápidas sobre tempo, viagens, exposições, construção civil, etc. A segunda página era destinada a matérias sobre política nacional e internacional. A terceira apresentava a coluna editorial “Nota Política” (já discutida no capítulo anterior), matérias sobre política nacional e internacional. Apresentava uma coluna chamada “Várias”, com notícias curtas de temas diversos. De forma ocasional, aparecia uma coluna assinada por San Tiago Dantas sobre temas políticos. A quarta página era destinada a quatro colunas: “Sociais”, “Religião”, “Rádio” e “Fatos Diversos”. Na quinta página, surgiam as colunas “Teatros” e “Cinemas”. A sexta e sétima páginas versavam sobre esportes. Às vezes, a sétima era voltada à coluna “Literatura”. Na oitava, eram veiculadas as colunas “Justiça” e “Editais”, em algumas edições saíam matérias sobre bancos e empresas. Em alguns exemplares, o conteúdo da oitava página era editado na sexta página. Na nona página,

encontramos a coluna “Câmbio e Negócios”. Por fim a última página apresentava notícias policiais e políticas.

A *Razão* era organizada como uma folha de informação geral. Na época, poderia ser considerada como tal, até porque não defendia a bandeira de nenhuma agremiação política – com exceção dos últimos números, em que começa a se esboçar em suas páginas a formação de uma nova ordem política – e apresentava os mais variados temas: coluna social, duas páginas de esportes, cinema, teatro. Em outras palavras, era um jornal organizado para atrair o maior número de pessoas possível e, a partir disto, apresentar um novo ponto de vista ou até mesmo uma nova perspectiva política, ao mostrar à sociedade a gestação de uma nova ideologia. Abaixo, podemos conferir a propaganda que o periódico trazia em suas páginas.



É interessante notar que a propaganda se evidencia em todas as suas seções “sociais” (esportes, cinema, teatro, etc.), antes de apresentar o posicionamento político do jornal. Acreditamos que este fato confirma a leitura de que o periódico era organizado na forma de um jornal de informação geral, mas com o objetivo político de cooptação ideológica.

No tocante a isto, percebemos que apenas as três primeiras páginas são voltadas a questões políticas, embora não defenda nenhum partido, busca mostrar as incongruências do liberalismo e os malefícios do comunismo. Também coloca diante do

leitor o fascismo como opção política viável, tendo em vista que tinha reestruturado economias que haviam sido arrasadas no pós-guerra e na crise econômica de 1929.

A leitura de *A Razão* nos mostrou que existia uma polarização entre as esferas nacional e internacional e que cada uma delas transmitia parte de uma “mensagem” que o jornal buscava levar ao leitor. Analisaremos, através de exemplos retirados do jornal, qual era a função de cada uma delas.

Do ponto de vista internacional, fica evidente a oposição entre o fascismo de um lado e o comunismo e liberalismo de outro (a já discutida questão materialismo *versus* espiritualismo: ver ponto 2.4.1.1. Materialismo e Espiritualismo). Temos como exemplo a matéria de capa intitulada “A Igreja e o Fascismo”, que reproduziremos abaixo:

O desencontro de vistas entre o Fascismo e a Igreja, como assinalou na época um editorial desta folha seria o fato mais desastroso para a Europa e para o mundo diante do perigo iminente que o comunismo russo representa, e contra cujas afirmações radicais e fundadas nas injustiças do regime capitalista o mundo moderno tão pouca coisa se opor. Pois a civilização ocidental foi se despojando de todos os valores morais e políticos, que eram a sua razão de ser, e a origem de sua própria força. Foi aos poucos retirando ao governo os fundamentos naturais da autoridade e da hierarquia. Foi entregando a um regime de liberdades levadas aos confins da anarquia, a obra de proteção e coordenação das atividades nacionais, que só pelo Estado podia ser conduzida. E deixou afinal o mundo sem meios de defesa contra aqueles que pregavam a vingança contra a injustiça de classes, e que começaram assim a tramar a sua subversão, sem que, nem a ordem do Estado, nem a ordem do Espírito tivessem força bastante para se lhes opor.

De modo que a aliança do Fascismo, suprema resistência da ordem política, com a Igreja, suprema resistência do Espírito, veio formar o centro de defesa do mundo contra a invasão comunista. Só a Igreja seria pouco no mundo pagão de hoje. Só o Fascismo também seria pouco, pois não basta salvar o Estado, é preciso salvar o homem, que é pessoa e indivíduo.³⁰³

É interessante como este pequeno trecho é a síntese de toda esta relação materialismo *versus* espiritualismo, que se faz presente desde o “pré-integralismo”, e depois é uma constante no período da AIB. Aqui percebemos toda a lógica: o liberalismo teria enfraquecido o Estado, abrindo o espaço para o comunismo (ação das forças materialistas). Para a defesa do mundo ocidental enfraquecido pela ação liberal, haveria a necessidade da união das forças espiritualistas, tanto do ponto de vista político

³⁰³ A Igreja e o Fascismo. In: *A Razão*. São Paulo, 4/9/1931, p. 1.

(fascismo) como do ponto de vista espiritual (Igreja Católica), objetivando fazer uma frente de “defesa” diante da “destruição” comunista.

Na segunda página, do mesmo exemplar, ainda aparece uma notícia que entraria na mesma lógica, abordando o caos social na Espanha em que o conflito de classe recebe um grande destaque:

BARCELONA, 3 (H) – Iniciou-se pela manhã a greve geral declarada pela Federação dos Sindicatos Unidos, como protesto contra a administração do governo da província, cuja demissão é reclamada. A Federação exige igualmente a imediata libertação de todas as pessoas presas por delito de ordem social. O movimento assume de fato caráter geral. Os operários abandonaram o trabalho, no que foram imitados pelos empregados nos transportes, eletricidade e gás. O comércio cerrou as portas e as fábricas suspenderam por completo a atividade. Calcula-se em três mil o número de trabalhadores em greve. Já se assinalaram alguns incidentes. Em Rambla e nas proximidades do arco do triunfo foram trocados alguns tiros entre a polícia e os grevistas exaltados. Houve um morto e diversos feridos. Empenhados em assegurar o abastecimento da cidade, as autoridades acabaram de requisitar grande número de taxis autocaminhões. Grupos de grevistas atacaram nos subúrbios uma igreja, tentando incendiá-la. A polícia interveio com energia e à última hora logrou dispersar os atacantes.³⁰⁴

O mesmo caos que na matéria de capa era evidenciado com a questão de classe, entre a ação comunista e a ineficácia do liberalismo, aqui aparece como um fato real, a partir do quadro de greves que a república da Espanha, que não era de orientação fascista, estava sofrendo. Ou seja, a leitura do jornal mostraria que este perigo do comunismo não era algo restrito à distante URSS, mas que se espalhava pelo mundo e que já atingia a Península Ibérica. Ainda no mesmo exemplar, a coluna editorial “Nota Política” surge com o seguinte título: “A verdadeira concepção de Estado”, em que apresenta qual é o “Estado” ideal para a sociedade ocidental, como podemos observar no trecho abaixo:

Do ponto de vista mundial, temos que nos convencer que o Estado Moderno e conveniente a todos os povos é o que possa exercer a sua ação na maior ordem possível. É o que discipline e oriente as forças vivas da nacionalidade. É o que possa exercer seguro controle sobre as relações entre o Capital e o Trabalho. É o que se apoiar numa política expressiva da grande conciliação de classes. É o que exprime através

³⁰⁴ A nova e agitada República Espanhola. Ibid., p. 2

de poderes que se originam diretamente nas grandes fontes da energia material da Nação.

É o Estado como força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais. O Estado que, garantindo a propriedade e a iniciativa privada, saiba demarcar os limites do exercício das liberdades individuais, segundo os interesses gerais e nacionais.³⁰⁵

Em outras palavras, o autor está se remetendo ao Estado Fascista. Estes exemplos são muito interessantes porque sintetizam a lógica de “funcionamento” das matérias, reportagens e notícias internacionais, ao nosso ver não, necessitando fazer arrolamento de outros textos deste tipo, porque seguem perfis semelhantes. Outrossim, as discussões mundiais serviam para mostrar ao leitor que o mundo ocidental estava em um estado caótico devido à intervenção perniciosa do liberalismo, já arraigado há muito tempo e, sendo ameaçado pelo comunismo. Este que já não era mais uma ameaça sem grande força, como havia sido no século XIX, mas que despontava como alternativa política real. Perante este fato, o jornal apresenta outra possibilidade, aquela que defendia e considerava a melhor: o fascismo. Este aparecia como a resposta política, social e religiosa (com o apoio da Igreja) diante do “mal” que assolava a civilização.

Por outro lado, o jornal também vai fazer uma discussão de cunho nacional.

Nas páginas de *A Razão* não encontraremos ataques diretos ao governo, até porque provavelmente o jornal seria fechado, porém, encontramos uma posição que pedia o estabelecimento de uma nova ordem e que sepultasse de vez a antiga estrutura liberal que havia sido derrubada pela revolução. Podemos citar como exemplo a matéria de capa *Por que não se extingue a Junta de Sanções?*

As contínuas dificuldades que se tem apresentado ao pensamento do Governo Provisório de manter no país um tribunal de exceção para que já devem ser suficientes para aconselhar o sr. Getúlio Vargas a alterar os seus propósitos no que concerne ao condicionamento jurídico e legal do programa de saneamento moral da administração e da política.

Ninguém nega apoio aos desejos que nutre a Revolução, e que tem sido expressos tão vivamente nas atitudes e palavras do seu chefe, de lançar luz plena e meridiana sobre todos os departamentos das atividades administrativas e políticas do Brasil durante o regime deposto, pondo em relevo os crimes perpetrados pelos nossos homens públicos em detrimento do país e do regime.³⁰⁶

³⁰⁵ A verdadeira concepção de Estado. *Ibid.*, p. 3.

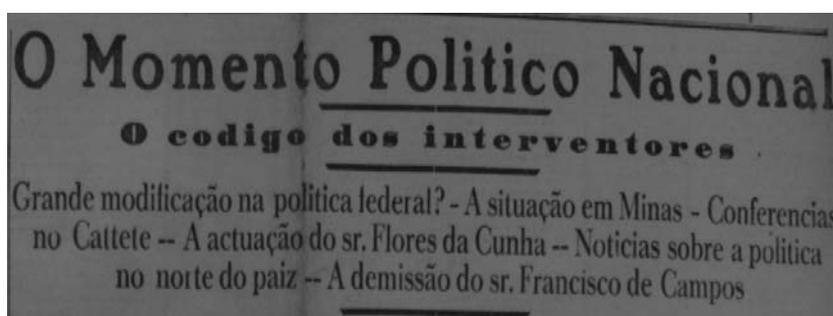
³⁰⁶ Porque não se extingue a Junta das Nações. In: *A Razão*: São Paulo, 17/9/1931, p. 1.

Percebe-se que há uma posição por parte do jornal de não atacar diretamente o governo, embora defendia que não poderia ocorrer um retrocesso à antiga forma de governo. E isto fica claro pela posição diante da figura de Getúlio Vargas, como na citação abaixo sobre o primeiro ano do seu governo.

A saudação feita ao chefe do governo em nome das classes armadas foi muito significativa. Disse o general Tasso Fragoso, que quando o chefe do governo completava um ano de administração dos negócios públicos, queria significar que as classes armadas estavam certas de que o chefe do governo no seu posto de sacrificio levaria obra de pacificação do Brasil realizada em 24 de outubro pela larga da justiça, da ordem e do progresso.³⁰⁷

As duas citações acima mostram uma posição de elogio ao governo, contudo acreditamos que isto ocorria por duas razões: primeiro, que o governo havia derrotado um inimigo em comum e pregava o não retorno ao liberalismo oligárquico (mesmo que Vargas não apresentasse uma definição ideológica), e, por outro, uma estratégia de sobrevivência, pois críticas no momento em que havia um estado de exceção poderiam acarretar o fechamento do jornal. Além disso, com ataques diretos, corriam o risco de afastar os leitores, tendo em vista que o presidente possuía relativo prestígio entre os leitores que fossem opositores do liberalismo oligárquico.

Nas páginas do jornal, a oposição ao governo se dá de forma indireta, através da coluna de capa chamada *O Momento Político Nacional* (em alguns exemplares é denominada de *Política Nacional*), na qual apresenta notícias sobre o quadro político nacional e o governo. Na maioria das vezes, a chamada da matéria (e o conteúdo das mesmas) aponta algum tipo de instabilidade na estrutura de comando do país. Vamos a alguns exemplos:³⁰⁸



³⁰⁷ O primeiro aniversário. In: *A Razão*: São Paulo, 4/10/1931, p. 1.

³⁰⁸ Imagens retiradas de: *A Razão*: São Paulo, 1/9/1931, p. 1; 31/10/1931, p. 1 e 14/11/1931, p. 1.



Se levarmos em consideração que o jornal prega como base primordial a ordem como condição essencial para a estabilidade da Nação, percebemos aqui a crítica, mesmo que indireta ao Governo Provisório. Isto é um dado interessante, pois é extremamente elogioso quando fala do combate aos resquícios do liberalismo, e até pede que o governo seja mais incisivo nas mudanças para afastar a estrutura oligárquica, mas por outro lado, está sempre apresentando as contradições internas do novo regime.

Havíamos escrito anteriormente que as esferas internacional e nacional unidas transmitiam uma “mensagem”. Ao nosso ver, esta mensagem representaria a necessidade de mudanças proposta pelo jornal. Já discutimos o fato de a coluna “Nota Política” ser o centro reflexivo de onde surgiu o “pensamento novo” (o integralismo). Porém, foi a partir das demais matérias, notícias e colunas das três primeiras páginas de *A Razão* que o jornal mostrava por que era importante a implantação do novo sistema político. De um lado, destacava aos leitores o perigo que o mundo estaria enfrentando diante da desorganização do liberalismo e diante do comunismo em níveis globais (principalmente a civilização ocidental) e, por outro, que o Brasil estava diante de uma desorganização política grave, na qual havia o perigo do ressurgimento das oligarquias (e com elas o liberalismo) e, através disto, o Brasil estaria abrindo-se ao “perigo vermelho”.

Diante deste quadro, surgiria a opção fascista, que já havia “salvo” a Itália e Portugal e estava “reorganizando” países como a Alemanha. Em outras palavras, para salvar o Brasil do “mal” que o rondava, somente existiria uma opção: a via nacionalista. Pelo menos este é o discurso do jornal. E teve relativo sucesso, mas em pouco mais de seis meses garantiu a Plínio Salgado o número de adeptos necessários para fundar a Sociedade de Estudos Políticos e por conseqüência buscar cada vez mais espaços

políticos que permitiram aos integralistas lançar seu manifesto político em 1932. Isto levou-os a organizar o primeiro movimento de massas estruturado nacionalmente no Brasil: a Ação Integralista Brasileira.

3.1.2. Integralismo

O Integralista foi primeiro jornal do movimento, surgiu no mês seguinte ao lançamento do *Manifesto de Outubro*. Era organizado pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Seguidamente, nos tempos de *A Razão* e da SEP, Plínio Salgado realizava conferências no auditório do curso jurídico, e é provável que esta seja uma das razões de ter ocorrido a grande repercussão entre estes acadêmicos. O jornal não chegou a circular de forma regular, em realidade editaram-se apenas dez números, mas durou todo o período de existência da AIB (o último exemplar a que tivemos acesso é datado de 1937).



No tocante ao conteúdo, *O Integralista* não acrescenta muito àquilo que estava publicado no *Manifesto*, até porque neste início não havia uma noção clara do que era a AIB, talvez nem para os seus próprios membros, pois a ideologia ainda estava em gestação. Todavia, é interessante notar o papel que o jornal dá ao fascismo. Nele, o integralismo estaria trilhando um caminho para se tornar fascista. Também é no exemplar de inauguração deste jornal que ocorreu a primeira publicação de um jovem acadêmico de Direito que viria em breve se tornar uma liderança de destaque: Miguel Reale. O texto era resultado de um discurso seu de adesão no movimento, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo. Estava dividido em três partes: na primeira, denominada *Duas épocas*, apresenta o mundo no período pré e pós-Primeira Guerra Mundial (numa lógica muito semelhante ao que vai fazer em *A formação da política burguesa* que discutiremos no capítulo seguinte). A segunda parte, *Lições do fascismo*, mostra como a Itália e Portugal se reestruturaram dentro de uma lógica fascista. Por fim, *O fascismo é uma tendência forte para o integralismo, mas não é ainda o integralismo*, discorre sobre os erros do marxismo e do liberalismo e alguns do fascismo, apontando

o integralismo como oposto aos dois primeiros e trazendo as virtudes do último, mas buscando corrigir as suas falhas.

O Integralista foi um jornal com um peso pequeno, se o colocarmos lado a lado com os demais periódicos desenvolvidos pelos camisas-verdes. Contudo, acreditamos que tenha sido fundamental, pelo menos naquele momento inicial, para aglutinar um grupo de jovens intelectuais da faculdade de Direito e abrir caminho para outros jornais que viriam surgir em pouco tempo e que discutiremos a seguir.

3.1.2.1. Jornais de circulação nacional: *Monitor Integralista* e *A Offensiva*

O primeiro jornal de circulação nacional foi *Monitor Integralista*. Surgido em 1933 no Rio de Janeiro, tinha circulação interna e era estruturado como uma espécie de “diário oficial”. Originalmente era uma publicação quinzenal (entre dezembro de 1933 e fevereiro de 1934), depois passando a bimestral (até dezembro de 1934), a trimestral (entre março e novembro de 1935), a quadrimestral (entre janeiro e outubro de 1936) e apenas uma edição em 1937.



Como pode ser observado na reprodução do expediente do *Monitor Integralista*, todos líderes dos núcleos (estaduais e municipais) deveriam fazer a aquisição da folha. Por sua vez, o periódico versava sobre a organização do movimento. Era nestas páginas que editavam toda a estrutura organizativa em forma de organogramas, além de como deveriam ser estruturadas as secretarias em todas as suas esferas (nacional, estadual e nuclear). Definia como deveriam ser os uniformes e as divisas. Fazia convocações para reuniões e congressos. Publicava o nome dos membros que assumiam cargos, tanto nas secretarias nacionais, quanto regionais. Além disso, transmitiam as resoluções da chefia nacional, todas elas assinadas pelo “Chefe Nacional” Plínio Salgado. Em outras palavras, era o órgão que definia como deveria ser a estrutura interna da AIB.

Não é de surpreender que a palavra oficial do integralismo fosse transmitida através do jornal, pois chegava a todas as regiões do país onde houvesse núcleos, com custo de produção relativamente baixo. Além do mais, uma única publicação garantia a uniformidade que os integralistas queriam que fosse imposta aos militantes: um núcleo de Santa Catarina receberia o mesmo jornal que um do Amazonas. Isto fazia com que a organização interna fosse a mesma nas diversas regiões do país.

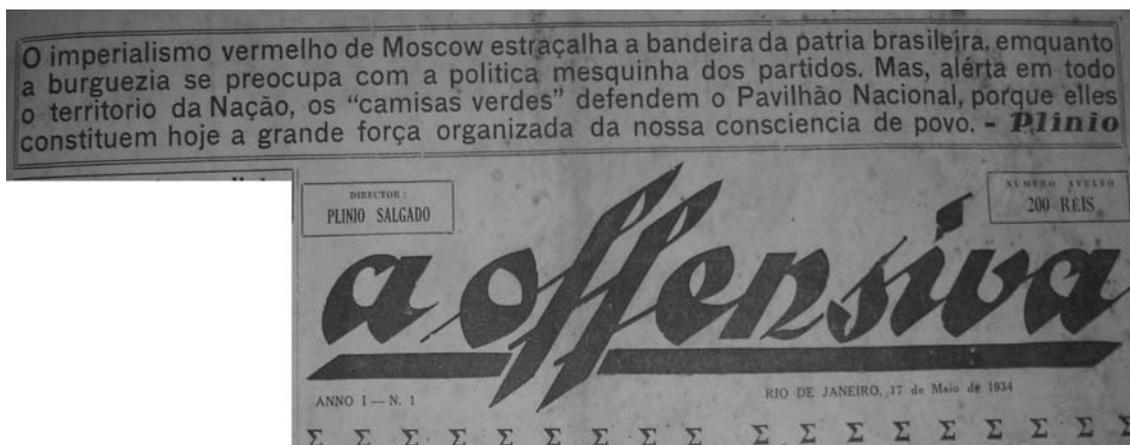
O *Monitor Integralista* teve este caráter e a obrigatoriedade da sua aquisição por parte dos núcleos, fazia com que suas ordens fossem conhecidas por todos, não havendo espaço para a desobediência.

Se por um lado este jornal era o responsável por buscar sistematizar como a Ação Integralista Brasileira se estruturava enquanto movimento político, por outro lado, havia a necessidade da difusão da ideologia, também de forma organizada e que buscasse criar uma lógica planificada de doutrina. Esta carência foi suprida através de outro jornal, igualmente de tiragem nacional, chamado *A Offensiva*. Este periódico era o principal portal de transmissão da doutrina integralista. Tinha o caráter de órgão oficial do integralismo e era através dele que a palavra do “Chefe Nacional”, Plínio Salgado, chegava aos lares dos militantes. Assim como no *Monitor Integralista*, havia a obrigatoriedade de assinatura por parte dos núcleos. As lideranças nas esferas nacionais, regionais e locais eram obrigadas a ter uma assinatura individual e também era recomendado que todos os militantes assinassem ou comprassem nas bancas.

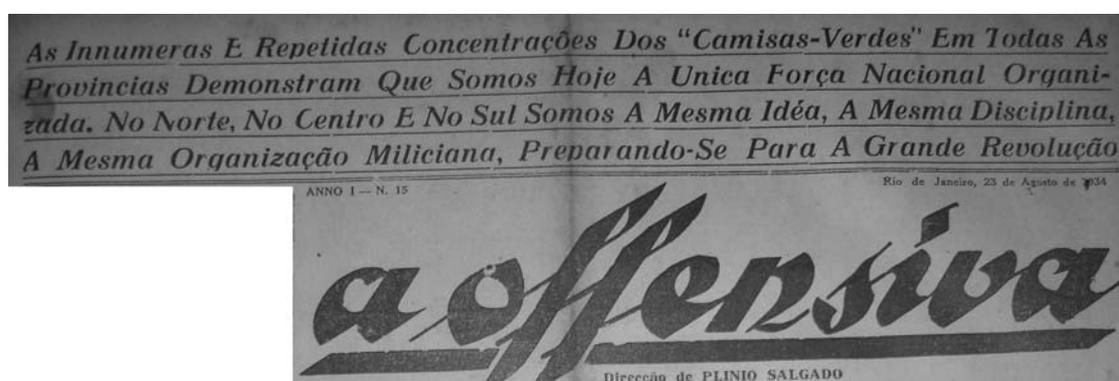
Este jornal teve três fases distintas, entre os anos de 1934 e 1937. A primeira se estende de maio de 1934 a maio de 1935, a direção era de Salgado em pessoa, ou seja, levava oficialmente o caráter de ser dirigida pelo “Chefe”. Representou o período de afirmação do integralismo enquanto movimento político. Neste momento, o jornal tinha

oito páginas e formato pasquim. Sua estrutura em muito lembrava o jornal *A Razão*, embora não tivesse o mesmo tamanho físico.

Na primeira página sempre iniciava com uma palavra de ordem em letras garrafais que apontava a oposição entre o integralismo e o comunismo e/ou liberalismo, como pode ser observado abaixo:



Ou apontava a questão da marcha do integralismo para a revolução.



Estas palavras de ordem tinham o caráter doutrinário. Textos rápidos, objetivos e que ditavam os pontos básicos da mensagem transmitida pelo jornal: o integralismo como o movimento político de força que estava crescendo e se opunha às ideologias consideradas pelo movimento como inimigas (comunismo e liberalismo).

Também nesta mesma página estava editada a coluna de Plínio Salgado, que possuía o caráter de Editorial, apresentando-se muito semelhante à coluna “Nota Política”, de *A Razão*. Os textos de Salgado objetivavam difundir a ideologia do movimento em uma escrita didaticamente simples e direta. Não eram textos complexos

ou com excessos de erudição. Eram voltados ao grande público. Vamos tomar como exemplo o primeiro artigo da coluna de Salgado, chamado “Revolução Integralista”:

Está desfraldada a bandeira da Grande Revolução. A de 30 não satisfaz a angústia brasileira. Ela não chegou mesmo a ser uma revolução. Trouxe, no seu bojo, alguns idealistas, alguns políticos, em luta pelos interesses hegemônicos, e teve, na História, a projeção medíocre de um simples movimento armado.

Esse movimento não trouxe consigo uma ordem de idéias inspiradoras. Não o precedeu a enunciação de uma doutrina que dissesse algo novo ao país. Se a Revolução, como afirmou Bonaparte, é uma idéia que encontra as pontas das baionetas, os desfiles marciais de outubro levaram na sua marcha a palidez cinzenta das lâminas de aço, sem o brilho santelmo do pensamento renovador. [...]

Revolução é o dom da palavra das Nacionalidades. Quando uma Pátria aprende a falar, dá-se uma revolução.

Foi o que aconteceu agora. A Revolução de 30 era apenas uma voz desconexa. O integralismo é uma palavra. Em 30, tínhamos a onomatopéia. Em 34, temos a proposição com sentido lógico.³⁰⁹

Como se pode observar é um texto simples, claro. Construído em torno de uma oposição: no caso, a Revolução de 1930. Apresenta aquilo que considerava os defeitos do movimento de outubro e, em contrapartida, aquilo que deveria ser a *revolução integralista*. De um lado, o que Salgado considera uma atuação de indivíduos movidos por interesses pessoais ou classistas e do outro, a sua ideologia, apresentada com “a síntese da nacionalidade”.

Os textos de sua coluna vão manter a lógica de contraposições, principalmente ao liberalismo e ao comunismo. Vamos analisar outro texto de Salgado, chamado “Sentido da nossa violência”. Ele inicia explicando qual é a violência integralista.

A nossa violência não é a violência de Sorel. A nossa luta, no Brasil, não se subordina ao materialismo do “struggle for life” aplicado à luta de classe, de acordo com a dialética hegeliana e a concepção marxista da História. A nossa violência deve ter um sentido no Espírito, da sua intervenção na marcha dos fatos, da imposição de um novo sentido de vida.³¹⁰

Aqui retornamos à discussão materialismo *versus* espiritualismo. O materialismo (comunismo e liberalismo) seria violência devido à luta de vida e de morte pela sobrevivência (dentro da lógica de que o mais forte sobreviveria), já o espiritualismo seria uma idéia imposta, mas que teria como objetivo apresentar um novo modo de

³⁰⁹ A *Offensiva*. Rio de Janeiro, 17/5/1934, p. 1.

³¹⁰ A *Offensiva*. Rio de Janeiro, 5/7/1934, p. 1.

vida. Depois segue: “A 'luta de classe' é um fenômeno do século XIX. A 'luta das civilizações' é o fenômeno do século XX”.³¹¹ A oposição é entre duas concepções: a materialista (destruidora) e a espiritualista (redentora). Além disto:

Não nos levantamos contra uma classe. Levantamo-nos contra uma civilização. Nós somos o sentido de síntese do século XX, lutando contra o sentido de análise do século XIX. Nós somos a afirmação do Espírito Imortal contra os entraves que nos oferece o determinismo burguês, que é a filosofia de encomenda dos opressores do mundo. Nós somos o valor da Idéia contra os excessos de subordinação à natureza dos fisiocratas e dos clássicos da economia liberal, que determinam quase sempre por se tornarem anti-naturais.³¹²

A partir desta definição entre os lados, apresentam quem são os inimigos do integralismo/espiritualismo e o “sentido” da violência dos “camisas-verdes”.

Daí o sentido novo da nossa violência. Nossos inimigos estão todos na burguesia, pregando comunismo. Os operários não são comunistas. Nossos inimigos são velhos de 20 ou 80 anos, que repetem como papagaios as lições do século XIX. São os materialistas, os ateus, os comodistas, os sórdidos almofadinhas que pensam estar Lenine ainda na moda. São os que oferecem entraves aos que pretendem salvar a Pátria da escravidão econômica, resultante de uma civilização que combatemos a todo o transe. São os céticos, os icterícios encharcados de brochuras amarelas. São os burgueses que pregam o comunismo por originalidade, enquanto o operário forma conosco, em nossas tropas de choque.³¹³

Este exemplo da coluna editorial de Plínio Salgado é significativo, pois demonstra como o integralismo era definido, didaticamente, através da contraposição com os defeitos de outras ideologias. O espaço desta parte destinada a Salgado é fundamental, como instrumento da manutenção do seu poder pessoal dentro do integralismo. Se olharmos com atenção, veremos que ele é o único nome presente em todas as edições do jornal. Nem mesmo Barroso e Reale tem tamanho destaque.

Lembramos que *A Offensiva* era leitura obrigatória de todos os integralistas e esta era a principal forma que Salgado utilizava para se fazer presente em todos os lares. Sua voz, através das páginas de *A Offensiva*, tinha o poder de garantir o seu reconhecimento como “Chefe”, pois eram os seus textos que definiam aquilo que era a

³¹¹ Ibidem.

³¹² Ibid., p. 2.

³¹³ Ibidem.

Observem como era estruturada a parte inicial do jornal: a palavra de ordem no topo (em destaque). Abaixo e no canto esquerdo a coluna de Plínio Salgado (que abordava o integralismo, seu crescimento e a oposição aos inimigos) e, ao lado direito, a propaganda de uma demonstração de força (desfile, parada, congresso, conferência).

Nesta primeira página também eram mencionadas notícias e/ou reportagens de cunho político nacional e internacional.

A segunda página destinava-se à política nacional, com matérias sobre a situação no país, sobre o integralismo e/ou relativo aos seus inimigos. Também podiam constar notícias sobre atividades do movimento. É nesta página que se costumava editar textos assinados de outras lideranças integralistas, embora raramente observamos um mesmo autor aparecendo em mais de duas edições consecutivas. Muitas vezes a conclusão da coluna de Salgado ocorre nesta parte. Em algumas edições são editadas notícias ou matérias de temas internacionais. Os assuntos desta página, embora discutam questões políticas, são bastante variados. Apesar da diversidade, três pontos aparecem sempre em destaque, independente do conteúdo central de cada texto, com raras exceções. Referimo-nos ao integralismo e ao comunismo, em um primeiro plano, e ao liberalismo em segundo. Vamos utilizar um pequeno exemplo que reúna os três temas, de forma ilustrativa. Ressaltamos que a presença dos três em um único trecho não é uma constante e nem todos os textos são sintéticos. Alguns chegam a ocupar grande parte da folha. Mas o que segue é interessante, pois agrupa a visão geral dos textos desta segunda página:

A sociedade precisa de um quadro hierárquico dentro do qual viva e progrida.

Esse quadro pressupõe organização e disciplina.

No angustioso momento que hoje passa o mundo, vendo morrer a liberal-democracia e bracejar o comunismo, somente uma doutrina mostra no horizonte dos povos um lume de esperança: o Integralismo.

Porque ele cria e mantém aquele quadro hierárquico salvador sob o simbolismo do FASCIO de Mussolini, da SUÁSTICA de Hitler ou do SIGMA de Plínio Salgado.³¹⁴

Na citação aparece o liberalismo como uma força decadente, uma referência bastante característica da concepção integralista: a liberal-democracia, invariavelmente, é apresentada em processo de dissolução e que seria uma questão de tempo a ser derrotada pelo integralismo/fascismo. Já o comunismo é diferente, este é o inimigo

³¹⁴ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 14/6/1934, p. 2.

primordial apresentado pela imprensa integralista. Quase como uma antítese dos movimentos fascistas. E o integralismo seria a força salvadora para o Brasil, assim como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha.

A terceira página é dedicada à seção internacional. Denominada “A Semana Internacional”, apresenta reportagens e notícias sobre a situação no mundo em que se evidencia a oposição entre espiritualismo e materialismo em escala global. De um lado, o crescimento dos movimentos de orientação fascista. Do outro, a URSS espalhando seus “tentáculos” com o objetivo de dominação mundial sobre as velhas e incapazes nações liberais. Abaixo, dois trechos de notícias retiradas da seção “A Semana Internacional”. O primeiro denominado “A pretensa crise do nacional-socialismo alemão”.

Continua a ser assunto predileto das agências telegráficas internacionais os últimos acontecimentos ocorridos no seio das tropas de assalto do nacional-socialismo alemão. Com uma unanimidade digna de melhor causa, essas envenenadoras fontes de informação persistem em explorar aquele simples abafamento prévio de uma indisciplina sucedida entre alguns elementos do Estado Maior da milícia nazista.

Este fato conquanto inegável e lamentável, assim se vê transformado indebitamente em uma arma de ataque contra o regime político que já de modo definitivo instaurado na Alemanha, à força procurando dar-lhe um tal alcance. Trata-se portanto de uma propositada intriga, de gênero de outras que no setor internacional já tem sido registrada fartamente nos últimos anos.³¹⁵

Os textos da coluna internacional quase sempre saem em defesa dos regimes fascistas, como é o exemplo da citação acima. Ou ainda, procuram enaltecer as atitudes de tais governos. Já no tocante ao comunismo, a situação é o inverso. Procuram denegrir a imagem da URSS ou discutir aquelas que seriam suas supostas incongruências, como é o trecho abaixo, retirado de uma matéria denominada “A Rússia é conservadora”.

Não me refiro ao país, mas ao Governo. Será o governo comunista da URSS um tipo conservador? Parece uma pilhéria, mas não é. Os nossos simpáticos ao bolchevismo, porque só têm documentação favorável sorrirão, pensando que se trata de uma bondade de nossa parte. Mas não é tal. É a palavra oficial do ministro das relações exteriores da França, dita na sessão do Senado 16 de janeiro do corrente ano. Entre as razões apresentadas pelo sr. Paul Boncour, para que a França aceitasse, sem maiores caretas uma aliança comercial (só

³¹⁵ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 12/7/1934, p. 3.

comercial?) com a URSS, está o argumento de que a nação está se tornando singularmente conservadora na ordem européia.³¹⁶

Às vezes aparecem notícias de choques entre as nações fascistas e a URSS dentro da esfera diplomática, ou até mesmo choques físicos entre comunistas e fascistas das mais variadas partes do mundo:

De uma carta do dr. G. A. Pfister, diretor do Departamento de Relações Exteriores da União Britânica de Fascistas, dirigida pelo ex-ministro e deputado Oswald Mosley, enviada ao nosso companheiro Gustavo Barroso, em data de 14 de junho p.p., extraímos o seguinte tópico:

“No dia 7 de junho, nosso Chefe falou na sala Olympia a um auditório de 15 mil pessoas. Estavam presentes dois mil camisas pretas e mais ou menos três mil comunistas. Por isso, houve naturalmente magnífica batalha que terminou pela completa expulsão dos Vermelhos pelos nossos, 177 comunistas feridos foram para o hospital. Estamos tratando 21 dos nossos em nosso Quartel General. Nas ruas próximas ao Olympia foi necessário mobilizar 1200 policiais a pé e a cavalo, para repelir os assaltos dos Vermelhos”.³¹⁷

Estes exemplos foram propositalmente retirados do mesmo exemplar de jornal, para mostrar que a oposição entre o fascismo e o comunismo eram o norte desta terceira página, e que era voltada a questões de ordem internacional. Percebe-se que as três primeiras folhas têm como pano de fundo esta oposição entre comunismo e fascismo. A única diferença é que as duas primeiras dedicam-se, primordialmente, ao Brasil, e a terceira aos acontecimentos mundiais.

A quarta página é dedicada a textos diversos, alguns de conteúdo político envolvendo o integralismo e outros de informação geral. Os integralistas são assinados por lideranças como Miguel Reale e Raymundo Padilha.

A quinta página é destinada à seção “Integralismo nas Províncias”. Nesta parte, apresentavam questões locais de cada estado e como estava se organizando o movimento. É uma excelente fonte para pesquisadores que trabalham com elementos locais dentro do integralismo. Apresenta como eram estruturados os núcleos, tinha listas com lideranças, etc.

³¹⁶ Ibidem.

³¹⁷ Ibidem. Logo abaixo desta notícia vinha uma que mostrava o choque de integralistas e comunistas. O que aparentava que o problema que os fascistas europeus enfrentavam com os comunistas eram os mesmos que os brasileiros enfrentavam. “Mais uma vez coube aos Integralistas desagrar a bandeira nacional. Na Bahia, como em Campos, os 'camisas-verdes' souberam desafrentar condignamente o pavilhão brasileiro, insultado pelos comunistas”. Ibidem.

A sexta página volta-se aos esportes e a sétima a cinema, teatro, cultura e coluna social.

A oitava apresenta notícias diversas, desde loteria, bancos, promoções, etc. Também traz matérias policiais e sobre o integralismo.

Nesta primeira fase de *A Offensiva* podemos perceber que o jornal ainda estava em busca de uma definição daquilo que era o integralismo. Era uma etapa dentro do movimento de consolidação, e isto se reflete em suas páginas, em especial nas três primeiras.

A partir do número cinquenta e três, o jornal inicia a segunda etapa de sua existência: passa por uma ampliação física (entre dez e dezesseis páginas) e também a reestruturação interna das seções. Outrossim, começa a ter um subtítulo que apresenta uma mudança significativa: “ORIENTAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO”. Se observarmos as edições anteriores (vide imagens neste capítulo), Salgado surge como diretor do jornal. Nesta segunda fase, o órgão oficial da AIB passa a ser a “orientação” do “Chefe” máximo do movimento. Não é apenas um periódico, mas a voz oficial do líder.



Esta fase traz o movimento consolidado, contudo, é um momento conturbado para o integralismo, enquanto organização política legalizada: há o fantasma da Lei de Segurança Nacional (LSN), que ameaça tanto a AIB quanto a recém fundada Aliança Nacional Libertadora (ANL). Se, por um lado, não há mais a preocupação de legitimar a sua existência, devido ao grande número de adeptos, por outro, há a necessidade de justificar por que o movimento/partido não representaria risco para a sociedade e, por esta razão não podendo ser enquadrado na LSN. Isto se reflete nas páginas do jornal de diversas formas: nas palavras de ordem do início de cada edição deixa de aparecer o termo “revolução” e referências à tomada do poder. Também insinuações de que o governo teria características liberais deixam de ser veiculadas. As reportagens de capa sobre as atividades do movimento, com reproduções de imagens de paradas e desfiles ao

estilo militar são cortadas. Para suprir este espaço, o texto de Plínio Salgado passa a ser centralizado e ganha maior destaque. Como pode ser observado abaixo:



Como um mecanismo de defesa diante da LSN, parte para o ataque à ANL, tentando mostrar que ela era comunista (e em alguns casos vinculando-a ao judaísmo) e que representa uma ameaça à segurança do país. Desta forma, busca mostrar-se dentro da lei, tendo em vista o seu caráter nacionalista diante do internacionalismo “vermelho”. Utilizam uma estratégia de “ataque defensivo” à ANL e ao comunismo. Como no exemplo a seguir, retirado de um texto chamado “Criminosos contra a Pátria”.

Já não resta a menor dúvida. E eles ainda não se decidiram. Eles continuam a azocrinar-nos a paciência com as suas restriçõeszinhas, aborrecer-nos com objeções, a irritar-nos com as suas críticas. Eles sabem que o comunismo estruturou-se agora com os elementos de todas as esquerdas. Sabem que a Aliança Nacional Libertadora é um amontoado de ateus, de inimigos da tradicional organização da família brasileira, dirigidos pelo comunismo russo [...]. Eles sabem ainda, que o capitalismo internacional, agindo secretamente de acordo com os comunistas da Aliança Nacional Libertadora, faz baixar o câmbio, elevando a libra a 90\$000, a fim de que o mil réis, desvalorizado no exterior, possa atentar contra a pequena propriedade de nossos infelizes patrícios, facilitando dessa maneira a proletarização da pequena burguesia.³¹⁸

³¹⁸ A Offensiva. Rio de Janeiro, 18/5/1935, p. 1.

O “eles” seriam aqueles que, dentro do governo, estavam tentando enquadrar o integralismo na LSN. Estrategicamente, o jornal caracteriza-os como coniventes com o comunismo e “traidores” da nação, ao atacar os “camisas-verdes”. Percebe-se que esta tática, estabelecendo uma ofensiva contra a ANL e o comunismo, busca defender os integralistas das críticas recebidas e tenta fazer a sua manutenção como organização política legalmente reconhecida. A partir de então restabelece a discussão materialismo *versus* espiritualismo, agora colocando em lados opostos a AIB e a ANL. Observe a referência com o título “Trechos de ouro da carta de Luiz Carlos Prestes à Aliança Nacional Libertadora”:

I “A radicalização das grandes massas manifesta-se claramente, entre outros fatos, pela influência crescente do PARTIDO COMUNISTA, e a própria aclamação do meu nome nos comícios da Aliança É INDÍCIO DE TAL INFLUÊNCIA, porque não só os dirigentes da Aliança, mas as grandes massas que os apóiam sabem que SOU COMUNISTA e membro do PCB”.

(Isto prova que a Aliança é comunista)

II “As massas que vêm lutar contra o fascismo querem aniquilar o movimento integralista vêm na Aliança a organização capaz de reunir numa grande e única força os esforços dispersos da multidão”.

(Isto prova que o Integralismo é a única tábua de salvação que as famílias brasileiras encontram para se livrarem do comunismo).

Diante disso, que os chefes de família, os que amam a Deus e à Pátria devem se decidir.³¹⁹

Esta oposição se faz presente não apenas na primeira página, como também nas demais partes políticas do jornal. A segunda mantém-se destinada a questões de ordem política nacional, como na fase anterior. A terceira permanece voltada às notícias internacionais, apenas alterando o nome da seção de “A Semana Internacional” para “Momento Internacional”.

Nas primeiras edições da nova fase, a quarta página passa a veicular a seção “Proletariado”, em que se abordam questões trabalhistas e do movimento operário. Posteriormente, a seção deixa de ser publicada, e, em seu lugar destina-se o espaço à “Moda Feminina” e temas relacionados à mulher, família, entre outros temas.

A quinta página edita uma seção chamada “Vida Militar”, cujo objetivo é fazer apologia da carreira das armas. Acreditamos que esta parte tinha o objetivo de garantir a simpatia dentro da caserna e também defender-se da LSN, pois destacava que tanto o integralismo quanto as classes armadas eram as forças que defendiam a nação diante do

³¹⁹ Ibidem.

comunismo. Nossa hipótese é corroborada pelo fato de esta seção deixar de circular depois que a AIB foi absolvida no processo da LSN, em julho de 1935. No seu lugar edita-se a seção “Página Médica”, voltada a questões de higiene e saúde.

A sexta página apresenta a seção “Educação Física”. A sétima é dedicada aos esportes.

Um dado interessante é que nos espaços entre as notícias e matérias destas três páginas são publicados textos de conteúdo político sobre o integralismo e também a oposição aos seus inimigos. Às vezes, a ordem destas três páginas é alterada.

A seção “O Integralismo nas Províncias” tem um destaque maior e ocupa a oitava, nona e décima páginas. As seções “Cinemas” e “Teatros” assumem a décima primeira página.

A última apresenta temas variados que vão desde política nacional, movimento operário e polícia.

Nesta fase, o jornal *A Offensiva* utiliza ostensivamente, além de fotografias que já eram usadas em larga escala, caricaturas. Este recurso tem como alvo primordial os inimigos do movimento, tendo como destaque principal o comunismo.³²⁰



As caricaturas também eram editadas com objetivo de defender o ponto de vista do fascismo, como no exemplo abaixo, sobre a questão da Abissínia³²¹:

³²⁰ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 13/7/1935, p. 1. (esquerda); 14/7/1935 (direita)

³²¹ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 30/11/1935, p. 4. Na legenda: “O mundo vê somente Mussolini, John Bull e o Negrinho... Nós vemos os judeus por traz de ambos e repartindo os lucros, no fim com os bons amigos...”



Mussolini é representado de forma militarizada, com punho em riste, enquanto o judeu agindo às sombras. O fascismo sempre mostrado como firme na luta contra o “mal”.

Esta segunda fase de *A Offensiva* apresentou várias mudanças. O conteúdo foi adaptado devido à conjuntura: as marchas militarizadas desapareceram, minimizaram as críticas ao governo, publicaram-se apologias às forças armadas e abandonou-se a própria visão revolucionária. No entanto, percebemos que não apenas as questões conjunturais mudaram a forma e o conteúdo do jornal. Questões estruturais também puderam ser observadas. Quando ocorre a absolvição da AIB por enquadramento na Lei de Segurança Nacional, afastou-se o fantasma da cassação, com isto as reuniões e os desfiles voltaram a ser veiculadas. Embora o caráter bélico tenha diminuído. O termo revolução também não retornou com a mesma intensidade. Por quê?

A resposta é o fato de o movimento integralista ter sofrido uma mudança interna ao obter o registro como partido político junto ao Superior Tribunal Eleitoral. Com isto, foi abandonando a via revolucionária e começando paulatinamente a se organizar dentro dos moldes político-partidários. As demonstrações de força passaram a ser a capacidade de arregimentação e não a força armada. E isto se reflete nas páginas do periódico. Ou seja, há uma reestruturação interna na AIB no decorrer desta segunda fase, e isto vai abrir o espaço para uma nova reformulação de *A Offensiva*, que começou a vigorar em janeiro de 1936.

As duas primeiras grandes mudanças que percebemos são relativas ao tamanho físico, alterando de pasquim para tablóide, e a circulação deixa de ser semanal, passando a diária.³²²

³²²A *Offensiva* passou a circular de terça-feira a domingo. Na edição de domingo às vezes o jornal tinha um acréscimo de páginas, variando entre duas e oito a mais. Esta parte “extra” era chamada “Segunda Seção”. O jornal não circulava na segunda-feira.

Do ponto de vista organizacional, o jornal começa a ter oficialmente um diretor (Madeira de Freitas), além da figura de Plínio Salgado. A partir abril de 1937, também é acrescida a figura de um gerente (Ordival Gomes).



Acreditamos que esta mudança tenha ocorrido pelo fato de o jornal demandar um tempo maior para ser organizado, pelo fato de ter se tornado diário. O periódico continua a ser a “Orientação de Plínio Salgado”.

Outra mudança substancial é que as palavras de ordem, que sempre ficaram em destaque nas fases anteriores, deixam de ser uma constante. Às vezes são veiculadas, mas intercalam-se com chamadas que destacam conteúdo de notícias. Como pode ser observado abaixo:



As notícias internacionais passam a ganhar destaque na primeira página, muitas vezes tendo mais espaço que as nacionais. O integralismo deixa de ser o elemento principal da abertura de todas as edições, embora sempre esteja presente de alguma forma em quase todas as edições – seja por alguma nota, notícia, matéria, etc.

Na segunda página colocam a coluna editorial de Plínio Salgado.³²³ Também é aberto um espaço para as demais lideranças do movimento escreverem matérias em uma coluna fixa, porém alternando os autores. O resto do espaço destina-se à política

³²³ No período de março a julho de 1937, a coluna é escrita pelo diretor do jornal, Madeira de Freitas. Além deste período, o diretor também escreveu algumas dessas matérias. O que reforça o caráter editorial do espaço: na ausência do Orientador Salgado, Madeira de Freitas é quem dialoga com o leitor-militante.

nacional, tendo o integralismo como norte. Esporadicamente surgem matérias e/ou notícias internacionais, mas não é uma via de regra.

A terceira página é destinada à política nacional, com destaque para órgãos governamentais (Senado, Câmara de Deputados, Governo Federal e Estaduais, Câmaras regionais). A quarta é objeto de questões nacionais, não necessariamente de cunho político. Versa sobre temas diversos. Nestas duas páginas o integralismo também é uma presença constante, mas não é o elemento central.

A quinta página é voltada a notícias internacionais, numa lógica semelhante às duas fases anteriores (oposição entre fascismo e comunismo/liberalismo). Aqui também são editadas matérias sobre o integralismo.

A sexta página é destinada a Cinema, Teatro e Sociedade. A sétima a esportes e a oitava, comércio e economia. A nona destina-se ao sindicalismo e aqui encontramos um excelente “campo de batalha” entre integralismo e comunismo.

Por fim, a última página veicula notícias diversas, informações sobre o integralismo e os núcleos, questões policiais e políticas.

Nestes moldes *A Offensiva* mantém-se durante dois anos, levando diariamente a ideologia a seus militantes das mais variadas regiões do país, tendo Plínio Salgado como principal destaque, sendo presença constante em todas as edições. Sua voz chegando a todos os núcleos. Sua imagem é constantemente reproduzida. Como pode ser observado no exemplo abaixo:



Isto nos leva à conclusão de que *A Offensiva* tinha como objetivos centrais a difusão da ideologia integralista, a doutrinação dos militantes e a consolidação e manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da Ação Integralista Brasileira. Não é por acaso que seu nome atinge vitória esmagadora na eleição interna como candidato do partido para presidente da República, com noventa e nove por cento dos votos (de acordo com as fontes oficiais do partido).³²⁴

A Offensiva foi o jornal de maior expressão dentro da rede de periódicos que a Ação Integralista montou. Tinha o caráter de principal órgão do partido e uma das principais formas de inserção social dos “camisas-verdes” junto à sociedade brasileira da época. O jornal também servia de exemplo para outros jornais do movimento. Mesmo que não possuíssem a mesma capacidade em termos de recursos para publicação, *A Offensiva* era o norte desses periódicos.

3.1.2.2. Jornais de circulação regional

Se *A Offensiva* tinha como objetivos difundir a ideologia, atrair militantes e reforçar o poder pessoal de Plínio Salgado, na esfera nacional, os jornais regionais (ou provinciais) possuíam características semelhantes, em suas áreas de ação. Serviam como instrumento que fazia a ponte entre a Chefia Provincial e os “camisas-verdes” dos diversos núcleos locais. Estes periódicos objetivavam estabelecer um elo de uniformidade entre as diversidades culturais e sociais que muitas vezes se faziam presentes nos Estados. Como é o exemplo do Rio Grande do Sul, que possui pelo menos três elementos étnicos distintos com grande inserção no movimento: ítalo-brasileiros, luso-brasileiros e teuto-brasileiros.³²⁵ No caso específico, havia a preocupação de não excluir estes atores sociais e, ao mesmo tempo, enquadrá-los dentro dos pressupostos integralistas.

³²⁴ Mesmo que os dados pudessem ter sofrido algum tipo de adulteração, acreditamos que eles podem estar corretos, se levarmos em consideração que a AIB era um movimento de massas de orientação fascista, cujo culto ao líder e à hierarquia é um elemento fundamental. Ou seja, o juramento de lealdade e obediência incondicional ao “Chefe Nacional” poderia influenciar os militantes a escolher o seu nome à presidência. Também deve ser considerado que a imagem de Salgado é central em todos os jornais integralistas e que não é permitido a nenhuma outra liderança ter um destaque que possa fazer frente ao “Chefe”.

³²⁵ Por ítalo, luso e teuto-brasileiros enquadramos indivíduos de ascendência italiana, lusitana/açoriana e alemã, respectivamente. Não levamos em consideração a concepção subjetiva que os atores possuem de si mesmos.

Nesta parte não faremos um arrolamento extensivo dos periódicos regionais, pois isto demandaria um espaço físico demasiado, tendo em vista a grande quantidade de jornais. Por esta razão, vamos procurar elencar elementos comuns, estabelecendo um perfil deste tipo de publicações. Evitaremos, da mesma forma, debater temas locais destes Estados, e, se eventualmente o fizermos, será com o objetivo de ressaltar alguma característica da imprensa ou peculiar de cada folha.

Como já havíamos afirmado anteriormente, a fundação destes jornais ocorre em um curto período de tempo depois da fundação das chefias provinciais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a fundação oficial da sede provincial ocorreu em três de janeiro de 1934.³²⁶ Exatamente um mês depois, em três de fevereiro, foi editado *O Integralista*, órgão oficial da Chefia do Estado.



Pelo menos nos casos a que tivemos acesso relativo às datas de fundação das chefias provinciais, o tempo de edição dos seus respectivos jornais não excederam quarenta dias (Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais e Bahia).

Estes jornais não possuíam um padrão, tanto na formatação quanto na circulação. Encontramos alguns que tinham formato pasquim e outros tablóide. Variavam entre quatro a oito páginas. Eram editados semanal ou quinzenalmente. Encontramos um único diário. Também não havia um padrão tipográfico, ou seja, cada um deles tinha liberdade para escolha dos elementos gráficos. Neste ponto eram bastante heterogêneos.

O primeiro jornal de cada chefia provincial costumava publicar na sua edição de estréia o *Manifesto de Outubro* e/ou os *Estatutos da Ação Integralista Brasileira*. Desta

³²⁶ O primeiro núcleo integralista do Rio Grande do Sul ocorreu em Boa Vista do Erechim, em quatorze de abril de 1933. Encontramos no Arquivo Municipal de Rio Claro, que guarda a documentação de Plínio Salgado, a ata de fundação deste núcleo. Havia uma anotação de Salgado no envelope que continha o documento: “Foi o primeiro núcleo do Rio Grande do Sul, fundado apenas pela leitura do Manifesto de Outubro de 32. Os outros pioneiros foram Rio Claro, S. Roque (São Paulo) e Itajaí (Stª Catarina)”. Plínio Salgado viria dar o título de “Cidade Integralista” a esta cidade. De acordo com Daniel Milke, o primeiro núcleo em Porto Alegre foi fundado em dezembro de 1933, e apenas em três de janeiro do ano seguinte seria inaugurado a chefia provincial. MILKE, Op. cit. p. 24.

forma, universalizavam a idéia primordial do integralismo. O manifesto era um documento que deveria ser conhecido por todos os “camisas-verdes”. A sua divulgação através da imprensa garantia que houvesse uma circulação maior do que a sua divulgação em forma de folhetos, muito menos que os indivíduos tivessem de ir a algum núcleo para recebê-lo.³²⁷ Observamos que isto também ocorreu em A Offensiva, como pode ser visualizado nos exemplos abaixo (acima retirado do primeiro exemplar de *O Integralista* do Rio Grande do Sul e abaixo de *A Offensiva*).



³²⁷ Tivemos acesso a apenas três edições diferentes do *Manifesto de Outubro de 1932* publicados em forma de folheto. Todos foram editados pela Secretaria Nacional de Propaganda. Não sabemos como se dava a distribuição aos núcleos ou se estes tinham autorização para fazer suas próprias edições. É muito provável que os militantes recebessem nos núcleos e/ou havia distribuição nas ruas. Seja como for, a edição nos periódicos garantia uma circulação muito maior deste documento.

Outra característica que encontramos nestes jornais, muito semelhante àquilo que era uma regra em *A Offensiva*, é o culto a Plínio Salgado. A exposição de seu nome e/ou sua imagem é uma constante em praticamente todos os títulos encontrados. Da mesma forma, não observamos a reprodução referente a outras lideranças, mesmo aos líderes regionais responsáveis pelos periódicos. O “Chefe Nacional” é o centro irradiador do poder. Este fenômeno acontece de várias formas. Muitas vezes, aparecem em destaque suas palavras de ordem destinadas aos integralistas no início dos exemplares, como nos exemplos a seguir.



Em alguns exemplos surge a contraposição da imagem de Salgado discursando e uma frase sua aparece ao lado, como se este estivesse falando diretamente ao leitor/militante.





Além disso, as suas fotografias são amplamente difundidas sempre em destaque nestes jornais.³²⁸



Percebe-se pelas legendas que Salgado é apresentado como um salvador: o indivíduo que se sacrifica em nome do bem comum. Plínio Salgado é o centro do movimento integralista, toda a estrutura está em torno de sua figura. Tanto que a sua presença em uma cidade é o suficiente para garantir a ela o título de “Capital do Integralismo”. Um exemplo pode ser conferido no jornal *Anauê!*, da Chefia Provincial de Minas Gerais:

³²⁸ A imagem à esquerda foi retirada de *A Razão*. Curitiba, 10/5/1935, p. 1. A legenda da fotografia “O Homem que vem se cobrindo de rugas para encher de mocidade à Pátria!”; ao centro *Província da Guanabara*. Rio de Janeiro, 13/6/1937, p. 1. A legenda “O CHEFE NACIONAL”; à direita *Revolução*, Porto Alegre, 29/5/1937, p.1. A legenda da fotografia “Este homem salvará o Brasil”.



A matéria falava que a cidade havia sido a capital do movimento devido à presença do “Chefe” e sua comitiva. Na capa do jornal a chamada da matéria: “Itajubá foi a Capital do Integralismo em 27 e 28 de abril”, e em seguida a fotografia de Plínio, o que garantiria a legitimidade da afirmação.

Deve-se levar em consideração o fato de, entre as lideranças de expressão nacional, Plínio Salgado ser aquele que possui o maior número de textos reproduzidos nestes jornais regionais. O destaque fica para reproduções de sua coluna em *A Offensiva*, trechos de livros e de discursos, matérias especiais para determinado jornal e entrevistas. As viagens do “Chefe” a algum Estado sempre recebem destaque, nos respectivos jornais regionais.

Do ponto de vista da difusão ideológica, percebemos em todos os jornais regionais a que tivemos acesso a oposição entre materialismo e espiritualismo, dentro da mesma lógica observada anteriormente.

Um interessante exemplo e que sintetiza esta relação é a contraposição de um texto de Plínio Salgado intitulado “Quem somos nós”, com uma suposta reprodução de um jornal soviético. Nas palavras do “Chefe”: “Nós somos os homens que não conspiram. Nós somos os apaixonados pela grandeza e unidade da Pátria. Nós somos os

que não nos reunimos em confabulações secretas [...]. Nós somos os que sustentam em todas as lutas à luz do sol, as idéias de Deus, da Pátria e da Família”.³²⁹ Em um retângulo junto a este texto estava a reprodução de um jornal russo, como pode ser visto abaixo³³⁰:



Reprodução da 1.ª página do "Bez bozhnik" (Sem Deus). Na vinheta que cerca o retrato de Lenine, lêem-se as seguintes legendas: "A obra dos "Sem Deus" é obra de Lenine" — "Não devemos lutar contra a religião" — "É preciso saber como lutar contra a religião" — "O mestre-escola deve ser um "Sem Deus" — "A religião é um entorpecente para o povo".

A leitura das duas mensagens reflete que de um lado haveria a ideologia que “salvaria” e “defenderia” a pátria e os seus valores sociais, morais e religiosos, e a outra seria exatamente o oposto: internacionalista e destruidora destes valores. Exatamente o discurso de oposições que permeia a produção integralista.

Dentro desta perspectiva, notamos que parte considerável destas folhas apresentavam, em alguns exemplares, reproduções de matérias retiradas de *A Offensiva*. Não cabe aqui ficar elencando e/ou analisando tais referências, apenas ressaltar que dentro desta visão de oposição entre o integralismo, seus aliados e inimigos, *A Offensiva* é mais do que um exemplo, é uma fonte utilizada por estes periódicos.

³²⁹ *Província da Bahia*. Bahia, 4/4/1935, p. 3.

³³⁰ Dentro do retângulo com a imagem ainda havia um texto que explicava como funcionava a luta anti-religiosa por parte dos comunistas. Aqui um pequeno trecho: “Os comunistas de todos os países, obedecendo à instrução do Comitê Central da Internacional Comunista (Komintern), estão intensificando a luta anti-religiosa, de acordo com a orientação das atividades da União dos Sem Deus Militantes traçada para o período de realização do Segundo Plano quinquenal Anti-Religioso (1933-1937)”.

Muitos dos jornais publicam matérias de teor nacional e internacional. Mas são as notícias regionais (tanto das atividades das chefias provinciais quanto dos núcleos espalhados pelos Estados) que possuem um destaque central. Com isto, garantem não apenas a doutrinação do militante, como estabelecem o elo de pertencimento ao movimento. Em outras palavras, é nestes periódicos que são veiculadas as informações locais, e onde o “camisa-verde” consegue ver as suas atividades apresentadas em consonância com as de outros núcleos da sua região. Mesmo que *A Offensiva*, em suas duas primeiras fases, tivesse destinado um espaço para veicular as notícias regionais (Seção Integralismo nas Províncias), este era insuficiente para que o militante conseguisse visualizar-se no movimento. Já estes jornais regionais trazem o integralismo para mais perto dos seus filiados.

Como já havíamos afirmado anteriormente, não faríamos discussões sobre nenhum desses periódicos em específico. No entanto, antes de finalizar gostaríamos de ressaltar a existência de duas folhas que tiveram uma lógica diferente de todas as demais.

O primeiro é um jornal chamado *Século XX*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1935 e 1937. Era influenciado diretamente por Gustavo Barroso e tinha como objetivo central a difusão do anti-semitismo. O segundo jornal – *Acção*, de São Paulo – difere-se mais pela forma do que pelo conteúdo. Dirigido por Miguel Reale, tinha tiragem diária e grande destaque às notícias internacionais, embora não colocasse em segundo plano as locais. Outra característica percebida é que o diferencia dos demais periódicos de circulação estadual é o apelo ao operário. Acreditamos que isto ocorra pelo fato de a questão sindical ser uma grande preocupação para Reale.

Se olharmos com atenção, veremos que de toda a rede de jornais do movimento integralista apenas dois apresentam diferenças com os demais, exatamente aqueles liderados pelos dois intelectuais que ficavam logo abaixo de Salgado na hierarquia da AIB: Gustavo Barroso e Miguel Reale.

3.1.2.3. Jornais de circulação nuclear

Os jornais de circulação local ou nuclear são aqueles que possuem o maior número de títulos dentro da rede de imprensa criada pelo integralismo, no entanto, têm uma maior fragilidade do ponto de vista técnico e financeiro. São organizados como

pequenos pasquins, possuindo circulação semanal ou quinzenal. O tempo de vida destas folhas varia de um mês até um ano.

Deve-se ressaltar que não havia nenhum auxílio financeiro por parte da Chefia Nacional e cada jornal era responsável pela sua subsistência. Alguns partem para campanhas internas de arrecadação entre os membros do núcleo, outros sobrevivem com anúncios comerciais. Cada um subsiste de uma forma. Regiões com núcleos locais bem estruturados como Caxias do Sul e Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e Jaú e Mogi Mirim, em São Paulo, conseguiram manter suas folhas com bastante êxito, mantendo periodicidade constante. No entanto, esta não é uma regra, muitos jornais não conseguiam se manter por muito tempo e acabavam falindo.

O conteúdo destes jornais é bastante amplo. Muitos dão maior atenção às questões internacionais, outros às nacionais. Alguns têm um apelo forte aos operários, outros apresentam recorrentemente matérias anti-semitas e/ou contra a maçonaria.

Também percebemos pela amostragem a que tivemos acesso, que não havia um padrão tipográfico destes jornais. Cada um era organizado de acordo com a visão dos próprios membros do movimento. Nestas folhas, há uma relativa independência na forma como as matérias são transmitidas.

Observamos o que podemos denominar de “leitura subjetiva” do integralismo, nestes periódicos locais. E o que viria ser isto? Em realidade, notamos que o integralismo é transmitido através de matérias e reportagens assinadas pelas lideranças locais. Cada um deles possui uma leitura singular daquilo que é o integralismo. Mesmo que houvesse um fio condutor da ideologia integralista, a visão de cada um deles colocava um caráter subjetivo. Além disto, mesmo textos reproduzidos de outros jornais do movimento (circulação regional e nacional) e trechos de obras de lideranças de expressão dentro da AIB, são escolhidos pelos membros nucleares. Estes selecionam o que deve ou não ser transmitido. Aqui entra a subjetividade.

Os jornais das chefias provinciais até apresentam esta carga subjetiva. Contudo, pela expressão e relação mais próxima com o centro de comando integralista, elas são muito mais fáceis de serem controladas pela Secretaria Nacional de Imprensa, Doutrina e Propaganda. Isto se reflete no fato de encontrarmos, em alguns casos, ataques à maçonaria ou a alguma outra ideologia com maior ênfase. Era comum considerarem alguma autoridade local como liberal ou comunista pelo fato de estar perseguindo ou cerceando atividades do movimento. Até mesmo as influências teóricas das lideranças locais acabam servindo para dar um caráter diferenciado em cada folha. Muitas vezes

encontramos um autor com tendências à leitura de Reale e no mesmo exemplar outro com características das obras de Salgado ou Barroso.

Fatores locais também são determinantes: jornais de núcleos com grandes centros industriais, como Caxias do Sul, por exemplo, acabam tendo um apelo ao movimento operário. Já um jornal de alguma região onde houvesse núcleos fortes da ANL podia ser mais voltado ao combate a este inimigo.

Porém, não estamos afirmando que a ideologia era transformada ou adulterada. Apenas que estes semanários e quinzenários locais eram influenciados por fatores de suas regiões e também seus articulistas tinham uma possibilidade de interpretação maior pelo afastamento em relação ao centro do movimento.

Outra característica importante e que os diferem daqueles de circulação nacional e regional é o fato de serem mais próximos aos militantes. Pode-se asseverar que eles são os jornais que buscam o contato direto com os “camisas-verdes”. Se, por um lado, *A Offensiva* e aqueles organizados pelas chefias provinciais precisam ser bastante amplos para abarcar o maior número localidades, regiões e militantes, por outro, os jornais nucleares possuem um contato direto com os membros dos seus próprios núcleos. Devido, a isto criaram mecanismos para atingir o maior de “camisas-verdes”.

Um interessante exemplo pode ser observado no jornal *A Verdade*, de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Além de ser escrito em língua portuguesa, tinha uma de suas páginas em alemão. Ali destacavam-se matérias doutrinárias, traduções de textos de Salgado, Barroso, Reale e outras lideranças, além de documentos do movimento como o *Manifesto Programa*, notícias, etc.





Em Santa Catarina, circulou inclusive um jornal em língua alemã, chamado *Blumenau Zeitung*. Desta forma, atingiam também aquelas pessoas que não tinham fluência no português. Outra estratégia foi encontrada no jornal *A Voz D'Oeste*, de Ribeirão Preto, em São Paulo. Junto ao corpo normal da folha, havia um suplemento, que era outro jornal, chamado *O Sigma*, destinado às cidades Jardinópolis e Sarandy. Neste caso, no mesmo espaço físico, havia dois jornais, destinados aos núcleos de três cidades.

Uma característica em comum destes jornais é o culto da figura de Plínio Salgado. Neste ponto, são muito semelhantes aos nacionais e provinciais. Não observamos um padrão entre eles. Em cada um Salgado, aparece em destaque de forma diferenciada. Alguns, a partir de imagens, outros com mensagens e frases de efeito, podendo também aparecer suas matérias publicadas. Poderiam ter as três formas. As fotografias do "Chefe" eram reproduzidas quase sempre naquelas folhas com maiores recursos gráficos e financeiros. Já as citações de Salgado e frases de efeito ditas por ele ou chamadas alusivas ao seu nome e seus textos são utilizados de forma variada em cada folha. Não havia uma regra para que seu nome fosse veiculado. Da mesma forma, não percebemos outras lideranças ganhando espaço semelhante. Em outras palavras, o culto à imagem restringe-se apenas ao líder.

A difusão ideológica do integralismo também se dá através da contraposição entre inimigos e aliados, dentro da perspectiva “*materialismo versus espiritualismo*”. O comunismo tendo um papel de destaque em todos os jornais, apresentado quase como uma antítese do movimento. Segue uma lógica muito semelhante ao que já discutimos anteriormente. Não faremos exemplificações, pois retornaremos a esta discussão no último capítulo, por isto não precisamos arrolar nenhum texto sobre esta questão agora.

Em alguns casos estas folhas reproduzem textos dos jornais maiores. O tipo de recorte que fazem das folhas maiores, muitas vezes, acontece em textos menores e objetivos, vinculados à definição do integralismo. Há dois exemplos interessantes, retirados inicialmente de *A Offensiva*, e que foram publicados em vários outros jornais menores. O primeiro, *Breviário* aborda as diferenças entre comunismo, liberalismo e integralismo (ver Anexo III). O segundo “Pão, Terra e Liberdade” (lema da ANL) segue um estilo semelhante, mas é voltado para criticar o comunismo e os aliancistas (ver Anexo IV). Poucas vezes encontramos matérias longas retiradas dos grandes jornais do movimento. Seguidamente, encontramos matérias assinadas pelas principais lideranças.³³¹

No entanto, averiguamos que o principal espaço é assumido pelos membros locais. O ponto central, junto à difusão ideológica, era veicular as notícias que abordavam o integralismo naquelas regiões. Os núcleos e os seus militantes eram o objeto central. Não encontramos nenhuma entre as folhas nucleares que não tivesse as questões locais sendo publicadas. Por exemplo, no jornal *Anauê!* de Mogi-Mirim, em São Paulo, anuncia-se a visita de Plínio Salgado. Junto à chamada, um texto chamado “Breve Histórico”, no qual se narrava como foi a organização do núcleo que comemorava com a chegada de Salgado o seu primeiro aniversário (ver Anexo V). Em *O Bandeirante*, de Caxias do Sul, anunciada na matéria “Aos Integralistas de Caxias”, a fundação da sede integralista da cidade. (ver Anexo VI).

Estas duas citações servem apenas para ilustrar como as notícias locais são veiculadas nestes jornais. Não obstante, as notícias regionais, nacionais e internacionais também se fazem presentes.

Quando observamos a extensão destes jornais nucleares, percebemos que os integralistas tinham a necessidade de transmissão de sua ideologia da forma mais

³³¹ Em linhas gerais quando os textos são retirados de outras folhas costumam ser referenciados. Contudo, encontramos alguns casos de textos copiados sem que a origem fosse apresentada, mas são raras exceções.

objetiva possível. O jornal era um veículo excelente para esta doutrinação. Independentemente da capacidade financeira dos núcleos que produziam estas folhas, desde as mais abastadas às mais humildes, garantiam a circulação de idéias. Levavam àqueles que fossem suscetíveis ao seu discurso a carga política do movimento integralista. Olhando por esta perspectiva, podemos concluir que estes jornais nucleares cumpriram a sua função de difusão politico-ideológica e de ser um elo entre os núcleos e os seus militantes. Além destes, havia os jornais que não eram órgãos oficiais do movimento, mas que veiculavam as idéias integralistas. Discutiremos isso a seguir.

3.1.2.4. Jornais que não eram oficialmente ligados ao movimento

Em nossas pesquisas encontramos três jornais que veiculavam as idéias, mas que não eram órgãos da AIB. Isto poderia ser interpretado como a busca por parte dos integralistas em conquistar simpatizantes para a agremiação através de periódicos de informação geral. Desta forma, atrairiam aqueles indivíduos que não se propusessem a adquirir um jornal do integralismo.³³²

Esta possibilidade é plausível se levarmos em consideração que os “camisas-verdes” sempre buscavam novos espaços de inserção social, e a imprensa era um excelente veículo para isto.

Todos os jornais e revistas integralistas apresentavam obrigatoriamente algum tipo de referência direta ao movimento (“órgão integralista”, “folha integralista”, “jornal integralista”, etc.). Com a fundação da *Sigma Jornaes Reunidos*, as folhas passaram a estampar o nome da empresa.³³³ Como era uma obrigatoriedade que todos os periódicos associados assumissem a posição de pertencimento à AIB, chegamos à conclusão de que estes exemplos faziam parte desta estratégia de conquistar adeptos através de jornais não oficiais.

³³² No jornal *A Offensiva*, foram publicadas duas matérias entre 1934 e 1935, com os títulos de *Jornais do Interior* (nº 31, 13/12/134, p. 2) e *A Imprensa do Interior* (nº 40, 14/2/1935), citando periódicos “nacionalistas”, que, mesmo não sendo integralistas, veiculavam as ideais do movimento. Entre os dois textos citados, são arrolados dezoito títulos de folhas de várias regiões do país.

³³³ Encontramos exemplos de jornais nucleares que, após a fundação da *Sigma*, mantiveram apenas o título de “órgão integralista”, por exemplo *A Verdade*, de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e *Anauê!*, de Mogi-Mirim, em São Paulo. Contudo eram expressamente integralistas.

Observemos abaixo os jornais *O Povo* e *Jornal de Polícia*, ambos do Rio de Janeiro. O primeiro circulou em 1937 e o outro entre 1934 e 1937.³³⁴



Nestes dois exemplos, percebe-se que não há nenhuma vinculação ao integralismo, mesmo que estes jornais possuam um conteúdo expressamente vinculado à sua ideologia. O outro exemplo é o jornal *Der Kampf* (*A Luta*, em português),

³³⁴ Não sabemos se este jornal desde a sua origem veiculou as idéias integralistas, pois tivemos acesso apenas aos exemplares de 1937. Neste ano, todos os exemplares eram voltados à exaltação de atividades e da doutrina da AIB.

publicado em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul entre 1936 e 1938. Da mesma forma, como os dois exemplos anteriores, não havia um reconhecimento enquanto órgão do movimento, embora neste caso apresentasse *Für Gott, Vaterland und familie* (*Por Deus, Pátria e família*) que era o lema da AIB na abertura do jornal.

Nenhum destes três periódicos constava nas listas de jornais integralistas que eram publicados no *Monitor Integralista* e em *A Offensiva*. Todos os demais jornais que encontramos em nossas pesquisas apareciam nestas listagens. Isto confirma a hipótese de que não eram órgãos oficiais.

A nosso ver, estes jornais demonstram que os integralistas tinham a preocupação de buscar outros espaços na imprensa para atrair novos militantes e difundir a sua ideologia no movimento.³³⁵ Contudo, existe a possibilidade de serem periódicos organizados por simpatizantes, que veiculavam as idéias, sem que houvesse uma relação direta com o integralismo enquanto organização política.

3.2. Revistas

Além dos jornais, os integralistas utilizaram revistas como ferramentas ideológicas. Apesar do número reduzido de títulos, atingiam um número elevado de militantes de todo o país. O público-alvo destas revistas variou: uma parte delas era voltada para a mulher e para a família, e outra para discussões teóricas. Uma leitura superficial poderia indicar que tais periódicos poderiam suprir uma parte dos membros do movimento que não eram “contemplados” pelas folhas diárias, semanais e quinzenais. Em nossas pesquisas, chegamos ao número de sete revistas, mas tivemos acesso apenas a cinco, sendo que três delas continham um exemplar.

Estas revistas começaram a surgir a partir de 1935, período em que o integralismo já estava completamente estruturado e passou a utilizar novos meios de cooptação social. Foi neste momento que a AIB abandonou a “via” revolucionária para adotar a eleitoral, ao adquirir o registro como partido político. Com esta alteração, houve a necessidade de apresentar propostas sociais, ou pelo menos, agregar um discurso que abrangesse não só os homens, como suas esposas e filhos. Por esta razão, este tipo de publicação passou a ter destaque.

³³⁵ Acreditamos que possa haver outros destes jornais espalhados pelo país, embora não os tenhamos encontrado em nossa pesquisa.

No entanto, a forma de produção destes periódicos é distinta dos jornais. Não era como organizar um pasquim em um pequeno núcleo. Em sua grande maioria eram organizados pela Chefia Nacional e nas provinciais. De todos os núcleos locais, apenas um conseguiu editar uma revista (Niterói/Rio de Janeiro).

De todas as revistas, apenas duas eram de circulação nacional, *Anauê!* e *Panorama*, e tiveram um papel de destaque. As demais ficaram restritas aos seus respectivos estados, sem possuir grande repercussão além de suas fronteiras regionais. Abaixo discutiremos estes periódicos, colocando em evidência *Anauê!* e *Panorama*.

3.2.1. *Anauê!*

Dentro desta nova perspectiva de atrair todos os setores para o discurso, surgiu a revista *Anauê!*, que circulou de janeiro de 1935 até a extinção da AIB, em dezembro de 1937. Era voltada para toda a família e estruturada como uma revista de cultura, apresentando as mais variadas informações: cinema, teatro, sociedade. Tinha seções voltadas para as mulheres e crianças. Possuía notas sobre higiene e saúde. Trazia informações sobre os núcleos espalhados pelo país.

Era um periódico destinado a universalizar a ideologia do movimento integralista. Podia ser lido por todos os membros da família, como se observa na chamada do primeiro exemplar:

Com o objetivo de divulgar, em linguagem acessível a todos a doutrina integralista; querendo refletir, na reportagem fotográfica de todas as Províncias, a marcha gloriosa das legiões do Sigma; pretendendo ser o espelho da alma integralista, o periódico dos camisas-verdes de todas as profissões, de todas as classes e de todas as idades, surge a revista “Anauê!” amparada pela simpatia unânime de todos os companheiros, e jurando também fidelidade absoluta ao Chefe Nacional, na adversidade ou na vitória, diante da vida ou diante da morte!

Aí está a “netinha” do Chefe: pequenina, humilde, mas com vontade de crescer e de levar avante o importantíssimo programa que lhe foi traçado.

Cumpra agora aos “padrinhos”, que são todos os camisas verdes da Pátria, amparar a “afilhadinha”, vesti-la com as melhores fotografias, alimentá-la com a vitamina duma colaboração substancial, mas não indigesta e tudo fazer para que seja conhecida em todos os lares brasileiros.³³⁶

³³⁶ *Anauê!*, Rio de Janeiro, janeiro de 1935, nº 1, p. 5.

Era uma revista que deveria ser de fácil leitura, por esta razão tinha textos curtos, sem erudição demasiada. Também era rica em elementos gráficos: fotografias, desenhos, caricaturas. Objetivava atrair e conquistar seu leitor pela imagem. Suas capas, por exemplo, costumavam trazer elementos da doutrina integralista. Assim, seus leitores já recebiam a sua carga ideológica ao olhar cada capa.

O culto à imagem de Plínio Salgado e a construção de um novo Brasil, por parte dos integralistas, e a proteção das fronteiras contra a “invasão estrangeira”, podem ser conferidas abaixo:



Acima, aparece à esquerda, Plínio Salgado (apresentado como herói do presente) sendo comparado a Tiradentes (herói do passado). Ao centro, um integralista prega o sigma sobre o Brasil (construção de um novo país). Por fim, à direita, um integralista vigia as fronteiras nacionais, olhando para o horizonte.

Ou ainda, a defesa da nação e dos seus valores, como se vê abaixo:



Na capa, à esquerda, observamos a família, ao centro o integralismo em uma forma angelical trazendo “luz” e afastando a escuridão. À direita, uma mão vermelha (comunismo) tentando apunhalar pelas costas o indígena (Brasil), mas sendo impedido por uma mão verde (integralismo). Aqui percebemos a defesa dos valores familiares, o integralismo como força redentora e a defesa do Brasil diante do comunismo. Ou seja, a doutrinação neste periódico começa pela sua capa, ao trazer elementos doutrinários, e o seu conteúdo mantém esta lógica.

As caricaturas, outro elemento gráfico amplamente utilizado, voltava-se em grande parte ao combate ao comunismo, principal inimigo declarado do integralismo.³³⁷



Havia espaço destinado às mulheres na seção “Senhora”, com dicas de beleza e moda. (ver Anexo VII). As ações das “blusas-verdes” também ganhavam destaque na revista.



Nas páginas de *Anauê!* também se discutia qual seria o papel da mulher dentro da sociedade integralista. Seria aquela responsável pelo lar e pela família. Como pode ser observado na citação abaixo, até mesmo a posição da mulher entrava em uma questão de identidade (*materialismo versus espiritualismo*).

Hoje que os tempos pagãos são voltados, os trogloditas encasacados do século do avião e do rádio concedem às mulheres, na sua importância intelectual e espiritual todos os direitos, mas negam-lhe espírito e alma.

Os comunistas consideram-na apenas como objeto de prazer ou animal reprodutor. Os liberais, indiferentes e gozadores, vêm nela um bibelô de enfeite, uma porcelana de Sévres ou uma estatueta de Tanagra.

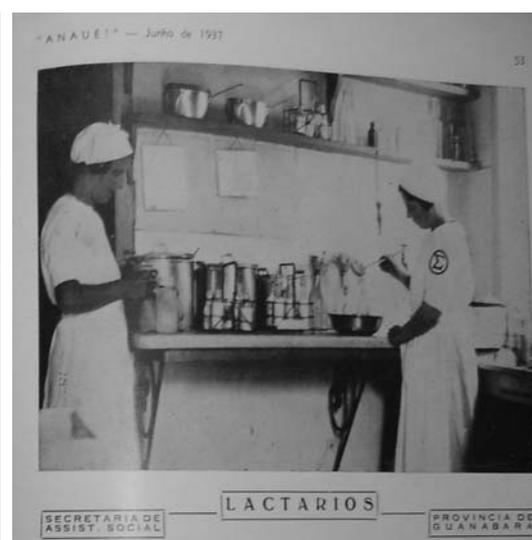
Graças, entretanto, à periodicidade das ondas materialistas e espiritualistas, já surgiu um movimento análogo ao Cristianismo, na

sua força espiritual, que está revolucionando o nosso país e que revolucionará toda a humanidade [...].

A “blusa-verde” deverá saber merecer a confiança que o nosso chefe deposita em nós. Ele compreendeu, como conhecedor profundo da história da humanidade, que sem a cooperação da mulher, não se poderá fazer uma revolução definitiva em nenhum país. Somente ela, pela educação, conseguirá que os filhos de uma pátria sejam grandes e heróicos.

Nós, “blusas-verdes”, saberemos ser brasileiras, extremistas no amor pela família. Seremos outras tantas Lucrécias. E se alguém nos perguntar em como pretendemos fazer um Brasil maior, respondemos como Madama de Campans: “Educando a mãe brasileira... E assim, afastaremos para sempre a onda materialista”.³³⁸

O papel da mulher dentro do integralismo seria o de guardiã do lar e da família. E esta atuação é destacada na revista *Anauê!*, de várias formas, seja como dona-de-casa, professora primária, enfermeira, etc. Sempre vinculada à questão da assistência ao lar e social. Ver Imagens abaixo:



Como guardiã do lar deveria ser responsável pela defesa da família e da pátria diante da ameaça comunista. Como pode ser visto no exemplo a seguir:

MÃE INTEGRALISTA

- Que horror minha, mãe!
- Horror? Por quê?
- Mataram-no! Tão moço.

Ouvia-se o ruído da fuzilaria ao longe. Feria-se o combate sobre o pátio das estrelas. Gemiam moribundos, e os mortos eram deixados junto à barricada, pela escassez de tempo para afastá-los dali. Revezavam-se os combatentes, enquanto a bandeira do Sigma, rota pelas balas, queimada de pólvora, flutuava ao lado do pavilhão do Brasil [...].

³³⁸ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 12, setembro de 1936, p. 32.



No fundo da barricada, que se erguia no canto da rua, algumas mulheres cantavam o Hino Nacional. E aquela mãe Integralista, cujos cabelos haviam embranquecido naquele instante – o grande instante da Nacionalidade, porque a luta era contra o Comunismo ao serviço de Moscou, não deixara cair uma lágrima, não tremia a voz, não baixava o olhar.

- Mataram-no? Queriam matar a Pátria e ele morreu por ela. Queriam destruir a família e ele morreu por ela. Queriam insultar Deus e ele morreu por Deus.

- Sim, minha mãe.

- Era mais velho que tu. Criei-o com o sangue dos meus seios – sangue brasileiro! Quando o Brasil foi ameaçado pelas hordas negras pagas com o dinheiro dos banqueiros de Londres e de Nova Iorque, não precisou que eu dissesse “vai!”

- Ele foi?

- Sim, minha mãe.

- Enfraquecido o Governo, pela traição ao chefe da Nação, divididas as forças armadas, em perigo a Pátria, houve o “toque de reunir” e não faltou um único camisa-verde! Compreendes?

- Sim, minha mãe. E agora?

A mãe fitou-o dentro dos olhos como se lhe

quisesse ver a alma.

- Tens medo?

-Medo?! Sou teu filho. Herdei a tua coragem.

Falavam junto do miliciano que parecia sorrir na sua morte glorioso.

Aumentava a fuzilaria.

-E agora minha mãe?

Ela não respondeu. Curvou-se e beijou a fronte do filho que morrera pelo Brasil e tomando a carabina do filho morto deu-a ao filho vivo.

As mulheres continuavam cantando o Hino Nacional.

Thompson, de pé, no alto da barricada, seguia comandando:

- Integralistas! Pela Ordem, pelo Direito, em defesa da Lei: fogo!

O moço, sem esperar um conselho ou uma ordem, apertou a mão firme na carabina, saltou sobre a barricada e brandou forte:

- Comandante Thompson: Anauê! e atirou-se contra os inimigos de Deus, da Pátria e da Família.

E a mãe Integralista, que dava o segundo filho pela causa da Pátria, não pôde conter mais as lágrimas e caiu de joelhos:

- Protegei-o, meu Deus!

A bandeira do Sigma, cortada pelas balas, queimada de pólvora, flutuava ao lado do pavilhão do Brasil.³³⁹

³³⁹ *Anauê!*. Rio de Janeiro, nº 1, janeiro de 1935, p. 64.

Como se pode observar, havia toda uma construção ideológica em torno da mulher e do “ideal” que ela representava no lar. Embora tivesse destaque dentro da revista, a posição era sempre subalterna aos seus maridos. Em atividades ou entrevistas em que suas atuações eram evidenciadas, seguidamente as “blusas-verdes” eram apresentadas através do nome do marido integralista, como pode ser visualizado abaixo:³⁴⁰

58 "ANAUE!" — Maio de 1937

"Anauê!" inicia uma grande enquête entre as blusas-verdes do Brasil

Ouvindo as senhoras Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Barbôsa Lima e Jamil Fêres.

"Anauê!" no intuito de demonstrar como o movimento integralista tem interessado a mulher brasileira fazendo-a participar da sua campanha com entusiasmo e dedicação, resolveu iniciar uma grande enquête entre as blusas-verdes de todas as Províncias inquirindo das razões que as fizeram adeptas do admirável movimento do Sigma. Com isto "Anauê!" revela um aspecto original da campanha in-

tegralista e promove um inquerito de grande interesse para a mulher brasileira. Ouviremos aqui blusas-verdes de todos os quadrantes do Brasil e de todas as profissões e quadros sociais. A mulher dará o seu depoimento sincero que vale, como nenhum outro, para a aferição do sentido íntimo da revolução integralista.

"Anauê!" formula as seguintes perguntas às blusas-verdes do Brasil:

- a) Porque motivo entrou para o Integralismo?
- b) Qual o aspecto do movimento integralista que lhe parece mais seductor?
- c) Qual é na sua opinião a missão principal da mulher dentro do movimento integralista?
- d) Em que sector prefere colaborar?

1.ª) — Porque eu soui a voz de Alguem rebôar sanôra pelas quebradas das montanhas, pelos cotos ermos dos vales, pelas caudões dos rios, pelas campinas verdejantes, de norte a sul, de leste a oeste, conclamando homens e mulheres, velhos e moços, grandes e pequenos, para uma cruzada grande e redentora: "a de redimir a Patria Brasileira. A de transformá-la numa nação forte e sadia, próspera e feliz.

2.ª) — Todos os aspectos do Integralismo são para mim igualmente seductores. Embôra diferenciando na forma todos eles se identificam na mesma finalidade que objectiva a grandeza e a glorificação da Patria Brasileira.

3.ª) — A missão da mulher

vária de acordo com os deveres de seu estado e os direitos de sua vocação. Não obstante, cabe-lhe trabalhar incessantemente pelo movimento quer pela palavra, pela acção ou pelo exemplo.

4.ª) — Na que presentemente me encontro: de esposa carinhosa, mãe desvelada e companheira inseparavel em todas as emergencias.

CARMELA P. SALGADO,






As Sras. Plínio Salgado e Gustavo Barroso.

As Sras. Barbôsa Lima e Jamil Fêres.

Se observarmos com atenção, perceberemos que o papel da mulher dentro do integralismo estava vinculado ao do seu marido, o que implicitamente asseverava o controle masculino dentro da AIB. Em outras palavras, o mesmo movimento que “daria” voz às mulheres (de acordo com a sua pregação), seria aquele que cercearia a sua força através de um discurso patriarcal.

³⁴⁰ No entanto, era comum no período este tipo de apresentação em que a mulher era vinculada ao nome do marido. Ou seja, não era uma exclusividade dos integralistas.

Os “plinianos”, ou seja, as crianças integralistas também ganhavam bastante destaque nesta revista.

"ANAUE I" — Abril de 1936 7



Plinianos

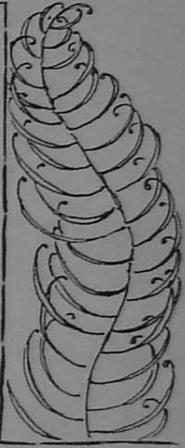
DENIS PEIXOTO BRAGA
descendente de Floriano.



DILMAR THOMPSON
"pliniano veterano"
declamador querido das
platéas cariocas.



ELMER REZENDE
afilhado dos companheiros — Dr. Olavo e D. Celeste
Cardoso, de Belo Horizonte, que saudou o Chefe Na-
cional quando de sua última visita á capital mineira.



A família completava-se através da atuação dos camisas-verdes nos núcleos espalhados pelo país. Ao homem ficaria o encargo de construção de um novo Brasil, que teria uma nova mentalidade, que afastaria os resquícios liberais e que derrotaria o comunismo.

Em realidade, percebe-se nesta família integralista a exaltação de uma estrutura patriarcal, onde os homens teriam o papel de destaque.



O trabalho do “camisa-verde” era constantemente citado como exemplo de organização e disciplina.³⁴¹



Desta forma, contrapunha-se ao “caos” e à desordem, como eram sempre representadas as atitudes comunistas. Além disto, a imagem que transmitiam do homem integralista era sempre de austeridade e serenidade, como na figura abaixo:³⁴²

³⁴¹ *Anauê!*. Rio de Janeiro, nº 10, maio de 1936, p. 26



De acordo com o discurso presente nesta revista, apresentava-se que o integralismo só conseguia mais adeptos por esta intervenção de todos os membros da família. Com esta organização, é que os núcleos estaduais seriam estruturados e teriam um desenvolvimento tal que atrairia cada vez mais adeptos, até que chegasse ao ponto de todos os lares cristãos do país se tornariam integralistas.

Neste caso, entra a grande exaltação do integralismo nas diversas regiões do Brasil. Observa-se que buscavam mostrar a organização do movimento em todo o país. Em cada edição apresentavam entre uma a três “províncias” estaduais. Não havia uma preocupação em destacar as atividades destes núcleos locais, e sim a mobilização social de cada Estado.

Estas imagens buscam demonstrar uma força irresistível, como se fosse uma marcha que não poderia ser detida e que cada leitor deveria aderir ao movimento e inserir-se na “massa” integralista.

Observemos o exemplo abaixo:

³⁴² *Anauê!*. Rio de Janeiro, nº 15, maio de 1937, p. 40.



Esta é uma imagem de massificação, ou seja, do movimento de massas, onde os indivíduos perdem sua identidade pessoal e passam a adotar uma coletiva. Esta é uma das propostas da revista, transmitir a idéia de coletividade, de união nacional e espiritualista diante de uma ameaça constante por parte das forças materialistas (comunismo em destaque).

O último elemento fundamental da difusão ideológica da revista *Anauê!* é o culto à imagem do líder, Plínio Salgado. Como em todos os demais periódicos do movimento, o “Chefe Nacional” é a figura central e de maior expressão.

Na apresentação do primeiro número de *Anauê!* já se expressava o caráter laudatório de sua imagem: “Aos irmãos do norte e do sul, do leste e do oeste, ANAUÊ! E a PLÍNIO SALGADO, Chefe supremo e insubstituível, encarnação do Integralismo, nosso Irmão, nosso Amigo, nosso Guia – apesar de todas as suas proibições – nossa comovida homenagem, a nossa imorredoura gratidão, o nosso amor eterno! Ao Chefe Nacional, três bárbaros e tonitroantes ANAUÊS!”³⁴³

³⁴³ *Anauê!* Rio de Janeiro, nº 1, janeiro de 1935, p. 5.

Nesta mesma edição vinha uma fotografia emoldurada de Plínio Salgado, que podia ser destacada para ser colocada em algum local da casa dos “camisas-verdes”, como anunciava o texto que precedia a fotografia:

O Integralismo é a Revolução da família. Por isso não deverá faltar nos lares o retrato do CHEFE NACIONAL. Aí o têm os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e colocado num quadro que deverá honrar a sala de visita de todo integralista. “O Chefe não é uma pessoa e sim uma Idéia”. Mas as visitas, levadas pela curiosidade, perguntarão pela pessoa e ouvirão, em resposta, a pregação da Idéia. Além disto, não é justo que só os núcleos possuam a fotografia do Chefe: às famílias, como verdadeiros subnúcleos, assiste igual direito.³⁴⁴

Também é de Plínio Salgado o primeiro texto assinado da revista: “Os diretores desta revista querem algumas palavras minhas para o seu primeiro número. Sejam elas de saudação aos 'camisas-verdes' da Pátria. No rumor das metrópoles, no silêncio dos sertões, onde estiver um integralista, escute ele o meu grito de esperança e de luta: Anauê!”³⁴⁵

Ao longo das edições, seu nome sempre foi sendo reproduzido, de tal forma que não passa nenhum exemplar sem que sua imagem esteja presente, assim como constantemente aparece alguma palavra de ordem ou texto seu.³⁴⁶



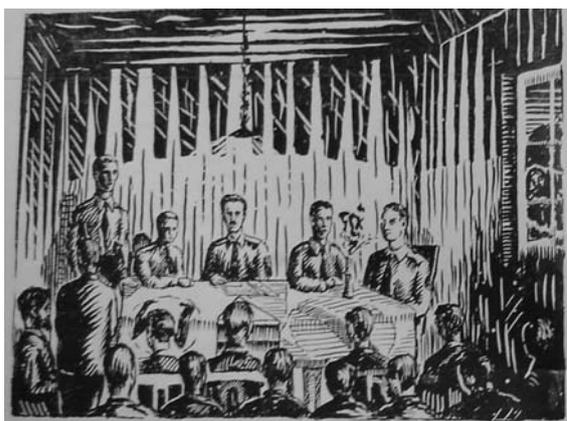
³⁴⁴ Ibid., p. 6. A fotografia de Plínio Salgado pode ser vista no Anexo VIII.

³⁴⁵ Ibid., p. 8. Texto completo pode ser visto no Anexo XI.

³⁴⁶ As imagens abaixo foram retiradas dos seguintes exemplares de *Anauê!*: nº 8, março de 1936, p. 11 (esquerda); nº 10, maio de 1936, p. 9 (direta); nº 14, abril de 1937, p. 27 (abaixo).



Como se pode observar pelas imagens, Salgado sempre aparece no centro das fotografias. Nas gravuras com desenhos sobre o integralismo, o “Chefe” dos “camisas-verdes” também se destaca como referência central.³⁴⁷



A revista *Anauê!* era uma das principais ferramentas de propaganda do movimento integralista. Por esta razão, servia como uma das armas utilizadas para a manter e garantir a liderança de Salgado. O culto ao líder era um dos pontos-chave, não apenas desta revista, mas de toda a rede de imprensa integralista.

Esta revista era destinada a todos os setores da sociedade. Tinha uma leitura de fácil acesso, era riquíssima em elementos gráficos. A qualidade da impressão era excelente. Apresentava um aspecto visual que chamava a atenção do seu leitor. Suas matérias eram voltadas para toda a família, mas dava especial ênfase à propaganda dos núcleos, às mulheres e também às crianças. Outrossim, trazia uma carga ideológica e doutrinária muito forte, com textos curtos e imagens que “falavam por si”.

³⁴⁷ *Anauê!* Rio de Janeiro, nº 13, março de 1937, p. 4-5

Quanto à ideologia, percebemos que ela manteve a base de construção identitária da oposição entre *materialismo* e *espiritualismo*. Constantemente encontramos referências diretas ao comunismo, apresentando os seus defeitos e vícios, diante de todas as virtudes e valores dos “camisas-verdes”. Há esta contraposição em todos os exemplares.

Em resumo, como afirmavam em suas propagandas, *Anauê!* era a “revista integral”. De todos os periódicos do movimento, acreditamos que este era o que tinha a maior abrangência quanto à diversificação de público, tanto do ponto de vista social (grupos que compõe a sociedade) quanto do ponto de vista de gênero e idade.

3.2.2. Panorama

Como analisamos no ponto anterior, *Anauê!* tinha um público-alvo específico: a família integralista como um todo. Esta revista atingia diretamente um grupo que não era contemplado nos jornais do movimento: as mulheres e crianças. Com isto, pelo menos em parte, as “blusas-verdes” e os “plinianos” recebiam a sua carga doutrinária. Outro grupo dentro da AIB que acabava não sendo contemplado era formado pela elite dirigente e os setores mais intelectualizados, tendo em vista que os jornais objetivavam a difusão ideológica para outros segmentos. Em outras palavras, o objetivo dos jornais era difundir a ideologia do movimento da forma mais simples possível. Com isto, as discussões mais aprofundadas ficavam em segundo plano.

Para suprir esta lacuna e contemplar esta “elite” intelectual do movimento foi criada, a partir de 1936, a revista *Panorama*. Dirigida por Miguel Reale, principal teórico integralista, o periódico atingia exatamente estas lideranças, como aponta a apresentação do primeiro exemplar:

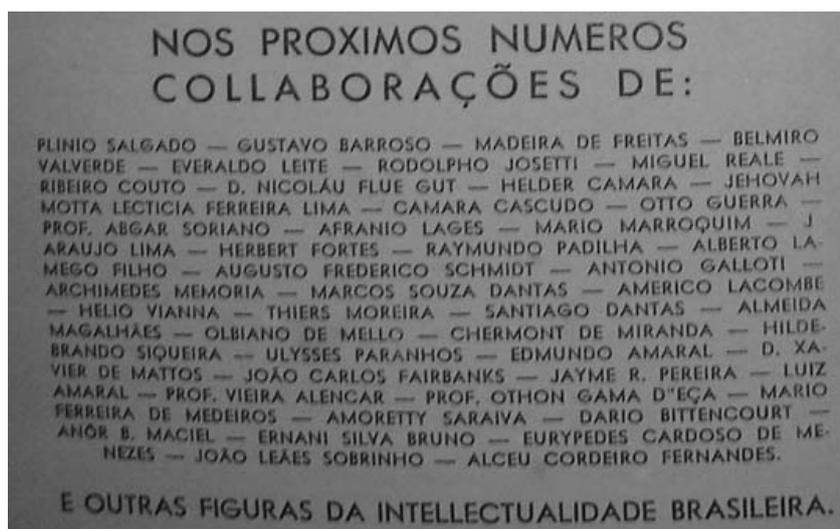
O Integralismo é, ao mesmo tempo, ação imediata e revolução mediata. Como ação, está vigilante, na defesa da ordem, indispensável ao trabalho paciente de cultura, de revisão, de crítica, de criação das elites do nosso movimento. Como revolução, não se processa nas confabulações escusas dos Catilinas, à paisana ou fardados, que articulam elementos para os golpes à força bruta; pelo contrário, realiza-se no plano da inteligência, pela objetivação segura de uma finalidade inspirada em conceitos doutrinários e consoante as realidades sociais e econômicas dia-a-dia pesquisadas no cenário nacional.

Esta revista está arregimentada neste segundo plano. Suas páginas refletem todo o esforço de uma elite, o anseio de uma geração

desejosa de concretizar, em relevos mais práticos, a aplicação de um princípio geral, de um método de estudo e de criação.³⁴⁸

Como pode ser visto, esta revista era organizada para atingir uma elite do movimento integralista. De toda a produção do movimento integralista (jornais, revistas e livros), é neste periódico que encontramos o que mais proximamente poderíamos enquadrar como um debate, com vários autores expondo suas idéias e discorrendo sobre temas diversos. Embora não tenhamos encontrado nenhum texto em que aparecesse uma réplica ou que fosse debatido por outro autor.

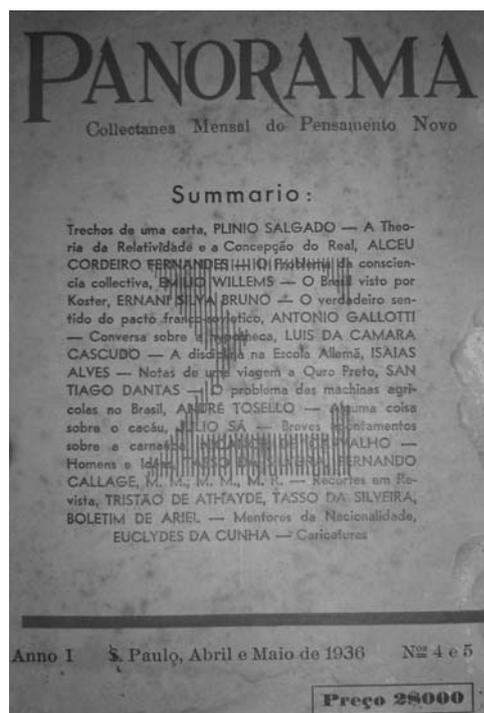
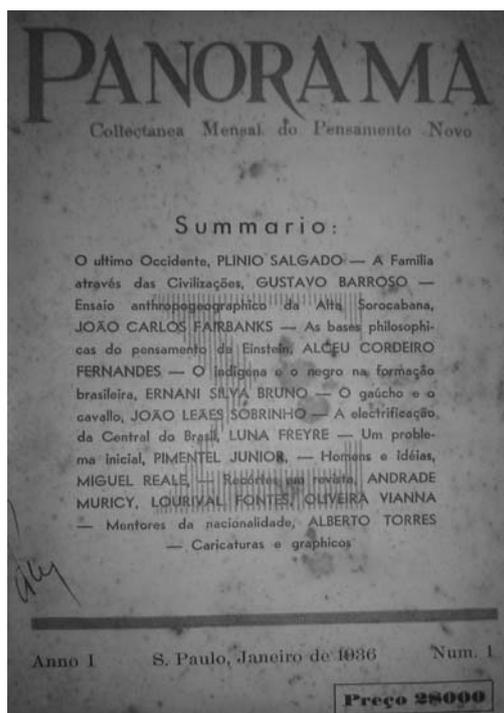
A propaganda presente na primeira edição apresenta os colaboradores das edições da revista. Ao analisar os nomes, percebemos que são exatamente os principais intelectuais e as lideranças de expressão nacional e regional da Ação Integralista. Um exemplo pode ser observado na listagem retirada da revista.



Os elementos gráficos são pouco explorados nesta revista. Comparando com as capas da revista *Anauê!*, *Panorama* era extremamente simples apresentando apenas o título da revista, os autores e seus respectivos textos de cada edição.

³⁴⁸

Panorama. São Paulo, nº1, janeiro de 1936, p. 1.



No corpo dos exemplares de *Panorama*, os elementos gráficos mais explorados são a caricaturas. Como no exemplo abaixo:³⁴⁹



³⁴⁹ *Panorama*. São Paulo, nº 3, março de 1936, p. 47 (direita); nº 6, junho de 1936, p. 57.

A reprodução de imagem de grandes vultos da nacionalidade também tem destaque, sendo representados, em grande parte das vezes, em forma de desenhos.



Panorama tinha um perfil de revista de artigos, onde os autores discorriam sobre assuntos diversos, como Integralismo e os seus valores sociais, comunismo, regionalismo, família, sociedade e folclore. Estes, por sua vez, variavam entre as esferas da Ciência Política, História, Economia, Sociologia, Antropologia, Literatura, Geografia, Geopolítica, Filosofia, Direito, Pedagogia e Arte.

A revista era dividida em quatro partes. A primeira era destinada aos artigos de autores integralistas (não tinha uma denominação específica); a segunda, “Homens e Idéias”, e discutia a vida de grandes homens e/ou grandes obras; a terceira, chamada “Recortes em Revista”, e apresentava matérias publicadas em jornais e revistas de várias regiões do país; por fim, “Mentores da Nacionalidade”, apresentando trechos de obras e/ou artigos de pensadores políticos nacionais.

Não é objetivo discorrer sobre os temas tratados, até porque seria difícil traçar um perfil geral, tendo em vista o grande número de autores, temáticas e áreas do conhecimento abordadas. Como não poderia deixar de ser, o integralismo é o tema de destaque e uma parte considerável dos demais assuntos debatidos acabam sendo engendrados na sua esfera.

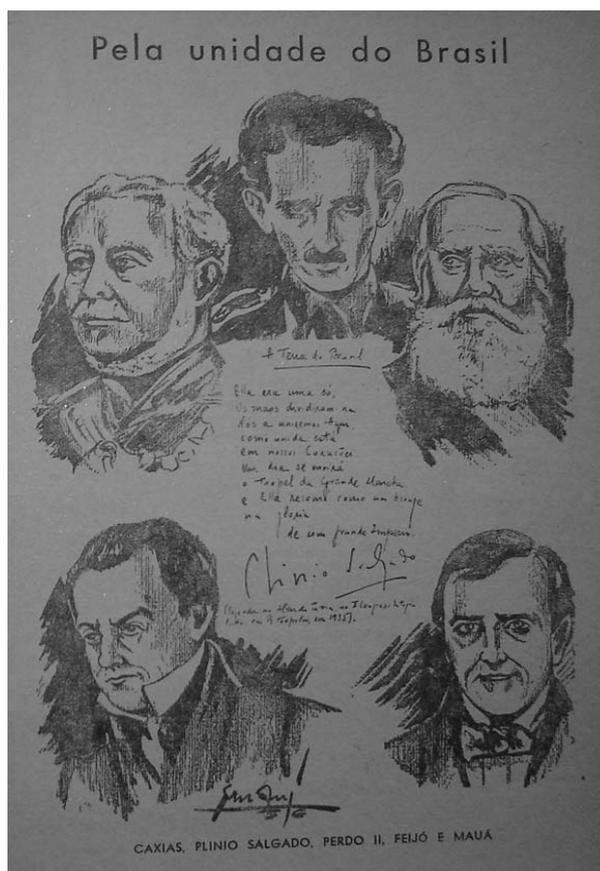
O culto à imagem de Plínio Salgado nesta revista também é diferenciado dos demais periódicos. A exaltação da sua imagem era diferente: aparece como o autor que possui o maior número de textos publicados. Tivemos acesso a dez exemplares da revista, em seu primeiro ano, e ele está presente em seis edições. Com pode ser visto na tabela abaixo:³⁵⁰

Nome do Autor	Número de textos
Plínio Salgado	6
Miguel Reale	4
Luiz da Câmara Cascudo	4
Alceu Cordeiro Fernandes	4
Gustavo Barroso	3
Helder Câmara	3
João Carlos Fairbanks	3

Se na revista *Anauê!* e nos jornais, Plínio Salgado é mostrado como um mártir, um herói, um visionário ou um libertador (comparado à figura de Tiradentes, por exemplo), na *Panorama* ele é apresentado como um dos grandes pensadores nacionais e como um grande estadista, em um patamar semelhante a grandes vultos e constituidores da nacionalidade, isto pode ser observado no exemplo abaixo:³⁵¹

³⁵⁰ Tomando como referência os exemplares a que tivemos acesso (números 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12). A tabela foi composta apenas com os autores que publicaram de três textos em diante.

³⁵¹ *Panorama*. São Paulo, nº 8, julho de 1936, p. 5.



Entre os militantes, ele precisava ser visto como um grande líder, o “Chefe”, aquele que conduziria a nação. Para os intelectuais do movimento, ele deveria ser reconhecido como o principal pensador. Sua figura deveria ser incontestável. Se observamos as duas capas da revista que apresentamos anteriormente, veremos que sempre que Salgado escrevia um texto para a *Panorama* seu nome era o primeiro a aparecer. Seu papel era de destaque.

Embora tenha estruturado a ideologia, Plínio Salgado não era o principal teórico do integralismo, como demonstraremos no capítulo seguinte. No entanto, mesmo “cedendo” este espaço a Miguel Reale³⁵², sua posição como “o pensador” não poderia ser posta em dúvida. Tendo em vista este objetivo, a revista *Panorama* servia como instrumento para a manutenção do nome de Salgado como principal “teórico”.

Resumindo, a revista *Panorama* era uma ferramenta utilizada pela AIB como espaço de discussão ideológica, em que contemplava, não apenas os membros que dirigiam o movimento nacionalmente, como abria espaço para as lideranças regionais e, em alguns casos, para as locais. Atingia um público especializado e erudito.

³⁵² Em nenhum momento Plínio Salgado cedeu espaço como teórico para Miguel Reale. Colocamos Reale como principal teórico devido ao fato de o conteúdo de suas obras apontar para uma teorização, enquanto a produção de Salgado seguia um caminho oposto, o de popularização da ideologia.

3.2.3. Demais revistas integralistas

Além das duas revistas de circulação nacional, os núcleos provinciais desenvolveram outras cinco. Tais revistas tinham alcance apenas regional. Tivemos acesso a três destes periódicos. Observamos que cada um deles tinha um público-alvo distinto dos jornais.

No entanto, constatamos que seguiam padrões gráficos muito semelhantes aos encontrados em *Anauê!* (desenhos, caricaturas, fotografias). São revistas que atraem o leitor através da imagem: contraposição de textos curtos as imagens. Os textos eram de fácil compreensão e desprovidos de erudição excessiva.

Desses periódicos, aquele que teve maior destaque foi *Brasil Feminino*. Circulou entre 1935 e 1937. Era organizado pela Secretaria de Arregimentação Feminina do Rio de Janeiro. Como o próprio nome afirma, atingia a um público específico. A revista era dividida em duas partes. A primeira, voltava-se a questões gerais relativas ao gênero: história de grandes mulheres, música, arte, moda, cultura, família, etc. A segunda, é destinada a informações para as “blusas-verdes”: atividades dos núcleos, ações sociais, sociabilidade integralistas, etc. Ainda apresentava um suplemento especial voltado para as crianças, chamado “Suplemento Pliniano”.

A divisão era feita de tal forma que até mesmo as colaboradoras eram separadas entre integralistas e não integralistas.³⁵³

COLABORAM NESTE NUMERO	SUPLEMENTO PLINIANO
Carmen de Aragon, Iveta Ribeiro, Mercedes Silveira Pamplona, Ruth Araujo, Dra. Helena Daher, Sylvia Patricia, Claudia Nilza, Doly Ribeiro, Branca de Castro, Maria Croci (Paris), Rosemund Patricia Shefered — (Londres), Dra. Fernanda Casimiro — (Portugal), Maria do Carmo Vidigal de São Payo, Maria Torres Frias (Argentina), Ernestina Lobo (Téa), Carmen Scigliano (S. Paulo) PARTE INTEGRALISTA: Dra. Irene Freitas Henriques, Iveta Ribeiro, Myrthes Costa Freire (Miracema), Edith Gomes Soares de Pinho (Niterói), Ruth Pereira da Silva (Rio Bonito), Francisca Santos (R. Bonito), Yara Guedes de Mello (Rio), Adele Simi de Castro, Olga Garcia da Rocha, Esmeralda Ribeiro.	Direção: Dr. Carlos Moreira Guimarães — Diretor Nacional de Plinianos. Elza Lucia de Castilho Orcez — Diretora Nacional de Plinianas. Gerencia — Leo Monteiro. Publicidade — Milton Arruda. Clichêrie de A. Ferreira. Ilustrações — Diretora — Odelli Castello Branco; auxiliares — Lu Franco e A. Abreu Almeida. Oficinas Graficas — Tipografia Germania — Rua Relação, 31 — Tel. 22-3295.

³⁵³ *Brasil Feminino*. Rio de Janeiro, nº 37, setembro de 1937, p. 1.

Já observamos que a revista objetivava destacar a ação das integralistas nos núcleos.



Também as atividades das filiadas, como o “Primeiro Congresso Feminino Integralista”,



Além disto, o culto a Plínio Salgado é uma constante nas páginas deste periódico.

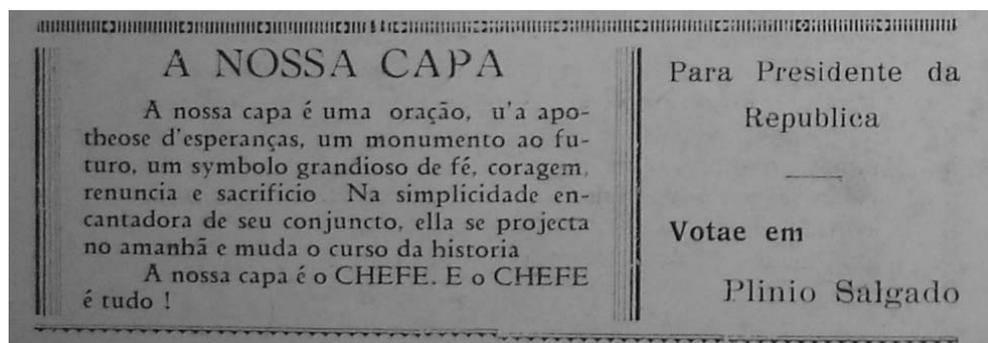


Como pode ser visto, *Brasil Feminino* tinha o objetivo de transmitir a ideologia integralista para este público específico, que não tinha espaço nos jornais, que eram destinados a um público masculino. Desta forma, “universalizavam” as idéias do movimento também às mulheres e crianças do Estado do Rio de Janeiro.

Além disto encontramos outras duas revistas.

Única, de Salvador, na Bahia, seguia a mesma lógica de *Brasil Feminino*. Era igualmente voltada às mulheres. Circulou entre 1935 e 1937. Tendo em vista a semelhança entre os periódicos, não o analisaremos. Apenas destacamos que visava a atingir este público que não era contemplado pelos jornais do movimento.

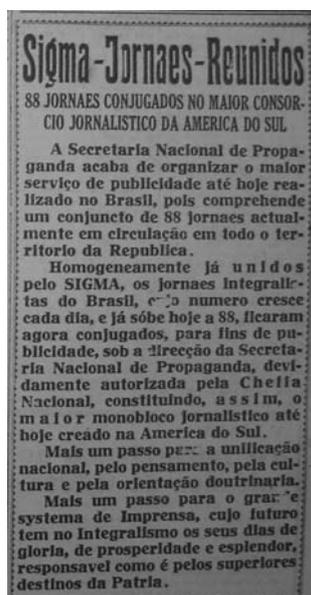
Sigma, de Niterói, no Rio de Janeiro, era organizada como uma revista de informação geral, nos moldes de *Anauê!* Teve vida efêmera, foi fundada em setembro de 1937, pouco antes da extinção do partido. Tinha partes exclusivas para os homens, para as mulheres e crianças. Discutia temas relativos à família e sociedade. Apresentava notícias sobre os núcleos do seu Estado. Também era responsável por fazer a manutenção do culto à imagem de Salgado, como pode ser visto abaixo:



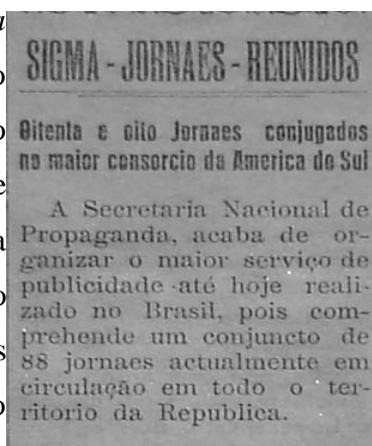
Em resumo, eram revistas voltadas a públicos específicos, garantindo que todos os membros da família tivessem acesso à ideologia integralista. Se os jornais eram o veículo principal que se destinavam à doutrinação dos militantes, as revistas atingiam aqueles setores que ficavam fora deste grupo: as mulheres, crianças e os intelectuais do movimento.

Os jornais focavam as massas, enquanto as revistas dirigiam-se aos grupos que escapavam ao discurso mais generalizado, seja por uma questão de gênero e idade ou erudição. Valendo-se deste recurso, todos os grupos acabavam sendo enquadrados dentro da rede de difusão ideológica que os integralistas construíram.

3.3. A Sigma Jornaes Reunidos



Falar sobre a *Sigma Jornaes Reunidos* é algo extremamente difícil, pois não encontramos praticamente nenhum dado que aponte a sua funcionalidade enquanto “conglomerado” jornalístico. Os únicos dados que possuímos são duas notas: uma publicada no



jornal *A Offensiva* (28/9/1935, p. 1 – imagem à esquerda), e outra pequena editada no jornal *A Razão*, de Curitiba no

Paraná (15/10/1935, p. 5 – imagem à direita), e o fato de os jornais do movimento passarem a apresentar o nome da empresa logo abaixo do nome do periódico em cada edição.

A partir de outubro de 1935, os jornais do movimento estamparam o nome da *Sigma Jornaes Reunidos*, embora não houvesse um logotipo, e cada um apresentasse uma forma diferente de citá-la. A *Sigma* passa a constar no jornal *A Offensiva* do número 73 em diante.



Nesta mesma edição, publicou-se uma lista com o nome dos jornais filiados à *Sigma*, contudo, o número de folhas é de apenas 65 e não oitenta e oito, como no anúncio. Concomitante a isso, não encontramos nenhuma outra propaganda ou referência à *Sigma Jornaes Reunidos*.

Página 6

A OFFENSIVA

Sigma-Jornaes-Reunidos

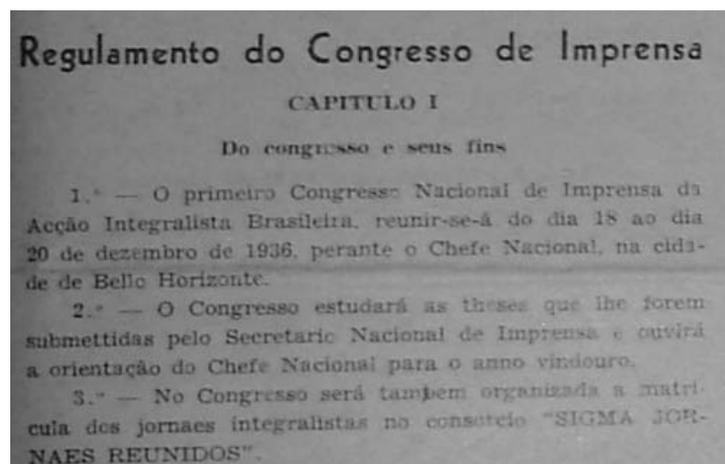
<p>PROVINCIA DE S. PAULO</p> <p>"O AÇO VERDE"</p> <p>Director: Oswaldo Bastos.</p> <p>Rua Benedito Tobias n. 69.</p> <p>Capital.</p> <p>"ANAUÉ"</p> <p>Director: Rabem Marcondes.</p> <p>Rua José Bonifácio n. 141</p> <p>Mogy-Mirim — E. F. Mogyana.</p> <p>Rua Amarel Gargel n. 698.</p> <p>Jahú — Estr. Ferro Paulista.</p> <p>"A RAZÃO"</p> <p>Director: Heli Azeredo Marques.</p> <p>Esp. Santo d. Pinal — Mogyana.</p> <p>"NACIONALISTA"</p> <p>Director: Ray de Arruda.</p> <p>Presidente: Francisco Aranha Sobr.</p> <p>Maracá: Av. Portugal 13, sobr.</p> <p>Araraquara — E. F. Araraquarense</p> <p>"O DESPERTAR"</p> <p>Director: Janel Gonçalves da Motta</p> <p>Rua São Luiz n. 57.</p> <p>Marília — E. F. Paulista.</p> <p>"A VOZ DOESTE"</p> <p>Director: A. Julio Marcondes.</p> <p>Ribeirão Preto — E. F. Mogyana</p> <p>"O ESTADO INTEGRAL"</p> <p>Director: Benedito Vaz.</p> <p>Delacete Guzzi, sala 4.</p> <p>Franca — E. F. Mogyana.</p> <p>"ACÇÃO"</p> <p>Director: Oswaldo Urioste.</p> <p>Rua Diogo de Gázar n. 15-A.</p> <p>Ribeirão Preto — E. F. Mogyana</p> <p>"TRIBUNA DE MOÇÓCA"</p> <p>Moçóca — E. F. Mogyana.</p>	<p>"FOLHA INTEGRALISTA"</p> <p>Director: Luis Arruda Campos.</p> <p>Taguaçuanga — E. F. Araraquarense</p> <p>PROVINCIA DE SANTA CATARINA</p> <p>"JORNAL DE JOINVILLE"</p> <p>Director: Frederico G. Schwartz.</p> <p>Rua 3 de Maio 42 — Em telegraphico: "Jornal".</p> <p>Joinville</p> <p>"O PHAROL"</p> <p>Rua Pedro Ferreira, 27.</p> <p>Itajaí.</p> <p>"O PROGRESSO"</p> <p>Av. José Pessoa, Brusque.</p> <p>"ALVORADA"</p> <p>Director: Patrícia da Silva</p> <p>Rua 4 de Fevereiro, 8.</p> <p>Blumenau.</p> <p>"DIARIO DE BLUMENAU"</p> <p>Typographia Baumgarten.</p> <p>Blumenau.</p> <p>"ANAUÉ"</p> <p>Director: L. C. Ramo.</p> <p>Joinville.</p> <p>"O AGRICULTOR"</p> <p>Rio do Sul.</p> <p>dir: "VANGUARDA"</p> <p>Director: Bezerra Filho.</p> <p>S. Francisco do Sul.</p> <p>"O JARAGUA"</p> <p>Director: Ricardo Genral.</p> <p>Av. Independência</p> <p>Jaraguá.</p> <p>PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>"ANAUÉ"</p> <p>Director: Mario P. de Medeiros.</p> <p>D. Pedro.</p> <p>"O BANDEIRANTE"</p> <p>Director: Humberto Dassoventi</p> <p>Caxias.</p> <p>"A VERDADE"</p> <p>Mississ.</p> <p>"O INTEGRALISTA"</p> <p>Director: Dr. Andr. B. Maciel.</p> <p>Por Alegre</p> <p>PROVINCIA DE MINAS GERAES</p> <p>"BRASIL NOVO"</p> <p>Director: Sebastião Alves Banho.</p> <p>Largo da Câmara, 11.</p> <p>S. João d'El-Rey</p> <p>"ANAUÉ"</p> <p>Director: Gaudino Tavares.</p> <p>Rua Curitiba 4 95.</p> <p>Belo Horizonte</p> <p>"SATELLITE"</p> <p>Theophilus Ottoni</p> <p>"O SERTÃO"</p> <p>Ruytuba.</p> <p>"O SIGMA"</p> <p>Director: Arthur Medeiros.</p> <p>Galeria Pio X, sala 1.</p> <p>Julz de Fora.</p> <p>"A REFORMA"</p> <p>Director: Cleveland Duarte.</p> <p>Rua S. Sebastião, 455.</p> <p>Julz de Fora.</p> <p>"AÇO VERDE"</p> <p>Director: Ricardo Sspuraby.</p> <p>Santa Rita do Sspuraby.</p> <p>"CAMISAS VERDES"</p> <p>Ouro Fino</p>	<p>"A QUARTA HUMANIDADE"</p> <p>Itajubá.</p> <p>"O PLINIANO"</p> <p>Pedra Branca.</p> <p>"A FALANGE"</p> <p>Poços de Caldas</p> <p>"O JUVENIL"</p> <p>Julz de Fora.</p> <p>"O CURUPIRA"</p> <p>Tres Corações.</p> <p>"O INTEGRALISTA"</p> <p>Saúde.</p> <p>PROVINCIA DO PARANÁ</p> <p>"BRASILIDADE"</p> <p>Guarapuava.</p> <p>"BRASIL NOVO"</p> <p>Ponta Grossa.</p> <p>"A RAZÃO"</p> <p>Director: José de Lacerda.</p> <p>Rua S. Francisco, 333.</p> <p>Curitiba.</p> <p>PROVINCIA DA PARAYBYA</p> <p>"INUBIA"</p> <p>Director: Dr. Pedro Epifania.</p> <p>Rua General Osório, 77.</p> <p>João Pessoa.</p> <p>PROVINCIA DA BAHIA</p> <p>"A PROVINCIA"</p> <p>Director: Brasílio de Carvalho.</p> <p>Palacete Catharino — 5º and.</p> <p>São Salvador.</p> <p>"O CORREIC"</p> <p>Rua Ismael Ribeiro, 50.</p> <p>São Salvador.</p> <p>"A ARRANCADA"</p> <p>Av. Ray Barbosa, 13.</p> <p>Muritiba.</p>	<p>"O JORNAL"</p> <p>Jequié.</p> <p>"ALVORADA"</p> <p>Jabaquara.</p> <p>PROVINCIA DE MATTO GROSSO</p> <p>"CORUMBA-JORNAL"</p> <p>Director: Fernando Wanderley.</p> <p>Rua Frel Mariano, 6-B.</p> <p>Curumbá.</p> <p>PROVINCIA DO PARA</p> <p>"INTEGRALISTA"</p> <p>Av. 15 de Agosto — Edif. Venúcio</p> <p>Belém.</p> <p>PROVINCIA DE SERGIPE</p> <p>"SIGMA"</p> <p>Director: Oner Mont'Algre.</p> <p>Praça Ienaclio Barbosa 1, sob</p> <p>Aracajú.</p> <p>PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO</p> <p>"A MARCHA"</p> <p>Victoria.</p> <p>PROVINCIA DE ALAGOAS</p> <p>"A PRO'INCIA"</p> <p>Director: Jr. Mario Marroquim.</p> <p>Rua Boa Vista, 453 — Em telegraphico "A Provincia"</p> <p>Maceió.</p> <p>"O BANDEIRANTE"</p> <p>Director: Aryl Pontes Lyra.</p> <p>Usina Serra Grande.</p> <p>"A LEGIAO"</p> <p>Rua do Commercio 80, sobr.</p> <p>Maceió.</p> <p>PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO</p> <p>"A MARCHA"</p> <p>Director: Reynaldo Chaves.</p> <p>Av. 15 de Novembro, 198.</p> <p>Petropolis.</p>	<p>"ANAUÉ"</p> <p>Director: N. Contreiras Rodrigues.</p> <p>Rezende.</p> <p>PROVINCIA DA GUANABARA</p> <p>"A OFFENSIVA"</p> <p>Gerente: Dr. Gasparino Gomes.</p> <p>Travessa do Ovilor, 29.</p> <p>Distrito Federal.</p> <p>"MONITOR INTEGRALISTA"</p> <p>Director: Comte. Victor Pajol.</p> <p>Rua do Carmo, 29.</p> <p>Distrito Federal.</p> <p>REVISTA "ANAUÉ"</p> <p>Director: Euripedes C. de Menezes</p> <p>Rua do Carmo 23.</p> <p>Distrito Federal.</p> <p>PROVINCIA DO CEARÁ</p> <p>"O LEGIONARIO"</p> <p>Fortaleza</p> <p>PROVINCIA DE PERNAMBUCO</p> <p>"ACÇÃO"</p> <p>Rua Antona 42, 2º and.</p> <p>Recife.</p> <p>"A TARDE"</p> <p>Recife.</p> <p>PROVINCIA DO MARANHÃO</p> <p>"O INTEGRALISTA"</p> <p>São Luiz.</p> <p>PROVINCIA DO PIAUHY</p> <p>"A LIBERDADE"</p> <p>Therzaina</p> <p>PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE</p> <p>"A VOZ INTEPRAL"</p> <p>Massoró.</p> <p>PROVINCIA DE SERGIPE</p> <p>"PROVINCIA MAROIM"</p> <p>Maroim.</p>
--	---	--	---	---	---

Procuramos dados sobre a empresa no jornal *Monitor Integralista*, "diário oficial" do movimento. Não encontramos nenhuma referência nas *Resoluções da Chefia Nacional*, o mesmo para a documentação da Secretaria Nacional de Propaganda. Quando ocorre a formação da Secretaria Nacional de Imprensa, em 1936, também não há nenhuma citação à *Sigma*.

Como era uma empresa ligada diretamente ao movimento, sua direção deveria ter sido escolhida por Plínio Salgado, como todos os cargos de chefia e liderança nacional e regional. A escolha sempre era editada junto às resoluções. Mas, no caso da *Sigma* isto não acontece.

Inicialmente fazia parte da Secretaria Nacional de Propaganda e era responsável pelos jornais e revistas até outubro de 1936, quando a imprensa passou a ter o caráter de secretaria (Secretaria Nacional de Imprensa). Em ambas as secretarias não aparecem referências em seus organogramas à *Sigma*.

A única referência que encontramos no jornal *Monitor Integralista* foi a chamada para o Congresso nacional de imprensa, ocorrido no final do ano de 1936. Um dos pontos básicos do evento foi o chamamento para que os jornais do movimento se inscrevessem no "conglomerado" jornalístico. Como pode ser observado abaixo:



Isto nos leva a especular que ao menos até a data do congresso, uma parte dos jornais do movimento ainda não estava sob a orientação da *Sigma* e que o ingresso no primeiro não seria obrigatório. O que teria ocorrido posteriormente ao encontro de imprensa. Com isto, a *Sigma Jornaes Reunidos* só teria tido influência real ao longo do ano de 1937.

Mesmo assim, objetivamente, não temos nenhum dado sobre como funcionava esta empresa jornalística. Supomos que teria o objetivo de organizar e sistematizar a circulação dos periódicos integralistas. Contudo, afora o fato dos jornais passarem a estampar *Sigma Jornaes Reunidos*, não possuímos nada que comprove a sua real existência.

Neste capítulo buscamos estabelecer um histórico da imprensa integralista. No tocante aos jornais, mostramos as “três esferas” destes periódicos: nacional, regional e local (ou nuclear). Destacamos o jornal pré-integralista *A Razão* e os integralistas *Monitor Integralista* e *A Offeniva*. Em relação aos demais jornais, não apresentamos uma exposição de todas as folhas produzidas pelo movimento, e sim buscamos evidenciar elementos em comum entre elas e, quando necessário, suas diferenças. Não obstante, citamos jornais que não eram vinculados oficialmente ao movimento, mas que difundiam sua ideologia.

Relativo às revistas, centralizamos as atenções nas duas principais do movimento: *Anauê!* e *Panorama*. A primeira, direcionada ao público familiar, e a segunda, aos intelectuais do movimento.

Percebemos, ao estudar esses periódicos, que a imprensa estruturada pela Acção Integralista destinava seu discurso ideológico a vários setores sociais, culturais,

econômicos e étnicos, com o objetivo de atingir o maior número possível de brasileiros. Praticamente todos os grupos sociais considerados “sadios” pelo movimento eram contemplados por algum jornal ou revista.

Com isto, constatamos que o discurso integralista veiculado na imprensa foi um dos grandes responsáveis pela grande expressão social do integralismo e o instrumento que possibilitou à AIB a se tornar um movimento de massas, o primeiro organizado nacionalmente no país.

No capítulo seguinte, abordaremos a produção da teoria, ou seja, da construção da ideologia dos “camisas-verdes”. Adiantamos que é um capítulo denso, devido ao tipo de fonte utilizada (obras teóricas) dos principais intelectuais integralistas. Através dele, poderemos visualizar como se sucedeu a transposição e/ou transformação desta ideologia para os jornais e revistas, objetivando a doutrinação dos militantes dentro dos seus pressupostos ideológicos. Porém, faremos esta comparação entre teoria e prática apenas no quinto e último capítulo, quando realizaremos um estudo de caso dentro do jornal *A Offensiva*, buscando averiguar os elementos mais recorrentes neste periódico.

CAPÍTULO IV

**A produção da
ideologia integralista**

Capítulo IV – A produção da ideologia integralista

No segundo capítulo analisamos a origem do integralismo através da experiência pessoal do líder Plínio Salgado. Podemos perceber como a sua atuação política, literária e jornalística ao longo dos anos 1920 foi evoluindo até o seu contato com a ideologia fascista, na década seguinte, que o inspiraram a fundar a Ação Integralista Brasileira. Isto ocorreu principalmente a partir de sua atuação como redator do jornal *A Razão*, através de sua coluna editorial “Nota Política”, que permitiu a organização e atração de simpatizantes. Já no terceiro, procuramos apresentar como foram surgindo os jornais do movimento e como se estruturaram, até a criação da *Sigma Jornaes Reunidos*, empresa vinculada à Secretaria Nacional de Propaganda, voltada a sistematizar e organizar a circulação de periódicos do movimento nos âmbitos nucleares (núcleos municipais ou de pequenas localidades), provinciais (estaduais) e nacionais.

O leitor mais atento notará que estes dois capítulos buscavam apresentar um histórico desta imprensa integralista, também perceberá uma diferença em relação a este, pois agora nos propomos a verificar como se dava a relação entre a produção e a difusão da ideologia. Contudo, antes de nos preocuparmos com a difusão da ideologia através destes periódicos, nos deteremos em verificar como ela surgia do ponto de vista teórico, como foi criada. A partir daí, estabeleceremos uma relação entre a ideologia do ponto de vista teórico e como ela chegava ao militante através dos periódicos (no próximo capítulo). Adiantamos que entre o teórico e o doutrinário não existia uma relação direta, ou seja, não havia uma simples transposição de um para outro, mas que havia transformações, e estas serviam aos interesses das lideranças do movimento integralista, e isto também será um dos pontos que trabalharemos.

4.1. Uma ideologia em definição

Desde o princípio do movimento houve uma necessidade de definição daquilo que era o integralismo. Se, num primeiro momento, a coluna “Nota Política” serviu como base para a criação da ideologia, com o surgimento da AIB, seu *Manifesto* era insuficiente para explicar quais eram os reais objetivos e qual seria a função deste novo grupo político. Eles afirmavam ser diferentes dos partidos políticos tradicionais e apregoavam ser contrários ao poder apenas “pelo poder”, mas que visavam a uma nova

sociedade, diferente de tudo o que já havia existido no país até então, ou seja, apresentavam-se como revolucionários.³⁵⁴

Para suprir tal lacuna, Plínio Salgado serviu-se de dois instrumentos voltados à teoria e à doutrina. O primeiro seria a produção de obras em forma de livros, contudo, por sua complexidade, custo e dificuldade de circulação ficavam restritos, em grande parte, aos indivíduos mais letrados e com melhores recursos financeiros – não devemos nos esquecer que apenas uma pequena parcela da população brasileira era alfabetizada e uma mais restrita ainda possuía a capacidade para compreender uma obra teórica. O segundo seria voltado ao grande público e ao mesmo tempo que atingisse os “corações” e as “mentes” das pessoas, ou seja, a imprensa periódica. A imprensa chegava aos mais variados cantos, com uma grande receptividade e a um custo reduzido, além, é claro de ter um conteúdo de fácil compreensão.

Dessa forma, Salgado atendia às duas demandas internas do movimento, uma voltada à classe dirigente e letrada, e a outra às bases. De um lado, esta elite era suprida e também desenvolvia uma produção teórica considerável.³⁵⁵ Este mesmo grupo de intelectuais era responsável pelos periódicos, ou seja, eram eles que definiam o que deveria ser transmitido ao militante de base.

Aqui recorreremos a Hélgio Trindade para demonstrar a grande participação dos intelectuais na direção da AIB, como podemos observar no quadro abaixo:

³⁵⁴ O conceito de revolução que utilizavam estava vinculado a uma concepção de transformação social, política e econômica, através de uma nova concepção de Estado. Tinham presentes a noção de “marcha” em direção a esta nova sociedade, baseada nos princípios do movimento. Este pensamento “revolucionário” foi a base da própria “Nota Política” em seus ataques aos partidos políticos, às velhas oligarquias e ao próprio Governo Provisório de Getúlio Vargas. O termo revolução também aparece constantemente nestes textos com citações como “É a revolução que está em caminho.” (*A marcha dos 'icebergs'*: op. cit. [optamos por usar exemplos já citados para o leitor poder ter uma noção de contexto, ver página 61 do 2º capítulo]) e “É a revolução que está por começar.” (*O esboroamento dos partidos*: op. cit. [ver página 62 do 2º capítulo]). Contudo, a concepção revolucionária integralista vai perdendo força de acordo com o seu crescimento, até o abandono completo, sendo substituída pela via do sufrágio, a partir do registro da AIB como agremiação política e com a sua participação nos pleitos de 1935, 1936 e a candidatura de Plínio Salgado às eleições presidenciais no ano de 1937, que não ocorreram devido ao golpe de estado que reafirmou o poder de Vargas.

³⁵⁵ Em nosso levantamento de obras em arquivos do Rio Grande do Sul, tivemos acesso a vinte e cinco autores além de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Em pesquisa via *internet* em bibliotecas espalhadas pelo país (principalmente universitárias) encontramos outros dezesseis autores integralistas. O que leva a um número de pelo menos quarenta e quatro intelectuais que tiveram algum tipo de produção teórica no período de existência legal da AIB.

*Origem social do conjunto dos dirigentes nacionais e regionais (em números absolutos)
[Dir./Nac.: Chefe Nacional, departamentos ou secretarias nacionais, órgãos executivos e
Câmara dos Quarenta. Dir./Reg.: Chefes arquiprovinciais e provinciais e Câmara dos
Quatrocentos]*³⁵⁶

	Direção Nacional	Direção Regional	Total
1. Burguesia	7	63	70
2. Média burguesia intelectual	45	259	304
3. Média burguesia militar	11	35	46
4. Média burguesia de pequenos proprietários	0	23	23
5. Pequena burguesia dos empregados e funcionários	0	44	44
6. Camadas populares	0	14	14
7. Sem especificação	1	23	24
Total	64	461	525

Como podemos perceber, o peso dos intelectuais no movimento era considerável.³⁵⁷ Também, se levarmos em consideração que tanto a burguesia quanto a média burguesia militar são setores com elevada instrução educacional, veremos que os indivíduos destes grupos sociais necessitavam de um discurso com consistência para serem cooptados. Ao mesmo tempo, abria-se espaço para a produção intelectual dos seus membros, mesmo que não houvesse uma liberdade total, pois existiam pontos básicos que deveriam ser respeitados, cada autor podia colocar o seu ponto de vista, se isto não discordasse das linhas gerais da doutrina.

A leitura das obras demonstra que havia diferenças que iam desde concepções sociais, raciais e filosóficas, além de preocupações pontuais da ideologia e da doutrina. Mas isto veremos mais adiante.

Rosa Cavallari foi a primeira a discutir a relação entre livros e periódicos, mesmo que de forma pontual e em estudo vinculado à Educação. Para ela, havia uma relação direta entre a teoria e a doutrina, através do livro e do jornal – embora tenha negligenciado completamente as revistas integralistas, sendo que duas delas tiveram grande destaque dentro da imprensa integralista. Nas palavras da autora: “O livro veiculava as idéias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças à materialização através do jornal”.³⁵⁸

³⁵⁶ TRINDADE, op. cit. p. 142.

³⁵⁷ O autor considera como burguesia os “grandes comerciantes, industriais e proprietários rurais”; média burguesia intelectual os “profissionais liberais, escritores, professores universitários, altos funcionários, jornalistas e estudantes” e média burguesia militar os “oficiais superiores do exército e da marinha”. Ibid., p. 140.

³⁵⁸ CAVALARI, op. cit. p. 79.

Em nossa opinião, essa relação não é direta, pois a produção teórica não é simplesmente transposta para o militante através dos periódicos. Pelo contrário, a teoria sofre uma grande transformação entre as páginas impressas dos livros para os jornais e revistas. Como isto se estabelece?

Em realidade, o jornal tinha o papel de garantir a imagem de uma unidade ideológica, que na prática não existisse. Por que fazemos esta afirmação? Como já falamos anteriormente, os teóricos tinham certa liberdade de ação e isto acarretava divergências. Dentro de uma concepção política democrática, a diferença de pensamento é a base em que se alicerça a sociedade, mas num movimento político de inspiração fascista, que tem os princípios de ordem, disciplina, hierarquia e uma imagem de unidade como pontos fundamentais; qualquer discordância de cunho ideológico ou doutrinário pode colocar em risco a própria existência do grupo.

E aí está uma das principais faces da imprensa do movimento integralista: a de contenção de dissensões internas.

Podemos observar que, simplesmente, as divergências ideológicas e de pensamento eram suprimidas. Desta forma, ao militante chegava a imagem de “organismo perfeito”. Para ocupar o lugar das diferenças, estabeleceram um elemento em comum, que os autores centralizavam a sua atenção.

A imprensa integralista tinha como papel não apenas a doutrinação, mas também a difusão e a atração de novos adeptos. Como atesta Hélió Trindade, a oposição ao comunismo era a principal causa de adesão dos militantes na AIB, segundo sua pesquisa, atraía dois terços dos militantes.³⁵⁹ Não é ao acaso que o anticomunismo tornou-se o elemento mais repetido nos jornais, perdendo apenas para o próprio integralismo. Contudo, quando observamos a produção dos teóricos, percebemos que nenhum deles se dedica exclusivamente ao comunismo em suas obras. Mais significativo ainda é quando observamos os autores modificarem sua própria visão teórica, entre os livros e seus textos publicados nos jornais. Como podemos observar nas tabelas abaixo:³⁶⁰

³⁵⁹ TRINDADE, op. cit., p. 160.

³⁶⁰ OLIVEIRA, op. cit., pp. 102-103. As tabelas referem-se ao levantamento quantitativo que fizemos em nossa dissertação de mestrado no jornal *A Offensiva*, compreendendo o período entre 1934 e 1937. Seguiu um padrão de análise por amostragem de cinco em cinco exemplares. Buscavam compreender a incidência dos inimigos do integralismo nos textos assinados pelos autores.

Textos de Plínio Salgado

n° de matérias: 47

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 23	71,86	Anticomunistas 16	42	50,60
Antiliberais 8	25	Antiliberais 14	39	46,98
Anti-semitas		Anti-semitas		
Antipluripartidárias		Antipluripartidárias 1	1	1,2
Anticapitalistas 1	3,24	Anticapitalistas 1	1	1,2
Total de matérias = 32 (100%)		Soma total = 83		

(100%)

Textos de Miguel Reale

n° de matérias: 19

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 10	55,55	Anticomunistas 5	15	51,72
Antiliberais 7	38,88	Antiliberais 5	12	41,37
Anti-semitas		Anti-semitas		
Antipluripartidárias 1	5,55	Antipluripartidárias	1	3,44
Anticapitalistas		Anticapitalistas 1	1	3,44
Total de matérias = 18 (100%)		Soma total = 29		

(100%)

Textos de Gustavo Barroso

n° de matérias: 17

Matérias (1)	%	Referências (2)	Soma 1+2	%
Anticomunistas 15	51,72	Anticomunistas 3	18	43,9
Antiliberais 5	17,24	Antiliberais 5	10	24,39
Anti-semitas 9	31,03	Anti-semitas 3	12	29,26
Antipluripartidárias		Antipluripartidárias		
Anticapitalistas		Anticapitalistas 1	1	2,43
Total de matérias = 29 (100%)		Soma total = 41		

(100%)

Os dados destas tabelas são significativos, pois cada um dos autores tinha posicionamentos diferenciados e também nenhum deles tinha o comunismo como preocupação central. Dentre eles, Plínio Salgado é o que maior atenção dá ao comunismo, contudo é vinculado à oposição ao liberalismo, ou seja, dentro da sua obra comunismo e liberalismo são inimigos extremamente perigosos, mas em esferas diferenciadas. Enquanto o comunismo seria a ameaça externa que tentaria se apoderar do país e destruir os valores sociais, culturais e religiosos do povo brasileiro, o liberalismo encarnaria todos os males, que colocava em risco a sociedade brasileira. Ambos eram perigosos e teriam de ser derrotados pela concepção integralista. Mas, ao

olharmos a produção do autor nos periódicos, há uma preponderância de mais de setenta por cento de matérias anticomunistas sobre apenas vinte e cinco das antiliberais. Podemos notar aqui, objetivamente, esta diferenciação entre o teórico e o doutrinário.

Miguel Reale é o autor que menos se preocupa com o comunismo na parte teórica. Em suas discussões sobre a concepção de Estado, o liberalismo era o que tinha maior destaque, ainda, dentro da sua visão o “Estado Integral” deveria superar o liberal, que o autor acreditava ser a base do Governo Provisório de Vargas. Por isto, não tinha grande preocupação com a “ameaça vermelha”, porque no momento em que o integralismo tomasse o poder, dentro de sua lógica, automaticamente o comunismo seria derrotado, pois o “Estado Integral”, pela força que teria, impediria a ação comunista. Entretanto, nos jornais o autor coloca o comunismo como a principal ameaça, com mais de cinquenta e cinco por cento, sobre menos de quarenta do liberalismo.

Por fim, Gustavo Barroso, cuja obra é marcadamente anti-semita, nos jornais abdica de seu arquiinimigo para dar atenção especial ao comunismo. Para o autor, todos os males da sociedade ocidental seriam vinculados à ação do judaísmo internacional, que seria responsável, através da especulação internacional de capitais, por todas as diferenças sociais, financeiras e políticas e também responsáveis pelo comunismo internacional. Todavia, nos jornais o comunismo representa mais de cinquenta por cento de toda a sua produção, enquanto o judaísmo pouco mais de trinta por cento. No quadro abaixo podemos perceber as divergências presentes entre os três principais líderes do movimento.

Quadro comparativo da produção teórica de intelectuais integralistas

Assunto	Plínio Salgado	Gustavo Barroso	Miguel Reale
Comunismo	Tema central: principal inimigo e grande força antagônica do integralismo	Tema secundário: comunismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema secundário: comunismo seria facilmente derrotado quando o liberalismo fosse destruído
Liberalismo	Tema central: liberalismo abria espaço para o comunismo (por esta razão tinha grande importância)	Tema secundário: liberalismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema central: principal inimigo e obstáculo para formação do “Estado Integral”
Capitalismo	Importância moderada: mas podia ser domesticado se afastado dos “defeitos” do liberalismo	Tema secundário: capitalismo apresentado como ardil judaico para dominação mundial	Tema central: pois era a base do sistema liberal, mas podia ser domesticado se afastado dos “defeitos” do liberalismo
Judaísmo	Pouca importância: algumas referências esparsas e analogias	Tema central: judaísmo seria a principal ameaça da civilização ocidental e estaria arquitetando um plano de dominação mundial	Pouca importância: algumas referências esparsas e analogias.
Fascismo	Aliado espiritualista frente ao comunismo e ao liberalismo. Mas integralismo era apresentado como independente do fascismo	Integralismo e fascismo são a mesma coisa	Integralismo seria a versão brasileira do fascismo
Religião (Cristianismo)	Tema central: parte considerável de sua obra é centrada no caráter religioso	Grande importância: uma das “frentes de defesa” contra o judaísmo	Pouca importância: raramente citado em suas obras
Família	Tema central: família seria a <i>célula mater</i> da sociedade e, por isto, deveria ser protegida, assim como a pátria, dos perigos do materialismo	Importância moderada: citado principalmente quando queria mostrar o que os judeus fariam quando dominassem o mundo	Pouca importância: raramente citado em suas obras
Tipo de produção	Divulgação e Doutrinação	Divulgação e Doutrinação	Teoria e Doutrinação

A leitura dos textos de Salgado, Reale e Barroso nos mostra que eles não abandonam completamente seu pensamento (entre suas obras e suas publicações nos jornais). Mas no momento em que selecionam um elemento central comum entre eles, suas diferenças teóricas perdem importância aos olhos dos militantes. Até porque seus pontos de vista ficam imersos em um grande conjunto de matérias, cujo tema central é voltado ao combate ao comunismo e também ao crescimento do integralismo (temas que se complementam, como veremos no próximo capítulo).

Assim o jornal servia como um elemento de padronização de pensamento integralista mesmo que os teóricos tivessem pontos de vista diferenciados. Ao leitor era selecionado, dentro do conjunto teórico, aquilo o que ele deveria ler. Por isto, afirmamos que não havia uma relação direta entre a teoria (livros) e a doutrinação (jornais e revistas). Isto não significa que não havia um elo entre estes dois elementos na transmissão da ideologia integralista.

Abaixo discutiremos a produção teórica presente nos livros.

4.2. A produção teórica

Iniciamos esta parte fazendo algumas considerações sobre os livros integralistas, nas quais utilizamos o termo “produção teórica”. *Grosso modo*, para estabelecer uma diferenciação entre livros e periódicos, colocamos os primeiros como produção teórica e para os demais como doutrinação. Todavia, devemos fazer algumas ressalvas, pois esta separação deu-se devido a algumas características peculiares de cada fonte e também para facilitar a visualização. No tocante aos livros, há uma diferenciação entre livros de divulgação (voltados a explicar o que é o integralismo) e como deviam se portar os militantes do sigma e os de discussão do integralismo enquanto ideologia e estrutura de Estado. Já os jornais seguem quase que exclusivamente o padrão de doutrinação e difusão do integralismo, com duas exceções: a revista *Panorama*, voltada para a discussão teórica e o jornal *Monitor Integralista*, uma espécie de “diário oficial” integralista.

Abaixo faremos uma divisão em duas fases distintas sobre esta produção de obras integralistas. A primeira, entre 1933 e 1934, é um período marcado por uma definição daquilo o que é integralismo, ao mesmo tempo em que fica restrita apenas aos três principais líderes: Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. A partir do ano de 1935, porém, ocorre um aumento significativo, não apenas na produção destes três,

como surgem novos autores, além de obras que passam a se preocupar em verificar o integralismo, não somente enquanto movimento político, mas também como ideologia e estrutura de Estado.

4.2.1. A fase inicial (1933-1934)

Esta fase inicial é marcada pela produção dos três principais teóricos, e é a partir destas obras que o integralismo vai tendo a sua base construída. Como toda fase inicial, porém, é um período de definição, onde os autores apresentam à sociedade o que viria a ser o movimento e quais viriam a ser os seus objetivos e a sua atuação.

4.2.1.1. Plínio Salgado e Gustavo Barroso: divulgadores de uma nova doutrina

A primeira obra explicando o que era a AIB foi *O que é integralismo*, de Plínio Salgado, no início de 1933, poucos meses depois do *Manifesto de Outubro*. Agora nos deteremos com bastante atenção neste livro, pois ele apresenta um elemento que é a base fundamental de toda a produção integralista: a constituição de uma *identidade política*³⁶¹ para o movimento. Na apresentação do livro o autor mostra ao leitor uma

³⁶¹ A discussão em torno do termo “identidade política” é bastante vasta e perpassa vários campos do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política, a História, a Psicologia, entre outros. Não é nosso objetivo fazer uma ampla discussão sobre este tema, e sim traçar um conceito funcional que nos auxilie em nossa análise.

A noção mais simples do termo afirma que identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, tais como: nome, idade, estado, profissão, sexo, características físicas, impressões digitais, etc., ou seja, o conjunto de particularidades de um indivíduo. Quando expandimos esta noção para uma sociedade buscamos compreender quais são as características em comum que esta população possui. Aí entra a diferenciação entre uma identidade social (do coletivo) e uma identidade política. Como aponta Marco Prado: “Aqui está a diferença basal entre identidade social e identidade política. A primeira se estabelece como um conjunto de atribuições e referências da pertença grupal e social dos indivíduos e a segunda, por sua vez, como um conjunto temporário de significados que delimitam fronteiras na questão dos direitos sociais e, exatamente por isso, ela é experienciada como um NÓS que está sendo impedida por um ELES de realização de suas demandas sociais, portanto como uma relação antagonica. Ela se estrutura na passagem da consciência das relações de subordinação para o reconhecimento do caráter opressivo destas, não por outro motivo, a identidade política está centrada em relações entre um NÓS e um ELES, que se constituem como fruto da instalação de um antagonismo.” (PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas*. In: *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 60).

No caso dos integralistas havia, uma tripla necessidade em definir sua identidade política. A primeira seria a sua própria existência enquanto grupo político. A segunda o estabelecimento de seu espaço de atuação. Por fim, constituir um elo entre a identidade movimento com a pessoal (de cada indivíduo) e coletiva da população brasileira. Disto parte a necessidade, dentro de uma definição identitária, de saber quem *somos*, em outras palavras, precisa-se estabelecer um *nós* em que todos os membros (camisas-verdes) se identifiquem e que da mesma forma atraia a população brasileira. Contudo, isto só ocorre a partir do momento em que se define o *eles*. No caso, o *eles* seria tudo aquilo considerado

“nova proposta” diante das dificuldades sociais que assolavam o Brasil. Nas suas palavras:

Brasileiro modesto, que trabalhas e sofres, este livro te pertence. Bem sei da tua apreensão, de tua inquietude, quando no silêncio da noite, vendo tuas filhas e teus filhos dormirem, tremes pelo destino que os espera. Pensas, naturalmente, que a sociedade pode desabar no sorvedomo extremista, pois os tempos andam carregados de ameaças. O fruto do teu trabalho como a lembrança da tua honra de nada poderão valer tua prole, que estimas tanto.³⁶²

Como pode ser observado, a apresentação do seu livro é bastante abrangente, com o objetivo de abarcar uma grande parcela da sociedade. Além disto, suas palavras destinadas aos “chefes de família”, objetivavam mostrar um caminho seguro em uma época de incertezas. Não esqueçamos que o Brasil havia passado por uma grande crise econômica em 1929 e ainda se recuperava dos seus efeitos, e por dois momentos políticos conturbados (Revolução de 1930 e Revolução Constitucionalista). Isto gerava uma certa instabilidade social, dos quais o discurso de Salgado tentava aproveitar-se. Diante deste quadro, dois grandes perigos se colocavam diante do povo brasileiro.

Se a vida se torna mais difícil, - pobres crianças! - que será delas? Se vamos para o comunismo e a anarquia - infeliz geração! - terá de submeter-se a uma ordem moral que não é a tua... Se continuamos a ser uma Pátria dividida em Estados que lutam pelo Poder Federal, novas guerras civis chacinarão teus meninos quando forem moços! Sei quanto te atormentas, patrício, nas horas em que as dificuldades da vida te dizem que alguma coisa está errada, no governo.³⁶³

Após apresentar estes dois caminhos procura, esclarecer ao leitor a necessidade de uma mudança, pois se permanecesse impassível, abria espaço para o comunismo, que “subverteria a ordem”; ou para o liberalismo, que através da descentralização e do “jogo” das oligarquias, levaria ao caos e ao conflito. Por esta razão, haveria a

averso aos valores sociais do conjunto social (no caso leia-se integralismo). Apresentam-se como aqueles que representam o conjunto do povo brasileiro (seja ideologias, grupos políticos, setores sociais, e tudo aquilo que colocasse em “risco” o *nós* construído pelo integralismo). Assim, os integralistas vinculam sua imagem a um *nós* coletivo para que todos os brasileiros se identificassem e que garantisse a sua legitimação política e social. Acima de tudo esta identidade é construída através do estabelecimento pedagógico das virtudes do *nós* frente aos defeitos encontrados no *eles*.

Assim, podemos perceber que sempre há contraposição com os seus inimigos nas publicações (sejam livros, periódicos) e em todas as formas em que os integralistas estabelecem um diálogo com a sociedade. E desta forma, através dos defeitos de seus inimigos, definem-se enquanto grupo político, o único capaz de defender o *nós* coletivo (definido pelo próprio integralismo) do *outro*, seus inimigos.

³⁶² SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933, p. 9.

³⁶³ *Ibid.*, pp. 9-10.

necessidade de algo que garantisse a manutenção dos valores sociais diante destes problemas. Para isto, um “novo pensamento”, diverso das “forças perniciosas” seria a solução. Como pode ser observado no trecho abaixo:

Por isso é que te ofereço este livro, para te dizer, na intimidade do teu lar, que eu tenho abandonado muitas vezes a minha casa, para me pôr a trabalho pela tua família. Quero que leias com atenção estas páginas e venhas, em seguida, labutar neste serviço de Deus e da Nação, garantias de tua dignidade e do futuro dos teus filhos. Somos um povo dividido em vinte e um grupos de interesses, mas ainda não somos uma Nação. Levanta-te, patricio do Nordeste, da Amazônia, do Planalto, do Centro e do Sul, como se fosses um pedreiro, para bater comigo o malho desta imensa construção, que é a Pátria Organizada. Será como se trabalhasses a erguer a casa onde deverão habitar teus filhos, porque a Nação é a moradia eterna da nossa Raça. Terás a alegria que vibra no coração de todo integralista, que veste a “camisa-verde”, para realizar a mais gloriosa página da história brasileira.³⁶⁴

Nesta citação notamos que Salgado se coloca como um exemplo a ser seguido e convoca o leitor a fazer o mesmo que ele estaria fazendo, para salvar não apenas a sua própria família, mas a nação e os seus valores sociais, morais e religiosos. Com isto, convoca o seu interlocutor a construir ao seu lado o “novo” Brasil.

Esquece a tua Província e lembra as coisas eternas que tens a defender e que são comuns a todos os brasileiros, hajam nascidos onde quer que seja. Se te desagregas, enfraqueces a Nação e a entregas nas mãos de inimigos, que são também os teus e de teus filhos. Se olhas a interesses de ocasião, perderás a maior fortuna, que é a garantia de felicidade dos teus. Lê este livro, transmite esta crítica e este novo plano de construção ao teu vizinho, ao teu amigo, ao teu companheiro de classe profissional, aos teus parentes. E diz, resolvendo-te a ser um integralista sincero: “Vou abandonar todos os compromissos, pois tenho de construir a casa de meus filhos”.

É por isso que este livro te pertence, homem das cidades ou dos sertões brasileiros, - meu irmão!³⁶⁵

O autor estabelece um elo entre os problemas nacionais e os militantes. A possibilidade de defesa frente à ameaça dos supostos inimigos da Nação só poderia ser feita pelos cidadãos que aderissem ao integralismo e fizessem destes adversários os seus próprios. Ao leitor e “aspirante” integralista também ficava o encargo de difundir a idéia, atraindo para a AIB novos militantes. O livro é destinado às camadas populares, de forma simples: “A presente exposição da doutrina integralista eu a faço para as

³⁶⁴ Ibid., pp. 10-11.

³⁶⁵ Ibid., p. 11.

massas populares, procurando ser o mais simples possível, evitando terminologias difíceis e me desembaraçando das malhas do eruditismo”.³⁶⁶ Pois, “este livro pertence ao operário das cidades e dos trabalhadores do campo, ao soldado e ao marinheiro, ao estudante que ainda não atingiu os cursos superiores, aos pequenos proprietários, aos pequenos comerciantes, aos animadores das modestas iniciativas agrárias ou industriais”.³⁶⁷

Desde o primeiro capítulo esclarece ao leitor que a base do integralismo é a concepção de vida espiritualista (discussão presente no segundo capítulo) em oposição ao materialismo. “Durante toda a marcha da Humanidade, dois conceitos de vida e de finalidade se revezaram, ou se antepuseram, ou se conciliaram, de um ponto de vista formal, para de novo se separarem nesta luta do Espírito, que acompanhou paralelamente o combate econômico.”³⁶⁸

A partir de então, define objetivamente aquilo que é cada um dos dois termos, de forma definitiva e mais amadurecida daquela que havia colocado pontualmente na coluna “Nota Política”. Para ele o materialista é aquele que:

encara a vida humana como um fenômeno que começa e termina sobre a Terra. Para os que adotam esse conceito, não existe Deus, não existe a Alma, e, como conseqüência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias puramente espirituais, como sejam: a dignidade do ser humano, que se torna insubsistente por falta de base; uma concepção moral, que se torna inexplicável e perfeitamente inútil; a idéia da Pátria, que não passa, então, de simples convencionalismo; a idéia estética, isto é, da beleza, que sendo uma disciplina dos sentidos, segundo aspirações transcendentais, perde seus pontos de referência; o amor da família e do próximo, que já não se explicam uma vez que se tem de adotar um critério de felicidade pessoal, egoística, sem incômodos nem compromissos; e, finalmente, o sentido de disciplina consciente, que será substituído pela disciplina mantida pela violência dos mais felizes nos golpes aventureiros.³⁶⁹

Em outras palavras, o materialismo levaria à subversão completa de toda a sociedade, destruindo todos os valores sociais e os mais nobres da civilização. Também seria responsável pela desestruturação daquilo que era, aos olhos do “Chefe Nacional”, a principal forma em que os homens se organizariam em sociedade: a Pátria, e com isto

³⁶⁶ Ibid., p. 15.

³⁶⁷ Ibid., p. 16.

³⁶⁸ Ibid., p. 19.

³⁶⁹ Ibid., p. 20.

levando ao fim os conceitos religiosos que a guiariam. Ou seja, na sua visão o materialismo estava vinculado ao caos, ao conflito e à desarmonia.

A única forma para impedir isto seria a renúncia do materialismo e a adoção de um outro conceito, a antítese do caos: o espiritualismo, como expressão máxima dos mais nobres valores morais sociais e religiosos. Como podemos perceber no trecho abaixo, o espiritualismo seria exatamente o oposto do materialismo, aquele que:

considera a vida humana como um fenômeno transitório, condicionando uma aspiração eterna, superior. Para os que adotam esse conceito, existe Deus, existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias. O ser humano tem a sua dignidade, porque se torna superior às contingências materiais, ultrapassando os limites da luta biológica e a esta impondo um ritmo próprio; a concepção moral torna-se um imperativo perfeitamente definido e compreensível; a Pátria deixa de ser uma realidade moral, ligada à realidade da família e à tradição do povo; a estética, isto é, a idéia da beleza, torna-se precisa, jamais descambando para as aberrações, que traduzem quase sempre confusão dos instintos ou perversões sexuais ou da sensibilidade; o amor da família e do próximo determina a abnegação e o sacrifício, glorificando o Homem pela libertação do egoísmo; e finalmente a disciplina terá uma origem interior, criando a harmonia dos movimentos sociais, com finalidade suprema.³⁷⁰

Como foi visto no segundo capítulo, estes dois pontos de vista são antagônicos. “Esses dois conceitos lutaram sempre um contra o outro, em todos os tempos”.³⁷¹ Esta seria uma luta constante através dos tempos. Mas sob o signo espiritualista a luta se atenuaria, “porque entram na sua composição fatores modificativos, como sejam a bondade, a solidariedade humana, o anseio de aperfeiçoamento moral, o predomínio do senso estético e religioso, os sentimentos de Pátria, de Família, de renúncias, de pequenos sacrifícios glorificadores”.³⁷² Contudo, quando o materialismo se torna dominante, predominariam valores degeneradores, como “o orgulho, a rebeldia, a discórdia, a indisciplina, razão pela qual as civilizações desabam, as Pátrias sucumbem, a sociedade apodrece na confusão desmoralizadora dos costumes”.³⁷³

Em resumo, todos os males da sociedade poderiam ser enquadrados no ponto de vista materialista, e todos aqueles valores considerados benéficos seriam resultado do espiritualismo. Em uma lógica semelhante aos escritos da coluna “Nota Política”,

³⁷⁰ Ibid., pp. 21-22.

³⁷¹ Ibid., p. 23.

³⁷² Ibidem.

³⁷³ Ibid., pp. 23-24.

apresenta o século XIX como um momento de inflexão, em que a visão materialista surgiria de tal forma que eclipsaria a espiritual, trazendo uma série de malefícios.

O espetáculo de Nações agitadas e corroídas de ódios foi o panorama que nos apresentou todo o século XIX, que revelou o verdadeiro sentido da luta sobre a terra. Foi o egoísmo de uma civilização materialista que enfraqueceu os governos e tornou as Pátrias instrumentos de guerra externa nas mãos de grupos econômicos cruéis. Foi o individualismo orgulhoso que uniu, de um lado, os capitalistas do mundo, numa obra internacional de degradação humana e de opressão das massas, e de outro lado, essas massas educadas pelo próprio capitalismo, na incredulidade, de sorte a transformá-la em maquinismo de produção. Delineou-se nitidamente a luta de classe, que se desenvolveu à revelia dos governos, porque estes perderam toda a autoridade e toda a possibilidade de controle e direção.³⁷⁴

Como se pode perceber, o individualismo seria a base de toda a maleficência do materialismo. Também seria o denominador comum entre o capitalismo e o comunismo (e o elemento de atrito entre ambos). O materialismo, através do individualismo, tenderia a levar as sociedades à destruição, principalmente através do conflito de classes, como podemos observar abaixo:

Enfraquecidos os governos e debilitadas as Pátrias, o materialismo cumpriu a primeira etapa da sua missão destruidora, estabelecendo os dois termos do seu problema, o choque brutal dos instintos de duas classes, que perderam o coração, perdendo o Espírito, e se defrontam, adversárias no plano dos interesses, mas correligionárias na mesma concepção de mundo, ambas aviltadas, rebaixadas da condição superior do Homem, ambas tendentes a destruir a personalidade, por excesso de individualismo, no oceano coletivista, suicídio de todas as aspirações isoladas do operário, escravidão pavorosa em que vibra o chicote de novos Faraós alucinados.³⁷⁵

Em oposição a essas forças, o integralismo seria a “luz”. Garantiria a sobrevivência dos valores cristãos da sociedade ocidental e impediria a sua destruição. Segundo o autor, “a concepção integralista do mundo, como a própria palavra está indicando, considera o universo, o homem, a sociedade e as nações, de um ponto de vista totalitário, isto é, somando todas as suas expressões, todas as suas tendências”. Assim, “fundindo o sentido materialista do *fato* ao sentido interior da *idéia*,

³⁷⁴ Ibid., p. 26.

³⁷⁵ Ibid., p. 27.

subordinando ambos ao ritmo supremo espiritualista e apreendendo fenômeno espiritualista e apreendendo o fenômeno social segundo as leis de seus movimentos”.³⁷⁶

A partir disto, Plínio Salgado delinea um conceito importante aos integralistas:

O sinal que adotamos nos uniformes dos “camisas-verdes” e na bandeira do integralismo (sigma) indica em matemática o símbolo do cálculo integral. Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo, nem nos perdendo na esfera exclusiva da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo.³⁷⁷

Esta definição é importante e demonstra uma diferenciação fundamental em relação ao materialismo, pois enquanto o integralismo agregaria valores e construiria uma nova sociedade, seus inimigos principais, isto é, comunismo e liberalismo, apenas desagregariam e destruiriam as sociedades.

Por fim, explica que dentro desta concepção humanística que estaria embasado o integralismo, havia um projeto maior, que buscava, diferente do materialismo, os mais nobres valores e a construção de uma sociedade estruturada nos mais valorosos preceitos sociais, morais e religiosos:

Compreendendo, assim, a finalidade do Homem e da Sociedade, o *integralismo* pretende realizar:

- o Homem Integral;
- a Sociedade Integral;
- a Nação Integral;
- a Humanidade Integral.

O Homem, realizando suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais; a Sociedade, funcionando harmoniosamente; a Nação, como autoridade efetiva, através dos seus órgãos de governo, mantendo o equilíbrio entre o Homem e a Sociedade; e, finalmente, a Humanidade, objetivando o seu superior destino de aperfeiçoamento.

Isto exposto: negada a finalidade materialista, mas aceito o imperativo das exigências materiais (o que é muito diferente) entremos na parte política, mostrando o que pretende fazer o *integralismo*, como política científica norteada por uma concepção filosófica.³⁷⁸

Em todos os trechos citados podemos perceber a construção da identidade política integralista, em uma oposição às forças consideradas materialistas. Toda a identificação daquilo que é o integralismo/espiritualismo está marcada pontualmente

³⁷⁶ Ibid., pp. 27-28.

³⁷⁷ Ibid., p. 28.

³⁷⁸ Ibid., pp. 31-32

por uma contraposição com alguma característica negativa do materialismo (liberalismo/comunismo). Não é por acaso que o segundo e o terceiro capítulos, desta obra, sejam destinados aos inimigos, para depois de apresentar todos os seus defeitos, mostrar as vantagens e as “bem-aventuranças” integralistas.

No segundo capítulo, se preocupa com o liberalismo, como o próprio título sugere: “Guerra de morte à liberal-democracia”. Para ele, o materialismo era acima de tudo uma luta econômica, baseada em dois critérios: o individualista (liberal-democrático e baseado nos princípios da Revolução Francesa) e o coletivista (socialista/comunista³⁷⁹ e baseado no marxismo). De acordo com a sua visão, os valores de igualdade, liberdade e fraternidade seriam uma ilusão moral criada para iludir as massas populares da ascensão social, para a conquista de posições de conforto e poder. E isto seriam critérios materialistas, “porque permite que se processe a evolução das forças materiais da sociedade sem nenhuma orientação diretiva do Estado, tornando este um mero mantenedor da ordem pública”.³⁸⁰ Segundo Salgado, o liberalismo era um regime que estava completamente falido, e seria sua responsável por todos os problemas que assolavam a sociedade ocidental:

Sob sua exclusiva responsabilidade é que os povos e as nações se governaram, e os resultados colhidos foram:

- a grande guerra, que sacrificou milhões de vidas;
- a tragédia russa; as revoluções sul-americanas; a masorca chinesa; o banditismo no território norte-americano; as perturbações sociais em todo o planeta;
- a chamada “superprodução” de mercadorias; as legiões de desempregados, que sobem hoje a muitas dezenas de milhões; o pânico do capital e o desespero do trabalho; enfim, a angústia universal.³⁸¹

Este Estado liberal era apenas um mero expectador das lutas econômicas, estando acima de indivíduos e grupos que disputavam o poder, por isto teria se tornado cada vez mais fraco e incapaz de trazer a ordem e a paz social. Nas palavras do autor: “Esse Estado se tornou cada vez mais fraco, sendo, dia a dia, corroído pelas forças em

³⁷⁹ Nos escritos integralistas não há uma distinção entre socialismo e comunismo, e sempre que encontramos alguma referência ao socialismo, em realidade estão se referindo ao comunismo.

³⁸⁰ Ibid., p. 36.

³⁸¹ Ibid., p. 37. Neste trecho é interessante notar a diferença entre os autores, como já falamos no início deste capítulo. Na apresentação do livro *Os protocolos dos sábios de Sião*, Gustavo Barroso, responsável pela tradução do livro, utiliza estes mesmo exemplos para provar que todos os males sociais do mundo eram causados pelos judeus.

conflito, de modo que não pode influir no sentido de efetivar a justiça social e o equilíbrio da produção e do consumo”.³⁸²

A sociedade baseada no liberalismo estaria calcada na noção de indivíduo. Para Salgado, dois conceitos teriam sido consagrados pela democracia-liberal: o “homem-cívico”, e de “soberania nacional” como expressão da soma das vontades dos “homens cívicos”. De acordo com ele, “o primeiro é o absurdo biológico e o segundo o absurdo sociológico”³⁸³ Destes dois “absurdos” decorreria um terceiro, quase tão grande quanto o individualismo, o voto.

O voto é a grande mentira que serve de instrumento à opressão das massas trabalhadoras, iludidas na sua boa fé. Assim vejamos:
O voto deveria exprimir um interesse real, direto, sendo uma relação entre o eleitor e o candidato, do mesmo modo como este seria uma relação entre o problema e a solução alvitada pelo votante.
Não basta conhecer o problema: é preciso ter interesse nele.³⁸⁴

E este seria o “defeito” da liberal-democracia, o de não se interessar por eles, pois não proporião em função de vida e de realidade a cada um dos cidadãos que deveriam usar dos direitos por ela outorgados de livre escolha, de decisão, a respeito daqueles que tinham de ser os temas principais da sociedade e da nação. Pois “os ‘dados’ oferecidos têm a frieza dos algarismos expostos à apreciação de um examinando; eles não podem ser considerados segundo aferições imediatas de fatos concretos e tangentes da vida individual”.³⁸⁵ Dentro desta leitura, o sufrágio universal subordinaria “todo um sistema de realidades sociais a uma pura abstração, isto é, ao conceito da soberania oriunda das fontes primárias da ‘vontade geral’. A este preconceito artificioso e utópico se condiciona toda a organização nacional, a tese relevantíssima da constituição dos poderes, o significado da representação”.³⁸⁶ Além disso, de como aponta Salgado:

Cada vez mais se exclui do voto a expressão representativa de interesses individuais ou grupais, para transformá-lo ao grande “lugar comum” onde todos podem catar pacificamente, porque o voto *cívico*, ato do *homem cívico* (aberração filosófica, sociológica e biológica) não admite a presunção de interesses de classe ou de interesses individuais próprios.

³⁸² Ibid., p. 38.

³⁸³ Ibidem.

³⁸⁴ Ibid., p. 39.

³⁸⁵ Ibid., p. 41.

³⁸⁶ Ibid., p. 42.

A democracia individualista afoga o indivíduo no oceano do sufrágio. O voto na liberal-democracia, é a vala comum de todas as vontades. Essa grande expressão amorfa, sem caracteres denomina-se a “vontade geral”, e dela procede, nas democracias, a ilusória “soberania nacional”.³⁸⁷

Dentro de sua visão, o sufrágio universal teria junto de si uma série de problemas, pois faria com que o Estado liberal vivesse em um mundo e os interesses dos habitantes em outro. Em resumo, para ele, o Estado em uma democracia liberal só existiria para suprir as demandas do capital e dos grandes grupos financeiros. Nas palavras de Plínio Salgado: “O sufrágio universal pressupõe uma unidade de objetivos meramente administrativos, ou a gerência dos negócios públicos. É um critério erradíssimo, porque a gerência perfeita pode realizar-se segundo aspirações, doutrinas, pensamentos políticos os mais variados”.³⁸⁸

A partir desta apresentação daquilo que seria o liberalismo, mostra sua crítica: “o voto não traz um princípio de moralidade, porque está caracterizado pela amplitude do seu conceito, também não pode haver moral pública. Tudo é mentira”.³⁸⁹ Com isto, começa a apresentar contraposições entre a liberal-democracia, o marxismo e o integralismo. Nota-se aqui, o que já havíamos discutido em relação à construção de uma identidade política, na qual sempre o integralismo é estruturado em oposição aos defeitos do *outro*. Interessante é notar que mesmo em um capítulo voltado ao liberalismo, ele aproveita para apresentar o marxismo (ou comunismo) para melhor apresentar o integralismo, como podemos observar abaixo:

A liberal democracia concebeu o “homem-cívico”, a grande mentira biológica; o marxismo materialista concebeu o “homem-econômico”, mentira tanto filosófica como científica.

Nós, integralistas, tomamos o homem na sua realidade material, intelectual e moral e, por isso, repudiamos tanto a utopia liberalista como a utopia socialista. A liberal-democracia pretende criar o monstro, sem estômago. O socialismo marxista pretende criar o monstro que só possui o estômago e o sexo. Em contraposição ao místico liberal e ao molusco marxista, nós afirmamos o *homem-total*.³⁹⁰

Haveria, em suma, estas três concepções. A marxista estaria baseada em fórmulas, segundo ele, ilusórias: o “determinismo materialista”, a “proletarização das

³⁸⁷ Ibid., pp. 43-44.

³⁸⁸ Ibid., p. 45.

³⁸⁹ Ibid., p. 46.

³⁹⁰ Ibid., pp. 47-48.

massas”, a “socialização dos meios de produção”, a “ditadura do proletariado”, os “direitos da coletividade”. Já dentro da liberal existiria a “causa pública”, a “voz das urnas”, a “moralidade administrativa”, o “civismo”, as “massas eleitorais”, a “luta dos partidos”, e a “igualdade, liberdade, fraternidade”. Para o autor, seriam apenas formas ilusórias de dominação e controle. Logicamente, a única alternativa seria a terceira concepção, a integralista:

Em torno da nossa concepção, nós, integralistas, lançamos as formulas definitivas de salvação nacional e humana, exprimindo realidades tangentes: “O Estado orgânico”, a “organização corporativa da Nação”, a “Economia dirigida”, a “representação corporativa”, o “homem integral”, o “realismo político”, a “harmonia das forças sociais”, a “finalidade social”, o “princípio de autoridade”, o “primado da inteligência”.³⁹¹

Posteriormente, segue apresentando os defeitos do liberalismo, sempre apontando a sua fraqueza. “Esse Estado é fraco. Esse Estado está agonizando na Europa e na América”. Um dos pontos de sua debilidade seria a falta de ordem ou sua incapacidade de a impor. Outro seria o desconhecimento da organização de grupos financeiros e de trabalhadores, que teria a perda de controle social sobre a Nação. A partir disto:

À sua revelia, deflagraram-se as lutas entre o Capital e o Trabalho e até mesmo entre o Capital e o Capital. O aperfeiçoamento da técnica multiplicou as possibilidades da produção, alijando o homem das fábricas, e o Estado Liberal foi impotente para manter uma uniformidade de ritmo de trabalho, que possibilitasse a colocação dos produtos e evitasse tanta miséria que se originou de tanta fartura.³⁹²

Este Estado liberal e materialista seria incapaz de impedir o choque de forças entre Capital e Trabalho (capitalismo e comunismo) no seu próprio seio. Sua natureza de não intervenção impediria que conseguisse cumprir o seu papel de gerir a sociedade. A base de todo este mal teria sido o resultado de um ciclo vicioso, que era a fragilidade do liberalismo, que cada vez se tornava mais fraco e, com isto, impotente para conter os choques entre os grupos sociais que disputavam poder e cresceriam dentro dele. Isto teria levado à desordem em termos globais.

³⁹¹ Ibid., p. 49.

³⁹² Ibid., p. 51.

O mundo está em desordem porque o Estado Liberal é fraco, é anêmico, é gelatinoso. É o Estado inerte, que assiste, de braços cruzados, à angústia das multidões esfaimadas e desespero dos chefes de indústria, dos agricultores, que não encontram capacidade aquisitiva suficiente, nas coletividades empobrecidas e nuas, para que possam comer e vestir. Estamos assistindo ao incêndio dos estoques: o trigo, nos Estados Unidos; o café, no Brasil; os carneiros, na Holanda e na Argentina, e há tanta criança que tiritica de frio e tantas famílias sem um pedaço de pão!³⁹³

Diante de todos os problemas do liberalismo, Plínio Salgado apresenta o integralismo como a alternativa de salvação: “O Integralismo que realizar uma democracia de fins e não uma democracia de meios. Quer salvar a liberdade humana da opressão do liberalismo. Quer salvar a dignidade do homem do torvo materialismo dos capitalistas e dos comunistas”.³⁹⁴ O movimento integralista seria para ele, a ordem diante do caos: “O Integralismo surge como a única força capaz de amparar o homem, hoje completamente esquecido pelo Estado liberal-burguês, como aniquilado e humilhado pelo Estado marxista soviético. Nas democracias, o homem está entregue a si mesmo”.³⁹⁵

Com a fraqueza do Estado liberal ninguém teria garantias, com exceção dos poderosos, que oprimiriam a população e teriam seus lucros através desta exploração.

A liberal-democracia, realmente, só aproveita aos poderosos, que exploram os pobres e os fracos, e aos demagogos marxistas, que exploram a ignorância das massas trabalhadoras, e a inexperiência dos estudantes bisonhos, mantendo-os no obscurantismo, a fim de que só aprenda a filosofia do materialismo, que os tornará mais rapidamente escravos.

Explica-se o motivo porque os grandes banqueiros, as grandes empresas jornalísticas a soldo de sindicatos financeiros ou industriais, os políticos a serviço de *trusts* e monopólios, os agiotas de todo jaez e os negociantes de todos os quilates vivem a proclamar as excelências da liberal-democracia e investem contra o Integralismo com todas as suas armas: é que o dinheiro não tem pátria e o seu portador não tem coração; o menor pânico num país determina a fuga do ouro para outro país, e a menor notícia de disciplina governamental em relação à vida econômica alarma os arraiais da usura eriçando o pêlo das hienas de garras aduncas.³⁹⁶

Como podemos perceber o discurso de Salgado em relação ao liberalismo tem uma face ofensiva e uma face defensiva: ao mesmo tempo em que o apresenta como

³⁹³ Ibid., pp. 51-52.

³⁹⁴ Ibid., pp. 53-54.

³⁹⁵ Ibid., p. 54.

³⁹⁶ Ibid., pp. 59-60.

desagregador da sociedade brasileira – junto com o marxismo – defende-se de críticas ao integralismo afirmando que apenas estes inimigos lucrariam com a destruição nacional e com a destruição do integralismo, mostrado por ele como os verdadeiros guardiões do povo brasileiro.

Além disso, o liberalismo seria uma concepção de Estado que estaria indiferente ao duelo entre as duas classes que estariam disputando o poder: burguesia e proletariado. Diferentemente do integralismo que estaria atento e preparado para agir. “Nós integralistas, que pretendemos realizar a verdadeira democracia, que não é a liberal, mas a orgânica, em consonância com o ritmo dos movimentos nacionais, condenamos todas as formas de liberalismos, porque atentam contra a dignidade humana e conduzem as massas para a degradação, como conduz o homem à animalização completa”.³⁹⁷

A análise deste capítulo nos permite tirar algumas conclusões, a partir da percepção da definição da identidade integralista e dos defeitos do liberalismo: primeiramente podemos apontar que o Estado integralista seria forte (diferente do liberal mínimo) e intervencionista (o oposto ao “mero expectador” liberal). Dentro do integralismo, os interesses individuais (base do liberalismo) jamais estariam acima dos interesses da nação (em realidade do Estado centralizador). Dentro do princípio da disciplina, não seriam os cidadãos que escolheriam seus líderes através de eleição, mas acatariam as ordens do Chefe da Nacional (Plínio Salgado), pois este seria o que mais teria condições de decidir o que seria, dentro de uma concepção política bem definida (a ideologia integralista – diferente da “anarquia” liberal), o melhor caminho a seguir. Acima de tudo, para Salgado, o Estado forte deveria controlar e não ser controlado pelos grupos políticos que disputavam o poder dentro de uma nação. Desta forma, não haveria o conflito de classe e tanto proletários quanto burgueses estariam subjugados dentro da Estrutura de Estado. A partir disto, as diferenças seriam organizadas através de um “capitalismo nacional”, responsável pela manutenção do capital interno (não prejudicado pela especulação externa), que garantiria a manutenção da ordem e da paz social.

Não entrando nos méritos da possibilidade ou não de aplicação deste projeto integralista, observamos que, enquanto discurso, tinha uma base palpável diante das realidade da época. Até porque este Estado liberal que Salgado aponta era uma crítica

³⁹⁷ Ibid., pp. 61-62.

direta ao Governo Provisório (do ponto de vista nacional), que segundo sua visão estava organizado enquanto Estado liberal, pois de um lado tinha derrotado o liberalismo oligárquico em 1930, mas lançava as bases do liberalismo financeiro e industrial, de outro. Em resumo, para Plínio Salgado, o integralismo tinha como objetivo a suplantação de um modelo político em que o Brasil estava imerso, e para superar o projeto anterior, só poderia ser feito se fossem abandonados os seus defeitos ou as causas da sua decadência.

No terceiro capítulo, “Alerta contra o socialismo!”, Salgado apresenta sua visão contra a “ameaça vermelha”, que surgiria como uma falsa resposta aos problemas endêmicos do liberalismo. Ou seja, diante do liberalismo periclitante, duas alternativas se colocavam diante da população: comunismo ou integralismo.

Haveria uma diferença fundamental, dentro de sua visão, entre estas duas alternativas, pois enquanto a primeira consideraria o homem como um ser econômico e o mundo social como uma arena entre capital e trabalho, o segundo buscaria apaziguar e acabar este conflito. Em outras palavras, o comunismo teria como objetivo o extermínio de uma classe social (a burguesia) e suplantação por outra (o proletariado). Para Salgado, dentro do integralismo, haveria a coexistência pacífica dos grupos sociais, promovida por um Estado voltado à defesa de valores comuns. Mais uma vez podemos perceber a construção de uma identidade política.

Anteriormente havíamos afirmado que os integralistas não faziam uma distinção entre socialismo e comunismo, provavelmente a razão para isto seja a visão de Plínio Salgado sobre o tema presente neste capítulo, como podemos observar abaixo:

A origem do socialismo vem diretamente de Marx, do mesmo modo como Marx vem expressamente de Fierbache e este de Hegel e de Kant. E tanto sua origem é essa que já o Papa Leão XIII condenava o socialismo, justamente por ser filho da filosofia materialista. E tanto é verdade que o socialismo e o comunismo são filhos do mesmo tronco, da mesma árvore da filosofia materialista, que a República Soviética chama-se U.R.S.S., ou seja, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Sobre isso o povo brasileiro não deve ter ilusões. Quem diz socialismo diz marxismo e até o bolchevismo é uma simples seita do socialismo.³⁹⁸

³⁹⁸ Ibid., pp. 68-69. Depois desta obra Salgado raramente utilizou o termo “socialismo”, passando a usar “comunismo”. A partir de então, poucas vezes encontraremos algum tipo de distinção nas publicações integralistas (sejam livros ou periódicos). Provavelmente a grande exceção a esta regra é um texto de Gustavo Barroso, publicado na revista *Anauê!*, sob o título de *As duas internacionais*. Neste artigo ele apresenta tanto a II Internacional (socialista) quanto a III Internacional (comunista) como obra da

Percebe-se que Salgado, ao centralizar em um único conceito socialismo e comunismo, busca não apenas facilitar a compreensão por parte do leitor, como também sintetizar em um único inimigo as características de outras ideologias. Reduzindo a uma única ameaça, mas com várias faces. Observamos a mesma lógica naquilo que se refere ao anarquismo: raramente encontramos referências a esta ideologia nas publicações do movimento, pois suas ações, da mesma forma que o socialismo, são enquadradas como comunistas. Ou seja, as faces do materialismo consideradas “esquerda” eram genericamente denominadas de comunismo. Isto era bastante funcional, pois possibilitava enquadrar como “comunismo” uma série de atos, indivíduos, grupos e eventos que a sua etimologia não permitia. Também permitia aumentar o “raio de ação” da campanha anticomunista proposta pelo movimento. Não esqueçamos que a aversão ao comunismo era a principal causa de adesão de militantes na AIB e quanto maior fosse o medo criado em torno de sua expansão e atividades – assim como o aumento do discurso anticomunista – maior seria a filiação de adeptos.³⁹⁹

Depois que estabelece a definição do termo, apresenta quais seriam os objetivos do socialismo/comunismo:

Internacionalizar o proletariado; propagar as idéias materialistas, de sorte a destruir a religião, a família, a Pátria; facilitar o desenvolvimento da luta de classe; combater, embora por política não afirme isso, a inteligência, a cultura, os padrões morais e tradicionais, que constituem tremendos empecilhos à marcha dialética dos embates classistas.⁴⁰⁰

Aqui podemos perceber que o materialismo comunista é, aos olhos de Salgado, o oposto do espiritualismo integralista, pelo menos na forma do discurso. Seria a antítese aos valores “Deus, Pátria, Família”, do lema integralista e também ao conjunto moralista do seu pensamento. Mas, haveria diferenças, não apenas no pensamento como na prática, e mais uma vez retomamos a *identidade*.

Os socialistas, como nós, integralistas, pretendem a sindicalização das classes profissionais. Mas o seu critério é o

conspiração judaica para a dominação do mundo, e a ordem fascista como a força que deteria a ameaça semita. *Anauê!* n° 1, ano 1, janeiro de 1935, pp. 4-5.

³⁹⁹ Esta obra *O que é integralismo* é um dos poucos exemplos na produção de Plínio Salgado em que utiliza o termo “socialismo”, mas a lógica é a mesma: onde encontramos “socialismo” está enquadrando também o comunismo.

⁴⁰⁰ *Ibid.*, p. 70.

mesmo da liberal-democracia (a eterna aliada do comunismo), isto é, o critério do sindicato livre.

Nós, integralistas, queremos o sindicato profissional, porém, um para cada classe.

A multiplicação de sindicatos na mesma classe profissional fere o sentido grupalista da nossa concepção orgânica e totalitária da sociedade, pois transporta para outro plano a mesma luta desenfreada do individualismo econômico e político.

Desejamos ainda, que o sindicato seja uma figura de direito público e não de direito privado. Só assim, organizaremos a Nação na base sindical e da representação de classes, o que destruirá para sempre a liberal-democracia com os seus partidos e os extremismos anarquistas ou socialistas, com a sua preocupação de atear fogo à luta social.⁴⁰¹

Sempre aparece a noção de caos e ordem, inclusive colocando dentro do mesmo lado expressões políticas distintas e que não poderiam ser enquadradas como aliados, no caso comunismo e liberalismo. Contudo, isto não entra em desacordo com a lógica do pensamento de Salgado, pois ambos seriam expressões do materialismo e, por esta razão, considerados semelhantes.

Da mesma forma, como forças materialistas, que primariam pelo caos, agindo livremente, levariam a cabo o seu objetivo de destruição da sociedade, como podemos observar a seguir:

Os socialistas e liberais precisam de agitação, de desordem, de choques entre o Capital e o Trabalho. Eles vivem das desgraças da liberdade. Eles vivem das desgraças da humanidade. A multiplicidade de sindicatos em cada grupo profissional não oferece garantia nenhuma para o proletariado, pois os patrões é que explorarão as desídias entre os oficiais do mesmo ofício; desse modo, continuará sempre terrível a posição do operário e o combate não terá tréguas. Lucrarão, também, com isso, os partidos, porque não haverá representação efetiva e totalitária de classes. A nação continuará dividida, não agora em *parcelas indivíduos*, mas em *parcelas sindicatos*.

A autoridade da Nação se enfraquecerá cada vez mais, porque à revelia dela se deflagrará a batalha econômica, rolando os contendores para o abismo comunista e arrastando consigo o cadáver da Pátria.⁴⁰²

Em resumo, a ação dos grupos materialistas, mesmo que liberais, acarretariam o enfraquecimento da Nação como um todo, levando ao comunismo e, por conseqüência, à destruição completa da sociedade. Esta é uma característica interessante e que será perpetuada praticamente em todas as publicações integralistas, ou seja, que tudo aquilo que não for a favor do espiritualismo (leia-se integralismo e demais movimentos

⁴⁰¹ Ibid., pp. 71-72.

⁴⁰² Ibid., pp. 71-72.

fascistas) abre as portas para o comunismo, que seria a expressão mais virulenta do materialismo. Dentro desta lógica, qualquer indivíduo consciente ou não, poderia estar levando consigo o “germe” comunista, e com isto, colocaria em risco o coletivo social.

Todavia, não apenas a sociedade seria destruída no rastro da ação comunista, como a própria natureza humana. Como aponta Plínio Salgado:

É justo entretanto, o caminho que palmilha o socialismo?
 Não: porquanto ele conflita com realidades humanas imperativas. Ele considera o “*homo economicus*”, abstração marxista que contradiz a complexidade da natureza humana.
 O homem não é apenas estômago. O homem é espírito e inteligência; é sentimento; é dignidade e personalidade.
 O socialismo materialista pretende deformar o homem, apagando nele caracteres que lhe são profundamente inerentes.⁴⁰³

O rastro da “destruição comunista” atingiria o indivíduo e ao deturpá-lo faria o mesmo com a sociedade como um todo. Retiraria do ser humano a sua humanidade, com isto os seus valores sociais, morais e religiosos, transformando-o em um autômato. Cada indivíduo que fosse corrompido abriria espaço para a desestruturação da sociedade como um todo.

Além disso, o marxismo seria uma contradição dentro da visão de Salgado:

O marxismo é a contradição, em todos os sentidos. A própria felicidade individual objetivada redundava no sufocamento do indivíduo pela compressão das massas. E o próprio coletivismo transforma-se em cenário niestcheano onde deverão silhuetar-se as figuras de super-homens, de condutores das multidões, como Stalin. O próprio Lenine, freqüentemente, denomina-se “o grande construtor” e, dessa maneira, aceitava a possibilidade da interferência da Idéia-Força, o que é uma contradição com o determinismo materialista.
 O socialismo, portanto, oriundo do marxismo, não pode trazer a felicidade ao gênero humano. O seu sentido não é o de construção, mas de manutenção da luta de classe.⁴⁰⁴

Em outras palavras, aquilo que está sendo transmitido é que o socialismo/comunismo, embasado nas premissas materialistas do individualismo, seria contraditório com a noção do coletivismo da própria ideologia marxista. E isto levaria não à paz, mas ao conflito, à luta de classes. Tal caminho teria como resultado apenas a desestruturação, e não a construção. Esta visão de dissolução era apresentada como oposta aos objetivos do integralismo, na qual, de acordo com a visão de seu líder, se

⁴⁰³ Ibid., pp. 74-75.

⁴⁰⁴ Ibid., pp. 76-77.

defenderia a sociedade como um todo, valorizando o indivíduo e, por conseqüência, toda a nação, em vez de um grupo de classe como seria com o comunismo.

Por fim Plínio Salgado afirma que o marxismo é anti-revolucionário, devido ao fato de ser proveniente da filosofia burguesa do século XIX, baseada na evolução determinista. Pois, este seria antidinâmico ao conceber uma sociedade estática e o ser humano analisado por um ponto de vista unilateral. Já o integralismo seria a única força revolucionária, pois pretenderia agregar ao Estado não apenas as expressões totalitárias da economia, da sociedade e da moral, como a sua dinâmica, que transformaria aquilo que acreditava ser uma luta desordenada que seria travada pelos grupos sociais que compõem a sociedade, em uma harmonização de contrários, isto ocorreria “através do desenvolvimento contínuo dos fatores materiais do progresso e da marcha de aperfeiçoamento do Espírito”.⁴⁰⁵

Podemos perceber que seria o liberalismo e as suas contradições que abriria o espaço para o socialismo/comunismo. Mas diferente do liberalismo, baseado apenas na noção de obtenção de lucro e sem uma ideologia propriamente dita, o comunismo teria uma doutrina e um programa de ação que o tornava muito mais virulento. E dentro deste projeto de dominação, havia toda uma base de caos social e destruição dos valores sociais, morais e religiosos. Por esta razão, integralismo e comunismo seriam opostos, e todo aquele que não fosse integralista, estaria auxiliando direta ou indiretamente o comunismo.⁴⁰⁶

Optamos por fazer esta longa análise de *O que é integralismo*, pois objetivávamos demonstrar ao leitor que a concepção do que era o integralismo perpassava a noção que Plínio Salgado tinha sobre os seus inimigos. Não é à toa que nesta obra o integralismo é apresentado ao leitor a partir dos defeitos dos seus adversários. Perceber isto é fundamental, dentro de uma lógica de construção de identidade política, para compreender a lógica de difusão ideológica do integralismo. Abaixo discutiremos as demais obras integralistas produzidas por Salgado, Barroso e Reale.

A segunda obra que define o integralismo é *O integralismo em marcha*, do escritor e membro da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso. Publicado ainda

⁴⁰⁵ Ibid., p. 78.

⁴⁰⁶ Na obra ainda há mais um capítulo intitulado “O integralismo na hora presente”, onde apresenta os pontos básicos e os objetivos do integralismo, seguindo o mesmo padrão dos dois anteriores, repetindo, esquematicamente, muitos dos conceitos já citados. Tendo em vista este fato achamos desnecessário uma análise deste trecho.

em 1933 e seguindo um padrão muito semelhante ao de *O que é integralismo*, apresenta uma constante contraposição entre integralismo e liberalismo e comunismo.⁴⁰⁷

A aversão a estes se faz presente logo na apresentação da obra:

Moços do meu Brasil: O crepúsculo que Barbusse previu logo depois da grande guerra alastra pelo mundo as suas sombras tristes. O liberalismo impotente e hipócrita agoniza. O credo comunista cria duas humanidades, declarando que nem a morte apaga o antagonismo entre o operário e o burguês. Mais horrendo que o fantasma das discordâncias civis, se ergue o espectro da guerra de classes. Ao embate das contradições, o nosso país corre para o naufrágio. Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta a tábua e salvação, somente ela é capaz de renová-lo, como ao som da Giovanezza, reformou a Itália, concertou Portugal e redimiu a Alemanha.⁴⁰⁸

Podemos perceber a mesma visão antimaterialista de Salgado: a fragilidade e impotência do liberalismo e a ameaça comunista. Ainda a oposição entre essas duas forças, através do antagonismo de classe levando a nação à ruína. Ou seja, o mesmo tipo de discurso.

A diferença fundamental entre as obras é o acréscimo, como podemos notar na última frase da citação acima, da influência do fascismo no integralismo.⁴⁰⁹ Outra característica adotada por Barroso que encontraremos posteriormente é um apelo religioso bastante acentuado. Como podemos perceber no seguinte trecho:

Em três anos de pregação do Credo do Amor e da Bondade, dos trinta e três, Jesus mudou a face do mundo. Quando o crucificaram como vil escravo entre dois ladrões, fosse alguém cochichar no ouvido de César que aquele justo, reinando somente sobre consciências, seria dono incontestado de todo o Império, e o tomaria pelo maior dos loucos. Com

⁴⁰⁷ Esta contraposição segue um padrão bastante didático como podemos notar no trecho a seguir:

“O Estado liberal, embora faça concessões de toda a natureza premindo pelos imperativos das circunstâncias, defende unicamente o capital. O Estado soviético, nas mesmas condições, unicamente defende o trabalho. O Estado Integral defenderá a harmonia e a cooperação do capital e do trabalho dentro de uma ordem espiritual. A grandeza e a realidade de seu poder atingirá uma profundidade que os outros jamais alcançarão. Porque ele, como seu próprio nome indica, é a integral de uma nova organização, o resultado de todos os valores, a soma de todas as atividades e, conseqüentemente, ao invés do *piorador*, o *melhorador* em que todos confiam e que todos devem estimar.” BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Schimdt, 1933, p. 83.

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 9.

⁴⁰⁹ É importante ressaltar que Plínio Salgado em nenhuma de suas obras estabelece uma relação entre integralismo e os seus congêneres europeus. Pelo contrário, sempre procura colocar o integralismo como acima de influências externas. Embora em algumas ocasiões coloque o integralismo em um mesmo patamar dos demais fascismos (dentro de uma lógica de frente espiritualista) contra o comunismo e o liberalismo. Contudo, tanto Gustavo Barroso quanto Miguel Reale colocam o integralismo como uma espécie de fascismo, mesmo que ressaltem as diferenças com os movimentos da Europa. Desta forma fica sempre dúbia a posição dos integralistas frente à aceitação ou não da influência do fascismo. Discutiremos com mais ênfase esta questão no capítulo seguinte, através dos periódicos.

ela contamos para sermos em breve algumas dezenas ou centenas de milhares e colocarmos nosso país dentro do triângulo salvador a que alude Mussolini: - Ordem – Hierarquia – Disciplina.

No momento atual, todos procuram um rumo e o Brasil, menos experiente, o procura mais tonto do que todos. O Integralismo é esse rumo, porque condena as imposturas da liberal democracia agonizante, sobretudo a mentira do voto, porque condena o materialismo grosseiro e instintivo do comunismo, riscando um caminho novo e claro na paisagem milenar que o Homem vem percorrendo desde a gruta, a tenda e a cabana até o palácio, à catedral e o arranha-céu, desde a aldeia e a cidade até o Estado e o Império.⁴¹⁰

Através desta analogia religiosa entre cristianismo e fascismo apresenta o integralismo como a resposta cristã para defender o Brasil das ameaças do materialismo, representados pelo comunismo e liberalismo. Este caráter “religioso” do discurso era uma excelente arma identitária, pois vinculava o movimento à defesa dos valores do povo brasileiro, tendo em vista o caráter católico que esta sociedade da época tinha.

Mas dentro da visão de Gustavo Barroso, qual seria a posição do integralismo diante do fascismo?

Alguns escrevinhadores imbecis, sem cultura para entender nossa missão e nosso raciocínio, a cada passo nos chamam de imitadores do fascismo ou plagiadores do hitlerismo. Não somos imitadores e plagiadores de um ou outro, como não o é o grande movimento das camisas azuis que Mosley desencadeia na velha Inglaterra. Somos simplesmente ramos da mesma árvore, filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária de universo.⁴¹¹

Ao defender-se das críticas, Barroso, diferente de Salgado, que sempre defendeu a independência diante de outros movimentos fascistas, coloca o integralismo como tendo a mesma base e a mesma concepção de outras expressões do fascismo que surgiam em escala global.

Vai mais adiante, asseverando inclusive que o fascismo em si não existe e sim uma mesma base doutrinária e ideológica.

A humanidade já se acha fatigada das experiências sociais e políticas unilaterais; como já percorreu bastante a rota do individualismo capitalista; como já deu os passos necessários na direção do materialismo para sentir que a levará às trevas cheias de ranger os dentes do coletivismo marxista, os homens que estudam, pensam, meditam e fazem a grandeza da vida, marcam por toda a parte o ritmo glorioso das concepções integralistas. Por isso, o comunista Rappoport

⁴¹⁰ Ibid., p. 49-50.

⁴¹¹ Ibid., p. 89.

escreve cheio de fúria: “O fascismo espalha-se no mundo capitalista como verdadeira peste negra!” Graças a Deus! Em verdade, não há fascismos, nem hitlerismos, nem mosleisms, nem integralismos. Todos esses nomes não passam de simples rótulos de uma idéia já bastante discutida: de uma doutrina filosófica já profundamente estudada; de uma tese política já claramente definida; de um movimento vitorioso, cujos estandartes desfraldados cobrirão a terra; de uma ordem social e política que servirá de pedra angular às modernas organizações e constituições estatais; de um novo sistema jurídico-social em que se inspirarão os legisladores do futuro, gloriosamente denominado “peste negra” por um comunista de marca.⁴¹²

Ou seja, para Barroso o integralismo não passaria de mais uma reação das forças nacionais, igualmente a outros movimentos de orientação fascista, em resposta ao liberalismo e ao comunismo. Em resumo, o *integralismo em marcha*, que o autor apresenta aos leitores, era em realidade a marcha de um movimento global de oposição à velha estrutura liberal do ocidente e também à nova “onda bárbara vermelha” do oriente.

Aqui gostaríamos de fazer uma ponderação sobre a posição de Plínio Salgado e Gustavo Barroso.

Apesar de parecer antagônica esta visão de um movimento fascista admitir influência de movimentos externos servia a interesses fundamentais. Primeiro mostrava, dentro de uma visão identitária, que o Brasil não era o único país que estaria sofrendo diante de inimigos em constante ofensiva. Ao mesmo tempo, estes outros países, onde o fascismo já havia triunfado, mostravam um crescimento exponencial e uma capacidade de superação diante da crise que havia abalado o mundo capitalista (baseado na velha estrutura liberal) em 1929. Além disto, do ponto de vista prático de pregação política, a aceitação por parte de lideranças da influência do fascismo servia de ponto de atração de militantes⁴¹³, além do fato de permitir uma contrapropaganda diante das atitudes de grupos antifascistas contra o integralismo.

Já com a postura de Plínio Salgado de não aceitar que a Ação Integralista tinha influência do fascismo, garantia uma independência de ação devido ao fato de poder inclusive fazer críticas aos demais movimentos fascistas, apontando suas falhas e os pontos em que o integralismo os superava. Também mantinha uma liberdade de ação

⁴¹² Ibid., p. 89-90.

⁴¹³ Anteriormente havíamos citado a pesquisa de Hélió Trindade, de acordo com a qual dois terços dos integralistas aderiam ao movimento devido ao seu caráter anticomunista. Logo após o anticomunismo, a simpatia pelo fascismo europeu era a principal causa de adesão na AIB.

política, pois oficialmente seu líder não admitia que eram fascistas, e, desta forma, podiam igualmente rebater críticas em que eram enquadrados como tais.

Esta postura dúbia, ora aceitando a influência ora renegando, permitia uma mobilidade muito grande, inclusive com parcelas dos grupos sociais, dentro do governo Vargas, intelectuais, estudantes, etc. E, inclusive garantiu a própria sobrevivência da AIB, quando foi julgada pelo Tribunal de Segurança Nacional, pois uma das acusações contra os “camisas-verdes” foi o fato de ser um movimento político com influência externa, ou seja, não nacional. Aliás, acusação parecida sofreu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que acabou sendo cassada. Contudo, devemos levar em consideração que a ANL, pelo seu caráter de esquerda, era um “alvo” muito mais visível que o integralismo.⁴¹⁴

A partir do ano de 1934, a AIB passou a ter seus estatutos internos aprovados e possuir uma estrutura interna definida no Congresso de Vitória no Espírito Santo⁴¹⁵, e com isto os autores do movimento puderam se preocupar com outros temas além da definição do conceito de integralismo. Neste ano, foram editadas quatro obras em forma de livro.

A primeira é *O sofrimento universal* de Plínio Salgado, na verdade uma compilação de textos selecionados que foram publicados na coluna “Nota Política”. Como coloca na apresentação do seu texto:

Este livro é o primeiro volume de uma série de comentários e estudos oferecidos às gerações novas do Brasil. Neste volume saem, em forma definitiva, alguns trabalhos publicados no jornal *A Razão*. [...] Considero esta coleção de escritos a minha própria biografia, a única digna do meu desesperado esforço de afirmação nacional. Julgo um dever imperioso dedicar este primeiro volume ao meu amigo Alfredo Egydio de Souza Aranha, que, com os maiores sacrifícios, numa hora trágica da nacionalidade, abriu, com um jornal alheio à política partidária, uma janela por onde falei ao Povo Brasileiro, despertando a juventude da Pátria.⁴¹⁶

Estes textos coletados seguem um padrão muito semelhante ao conteúdo de *O que é integralismo* e *O integralismo em marcha*. Da mesma forma que o livro seguinte, assinado por Gustavo Barroso e intitulado *O integralismo de norte a sul*.

⁴¹⁴ A única sanção que a AIB sofreu foi o fato de ter sido proibida de manter organização de milícias políticas. Tais organizações foram fechadas e seus membros proibidos de se reunir sob estas circunstâncias.

⁴¹⁵ Sobre o Congresso de Vitória ver histórico do integralismo no primeiro capítulo.

⁴¹⁶ SALGADO, Plínio. *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 3ª ed., 1936, pp. 9-10.

A obra é uma compilação de palestras feitas pelo autor, naquilo que chamou de “bandeira integralista”, um ciclo de conferências realizadas pelo autor ao longo de vinte e quatro cidades do sudeste, centro-oeste, norte e nordeste do país. Os temas variavam em torno do integralismo, cujo conteúdo central era o integralismo e os fascismos e a sua oposição às forças materialistas, centralizadas no liberalismo em decadência e o comunismo em expansão. Partindo de temas variantes entre a História, Sociologia, Filosofia e Ciência Política, Barroso apresentou um conceito do que é o integralismo, na mesma lógica das obras anteriores. Por esta razão, não nos deteremos em analisá-la. Gostaríamos apenas de ressaltar a existência do texto e como foi constituído, pois mostra uma interação entre a práxis política do autor e a divulgação das suas idéias.

A Plínio Salgado e Gustavo Barroso coube a “missão” de divulgar as idéias, assim como estabelecer, neste início da AIB, a identidade política que seria o “ponto” de encontro dos integralistas. Contudo, o estabelecimento teórico da “nova” ideologia que surgia ficou ao encargo do jovem advogado paulista Miguel Reale, que se converterá no principal teórico do movimento.

4.2.1.2. Miguel Reale: o início da teorização⁴¹⁷

As duas primeiras obras de Reale, publicadas ainda em 1934, são complementares e, dadas as devidas proporções, seguem um padrão semelhante ao *Capital*, de Karl Marx. Por quê fazemos esta analogia? Devido ao fato de os autores fazerem um estudo, utilizando desde o pensamento político, social, histórico e econômico, para compreender o funcionamento do capitalismo através da luta de classes, dentro de uma lógica de sua superação por um novo modelo que seria o comunismo. Este é um resumo bastante superficial e grosseiro, mas serve ao nosso propósito. Traçamos este paralelo, porque o líder “camisa-verde” faz algo semelhante em *A formação da política burguesa: introdução ao Estado Moderno e O Estado Moderno*.

⁴¹⁷ Miguel Reale não foi o primeiro intelectual do movimento a fazer uma abordagem teórica. Em *Psicologia da Revolução*, de 1933, Plínio Salgado discute o conceito de revolução com o objetivo de aplicá-lo (ou enquadrá-lo) naquilo que denomina “Revolução Integralista”. Mas o texto não busca discutir o que é o integralismo (que aparece apenas na última frase do livro). Este texto foi o único ensaio que Salgado escreveu em busca de uma teorização. Não citamos na parte anterior, pois ele diferia do contexto e achamos melhor citá-lo agora. Também não faremos uma análise do seu conteúdo, pois o autor se atém ao tema de definição conceitual que não nos interessa discutir no presente momento. SALGADO, Plínio. *Psicologia da Revolução*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1935.

No primeiro, analisa a formação do pensamento e da sociedade burguesa (e capitalista) desde a sua formação até o final do século XIX. Na apresentação da obra, expõe os objetivos de sua análise e a sua opção por buscar apoio no passado:

Nosso intuito é explicar a civilização burguesa e a política que lhe é própria, o que quer dizer, analisar a formação do típico modo de ser, de agir e de reagir do indivíduo burguês no seio da sociedade e do Estado. É claro que, para isso, assumimos uma atitude especial, tão certo como o objetivismo absoluto da história positivista não passa de uma aspiração medíocre e sem consistência.[...]

Ora, se nós estamos no início de uma nova Cultura, de uma civilização nova, o passado da Cultura burguesa adquiriu um valor que não lhe podiam dar aqueles que viveram segundo o os seus padrões mentais.

Uma civilização repousa sobre uma crença exclusiva em uma dada atitude do espírito, e é um complexo de modos de ser, de pensar e de agir que domina os homens como um hábito, sem que eles admitam possibilidades de reformas essenciais. Donde o desejo da perpetuação, o imperativo da imutabilidade.

Mudar uma civilização é mudar de atitude de espírito. E é, por conseguinte, mudar de atitude também em relação ao passado.

Estes ensaios refletem essa transformação.

Mais do que soluções, procuramos sugerir problemas.⁴¹⁸

Iniciando por um resgate histórico do pensamento político em torno da formação da burguesia, constrói, nesta obra, as bases para que o leitor entendesse como se organizaria o *Estado Moderno Fascista*, sob os escombros da estrutura liberal. Não se preocupando em explicar o integralismo, o autor parte diretamente para a sua análise da evolução burguesa, através dos tempos. Devemos levar em consideração que seu leitor já sabe qual é a “nova cultura” e também o que viria a ser o movimento dos camisas-verdes, tendo em vista que uma definição já havia sido apresentada nas obras de Salgado e Barroso, além dos jornais do movimento, que já tinham certa circulação neste ano de 1934.

A obra foi dividida em duas partes seguindo um padrão voltado a um resgate histórico. Em *A idade inicial*, analisa o período anterior à formação da burguesia e *A idade burguesa*, objetivando compreender o pensamento político da formação capitalista. Cada uma é dividida em pequenos ensaios que se sucedem, dentro de uma construção de cronologia linear, dentro de uma lógica evolucionária. Tendo em vista o caráter do texto, não faremos uma análise desta obra. Gostaríamos apenas de apontar o fato dela surgir como alicerce para *O Estado Moderno*, ou seja, discutir o momento da

⁴¹⁸ REALE, Miguel. *A formação da política burguesa: introdução ao Estado Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, pp. 10-11.

atualidade do autor, no qual acreditava estar vivenciando a superação da ordem liberal burguesa pelo fenômeno do fascismo.

No fim de *A formação da política burguesa*, Reale discute o pensamento de Jean Jacques Rousseau, que abriu as portas para o liberalismo do século XIX, e com ele teria o fim do período formativo da sociedade baseada nos princípios burgueses: “Devido à justaposição de elementos autocráticos e liberais na doutrina de Rousseau, podemos dizer que ele conclui o *período de formação da política burguesa*”.⁴¹⁹ Para ele, “Rousseau é um radical e não admite meio-termo: ou o indivíduo tem todos os direitos, ou não tem direito algum; ou se governa diretamente ou então é melhor voltar para a floresta”.⁴²⁰ Seria a base da Revolução Francesa, e, por consequência, o pai do materialismo liberal: “O mestre de Robespierre é, em verdade, a alma da Revolução de 89 com os seus vícios e as suas virtudes”.⁴²¹ Mais do que isto, Rousseau teria sido o grande inspirador do pensamento revolucionário materialista: “De Rousseau a Lenine não há quem não vislumbre uma aspiração única: o *autogoverno da massa*, e um idêntico resultado: *a Ditadura dos conselhos*”.⁴²² Contudo, dentro de uma visão evolutiva, estabelece um paralelo entre este período com aquilo que acreditava estar vivenciando (não esqueçamos que o autor busca compreender a transição do antigo regime para o liberalismo objetivando entender como se daria a superação deste pelo fascismo):

O liberalismo democrático foi a idéia daquele findar de século, assim como hoje a força está toda na idéia que propulsiona os movimentos integrais. Um integralista de hoje seria liberal em 89, porque ser integralista é pensar com o espírito dos tempos, é viver as angústias das épocas.⁴²³

Partindo desta premissa, entra em *O Estado Moderno* onde analisa o pensamento que se tornou preponderante no século XIX, e o fascismo do princípio do XX. No prefácio da obra expõe as razões para a sua escrita como resultado de uma desilusão mundial com o pensamento evolucionista do século anterior:

A grande guerra teve a função de revelar as contradições do mundo

⁴¹⁹ Ibid., p. 238.

⁴²⁰ Ibid., p. 234.

⁴²¹ Ibid., p. 225.

⁴²² Ibid., p. 237.

⁴²³ Ibid., p. 230.

moderno, dividindo os homens de inteligências entre a angústia revoltada de Spengler, a serenidade humanista de Keyserling, e a calma de Berdieff anunciando a religiosidade do crepúsculo. Os moços ficaram como suspensos entre a tentação dos extremos, sentindo partidos os tênues laços que os uniam ao passado.⁴²⁴

Esta escrita estaria marcada pela visão de sua geração diante do liberalismo que havia se arraigado durante o século XX e que mostraria todas as contradições nos conflitos do princípio do século XX. Acrescido a isto, haveria um grande vazio ideológico, que seria um reflexo do período liberal.

Coloca-se como uma das pessoas afetadas pelo fim das esperanças do período pós-guerra, e, a partir disto, apresenta aquilo que o levou a participar da Revolução Constitucionalista:

Quando surgiu a revolução paulista, eu estava em um desses momentos de desengano, em perfeito estado de disponibilidade, com o cérebro como um cemitério de idéias que já haviam sido idéias-força do passado, desde os ideais mirifícticos do Liberalismo às agitadas do Marxismo.

Alistei-me como quem vai para a luta à procura de si mesmo, certo de encontrar no perigo o sentido novo da vida. Ao voltar compreendi que a minha crise espiritual tinha sido, como a de muitos de minha geração, a crise de quem se fecha em si mesmo, devorando as próprias idéias no silêncio egoísta dos gabinetes, sem compreender que a idéia é tanto mais nossa quanto mais a esperamos pelo mundo.⁴²⁵

E, voltando-se ao leitor, explica o porquê da produção de uma obra teórica.

Este livro exprime a vontade firme de teorizar a vida e de viver a teoria na unidade indissolúvel do pensamento e da ação.

Desculpai se, abandonando a calma profissional do academismo, minha expressão, às vezes, é dura e sem disfarces.⁴²⁶

A partir daí especifica o público-alvo do seu texto, muito diferente daquele com que Salgado e Barroso se expressam, ou seja, não se destina ao militante comum mas a um indivíduo mais preparado e com capacidade de raciocínio teórico ou a um par do autor: “Escrevi estes ensaios, que marcam o processo de minha formação integralista, certo de que auxiliarão os homens de quarenta anos a compreender melhor uma geração

⁴²⁴ REALE, Miguel. *O Estado Moderno: Liberalismo – Fascismo – Integralismo*. (colocar o resto da referência), 1934, p. 7.

⁴²⁵ *Ibid.*, pp. 7-8.

⁴²⁶ *Ibid.*, p. 8.

cuja adolescência foi roubada pela guerra”.⁴²⁷ Em resumo, ele não está preocupado em formar, mas está se dirigindo a um estrato intelectualizado, com capacidade de compreensão de uma obra de cunho teórico.

O autor divide *O Estado Moderno* em quatro partes. Na primeira parte, faz um resgate do pensamento político do século XVIII. Devemos levar em consideração que na obra que discutimos anteriormente, Reale faz um resgate do ponto de vista histórico da formação da burguesia, e mesmo que cite e apresente alguns autores como Maquiavel, Bodin, Montesquieu e Rousseau, eram insuficientes ao autor para penetrar diretamente no pensamento liberal, por isto, é obrigado a retomar o século anterior ao triunfo do liberalismo.

O primeiro ensaio, intitulado “Duas épocas”, é composto por alguns subitens. Não faremos uma análise exaustiva de cada um deles, pois extrapolaria o objetivo central desta análise.

Neste momento analisa a visão dos fisiocratas: “Já no século XVIII, como as primeiras sistematizações da escola fisiocrática, o naturalismo norteia a ciência econômica”.⁴²⁸ Teriam trazido um pseudocientificismo através de todos os erros do otimismo naturalista. Também não teriam errado por afirmar que a sociedade era governada através de leis naturais, todavia lhes atribuiriam um valor ético. Dentro deste ponto de vista, a sociedade deveria ser um sistema de forças harmonicamente combinadas, sendo que ao homem caberia a função de conhecer tais leis e segui-las, para, desta forma, encontrar a felicidade. A fragilidade do Estado dos fisiocratas estaria baseada na premissa de que não deveria haver intervenção estatal na direção da sociedade e apenas velar pelas normas naturais. E estes seriam os postulados do naturalismo que seriam a base das teorias da doutrina liberal. E disto decorre a crítica de Reale frente ao pensamento fisiocrático.

Apresenta o conceito de liberdade e o vincula a um determinismo político por parte dos liberais: “Os maiores defensores do liberalismo político são deterministas”.⁴²⁹ Além disto, esta liberdade serviria aos objetivos básicos do liberalismo:

A liberdade não é um poder, uma faculdade de querer agir, e sim a *ausência de obstáculos externos*. Todo homem, todo grupo tem um rumo preestabelecido, uma rota a seguir. Dessarte, o problema da

⁴²⁷ Ibidem.

⁴²⁸ Ibid., p. 11.

⁴²⁹ Ibid., p. 17.

garantia da Liberdade consiste, para o Estado, em impedir que haja impedimentos aos movimentos naturais.

Eis porque já se pode escrever com razão que o liberalismo é a sistematização, não do que o Estado deve fazer, mas do que o Estado não deve fazer.⁴³⁰

Embora não seja sua preocupação central, discute o naturalismo e seus efeitos dentro do socialismo, ainda que o comunismo possua pouca importância nesta obra.

De acordo com Reale, dentro do socialismo, o fundamento naturalista também pode ser encontrado. No princípio do século XIX, o pensamento socialista puro teria se corrompido pela sociologia burguesa e, a partir daí, a sociedade burguesa se bifurcaria em duas direções aparentemente antagônicas. “Na realidade, eram dois irmãos gêmeos disputando a herança do século XVIII e as promessas da Revolução Francesa...”.⁴³¹ Os primeiros socialistas, como Fourier, Saint Simon e Proudhon teriam verdadeira fé e a condicionavam à oposição aos privilégios de uma classe sobre as outras. Contudo, Marx os teria tachado de utopistas, “esquecendo que muito lhes devia”.⁴³² Com Marx, o socialismo abandonaria os motivos morais da luta utilizando apenas a ciência como base. “À aspiração vaga dos primeiros socialistas Marx antepunha a rigidez do seu sistema, cuja cúpula era a afirmação categórica: 'a produção capitalista engendra a sua própria negação com a fatalidade que preside as metamorfoses da natureza'. Pretendia assim elevar o Socialismo ao nível das outras ciências, tirando de Hegel (mediante uma inversão) o princípio dinâmico de seu sistema”.⁴³³ Além disto, o socialismo marxista seria o naturalismo em último grau, pois “o pseudo-socialismo científico, tal como Marx nos apresenta, requer antes de tudo a convicção de que as leis internas do mundo objetivo criam fatalmente a ordem socialista”.⁴³⁴ Por sua vez, a teoria marxista estaria embasada em um fatalismo, de que a liberdade só poderia surgir sobre as ruínas da sociedade capitalista: “combater a organização capitalista é no fundo combater pela liberdade”. E por fim, arrebatada com a sua leitura sobre o marxismo:

Desde que o marxismo passou a ser a *crítica* da sociedade capitalista e, como dizem Benedetto Croce e Marcèl Déat, um método cômodo de estudar a sociedade burguesa, muitas idéias acessórias vieram se unir à tese fundamental da limitação da propriedade individual ou da

⁴³⁰ Ibid., p. 19.

⁴³¹ Ibid., p. 23.

⁴³² Ibid., p. 24.

⁴³³ Ibidem.

⁴³⁴ Ibidem.

supressão. Hoje em dia, não é mais possível separá-las. O ateísmo, a abolição da família atual, o internacionalismo dos povos, o materialismo em todos os sentidos da vida, tudo está tão entrelaçado ao ideal socialista, que nos deparamos com este paradoxo: “É preciso ter espírito estritamente *burguês* para poder abraçar o comunismo.” Daí o grande número de literatos marxistas nas classes abastadas, enfeitando os salões dos homens de dinheiro, numa evocação ridícula e dolorosa dos bobos das cortes de antanho...
Atentai bem para estes fatos.⁴³⁵

A Grande Guerra teria sido a responsável por dar fim, ou pelo menos mostrar os erros do pensamento evolucionista do século XIX, baseado no naturalismo do XVIII. Diante destes escombros, surgiria a ordem fascista. Contudo, este seria um pensamento novo, e apenas os jovens, que não tinham sido corrompidos, ou que haviam visto os terrores do conflito poderiam compreender a “nova” concepção de mundo: “Esta mocidade só confia em si mesma, porque não pode confiar naqueles que alienaram a própria imagem à Natureza, diminuindo a própria dignidade pela subordinação covarde aos interesses mesquinhos e aos imperativos de uma economia desorganizada, com o sacrifício dos mais sagrados direitos da natureza humana”.⁴³⁶

O segundo ensaio, como sugere o próprio título, “O Estado demo-liberal”, é destinado a analisar o liberalismo.

Inicia sua análise retomando o contratualismo, pois esta seria a ideologia inicial do pensamento revolucionário moderno. A leitura deste pensamento fica centrada principalmente na obra de Rousseau, raramente citando Locke e Hobbes. De acordo com Reale:

O contratualismo é, pois, a doutrina da revolução em sua primeira fase; ao poder do soberano opõe a potencialidade natural do indivíduo como único centro criador de direitos; às forças da tradição e da história, que servem de fundamento à autoridade do “ancien régime”, contrapõe os ditames da Razão, defendendo o indivíduo isolado, senhor de direitos, independentemente da vontade do Estado; ao Estado como propriedade do soberano contrapõe o Estado como direito do povo. É nesta corrente jusnaturalista que são elaborados os princípios das “liberdades do cidadão”, dos “direitos fundamentais”, ponto de partida da concepção do Estado como órgão essencialmente tutelador da ordem jurídica e das liberdades iguais.⁴³⁷

⁴³⁵ Ibid., p. 26.

⁴³⁶ Ibid., p. 39.

⁴³⁷ Ibid., p. 70.

No período anterior à Revolução a economia era um capítulo da política e estaria subordinada ao Estado, que, desta forma, ordenaria a sociedade e manteria o equilíbrio entre os antagonismos sociais. O Estado controlaria e organizaria os ramos produtores em grupos profissionais, mantendo a ordem. No século XVIII, porém a burguesia ter-se-á libertado e passando a projetar o seu domínio econômico para além das fronteiras nacionais. Além disso,

O ideal burguês de emancipação da tutela monárquica correspondia, por outro às aspirações das grandes maiorias nacionais. Na realização do Estado demo-liberal há mais que um simples reflexo do interesse de uma classe como quis parecer ao marxismo caolho. É na verdade, a expressão política de uma civilização toda, da civilização burguesa, na qual predominam os valores econômicos.⁴³⁸

Para o autor, seria, principalmente, através do sistema econômico elaborado na Inglaterra, pelos “mestres de Manchester” que o materialismo deixaria de ser agrário, e passaria a ter uma base industrial. Com isto, a economia burguesa de tipo industrial foi eliminando os problemas morais referentes ao capital, desta forma, a política ficaria subordinada ao economicismo. Assim, ocorreria o triunfo do individualismo, ao passo que o indivíduo seria o único agente capaz de realizar os próprios interesses. E, com isto, ocorreria a união entre as “visões” do liberalismo:

Dessarte, o liberalismo econômico vem completar o liberalismo contratualista: o *indivíduo*, criador da sociedade, é também o *único criador* da riqueza econômica. O indivíduo no centro do universo, à maneira de Protágoras, mas subordinado inconscientemente, às forças da natureza, ao livre jogo dos instintos.⁴³⁹

A concepção do conceito de democracia, dentro do liberalismo burguês do século XIX, teria sido corrompida por este individualismo. Então, na leitura básica do termo, feita por Montesquieu, seria uma República com objetivo de atenuar cada vez mais as desigualdades das fortunas e isto iria contra os interesses burgueses.

Entretanto desde a Revolução, a burguesia percebeu o perigo que representavam para ela os ideais igualitários pondo-se diante de um dilema: ou rejeitar a Democracia, com o perigo de revelar às massas a precariedade das promessas feitas: ou então aceitar a Democracia, destruindo a propriedade particular.

⁴³⁸ Ibid., p. 72.

⁴³⁹ Ibid., p. 77.

Os teorizadores do 3º estado preferiram conservar a palavra Democracia, dando-lhe muitos sentidos novos, todos inofensivos.⁴⁴⁰

Dentro da “nova” visão, a democracia teria deixado de ser um regime igualitário, para se tornar apenas o da igualdade formal diante das leis. Com isto, o Estado teria tido mais um enfraquecimento:

Convencidos da impossibilidade de realizar o homem cívico, os estadistas do século XIX contentaram-se com o empirismo político, conservando as palavras e tecendo hinos aos princípios, mas seguindo apenas o que os interesses imediatos exigiam. O Estado ficou sem finalidade. Reduziu-se a um palco onde os indivíduos deviam agir livremente em todas as direções.⁴⁴¹

Sua visão sobre o Estado burguês ineficiente pode ser resumida na seguinte frase: “As histórias do Estado burguês revelam claramente uma contradição fundamental entre o princípio e a ação, entre a doutrina pregada e os atos efetuados”.⁴⁴² Em outras palavras, o liberalismo seria o regime do engodo, no qual as massas populares sempre estariam enganadas pelos poderosos, que se aproveitariam de um Estado fraco e mínimo para garantir suas riquezas e o seu domínio social.

O Estado teria a função única de controle jurídico, de impedir a concorrência dos indivíduos e dos grupos (ou seja, proteger os poderosos). Em resumo, teria apenas a função de conservar o *status quo* da burguesia: “Dando ao Estado a função de *conservar*, o demo-liberalismo falseou o sentido da atividade jurídica. Não é uma função positiva de se fazer (de socializar a liberdade), mas negativa de conservar os direitos já existentes. O que equivale praticamente a declarar que o Estado existe para aqueles que têm direitos, isto é, para a classe dos privilegiados”.⁴⁴³ Por esta razão, “o Estado liberal vem depois do indivíduo, por um ato de pura vontade deste. Não representa valor distinto, superior ao do indivíduo. Nasce com a premissa de ir se minimizando, em uma crescente abstinência”.⁴⁴⁴

Diante da fragilidade do Estado, que negaria sua função de controlar a economia, perderia, desta forma, a sua força diante dos grupos econômico-financeiros do mundo. A partir disto, o capitalismo teria assumido o verdadeiro poder em uma escala evolutiva. Inicialmente, teria uma primeira fase ocorrido quando o capitalismo se

⁴⁴⁰ Ibid., p. 85.

⁴⁴¹ Ibid., pp. 85-86.

⁴⁴² Ibid., p. 89.

⁴⁴³ Ibid., p. 95.

⁴⁴⁴ Ibid., p. 98.

internacionalizou, desde o triunfo das revoluções burguesas até 1860. A segunda seria a era do imperialismo e do colonialismo. A última seria vivenciada pelo autor no período do pós-guerra, que controlaria todas as economias globais, retirando e esvaziando a noção de nacionalismo. “Neste terceiro período do capitalismo, urge reunir as forças nacionais em defesa verdadeira da Nação. Defender a Nação significa combater violentamente o capitalismo”.⁴⁴⁵ E esta seria a luta das forças nacionalistas. “Perceberam, em suma, que a luta anticapitalista deve se travar nos quadros das Nações, segundo as exigências do capitalismo integral.” Em outras palavras, seria uma luta dos movimentos fascistas em cada país.

Ao fazer uma análise ponderada de todos os pontos arrolados por Miguel Reale sobre o liberalismo, temos a noção de que sua oposição não é em específico ao capitalismo, e sim à fragilidade do Estado liberal. Para ele, o Estado deve ser forte e não mínimo, além de interventor e regente da sociedade (e não apenas coordenador da mesma). Necessitaria promover um capitalismo interno em coerência com os capitalisms internos das demais nações (nacionalistas), que não seriam regidas pelas leis do capital e sim por leis “orgânicas” ditadas pela chefia das nações fortes.

Nota-se que em Miguel Reale a preocupação com o socialismo/comunismo era secundária, pois os mecanismos que teriam levado ao triunfo do liberalismo seriam os mesmos dos “vermelhos”. Assim, no momento em que os fascismos conquistassem o poder sobre os escombros do liberalismo, o comunismo, por consequência, seria derrotado.

Semelhante à construção identitária de Plínio Salgado, Reale constrói o seu texto na mesma lógica. Nas partes que acabamos de analisar, apresenta o liberalismo (e seus defeitos). Nas duas seguintes, discute o fascismo/integralismo. Ou seja, ele vai apresentar aquilo que é o fascismo, com base naquilo que conceituou como liberalismo, dentro de uma lógica de *identidade política*. Como veremos abaixo.

A oposição ao velho liberalismo fica explícita no primeiro parágrafo do terceiro ensaio: “O Estado Integral – concretizando a Nação como organismo ético, econômico e político – não pode ser focado de um ponto de vista exclusivamente jurídico, desde que se queira abranger a totalidade de suas manifestações, e compreender as razões de sua estrutura”.⁴⁴⁶ No caso, a diferença é que no Estado de cunho liberal, como foi visto,

⁴⁴⁵ Ibid., p. 123.

⁴⁴⁶ Ibid., p. 133.

interessaria apenas o caráter jurídico, já o fascista seria algo mais complexo, e veria a sociedade como um todo.

O autor analisa a teoria do jurista Vicente Ráo. Segundo este autor, o fascismo e o bolchevismo teriam as seguintes fontes comuns:

- 1º O socialismo sindicalista;
- 2º A doutrina do direito objetivo;
- 3º A teoria e a técnica moderna da violência.⁴⁴⁷

Em relação ao primeiro ponto, Reale reconhece a filiação do *fascio* à corrente sindicalista, citando uma frase de Mussolini:

No grande rio do *Fascismo* encontrareis os filões que procedem de Sorel, de Péguy, de Langardelle do 'Mouvement Socialiste', e da côrte dos sindicalistas italianos que, entre 1904 e 1914, trouxeram uma nota de novidade para o ambiente socialista italiano, já desvirilizado e cloroformizado pela fornicação de Giolitti, com as 'Pagine Libere' de Olivetti, 'La Lupa' de Orano, e o 'Divenire Sociale' de Enrico Leone.⁴⁴⁸

Entretanto, para o líder integralista, o fascismo conservaria do socialismo apenas os valores que teriam um “valor de vida”, ou seja, “os elementos que na expressão do Duce, 'podem ser considerados fatos adquiridos da História'. É preciso, pois, ver de que modo o fascismo é sindicalista”.⁴⁴⁹ A diferença entre o sindicalismo fascista e o revolucionário seria o fato deste ser anti-estatal, enquanto o “integral” conceberia o Estado como um organismo moral, político e econômico, que seria superior aos indivíduos e grupos que comporiam a sociedade. A concepção fascista teria vindo para salvar o sindicalismo.

Também haveria uma estreita relação entre o nacionalismo e o socialismo. Nota-se que o autor vincula este nacionalismo ao fascismo, pois, de acordo com o seu pensamento, ele seria uma resposta ao liberalismo que havia triunfado até 1914 – dentro de uma lógica de aversão e rebeldia diante da incapacidade dos governos liberais em tomar as rédeas da sociedade, devido à necessidade de governos fortes, para impor uma nova ordem ao caos.

A anarquia durou na Itália e na Alemanha até ao dia em que os ex-combatentes souberam afastar os estadistas do século passado para

⁴⁴⁷ Ibid., p. 134.

⁴⁴⁸ Ibid., pp. 134-135.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 135.

governar o mundo com os do século XX, homens filhos da guerra e das dores de um século de erros. E o mesmo deverá acontecer nos demais países, se é que não queremos perder a maior lição da sangueira de 1918: a prova de que é necessário um governo forte, um profundo sentimento de hierarquia e de disciplina, porque o equilíbrio não pode, de modo algum, ser estabelecido espontaneamente entre as forças sociais, sem que haja unidade moral de coordenação e de direção. Só então é que se poderá alcançar uma unidade internacional orgânica, a síntese dos valores mais altos de todos os povos.⁴⁵⁰

Se traçarmos um paralelo entre esta citação e o prefácio desta obra (que discutimos no início deste tópico), perceberemos que Reale afirma que haveria no Brasil a mesma anarquia que teria assolado a Alemanha e a Itália. Nestes países, a resposta para a crise tinha sido a força, a hierarquia e a disciplina. Implicitamente (ou explicitamente) fica patente, que para o autor, as “respostas” encontradas por estas nações para superar os problemas gerados pelo liberalismo seriam as mesmas que o Brasil deveria adotar.

Também estabelece que a diferença entre os socialistas marxistas e os “socialistas” fascistas estaria no fato de os primeiros defenderem um internacionalismo de ação, renegando a base nacional, pois, dentro desta da visão, o movimento operário deveria estar acima dos Estados nacionais. Para o *fascio*, apenas uma resposta nacional, dentro das nações, salvaria as sociedades. Como pode ser observado abaixo:

Quando em 1914, a guerra lançou Nações contra Nações, os trabalhadores seguiram para as trincheiras. Esquecidos de tudo, perdoaram a pátria que tinha sido madrasta.

Assim, em poucos meses, a guerra resolvia uma questão que havia provocado dezenas de anos de discussões estéreis: o internacionalismo classista não passava de um sonho criado pelas mentes exaltadas de Marx e Sorel. É que a Nação é uma realidade permanente, um fato natural, superior à consciência de classe.

Os socialistas que viveram profundamente o drama da guerra compreenderam logo que o nacionalismo e socialismo se haviam fundido em uma unidade nova e superior. É a crise interior de um Mussolini e de um Hitler, a visão maravilhosa do Fascismo...⁴⁵¹

De acordo com sua visão, Mussolini e Hitler teriam sido “socialistas” que diante dos problemas, haviam descoberto a saída nacionalista, que, unida ao socialismo, teria convergido na criação de algo novo, o fascismo.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 157.

⁴⁵¹ Ibid., p. 161.

Em resumo, o fascismo seria uma resposta da geração que viveu a guerra, contra os velhos liberais que haviam iniciado o conflito. Mais do que isto, teria acabado por se tornar uma resposta também àquilo que o autor considera o “espírito burguês de Marx”. Este novo pensamento, com influências do socialismo, mas que seria uma versão melhorada (que não teria os “vícios” do pensamento marxista), seria tão vigoroso que influenciaria até o comunismo de Stalin.

Este nacionalismo, que é “imperialista sem império”, porque é a expressão intelectual dos valores mais altos do povo; este nacionalismo, que nada tem que ver com o pseudo-nacionalismo capitalista, é o nacionalismo dos novos tempos. Chama-se Fascismo e Nazismo, Integralismo e Rooseveltismo, e tende a inspirar cada vez mais a obra de Stalin que os trotskistas já acusam de social patriotismo.⁴⁵²

No final desta parte, Reale se dedica a analisar o pensamento de Mussolini, caracterizado por ele como o grande responsável pelo “pensamento novo”. Nas suas palavras: “o arquiteto genial para aplicar em síntese formidável, sondando as profundezas do meio, e calculando a resistência do material humano”.⁴⁵³ Mais do que isto,

O que Mussolini fez de mais extraordinário foi reatar a linha humanista rompida pelo naturalismo social, e conchamar a mocidade para viver intensa e heroicamente a vida. O Duce representa, antes de mais nada, a valorização do valor humano, do nosso poder de domínio e de conquista, sustentando o caráter ético das revoluções.⁴⁵⁴

Os fascistas (como Mussolini) se diferenciariam dos socialistas devido a sua “capacidade de observação serena da realidade”, que, ao inverso do individualismo marxista-comunista, contribuiria para a construção de grandes nações engendradas pelo fascismo.

A partir da visão de Mussolini, estabelece alguns princípios do “novo pensamento”.

1º Não há antagonismo entre *Liberdade* e *Autoridade*. O liberalismo errou porque fez crer que a liberdade é o direito de fazer o que se bem entende, quando esta é, em verdade, a lei do mais forte, o darwinismo social, triunfante;

⁴⁵² Ibid., p. 165-166.

⁴⁵³ Ibid., p. 172.

⁴⁵⁴ Ibid., p. 172-173.

2º Não há antagonismo entre *Sociedade e Indivíduo*: o socialismo *marxista* errou reduzindo o individual ao social. A sociedade resulta da interdependência das atividades individuais diferenciadas;

3º Não há antagonismo entre *Nação e Humanidade*. [...] Assim sendo, a Nação, a sociedade organizada, é o postulado necessário de todo ideal de emancipação individual e de justiça social;

4º O antagonismo de classe só existe nas sociedades que permitem, ao lado do poder político organizado, a anarquia das forças econômicas; [...]

5º É impossível a igualdade entre os homens. Realizar a justiça não é nivelar as aptidões pessoais, mas sim dar possibilidades iguais a capacidades iguais, sem permitir que umas subjuguem as outras; [...]

6º A propriedade particular é uma necessidade para o desenvolvimento econômico. Não se trata de suprimir a *propriedade particular*, mas de garanti-la a todos os homens de iniciativa e vontade, fazendo com que o Crédito deixe de ser um privilégio das classes abastadas.

É o rumo seguro para o Estado Integral.

É interessante notar que estes pontos se colocam numa oposição aos princípios do liberalismo e do comunismo. Visto isto, mais uma vez, somos remetidos à construção da identidade política, a que já nos referimos várias vezes, e que se faz presente em todas as esferas da produção integralista, desde a teoria até a doutrinação.

No último ensaio do livro, “Fundamentos do Estado Integral”, o autor faz uma discussão sobre o integralismo, ou sobre a visão integralista relativa à concepção de governo, do ponto de vista teórico, a partir de temas como: conceito de Estado, economia dirigida, democracia integralista, etc.

Partindo da máxima de Benito Mussolini: “Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”, debate a organização estatal. Na lógica fascista/integralista, o Estado seria o todo, e o indivíduo e a sociedade as suas partes, estas que não poderiam ir contra a totalidade (e vice-versa). Para ele:

O Estado representa os fins particulares, mas está acima de cada um deles precisamente porque é a expressão de todos.

O estado é um *fim* e um *meio*, como já tive ocasião de dizer: *Fim*, porque age como agiria a sociedade toda se tivesse consciência própria, e não apenas segundo a resultante mecânica das vontades individuais; *meio*, porque é através dele que o homem consegue atuar as forças que tem em potencialidade.⁴⁵⁵

Este Estado “Totalitário” englobaria a sociedade como um todo, e disto surgiria a noção de “Estado Orgânico”.

⁴⁵⁵ Ibid., p. 187.

Uma das características da *unidade orgânica* e precisamente a de *integrar discriminando*. O todo não deve absorver as partes (*totalitarismo*), mas integrar os valores comuns respeitando os valores específicos e exclusivos (*integralismo*). Mais do que nunca é necessário penetrar no significado da unidade orgânica.[...]

Há um duplo processo de integração e discriminação atuando permanentemente no organismo social, como efeito dos múltiplos fatores, tais como a multiplicidade das inclinações e das tendências individuais e, objetivamente, a divisão do trabalho. Esta, quanto mais se processa, mais se acentua a *interdependência dos órgãos diferenciados*, exigindo um correspondente desenvolvimento no centro coordenador e propulsor da sociedade, isto é, no Estado.⁴⁵⁶

Por esta razão, o “Estado Moderno” que Miguel Reale defende seria um híbrido entre antecedente histórico (como elemento de aglutinação coletiva) e uma finalidade imediata de todas as aspirações coletivas. Em resumo, o Estado fascista seria identificado com o próprio conceito de nação. Seria a totalidade: “O Estado Integral repousa em uma concepção social de várias dimensões resultante de apreciações multilaterais, desde o aspecto político até o religioso: desde o indivíduo ao grupo, à Nação”.⁴⁵⁷

Em relação à economia, dentro desta mesma lógica, o Estado corporativo seria apenas o órgão coordenador e não produtor: “o Estado está acima da economia, especialmente quando a domina e controla, coordena e harmoniza, mas não faz a economia”.⁴⁵⁸ Setores essenciais deveriam ficar sob o controle estatal, outros seriam fiscalizados.

Na sociedade há fatores de produção, que, por envolverem interesses superiores da coletividade, não podem ficar ao arbítrio de cada um, obedecendo exclusivamente ao desejo maior do lucro. As fontes de energias hidráulicas, as minas, os meios de comunicações, a distribuição dos gêneros de primeira necessidade não podem escapar ao controle estatal, nesses casos, constituiria um crime de cumplicidade com os grupos financeiros nacionais ou internacionais. Mas há também atividades econômicas que, pela sua própria natureza, devem se desenvolver livremente, não podendo o Estado levar a sua fiscalização até ao ponto de estancar a iniciativa privada, diminuindo a produção pela diminuição dos interesses dos produtores [...].

Entender este trecho é fundamental, pois ele sintetiza a posição do integralismo/fascismo em relação ao capitalismo. Se partirmos da máxima de Mussolini

⁴⁵⁶ Ibid., p. 189.

⁴⁵⁷ Ibid., p. 191.

⁴⁵⁸ Ibid., p. 200. Nesta citação Reale parafraseia o teórico do fascismo Sergio Panunzio.

de “tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”, citado anteriormente, conseguimos entender a lógica de Reale. O capitalismo dentro de uma lógica liberal estaria fora do controle do Estado, assim este se enfraqueceria, porque perderia a sua função de regente da sociedade. No capitalismo internacional, as relações econômicas extrapolariam as fronteiras e tornariam obsoleta a máquina estatal. Para o autor, isto levaria a uma desorganização das sociedades.

Por outro lado, se o capitalismo fosse “domesticado” e estivesse sob a fiscalização governamental, poderia ser um aliado para o desenvolvimento. Com isto, a aversão que se torna expressa ao sistema capitalista vincula-se diretamente ao afastamento do Estado das relações econômicas. E isto ocorria porque dentro de uma estrutura fascista nenhum setor poderia ficar fora de sua influência.

O Integralismo, como o Fascismo e o Nacional-socialismo, não estabelece *a priori* os casos de intervenção dos órgãos governamentais. Depois de afirmar que a iniciativa privada no campo da produção é o instrumento mais eficaz e útil no interesse da Nação, o Integralismo acrescenta: A iniciativa particular não exclui a fiscalização do Estado, pois, ninguém poderá dizer que os limites pré-fixados pelo Estado constituam destruição da liberdade individual. A liberdade só é verdadeira dentro dos limites da justiça, porque só então é geral e não redundante no privilégio dos mais fortes e dos mais audaciosos.⁴⁵⁹

Em outras palavras, o controle do Estado previsto pelos movimentos fascistas seria uma garantia das sociedades contra os interesses individuais e de determinados grupos que feririam a nação ao se colocar acima dela.

Para ele, a economia Integralista sustentaria a necessidade de desenvolver a ação do indivíduo pelo auxílio e pela vigilância estatal, diferente daquilo que seria no socialismo e no liberalismo, onde haveria um antagonismo entre indivíduo e Estado. Assim, com o indivíduo servindo ao Estado, a sociedade não correria o risco de sofrer com o individualismo, comandado pelo mais forte, ou no comunismo, que colocaria o indivíduo apenas como um instrumento da produção, sendo dominado pelo Estado, que só se preocuparia com o máximo resultado produtivo.

O integralismo seria, pela visão de Miguel Reale, o centro entre os extremos liberais e comunistas:

⁴⁵⁹ Ibid., p. 204-205.

Entre a teoria que quer a propriedade incondicionada e absoluta (liberalismo) e as outras que a procuram suprimir (socialismo), o Integralismo coloca-se na posição justa: combate à aquisição desonesta e ao mau uso do capital, limitando-o para que a falta de limite não venha, mais tarde ou mais cedo, destruir a própria propriedade, seja pelo *capitalismo do Estado bolchevista*, seja pelo *capitalismo internacional organizado*.⁴⁶⁰

Em resumo, para o integralismo, a função do Estado seria a de estimular, controlar e gerir diretamente o ciclo econômico. E conclui citando Mussolini: “As forças econômicas são uma parte do interesse do Estado, logo, não é lógico, do ponto de vista do governo, nem é correspondente ao direito juridicamente, entregar o controle de fatores de tamanha importância para a vida da Nação a entidades inteiramente privadas, como seria uma organização de indústrias”.⁴⁶¹

Do ponto de vista da organização social, defende a *democracia integral*, ou seja, uma democracia que, ao invés de valorizar o indivíduo (como a liberal), tivesse sua base no coletivo. Seria vinculado ao grupo profissional de cada indivíduo e não nele próprio.

No mundo moderno, com as experiências fascistas e mesmo com a soviética, o plano *grupalista* é cada vez mais dominante, e o Estado como que se liberta das correntes que o prendiam aos limites da terra. A Democracia toma um sentido grupalista, realizando, em parte, a aspiração de Rousseau e Montesquieu. *Os grupos profissionais nos dão a segunda dimensão para a estruturação do Estado*.⁴⁶²

Sua base seria os sindicatos profissionais:

O Integralismo, longe de ser a negação da Democracia, é o único regime democrático possível, isto é daquele que combina o critério geográfico com o grupalista, tomando este último como extensão mais alta sem partir apenas do indivíduo.

A Democracia Integral tem em sua base o grupo profissional, na sua expressão de sindicato.

No círculo profissional é possível a vida democrática no sentido da autodeterminação, mais do que no círculo geográfico do município, mais amplo e mais completo.⁴⁶³

E ocorreria uma inter-relação entre os vários sindicatos onde se constituiria, dentro desta democracia, federações e confederações de sindicatos. Sendo as escolhas feitas dentro dos grupos sindicais (voto corporativo), onde existiria de acordo com esta

⁴⁶⁰ Ibid., p. 206.

⁴⁶¹ Ibid., p. 212.

⁴⁶² Ibid., p. 219.

⁴⁶³ Ibidem.

visão “a representação mais pura e integral dos produtores, desde o operário ao chefe de indústria”.⁴⁶⁴

Este voto seria uma oposição ao sufrágio universal, e assim não estaria sujeito ao controle de indivíduos ou grupos econômicos e políticos.

Não quer o Integralismo o voto universal do demo-liberalismo. Também neste ponto sua posição é francamente grupalista. Há na sociedade, além dos grupos profissionais, *grupos biológicos culturais éticos e religiosos*. Há ainda, diferenças geográficas que combinam interesses e criam relações que não devem ser esquecidas para que a representação seja integral. Isto basta para fazer ver como é indispensável, ao lado da representação econômica, uma representação política eleita pelas mais altas organizações culturais e éticas do país.⁴⁶⁵

Esta democracia “integral” seria comandada por um líder que supervisionaria toda a estrutura do Estado: “Supervisionando toda a estrutura e todas as atividades do Estado complexo, precisaria haver um chefe saído do seio das classes produtoras, e conhecedor, por experiências, dos sofrimentos e das aspirações nacionais em seu conjunto”.⁴⁶⁶

Em última análise, o integralismo seria o coordenador de todos os pontos da sociedade, desde os morais até os religiosos e culturais. Controlaria a economia, tutelaria toda a organização estatal, e também as organizações profissionais, a base social do Estado Integral, hierarquizado em torno do partido único e comandado pelo líder supremo, o “Chefe Nacional”.

4.2.2. A maturidade da ideologia

Depois da fase inicial de definição da ideologia as obras passam a ter outras preocupações, não que o objetivo de explicar o que era o movimento e seus pressupostos tenha sido abandonado e este tipo de texto desaparecido, mas outros temas entraram em pauta. A partir de então podemos perceber a especificidade dos autores, que em um primeiro momento havia ficado em um segundo plano.

Desde o final de 1934, os intelectuais vão produzir suas obras dentro de suas próprias perspectivas. Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso vão apresentar

⁴⁶⁴ Ibid., p. 222.

⁴⁶⁵ Ibid., p. 223.

⁴⁶⁶ Ibidem.

concepções extremamente distintas, tanto pela estrutura dos textos quanto pelo seu conteúdo. Ao mesmo tempo, até o próprio termo “produção teórica” terá de ser relativizado, como veremos mais adiante. Tal será esta diversidade, que muitas vezes parece que existem “três integralismos”, se levarmos em consideração a ótica de cada um.

Outra mudança que vamos perceber, é o fato de outros integralistas começarem a produzir livros sobre o integralismo. Este fato leva a uma diversidade ainda maior das “faces” teóricas do movimento. Percebe-se uma abertura da teorização para intelectuais do segundo e terceiro escalões, além de lideranças regionais.

Ocorre um descompasso entre uma grande “oferta” de visões daquilo que deveria ser, ou aquilo que era o integralismo, e uma definição propriamente dita da ideologia. Tanto que se pegarmos apenas a produção em forma de livros de 1935 em diante, teremos uma grande dificuldade de estabelecermos um “fio condutor” que ligue todas as diferentes visões. Pois, se nos dedicássemos apenas à produção de Plínio Salgado, ela entraria em desacordo com o que está escrito em Barroso e Reale, sem contar as leituras dos demais escritores, que, em linhas gerais, seguem o pensamento dos três líderes.

Aí entra o papel fundamental da imprensa, servindo como o elemento que vai estabelecer uma coesão interna da ideologia, seguindo um padrão bem definido, principalmente em torno da visão de Plínio Salgado e nas obras de definição do integralismo, entre 1933 e 1934. Não estamos afirmando que a imprensa vai simplesmente reproduzir estes livros, mas vai haver uma adaptação.

A imprensa era o instrumento que garantia a difusão do integralismo, mantendo uma relativa homogeneidade em todas as regiões do país. Como não havia uma real coesão interna do ponto de vista teórico, era a partir dos jornais (e revistas, em um segundo plano) que a ideologia era estabelecida na prática. Por isto, reafirmamos que não havia uma transposição direta da produção teórica para os jornais, ela era adaptada ou até mesmo reestruturada utilizando por base os livros que discutimos na parte anterior deste capítulo. As discussões teóricas do período posterior até se farão presentes, mas de forma bastante superficial e não terão uma repercussão muito grande.

Como as diferenças teóricas não atingiam diretamente a difusão da ideologia pela imprensa, vamos fazer apenas apontamentos gerais, e não analisaremos as obras de forma exaustiva como fizemos anteriormente.

4.2.2.1. Plínio Salgado

A produção de Plínio Salgado, entre o final de 1934 e 1937, sofre um grande arrefecimento no tocante à produção de livros. As seis obras publicadas por ele neste período são compilações feitas a partir de conferências e, principalmente, de seus artigos publicados em jornais, tendo destaque para os de sua coluna em *A Offensiva*.

Isto não significa que Salgado tenha deixado de produzir, pelo contrário, no período citado publicou em torno de seiscentos e cinquenta textos editoriais. Para se ter uma noção do que isto representa, o número de textos compilados para os quatro livros retirados de *A Offensiva* representa um número aproximado de dez por cento do total.⁴⁶⁷ Percebe-se que o autor dedica-se quase exclusivamente a este espaço no jornal, que possuía grande destaque entre os camisas-verdes. Ou seja, é uma época de grande produção intelectual de Salgado, mas ele destinava sua atenção à doutrinação e não à teorização.

Desta forma, se fazia presente diretamente no dia-a-dia dos militantes, pois, na década de 1930, a imprensa periódica era o meio de comunicação por excelência. Como podemos ver anteriormente neste trabalho, os jornais atingiam todas as regiões do país e, garantiam desta forma a grande difusão do movimento. Com isto, Salgado perpetuava seu nome como figura mais exponencial, pois o tinha reproduzido em todos os jornais, seus textos apareciam sempre em destaque, suas palavras de ordem em letras garrafais abriam as edições. E isto garantia uma visibilidade muito maior do que se ficasse produzindo obras teóricas. Não esqueçamos que em um movimento de massas de orientação fascista a imagem do líder exerce um papel fundamental para o funcionamento deste grupo. É ele que dá o nexos e reflete uma imagem que representaria o coletivo, e para isto necessita de uma exposição constante para que seu papel de liderança não receba contestações. Vamos retomar esta discussão de forma mais acurada no capítulo seguinte.

Pode-se dizer que Plínio Salgado só tenha escrito realmente duas obras políticas durante a AIB: *O que é integralismo* e *Psicologia da revolução*. Como já afirmamos, todas as demais obras foram compilações, seguindo dois padrões: o primeiro, de

⁴⁶⁷ Baseado no total de artigos publicados nos livros *A doutrina do Sigma* (14 textos), *Cartas aos Camisas Verdes* (19 textos), *Páginas de combate* (21 textos) e *Palavra nova aos tempos novos* (18 textos). Contabilizando um total de 72. Além disso, devemos levar em consideração que nem todos estes textos foram publicados em *A Offensiva*.

conferências e artigos publicados no período pré-AIB, e o segundo, de textos publicados em *A Offensiva*.⁴⁶⁸

Dos textos compilados do período “pré-integralista”, publica uma trilogia, iniciada em *O sofrimento universal* (já citado anteriormente), seguido de *Despertemos a Nação!*⁴⁶⁹ e *A Quarta Humanidade*.⁴⁷⁰ Nestas obras, destacam-se textos publicados, principalmente em *A Razão*, como também no *Correio Paulistano*, *Diário de São Paulo*, *Hierarquia*, *A Nação*, *A Platéia* e *Folha da Noite*, e também de conferências ministradas na Faculdade de Direito de São Paulo, Academia Paulista de Letras e na sede do jornal *Correio Paulistano*. O conteúdo não difere do que discutimos no segundo capítulo, por esta razão não achamos necessário fazer analisá-lo, apenas ressaltar que o autor considera este período, que denominamos “pré-integralista”, como fundamental para o integralismo. Em *Despertemos a Nação!*, por exemplo, chega a vincular a sua imagem e o seu passado à Ação Integralista Brasileira. Nas suas palavras:

O valor deste livro é o da documentação histórica. Todos aqueles que se tem mostrado curiosos em conhecer a “minha biografia”, que leiam este livro e encontrarão subsídios, não só para ela, mas para a própria história do Integralismo Brasileiro. O escritor não deve ter outra biografia, senão as sua obras. O que se interessa nele é o seu pensamento e o seu sentimento. E quando um escritor exerce ação social e política, seus livros adquirem um valor de “folha corrida”.⁴⁷¹

Mantém, dentro dos livros, a posição que estabelece para si nos jornais: que é a de figura central. Ao vincular sua imagem ao próprio integralismo, ele garante, simbolicamente, a manutenção do seu poder pessoal. Como nos aponta Héglio Trindade: “Os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder *centralizado, total e permanente*”.⁴⁷² Contudo, não basta ter o poder nominal, é preciso exercê-lo. Em parte, garante isto, ao vincular o seu passado com o próprio integralismo, assim como a sua postura nos jornais do movimento.

Ao reeditar estes textos, Salgado também busca estabelecer um vínculo entre a rebeldia e a revolução literária (do modernismo) com aquilo que considerava a revolução integralista. Isto tem uma força muito grande, principalmente quando tenta apresentar o integralismo como um movimento nacional, desvinculado dos seus

⁴⁶⁸ Como veremos adiante o autor não reconhece, como fez com as compilações do período pré-integralista, que os textos foram retirados de *A Offensiva*.

⁴⁶⁹ SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁴⁷⁰ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁴⁷¹ SALGADO. *Despertemos a Nação!*. Op. cit., p. 9.

⁴⁷² TRINDADE, Op. cit., p. 172.

congêneres europeus. Desta forma, Salgado rebateria os críticos que afirmavam que seu movimento era uma cópia do fascismo e apresenta o integralismo como algo que já estaria “brotando” dentro da nacionalidade desde o modernismo.

Plínio Salgado compila alguns dos textos publicados em sua coluna do jornal *A Offensiva* em quatro livros: publicados em 1935, *A Doutrina do Sigma* (textos compilados entre janeiro e julho de 1935)⁴⁷³ e *Cartas aos camisas verdes* (entre agosto de 1934 e maio de 1935)⁴⁷⁴; em 1936, *Palavra nova aos tempos novos* (entre janeiro de 1934 e dezembro de 1935)⁴⁷⁵ e em 1937, *Páginas de combate* (ao longo de 1936).⁴⁷⁶ Com exceção de *Cartas aos camisas verdes*, que têm como objetivo a reprodução dos artigos que Salgado escreveu em suas viagens aos estados, os demais textos publicados não possuem uma coesão. Não são textos escolhidos aleatoriamente, mas percebemos que foram aqueles que apresentavam questões mais doutrinárias e não entravam em temas muito específicos ou sobre política nacional. Ou seja, são os textos mais voltados à doutrinação ou com conteúdos que poderiam ser utilizados para tal fim e que mais se aproximariam de algo mais “teórico”.

Percebemos que o conteúdo dos textos entre a publicação em *A Offensiva* e a sua reprodução nos livros não sofreu alterações, ocorrendo no máximo correção gramatical de alguma palavra ou concordância verbal em alguma frase, não mais do que isto. Em grande parte dos casos, os artigos mantiveram os títulos originais, mas ocorreram alguns em que estes foram alterados, principalmente em *Carta aos camisas verdes*.

O que chama a atenção é que diferente do período “pré-integralista”, no qual Salgado apresenta a origem das compilações, nesta outra “fase” omite o fato. Não há nenhuma indicação que estes livros seriam uma reedição de textos de *A Offensiva*. Aliás, descobrimos este fato por acaso, pois nenhum autor, antes do nosso trabalho, o havia percebido.⁴⁷⁷ Por mais de quarenta anos de pesquisas sobre o integralismo o “segredo” da produção das obras de Plínio Salgado não foi descoberto. E este dado é

⁴⁷³ SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.

⁴⁷⁴ SALGADO, Plínio. *Carta aos camisas-verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁴⁷⁵ SALGADO, Plínio. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁴⁷⁶ SALGADO, Plínio. *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937.

⁴⁷⁷ Aliás, descobrimos por acaso que as quatro obras de Salgado eram compilações: foi quando estávamos lendo as obras para análise nesta tese e, ao mesmo tempo, realizávamos o levantamento quantitativo em *A Offensiva*. A semelhança dos títulos dos capítulos com os artigos começou a chamar a atenção, tanto que resolvemos fazer uma comparação. Percebemos que havia vários em comum, quando analisamos seu conteúdo notamos que eram simplesmente reedições. O passo seguinte foi verificar qual era a publicação original: *A Offensiva* ou os livros. Para isto, utilizamos as datas de publicação dos artigos e a data da edição dos prefácios das obras. O resultado foi que os prefácios eram posteriores aos artigos, o que nos levou à conclusão de que os artigos vinham em primeiro lugar.

significativo, devido ao fato de nos mostrar que o autor colocou em primeiro plano a questão da doutrinação, sendo a produção teórica abandonada e entregue a outros autores (Miguel Reale em destaque).

Não nos deteremos em analisar o conteúdo destas obras neste momento, porque no próximo capítulo dedicaremos um subitem à coluna de Salgado no jornal, tendo em vista que os textos são os mesmos, não achamos que seja necessário discuti-los agora. Abaixo vamos arrolar a produção de Barroso e Reale e também outros autores do movimento.

4.2.2.2. Gustavo Barroso

Para analisar, mesmo que de forma superficial, a produção de Gustavo Barroso a partir de 1935, é preciso fazer algumas divisões. Separamos a sua produção em três tipos, baseados em algumas características de cada um.

O autor produziu nove livros e a tradução de um décimo. Separamos dentro da seguinte lógica: *doutrina integralista*, que abordam temas relativos à doutrinação; *anti-semitas*, que possuem o anti-semitismo como centro, e *teórico*, como o próprio nome sugere, busca fazer uma discussão teórica (colocamos *teórico* no singular, pois encontramos apenas um título deste tipo).

Os textos doutrinários representam cinquenta por cento de sua produção. Em linhas gerais, não apresentam muita diferenciação em relação aos textos de definição que analisamos anteriormente neste capítulo. A diferença fundamental é um aprofundamento de algumas questões e a exploração de alguns temas que não haviam sido devidamente abordados anteriormente. Mas não fogem muito do esquema de apresentar aquilo que era o integralismo e como os integralistas deviam se portar.

Aqui percebemos uma certa diferenciação com os textos de Salgado, pois este não se preocupa em estabelecer “esquemas” ou mostrar regras de conduta. Aliás, é dentro desta lógica que estrutura *A palavra e o pensamento integralista*⁴⁷⁸, que é uma compilação de conferências proferidas ao longo do ano de 1934 e publicado em 1935, *O que o integralista deve saber*⁴⁷⁹ e *Espírito do século XX*⁴⁸⁰, de 1936. Nestas obras, fica

⁴⁷⁸ BARROSO, Gustavo. *A palavra e o pensamento Integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

⁴⁷⁹ BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

⁴⁸⁰ BARROSO, Gustavo. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

latente o objetivo de sistematização. Já em *Integralismo e catolicismo*⁴⁸¹, Barroso vincula a relação existente entre o movimento e a doutrina social da Igreja Católica. Em parte, esta obra entra em conflito, ao nosso ver, com o próprio discurso do movimento frente à questão religiosa, no qual Salgado sempre afirmou que não haviam preconceitos religiosos dentro do movimento integralista, mas neste ensaio o autor apresenta o integralismo como avesso ao protestantismo e reconhecedor da Igreja Católica como única fonte de fé. Já em *O integralismo e o mundo*⁴⁸², o autor discorre sobre a difusão do fascismo no mundo, país por país. Coloca o integralismo como a expressão do fascismo no Brasil. Neste ponto, mais uma vez, ele entra em discordância com a visão “oficial” do movimento – leia-se Plínio Salgado – que pregava que o integralismo não era fascismo. Segundo este, o integralismo até podia ter alguma semelhança, mas apenas pelo caráter nacionalista da AIB, no geral o integralismo “seria” um movimento original. Nestas obras, ainda apresenta, mesmo que de forma mais “diluída”, porém com certa constância, a questão do anti-semitismo, que se fará presente de forma central em outras obras, como veremos abaixo – e que da qual não encontramos grande incidência em Salgado e Reale.

Estes exemplos corroboram nossa hipótese de que dentro das obras em forma de livro havia certa liberdade de publicação, diferente daquilo que ocorria nos jornais, onde encontramos pouco espaço para divergências em relação à visão de Plínio Salgado.

O segundo tipo de livros escritos por Barroso refere-se ao anti-semitismo. O autor é o principal difusor destas idéias dentro do movimento. Sua produção sobre este tema é considerável. O primeiro que destacamos é a tradução de *Os protocolos dos sábios de Sião*⁴⁸³. Criado no final do século XIX pela polícia secreta do Czar da Rússia, o documento serviu como arma ideológica para o governo russo impor uma série de reformas liberais, diante da resistência da nobreza. O documento forjado apresenta uma conspiração judaica de dominação mundial, e é tido como a “Bíblia” do anti-semitismo moderno, influenciando vários autores, dentre eles Adolf Hitler. O líder integralista, além de traduzir o texto, acrescenta um capítulo defendendo a sua autenticidade. O autor ainda escreve outros três livros: *Brasil Colônia de Banqueiros*⁴⁸⁴, *A Sinagoga*

⁴⁸¹ BARROSO, Gustavo. *Integralismo e catolicismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

⁴⁸² BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

⁴⁸³ BARROSO, Gustavo. *Os protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Minerva, 1936.

⁴⁸⁴ BARROSO, Gustavo. *Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

*Paulista*⁴⁸⁵ e *História Secreta do Brasil*.⁴⁸⁶ O resumo do conteúdo é simples: os judeus seriam os responsáveis por estarem explorando financeiramente o Brasil; se arraigando em todas as esferas da sociedade e destruindo todos os valores sociais há séculos; além de usarem sociedades secretas, como a maçonaria, para facilitar o seu trabalho de dominação mundial. Percebe-se que o autor é influenciado pelo conteúdo de *Os protocolos dos Sábios de Sião* para estruturar o seu pensamento anti-semita e explicar a intervenção do integralismo, como força capaz de deter este perigo.

Por fim, o autor apresenta uma obra que poderíamos enquadrar como teórica, chamada *O quarto império*.⁴⁸⁷ Apresenta a história da humanidade em quatro momentos, que denomina de “império”. O último “império” seria a nova ordem fascista, que libertaria a humanidade do caos dos impérios anteriores. Neste livro Barroso busca definir os conceitos ideológicos presentes em cada período.

A obra de Gustavo Barroso teve bastante destaque entre os intelectuais do movimento. Afirmamos isto pela quantidade de autores que passam a ser influenciados por ele (discutiremos no ponto 4.2.2.4.). Embora suas idéias não tenham tido grande expressão nos jornais (e com isso nos militantes de base), os intelectuais do movimento foram amplamente influenciados por suas obras. Se levarmos em consideração este fato, podemos especular que a pouca repercussão do anti-semitismo entre as bases se devia também por não haver uma grande difusão destas idéias nos periódicos. Contudo, isto não ocorreu nos livros, onde sua obra deu grande destaque ao tema, acarretando, inclusive, no fato de surgirem títulos anti-semitas escritos por outros autores.

4.2.2.3. Miguel Reale

Além das duas obras discutidas anteriormente, Miguel Reale produz mais cinco entre 1935 e 1937. Sua atenção é muito mais voltada para a teorização do que para a doutrinação, diferente de Gustavo Barroso e, principalmente, de Plínio Salgado. Dentro

⁴⁸⁵ BARROSO, Gustavo. *A sinagoga paulista*. 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

⁴⁸⁶ Esta obra é dividida em três volumes. GUSTAVO BARROSO. *História Secreta do Brasil: do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937; BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil: da abdicação de D. Pedro I à maioria de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937; BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil: da maioria de D. Pedro II à República*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Neste último volume informava ainda que havia um quarto volume em preparo, que iria da Proclamação da República à Revolução de 1930.

⁴⁸⁷ BARROSO, Gustavo. *O quarto império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

desta perspectiva, podemos enquadrá-lo como o teórico por excelência do movimento integralista.

É o autor que busca estabelecer como funcionaria a estrutura organizacional do “Estado Integral”, além de buscar sistematizar como deveria ser o “Novo Brasil” dentro do integralismo. Entre seus livros, apenas um é destinado ao público em geral: *ABC do integralismo*⁴⁸⁸, de 1937. Neste trabalho define alguns conceitos básicos do integralismo e como os “camisas-verdes” deveriam se portar.

De sua obras teóricas, o destaque é *O capitalismo internacional*⁴⁸⁹, de 1935. Em linhas gerais, o autor discorre sobre a estrutura do sistema capitalista, traçando uma relação entre o capitalismo e o sistema liberal, buscando compreender as razões de sua suposta decadência e a ascensão de estruturas políticas e econômicas que visariam substituí-lo. No caso, o fascismo e o comunismo. Ainda em 1935, publicou *Perspectivas integralistas*⁴⁹⁰, uma coletânea de pequenos textos sobre pontos que seriam importantes dentro do Estado Integral, tais como: organização jurídica, estrutura de funcionamento, organização sindical, etc.

Em 1936, editou *Actualidades de um mundo antigo*⁴⁹¹, em que apresenta as duas forças que estariam disputando a supremacia no pós-Primeira Guerra Mundial: fascismo e comunismo diante da decadência do liberalismo. Em *Actualidades brasileiras*⁴⁹², de 1937, traz esta discussão para o Brasil, onde apresenta a “revolução integralista” e o integralismo como solução para os problemas sociais, políticos e econômicos que estariam arraigados no Brasil desde os primórdios do período republicano.

4.2.2.4. Demais autores

O período que vai de 1935 e 1937 não apenas marca uma diferenciação no tipo de obras escritas por Salgado e Barroso (além do aprofundamento teórico da obra de Reale), como também novos nomes surgem, embora não tenham a mesma expressão destes três. Eles poderiam se enquadrar como os principais intelectuais orgânicos do movimento e que possuíam expressão nacional. Porém, autores regionais e/ou que

⁴⁸⁸ REALE, Miguel. *ABC do integralismo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

⁴⁸⁹ REALE, Miguel. *O capitalismo internacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁴⁹⁰ REALE, Miguel. *Perspectivas integralistas*. São Paulo: Odeom, 1935.

⁴⁹¹ REALE, Miguel. *Actualidades de um mundo antigo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1936.

⁴⁹² REALE, Miguel. *Actualidades brasileiras*. São Paulo: Schmidt, 1937.

tinham papéis secundários entre o segundo e terceiro escalões começam a produzir obras sobre o integralismo.

Tivemos acesso a livros de dez destes intelectuais.⁴⁹³ Objetivamente, não percebemos nem um acréscimo significativo a questões teóricas e doutrinárias. Não diferem daquilo que foi sendo produzido por Salgado, Barroso e Reale. No entanto, o simples fato de haver espaço para publicação com certa liberdade de ação nos remete mais uma vez à hipótese de que o controle e a censura eram realizados com maior intensidade nos jornais e nas revistas (que atingiam os militantes), já nos livros que tinham uma circulação restrita isto não ocorria com tanta força.

A leitura do conjunto do material nos demonstra que não havia um consenso ou uma unidade ideológica dentro da Ação Integralista Brasileira.

Na obra destes autores encontramos certa polarização de influências entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, principalmente no tocante à leitura de como deveria ser o integralismo, a questão de influência ou não do fascismo e da questão do anti-semitismo, anticomunismo e antiliberalismo.

Entre aqueles que produzem obras semelhantes a Salgado, encontramos, em primeiro lugar, Olbiano de Mello, que era o líder regional de Minas Gerais e uma importante peça no período de fundação do movimento. Seu livro *Razões do integralismo*⁴⁹⁴ é estruturado com a visão antiliberal e anticomunista voltada ao grande público, muito semelhante ao conteúdo de *O que é integralismo*, mas com uma pequena diferenciação, relativa ao apelo ao sindicalismo, que não encontramos em Salgado. Isto pode se explicar pelo fato de Mello ter organizado o “Partido Nacional Sindicalista” e sua militância inicial dentro do movimento operário, quando despertou para o fascismo. O autor escreveu três livros antes do período da AIB, *A República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*⁴⁹⁵ e *Comunismo ou fascismo?*⁴⁹⁶, de 1931, e *Levanta-te Brasil*⁴⁹⁷ em 1932. Além de *Razões do integralismo*, escreve também, em 1935,

⁴⁹³ Encontramos também outros autores, contudo, citaremos apenas aqueles cujos textos tivemos seus textos à nossa disposição. A referência de algum texto que não manuseamos será realizada apenas no caso de termos em nossas mãos alguma obra do mesmo autor, do mesmo jeito será apenas ilustrativa para demonstrar que o autor teve uma produção mais significativa e acompanhará a indicação de que não tivemos acesso a esta referida obra.

⁴⁹⁴ MELLO, Olbiano. *Razões do Integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

⁴⁹⁵ MELLO, Olbiano. *A República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Terra e Sol, 1931.

⁴⁹⁶ MELLO, Olbiano. *Comunismo ou fascismo?* Rio de Janeiro: Terra e Sol, 1931. Não tivemos acesso a este livro.

⁴⁹⁷ MELLO, Olbiano. *Levanta-te Brasil*. Rio de Janeiro: Terra e Sol, 1932. Não tivemos acesso a este livro.

*Concepção de Estado Integralista*⁴⁹⁸ e *Quarta força*.⁴⁹⁹ Seja como for, Mello escreve em um estilo parecido ao de Salgado, embora não tenhamos como afirmar se este sofreu grandes influências do “Chefe Nacional”. O que podemos inferir é que sua obra tem vários pontos em comum com o seu líder.⁵⁰⁰

Outros dois intelectuais seguem uma linha bastante semelhante a de Plínio Salgado, não apenas pela seu conteúdo como pelo tipo de obra: coletânea de textos publicados originalmente em jornais. Trata-se de Jaime Ferreira da Silva, autor de *Retalhos verdes*⁵⁰¹, com textos publicados principalmente em *A Offensiva*, e Custódio de Viveiros, autor de *Camisas verdes*⁵⁰², que continha conferências e artigos de jornais integralistas e de informação geral. Este mesmo autor escreveu *O sonho do filósofo integralista*⁵⁰³, uma espécie de romance com fundo político.

Victor Pujol apresenta em *Rumo ao Sigma*⁵⁰⁴ um livro que mescla o conteúdo de *O que é integralismo* com *Psicologia da Revolução*. Por fim, Jaime Pereira apresenta o livro *Democracia integralista*⁵⁰⁵, com conteúdo muito semelhante a *O que é integralismo*. Ou seja, um livro de definição daquilo o que deveria ser o integralismo, construído através da oposição ao comunismo e ao liberalismo.

Estes pensadores integralistas apresentam em seus textos uma visão semelhante aos de Salgado em dois aspectos: o primeiro é a forma – livros de fácil leitura, voltadas ao grande público e muitas vezes retirada de jornais integralistas; o segundo é o conteúdo: oposição entre materialismo e espiritualismo (integralismo *versus* comunismo e liberalismo), descrença no panorama atual, concepção de revolução, superação da estrutura liberal-oligárquica pelo integralismo, e como seria o “Estado Integral”. Foi a partir destes pontos que conseguimos estabelecer tal paralelo. Além disto, outro detalhe interessante é que quase todas as obras foram dedicadas ao “Chefe Nacional” ou afirmavam estar difundindo a sua obra, com exceção do livro de Olbiano de Mello.

Já na esfera de Gustavo Barroso o trabalho foi mais simples, bastou mapear os autores que abordavam o anti-semitismo. O primeiro é Oswaldo Gouvêa, que publicou

⁴⁹⁸ MELLO, Olbiano. *Concepção do Estado Integralista*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

⁴⁹⁹ MELLO, Olbiano. *Quarta força*. São Paulo: Cupolo, 1935.

⁵⁰⁰ Mais detalhes sobre Olbiano de Mello assim como o Partido Nacional Sindicalista podem ser encontradas em TRINDADE, Op. cit., pp. 16-22.

⁵⁰¹ SILVA, Jayme Ferreira. *Retalhos Verdes*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.

⁵⁰² VIVEIROS, Custódio de. *Camisas Verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁵⁰³ VIVEIROS, Custódio de. *O sonho do filósofo integralista*. Rio de Janeiro: Livraria Antunes, 1935.

⁵⁰⁴ PUJOL, Vitor. *Rumo ao Sigma*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1935.

⁵⁰⁵ PEREIRA, Jayme. *Democracia Integralista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

*Os judeus do cinema*⁵⁰⁶, no qual apresenta o cinema norte-americano (Hollywood) como centro da difusão ideológica do judaísmo internacional. Também escreveu *Brasil integral*⁵⁰⁷, voltado à definição e doutrina, semelhante a Barroso na questão do anti-semitismo, que fica evidente no corpo do texto – diferente da “corrente” de Salgado, onde encontramos pouquíssimas referências a este tema. Outra obra desta “linha” anti-judaica é *Nacionalismo: o problema judaico no mundo e no Brasil – o nacional socialismo*⁵⁰⁸ de Anor Butler Maciel, publicado em 1935. O conteúdo do texto apresenta a leitura de *Os protocolos dos sábios de sião* e a sua aplicação nos problemas sociais da época. Nesta mesma lógica, J. Cabral escreve *A questão judaica* (inclusive discutindo *Os protocolos...*)⁵⁰⁹. Por fim, Afonso de Carvalho, com *O Brasil não é dos brasileiros*⁵¹⁰, faz uma leitura muito parecida (quase como uma síntese) de *Brasil Colônia de Banqueiros*, *A Sinagoga Paulista* e *História Secreta do Brasil* de Gustavo Barroso.

As temáticas destes autores inserem-se bem na estrutura anti-semita de Gustavo Barroso: o judaísmo se espalhando e partindo para a dominação mundial através, de sociedades secretas, da especulação de capitais e do domínio dos meios de comunicação (exatamente como é apresentado em *Os protocolos...*). Também procuram mostrar que os judeus seriam a causa dos problemas brasileiros, pois estariam explorando o Brasil desde o princípio de sua história. O conteúdo do texto destes autores também é mais denso que o daqueles influenciados por Salgado e, semelhante ao conteúdo de Barroso, buscam sempre apresentar “provas” de suas afirmações, muitas vezes retirado de *Os protocolos...*

Estas obras anti-semitas quase sempre são relacionadas a Barroso, seja como autor dos prefácios ou como “homenageado”, nas dedicatórias e/ou nos agradecimentos.

Analisando estes líderes que produzem textos em formato de livro, podemos perceber uma polarização, talvez até duas facções – embora acreditamos que o termo *facção* seja muito forte para descrever este fenômeno.⁵¹¹ No entanto, isto não aparece – pelo menos não significativamente – nos jornais e revistas. Tentaremos discutir esta

⁵⁰⁶ GOUVÊA, Oswaldo. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Gráfica São Jorge, 1935.

⁵⁰⁷ GOUVÊA, Oswaldo. *Brasil Integral*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

⁵⁰⁸ MACIEL, Anor Butler. *Nacionalismo - o problema judaico e o nacional-socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

⁵⁰⁹ CABRAL, J. *A questão judaica*. Porto Alegre: Globo, 1937.

⁵¹⁰ CARVALHO, Afonso. *O Brasil não é dos brasileiros*. São Paulo: Panorama, 1937.

⁵¹¹ Encontramos apenas uma obra que tenta apresentar uma discussão teórica, e que poderíamos enquadrar como influenciada por Miguel Reale, trata-se de *O estado corporativo*, de Tasso da Silveira, editado em 1937.

questão no capítulo seguinte, quando analisarmos os temas mais recorrentes na imprensa integralista, utilizando um estudo de caso no jornal *A Offensiva*.

Neste capítulo, buscamos compreender a produção teórica do movimento integralista, para posteriormente traçar um paralelo com a sua repercussão nos periódicos, em outras palavras, a difusão desta teoria. Tendo em vista que a pesquisa tanto nos livros quanto nos jornais e nas revistas ocorreu mais ou menos de forma paralela para a realização do capítulo anterior, este e o seguinte, percebemos que o conteúdo difundido através da imprensa da AIB representava apenas uma parte daquilo que os intelectuais produziam teoricamente. Percebemos, ao comparar as fontes de forma preliminar que apenas as questões mais gerais eram destinadas ao grande público e as divergências eram subtraídas. Também verificamos que apenas a parte que denominamos de “definição” – vinculada principalmente ao período inicial (1933-1934), na qual ainda não haviam aparecido as diferenças relativa ao ponto de vista dos autores – era transmitida aos militantes.

Por esta mesma razão é que dedicamos maior atenção neste capítulo às primeiras obras produzidas por Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, porque era este o tipo de informação que chegava ao militante através do jornal.

No próximo capítulo, vamos traçar um estudo de caso específico, focado no jornal integralista *A Offensiva*, tendo em vista sua circulação atingir todas as regiões do país onde houvesse núcleos da Ação Integralista e o papel de ser o principal porta-voz do movimento – tendo inclusive Plínio Salgado como editor – e que servia como exemplo para os demais jornais dos camisas-verdes.

A partir dos dados coletados neste periódico, vamos averiguar como se dava, objetivamente a relação de doutrinação do militante e como a ideologia chegava até ele através dos periódicos. Com estas informações em mãos, poderemos estabelecer uma relação entre a teoria e a doutrina e também como se estabelecia a interação das lideranças e os seus militantes. Além disso, buscaremos ponderar sobre o papel da imprensa enquanto instrumento político de difusão ideológica.

CAPÍTULO V

**A imprensa vista pelos integralistas
e os mecanismos de difusão ideológica através da
imprensa periódica (um estudo de caso)**

Capítulo V – A imprensa vista pelos integralistas e os mecanismos de difusão ideológica através da imprensa periódica

O quinto e último capítulo desta tese divide-se em duas partes. Iniciaremos discutindo como os integralistas viam a imprensa, ou seja, como pensavam e estruturavam a difusão da sua ideologia através de mecanismos impressos de circulação periódica. Neste ponto, utilizaremos como fonte, não a imprensa em si, e sim documentos que reflitam sobre como concebiam o trabalho jornalístico e os jornais e revistas criados com o intuito de expansão do seu movimento político.

A segunda etapa será centrada nos mecanismos de difusão ideológica organizados pelos jornais integralistas. Utilizaremos como base um estudo de caso, e aplicaremos a metodologia de Análise de Conteúdo. Objetivamos verificar, através do jornal *A Offensiva*, quais eram os pontos mais recorrentes, utilizados neste periódico, para atrair os “corações e mentes” dos militantes integralistas e seus simpatizantes.

5.1. A imprensa vista pelos integralistas

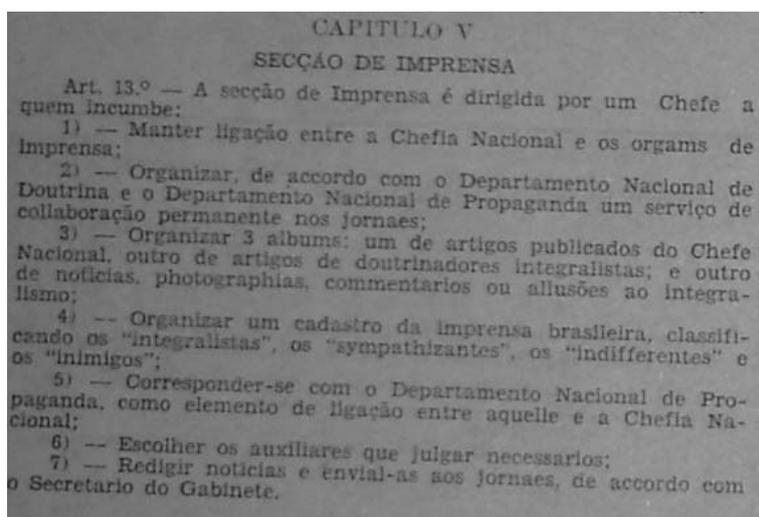
Percebemos ao longo de nossa pesquisa que a escolha da imprensa como um dos principais elementos usados pelo movimento integralista para a difusão da ideologia proposta pela AIB não ocorreu de forma aleatória. Longe disto, foi uma seleção consciente. Se retornarmos ao segundo capítulo deste trabalho, observaremos que Plínio Salgado tinha plena consciência da força que este veículo de comunicação possuía. Para o Chefe Nacional, o consenso era muito melhor do que a coerção. No terceiro capítulo, ficou claro que o uso da imprensa não surgiu ao acaso, pois acompanhava a expansão física do integralismo. Em cada região a que chegavam, organizavam um jornal que expandia sua influência e atraía adeptos, e assim sucessivamente, tornando uma relação quase visceral entre o crescimento do número de núcleos e o de jornais. Levando em consideração este fato, analisaremos, neste ponto, como os integralistas pensavam a imprensa e a atividade jornalística.



5.1.1. A estrutura interna

Para entender como era o funcionamento do ponto de vista organizacional, precisamos recorrer à estrutura interna das secretarias responsáveis pela imprensa. Inicialmente, a produção de jornais e revistas era responsabilidade da Secretaria Nacional de Doutrina e Propaganda, entre os anos de 1934 e 1936. No decorrer deste período, a imprensa conquistou o espaço de secretaria, no mesmo patamar da Secretaria de Doutrina, Finanças, Educação, etc. Em outras palavras, passou a fazer parte da direção do movimento.

Desde o primeiro congresso integralista em Vitória, no Espírito Santo, a imprensa ficou sob responsabilidade do Departamento de Propaganda.⁵¹² Suas atribuições eram⁵¹³:



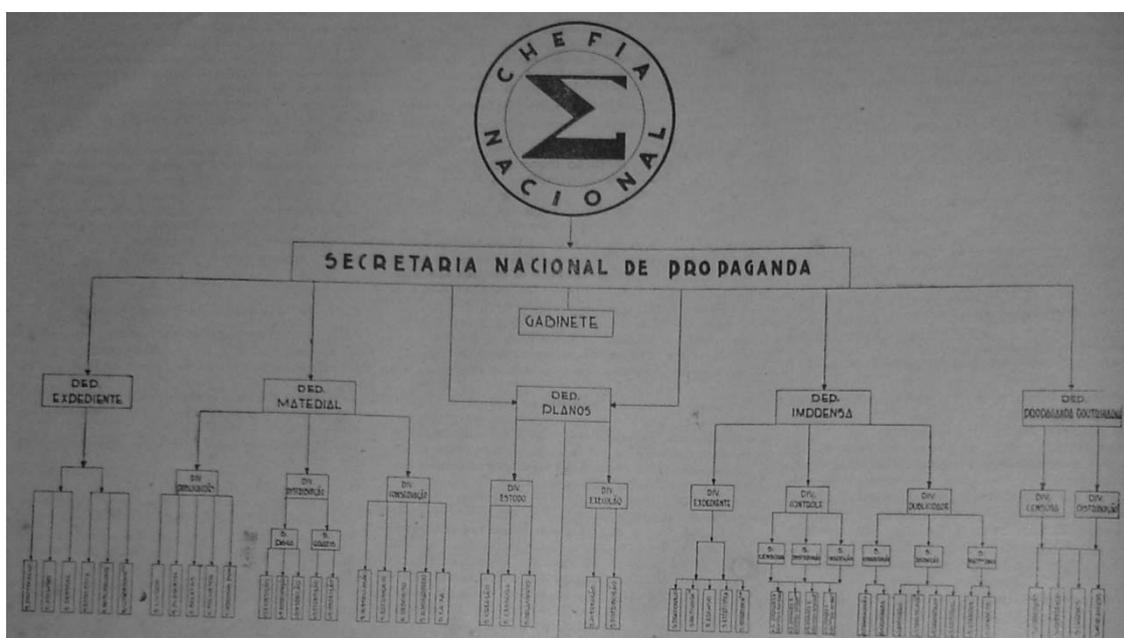
Percebe-se que as suas atribuições, inicialmente, eram bastante simples. Não existiam, no entanto, mecanismos de controle e organização dos jornais do movimento. É interessante notar que no parágrafo se primeiro estabeleceu a relação direta entre os jornais e Plínio Salgado (Chefia Nacional). Isto é importante, porque demonstra que desde o princípio havia a preocupação da criação deste vínculo. O parágrafo quarto, também é muito importante, pois fica explícita a divisão entre jornais “prós” e “contra” o integralismo. Isto é fundamental, porque mostra que, desde o início, os integralistas concebiam sua imprensa através de uma relação conflituosa e combativa entre aliados e

⁵¹² A primeira estruturação do movimento foi publicada no jornal *Monitor Integralista*, em maio de 1934. Inicialmente, a divisão geral foi definida em departamentos. “Doutrina” e “Propaganda” ficaram separados, e a imprensa ficou sob responsabilidade desta última. *Monitor Integralista*, nº 6, maio de 1934, p. 4.

⁵¹³ *Ibid.*, p. 8.

inimigos. Por fim, no parágrafo sétimo observa-se que seria uma das funções da Seção de Imprensa a produção de materiais para distribuição aos jornais. A mesma, ainda que de forma rudimentar, reflete uma preocupação de que se produzissem materiais para que fossem difundidos nos jornais e que passassem por um controle central.

No ano seguinte, ocorreu uma reestruturação interna dentro da Ação Integralista. E os antigos departamentos foram substituídos por secretarias. Houve a junção entre Doutrina e Propaganda, sendo unidas em uma única seção. A imprensa era uma das suas atribuições:⁵¹⁴



A partir desta mudança, a imprensa ganhou um caráter organizacional, que até então não possuía, como pode ser observado no Anexo X.⁵¹⁵ Sua estrutura não apenas aponta para a confecção de periódicos, como também para a fiscalização de textos publicados sobre o movimento em outras folhas. Além disto, passa a ter um setor de censura, cujo objetivo primordial era controlar os jornais do movimento. Deve-se levar em conta que, na época, o integralismo já estava estruturado em todos os Estados do país e que o número de periódicos ligados oficialmente ao movimento ultrapassava sessenta folhas (ver dados discutidos sobre a *Sigma Jornaes Reunidos* no final do capítulo III).

⁵¹⁴ *Monitor Integralista*, nº 10, 7/5/1935, p. 6.

⁵¹⁵ Anexo retirado de *Monitor Integralista*, nº 10, 7/5/1935, p. 10-11.

Pode ser observado que outra atribuição importante era a de produção de materiais que deveriam ser veiculados em outras folhas, tais como “a pedidos” e anúncios. Ou seja, as preocupações com a imprensa não ficavam restritas apenas aos periódicos da AIB, como também em outros jornais e revistas.⁵¹⁶

Como uma espécie de “evolução natural” do papel da imprensa em direção a um elemento fundamental dentro da estrutura organizacional do movimento integralista, ela recebeu o caráter de Secretaria em 1936. Isto pode ser observado no organograma publicado no *Monitor Integralista*⁵¹⁷ (ver Anexo XI).

Se analisarmos os artigos do regulamento da Secretaria Nacional de Imprensa percebemos que definem elementos importantes da estrutura interna: orientar a produção dos jornais; preparar materiais para a imprensa do movimento; auxiliar jornais integralistas e simpatizantes do ponto de vista doutrinário; garantir a difusão da ideologia de forma linear.

Além do que, sistematiza os órgãos internos do movimento, vinculados à imprensa (Secretaria Nacional, Provinciais e Municipais). Cada uma delas representa um dos tipos de periódicos produzidos pelo movimento (ver capítulo III desta tese).

Outro ponto importante é a criação do cargo de Secretário Nacional de Imprensa, que ficou sob responsabilidade de San Tiago Dantas, um dos fundadores, ao lado de Salgado, do jornal pré-integralista *A Razão*. A nosso ver, a escolha recaiu em Dantas, porque era um intelectual desde o princípio vinculado à imprensa do movimento e porque dividia as mesmas idéias do “Chefe Nacional” em relação ao papel da imprensa (que seria não o de informar e sim formar o militante). Em outras palavras, San Tiago Dantas era o indivíduo certo dentro desta visão, pois havia sido discípulo de Plínio no início de 1930, no mesmo período em que este definia como deveria ser uma “imprensa sadia” e, a partir desta experiência, auxiliou a organizar a produção de periódicos dentro da perspectiva iniciada em *A Razão*.⁵¹⁸

⁵¹⁶ Sobre a utilização de espaços na imprensa em jornais não integralistas ver: OLIVEIRA, op. cit., p. 175-185. (ponto 3.3. Espaços de inserção social e combate ao comunismo além das fronteiras da AIB).

⁵¹⁷ Anexo retirado de *Monitor Integralista*, nº 15, 3/10/1936, p. 17-18.

⁵¹⁸ Francisco Clementino San Tiago Dantas tinha apenas vinte anos e era estudante de Direito quando passou a trabalhar no jornal *A Razão*. Seu cargo era o mesmo de Salgado, inclusive aparecendo na capa do jornal ao lado do futuro “Chefe Nacional”: “Principais Redatores: Plínio Salgado e San Tiago Dantas”.

5.1.2. O “ano verde” e a relação entre Estado Integral e a Imprensa

Dentro da historiografia relativa ao integralismo, o ano de 1936 é considerado o *Ano Verde*, pois marcou um grande crescimento físico do movimento. Também ocorreram mudanças estruturais com o abandono da concepção revolucionária e a substituição por uma nova visão de perspectiva de tomada do poder pelo meio legal, através das eleições presidenciais. Isto gerava uma necessidade muito maior de consenso, fato que teve reflexos na imprensa do movimento. O primeiro deles é que *A Offensiva* passou a ser diária; fundou-se outro periódico diário em São Paulo, chamado *Acção*, liderado por Miguel Reale. A fundação deste jornal era muito importante, do ponto de vista estratégico, pois o Estado de São Paulo era o principal colégio eleitoral do país. Como já citamos anteriormente, a imprensa passou a ter uma secretaria própria dentro do movimento.

Outro ponto importante passa a ser a relação entre Imprensa e Estado Integral que aparece como proposta no *Manifesto Programa* de 1936⁵¹⁹, que prepara os integralistas para a eleição presidencial de 1937. Em realidade, este documento contém as propostas de governo dos integralistas, caso vencessem a eleição. Como o título do décimo ponto do manifesto deixa bem claro, “X – Colaboração da Imprensa com o Estado”, imprensa teria um papel fundamental dentro da estrutura governamental. Desde o primeiro parágrafo especifica qual seria a sua função:

Longe de sufocar a liberdade de imprensa, o Integralismo quer dar a ela uma grande missão de colaboradora direta do Estado. Quer que ela seja, ao mesmo tempo, orientadora da opinião, formadora de uma consciência nacional, esclarecedora dos órgãos de governo acerca das questões concretas com as quais ela está em contato permanente.⁵²⁰

Se abstrairmos expressão “liberdade de imprensa” do início da frase, observaremos a verdadeira missão da imprensa dentro do integralismo: ela seria uma *formadora* de uma consciência, orientada pelo pensamento integralista. Na verdade, ela teria a mesma função que era exercida dentro do movimento: doutrinar, dominar pelo consenso, eliminar vozes dissidentes e garantir uma linearidade ideológica.

⁵¹⁹ Publicado originalmente no jornal *Monitor Integralista*. São Paulo, nº 14, 15/5/1936, p. 3-5. Depois foi editado em vários outros periódicos de circulação nacional, regional e municipal. Também foi editado em forma de folheto e distribuído aos núcleos. Acreditamos que também tenha sido distribuído nas ruas, mas não temos dados que comprovem esta afirmação.

⁵²⁰ *Ibid.*, p. 5.

A liberdade de imprensa, dentro de sua concepção, seria completamente diferente da liberal, onde cada órgão possui uma linha ou uma proposta, vinculada ao seu público-alvo e/ou grupo responsável pela sua edição. Desta forma, nenhum órgão ficaria “à mercê” do mercado e subjugado a este. Como pode ser visto abaixo:

Numa palavra, assegura a liberdade à imprensa, pois de há muito, as dificuldades materiais tiraram à maior parte de seus órgãos a possibilidade do exercício da liberdade.

Para que um jornal possa ter uma opinião livre precisa estar a salvo de “amigos” cujas injunções nem sempre consultam os anseios da liberdade que vibram dentro de uma redação.⁵²¹

O Estado seria responsável por garantir a sobrevivência dos jornais:

Amparar liberdade deve ser, antes de tudo garantir materialmente, e as garantias materiais exigem uma regulamentação com o objetivo de eximir os órgãos da imprensa da concorrência levada ao seu máximo exagero, e das condições de estabilidade financeira para a qual deve contribuir o próprio Estado, abertamente, mediante consignações no orçamento, a fim de que exista a verdadeira liberdade de orientação jornalística.⁵²²

Em outras palavras, esta proposta visava expandir para a sociedade uma concepção jornalística preconizada por Plínio Salgado e aplicada dentro da estrutura de imprensa da Ação Integralista Brasileira. Seus jornais e revistas não ficavam dependentes de um mercado, pois eram sustentadas pelo movimento e seus membros. Sendo assim, podiam exercer as suas atividades doutrinárias “livres” de qualquer interferência, na qual impunha a sua ideologia sem preocupações de ordem financeira e/ou de interesses de grupos externos.

Dentro desta visão, o Estado seria o mantenedor da atividade jornalística:

Desde que se trate de empresas respeitáveis, que se imponham pela sua organização, pela responsabilidade dos nomes que constituem a sua direção, pelas bases materiais indispensáveis, cumpre ao Estado dar-lhe garantias e privilégios especiais que a ponham a salvo da concorrência dos órgãos sem lastro material, moral ou intelectual, que só têm servido para desorientar a opinião pública, fazendo escândalos, retalhando reputações, explorando os crimes, superficializando o nível

⁵²¹ Ibidem.

⁵²² Ibidem.

da inteligência popular e brutalizando-a por despertar nela os baixos instintos.⁵²³

Se retirarmos as críticas implícitas à imprensa nos moldes liberais encontrada nesta frase, veremos que o Estado controlaria a atividade jornalística, ao sustentar as empresas e selecionar quais seriam os indivíduos “mais aptos”, dentro de sua visão, para comporem os quadros diretivos dos periódicos. O Estado só daria apoio àqueles grupos favoráveis às suas idéias, e aí está a base da relação Estado-Imprensa.

Do ponto de vista político, a imprensa seria transformada dos moldes liberais aos moldes corporativos (fascismo-integralismo), como pode ser observado no trecho abaixo:

As associações de imprensa do país, constituindo uma corporação de caráter cultural, não somente terão representantes políticos muito mais numerosos e eficientes no Senado da República e nos Conselhos Provinciais, como assumirão um papel relevantíssimo na vida do país, no qual se acha incluída sua função autodiretiva, a capacidade da própria classe governar-se e decidir seus destinos sem necessidade de interferência de estranhos.⁵²⁴

Dentro desta lógica corporativa, ainda haveria o controle pessoal do presidente da República: “Livre da interferência de políticos, a classe jornalística elaborará, ela própria, leis visando seus interesses, sua moralização, seu prestígio para levá-las à apreciação do Presidente da República”. Aqui se percebe mais uma vez a relação desta proposta com a experiência da imprensa integralista, pois haveria o mesmo controle pessoal de Plínio Salgado, não mais como “Chefe Nacional”, mas como “Chefe da Nação”.

Tal relação ocorreria de tal forma que não haveria, por parte do Estado, a necessidade de uma censura à imprensa, pois esta já estaria completamente domesticada e controlada pelo Estado:

O Integralismo condena toda a espécie de censura diretamente exercida pelo Governo, preferindo antes pela elevação da dignidade da imprensa e reconhecimento dela como um real poder, identificá-la ao Estado, sobre o qual ela influirá pela honestidade e patriotismo que criarão uma atmosfera de mútua confiança entre Imprensa e Governo. Pois, a Imprensa, entrosada no mecanismo de Estado, não absorvida

⁵²³ Ibidem.

⁵²⁴ Ibidem.

ou escravizada, mas guardando os lineamentos próprios de sua personalidade livre e sua posição nitidamente definida, torna-se, ela também, parte integrante da direção do Estado.⁵²⁵

Em resumo, a parte referente à imprensa no *Manifesto* tem por objetivo primordial expandir a concepção integralista de jornalismo domesticado e controlado em oposição à estrutura liberal de imprensa independente do Estado, tanto que a parte final do documento é uma crítica à imprensa como “quarto poder”, ou algo independente do controle estatal. “Até agora têm-se chamado à imprensa ‘quarto poder’, mas na realidade, este ‘quarto poder’ é permanentemente explorado e humilhado por todos”.⁵²⁶ Isto ocorre porque a imprensa nos moldes liberais (e com poder e liberdade de crítica ao governo) é o oposto da base do fascismo proposto por Mussolini “Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado.” Um jornalismo livre não servia aos interesses de uma organização política que pregava uma centralização totalizante, atrelando indivíduos e toda a sociedade em torno de um governo que propunha um pensamento único, negando a multiplicidade de opiniões e a liberdade de escolha.

No ano de 1936, o tipo de imprensa idealizado por Plínio Salgado chegou ao seu auge de êxito: consolidou-se com mais de oitenta periódicos, que circulavam em todas as regiões do país, sendo uma das principais ferramentas utilizadas para atrair os adeptos. Através dela, o primeiro movimento de massas organizado nacionalmente no Brasil atingiu um número de adeptos que ultrapassou os quinhentos mil militantes – não pela coerção física, mas pela construção de um consenso. De tal forma que a mesma arma jornalística utilizada dentro da AIB foi apresentada como uma das propostas de governo, caso o integralismo vencesse o pleito de 1937.

⁵²⁵ Ibidem.

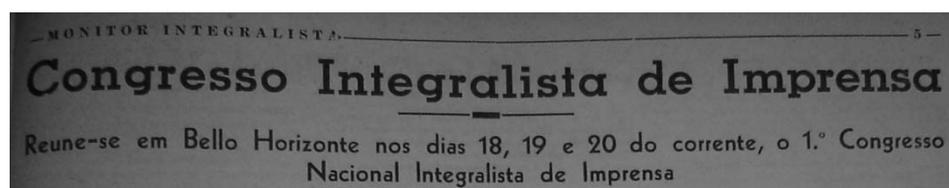
⁵²⁶ Ibidem.

5.1.3. O jornalista de “Deus, Pátria e Família”⁵²⁷

No *Manifesto Programa*, as empresas jornalísticas são vistas como grandes exploradoras: de um lado, venderiam a informação como um produto, em que não se preocupariam com as conseqüências de seus atos vis; de outro, explorariam o trabalho honesto dos profissionais da comunicação, que sem poder resistir diante das necessidades do mercado venderiam seu trabalho sem a dignidade. Esta visão pode ser observada na citação que segue:

Ao jornalista se fazem medidas quando dele se precisa, mas em seguida é desprezado e apontado como vendilhão ou bajulador. Desde o mais humilde repórter, até aos diretores de jornal, nós vemos homens dedicarem uma existência inteira a trabalhar para o país, e o exercício desse trabalho árduo, em que gastam com as noites consumidas, a própria energia vital, eles são explorados mil vezes construindo reputações alheias, lançando nomes, concorrendo para a prosperidade política ou financeira de muitos sem receber um centil e tidos e havidos como penas vendidas.⁵²⁸

Diante deste quadro “terrível”, os integralistas propunham uma nova concepção jornalística baseado na ação de jornalistas engajados em uma nova visão. Esta seria baseada em preceitos definidos dentro do integralismo. Para isto, a AIB organizou um congresso de imprensa, que tinha, entre outros temas, o objetivo de balizar aquilo que seria um “novo” profissional da comunicação.



⁵²⁷ Dois temas abordados neste subcapítulo não foram descobertas nossas, e sim da jornalista Carine de Souza Leal. Enquanto estávamos na fase de coleta de fontes estabelecemos contato com a pesquisadora, que trabalhava junto ao professor Hégio Trindade. Como nossos temas eram comuns, muitas vezes, trocamos informações e fontes. Foi Carine quem nos informou sobre o Congresso de Imprensa Integralista e também sobre a criação da Escola de Jornalismo, proposta pelos integralistas. A partir das informações cedidas pela jornalista encontramos as fontes para a análise e interpretação destes dados. A autora desenvolveu uma monografia de conclusão de curso sobre a imprensa integralista ao longo do ano de 2006. Um estudo que ultrapassa positivamente as exigências de um Trabalho de Conclusão de Curso, alicerçando sólidas bases para uma dissertação de mestrado. Ver: LEAL, Carine de Souza. *IMPrensa INTEGRALISTA (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. Porto Alegre, UFRGS, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo). A autora faz uma extensa análise do congresso integralista e da formação da escola de jornalismo, tendo em vista isto, não faremos um arrolamento aprofundado destes episódios, apenas selecionaremos pontos importantes e que ajudam a corroborar com nosso objetivo.

⁵²⁸ *Monitor Integralista*. São Paulo, nº 14, 15/5/1936, p. 5.

Entre os objetivos apresentados na chamada do encontro estava: “É desnecessário encarecer a importância desse Conclave, sabendo-se que o Integralismo encara com grande realismo e coragem o problema da reforma dos nossos costumes de imprensa e pretende dar ao jornalismo não só a estabilidade de carreira, mas ainda a dignidade de uma verdadeira função pública”.⁵²⁹

Entre as oito teses defendidas no congresso, as três últimas são vinculadas à carreira profissional:

6ª comissão Tese: como organizar nos quadros atuais do governo da República a defesa social e econômica do trabalhador de imprensa?

7ª comissão Tese: que instituições poderiam ser criadas pela iniciativa particular para atender as necessidades de defesa social e econômica dos trabalhadores de imprensa?

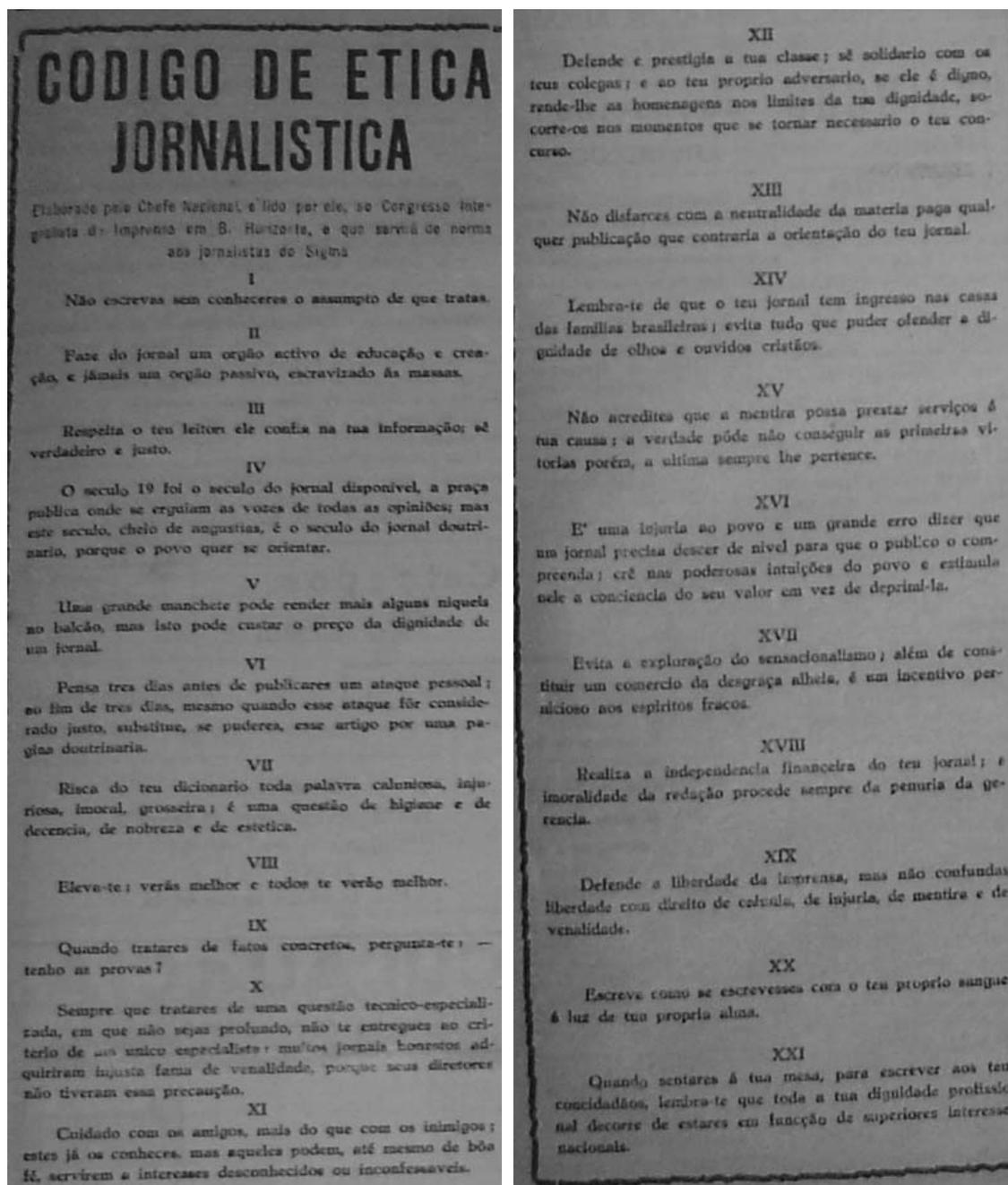
8ª comissão Tese: qual o programa de reivindicações mínimas em matéria de trabalho dos redatores, revisores e gráficos brasileiros?⁵³⁰

Como se pode observar, havia toda uma preocupação no delineamento de espaço do profissional de imprensa. Além das teses propostas, foi organizado por Salgado um código de ética que deveria regular a atividade dos profissionais da imprensa⁵³¹:

⁵²⁹ Referência tanto da imagem como da citação: *Monitor Integralista*. São Paulo, nº 16, 5/12/1936, p. 5.

⁵³⁰ LEAL, Op. cit., p. 58. As teses foram apresentadas no jornal *Acção* dia 30 de novembro, cerca de duas semanas antes do congresso.

⁵³¹ *Revolução*, Porto Alegre, 12/1/1937, nº 29, p.1.



Se observarmos com atenção os vinte e um pontos deste documento, perceberemos que ele coloca o indivíduo (jornalista) em oposição ao sistema jornalístico que era criticado pelos integralistas. Ou seja, diante da imprensa “liberal”, o profissional da comunicação seria o pivô da transformação, no momento em que seguisse uma conduta “sadia”. Com isto, não apenas defenderia sua profissão, como protegeria a sociedade dos males referentes à imprensa que utilizava a notícia como produto de mercado.

No congresso integralista de imprensa, foi apresentada a proposta de criação da Escola de Jornalismo, que teria dois anos de duração e estava sendo organizada para que tivesse suas atividades iniciadas em 1938. No entanto, o projeto não chegou a sair do papel, embora já tivesse inclusive o currículo do curso definido.⁵³²

Percebe-se que os integralistas não apenas tinham a preocupação de utilizar a imprensa como uma ferramenta política, veiculando suas idéias e “conquistando corações e mentes”. Além disto, também possuíam a preocupação de formação de todo um grupo de jornalistas que produzissem a informação/doutrinação de acordo com os seus princípios. E isto se evidencia pela proposta de criação de um curso para preparar profissionais para atuarem nesta área. É importante lembrar que nesta época não havia nenhuma faculdade que ministrasse cursos de jornalismo.

5.1.4. Discutindo imprensa dentro dos jornais

Como foi apresentado até agora, os integralistas não apenas produziam jornais e revistas, como também se preocupavam – ou pelo menos tinham projetos – para a formação de intelectuais que produzissem a informação. Isto nos leva a ponderar sobre o fato de que havia uma noção de um tipo de imprensa que deveria ser proposta pelo movimento. Se observarmos as matérias publicadas nos periódicos integralistas que abordavam uma discussão em torno da imprensa, perceberemos que ela seguia uma lógica muito semelhante aos textos doutrinários que já estudamos anteriormente.

Como isto ocorria?

Através da constituição de uma *identidade* jornalística, onde a imprensa dos integralistas, simpatizantes e aliados, seria uma “imprensa sadia”, embasada em valores nacionalistas e cristãos. Por outro lado, todos aqueles que praticassem um tipo de jornalismo que discordasse das linhas gerais do que era “aceitável” para os “camisas-verdes” ou todos os órgãos que fossem editados por grupos vistos como inimigos ou por organizações de classe não controladas pelo integralismo ou visasse ao lucro, eram vistos como maléficos. Mais uma vez, retornamos à dicotomia entre o “bem” e o “mal”.

Em outras palavras, até a definição e estruturação da noção de imprensa era constituída através da relação *materialismo* versus *espiritualismo*. Esta noção fica

⁵³² LEAL, Op. cit., p. 60. Como aponta a autora, os estatutos completos da Escola de Jornalismo integralista se encontram no nono volume da Enciclopédia do Integralismo.

explícita desde os primeiros textos publicados na imprensa integralista, como pode ser observado na citação abaixo:

Em face do Integralismo dividi-se a imprensa em três classes distintas. Uma delas se constitui dos jornais burgueses, a segunda dos jornais vermelhos, a terceira dos jornais jornalísticos.⁵³³

Percebe-se por este trecho que haveria uma oposição entre “jornais jornalísticos”, ou seja, *jornais verdadeiros*, estruturados dentro de uma visão sadia e espiritualista, e os liberais e comunistas, materialistas, em essência. Para os “camisas-verdes”, a definição dos jornais liberais, muitas vezes, se dava pela forma de combate ao integralismo:

A primeira combate o Integralismo pela campanha organizada do silêncio, desse mesmo silêncio com que dá combate ao comunismo. É a imprensa burguesa, fria, capitalista, cobradora, que assiste impassível às lutas mais encarniçadas dos partidos, e guarda o rolo de tinta vermelha pra imprimir o título do jornal no dia da vitória, seja lá de que partido for, alardeando em “manchetes” bombásticas os primeiros atos de qualquer governo provisório.⁵³⁴

Podemos observar que a esta imprensa liberal são creditados os valores negativos vinculados à produção de jornais em vista ao mercado, na qual a notícia não passaria de um produto e a busca pelo capital estaria acima dos valores morais. Seriam empresas que ficariam sempre ao lado dos poderosos e daqueles que estivessem no governo, ou seja, sempre junto aos grupos vinculados ao poder e ao dinheiro.

Enquanto a atuação dos jornais liberais era feita abertamente para capitanear mais lucro, a ação dos “vermelhos” era feita nas “sombras” a partir de pasquins, como pode ser visualizado abaixo:

A outra classe é a dos jornais vermelhos, nobres pasquins de galharda atitude, cupins falantes da Pátria, pregando o marxismo pelo modo que podem, fazendo a censura e descompondo o Integralismo o desassombro de idealistas que, como tais, conhecem e temem a nossa consistência, a nossa sinceridade é a nossa força.⁵³⁵

De acordo com a citação, era um tipo perigoso de imprensa, pois visava não ao lucro, mas à tomada do poder. Pregando o “credo vermelho”, estaria corroendo a nação como cupins destroem a madeira, de dentro para fora. Diferente da imprensa liberal, que

⁵³³ *Zig-Zag*. In: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 3, 31/5/1934, p. 2.

⁵³⁴ *Ibidem*.

⁵³⁵ *Ibidem*.

“trataria” o integralismo com o silêncio e desconsideração, a imprensa “vermelha” seria combativa ao integralismo.

Por fim, surgem os jornais “nacionalistas”, “defensores” da nação diante da imprensa liberal e da comunista:

A classe restante é a dos jornais destro-revolucionários, nobilíssima casta de órgãos de opinião, que defendendo ou ao menos dando curso e espaço às idéias integralistas, abrem tacitamente fogo contra o esquerdismo rubro e contra burguesia flor de laranja dos jornais burgueses.⁵³⁶

Nota-se que a definição é simples: todos os jornais integralistas e simpatizantes são considerados a “boa” imprensa, enquanto todos aqueles contrários são enquadrados como “má” e divididos arbitrariamente entre “burguesa” (liberal) e “vermelha” (comunista). Esta é uma relação identitária entre o “nós” e o “eles”, em outras palavras quer dizer: “os nossos jornais (integralistas) são sadios. Os outros (liberais e comunistas) são perigosos e trazem consigo a destruição da nossa sociedade. Se vocês são verdadeiros brasileiros leiam os nossos jornais e não os deles”.

Uma parte deste discurso deve-se a sua simplicidade, e é a partir dele que vão estruturar a oposição aos órgãos de imprensa vistos como inimigos. Vamos demonstrar com dois exemplos práticos como era apresentada a oposição da imprensa liberal e comunista. No primeiro deles:

Os bandidos comunistas que tentaram se apoderar da Espanha e foram destroçados pelas tropas fiéis ao governo cometeram ali as mesmas tropelias, chacinas e infâmias que se têm cometido em toda a parte. [...]. Entre essas façanhas, algumas que só os mais ferozes selvagens as praticariam. Em uma aldeia asturiana, os covardes pegaram o vigário, velho e humilde sacerdote, derramaram gasolina na sua batina e o queimaram vivo. Na imprensa do Rio de Janeiro, diariamente se fala das “atrocidades” de Hitler contra os carneirinhos judeus, embora não se cite uma só dessas “atrocidades”. Muitos dos nossos jornalistas nos seus artigos e crônicas viluperam o nazismo e o integralismo, que denominam de doutrina de força e de “massacradores”. Todos eles atacam o chanceler alemão à vontade. É curioso, entretanto que esses “defensores da civilização” não se tenham insurgido contra essas monstruosidades praticadas pelos comunistas espanhóis. Nem uma nota condenando o martírio do pobre sacerdote, transformado em tocha viva como os cristãos no tempo de Nero.⁵³⁷

⁵³⁶ Ibidem.

⁵³⁷ *Se fosse Hitler...* In: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 23, 18/10/1934, p. 2.

Se olharmos com atenção esta parte da matéria, notaremos que procura estabelecer um contraponto entre as críticas ao fascismo na imprensa e ao fato de supostamente silenciarem diante das atitudes comunistas. Em nossa opinião, isto ocorria para descaracterizar esta imprensa, vista como opositora. Desta forma, não apenas se defendiam de possíveis críticas, como também “demonstravam” a conspiração destes setores da imprensa contra o integralismo, podendo a partir disto, desqualificar através de seus jornais “sadios” a credibilidade desta grande imprensa. Este tipo de texto vai ser veiculado com certa constância em *A Offensiva* e nos demais jornais do movimento.⁵³⁸

Como os pequenos pasquins não apresentam substância e força suficiente para que se estabelecesse um “diálogo-conflito”, a imprensa liberal vai ser colocada como a grande inimiga da integralista. No entanto, o combate ao comunismo não é abandonado nesta frente, pelo contrário, é apresentado como agindo nas sombras, “injetando capital” nos grandes jornais.

Perante a comissão de inquérito do caso Stavinski, o israelita Astruc declarou que havia distribuído dois milhões de francos entre 580 jornais franceses. Essa notícia não foi transmitida para o resto do mundo pela Havas ou pela United Press, *et pour cause*, mas foi publicada por alguns órgãos de publicidade em França. [...]. Entretanto, a imprensa que vive reconciliar nessas gamelas, por toda a parte combate o fascismo em nome de uma liberdade que nunca possuiu. A verdade é que as doutrinas fascistas, nacional-socialistas e integralistas acabam com essas indecências. É muita coragem falar em liberdade de imprensa com um balcão onde se vende a consciência e o patriotismo.⁵³⁹

Este texto não apenas apresenta a questão do comunismo, como também do judaísmo. As referências entre a imprensa e os judeus, relação que se tornou “clássica” após *Os protocolos dos sábios de Sião*, não são constantes, mas se fazem presentes em alguns momentos. As citações aos judeus tiveram uma incidência maior entre 1934 e 1935 (tanto de *A Offensiva* quanto dos demais jornais do movimento). Mesmo assim, são poucas as matérias que apresentam esta relação, não nos permitindo estabelecer uma regra geral de que para o integralismo os judeus eram responsáveis pela imprensa liberal e comunista. No entanto, não é nosso objetivo aqui analisar a questão do anti-semitismo e sim frisar que em alguns dos textos se fazia presente esta concepção.⁵⁴⁰

⁵³⁸ Ver outro exemplo no Anexo XII.

⁵³⁹ *Viva a liberdade de imprensa*. In: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 12, 2/8/1934, p. 3.

⁵⁴⁰ Em relação ao anti-semitismo, recomendamos a leitura das pesquisas de Roney Citrynowicz e Marcos Chor Maio, referenciados no primeiro capítulo desta tese.

A imprensa liberal abriria espaços para a campanha “anti-integralista”, que seria orquestrada pelos comunistas, utilizando os recursos da “grande imprensa”: “Quando vimos alguém obstinar-se no combate sistemático à idéia do Sigma, pode-se afirmar que se trata de gente posta, de modo velado ou ostensivo, ao serviço tenebroso do Komintern”.⁵⁴¹ Dentro da visão integralista, havia algumas leituras sobre como a imprensa liberal agia relativa à AIB:

Em verdade os jornais burgueses, arvorados em defensores do regime, uns movem contra o Sigma a campanha manhosa do silêncio; outros mantêm, em face do Sigma, uma atitude de expectante neutralidade; outros guardam acerca do assunto uma respeitosa reserva, cuja natureza e origem não vêm ao caso explicar; outros, porém, desencadeiam contra o Integralismo uma guerra de perfídias e maledicências, procurando, a cada passo, mesmo sob a capa da liberal-democracia, desmoralizar o Movimento aos olhos da nação atenta.⁵⁴²

De acordo com esta leitura, as primeiras eram as folhas puramente liberais, já aquelas que atacariam diretamente o integralismo representariam a ação dos comunistas, que utilizaria a estrutura (e os vícios) do liberalismo para os seus fins “nefastos”.

Se correremos os olhos sobre as edições diárias de nossos jornais, logo nos fere a atenção esse contraste gritante entre as folhas puramente liberais-democráticas e as que deixam esguichar pelas frestas de um cinismo raso, a tinta vermelha de seu inconfundível “dessous”. [...] São jornais comunistas, muito embora alardeiem com cinismo, a divisa capciosa de “defensores do regime”.⁵⁴³

O principal agente desta ação seria o grande inimigo da imprensa integralista: os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand:

Citamos entre esses órgãos de preparação bolchevista, os “Diários Associados”, cuja história, cuja origem, cujos métodos, a nação inteira conhece. Eles sabem que o Integralismo não é bem o clima favorável à sua pululação; sabem que o Estado Integral não será bem o paraíso dos foliculários sem probidade; e por isso, agridem os camisas-verdes, com todo o ardor e desespero de causa; e não tendo nem estatura moral, nem armas capazes de feri-los em pleno peito, tentam morder-lhes os calcanhares.⁵⁴⁴

⁵⁴¹ *Imprensa Bolchevista*. In: *A Offensiva*, Rio de Janeiro, nº 19, 3/6/1936.

⁵⁴² *Ibidem*.

⁵⁴³ *Ibidem*.

⁵⁴⁴ *Ibidem*.

Em resumo, os *Diários Associados* se constituíram no maior inimigo da imprensa do movimento integralista. Embora o enquadramento do conglomerado como comunista não seja uma regra geral das citações, ele se faz presente, e a simples relação com o comunismo já demonstra o quanto a empresa era combatida.

Era vista como uma verdadeira “face do mal” e em todas as oportunidades possíveis atacada. Em uma série de reportagens publicadas em junho de 1936, sobre irregularidades nos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand é apresentado como criminoso, como o “capitão do bando”:

Lesado o Thezouro Nacional
em dezenas de contos, pelos “Diários Associados”!
Defenda-se o publico contra esses sorteios,
que não são fiscalizados pelo governo!

Uma se impõe uma providência seria que obrigue aos expertos proprietarios dos “Diários Associados”, responsáveis de jornalistas, a cumprir com os seus devoirs para com o fisco brasileiro, e a retribuírem ao publico, com honestidade profissional, os serviços que lhes deixam nos sorteios publicos das suas tendas de ciganos. Porque os donos desses arapuzas, que antes de saírem a funcionar, tinham os bolsos vazios, e hoje vivem principosamente, esquecendo-se, talvez, de que têm compromissos com o estado nacional, e com o publico, e finalmente, a um e outro, com o menor displicente, sem que, por isso, soffram o menor aborrecimento.

Ha tres annos, por exemplo, o “Jornal” e o “Diário da Noite” têm realisado concursos de premios aos seus leitores, sem que hajam, previamente, legalizado a sua situação com o Thezouro Nacional. Ninguém ignora que para a realização de sorteios de annuncios e de moedas, por meio de cédulas ou simplesmente com a distribuição gratuita de brindes, mediante empresa sortieira, é necessario, como primeira providencia, a obtenção de uma carta-patente no Ministerio da Fazenda.

A ommissão dessa carta importa em clausuras taxativas para o seu detentor: os sorteios são realisados sob as vistas de um fiscal do governo, e este é obrigado a pagar as quotas de fiscalização e, bem assim, a recolher aos cofres publicos, como renda, dez por cento sobre a importância dos premios sorteados.

Todas as casas ou empresas que metta capital na sua applicação, realisam licita sorteios, têm as suas cartas-patentes, com as formalidades legais, e mesmo se verificando com os honrosos collegas “Jornal do Brasil”, “Diário de Notícias” e “Albion”, se o “Jornal” e o “Diário da Noite” realisam concursos, ha tres annos, sem a menor obediencia á lei que regula a materia.

Não sabemos as razões poderosas que obrigam a fiscalização a conceder essa transcripto de um regulamento que é cumprido por toda a gente. Estas devem ser, realmente, muito importantes, porque o “Jornal” e o “Diário da Noite” são ran-

Assis Chateaubriand, o “capitão” do bando

cientes, e levam a sua modica contribuição de darem ao seu acto criminal a maior publicidade. Ha tres annos passados realisaram o primeiro

lucrando publicidade, annunciando quanto concorre, isto é, confirmam através uma vasta reclamação, que pela quarta vez transgredir a lei

Em dezenove, das vinte e quatro edições do mês de junho de 1936, a questão dos sorteios nos jornais *O Jornal* e *Diário da Noite* são temas de grande destaque, sendo um dos poucos exemplos dentro da história do jornal *Offensiva* em que uma mesma notícia ganha destaque ao longo de um mês inteiro. Não apenas ganhando o espaço das matérias, mas também chamadas em que acusam a corrupção do grupo jornalístico. Como nos exemplos a seguir:



Tanto os *Diários Associados* quanto seu fundador Assis Chateaubriand, eram uma síntese de um tipo de imprensa que representava o oposto de tudo aquilo que preconizava a imprensa pensada por Plínio Salgado: não tinha o caráter formativo, e sim opinativo⁵⁴⁵; visava a transmitir a informação baseada em princípios jornalísticos e não morais e políticos; não apresentava uma “bandeira de lutas” previamente definida, pois não era político-partidária, o que permitia aos seus jornais uma maleabilidade que aos olhos integralistas surgia como uma prova de que seguiam sempre em “favor da maré”. Além disto, era um dos principais defensores da democracia liberal na imprensa brasileira e, por sua vez, crítico de regimes e governos de força. Na opinião de Chateaubriand, governos autoritários poderiam ser aceitos apenas em períodos transitórios, para posterior consolidação da democracia.

Ou seja, tanto a prática jornalística quanto a visão política colocava em campos opostos os *Diários Associados* e a imprensa integralista. De tal forma, pode-se inclusive especular que a criação da *Sigma Jornaes Reunidos* poderia ter sido idealizado como uma resposta ao tipo de conglomerado praticado pela “vertente liberal” de

⁵⁴⁵ De acordo com a pesquisa de doutoramento de Júlia Silveira Matos (*O ideário nacionalista nos escritos de Assis Chateaubriand e Sérgio Buarque de Holanda 1929-1932*. Porto Alegre, PUCRS, 2008), o objetivo da imprensa na visão de Chateaubriand era a de formação de uma opinião pública. Mas diferente de Plínio Salgado, que tinha por objetivo formar o seu militante dentro de uma ideologia pré-definida, o proprietário dos *Diários Associados* acreditava que a população devia a partir da imprensa formar a sua própria consciência sobre o estado político nacional. Para ele, esta consciência seria um instrumento fundamental para o pleno exercício a democracia.

Chateabriand. Desta forma, a prática de combate não se daria apenas entre jornais e sim sobre formas de organização de imprensa.

E isto era fundamental para a definição da concepção de imprensa da Ação Integralista Brasileira: ela não surgia “do nada” e sim de uma construção identitária frente a um tipo de imprensa liberal; semelhante ao próprio integralismo que foi concebido em um momento de crise generalizada do liberalismo econômico.

Em resumo: os integralistas não apenas produziram jornais e transmitiram a partir de uma rede de jornais sua ideologia na sociedade brasileira. Muito pelo contrário, propuseram e colocaram em prática a própria forma de imprensa, com o objetivo de expandir a ideologia da AIB na sociedade. Preocuparam-se em estabelecer não apenas regras, mas um espaço “totalizante” através da definição de “jornalismo integralista”. Vimos neste capítulo que tinham toda uma estruturação interna voltada ao jornalismo, ao ponto de a imprensa se tornar uma proposta política, e fazer parte da estrutura de Estado, caso chegassem ao poder. Estabeleceram as bases de atuação de jornalistas vinculados ao movimento através de um código de ética, chegando a propor a criação de uma Escola de Jornalismo, em uma época em que não havia cursos superiores nesta área do conhecimento. A escolha deste veículo de comunicação não foi aleatória, assim como a sua utilização: a imprensa era uma ferramenta primordial e utilizada em larga escala pela AIB com resultados extremamente positivos. Acreditamos que foi principalmente utilizando esta ferramenta que o movimento teve a grande repercussão social que alcançou.

5.2. Os mecanismos de difusão ideológica através da imprensa periódica (um estudo de caso)

Ao longo deste trabalho, discorreremos sobre a imprensa do movimento integralista, desde o período anterior à sua formação, perpassando um histórico dos jornais e também como se dava a formação da ideologia do movimento. Neste segundo item geral do capítulo, analisaremos como ocorria a transposição da teoria (produção teórica dos intelectuais) para a doutrinação dos militantes através da imprensa periódica (jornais e revistas). Além disto, buscaremos compreender quais eram os principais elementos (ou mecanismos) do discurso ideológico do movimento, os mesmos usados

para atrair e doutrinar os militantes do Sigma. Para desvendar estes pontos faremos um estudo de caso no jornal *A Offensiva*.

Para realizar esta verificação, utilizaremos como opção teórico-metodológica a *Análise de Conteúdo*, uma metodologia desenvolvida nos Estados Unidos no princípio do século XX, para a análise de imprensa, e que, com o passar dos anos, foi sendo utilizada em outras áreas do conhecimento. Iniciaremos elaborando uma discussão deste ponto.

5.2.1. Análise de Conteúdo

Como já discutimos no terceiro capítulo, dentro da organização interna dos periódicos integralistas existiam três tipos de jornais, aos quais o militante tinha acesso. Os primeiros eram os de circulação nacional e vinculados diretamente à Secretaria Nacional de Imprensa e à Chefia Nacional da AIB. Os segundos eram dirigidos pelas chefias provinciais e circulavam apenas nos seus Estados. Por fim, vinham os jornais nucleares, ou seja, ligados aos núcleos das cidades ou regiões das unidades da federação.

Isto gerava uma grande circulação de informações, pois cada núcleo, obrigatoriamente recebia os periódicos de circulação nacional e regional, além de produzir o seu próprio (se não tivesse recursos, recebia de um núcleo próximo). Desta forma, cada militante tinha acesso à doutrinação e às orientações nas esferas nacional, regional e local.

Levando em consideração que buscamos compreender os mecanismos voltados à doutrinação e à difusão da ideologia integralista, procuramos um tipo de análise que permitisse visualizar objetivamente quais eram estes elementos. Optamos por uma contraposição de elementos quantitativos, objetivando ver quais eram os principais elementos encontrados para doutrinar os militantes e atrair novos adeptos, com uma análise qualitativa. Em outras palavras, uma metodologia que permitisse sistematizar a grande quantidade de fontes à nossa disposição e também auxiliasse na sua interpretação. Encontramos suporte na metodologia conhecida como *Análise de Conteúdo*. De acordo com Laurence Bardin: “enquanto esforço de interpretação, a

análise de conteúdo oscila entre os pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade”.⁵⁴⁶

Partindo da leitura desta obra de Bardin, percebemos que este recurso seria imprescindível para esta parte do nosso trabalho, no qual tínhamos um universo de fontes jornalísticas muito grande e uma simples seleção que retirasse alguns textos para compor nosso texto seria insuficiente.⁵⁴⁷

A Análise de Conteúdo baseia-se, principalmente, na relação quantitativo *versus* qualitativo. Elas são complementares entre si, porém possuem esferas de atuação diferenciadas dentro de uma pesquisa. Como aponta Bardin:

A abordagem quantitativa e a qualitativa, não têm o mesmo campo de ação. A primeira, obtém dados descritivos através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos ou à evolução das hipóteses.⁵⁴⁸

Em resumo, são partes funcionais de uma metodologia que permite dar sentido a um grande *corpus* documental valendo-se de uma sistematização (quantitativa) e uma interpretação (qualitativo).⁵⁴⁹

Uma pesquisa dentro deste instrumental segue invariavelmente três fases: a pré-análise; a exploração do material, e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

⁵⁴⁶ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977, p. 9.

⁵⁴⁷ Atualmente a Análise de Conteúdo abrange várias áreas do conhecimento, contudo, sua origem remonta ao princípio do século XX nos Estados Unidos, e tinha como objeto principal a imprensa. É uma metodologia que surgiu como suporte para estudos da imprensa. Ver BARDIN, op. cit. p. 15.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p. 115.

⁵⁴⁹ Aqui gostaríamos de apresentar um pequeno exemplo sobre a importância que a Análise de Conteúdo representa para este trabalho. Ao longo da experiência de pesquisa que possuímos com a imprensa integralista, que remonta à iniciação científica, em 1999, já tivemos acesso a centenas de exemplares de periódicos da AIB. Até o presente momento, encontramos apenas três matérias que abordem a oposição do movimento ao positivismo. Diante deste imenso universo, o positivismo não possui uma representatividade que nos permita enquadrá-lo como grande inimigo do integralismo. Todavia, se pegarmos isoladamente estes três textos e os analisarmos, poderíamos traçar todo um embasamento “provando” que o positivismo tinha grande relevância, pois o conteúdo das matérias era de forma contundente oposta ao positivismo. E por isto a Análise de Conteúdo é pilar basal desta parte da nossa pesquisa, pois buscamos os elementos mais significativos e constantes, nos quais todas as interpretações das fontes estarão embasadas, com dados objetivamente quantificados.

5.2.1.1. A pré-análise⁵⁵⁰

Esta etapa, é dividida em duas partes: a escolha dos documentos e a *leitura flutuante*.⁵⁵¹

Quanto à escolha das fontes, num primeiro momento, tivemos que levar em consideração a grande produção de periódicos integralistas, num total de cento e trinta oito jornais, mais sete revistas, e a dificuldade de acesso aos mesmos nos arquivos espalhados pelo país.⁵⁵²

Outro problema foi o fato de possuímos jornais de dez dos vinte e um Estados existentes na época. A partir deste recorte imposto pelas fontes, tínhamos de fazer uma seleção, mas baseados em quais princípios? Inicialmente selecionamos quais seriam os Estados. Tendo em vista fatores financeiros (entre os Estados que mais contribuía com arrecadações para AIB) e a quantidade de jornais por Estado, ficou claro o papel preponderante das regiões Sul e Sudeste. Contudo, o Estado da Bahia, diferente das outras regiões nordestinas e nortistas do país, tinha um volume de arrecadação e número de periódicos que se igualavam aos do Sul e Sudeste, e isto não poderia ser negligenciado. Por esta razão, haviam sido selecionados os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Bahia.

Desta seleção decorreu outro problema: o Rio Grande do Sul foi o único Estado no qual encontramos os periódicos produzidos pela Chefia Provincial com seriação completa, nos demais a situação era bastante difícil. No Estado de Santa Catarina, por exemplo, devido à perseguição policial, restaram vinte exemplares do jornal *Flama Verde* (sendo que o jornal teve quase noventa edições), o *Flama*⁵⁵³ foi completamente destruído e não existe em nenhum dos arquivos catarinenses. Em São Paulo, há uma quantidade razoável do jornal *Aço Verde*, mas não do principal, *Ação*. No Rio de

⁵⁵⁰ De acordo com Bardin: “É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao ordenador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve no entanto, ser preciso”. Op. cit., p. 95.

⁵⁵¹ Esta parte consiste em: “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. [...] Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos”. Ibid., p. 96.

⁵⁵² Dos cento e trinta oito jornais, encontramos apenas trinta e três, sendo que apenas dezesseis possuem mais do que cinco exemplares, e destes, somente dez poderiam ser considerados como coleções completas ou semicompletas.

⁵⁵³ *Flama* (1934 – 1936) e *Flama Verde* (1936 – 1937) foram os dois jornais da Chefia Provincial de Santa Catarina.

Janeiro, encontramos dez exemplares do jornal *Século XX*. No Paraná, localizamos coleções semicompletas dos dois principais jornais, *O Integralista* e *A Razão*. Em Minas Gerais, encontramos apenas alguns exemplares de *O Integralista*. Na Bahia, achamos poucos números de *A Província*. E aqui nos referimos aos jornais das Chefias Provinciais, quando procuramos os jornais dos núcleos municipais, a situação é mais periclitante, visto que estes, devido a sua natureza de serem praticamente artesanais (possuindo também poucos exemplares), dificultavam ainda mais o acesso.

Tendo em vista estes problemas, optamos por restringir o levantamento quantitativo ao jornal *A Offensiva*, pois tínhamos acesso a uma coleção semi-completa.⁵⁵⁴ Por esta razão, ficamos restritos aos dois primeiros anos do jornal, onde quantificamos todos os exemplares. Se utilizássemos os anos seguintes teríamos o problema das lacunas de vários meses, o que comprometeria uma quantificação sequencial. Ao mesmo tempo, haveria a dificuldade referente à amostragem. O jornal se tornou diário a partir de 1936, e se necessitaria de um tempo demasiado para realizar a análise de todos os exemplares. Acrescido ao fato de que nos meses em que possuímos os exemplares, ainda ocorrem algumas falhas de exemplares e trechos danificados. Por isto, seria difícil organizar uma forma coesa de amostragem.

Por outro lado, quantificando apenas aos primeiros dois anos, conseguimos analisar praticamente todas as edições. Para o tipo de leitura que nos propomos fazer, este recorte é suficiente para responder à questão dos mecanismos de difusão ideológica através da imprensa. Outro dado que corrobora nosso recorte (baseado em nossas pesquisas anteriores) é que o período abordado representa uma fase que denominamos arbitrariamente de “pré-Intentona Comunista”. Após este evento, ocorre um recrudescimento do discurso anticomunista na imprensa integralista e uma polarização entre comunismo e integralismo. Os demais elementos ficam em segundo plano devido a esta questão conjuntural, que é representada pelos levantes de novembro de 1935. Isto faz com que o período que analisaremos seja o mais importante, dentro da nossa proposta de trabalho. Em resumo: para o nosso levantamento quantitativo utilizaremos apenas os dois primeiros anos do jornal *A Offensiva*, pois é a melhor escolha devido aos

⁵⁵⁴ Nos dois primeiros anos possuímos a coleção praticamente completa, com exceção de quatro exemplares (maio de 1934 a dezembro de 1935). Não conseguimos fechar as lacunas nos anos seguintes. Em 1936 faltam quatro meses e em 1937 cinco meses. Mesmo pesquisando nos principais arquivos que possuem documentação integralista não foi possível completar a coleção: Arquivo Benno Mentz (RS), Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (RS), Arquivo Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Casa de Plínio Salgado (SP), Arquivo Público do Estado de São Paulo e Arquivo Municipal de Rio Claro (SP).

problemas com as fontes e ao fato de ser o que representa um período em que não havia questões conjunturais que alterassem significativamente os dados. Além disto, porque utilizar *A Offensiva* e não outro jornal do movimento?

A Offensiva chegava a todos os locais onde houvessem núcleos do movimento, logo, era um periódico que abarcava todo o território nacional. Por isto, decidimos restringir o levantamento quantitativo a este.

Feita a escolha do periódico, precisávamos selecionar quais seriam os pontos a serem procurados no levantamento quantitativo através de uma *leitura flutuante* no jornal. A experiência prévia que já tínhamos dos jornais integralistas e também da própria teoria do movimento, facilitou bastante nesta etapa.

O resultado desta *leitura flutuante* foi a já citada oposição entre materialismo e espiritualismo. De um lado, existia uma grande produção de textos sobre o integralismo e sobre o fascismo em contraposição com seus inimigos, de forma destacada o comunismo e o liberalismo. Como observamos uma incidência mínima de textos contrários às outras “faces” do materialismo, no caso o capitalismo internacional, o judaísmo e o positivismo (como já havíamos encontrado em nossa dissertação de mestrado),⁵⁵⁵ optamos por fazer uma análise que contemplasse as constâncias e não as exceções, desta forma retiramos do levantamento quantitativo estes “inimigos” de menor grau.

Por esta razão, passamos a procurar tais pontos no jornal *A Offensiva*. Logo nos primeiros exemplares, ficou claro que nossa leitura inicial era insuficiente, pois havia uma diferenciação ou esferas de ação entre integralismo (nacional) e fascismo (internacional) e os seus inimigos, o comunismo e o liberalismo (tanto interna como externamente). Partindo desta descoberta, abarcamos em nosso levantamento esta variável.

⁵⁵⁵ Nesta ocasião, averiguamos que comunismo e liberalismo representavam pouco mais de 90% das matérias em oposição aos inimigos, enquanto o judaísmo, capitalismo e positivismo em torno de 9%. Ver: OLIVEIRA, op. cit., p. 89.

5.2.1.1.2. A inter-relação entre a teoria (livros) e a doutrina (jornais)⁵⁵⁶

A imprensa era a principal forma pela qual a doutrina chegava ao militante e que mantinha uma relativa uniformidade de atuação por parte dos integralistas das mais diversas regiões do país. Todavia, como a ideologia chegava ao jornal? Logicamente, ela surgia através da produção dos teóricos integralistas, como foi trabalhado no capítulo IV. Então, esta era criada através das obras dos principais intelectuais do movimento e grande parte dos militantes a absorvia após a leitura dos periódicos. Contudo, esta não é uma relação direta, muito menos uma transposição, como havia apontado em certa ocasião Rosa Cavallari, em seu estudo sobre a mulher e a criança dentro da AIB.⁵⁵⁷

Se traçarmos um paralelo entre livros e periódicos, perceberemos que apenas a parte mais superficial da doutrina chegava aos militantes. A materialização ideológica do integralismo através das páginas de jornais e livros passava por uma seleção prévia, na qual os elementos mais gerais ficavam disponíveis. Todos os pontos teóricos e mais difíceis de serem compreendidos e, principalmente, as diferenças intrínsecas presentes nos autores eram suprimidas.

Outrossim, transmitia-se aos militantes uma imagem de que o integralismo era um organismo perfeito e sem dissensões ou diferenças internas, mesmo que na prática tal fato não ocorresse. Isto fica evidente quando observamos questões peculiares presentes nas obras dos autores, e a sua pouca ou grande incidência nos jornais.

Observamos isto ao analisar a grande produção do anti-semitismo nas obras teóricas de Gustavo Barroso e demais intelectuais influenciados por ele, e a sua ínfima repercussão nos jornais (como pode ser observado em nossa dissertação de mestrado). Este mesmo anti-semitismo possui pouca incidência em Plínio Salgado e Miguel Reale. A questão do combate ao capitalismo presente na obra de Reale, igualmente não tem a mesma representatividade em Barroso e Salgado. Também a questão da oposição ao comunismo e ao liberalismo em Salgado não aparece nos demais. Podemos perceber que entre os teóricos há uma multiplicidade de interpretações daquilo que devia ser o integralismo e de quem seria combatido, contudo, ao militante isto não chegava. Mas, afinal, ao que tinham acesso os leitores?

⁵⁵⁶ As considerações presentes neste subitem foram importantes para a construção da nossa pré-análise, por esta razão, achamos importante traçar um paralelo entre a teoria e a doutrina integralista, antes de passar para a segunda etapa da Análise de Conteúdo.

⁵⁵⁷ CAVALARI, op. cit., p. 82-83.

Recebiam a discussão relativa aos inimigos e aliados. Em outras palavras, o discurso de construção da identidade política do movimento (materialismo *versus* espiritualismo). Se observarmos com atenção, percebemos que o conteúdo definido nas primeiras obras de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, ao longo do ano de 1934, e foi mantido o mesmo padrão nas demais obras de divulgação do integralismo. Em linhas gerais, a imprensa segue este “norte”.⁵⁵⁸ Contudo, não é uma “prisão”, muitas vezes encontraremos alguns temas teóricos nos periódicos, embora sejam exceções, quando analisamos o conjunto dos textos publicados nos jornais.

É interessante notar a permanência da questão da oposição entre materialismo e espiritualismo desde o jornal *A Razão*, depois isto se transforma na base de divulgação doutrinária dos teóricos e, por fim, retorna aos militantes através das páginas dos jornais. Este fato é algo que inclusive nos surpreendeu, pois não tínhamos certeza que ocorreria, mas se comprovou no levantamento quantitativo.

5.2.1.2. A exploração do material⁵⁵⁹ : a análise quantitativa

No levantamento de dados que realizamos para averiguar quais seriam os pontos que exploraríamos, ficou latente a grande quantidade de textos não apenas restritos ao próprio integralismo, como também relativos aos seus inimigos e aliados. Percebemos que havia uma íntima relação identitária entre os mesmos. E, que existia um elo que vinculava uma definição ideológica através do estabelecimento de defeitos dos inimigos do movimento, e, a partir daí, eram apresentadas aos militantes as diferenças em relação ao integralismo. Ao mesmo tempo, em uma lógica inversa, também mostravam os demais movimentos fascistas, estabelecendo uma relação em que os colocava como aliados na luta contra as forças do materialismo.

Nossos dados foram baseados na relação “*Materialismo versus Espiritualismo*”, objeto geral do discurso integralista nos jornais. Por esta razão, as Unidades de Registro (UR) são divididas nas “faces” destas duas variáveis. Adotamos também as esferas “Nacional” e “Internacional”, para melhor visualizarmos nosso objeto. A primeira é

⁵⁵⁸ Ver ponto “4.2.1.1. Plínio Salgado e Gustavo Barroso: divulgadores de uma nova doutrina” do capítulo anterior.

⁵⁵⁹ Como aponta Bardin: “Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Op. cit., p. 101.

dividida em “Integralismo”, “Comunismo Brasileiro” e “Liberalismo Brasileiro”; na segunda, em “Fascismos”, “Comunismo Internacional” e “Liberalismo Internacional”.

Por que a escolha destas UR’s? Porque são temas “geradores”, e a partir deles é que são engendrados os demais. Além disto, são os mais recorrentes e os que melhor respondem às perguntas que pretendemos abordar. Se fizéssemos a pergunta sobre como eram representados os acontecimentos políticos nacionais e internacionais, invariavelmente as mesmas UR’s selecionadas em nossa pesquisa se fariam presentes (direta ou indiretamente). O mesmo acontece com questões econômicas e sociais. Em parte, e isto sucede com os temas culturais, principalmente no tocante à dissolução dos valores sociais e da cultura ocidental. Até mesmo nos pontos que aparentam completa exclusão dos temas na esfera das UR’s, acabam de alguma forma trazendo informações. Um exemplo desta afirmação encontra-se na área de saúde, que em determinado momento, passou a ser veiculada no jornal, onde o comunismo era apresentado como uma doença social. A única exceção que encontramos foi na seção de esportes (mesmo assim, poderia ser enquadrada ao mostrar a valorização da “raça” brasileira pelos atletas integralistas). Por esta razão, escolhemos estas seis UR’s como temas geradores para esta pesquisa.

A construção da tabela foi organizada levando em consideração as variáveis “Conteúdo” e “Referências”. A primeira abarca matérias com conteúdo específico sobre uma ou mais “faces” do materialismo e/ou espiritualismo; a segunda representa referências a uma ou mais destas “faces” em textos sobre temáticas em que não era o tema central. As “Referências” são uma variável importante, tendo em vista que, mesmo que a matéria pesquisada não abordasse diretamente a ideologia referenciada, ela servia como um contraponto, uma exemplificação ou uma comparação.

Abaixo os dados levantados no jornal *A Offensiva*, entre maio de 1934 e novembro de 1935.

Tabela 1 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Sem divisão Nacional/Internacional

Unidade de Registro	Conteúdo	%	Referências	%
Integralismo	545	45	82	16
Comunismo	384	33	175	35
Fascismos	140	12	64	13
Liberalismo	123	10	177	36
	1192	100%	498	100%

Tabela 2 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Com divisão Nacional/Internacional

Unidade de Registro	Conteúdo	%	Referências	%
Integralismo	545	45	82	16
Comunismo Brasil	199	17	89	18
Comunismo Internacional	185	16	86	17
Fascismos	140	12	64	13
Liberalismo Brasil	84	7	123	25
Liberalismo Internacional	39	3	54	11
	1192	100%	498	100%

Tabela 3 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Materialismo *versus* Espiritualismo

Unidade de Registro	Conteúdo	%	Referências	%
Espiritualismo (Integralismo + Fascismos)	685	57	106	29
Materialismo (Comunismo + Liberalismo)	507	43	352	71
	1192	100%	498	100%

Tabela 4 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Materialismo *versus* Espiritualismo (soma Conteúdo e Referências)

Unidade de Registro	Conteúdo + Referências	%
Espiritualismo (Integralismo + Fascismos)	791	48
Materialismo (Comunismo + Liberalismo)	859	52
	1650	100%

Tabela 5 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935)
Razão entre Conteúdo e Referências por número de exemplares

	Número de exemplares	Média
Conteúdo	1192 / 70	17
Referências	498 / 70	7
Total (Soma de Conteúdo e Referências)	1650 / 70	24

Os dados das tabelas nos mostram informações extremamente importantes que devemos apreciar, antes de passar para a etapa seguinte, de análise qualitativa. Por esta razão, nos deteremos em fazer uma leitura destes dados objetivamente coletados.

Como salientamos anteriormente, a pergunta feita às fontes na “pré-análise” nos mostrou que a relação “materialismo *versus* espiritualismo”, em linhas gerais, era o elemento central dos jornais integralistas. Esta mesma lógica havia sido estabelecida nas primeiras obras doutrinárias do movimento, entre os anos de 1933 e 1934. Se nos prendermos aos dados organizados na “Tabela 5”, perceberemos que havia uma razão de vinte e quatro citações e/ou referências ao materialismo e espiritualismo por exemplar. Isto nos permite asseverar que esta “relação” era a base central do discurso ideológico pregado no principal jornal da AIB.

Esta é uma constância que será transmitida ao militante em cada exemplar. A partir desta constatação, pode-se afirmar que o filiado era doutrinado através da repetição de uma carga ideológica. Variavam as temáticas devido, aos acontecimentos conjunturais diários, no entanto, estas eram adaptados e enquadrados dentro dos conteúdos pré-determinados de forma pragmática pela direção, tanto do jornal quanto do movimento. Em outras palavras, os acontecimentos políticos, econômicos, culturais e sociais selecionados como notícia eram moldados e/ou utilizados para difundir o integralismo, ou melhor, a constituição identitária do movimento através de semelhanças e diferenças com seus inimigos e aliados.

Ao analisar a “Tabela 1”, observamos que o “Integralismo” era a UR mais citada. Como já era esperado, tendo em vista que era o responsável pela organização do periódico. No entanto, o que surpreende é o fato de os demais elementos apresentarem uma grande incidência. O “Integralismo” possui 45% das matérias. Mas, se somarmos as demais UR’s (“Comunismo”, “Liberalismo” e “Fascismos”) veremos que ultrapassam em dez pontos percentuais, com 55%.

Tais dados são significativos, pois indicam que aos integralistas não bastava apresentar quais eram os pontos de sua doutrina, era necessário demonstrar “objetivamente” quais eram eles através de suas semelhanças e diferenças com as ideologias que se faziam presentes na época.

Foi dentro desta lógica que percebemos a divisão entre “Nacional” e “Internacional”. Na “Tabela 2” observamos uma polarização entre as duas esferas. Porém, na relação nacional esta razão se torna mais clara ainda, principalmente se levarmos em consideração a variável “Referências”, como ponto fundamental, no

tocante ao integralismo, pois este era definido através de comparações. Desmembrando a “Tabela 2” podemos visualizar de forma mais clara:

Tabela 6 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Apenas Nacional

Unidade de Registro	Conteúdo	%	Referências	Soma	%
Integralismo	545	66	82	627	56
Comunismo Brasil	199	24	89	288	26
Liberalismo Brasil	84	10	123	207	18
	828	100%		1122	100%

Esta tabela nos revela uma importante interação entre a incidência do integralismo com o comunismo e o liberalismo. Se levarmos em consideração as matérias de conteúdo específico, veremos a grande preponderância do integralismo (66%) frente às demais (34%). Entretanto, se agregarmos as “Referências” ao conjunto total, como elemento importante para traçar um contraponto nos textos, perceberemos que a diferença cai dez pontos percentuais, colocando Integralismo com 56% de citações nas matérias e o Comunismo e o Liberalismo com 44%, fato que demonstra um relativo equilíbrio. Se utilizarmos os dados desta tabela para estabelecer uma relação direta entre a produção de textos sobre o integralismo e a sua vinculação com o comunismo e o liberalismo, podemos observar que as matérias teriam contato em 79% das vezes. Ou seja, a cada cem textos sobre o integralismo, o comunismo e/ou liberalismo se fariam presentes em setenta e nove. Claro, devemos levar estes dados apenas como forma de exemplificação e média aritmética, mas que demonstram como o integralismo necessitava de outras ideologias para ser definido.

Do ponto de vista internacional, os dados colocam em primeiro plano uma oposição entre comunismo e fascismo, como pode ser visualizado abaixo:

Tabela 7 – *A Offensiva* (maio de 1934 – novembro de 1935) – 70 exemplares
Apenas Nacional

Unidade de Registro	Conteúdo	%	Referências	Soma	%
Comunismo Internacional	185	50	86	271	48
Fascismos	140	39	64	204	36
Liberalismo Internacional	39	11	54	93	16
	828	100%		1122	100%

Pode-se perceber que a oposição entre comunismo e fascismos era muito recorrente. Reflete, em escala global, a mesma oposição interna que verificamos entre integralismo e comunismo internamente. O liberalismo, em ambos os casos, aparece em expressão menor. As tabelas 6 e 7 mostram que havia uma polarização entre o comunismo, como principal expressão do “materialismo” e o integralismo e demais movimentos fascistas, como representantes do “espiritualismo”.

Se pensarmos no contexto geral (Tabela 1) e considerarmos a soma de “Conteúdo” e “Referências”, integralismo e comunismo possuem um relativo equilíbrio. O primeiro com seiscentos e vinte e sete (53%) e o comunismo com quinhentos e cinquenta e nove (47%). Isto poderia nos levar a considerar que a principal oposição dentro do jornal *A Offensiva* se dava com o comunismo.

Por fim, as tabelas 3 e 4 revelam as relações entre o “Materialismo” e o “Espiritualismo”. Como pode ser visto na “Tabela 3”, há uma preponderância do espiritualismo sobre o materialismo de quatorze pontos percentuais, no tocante às matérias de conteúdo sobre inimigos e aliados. Por outro lado, observando a soma geral de “Conteúdo” e “Referências”, organizados na “Tabela 4”, notaremos que havia um equilíbrio entre “Materialismo” e “Espiritualismo” no jornal *A Offensiva*, no período analisado.

A nosso ver, estes dados comprovam nossa hipótese de que a ideologia integralista era difundida através dos jornais em uma lógica de constituição identitária, em que havia a necessidade da definição daquilo que era o integralismo. Isto ocorria através de uma exemplificação comparativa com seus inimigos e aliados.

Se tivermos presente que todos os militantes deveriam ter acesso ao jornal *A Offensiva*, veremos que esta carga ideológica chegava aos filiados em todas as partes do país. Além disto, o periódico servia de exemplo para todos os demais do movimento, por ser a “voz oficial” do “Chefe Nacional”. Isto se refletia direta ou indiretamente nos outros jornais integralistas, claro, respeitando as questões locais dos núcleos regionais e municipais.

A seguir, na última etapa da metodologia de *Análise de Conteúdo*, faremos a leitura qualitativa destas fontes, colocando em destaque a caracterização de cada uma das UR's e as suas relações com as outras.

5.2.1.3. O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação⁵⁶⁰: a análise qualitativa

Os pontos encontrados no levantamento quantitativo nos permitem fazer várias interpretações sobre as informações presentes nestas tabelas. Partindo de dados objetivos, podemos atestar certas afirmações que não teríamos condições de fazer, se não tivéssemos construído esta etapa prévia. Porém, não é apenas para isto que serviu esta fase, na realidade, ela não somente instrumentalizou nossa pesquisa, como ao longo de sua construção, nos permitiu mapear as matérias com “conteúdo” e/ou “referências” mais relevantes para o nosso trabalho. Em outras palavras, a leitura extensiva do jornal *A Offensiva* para o levantamento quantitativo, nos proporcionou o conhecimento necessário do periódico para a seleção do material para a interpretação quantitativa das fontes.

No tipo de análise que nos propomos fazer, há uma intrínseca relação entre o qualitativo e o quantitativo. Acreditamos que não teríamos condições de analisar nosso objeto se partíssemos diretamente para o qualitativo. Mesmo que selecionássemos algumas matérias, elas seriam desconectas com o todo, ao mesmo tempo que não teríamos segurança sobre a validade das informações diante do conjunto de textos publicado no periódico.

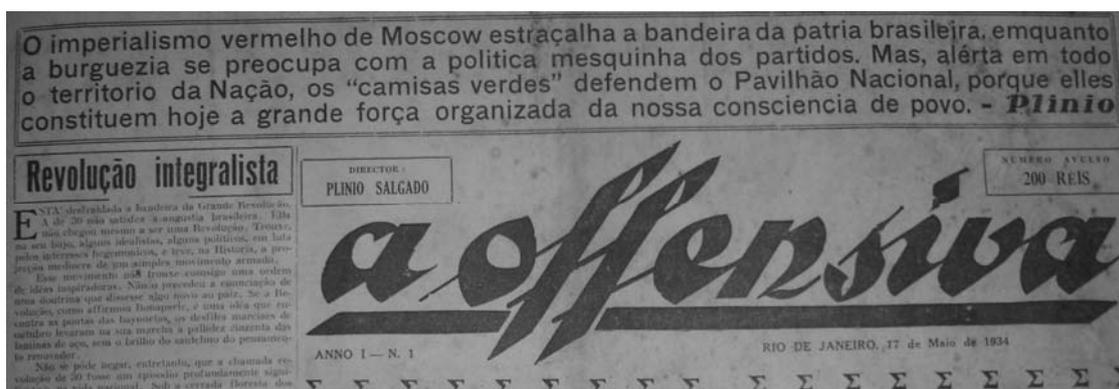
Por outro lado, todo o *background* da primeira fase da metodologia de Análise de Conteúdo nos permitiu selecionar com mais facilidade aquelas matérias que melhor sintetizam e exemplificam nossas afirmações. Reiteramos que não buscamos, em nossa leitura, as exceções, embora, muitas vezes, nos dêem informações importantes e sim as constâncias. Em resumo, procuramos aqueles elementos mais significativos dos dados encontrados.

Discutiremos pontualmente cada uma das ideologias apontadas na etapa anterior. Para uma melhor visualização manteremos a separação entre “nacional” e “internacional”.

⁵⁶⁰ Esta é a fase final da pesquisa, onde o pesquisador analisa os dados objetivos encontrados no levantamento quantitativo. De acordo com Bardin: “O analista, tendo à sua frente resultados significativos e fieis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”. Op. cit., p. 101.

5.2.1.3.1. Integralismo

Desde o princípio, o integralismo foi apresentado através das páginas do jornal pela oposição entre a sua ideologia e o comunismo e o liberalismo. Não é por acaso que a chamada do primeiro exemplar do jornal traz uma frase de Plínio Salgado em que coloca os “camisas-verdes” em confronto direto com seus inimigos. Visualizemos a frase de abertura na imagem abaixo:



Aqui podemos perceber o discurso que vincula o comunismo como força nociva que visava destruir a nação brasileira diante da fraqueza da burguesia liberal, esta sempre apresentada como preocupada apenas com seus próprios interesses em detrimento dos nacionais. Na citação seguinte, observa-se uma lógica semelhante, que vincula o avanço do comunismo como resultado das contradições do regime liberal, este sempre representado como fracassado, derrotado, morto ou em vias de ser sepultado.

Dentro da Nação, à sua sombra, crescem as forças negativas do Espírito, das tradições e da Pátria. Nas praças, tremulam, vermelhas, as bandeiras do comunismo materialista. Trágicos resultados de um século de economia burguesa e de um Estado pusilânime e fraco.⁵⁶¹

Em contrapartida, o integralismo é mostrado, ao leitor, como a força da reação nacional, diante da suposta “ameaça” comunista e na “inoperância” do regime liberal. Percebe-se, no trecho a seguir que este é enquadrado como cadáver (ideologia morta) e o comunismo como o abutre, ou seja, o animal que se alimenta (cresce) a partir dos restos mortais do liberalismo.

⁵⁶¹ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 20, 27/9/1934, p. 1

O impulso que a cada momento vai tomando o movimento integralista constitui uma segura indicação de que a Nação Brasileira já compreendeu que fora dele não pode haver salvação para os seus destinos, tão ameaçados pelo cadáver da Liberal-Democracia como pelo abutre do comunismo internacional.⁵⁶²

O texto a seguir possui um padrão semelhante, no qual o caos social significaria que a nação seria salva pela marcha do integralismo.

Crise financeira, insolvabilidade, propaganda comunista, conspirações sem programa, falência do regime liberal decretada por ministros da Corte Suprema – o que significa isso tudo, ó brasileiros? Significa a vitória do Integralismo nas consciências dos homens de bem. Escutais o rumor dos “camisas verdes” em marcha: é a alma da Pátria que se aproxima!⁵⁶³

Além disto, transmitia aos militantes que diante desta decadência do liberalismo (tanto dos valores morais quanto sociais e econômicos) e da ascensão do caos comunista, o integralismo seria a defesa destes pressupostos.

Neste momento de angústia, de confusão de espíritos, de humilhações nacionais e de vitória efêmera de uma emenda comunista no seio de uma câmara burguesa, o Integralismo representa para as famílias, para a intangibilidade dos lares, a única, a grande, a majestosa força moral da Pátria!⁵⁶⁴

E esta “ameaça” representada pelo comunismo e pelo liberalismo não seria apenas interna, mas também externa, diante das grandes potências (liberais como Inglaterra e Estados Unidos e comunista com a União Soviética):

Seqüestro de navios nacionais! Acordos comerciais impostos pelos credores estrangeiros! Ameaças de Nova Iorque, de Londres e de Moscou! A Soberania nacional é hoje uma burla. Só o integralismo imporá dignidade à Nação, pela disciplina, pela ordem, pelo revigoreamento das nossas energias morais e econômicas. Fora dele só há lugar para humilhações nacionais.⁵⁶⁵

Podemos notar que este mesmo tipo de frases vai ser uma espécie de norte em que a relação “Integralismo-Comunismo/Liberalismo” vai se fundamentar. É evidente

⁵⁶² *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 23, 18/10/1934, p. 1

⁵⁶³ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 36, 17/1/1935, p. 1.

⁵⁶⁴ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 46, 30/3/1935, p. 1.

⁵⁶⁵ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 48, 13/4/1935, p. 1.

que devemos levar em consideração que isto já estava pré-determinado através da construção da ideologia em sua gênese nas obras de definição de Salgado e Barroso, discutidas no capítulo anterior. Lembremos, porém, as palavras de Salgado em *O que é integralismo*, para perceber a semelhança entre a lógica desta obra de definição de 1933 e a disseminação da ideologia às massas através de *A Offensiva*.⁵⁶⁶

No primeiro artigo da coluna de Plínio Salgado, apresentou a sua visão de revolução integralista. Nela, fica latente a necessidade de uma contraposição, e o integralismo seria uma reação diante do “caos” materialista:

A Revolução Começou. Só agora. Porque Revolução é transformação de regime, é novo ritmo social, é mudança de mentalidade, é formação de consciência nova, é recomposição de energias, é palavra que fala com nexos firme; é gesto que se anima de harmonias e se exprime em eloqüência.

Esta longa escravidão ao capitalismo internacional; este longo trabalho de cem anos na Gleba, para opulentar os cofres de Wall Street e da City; esta situação deprimente em face do estrangeiro; este cosmopolitanismo que nos amesquinha; estas lutas internas que nos ensangüentam; essa aviltante propaganda comunista, que desrespeita todos os dias a bandeira sagrada da Pátria; este tripudiar de regionalismos, em esgares separatistas, a enfraquecer a Grande Nação; esse comodismo burguês; a miséria em que vivem nossas populações sertanejas; a opressão em que se debate o nosso proletariado, duas vezes explorado: pelo patrão e pelo agitador comunista e anarquista [...].⁵⁶⁷

Como pode ser observado, tanto o liberalismo quanto o comunismo estariam na base dos males apresentados por Salgado. A atuação destas ideologias “nefastas” justificaria a ação revolucionária integralista e a defesa da Pátria:

Para nós, porém, esta revolução integralista tem as energias sagradas do próprio espírito da Pátria em rebeldia, em agressividade contra uma civilização que criou a luta de classe, que desorganizou as bases morais das nacionalidades e que nos amarrou, durante cem anos, como escravos miseráveis, aos pés da mesa onde o capitalismo internacional se banquetearia surdo aos gemidos dos povos.

Em ofensiva brasileiros! A Grande Revolução começou.⁵⁶⁸

Percebe-se que o autor estabelece neste trecho um elo identitário entre o integralismo e a própria concepção de pátria. Isto sucede a partir do fato do movimento

⁵⁶⁶ Ver nota de rodapé nº 390, do capítulo IV desta tese, p. 226.

⁵⁶⁷ Revolução Integralista. In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 1, 17/5/1934, p. 1.

⁵⁶⁸ *Ibidem*.

se apresentar como defensor da sociedade diante dos males representados pelo comunismo e pelo liberalismo.

BREVIÁRIO DO COMUNISMO

Os erros comunistas são velhos como o mungu. Já em Athenas se falava da emancipação das mulheres, que passariam a ser propriedade collectiva, e da abolição da família. Basta ler a crítica de Aristophanes.

* * *

O individualismo e o comunismo são duas fôrmas analogas de escravidão; uma pelo isolamento do individuo, outra pela sua absorção.

* * *

A origem da lingua é um mysterio impenetravel. Os comunistas, entretanto, querem resolvel-o com espantosa simplicidade: ella se origina dos gritos articulados durante o trabalho... As guaribas trabalham, quebrando cõco e gritando, desde que ha guaribas, e até hoje ainda não conseguiram falar...

* * *

O estudo dos mythos e dos symbols pôde conduzir ao encontro da Verdade que elles occultam. A SWASTICA hitlerista leva-nos aos ários avós dos germanos, o FASCIO mussolinico leva-nos á grandeza de Roma, o SIGMA integralista leva-nos aos primitivos christãos gregos. A estrella vermelha dos Soviets leva-nos ao judaismo talmadico.

DO LIBERALISMO

O liberalismo não passa duma anarchia creadora de cesarismos democraticos.

* * *

O Estado creado pelo liberalismo é mera resultante das contradicções civis dos partidos que o dividem e fluctua ao sabor das agitações de interesses dos grupos economicos que o exploram.

* * *

Essa exploração liberal se faz, mostrando ao povo tres letreiros luminosos pendurados no vacuo: liberdade, igualdade e fraternidade.

* * *

Os tres letreiros annunciavam tres productos que nunca foram postos de verdade á venda.

* * *

O liberalismo antes de morrer teve um aborto com o qual pensou que se salvaria: o voto secreto.

DO INTEGRALISMO

O Integralismo é valorização de factores espirituaes sem desvalorização de factores politicos e economicos. Mas valorizando-os tambem.

* * *

O Integralismo é nacionalista, porém, seu nacionalismo não é xenophobia e sim justo predominio dos interesses nacionaes sem repulsa da natural Interferencia do resto do mundo em certas manifestações da vida nacional.

* * *

O Integralismo é a moral, o espirito de sacrificio, o capirito, a fé, repostos nos seus pedestaes que estavam occupados pelos idolos do materialismo semita: o bezerro de ouro e a Bôa-Deusa do Sirio, o Bofonet dos templarios e Bael-zebub em que as moscas vinham libar o sangue das carnificinas...

GUSTAVO BARROSO

Estes dois exemplos são muito interessantes para mostrar que a definição do integralismo perpassava o “outro”, que seria o elemento de desagregação social enquanto suas próprias propostas representariam o oposto: a salvação. Na imagem ao lado, há uma síntese desta relação entre o integralismo, o liberalismo e o comunismo.⁵⁶⁹

Denota-se neste quadro a caracterização dos inimigos em primeiro plano. Iniciando pelo comunismo, que levaria a emancipação da mulher (desestruturação da família); o fim da propriedade privada; o individualismo e a (suposta) desestruturação do trabalho. Seguido pelo liberalismo, cuja ação resultaria em um Estado fraco e ao caos social devido às contradicções; às explorações sociais; ao falso sentimento de liberdade (voto universal). Diante destes grandes perigos, surgia o integralismo, como a valorização social, política e

econômica. A defesa do nacionalismo, que colocaria os integralistas como guardiões da

⁵⁶⁹ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 5, 14/6/1934, p. 2.

nacionalidade. Estes elementos colocariam os “camisas-verdes” como os mantenedores da moral e dos costumes nacionais.

Além disto, apresentavam-se como os defensores dos valores morais e religiosos. Em uma “cruzada santa” espiritualista contra as forças das trevas:

O Integralismo é a Frente Única da Fé e da Aspiração contra a Descrença, a Negação e a Anarquia. Ele convoca para a luta sem tréguas todos os homens de Boa Vontade, que acreditam em Deus e de sua crença fazem o fundamento da ordem social. Soma de esforços, de tendências, de espiritualismo, não pode marcar limites ao credo dos que ingressam nas suas fileiras. Por isso, afirma Deus com liberdade de consciência religiosa. Está, assim, de acordo com Sua Santidade o Papa, quando propugna a reunião, a aliança, a liga de todos os crentes contra o materialismo avassalador, contra o capitalismo escravizante e contra o comunismo ateísta.⁵⁷⁰

O título deste texto já mostra uma contraposição. Denominado “Frente Única Espiritual”, faz uma alusão às “frentes únicas” que eram organizadas contra o fascismo, em várias partes no mundo, incluindo o Brasil. Com este discurso, os integralistas também se apropriavam dos valores religiosos que afirmavam defender.

Se prestarmos atenção, veremos que as propostas políticas do movimento sempre estavam em congruência com críticas aos seus inimigos, mesmo as concepções mais básicas do seu discurso, como o nacionalismo. Por exemplo, na matéria *O Nosso Nacionalismo*, em que a construção da vertente nacional integralista perpassaria a influência estrangeira: “O cosmopolitanismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever”.⁵⁷¹ Em parte, porque influenciaria a burguesia a não dar importância aos valores da nacionalidade: “Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos.” Estes valores externos levariam à perda de uma consciência local. “Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros”. E conclui opondo-se ao comunismo: “E somos contra a influência do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania”. Fica perceptível que para existir a definição do nacionalismo necessitavam apresentar o que representava o “antinacionalismo”, com isto podiam apresentar a sua visão deste conceito:

⁵⁷⁰ Frente Única Espiritual. In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 2, 24/5/1934, p. 2.

⁵⁷¹ O nosso nacionalismo. In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 16, 30/8/1934, p. 2.

Levantando-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros. Para unir todos os brasileiros num só espírito [...]. Temos que invocar nossas tradições gloriosas. Temos de nos afirmar como um unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino Nacional; é a profunda consciência de nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor da raça.⁵⁷²

Como pôde ser atestado desde as noções mais elementares perpassavam a constituição identitária. No entanto, não era apenas nos pontos doutrinários que se fazia presente. A oposição estava em praticamente todas as esferas.

Do ponto de vista social, um dos principais “campos de batalha” se dava nos meios operários. De acordo com Plínio Salgado: “Nossos inimigos estão todos na burguesia, pregando o comunismo. Os operários não são comunistas. [...]. São os burguesotes que pregam o comunismo, enquanto o operário forma conosco, em nossas tropas de choque”.⁵⁷³ A coluna “Proletariado” é um ponto de embate onde aparece a oposição entre o integralismo e o liberalismo e o comunismo. Selecionamos um exemplo que apresentasse as três ideologias juntas:

Não há hoje um operário sindicalizado que tenha confiança na ação ministerial. E infelizmente esta descrença cria um clima ideal para as agitações do agente comunista. É sobre o cepticismo amargurado do proletariado que o agitador constrói seu castelo vermelho. [...]. Não há dizer: o ministério falhou. Há acentuar: o Ministério do Trabalho falhou! E falhou completamente, numa manifestação evidentíssima de que a Liberal democracia é impotente para resolver o problema social. Para os vossos males há um remédio: o Integralismo.⁵⁷⁴

O integralismo seria a força redentora da nação, diante da ameaça comunista e da desagregação liberal. Como já observamos anteriormente, a doutrinação do militante ocorria através da identificação destes males e da aceitação da ideologia do movimento como única expressão da nacionalidade capaz de proteger a nação e criar as condições para o seu desenvolvimento. Por sua vez, esta nova sociedade “integral” seria construída sem os defeitos viscerais das ideologias materialistas e sim embasadas na concepção espiritualista de sociedade idealizada por Plínio Salgado.

⁵⁷² Ibidem.

⁵⁷³ Sentido de nossa violência. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 8, 5/7/1934, p. 1-2.

⁵⁷⁴ Ministério do Trabalho. In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, n 36, 17/1/1935, p. 8.

Percebemos que havia uma relação dialética entre o integralismo e o comunismo e o liberalismo, pois sem os pontos de oposição entre estas ideologias não havia como se estabelecer a construção da identidade política da AIB.

Não era objetivo desta parte fazer uma ampla explicação sobre aquilo que era o integralismo, até porque isto já foi discutido amplamente nos capítulos anteriores, mas demonstrar como era transmitido aos militantes através da contraposição com outras ideologias.

5.2.1.3.2. Liberalismo no Brasil

O liberalismo no Brasil representava o inimigo interno que era, ao mesmo tempo, o menor em uma escala de periculosidade, e o maior enquanto estrutura política. Enquanto força de oposição, apresavam-no como em franca decadência diante da ascensão do integralismo e do comunismo. No entanto, dentro de sua própria visão, havia a necessidade da superação da estrutura liberal, para que o integralismo pudesse assumir o poder.

Esta visão terá desdobramentos dentro da imprensa integralista. Pois, como vimos no capítulo anterior, na leitura teórica de Miguel Reale, o liberalismo representava uma ameaça de grande força. Isto não repercutia em *A Offensiva*. A explicação mais plausível encontra-se no fato de ter havido uma seleção prévia de qual inimigo deveria ser mostrado como principal ameaça, principalmente por ser aquele que fosse de forma mais facilmente identificado pelo militante como vertente do “mal”.

O liberalismo não servia a este intento de forma tão fácil quanto o comunismo. Apesar dos grandes problemas sociais, políticos e econômicos da década de 1930, seus problemas não eram visualizados ou aceitos com facilidade, como uma ação liberal. Além disto, o que podia ser enquadrado como liberal, neste período? Ou seja, a identificação do liberalismo como uma ameaça terrível e iminente não surgia como algo palpável ao cidadão comum. Embora teoricamente a estrutura liberal pudesse ser colocada como responsável por uma grande quantidade de males, apontados pelos teóricos integralistas.

Ao mesmo tempo, os dados quantitativos demonstraram que o liberalismo era utilizado dentro de *A Offensiva*, tinha uma função de exemplificação entre as demais UR's. Se olharmos na “Tabela 2”, o “Liberalismo no Brasil”, observaremos que o

número de Referências supera o Conteúdo, sendo o único caso em que este fenômeno aparece (junto com o Liberalismo Internacional, que apresenta uma lógica semelhante).

Mas por que isto?

Devido ao fato do Liberalismo ser mostrado como um elo de referência entre integralismo e comunismo. Em outras palavras, o liberalismo era o ponto de comparação. Se havia dois pólos opostos, esta variável servia para manifestar onde haveria avanços (no caso do integralismo) ou decadência (no caso do comunismo) em relação a esta ideologia, pois, de acordo com o discurso do jornal (e da AIB), o país estaria imerso em um Estado Liberal. Por isto que nas discussões teóricas Reale aponta o liberalismo como principal inimigo, pois seria o tipo de governo que o Estado Integral deveria superar. E de acordo com este pensador, no momento em que o integralismo tomasse o poder, automaticamente, o Estado Corporativo derrotaria a “ameaça vermelha”.

Embora esta leitura singular de Reale não chegue aos jornais, pelos motivos já expostos, a visão de que o Brasil era um Estado Liberal se fazia presente, e, de forma indireta, era utilizada como ponto de comparação. Em uma matéria editada na Seção “Proletariado”, Miguel Reale apresentava como o comunismo se espalhava dentro do regime liberal brasileiro:

Não é o governo o primeiro a receber o imposto (e, portanto, a ser sócio), dos editores e dos livreiros que esparramam pelo país a fora quantas brochuras marxistas vão copiando uns dos outros?

Não é o governo que aceita tudo sem se importar que haja comunista ocupando cargo de secretário de Estado, como em uma província do nordeste, ou que haja comunista comandando força pública, como em uma província do sul?

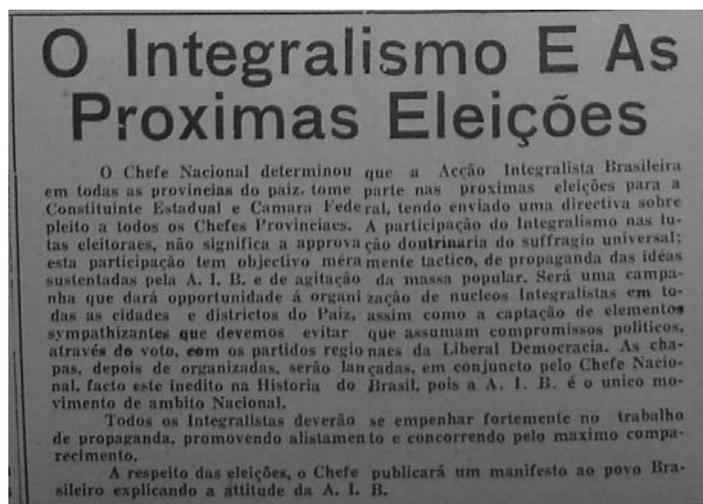
Não é a própria sociedade corrupta que acompanha as malandragens da imprensa fabricando um Jobim de meia em meia hora?

Se assim é, não se trata de acabar com o marxismo apenas, mas de obrigar o burguês a criar a vergonha e o pudor, ou, o que vem a ser o mesmo, é necessário forçar o burguês a deixar de ser burguês.⁵⁷⁵

A essência do texto era anticomunista, mas havia implícita uma crítica à estrutura liberal do governo. Além disto, esta citação ainda apresenta um dos grandes males do liberalismo aos olhos do integralismo, que é o fato de abrir espaço ao comunismo.

⁵⁷⁵ Contradições do atual regime. In: *A Offensiva*, nº 15, 23/8/1934, p. 6.

Em uma nota pública na capa de uma edição fica latente a oposição do integralismo ao liberalismo, principalmente no tocante à questão do sufrágio universal, temática amplamente combatida pelo integralismo na sua fase inicial. Como pode ser visto abaixo:⁵⁷⁶



No mesmo exemplar, Plínio Salgado, em sua coluna, apresentava a grande luta entre comunismo e integralismo, que se acirraria com a Carta Constitucional de 1934. O liberalismo era visto aos olhos do líder máximo do integralismo como um mero espectador no campo de batalha, e que seria superado por um dos pólos:

Os comunistas querem acabar com a liberdade de pensar, querem destruir a personalidade humana, querem substituir a atual opressão exercida pelo regime burguês, pela outra opressão exercida por um falso regime proletário, onde os próprios proletários são escravizados a meia dúzia de pequenos burgueses, como se deu na Rússia.

Os comunistas erguem a bandeira vermelha, com a foice e o martelo. Nós erguemos a bandeira verde-amarela e, para sustentá-la, para garanti-la, desfraldamos a bandeira azul e branca do Sigma.⁵⁷⁷

O verdadeiro combate se dava entre comunismo e integralismo. O liberalismo nada mais seria do que uma sombra do passado, fadado a ser superado por uma das duas vertentes. Segue Salgado:

⁵⁷⁶ *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 16, 30/8/1934, p. 1.

⁵⁷⁷ Epicuristas e Estóicos. In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, nº 16, 30/8/1934, p. 2.

Bendita a Constituição de 16 de Julho, porque dela permite no seu liberalismo que esta guerra se trave livremente!
 Desta batalha de idéias e de sacrifícios, nascerá o Brasil de amanhã. Os partidos não ficarão. O regime liberal não subsistirá. Porque dois são os caminhos, duas fatalidades: o comunismo ou o integralismo.⁵⁷⁸

Nota-se que a visão é que o liberalismo não tinha futuro neste “mundo novo”, marcado pela ascensão de uma das facções. A conclusão do “Chefe Nacional” diante da “constituição liberal” de 1934 era o acirramento da luta do integralismo contra o comunismo:

As garantias familiares e religiosas da Constituição não passam de uma emissão sem lastro. A Nação está desorganizada. Continua na anarquia. Os brasileiros estão divididos. Aproxima-se uma tempestade...

Por isto é que, contra uma sociedade epicurista e contra um regime estóico, contra o materialismo grosseiro e contra o eunuquismo impotente das fórmulas liberais, levantamos nossa bandeira de guerra, azul e branca, por Deus, pela Pátria e pela Família!⁵⁷⁹

Este texto é muito interessante, porque a visão de Salgado é uma espécie de norte que permeia *A Offensiva*. Apresentavam a visão de regime fraco e em plena decadência, uma imagem constante nos artigos publicados no jornal. Os integralistas mostravam o liberalismo como uma ideologia puramente materialista, que utilizava a religião apenas como um instrumento, para atingir seus objetivos políticos.

A liberal-democracia é o Estado materialista, o estado leigo. Não reconhece, não se preocupa com Deus. Permite toda a propaganda religiosa. Leva o seu espírito de não intervenção a ponto de não controlar a ação dos grupos, que desenvolvem propaganda do ateísmo como forma ideal para a satisfação dos seus apetites.

Reconhecem a ação religiosa apenas nas vésperas das eleições quando tem que garantir os votos futuros. Nesta ocasião o liberal-democrata tudo faz, chega mesmo a comungar, em missa das 11 horas para que todos o vejam. O que lhe preocupa não é a idéia. É a sua situação individual na política – o emprego.⁵⁸⁰

Esta citação apresenta alguns dos elementos mais recorrentes do discurso antiliberal integralista: a utilização de valores sociais com interesses pessoais, assim como o individualismo acima de outros fatores. A apresentação do político liberal como

⁵⁷⁸ Ibidem.

⁵⁷⁹ Ibidem.

⁵⁸⁰ Reflexões sobre duas doutrinas. In *A Offensiva*, nº 11, 26/7/1934, p. 2.

interesseiro e falso, pensando apenas no cargo e nos privilégios pessoais acima dos coletivos.

Para Plínio Salgado – e o discurso do jornal –, a luta pela conquista de poderes individuais por parte dos liberais levava à desestruturação política do país, ou seja, à busca incessante pelo poder, colocando os valores nacionais em segundo plano diante da conquista de privilégios parciais, fracionaria e desestruturaria a sociedade. Em uma matéria de sua coluna, Salgado, ao analisar as eleições que ainda estavam por vir, faz a seguinte análise:

Começou a luta dos 152 partidos políticos em que se divide, se desagrega e apodrece o país. Uns prometem empregos, outros ameaçam com perseguições. Uns trazem às costas a sombra prestigiadora dos governos, outros se apresentam descabeladamente clamando pela liberdade e acusando os adversários de opressores. A luta é terrível. Todos os adjetivos são usados. Todos os epítetos são manobrados. Calúnia contra calúnia. Injúria contra injúria. Gastam-se páginas e páginas dos jornais. Isso custa muito dinheiro, mas os partidos têm suas caixas. Essas caixas são formadas pelos que exploram a matéria prima do voto para manufaturar a mercadoria-deputado. A mão dos sindicatos estrangeiros, das empresas industriais e comerciais, estende-se às ocultas, para depositar o seu óbolo nos cofres dos partidos.⁵⁸¹

Neste texto, percebe-se que o liberalismo era visualizado como a materialização do individualismo, das lutas internas por poder político e controle econômico de determinados grupos e da corrupção desenfreada que levava à dissolução dos valores nacionais. O voto (sufrágio universal) era apresentado como a força motriz do liberalismo e visto como um elemento de desagregação social. Diante disto, os integralistas se oporiam a esta estrutura vil e a derrotariam por dentro:

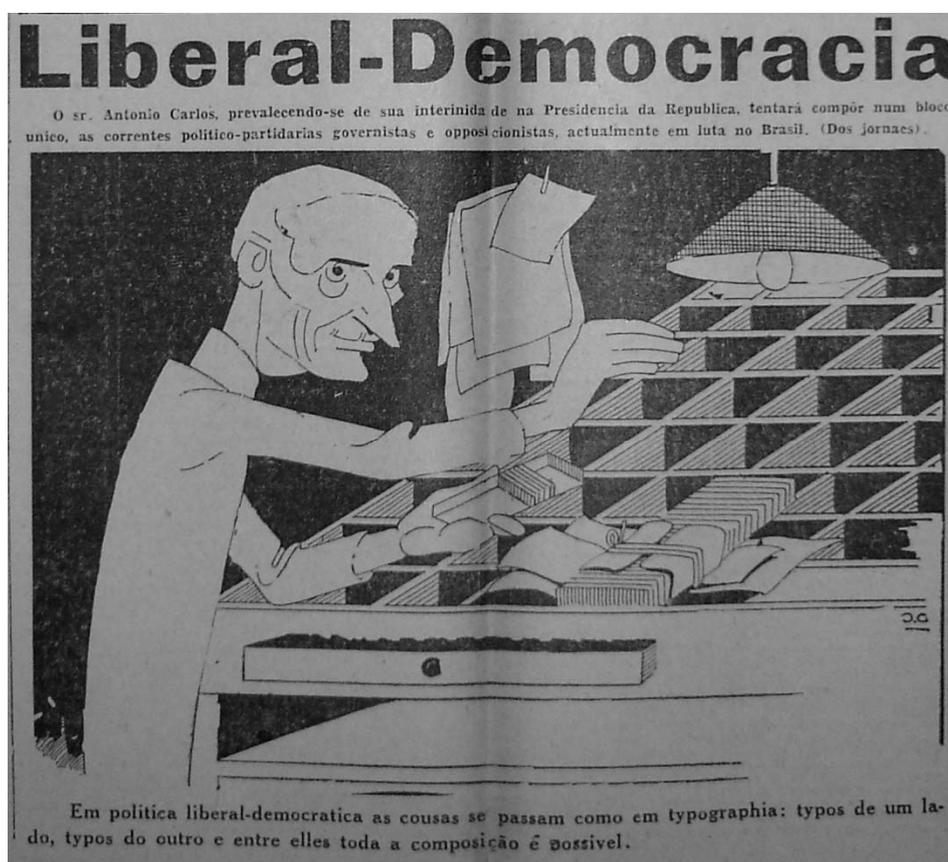
É a tragicomédia do voto. O voto é essa coisa que não vale nada, que não exprime nada. É o fruto dessa árvore decepada, que é o cidadão. A soma de todos os votos chama-se sufrágio universal. É a vontade soberana do povo. [...]. Desse povo que é tirano de si mesmo. Começa a grande comédia! A liberal-democracia é isso. Essa coisa ridícula. O voto é essa coisa que não vale nada, que nós integralistas desprezamos com asco. Desprezamos? Sim! E desprezamos tanto que vamos usar dele, para destruí-lo. Oh! Os integralistas irão às eleições. Para que? Para acabar com o voto. Para eleger homens que ergam a voz no parlamento a fim de propor que se acabem definitivamente com os votos, com as

⁵⁸¹ O voto. In: *A Offensiva*, nº 14, 16/8/1934, p. 1.

eleições e com os deputados, com os partidos e com a liberal-democracia.⁵⁸²

Estas duas citações do texto de Salgado demonstram como os integralistas utilizavam em seu discurso o sufrágio universal como uma ferramenta para criticar o liberalismo. Não obstante, apresentavam o seu nacionalismo como uma proposta viável – como uma reação das forças da nacionalidade – diante dos maléficos liberais que só tentariam explorar as fragilidades do povo brasileiro.

Para os integralistas, dentro da estrutura corrompida do liberalismo, os políticos, corruptos por natureza explorariam incessantemente a nação, fazendo conchavos e alianças.⁵⁸³



Esta charge é uma interessante caricatura de Antônio Carlos, mas que poderia ser a representação de qualquer político liberal-democrata: compondo alianças entre inimigos ou aliados, o que interessaria para os liberais, de acordo com os “camisas-

⁵⁸² Ibidem.

⁵⁸³ Imagem retirada de: *A Offensiva*, nº 54, 25/5/1935, p. 1.

verdes”, era a conquista do poder e a satisfação dos interesses individuais. Assim, os pobres ficariam mais pobres e os burgueses mais ricos, como na figura abaixo:⁵⁸⁴



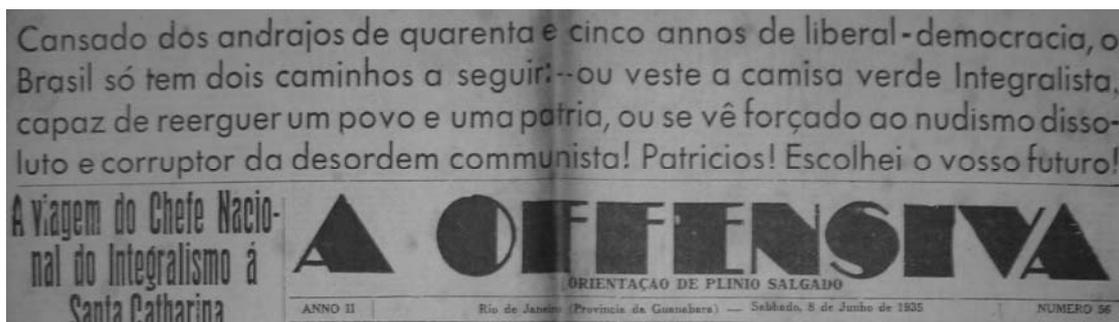
Outro ponto de crítica ao sistema liberal era a questão das desigualdades sociais. Uma “tecla” seguidamente batida, até porque, dentro do discurso integralista, esta era uma das causas pelas quais o comunismo ganhava espaço, ao ter sua pregação de luta de classes valorizado pelos grupos menos abastados.

Com esta visão, muitas vezes pregavam que precisavam derrotar o liberalismo para impor uma barreira ao comunismo. Por outro lado, se não conseguissem, teriam de enfrentar solitários os inimigos “vermelhos”, porque os liberais jamais possuiriam a “coragem” dos “camisas-verdes” para enfrentar a “grande ameaça”.

Como se pode ver, era uma pregação muito bem construída: a partir dos supostos defeitos do liberalismo, apresentavam sua força. Diante destas fragilidades, colocavam o fato de o liberalismo abrir as portas para o comunismo, que era, aos olhos dos militantes, a ameaça mais temível. Assim, estabeleciam uma relação direta entre comunismo e liberalismo, como representantes máximos do materialismo e também “preparavam” o campo para a luta entre o comunismo e o integralismo, principal tema gerador que atraía militantes para o movimento.⁵⁸⁵

⁵⁸⁴ Imagem retirada de: *A Offensiva*, nº 1, 17/5/ 1934, p. 1.

⁵⁸⁵ De acordo com o estudo de Héglio Trindade, a principal causa de adesão ao movimento integralista devia-se principalmente ao anticomunismo. Em números absolutos (militantes de base e dirigentes), 65% dos “camisas-verdes” apontaram o “Anticomunismo” como causa de adesão, sendo seguido por



Desta forma, a liberal-democracia abria o caminho para a “verdadeira” batalha.

5.2.1.3.3. Comunismo no Brasil e no mundo⁵⁸⁶

O comunismo, através das páginas do jornal *A Offensiva*, é apresentado ao militante integralista como a principal ameaça enfrentada pela sociedade brasileira. A lógica da relação integralismo/comunismo é a de extremos, ou seja, seriam pólos opostos na luta do “bem” contra o “mal”. Integralismo e comunismo eram antíteses, e isto fica latente na grande incidência de textos contra o comunismo encontrados em nossos levantamentos quantitativos.

O comunismo é representado sob duas “vertentes”: a nacional, onde os comunistas brasileiros eram mostrados como fantoches nas mãos de forças externas e, na internacional, que discutiremos mais profundamente adiante. Seriam aqueles que orquestrariam a atividade subversiva no mundo a partir de Moscou.

Por esta razão, não é possível dissociar um do outro. Devido a este fato, trabalharemos estas duas variáveis no mesmo ponto, pois até mesmo as diferenças entre ambas as “vertentes” são harmônicas dentro do discurso. O que estamos querendo dizer: havia a diferenciação. E a questão nacional estará muitas vezes desligada da internacional, no entanto, no âmago elas são inseparáveis. Por quê?

“Simpatia pelos fascismo europeus” com 56%, “Nacionalismo” com 50%. Em quarto aparece “Oposição ao sistema político da época”, com 39%. Não está especificado que esta última causa seria o liberalismo ou ao Governo Provisório de Getúlio Vargas. O que chama a atenção nos dados coletados por Trindade, através de entrevistas semidiretivas, é o fato de o anticomunismo ser importante para 65% dos integralistas, superando inclusive a questão do nacionalismo, elemento central da ideologia do movimento. Ver: TRINDADE, op. cit. p. 161.

⁵⁸⁶ Como já apresentamos anteriormente, nossa dissertação de mestrado aborda especificamente a questão do anticomunismo integralista. Aconselhamos os leitores que quiserem informações mais específicas que as procurem no corpo deste texto.

Dentro da ideologia integralista havia a oposição entre o “sertão” e o “litoral”. O “sertão” era entendido como os valores nacionais e a defesa de um nacionalismo e um ideal autóctone de brasileiro (leia-se integralismo). Este se constituía como *corpus* a partir da construção de uma oposição ao “litoral”, ou seja, à influência externa, que colocaria em risco a sobrevivência do “coletivo”, designado pelos integralistas como um “nós” contra o “eles” (leia-se comunismo).

Não é ao acaso que o integralismo e o comunismo apareçam como as duas “UR’s” com maior incidência dentro de *A Offensiva*. Se observarmos com atenção, a diferença entre ambas é de apenas doze pontos percentuais (ver Tabela 1), o integralismo tendo 45% matérias com conteúdo e o comunismo com 33%. Acreditamos que isto seja um dado importante dentro de nossa hipótese de que o comunismo tinha um papel de antítese ao integralismo.

A escolha de um inimigo que abarcaria todos os vícios sociais, culturais, econômicos e políticos era uma ferramenta imprescindível aos objetivos do movimento. Isto permitia uma melhor mobilização e unificação de um discurso totalizante, no qual todos aqueles que não se enquadrassem estariam direta ou indiretamente servindo de elemento de dissolução dos valores sociais “sadios” pregados pelo movimento e apresentado a todos como a “síntese da nacionalidade”.

Em um artigo denominado “O perigo do comunismo”, Plínio Salgado apontava aos seus leitores que o “credo vermelho”, no Brasil, era uma ameaça iminente e movida pelas forças externas do bolchevismo internacional. De acordo com seu texto:

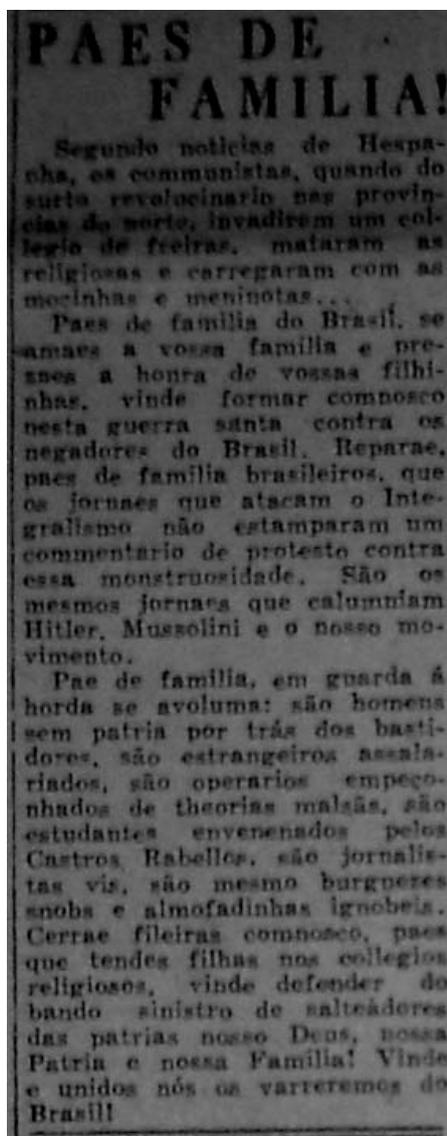
O comunismo já não é infelizmente entre nós uma ficção intelectual, entretida pelos que se dão ao estranho gosto de ler a literatura social inspirada no credo rubro de Moscou. Já passou desse período, tendo abandonado o terreno das vagas aspirações espirituais pelo de uma realidade que reclama a ação do Estado, dada a sua evidente gravidade. [...].

O comunismo no Brasil é obra de estrangeiros, alguns deles subsidiados pelo governo russo para fazerem a propaganda de seu credo, do mesmo modo que envenenam a atmosfera dos países que não sabem resistir a invasão indesejável. Ainda agora se viu que o dinheiro do comunismo foi largamente derramado na Espanha, para fomentar a desordem e criar uma situação indesejosa. [...].

A Nação Brasileira está – não devemos ocultá-la – sob ameaça de um perigo que lhe parece tanto maior quanto as autoridades incumbidas de julgá-la, a começar pelo presidente da República, não se mostram a altura de sua missão. [...]. O momento não é para devaneios. A luta

está aberta e deve ser encarada com decidida energia, da parte dos que não querem sucumbir na lama da dissolução e da ruína.⁵⁸⁷

Esta longa citação mostra que Salgado considerava ou apresentava o comunismo como uma ameaça iminente, um perigo que só poderia ser derrotado pela força. Implicitamente, aqui estava a abertura para o integralismo, sempre apresentado como um movimento “forte”, de disciplina e organização. Exatamente as qualidades que apregoavam ser necessárias para derrotar os comunistas, orquestrados por Moscou. Neste mesmo exemplar, havia uma interessante chamada, denominada “Paes de família!” – nela convocava os “chefes” das famílias a aderirem ao integralismo para proteger a nação e seus filhos da ameaça comunista.⁵⁸⁸



⁵⁸⁷ O perigo do comunismo. In: *A Offensiva*, nº 24, 25/10/1934, p. 1.

⁵⁸⁸ *A Offensiva*, nº 24, 25/10/1934, p. 3.

A matéria acima chama a atenção pela forma apelativa em que tentava mostrar ao leitor a necessidade de adesão ao movimento, caso contrário o mesmo caos que estaria afligindo outras partes do mundo ocorreria no país. Este tipo de texto colocava o integralismo como a única força capaz de deter o avanço comunista.

Este discurso possui uma carga extremante forte e de definição, principalmente se nos apercebermos que o anticomunismo era um tema de grande importância e que gerava um grande medo social. Como já citamos anteriormente este fator era uma das principais causas de adesão à AIB, e com isto notamos que este público potencial era contemplado com tal retórica.

Desta forma, os integralistas se colocavam perante a sociedade como o movimento político que não apenas combatia o comunismo, como era a sua antítese. Vale lembrar que dentro da pregação integralista o liberalismo era visto como semelhante ao comunismo em uma lógica materialista e, ao mesmo tempo, apresentado como fraco e incapaz de deter o avanço “vermelho”. Diante deste quadro de desesperança em que pairava a ameaça, os “camisas-verdes” se colocavam como a “luz” em oposição ao “caos”.

O Sr. Plínio Salgado, em seu recente livro [*A Quarta Humanidade*], aclara a mocidade e aos homens de amanhã, de uma maneira precisa, a finalidade do integralismo. Os seus ensinamentos doutrinários, a sua idéia de salvação do Brasil, evitando a acentuada “débâcle” que se avizinha, são os fatores por que o Integralismo se torna o novo baluarte que surge. Plínio Salgado em seu livro, não fala a diletantes, nem às massas incultas e nem a desequilibrados.

E os integralistas a “uma voce” consideram o comunismo uma aberração para o seu país, como aberrados são seus adeptos, desde Karl Marx, passando pelas hostes dos tarados, até o mais humilde operário que, iludido, espera a vitória do comunismo para que ele possa ocupar algum posto de honra a fim de dominar as classes intelectuais e a burguesia; que passará do operário ao patrão, quando, no entanto, ele passará de operário à escravo.⁵⁸⁹

Como pôde ser visualizado, o comunismo iria trazer apenas a destruição, enquanto o integralismo a representaria a defesa e a salvação. Era um discurso que tinha um forte apelo, e atraía aqueles que fossem temerários frente ao comunismo. As idéias contidas nos textos também trazem à tona uma iminente ofensiva externa e isto visava

⁵⁸⁹ Teorias em choque. In: *A Offensiva*, nº 34, 3/1/1935, p. 6.



A presença da imagem de Stalin em uma matéria era suficiente para vinculá-lo à URSS. Na chamada acima, aparece a referência a Moscou, à URSS e à figura de Stalin, sem nenhuma legenda em seu nome. Ou seja, Stalin é a representação da ação criminosa em todo o mundo pelos comunistas.

A corporificação do comunismo em um indivíduo era fundamental para a definição deste inimigo. Dava uma face que podia ser reconhecida facilmente pelos militantes do movimento como o “mal”, vinculado a ações escusas, vilania e outros problemas.



Desta forma, encontramos matérias em que junto ao título aparece a figura de Stalin, como é o caso de “O desmantelo dos transportes na Rússia”.⁵⁹¹ Neste exemplo, era apresentada ao leitor a desestruturação do sistema de transportes dentro da URSS liderada por Stalin. “Demonstrava” ao leitor que os administradores comunistas eram incapazes de governar, e a “prova” disto era o fato de que eles próprios sucateavam a estrutura interna de seu país para retirar vantagens em cima do sofrimento da população, algo que nem os liberais brasileiros ousavam fazer com o povo. É interessante notar que a figura de um Stalin estilizado é veiculada ao leitor como a face do materialismo comunista. Esta mesma matéria, iniciava com a seguinte frase: “a ditadura vermelha de Stalin”, e ao

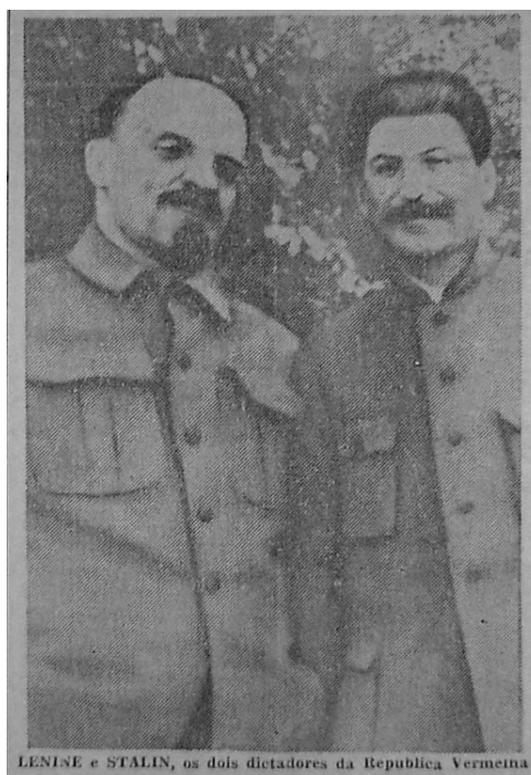
⁵⁹¹ A *Offensiva*, nº 59, 29/6/1935, p. 3.

longo do texto foi chamado de “Tzar Vermelho”. É interessante notar que seu nome sempre é colocado junto a termos que demonstram controle e poder, aquele que seria exercido por ele em sua tentativa de dominar o mundo.

Sendo assim, seguidamente encontramos suas imagens com legendas apresentando sua posição de poder:⁵⁹²



Além disso, era igualmente representado com sorriso nos lábios, demonstrando ironia.⁵⁹³



⁵⁹² A *Offensiva*, (esquerda para direita) nº 24, 25/10/1934; nº 27, 15/11/1934, p. 3 e nº 40, 14/2/1935, p. 3.

⁵⁹³ A *Offensiva*, nº 30, 6/12/1934, p. 3.

A figura de Stalin também era apresentada aos leitores através de charges. Como pode ser visto no exemplo abaixo:



Se observarmos com atenção, Stalin era apresentado como um líder degenerativo, que levava à destruição. Não teria a preocupação em construir e sim destruir os povos. Não defendia uma pátria e sim uma horda de assassinos internacionalistas. A contraposição nacional a ele seria Plínio Salgado, mostrado como um líder justo e nacionalista, que se sacrificaria pela Pátria e pelo povo brasileiro, sempre colocado como exemplo de austeridade, segurança e serenidade.⁵⁹⁴



⁵⁹⁴ *A Offensiva*, nº 1, 17/5/1934, p. 3. Ver a relação do culto ao líder nos jornais integralistas, inclusive em *A Offensiva* no terceiro capítulo desta tese.

Como pode ser visto, o choque entre os dois “extremos” ocorria em todas as esferas. No entanto, de acordo com *A Offensiva*, seria de Moscou que os comunistas brasileiros receberiam as ordens para agir, como marionetes sem pátria e com uma causa vil: a destruição dos valores sociais, morais e religiosos do povo brasileiro.⁵⁹⁵

A arena da “guerra” e o objeto de disputa entre comunismo e integralismo seria o Brasil. Como sempre, a dicotomia entre o “bem” e o “mal”. De um lado, estariam os valorosos “camisas-verdes”, liderados por Plínio Salgado, e do outro, uma horda de criminosos dominados e escravizados por Stalin. Isto fica evidente em um dos textos editoriais de Salgado, denominado “Nós e os escravos de Stalin”:

O comunismo vive como satélite de Moscou, recebendo a luz vermelha de diretivas internacionais, o Integralismo fulgura como um sol, projetando o seu clarão sobre o mundo contemporâneo.⁵⁹⁶

De acordo com o texto, o comunismo seria apenas uma ideologia vazia e sem expressão:

O comunismo não apresenta nenhuma originalidade; é o mesmo bolchevismo russo, a mesma social-democracia alemã, o mesmo socialismo francês, o mesmo trabalhismo inglês, o mesmo agrarismo, o mesmo sindicalismo revolucionário, tudo expressão da zurrapa marxista, da técnica soreieana, ou do evolucionismo darwiniano recebido em segunda mão.

No entanto, a sua ideologia seria diferente, algo que abarcaria toda uma nova concepção social:

O Integralismo é coisa nova, interessante, século XX, espírito da América, manifestação de um Novo Pensamento, a produzir uma Nova Sociedade, uma Nova Economia.

Percebe-se a oposição entre o século XIX e o XX, mantendo a lógica da luta entre o espiritualismo e o materialismo, que já discutimos amplamente neste trabalho. É

⁵⁹⁵ Retornaremos a discutir o comunismo internacional no ponto seguinte, quando analisaremos os fascismos. Tendo em vista isto, não aprofundamos agora esta questão, e utilizamos apenas a figura de Stalin, para abrir o caminho para a discussão do comunismo no Brasil. Ao mesmo tempo, apresentaremos alguns pontos mais recorrentes sobre a “questão” nacional deste inimigo, devido a sua própria característica de antítese do integralismo. Por esta razão, o comunismo no Brasil já foi amplamente discutido no segundo, terceiro, quarto e em parte do deste capítulo.

⁵⁹⁶ Nós e os escravos de Stalin. In: *A Offensiva*, nº 60, 6/7/1935, p. 1-2.

importante frisar que neste texto o autor destaca elementos fundamentais para a compreensão desta difusão ideológica dentro de *A Offensiva*.

O comunismo é uma cópia servil. O Integralismo é uma doutrina original.

O comunismo recebe palavras e ordens do Exterior. O Integralismo traça novas diretrizes aos povos.

Como pode ser visualizado a questão da originalidade da ideologia é fundamental e remonta à discussão feita no segundo capítulo deste trabalho, relativo à gestação da ideologia entre o “sertão” e o “litoral”, onde já se percebia este elemento de forma rudimentar, mas que é uma das bases da lógica de funcionamento do integralismo: o nacionalismo.

O comunismo é orientado por técnicos estrangeiros. O Integralismo é dirigido exclusivamente por brasileiros.

O comunismo no seu próprio ritual é um tributário do soviético russo: seu cumprimento é um punho fechado e um grito: “URSS”!

O Integralismo é profundamente autóctone: seu cumprimento é um braço erguido para o céu, como fazem os índios brasileiros, e o grito que parte de um “camisa-verde” é o “Anauê!” das tabas selvagens dos tupis americanos.

Além disso, havia o princípio da liderança:

O comunismo obedece a autoridade que não está no país; ainda agora os comunistas franceses declararam no parlamento que seu chefe é Stalin e outros que a sua pátria é a Rússia.

O Integralismo não obedece a estrangeiros; seu chefe é nacional e acima dele não há chefes internacionais.

A parte final da coluna conclui com a demarcação da identidade nacional do movimento, diante do internacionalismo comunista:

Brasileiros! É contra essa miséria moral que nós integralistas nos levantamos!

Brasileiros! Nós, integralistas, não temos que dar satisfações a estrangeiros! Não admitimos aqui palavras de ordem, nem de Stalin, nem de Hitler, nem de Mussolini, nem de Trotsky. Somos independentes. Somos dignos. Somos ativos. Somos livres. Esses que clamam pelas “liberdades democráticas” são míseros escravos.

Stalin não pensa neles. Eles é que devem pensar em Stalin!

A estrutura didática deste texto de Salgado é importante para a delimitação da área de atividade de cada ideologia. Integralismo = Nacional / Comunismo = Internacional. Tendo em vista que toda a pregação do movimento girava em torno do “sertão”, ou seja, de um nacionalismo exacerbado, o oposto a isto é o inimigo interno, mas que representa o “litoral”. Nota-se que todo o texto foi estruturado pela contraposição entre uma e outra, tendo sempre o defeito do comunismo aparecendo em primeiro lugar – como um exemplo negativo –, e as características do integralismo aparecendo como valor social.

O discurso segue o padrão da construção de uma nova sociedade dentro dos princípios ideológicos do movimento, transfigurados dentro das páginas do jornal como sendo síntese da nacionalidade em uma relação “Integralismo = Nacionalidade = Brasil”. E o mecanismo utilizado para a “demonstração” é a oposição ao comunismo.

Dentro do jornal, passam a apresentar não apenas a oposição direta em matérias que colocam ambos no mesmo texto, mas destacando as ações vis praticadas pelos comunistas. Estas sempre são apresentadas dentro da lógica da traição e dos crimes hediondos.

Um excelente exemplo disto ocorreu nas notícias relativas ao episódio conhecido como “A Batalha da Praça da Sé”, que foi o maior choque entre integralistas e antifascistas.



O recorte acima pode ser visto como uma síntese da construção discursiva. Traz vários elementos, como “traição”, “atentado”, “covardia” em contraposição à “coragem”, “sacrifício” e “defesa da nação” por parte dos integralistas. Além disto, a frase de que apenas os “camisas-verdes” defendiam a pátria contra as investidas comunistas.

Percebe-se que a partir de exemplos das “atividades criminosas” dos “vermelhos” os integralistas vão demonstrando sua força e resistência. Como pode ser visto nos dois exemplos abaixo:⁵⁹⁷



Estas notícias dos constantes conflitos entre integralistas e comunistas eram amplamente exploradas em *A Offensiva*. O motivo era mostrar ao leitor o fato de o movimento estar em intermitente confronto com este inimigo. Isto atingia aqueles militantes que aderiam à AIB pelo anticomunismo e os que eram sensíveis a este discurso.

Da mesma forma, transmitiam uma imagem de que a nação estava em um perigo e ameaça iminente e que a Ação Integralista era a única expressão da nacionalidade capaz de deter a “tempestade” que se aproximava.

Covardia, assassinatos e crimes hediondos eram citados como os métodos comunistas para a tomada do poder. Estas atividades sempre apareciam em destaque nas páginas do jornal. Como nos dois exemplos que mostraremos abaixo, em que fica patente esta afirmação.⁵⁹⁸

⁵⁹⁷ *A Offensiva*, nº 25, 1/11/1935, p. 1. (esquerda); nº 65, 10/8/1935, 1. (direita)

⁵⁹⁸ *A Offensiva*, nº 8, 5/8/1934, p. 2. (esquerda); nº 26, 8/11/1935, p. 2. (direita)

A covardia comunista

OS PROCESSOS de propaganda comunista fazem-se sempre por processos os mais covardes, às escuras e às escondidas. Crentes de que em plena luz serão desmascarados e de que abertamente não lhes faltarão opositores, os agentes que já não são mais de Moscou preferem agir à noite, nos seus covardes apedrejamentos das sedes das embaixadas dos países amigos.

O que ha dias aconteceu em plena praia de Botafogo, atacando-se a latas de pixe o edificio de residencia do embaixador japonês, é bem um exemplo dessa torpe manifestação de desagrado em que são useiros os nossos comunistas. Aproveitando-se do desidiado policiamento daquelle local e servindo-se de um automovel para realizar a sua fuga vergonhosa, esses aggressores de fancaria deram uma boa mostra da indignidade dos seus methodos.

Estamos acreditando, entretanto, que á vista da unanime reprobção que laes actos geralmente provocam, terá sido essa a ultima vez em que um delles entre nós acontece, a policia carioca devendo ter tomado sérias providencias para evitar a sua repetição.

A covardia comunista

A DESORDEM que lavra nos arraiaes comunistas, alliada á extraordinaria covardia dos seus processos partidarios, acaba de dar uma significativa amostra do seu grão de selvageria, com o assassinato de um extremista pelos seus proprios companheiros de credo, facto que está impressionando profundamente a opinião publica do capital do país.

Apesar da exploração que em torno do caso se procura estabelecer, culpando-se a policia que comprovadamente nenhum interesse tinha na supressão do agitador Tobias, bem nitida se torna cada dia a culpabilidade dos proprios companheiros do rapaz comunista, ou de outras pessoas ligadas á Juventude Comunista de que elle fazia parte.

Desta fórma, conhecendo-se perfeitamente esse caminho por que se pode attingir o esclarecimento do barbaro assassinato, é de se esperar que as investigações policiaes se dirijam naquelles sentido qu é o mais logico, desprezando-se completamente os desvios que lhe querem imprimir elementos nisto decerto interessados.

Acreditamos não haver necessidade de analisar estas fontes, nosso objetivo era apenas apresentar os exemplos para que pudessem ser visualizados, a fim de demonstrar como as “atividades” comunistas eram mostradas nas páginas de *A Offensiva*.

Outro ponto de oposição amplamente explorado foi a Aliança Nacional Libertadora, liderada por Luis Carlos Prestes. Mesmo que tenha tido um período de poucos meses de existência legal, a ANL surgia aos olhos dos “camisas-verdes” como um movimento político em disputa pelo poder.

«Empreguem o nome de Prestes, pôde ser que Lampeão também adhira» (Da carta de um membro da Acção Nacional Libertadora a um seu parceiro em Pernambuco)

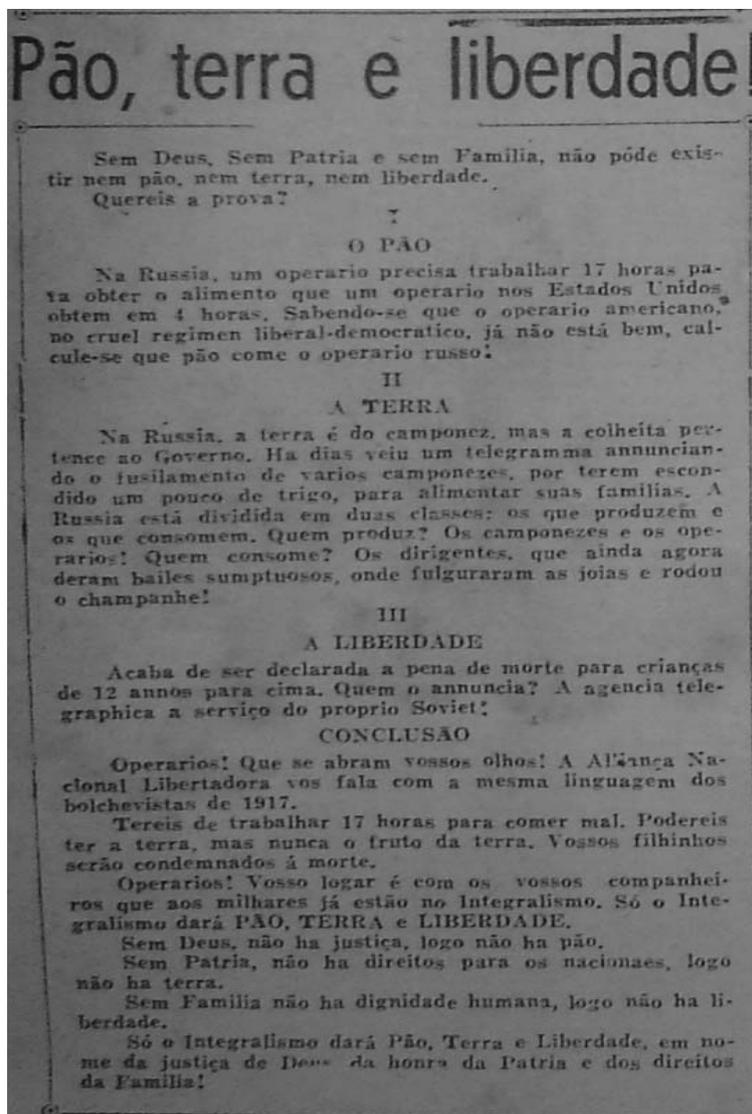
Chefes alliancistas desmascaram, por documentos particulares, a actividade communista da Alliança N. Libertadora!

Duas cartas
eloquentes apprehendidas no
alto sertão pernambucano

A OFFENSIVA
ORIENTAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO

ANNO II | Rio de Janeiro (Provincia da Guanabara) — Sabbado, 29 de Junho de 1935 | NUMERO 59

A ANL era a personificação da oposição entre integralismo e comunismo. Se em um lado vigorava o tema “Deus, Pátria e Família”, do outro havia “Pão, Terra e Liberdade”:⁵⁹⁹



Ou seja, de acordo com este quadro, não haveria escolha aos brasileiros entre os valores integralistas e os aliancistas (comunistas). Somente um traria a “verdadeira liberdade” e o outro a escravidão.

A ANL era “exposta” como uma expressão da URSS no Brasil, uma organização a soldo de Moscou para dominar o país. O artigo “Criminosos contra a Pátria” coloca os críticos do integralismo como cientes das ações da ANL e, como tal, em conluio com as suas ações:

⁵⁹⁹ A *Offensiva*, nº 54, 25/5/1935, p. 1.

Eles sabem que agora o comunismo estrutura-se com os elementos de todas as esquerdas. Sabem que a Aliança Nacional Libertadora é um amontoado de ateus, de inimigos da tradicional organização da família brasileira, dirigidos pelo comunismo russo. [...]. Eles sabem que as igrejas serão incendiadas. Sabem que os lares serão conspurcados. Sabem que a liberdade será suprimida pelos comunistas. Sabem que se preparam dias sombrios para o Brasil. Sabem que só o Integralismo se levanta como uma força capaz de opor barreiras à destruição da Pátria.⁶⁰⁰

Com a ANL, a oposição entre integralismo e comunismo se acirra, a partir da “comprovação” da existência de uma organização “vermelha” com força e mobilização social. O choque se estabelece principalmente em torno da Lei de Segurança Nacional, na qual as duas organizações passam por processos que colocavam em risco a existência legal de ambas.

Isto gera, por parte da AIB, um acirramento do anticomunismo, tentando comprovar que o seu movimento é uma expressão da nacionalidade enquanto a ANL uma organização manipulada pelo exterior.⁶⁰¹

Em resumo, o comunismo surgia em todos os aspectos como a grande antítese do integralismo, desde os princípios doutrinários, perpassando a ideologia, estrutura e organização política e social. A grande expressão do anticomunismo no jornal *A Offensiva* representava a própria forma como o integralismo era definido: através da construção de uma identidade política.

Abaixo discutiremos os movimentos fascistas e como eram mostrados aos leitores do jornal, assim como o seu papel dentro da estrutura “espiritualista” em oposição ao “materialismo”.

5.2.1.3.4. Fascismos

Os movimentos fascistas eram exibidos através das páginas do periódico como aliados “espiritualistas” na luta contra o “materialismo”. Havíamos discutido no capítulo anterior que Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale tinham posicionamentos diferentes em seus livros em relação ao fascismo. No entanto, em *A Offensiva* – e praticamente em todos os demais periódicos a que tivemos acesso –

⁶⁰⁰ *A Offensiva*, nº 18/5/1935, p. 1.

⁶⁰¹ Não ampliaremos a discussão sobre a ANL e a LSN, pois já foi abordada no terceiro capítulo desta tese.

prevalece o ponto de vista do “Chefe Nacional”, onde os movimentos fascistas seriam expressões da nacionalidade de cada país. Por conseqüência, cada grupo manteria a sua identidade local e seriam movimentos independentes, mesmo que fossem apresentados como “fascistas”.

Plínio Salgado, em sua coluna, nas raras vezes em que cita o fascismo italiano ou o hitlerismo, busca demonstrar que o integralismo é algo diferente e que é um movimento nacional sem influências externas. A idéia era passar uma imagem de que a Ação Integralistas Brasileira, diferente do comunismo, seria nacional e não sofreria influências de fora. Era nacionalista e não se “curvava” a pressões do “litoral”. Por esta razão, inter-relações diretas entre o integralismo e os demais movimentos fascistas são exceções, se contabilizarmos o conjunto geral de matérias publicadas em *A Offensiva*.

A posição dos fascismos dentro do jornal tinha uma área “geográfica” definida, pois parte considerável das matérias ficava restrita à terceira página, na seção “Momento Internacional”. Nesta parte, “demonstrava-se” ao leitor que a luta travada no país contra o comunismo era a mesma que ocorria em outras partes do mundo. Uma guerra desesperada para defender a civilização ocidental do “caos vermelho”.

A grande “frente espiritualista” contra o “materialismo” seria mantida através da luta nacionalista em cada país. Diferentemente do comunismo, cuja ação seria coordenada por Moscou, os fascismos seriam guiados apenas pelas próprias nações, mesmo que houvesse a necessidade de ocorrerem alianças nesta luta em defesa do ocidente.⁶⁰²



⁶⁰² *A Offensiva*, nº 63, 27/7/1935, p. 1.

Através das páginas de *A Offensiva*, os leitores visualizavam o crescimento e desenvolvimento dos movimentos fascistas no mundo como uma reação à ameaça comunista que visava a dominar o mundo ocidental. Era apresentado em uma lógica “cruzadística” do ocidente contra o oriente. Naquilo que se refere à questão internacional, a relação “sertão *versus* litoral” é substituída pelo “ocidente *versus* oriente”.

O ocidente seriam os valores morais e religiosos das sociedades cristãs do mundo ocidental e o oriente a desestruturação destes valores pelo materialismo desagregador do comunismo (e em menor grau do liberalismo). Mais uma vez, encontramos uma relação de dicotomia entre o “bem” e o “mal” em uma luta de morte.

Aqui o discurso prega que a luta não seria apenas de uma nação, mas de todas as nações contra a sua própria destruição frente ao “caos”. Dentro desta visão o integralismo seria um movimento entre tantos outros que lutava contra a ameaça oriental.

Com esta “leitura” sendo amplamente disseminada em *A Offensiva* (e demais jornais), o ponto de vista de Plínio Salgado de que o integralismo não era fascismo (em oposição a Barroso e Reale), acabou sendo universalizado através da imprensa. Desta forma, ao militante era transmitido que havia elementos em comum entre o integralismo e os demais movimentos fascistas, devido à própria estrutura de tais grupos possuírem uma origem nacionalista semelhante e terem como justificativa de existência a defesa da civilização ocidental frente ao comunismo.

Tanto a Itália quanto a Alemanha haviam sido os primeiros movimentos que tomaram o poder e eram exemplos a serem seguidos. De acordo com o jornal, ambos os países eram liderados por indivíduos de grande valor moral e coragem de ação, em uma lógica muito semelhante à veiculação da imagem de Salgado, como “Chefe Nacional”.

Na Itália, local onde o fascismo tinha sido iniciado, Mussolini era apresentado como um grande reformador. Uma liderança forte e com a visão de futuro, que seria indispensável para a construção de uma “nova consciência”.

Percebe-se que as imagens sempre buscam mostrar Mussolini em uma postura de austeridade, muito diferente da forma como a imagem de Stalin era veiculada. Não há sorrisos, não há um olhar sarcástico. Sempre com um semblante de seriedade. Observa-se, neste momento, como as lideranças eram representadas dentro de A

Offensiva, inclusive o caráter de oposição se, compararmos na forma de como as lideranças comunistas eram mostradas.

Como podemos visualizar nos exemplos abaixo:⁶⁰³



O mesmo fenômeno acontece com Adolf Hitler:⁶⁰⁴



⁶⁰³ A *Offensiva*, nº 10, 19/7/1934, p. 3 (esquerda); nº 23, 18/10/1934, p. 3. (direita).

⁶⁰⁴ A *Offensiva*, nº 36, 17/1/1935, p. 3(esquerda); nº 8, 5/7/1934, p. 3. (direita).

Hitler e Mussolini eram apresentados como grandes líderes que, haviam lutado para consolidar o fascismo em seus países, derrubando a velha estrutura liberal e afugentando o comunismo internacional. No entanto, a luta para a “libertação” das nações diante da “enchente vermelha” do oriente estava longe de ser vencida.

De acordo com o jornal, surgiam dentro dos países vários movimentos nacionalistas que lutavam para chegar ao poder e derrotar esta “ameaça”. Esta área internacional de *A Offensiva* vai veicular incessantemente a expansão de tais movimentos e governos fortes. Como é o caso dos “francistas”, liderados por Henry Coston, e o movimento “Cruz de Fogo” na França:⁶⁰⁵



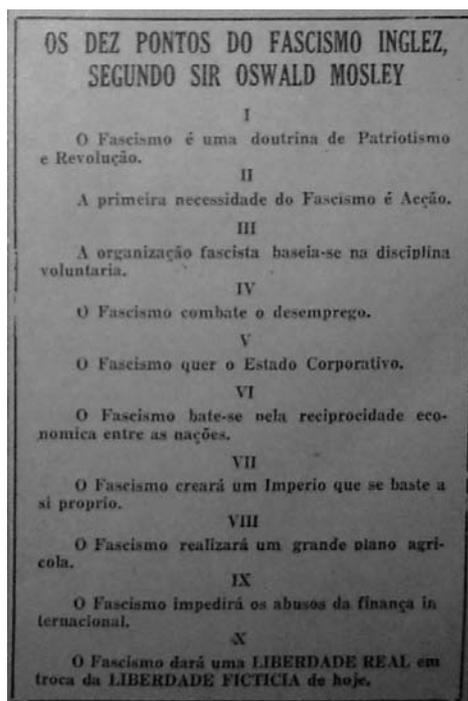
Outro exemplo que ganhou bastante espaço foram os camisas pretas, liderados por Oswald Mosley, na Inglaterra. Havia não apenas notícias de suas atividades e discursos do seu líder, como também seus pontos doutrinários eram veiculados na seção “Momento Internacional”. Abaixo seguem dois exemplos de como os “camisas-pretas” eram mostrados:⁶⁰⁶

⁶⁰⁵ *A Offensiva*, nº 14, 16/8/1934, p. 3. (esquerda); nº 66, 17/8/1935, p. 3. (direita)

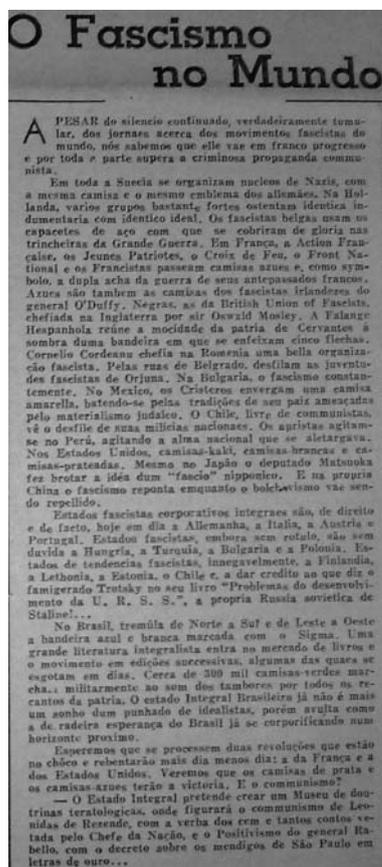
⁶⁰⁶ *A Offensiva*, nº 11, 26/7/1934, p. 3. (esquerda); nº 5, 14/6/1934, p. 3.



Sir Oswald Mosley falando aos Camisax-Pretas de Londres



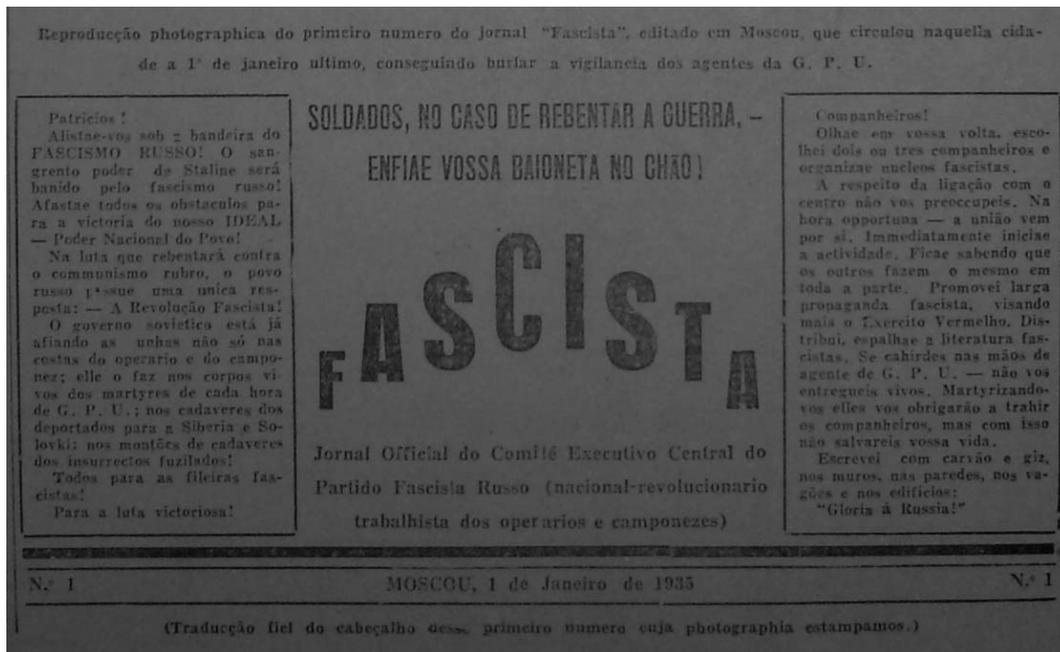
Os exemplos não apenas ficavam restritos a estes dois países, mas em todas as partes do mundo, desde o continente americano, como na Argentina, nos Estados Unidos, no México e no Uruguai, passando pela Ásia, com o Japão e, principalmente, pela Europa, onde encontraremos referência a praticamente todos os países do oeste até o leste.⁶⁰⁷



⁶⁰⁷ A *Offensiva*, nº 30, 6/12/1934, p 3.

É interessante, neste texto, atentar para a forma de construção, pois o discurso do jornal sempre colocava o integralismo como um movimento independente e nacional. No entanto, em alguns momentos, na seção internacional, ele era colocado no bojo dos demais movimentos fascistas, para mostrar que a AIB estava inserida na luta internacional contra o comunismo.

Ao leitor transmitia-se a impressão de que a força do fascismo era tão grande, enquanto reação nacional contra o materialismo, que dentro da própria Rússia, centro do comunismo internacional, ele vinha crescendo:⁶⁰⁸



⁶⁰⁸ A *Offensiva*, nº 42, 28/2/1935, p. 3.

A oposição entre comunismo e os movimentos fascistas servia aos interesses do movimento integralista, ao inseri-lo dentro de uma grande frente nacionalista e cristã, em oposição ao internacionalismo soviético. Da mesma forma, permitia aos integralistas manter um discurso de independência diante do fascismo europeu e rebater os críticos que enquadravam a AIB como uma cópia tupiniquim desses grupos externos.

Este discurso tinha a vantagem de manter o integralismo “independente” enquanto ideologia e, da mesma forma, atrair militantes simpatizantes de tais movimentos para as fileiras dos “camisas-verdes”, além, é claro, de satisfazer os indivíduos que aderiam ao movimento pelo seu caráter anticomunista.

A partir disto, podemos aferir que havia uma íntima relação entre o integralismo e o fascismo devido à sua oposição ao comunismo e, também, como elemento fundamental para constituir a identidade geral do movimento, em termos globais: internamente era apresentado como a primeira linha de defesa da nacionalidade, externamente era um dos grupos nacionalistas em guarda contra o materialismo comunista.

Nos dois casos, o comunismo tinha um papel fundamental de aglutinador ou de inimigo primordial. Ele mantinha a mesma lógica de antítese que tinha em relação ao integralismo, com os diversos movimentos fascistas espalhados pelo mundo.

5.2.1.3.4. Liberalismo Internacional

Por fim, em escala de inimizade, o liberalismo internacional era o inimigo de menor intensidade, semelhante ao caso nacional. Era visto como decadente e fadado ao fracasso diante da ascensão do fascismo no mundo. Era vinculado a um pensamento retrógrado do século XIX e marcado por uma visão de exploração dos povos através do domínio militar e econômico. Era representado principalmente pela Inglaterra em um primeiro plano:



Através das páginas de *A Offensiva*, este liberalismo, tido como fraco, não teria condições de superar a força ascendente dos movimentos fascistas. A derrota da liberal-democracia era vista como iminente. No entanto, semelhante ao “caso brasileiro”, devido às suas contradições intrínsecas, abriria espaço ao avanço comunista.

É de esta forma que o liberalismo internacional é retratado nas páginas do jornal, como um instrumento utilizado por Moscou para os seus planos vis, como pode ser visualizado na chamada de capa de um dos exemplares do jornal:

Conferencias culturais
A Secretaria Nacional de Propaganda da A. I. B. dará início sabbado proximo a um programma de diffusão de cultura

emseguida na realisação de seu programma cultural. A Associação Integralista Brasileira, pela sua Secretaria Nacional de Propaganda, iniciará sabbado proximo, na sala nobre de sua sede central, ás 8 horas da noite, uma serie de conferencias de caracter scientifico, artistico e literario, sendo sempre tentada de tratar sobre aspectos da cultura brasileira. Tais conferencias terão caracter predominantemente illustrativo e tendo de qualquer aspecto de propaganda partidaria.

Para a primeira conferencia o escolhido como brasileiro, professor Vital Brasil, fundador do Integralismo, e actual director do Instituto Vital Brasil, o qual dissertará sobre o thema "O problema da epistémica do Brasil".

No proximo numero dar-se-á ao nome das demais conferencias organizadas pela A. I. B., para o periodo em-previamente.

A seguir, a tribuna de conferencias será occupada pelo eminente professor Antonio Carlos Pereira, representante do Brasil, e Arthur Torres Filho, Agente Técnico S. L. L. e outros, igualmente representantes da nossa cultura.

A OFFENSIVA

ORIENTAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO

ANNO II | Rio de Janeiro (Província da Guanabara) — Sabbado, 3 de Agosto de 1935 | NUMERO 64

Excursão pelo Chefe Nacional ao Sul de Minas

Realizou-se, com grande esplendor, em Itajubá, o 1º Congresso Integralista Sul Mineiro, em que se fizeram representar os varios municipios da região — O Chefe Nacional concede o titulo de "Cidades Integralistas" a Itajubá, Santa Rita e Pedra Branca

Itajubá, 2 de Agosto — De Itajubá, onde se realizou o 1º Congresso Integralista Sul Mineiro, o Chefe Nacional do Integralismo Brasileiro, Sr. Plínio Salgado, acompanhado de uma delegação de membros do partido, viajou para Santa Rita e Pedra Branca, onde se realizou o 2º Congresso Integralista Sul Mineiro, em que se fizeram representar os varios municipios da região — O Chefe Nacional concede o titulo de "Cidades Integralistas" a Santa Rita e Pedra Branca.

Itajubá, 2 de Agosto — De Itajubá, onde se realizou o 1º Congresso Integralista Sul Mineiro, o Chefe Nacional do Integralismo Brasileiro, Sr. Plínio Salgado, acompanhado de uma delegação de membros do partido, viajou para Santa Rita e Pedra Branca, onde se realizou o 2º Congresso Integralista Sul Mineiro, em que se fizeram representar os varios municipios da região — O Chefe Nacional concede o titulo de "Cidades Integralistas" a Santa Rita e Pedra Branca.

Itajubá, 2 de Agosto — De Itajubá, onde se realizou o 1º Congresso Integralista Sul Mineiro, o Chefe Nacional do Integralismo Brasileiro, Sr. Plínio Salgado, acompanhado de uma delegação de membros do partido, viajou para Santa Rita e Pedra Branca, onde se realizou o 2º Congresso Integralista Sul Mineiro, em que se fizeram representar os varios municipios da região — O Chefe Nacional concede o titulo de "Cidades Integralistas" a Santa Rita e Pedra Branca.

Nas vespersas do 7.º Congresso Internacional Comunista, O "Pravda" jornal dos soviets, adianta que os partidos comunistas do mundo inteiro receberão ordem de defender, apoiar e sustentar a LIBERAL DEMOCRACIA por ser este regimen o clima propicio ás doutrinas desnacionalisantes

Deste modo, mesmo estando decadente, o liberalismo abriria as portas para o comunismo internacional, pois utilizaria as estruturas liberais e as incongruências do sistema, como o sufrágio universal e a fragilidade do Estado, para o seu próprio proveito. Assim, o comunismo teria uma relação simbiótica com o liberalismo e cresceria dentro dele, como se pode conferir nas caricaturas abaixo:⁶⁰⁹



Com isto, os comunistas utilizariam as forças da liberal-democracia para manter seu projeto de dominação mundial e guerra contra os movimentos nacionalistas.⁶¹⁰



⁶⁰⁹ A *Offensiva*, nº 60, 6/7/1935, p. 3. (direita); nº 61, 13/7/1935, p. 1. (esquerda).

⁶¹⁰ A *Offensiva*, nº 58, 22/6/1935, p. 1 (acima) e p. 3. (abaixo)



O liberalismo e o comunismo seriam ameaças aos países ocidentais, pois ambos levariam – direta ou indiretamente – à dissolução das sociedades e das nações e, por conseqüência, da civilização ocidental como um todo. Automaticamente, todas as ações contra estas duas “ideologias irmãs” do materialismo eram justificadas como necessárias para a sobrevivência dos povos. Ao atacar o liberalismo, estariam enfraquecendo o comunismo.

Ao mesmo tempo, observando os países apresentados como expressões do liberalismo ou liberais, eram os mesmos que serviam de base para o crescimento dos movimentos fascistas. Assim, transmitiam a imagem de que a decadência do liberalismo gerava a necessidade da “ação regeneradora” dos grupos nacionalistas (leia-se: fascistas) nestes países, para evitar a dominação mundial pelo comunismo.

Se observarmos com atenção todos os “temas geradores”, escolhidos como Unidades de Registro, na primeira etapa da Análise de Conteúdo, veremos que são interligados entre si e possuem uma relação de interdependência. Esta, por sua vez, gira em torno do integralismo, como elemento central de todo o discurso, sendo o comunismo, os fascismos e o liberalismo instrumentos para a definição da ideologia política da Ação Integralista.

Em outras palavras, para a construção da sua própria ideologia, os integralistas valeram-se da contraposição dos seus valores com os dos seus inimigos e aliados, criando uma identidade própria. Com isto, podiam atacar e defender-se de críticas através das supostas contradições de seus adversários.

Além do mais, podiam, de acordo com esta construção, acusar qualquer grupo ou movimento inimigo enquadrando-o como “materialista” e justificando a sua atuação como dentro dos “valores nacionais” do povo brasileiro. Neste caso, leia-se integralismo, pois outra face da sua estrutura ideológica é a identificação dos princípios do movimento, como sendo os mesmos do povo brasileiro. Desta forma, podiam difundir a sua pregação como aquela que fosse a expressão do Brasil e defensores dos valores morais, sociais, culturais e religiosos do povo.

Outra questão interessante que pôde ser visualizada a partir da aplicação da metodologia de Análise de Conteúdo é o fato de os “temas geradores” representarem a lógica de funcionamento do jornal. Através deles, se estabelecia uma norma editorial dentro de *A Offensiva* para a difusão e doutrinação através dos princípios do movimento, e os assuntos conjunturais do dia-a-dia iam se enquadrando dentro das UR's. Ou seja, direta ou indiretamente (“conteúdo” e “referências”), praticamente todos os temas abordados no jornal seguiam a linha editorial de construção da identidade ideológica.

Por esta mesma razão, ao analisar a imprensa integralista, fica ao pesquisador uma sensação de constante *dèja vu*, pois a doutrinação do militante perpassava a constante repetição dos mesmos pontos básicos, apenas com uma “roupagem conjuntural” diferente. E isto não é um fenômeno restrito à *A Offensiva*, pois percebemos o mesmo tipo de linha editorial em todos os jornais a que tivemos acesso e utilizamos no terceiro capítulo desta tese.

Acreditamos, salvo algumas exceções, que toda a imprensa do movimento integralista seguia *A Offensiva* como um exemplo e, por sua vez, mantinha uma estrutura de difusão ideológica semelhante. Logicamente, as questões locais influíam na produção destas folhas, o que fazia com que as notícias e matérias pudessem ser diversas, contudo, o tema geral permanecia o mesmo: a relação de constituição identitária da oposição entre “materialismo” (comunismo e liberalismo) e “espiritualismo” (integralismo e demais movimentos fascistas).

Com isto, os integralistas garantiam que a ideologia fosse transmitida com certa uniformidade, o que era fundamental à construção de um movimento político

nacionalmente organizado em um país que não tinha uma identidade coletiva entre os diversos Estados que compunham a União. E, foi a partir desta imprensa que o integralismo conseguiu realizar o seu projeto de movimento político com a grande repercussão social que obteve.

Apontamentos Finais

Apontamentos finais

I

Ao concluir este estudo sobre a imprensa integralista, é difícil entender como a principal rede de imprensa político-partidária que existiu no Brasil nunca tenha sido estudada antes da realização desta pesquisa. Se olharmos com a devida atenção, perceberemos que nenhum grupo, movimento ou partido político além da AIB constituiu uma rede com tantos periódicos e muito menos que tivesse uma preocupação tão grande em difundir sua ideologia através da imprensa. Também não houve nenhum outro que depositasse tanta importância a ponto de propor uma vinculação entre imprensa e Estado.

Ou seja, os integralistas colocaram tal ênfase na imprensa enquanto instrumento ideológico que esta se tornou uma das principais interfaces do movimento com a sociedade. Não entrando no juízo de valores entre o “certo” e o “errado”, acreditamos que a escolha feita pelo movimento em colocar a imprensa em destaque dentro de sua estrutura doutrinária e utilizá-la em larga escala tenha atingido o objetivo de conquistar “corações e mentes”. O resultado foi o grande número de filiados, que foi proporcional ao número de jornais criados pela AIB.

II

Distribuindo os dados obtidos em nossa pesquisa no papel, chegaremos à conclusão de que os integralistas constituíram a maior organização de imprensa político-partidária da História do Brasil. E isto é algo extremamente significativo, pois a Ação Integralista Brasileira foi o primeiro movimento de massas a ter uma organização nacional e, observando com atenção, foi apenas devido à imprensa que este fenômeno ocorreu.

Até então, todos os movimentos e partidos políticos tinham sua atuação apenas regional ou local, e a AIB foi a precursora de uma concepção nacional de organização política. Por sua vez, só conseguiu atingir esta expressão pela utilização radical da imprensa como arma política. Não esqueçamos que o movimento atingiu um número de filiados superior a quinhentos mil, fato inédito num período em que as condições de mobilização social eram extremamente precárias, devido às péssimas estruturas de

comunicação da época. A rede de imprensa constituída pela AIB tornou-se a grande responsável por permitir a superação destes obstáculos e foi a partir da palavra impressa em jornais e revistas que o primeiro movimento político a ter uma organização nacional se expandiu.

III

A imprensa periódica era o principal meio de comunicação na década de 1930. Na época, o Brasil tinha poucas condições de ligação entre uma região e outra: as estradas eram péssimas e a frota de automóveis e caminhões não tinha um grande número; as ferrovias não atingiam todas as regiões; o sistema fluviário igualmente era deficitário devido à tecnologia atrasada, à extensão territorial e à uma frota limitada; os telefones eram um objeto de luxo, e poucos tinham acesso.

No entanto, através da produção de jornais e revistas, os integralistas mantiveram uma relativa uniformidade ideológica. Este fato por si mesmo é algo notável, tendo em vista as grandes diferenças existentes entre os Estados que compunham a federação. A variação era tão grande do ponto de vista étnico, cultural, social, econômico e político que podia ser surpreendente que estavam sob uma única bandeira.

Olhando por este viés, é mais surpreendente ainda o fato de um discurso nacionalista ter atingido tantos “corações e mentes” em todo o território brasileiro. Acreditamos que nossa hipótese de trabalho de que a imprensa tenha sido um dos elementos fundamentais para o crescimento do movimento tenha se comprovado. Observando a relação entre o crescimento de núcleos, filiados e a fundação de jornais, veremos que havia uma ligação direta entre eles.

Além disto, não era aleatório o fato de que uma das primeiras atitudes de cada chefia provincial (regional) era fundar um jornal para começar a difundir as idéias para a sociedade. E isto foi um fator fundamental para a expansão. Entretanto, não estamos renegando as outras formas, como a pregação nos núcleos, a cooptação pessoal nas ruas, a panfletagem etc. Contudo, acreditamos, pelos dados encontrados, que a imprensa era um dos principais meios de divulgação do movimento e aquele que potencialmente atingia o maior número de pessoas.

IV

A rede de jornais montada pelos integralistas tinha uma característica fundamental: uma concepção de imprensa preconizada por Plínio Salgado. Esta, por sua vez, foi sendo desenvolvida ao longo da década de 1920, e refletia uma conjunção de fatores da vida do futuro líder supremo da AIB.

Em realidade, podemos colocar em destaque três elementos centrais. O primeiro foi a atuação de Salgado no movimento literário conhecido como Modernismo. Desde o princípio, esteve atuando como figura de destaque no mesmo, onde foi se moldando uma visão nacionalista e ufanista. O segundo, como jornalista e membro do jornal *Correio Paulistano*, órgão oficial do Partido Republicano Paulista, pôde perceber a força que a imprensa tinha para conquistar “corações e mentes”, e que uma idéia intruduzida pelo consenso tinha muito mais força que o medo gerado pela coerção.

Por fim, sua frustrada atuação como deputado pelo PRP marcou sua aversão ao liberalismo oligárquico e, a partir disto, de que este sistema deveria ser suplantado e o nacional deveria ser valorizado diante do regional, e não ao contrário, como ocorria.

A partir da virada para a década de 1930, Salgado descobre o fascismo e funda o jornal *A Razão*. Com este periódico, inicia sua pregação política, ao mesmo tempo em que começa a estruturar uma ideologia nacionalista e influenciada pelos movimentos europeus. Dentro da coluna editorial “Nota Política”, concebe os pontos básicos daquilo que viria a se tornar integralismo. Também utilizando os adeptos que conseguiu através de *A Razão*, fundou a Sociedade de Estudos Políticos e, conseqüentemente, a AIB.

Desta forma, o movimento integralista, surgido através de um jornal, passou a organizar uma rede de jornais objetivando expandir sua ideologia através da imprensa.

V

A partir da experiência de *A Razão*, Plínio Salgado passou a reproduzir esta idéia e o resultado foi uma grande rede de jornais que atingiam todo o território nacional, não apenas as capitais, mas também as regiões interioranas. O objetivo era simples: levar a ideologia para o maior número de pessoas, e, com isto, buscar sua adesão no movimento. Para este intento, organizou os jornais em três esferas: nacional, regional e nuclear.

Além disto, havia uma relação direta entre a criação dos núcleos, o crescimento de militantes e a fundação de jornais. Praticamente uma das primeiras atitudes de cada núcleo regional era fundar um jornal, o que, na maioria dos casos, ocorria no espaço de um mês depois da criação da “Chefia Provincial”. E esta levava à criação dos núcleos, e por conseqüência, à organização de novas folhas e ao crescimento do número de filiados. De tal forma que fica difícil dissociar a expansão física do movimento integralista da criação de jornais. Isto levou a um total de cento e trinta e oito jornais no espaço de cinco anos.

Valendo-se destes jornais, passou a expandir radicalmente a ideologia integralista, de forma jamais vista na História do Brasil. Nenhum outro grupo ou movimento antes dele havia utilizado a imprensa de forma parecida.

Com isto, difundiam os princípios básicos do integralismo: O nacionalismo exacerbado; o culto ao líder Plínio Salgado; o “Estado Integral” (Corporativo); a influência religiosa; etc.

Todos estes pontos engendravam-se através de uma concepção que Salgado desenvolveu ainda no “pré-integralismo”, dentro do jornal *A Razão*, que era a oposição entre “Materialismo *versus* Espiritualismo”. Esta surgia como uma relação identitária que servia para definir o integralismo através da construção da *identidade política* com uma contraposição dos valores sociais do integralismo com os de seus inimigos e aliados. Além disto, utilizando os defeitos de seus inimigos, o integralismo mostrava em quais pontos se distinguia e apresentava os seus “valores sociais”. Estes, sempre colocados em evidência como expressões da nacionalidade, e colocando o integralismo como defensor da nação diante das ameaças externas e internas à nação.

VI

O jornal *A Razão* foi fundamental para a criação do integralismo, contudo, o *Manifesto de Outubro*, que reunia estes princípios iniciais do movimento, foi insuficiente para a definição daquilo que era a AIB. Após sua criação, ficou evidente que havia a necessidade de uma racionalização de quais eram os pontos básicos da doutrina e qual a sua função. Disto decorreu a produção de obras voltadas a responder a esta lacuna.

Desde a primeira obra de definição, *O que é integralismo?*, de Plínio Salgado, ficou evidente que o integralismo perpassava uma lógica identitária e que por si só não

se explicava. Era preciso mostrar em que o integralismo seria uma reação nacional a duas ideologias enquadradas como nocivas à sobrevivência da nação: liberalismo e comunismo. Ambas seriam responsáveis por todos os males sociais enfrentados pelo povo. Por outro lado, o integralismo era mostrado como a reação nacional a estes males.

Plínio Salgado e Gustavo Barroso produziram várias obras de definição entre 1933 e 1934, e com isto conseguiram definir em linhas gerais os pressupostos políticos do movimento. Ainda em 1934, Miguel Reale passou a desenvolver obras cujo objetivo central era a teorização de uma concepção de Estado que viria a ser defendido pelos integralistas.

Salgado, por sua vez, colocou a produção de livros em segundo plano, para dedicar seu tempo aos textos doutrinários que publicava em *A Offensiva* e às suas atividades como liderança suprema da AIB. Suas obras passaram a ser compilações de matérias publicadas na sua coluna no jornal.

VII

Entretanto, isto não significou um “desleixo” por parte de Plínio Salgado. Muito pelo contrário, era uma estratégia muito bem estruturada. Ele “abdicava” do papel de principal teórico, para que seu nome fosse completamente reconhecido: suas palavras eram reproduzidas não apenas em *A Offensiva*, mas em todos os periódicos do movimento. Da mesma forma, sua grande produção para os jornais o mantinha em contato direto com seus militantes e garantia o seu papel de liderança. Ele sabia que não bastava ser o líder, precisava ser reconhecido como tal. E utilizando a imprensa como ferramenta, fazia com que existisse um canal direto com os seus leitores.

Era a partir de suas palavras de ordem que mantinha este contato. Com seu nome, sua imagem e seus textos, garantia o reconhecimento como “Chefe Nacional”. Ele não era uma figura distante e sim próxima devido a esta pregação. Não havia nenhuma outra liderança que recebia tal atenção, e também era apenas Salgado que era representado como detentor de todas as qualidades de liderança. Todos os outros eram vistos como homens de grande valor, mas para realizar tarefas determinadas pelo “Chefe” e agir de acordo com as suas ordens.

Desta forma, podia colocar Miguel Reale como o teórico do movimento, desde que Plínio Salgado fosse visto como o grande pensador. Gustavo Barroso podia ser um líder de milícias, pois o “Chefe Nacional” era reconhecido como líder máximo e guia de

todos os integralistas. E foi principalmente a partir da sua atuação e exposição dentro da imprensa integralista que conseguiu este reconhecimento.

VIII

Com o núcleo básico da ideologia constituído, os integralistas passaram a editá-la através dos jornais. Mas apenas uma parte, aquela vinculada à definição do integralismo, a mesma dos dois primeiros anos. Não chegavam aos jornais, pelo menos não com intensidade, as diferenças teóricas encontradas nos vários autores de livros integralistas. Pelo contrário, aos militantes eram transmitidos apenas os princípios básicos concebidos por Plínio Salgado, de forma que seu pensamento era universalizado aos integralistas. Os demais autores tinham relativa liberdade para escrever suas obras, no entanto, isto chegava apenas a um grupo restrito, que consumia estes textos em formato de livros. Não obstante, o número era infinitamente menor que aquele que lia jornais e as revistas produzidos em quantidades completamente superiores e capacidade maior de circulação.

Estes mesmos autores, quando publicavam nos jornais, abdicavam de seus pontos de vista singulares sobre o integralismo, e seus textos seguiam a lógica “salgadiana”. Com isto, aos militantes transmitia-se uma imagem de que o integralismo era um organismo perfeito, sem dissensões internas e em uma “linha doutrinária” uniforme. O que, na prática, não existia, mas a imprensa a universalizava.

IX

A imprensa tinha um papel tão grande dentro do integralismo que passou a fazer parte da proposta de governo, como ficou latente no manifesto publicado em 1936, preparando seus adeptos para as eleições do ano seguinte. O objetivo era transformá-la como organismo interno do Estado, da mesma forma como acontecia dentro da AIB, onde era uma secretaria.

Através disto, expandiriam o projeto e o tipo de imprensa desenvolvido dentro do movimento. De tal modo que a mesma estratégia que havia sido utilizada para difundir sua ideologia na sociedade seria mantida para garantir o consenso do poder integralista dentro do Estado. É evidente que isto é uma especulação nossa, pois o golpe

do Estado Novo impediu as eleições. No entanto, a proposta deixa claro qual era a intenção dos “camisas-verdes”.

Ao mesmo tempo, a simples menção desta intenção demonstra que os integralistas tinham plena confiança na imprensa enquanto instrumento político. Tanto que pensavam a imprensa como uma ferramenta imprescindível para as suas pretensões de tomada do poder. Não é à toa que propuseram a criação de uma escola de jornalismo, voltada a formar profissionais que seguiriam o tipo de imprensa idealizado por Plínio Salgado. Estes profissionais é que combateriam a imprensa informativa dentro dos moldes liberais para a imposição de uma formativa, que teria por objetivo expandir o integralismo dentro da sociedade, de modo que combateria seus inimigos e garantiria o consenso de sua ideologia.

A imprensa, aos olhos dos integralistas, era um poderoso instrumento, e, valendo-se dela, garantiram sua grande inserção junto à população.

X

A doutrinação dos militantes se dava através da constante comparação entre o integralismo e seus inimigos e aliados. Ou seja, através da construção de uma identidade política. Através de defeitos de seus inimigos e semelhanças com os seus aliados a imprensa integralista garantia a definição dos pressupostos ideológicos do movimento.

Em realidade, a doutrina era disseminada através da exaustiva repetição de uma carga doutrinária, a mesma definida nas primeiras obras produzidas por Plínio Salgado e sustentadas por Gustavo Barroso. Isto ocorria a partir da estruturação de temas geradores dentro da imprensa integralista.

Em outras palavras, valendo-se de temas editorialmente definidos, tais como examinados no quinto capítulo, e que se mantinham constantes, os acontecimentos conjunturais eram adaptados para transmitir um conteúdo pré-definido, que era a doutrinação em torno do integralismo através de outras ideologias apontadas como inimigas ou aliadas. Sempre sobressaía a dicotomia entre o “bem” e o “mal”. Desta forma, ficava fácil ao leitor de seus jornais e revistas visualizar o integralismo com o lado da “luz” enquanto seus inimigos eram a “escuridão”. Era uma lógica que apontava (ou apelava) para visão da sociedade brasileira, estruturada dentro da concepção judaico-cristã da oposição de que a bondade (“bem”) deveria se opor às forças das

trevas (“mal”). Com isto, conseguiam atrair para si uma parcela da sociedade que fosse suscetível a este tipo de discurso que misturava mitos religiosos com política.

O resultado era a difusão da ideologia de forma planificada o que garantia a uniformidade doutrinária e a imagem de organismo perfeito sem dissensões. Da mesma forma, buscavam apresentar-se como defensores de todos os valores morais, religiosos e sociais do povo brasileiro, tendo em vista que os seus pressupostos ideológicos eram transmitidos como sendo os mesmos da nação.

Através deste discurso, conseguiam enfrentar seus inimigos e defender-se de críticas, como a de o integralismo ser uma cópia dos fascismos europeus. Era, em realidade, uma estratégia que reunia ofensiva e defensiva, trazendo bons resultados.

O integralismo apresentava-se aos leitores através de duas frentes. A primeira era a nacional, na qual o integralismo, diante da dissolução da estrutura liberal, “lutava” desesperadamente para defender a nação diante do comunismo. Desta forma, colocava-se como uma reação do Brasil: um movimento autóctone e nacionalista, que iria proteger a nação diante do avanço das forças externas. A URSS seria a grande ameaçadora e orquestraria os comunistas brasileiros a traírem seu país e tomarem o poder. A partir deste discurso, buscavam justificar a sua existência enquanto movimento político. E a sua principal identidade seria a de defensor da nação diante da invasão externa.

Por outro lado, em uma segunda frente, o integralismo também era exibido aos militantes como fazendo parte de um grande movimento de defesa da civilização ocidental, pois o mesmo fenômeno que ocorria no Brasil de “invasão” do oriente comunista estaria ocorrendo em todo mundo. Diante desta “enxurrada” materialista do oriente, as nações ocidentais estariam reagindo através de movimentos nacionalistas que visavam a suplantarem o “liberalismo decadente” que abria espaços ao comunismo e, ao mesmo tempo, derrotar o “maléfico” perigo soviético.

Com este discurso, visavam a defender-se das acusações de que o movimento era uma cópia dos fascismos europeus e, da mesma forma, justificar as suas semelhanças, atraindo assim simpatizantes destes movimentos.

XI

Como pôde ser visto ao longo deste trabalho, a Ação Integralista Brasileira organizou conscientemente uma grande rede de imprensa de forma jamais vista no

Brasil até aquele momento. Não foi algo aleatório ou algum acontecimento do acaso. Muito pelo contrário, era algo muito bem organizado e estruturado.

Assim, como foi o grande arquiteto da AIB, Plínio Salgado, de forma consciente organizou a sua rede de imprensa. Esta garantiu frutos positivos ao movimento integralista e serviu como o grande instrumento de propaganda para atração de militantes e difusão da ideologia junto à sociedade brasileira da época. Desta forma, só se transformou no primeiro grande movimento de massas do Brasil devido à extensa rede de jornais e revistas que montou.

Acreditamos, pelo menos durante os anos de 1930, que integralismo e imprensa foram dois fenômenos inseparáveis, de tal forma que o integralismo só conseguiu atingir tantos corações e mentes devido ao seu grande número de periódicos que chegavam a praticamente todas as regiões do país e buscavam atingir a todos os públicos, fosse por gênero, idade, grupo social ou credo. Com isto, procurou universalizar os seus pressupostos. Embora não tenha atingido o poder, obteve muito sucesso no tocante ao seu considerável número de adeptos.

XII

(Epílogo)

Agora que os pontos principais foram arrolados e a tese em si está concluída, retornarei outra vez, como fiz na Introdução, à primeira pessoa do singular para finalizar este trabalho.

Em seu famoso poema “Quem faz a História?”, Berthold Brecht apontava que a Tebas de sete portas não havia sido levantada pelos reis que constavam nos livros dinásticos, os arcos do triunfo da poderosa Roma não tinham sido erguidos por césares ou senadores. Alexandre não havia conquistado a Índia sozinho, assim como César não subjuguou os gauleses apenas pela sua espada. Pelo contrário, o que Brecht queria nos dizer em seus magníficos versos era que todas as conquistas, das mais simples às mais complexas, não eram obras de uma única pessoa, por maior que seu esforço tenha sido – sempre havia alguém que o auxiliava.

Muitas vezes, a força está em uma frase ou uma palavra de incentivo. Gostaria de relatar um destes episódios que acredito ter sido fundamental para o desenvolvimento deste estudo.

No primeiro semestre do doutorado fiz uma compra de livros e me esqueci de pegar (ou perdi) a nota para a famosa “taxa de bancada”. Depois de retornar ao estabelecimento e a funcionária dizer que não teria como fazer uma segunda via, saí enfurecido. Ao chegar no Prédio 3, sede do Pós-Graduação em História da PUCRS, estava realmente transtornado, pois a compra representava aproximadamente cinquenta por cento do valor que eu precisava justificar mensalmente. Foi então que encontrei o professor Braz Brancato, ele me olhou e perguntou: “o que houve Rodriguinho?”. Conteí o ocorrido, ele deu um pequeno sorriso, colocou a mão no meu ombro e respondeu: “não te preocupes, tudo sempre se ajeita”. Na semana seguinte, a professora Sandra encontrou-me no corredor e disse: “o Braz tem uma nota para ti”. Achei estranho, mas fui na sua sala e ele me entregou uma segunda via da nota que eu havia perdido. Diante do meu olhar surpreso, ele deu uma risada e completou “para resolver grande parte dos problemas você só precisa de duas coisas: paciência e um sorriso”. Ele me explicou que havia ido na mesma loja comprar um livro e pediu para falar com o gerente e explicou o ocorrido. Este “puxou” no sistema pelo meu nome e fez uma cópia da nota que eu havia perdido.

A partir de então, “paciência e um sorriso” tornou-se o lema deste trabalho ,e um apoio em todos os momentos em que parecia que eu estava em “beco sem saídas”. Sempre que tinha necessidade, lembrava do ensinamento do professor Braz. Assim sendo, acabei construindo este estudo, “pedra por pedra”, sempre que uma caía, tinha paciência e dava um sorriso para colocar outra no lugar e seguir adiante.

Desta forma, a tese foi se constituindo e ganhando corpo. Ultrapassando as “tempestades”, quando as fontes eram insuficientes ou quando o cansaço em relação ao tema tomava conta de mim. Até que estas últimas letras foram sendo redigidas. Desta forma, concluo parafraseando o professor Braz: este estudo foi realizado com paciência e um sorriso.

**Referencias bibliográficas,
fontes e arquivos pesquisados**

Referências bibliográficas, fontes e arquivos pesquisados

a) Bibliografia

A Revolução de 30: seminário realizado pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1983.

ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-1930)*. Porto Alegre: PUCRS, 1995 (dissertação de mestrado em História).

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2004.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário Sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-grandina*. Porto Alegre: PUCRS, 1998. (tese de doutorado em História)

ARANHA, Graça. *Espírito Moderno*. São Paulo: ML Editora, 1925.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *A cor da esperança-totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1984.

_____. *In Medio Vertius: uma análise da obra integralista de Miguel Reale*. Rio: CPDOC/FGV, 1988.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

AZEVEDO, Débora Bithiath de. *Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil (1946-1950)*. Brasília: UNB, 1992 (dissertação de mestrado em História – não tivemos acesso a esse trabalho).

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (org.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARRERAS, Maria José Lanziotti. *Dario de Bittencourt (1901-1974): uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: PUCRS, 1993 (dissertação de mestrado em História).

BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. *Aspectos institucionais e políticos da representação das associações profissionais, no Brasil, no anos 1930*. Porto Alegre: PUCRS, 1995 (tese de doutorado em História).

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa preta: notas sobre a ação do fascismo e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos/Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 24, nº 2, dezembro de 1998.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (vol. 1 e 2).

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

BRAGA, Dulce Salles Cunha Braga. *Autores Contemporâneos Brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Editora Giordano, 1996.

BRAGA, Dulce Salles Cunha Braga. *Autores Contemporâneos Brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Editora Giordano, 1996.

BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

BROXSON, Elmer. *Plínio Salgado and the Brazilian Integralism (1932-1938)*. Washington: The Catholic University of América, 1972 (tese de doutorado em História).

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walter de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994 (dissertação de mestrado em História).

CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: a imprensa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lúgia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *Partido de Representação Popular: política de alianças e partidos nos governos estaduais do RS de 1958/1962*. Porto Alegre: PUCRS, 1999 (dissertação de mestrado em História).

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. Partido Comunista do Brasil: 80 anos de intervenção na política brasileira. *Folha da História*, Porto Alegre, maio de 2002, Ano VI, nº 55.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Niterói: UFF, 2000 (dissertação de mestrado em História).

CARONE, Edgar. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1973.

_____. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.

CASTRO, Silvio. *A revolução da palavra: origens e estrutura brasileira moderna*. Petrópolis: Vozes, 1976.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

CHILCOTE. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Pequena História do Integralismo no RN*. Natal: Clima/Fundação José Augusto, 1986.

COUTINHO, Lourival. *O General Góes Depõe...* 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco, 1956.

CRISTOPHOLETTI, Rodrigo. *As celebrações do jubileu de prata integralista (1957-1961)*. Assis, Faculdade de Ciências e Letras UNESP, 2002 (dissertação de mestrado em História).

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: USP/FFLCH, 1992 (dissertação de mestrado em História).

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre (1933-1945)*. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História).

DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DIEHL, Astor Antônio. *Os Círculos Operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*. Porto Alegre: PUCRS, 1987 (dissertação de mestrado em História).

DOTTA, Renato Alencar. *O integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através da imprensa integralista (1932-1938)*. São Paulo: USP, 2003 (dissertação de mestrado em História).

DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. *O comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, nº 13, 1995.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. In: *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, vol. XXIV, nº2, 1998.

FALCON, Francisco. "História e Poder". In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (eds.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 16ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. *História do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP/FDE, 1996.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

FLACH, Ângela. "Os vanguardistas do anticomunismo": o PRP e os perrepeistas no RS (1961-1966). Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

FERREIRA, Jorge Luiz. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil (1930-1956)*. São Paulo: USP, 1996 (tese de doutorado em História).

FERREIRA, José Roberto Martins. *Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*. São Paulo: PUCSP, 1986 (dissertação de mestrado em Ciências Sociais).

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil (1920-1986)*. São Paulo : Ática, 1988.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil. Germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

_____. *Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controvertido*. Porto Alegre: UFRGS, 1977 (dissertação de mestrado em Ciência Política).

_____. O integralismo no Rio Grande do Sul. *Folha da História*. Porto Alegre, novembro de 2002, Ano VII, nº 61, p. 7.

GERTZ, René; PADRÓS, Enrique S. & RIBEIRO, Luis Dario T. *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB-/PRP/ Palmarinca, 2000.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1991.

GUT, Nicolau de Flue. *Plínio Salgado, o creador do integralismo na literatura brasileira*. Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei GmbH, 1940.

HERNANDEZ, Leila M. G. *Aliança Nacional Libertadora: ideologia e ação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

HERVÉ, Egydio. *Democracia liberal e socialismo entre os extremos: integralismo e comunismo*. Porto Alegre: Globo, 1935.

HILTON, Stanley. A Ação Integralista Brasileira: fascism in Brazil (1932-1938). In: *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *A Rebelião Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HOBBSBAWM, Eric, J. *Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

HUNSCHE, Carlos Henrique *O Integralismo brasileiro: história e caráter do movimento fascista no Brasil* (tese de doutoramento autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Wilhelm, em Berlim, em 1930). Porto Alegre, CD-AIB/PRP, 1996. Tradução de Leandro Silva Teles.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

KONRAD, Diorge Alceno. *1935: A Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 1998 (dissertação de mestrado em História).

KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo e Comunismo*. Rio de Janeiro: 1935.

LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LEVINE, Roberto M. *O regime Vargas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MAFFEI, Eduardo. *A batalha na praça da Sé*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores sociais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MERG, Camila Ventura. *Saberei sustentar a Cruz de Cristo e a bandeira da pátria”: o espiritualismo integralista na doutrina do Partido de Representação Popular (1945-1950)*. Porto Alegre: PUCRS, 2007 (dissertação de mestrado em História).

MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: PUCRS, 2003 (dissertação de mestrado em História).

MOLINARI FILHO, Germano. *Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n’O Estado de São Paulo (1930-1937)*. São Paulo: PUCSP: 1992 (dissertação de mestrado em História).

MONTENEGRO, J. A. S. *O integralismo no Ceará*. Fortaleza, s/ed., 1986.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1989, p. 173.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-197)*. Porto Alegre: PUCRS, 2004 (dissertação de mestrado em História).

PARENTE, Josênio C. *Anauê. Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1986.

- PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a Revolução Mundial e o Brasil (1922-1935)*. 2ª ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1992.
- PINSKY, Jaime. O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2001 (dissertação de mestrado em História).
- PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa no fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- RODEGUERO, Carla. *O Diabo é vermelho: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945-1964*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (tese de doutorado em História).
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Paradigma e História – a ordem burguesa na imaginação social brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 1975.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- _____. *A Intentona Comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- SILVA, Carla Lucianna. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SILVA, Hélio. *A ameaça vermelha: o Plano Cohen*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- _____. *Simpósio sobre a Revolução de 30*. Porto Alegre: ERUS, 1983.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- SOLA, Lourdes. O golpe de 37 e o Estado Novo. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil em perspectiva*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

SOUZA, Francisco Martins de. O integralismo. In: *Curso de introdução ao pensamento político brasileiro*. Unidade IX e X. Brasília: Editora da UNB, 1982.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *A elite diplomática brasileira e as visões sobre a Argentina durante o Estado Novo*. Porto Alegre: UFRGS, 1996 (dissertação de mestrado em História).

STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TENGARRINHA, José Manuel. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

TONINI, Veridiana M. *Uma relação de amor e ódio: o caso Wolfram Metzler (1932-1957)*. Passo Fundo, UPF, 2003.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.

_____. “Texto e Contexto: nota crítica a alguns aspectos do estudo ‘Paradigma e História’ de Wanderley Guilherme dos Santos”. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 1976, p. 126-134, vol. 4.

_____. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1981 (vol. 3).

_____. *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIEIRA, Solange Gomes. “Roma ou Moscou”: *O Imaginário Anticomunista da Igreja Católica, “O Horizonte” (1924-1931)*. Belo Horizonte: PUCMG, 1989.

ZICMAN, René Barata. História a través da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUCSP*. São Paulo: PUCSP, nº 4, 1985.

b) Bibliografia Integralista

Livros de Plínio Salgado

A Doutrina do Sigma. São Paulo: Editora Verde-Amarelo, 1935.
A Doutrina do Sigma. 2ª edição. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937.
A Quarta Humanidade. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
Carta aos camisa-verdes. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.
Despertemos a Nação. Rio de Janeiro: José Olympio: 1935.
Nosso Brasil. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.
O que é integralismo. Rio de Janeiro: Schmidt Edition, 1933.
O que é integralismo. 2ª edição. Rio de Janeiro: Star, 1933.
O sofrimento universal. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
O sofrimento universal. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
Páginas de combate. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1937.
Palavra nova dos tempos novos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
Palavra nova dos tempos novos. São Paulo: Panorama, 1937.
Psychologia da Revolução. Rio Janeiro: José Olympio, 1935.

Livros de Gustavo Barroso

A palavra e o pensamento Integralista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
A ronda dos séculos. 3ª edição. São Paulo: José Olympio, 1933.
A sinagoga paulista. 2ª edição. Rio de Janeiro: ABC, 1937.
Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
Brasil Colônia de Banqueiros - História dos empréstimos de 1824 a 1934. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
Comunismo, cristianismo e corporativismo. Rio de Janeiro: ABC, 1938.
Espírito do Século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
História Secreta do Brasil. II Volume: Da abdicação de Dom Pedro I à maioridade de Dom Pedro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
História Secreta do Brasil. III Volume: Da maioridade de Dom Pedro à República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
Integralismo e catolicismo. Rio de Janeiro: ABC, 1938.
O Integralismo e o Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
O Integralismo de Norte a Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
O Integralismo em marcha. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.
O quarto império. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
O que o integralista deve saber. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
O que o Integralista deve saber. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
Os protocolos dos sábios de Sião. São Paulo: Minerva, 1936.

Livros de Miguel Reale

Actualidades brasileiras. São Paulo: Schmidt, 1937.
Formação da política burguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
O capitalismo internacional. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
O Estado Moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
Palavras aos integralistas. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.
Perspectivas integralistas. São Paulo: Odeom, 1935. Série "Política".
Razões do Integralismo. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

Livros de outros autores integralistas

CABRAL, J. *A questão judaica*. Porto Alegre: Globo: 1937.
 GOUVÊA, Oswaldo. *Brasil Integral*. Rio de Janeiro: Schimidt, 1936.

- _____. *Os judeus do cinema*. Rio de Janeiro: Gráfica São Jorge, 1935.
- MACIEL, Anor Butler. *Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo*. Porto Alegre: Globo, 1937.
- _____. *Nacionalismo - o problema judaico e o nacional-socialismo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.
- _____. *O Estado Corporativo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.
- MARTINO FILHO, Ferdinando. *Pela Revolução Integralista*. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.
- MELLO, Olbiano. *Razões do Integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.
- PEREIRA, Jayme. *Democracia Integralista*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- PUJOL, Vitor. *Rumo ao Sigma*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1935.
- RODRIGUES, F. C. *Novos rumos políticos e sociais*. Porto Alegre: Globo, 1933.
- SILVA, Jayme Ferreira. *Retalhos Verdes*. Rio de Janeiro: Coelho Branco, 1937.
- SILVEIRA, Tasso da. *Estado corporativo*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1937.
- _____. *Caminhos do espírito*. São Paulo: Editora J. Fagundes, 1937.
- VIVEIROS, Custódio de. *Camisas Verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. *O sonho do philosopho integralista*. Rio de Janeiro: Livraria Antunes, 1935.

c) Jornais

Bahia

A Província (Salvador)

São Paulo

A Tribuna (Mocóca)

A Voz D'Oeste (Ribeirão Preto)

A Voz D'Oeste (São Paulo)

Acção (São Paulo)

Anauê! (Jaú)

Anauê! (Mogi Mirim)

Monitor Integralista (São Paulo)

O Camisa Verde (Garça)

O Integralista (São Paulo)

O Nacionalista (Araraquara)

Rumo (São Paulo)

Variedades (São Paulo)

Rio de Janeiro

A Offensiva (Rio de Janeiro)

Jornal de Polícia (Rio de Janeiro)

Século XX (Rio de Janeiro)

Província da Guanabara (Guanabara)

Rio Grande do Sul

A Lucta (Porto Alegre)

A Voz do Sigma (Bagé)

Correio do Povo (Porto Alegre)

O Bandeirante (Caxias do Sul)

O Integralista (Porto Alegre)

Revolução (Porto Alegre)

Pernambuco

Ação (Recife)

Minas Gerais

Anauê! (Belo Horizonte)

Quarta Humanidade (Itajubá)

Paraná

A Razão (Curitiba)

O Integralista (Curitiba)

Santa Catarina

Anauê! (Joinville)

Flama Verde (Florianópolis)

Pernambuco

Ação (Recife)

d) Revistas

Anauê! (Rio de Janeiro/RJ)

Brasil Feminino (Rio de Janeiro/RJ)

Panorama (São Paulo/SP)

Sigma (Niterói/RJ)

ACERVOS PESQUISADOS

- Acervo Benno Mentz (Porto Alegre/RS)
- Centro de Documentação Sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular (Porto Alegre/RS)
- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS)
- Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP “Oscar Arruda Penteadó”
- Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Casa de Plínio Salgado (São Paulo/SP)

Anexos

ANEXO I

Artigo "Federação e Sufrágio" do jornal *A Razão*

FEDERAÇÃO E SUFRÁGIO

1ª) pag.

XI

Ante a impossibilidade, ou melhor, a passividade dos administradores-pragmáticos, delineou-se nitidamente nas tres décadas que precederam a proclamação da Republica, o fenomeno social da desagregação crescente, quer do ponto de vista da quebra do nosso velho padrão de unidade politica, quer do aspecto da quebra do principio da autoridade. Era o movimento geral da libertação, ao sopro das idéas do seculo, conduzindo-nos irrevogavelmente para os precipícios em que nos vimos encontrar em 1930, depois de 40 anos de regime republicano.

Submettamo-nos cõgamente ao determiniamo; negavamos o livre arbitrio das élites esclarecidas, cultuavamos o idolo hediondo do sufrágio universal exercido pelas massas de analfabetos e á mercê dos caprichos dos caudilhos ou da visão estreita das medias mentais do paiz; consagramos o principio de que aos reagentes geograficos, como aos reagentes do individualismo anarquico, não havia pôr freio nem fixer limites.

É curioso examinar-se o manifesto do novo partido liberal, em 1869, quando o Monarca tõiava a rebate, chamando a postos o espirito conservador da Nação, concretizado no gabinete Itaboraay. Esse manifesto firmado conjuntamente pelos "liberais historicos", que haviam realizado a conciliação, sob o signo das necessidades administrativas, e pelos "liberais progressistas", visava a "realidade e o desenvolvimento do elemento democratico da Constituição e a maior amplitude e garantias das liberdades individuais e politicas". É curioso transcrever aqui os pontos basicos do manifesto liberal de 1869, que Oliveira Lima estampa no seu interessante volume "O Imperio Brasileiro", marcando com precisão linear o desenvolvimento do espirito de desintegração nacional que nos dominou e do qual nasceu a Republica.

Verifica-se que os nossos atuais democraticos e liberalistas respondem a um ritmo anacronico, absolutamente fóra da moda, pois ainda conservam no cartel idéas que, naquele tempo tinham, pelo menos, o valor da oportunidade, por acompanharem o espirito geral da sua época, ao passo que hoje só atestam ignorancia, passadismo e falta de amor á Patria.

O programa dos liberais em 1869 era o seguinte: 1ª) -- A responsabilidade pelos ministros dos atos do Poder Moderador (essa idéa já andou circulando depois da revolução de 1930, traduzida na responsabilidade dos ministros perante o Parlamento); 2ª) -- A maxima "o rei reina mas não governa" (idéa essa que anda correndo pelos nossos arraiais liberalistas, quando pretendem estes diminuir a ação e o prestigio dos nossos presidentes da Republica); 3ª) -- A organização do Conselho de Ministros, de acõrdo com o resultado pratico dos dois artigos precedentes (tambem essa idéa está nos programas liberais de agora, uma vez que se quer exigir a responsabilidade diréta e particular de cada ministro e a escolha destes de acõrdo com as injunções dos Estados e não pelo livre arbitrio do presidente da Republica); 4ª) -- A descentralização no verdadeiro sentido do "self-governement"... a restrição maxima da interferencia da autoridade (essas idéas são medulares nos liberais democraticos dos nossos dias, que não nos apresentam, portanto, nada de novo, sinão a desagregação nacional, pela hipertrofia do poder estadual, e a dissolução da sociedade brasileira, pelo desprestigio crescente do principio da autoridade); 5ª) -- A maxima liberdade em materia de comercio e industria (isto representa o alicerce em que se baseiam todos os liberais-democraticos dos nossos dias, individuos geralmente ricos e poderosos, sem nenhum amor á Patria, portanto inimigos de todo e qualquer controle do Estado, e se harmonizam com a doutrina da burguesia, que vem apodrecendo todo o edificio da civilização occidental, limitando cada vez mais as areas dos governos, determinando os fenomenos da superprodução e da falta de trabalho, da miseria nas grandes metropoles, que tudo isso é o resultado a que chegou a democracia-liberal do seculo passado); 6ª) -- Garantias efetivas á liberdade de consciencia (é atrás dessa expressão vaga que ainda hoje abrimos as portas da Nação a todas as idéas dissolventes, facilitamos todos os disturbios, rebeliões, anarquias e confusões nocivas á vitalidade nacional); 7ª) -- Plena liberdade para os cidadãos de fundarem escolas e propagarem o ensino (foi através dessa conquista que chegamos ao estado lamentavel de incultura, de ignorancia, de charlatanismo, de incapacidade para compreender os nossos problemas, como foi através desse principio que baixamos o nivel do ensino secundario e superior, creando avalanches de bachareis semi-analfabetos, de demagogos, sem base scientifica ou filosofica, a deblaterarem na praça publica, de jornalistas cavadores sem illustração, sem consciencia profissional, e de politicos charlatões, berradores ou intrigantes); 8ª) -- Independencia do poder judiciario (medida essa, afinal, de bom senso, que responderá a um criterio justo, si realizada convenientemente)

9*) -- Unidade do poder judiciario (medida utilissima, mas sem contradição com todos os outros itens do programa de 1869, que é, aliás identico ao programa dos liberais democraticos de 1890, o que demonstra que estes não possuem uma só idéa nova); 10*) -- O Conselho de Estado sem côr politica (idéa boa, mas de impossivel efetivação, si postas em execução as demais do programa); 11*) -- Redução das prerogativas do Senado (idéa que se submetia ao ritmo geral do desprestigio das maximas expressões nacionais do Poder); 12*) -- Redução dos efetivos militares em tempo de paz (essa idéa se tornava necessaria para se desarmar o governo e das livre curso a todas as agitações das massas, insufladas pelos demagogos insubordinados e agitadores).

Continuemos a apreciar a marcha da evolução liberal dos ultimos tempos do Imperio. Só assim estraremos, compreendendo melhor, nos dias da Republica. E, então, apreciaremos as consequencias que essa evolução determinou na vida do Municipio, do Estado, do Cidadão, das Classes Trabalhadoras, das Classes Capitalistas, das Classes Armadas, e encontraremos os erros no "calculo de resistencia" cometidos pelos tecnicos das nossas legislações, no edificio institucional que veiu a baixo, naquele memoravel dia 24 de outubro, sobre o qual deveremos meditar. Não é clamando pela Constituição, nem entrando na competição dos cargos de interventores que se presta melhor serviço á Nação; não é criticando por criticar os homens que estão no Poder, que seremos mais ativos ou desabusados; não é pleiteando providencias circunscritas a meros detalhes do plano geral da reconstrução brasileira, que seremos melhores patriotas nem é esmagando vencidos, ou incensando vencedores, ou mesmo animando o despeito daqueles ou a vaidade destes, que estaremos cumprindo um dever perante o povo brasileiro.

Nosso serviço e nossa altivez, nosso patriotismo e nossa moral só exigem uma atitude: a do estudo continuo, a do esclarecimento diario do nosso pobre povo, tão bom, tão resignado, tão sensível, tão heroico, mas mergulhado nas trevas da ignorancia dos assuntos da sua terra, e explorado vilmente pelos que dizem defender-lhe os interesses e nada mais fazem do que açular-lhe os instintos, para usufruir proventos.

ANEXO II

Lista de jornais integralistas (retirado de *A Enciclopédia do Integralismo*)

IMPrensa INTEGRALISTA

Relação Dos Jornais Integralistas Com As Suas Localidades

RIO GRANDE DO SUL

“Anauê!” — D. Pedrito; “O Integral” — Boa Vista do Erechim; “Revolução” — Pôrto Alegre; “O Bandeirante” — Caxias; “Rumo ao Sigma” — Rio Grande; “O Integralista” — Pôrto Alegre; “A Voz do Sigma” — Bagé; “A Verdade” — Santo Ângelo; “A Luta” — Pôrto Alegre.

SANTA CATARINA

“O Agricultor” — Rio do Sul; “O Farol” — Itajaí; “Flama Verde” — Florianópolis; “O Jaraguá” — Jaraguá do Sul; “Vanguarda” — São Francisco do Sul; “Anauê!” — Joinville; “Cidade de Blumenau” — Blumenau; “Alvorada” — Blumenau; “O Progresso” — Brusque; “A Fôlha Nova” — Joinville; “O Blumenau Zeitung” — Blumenau; “Jornal de Joinville; “Flama” — Florianópolis.

PARANÁ

“A Razão” — Curitiba; “Brasilidade” — Guarapuava; “Brasil Novo” — Ponta Grossa; “Folha do Oeste” — Guarapuava; “A Voz do Sigma” — Curitiba; “Invicta” (Revista) — Ponta Grossa; “Fogo Verde” — Raul Soares.

SAO PAULO

"O Aço Verde" — São Paulo; "A Ação" — São Paulo; "A Gazeta de Jaboticabal" — Jaboticabal; "Parorama" — São Paulo; "O Gaúcho" — Guatira A. Mogiana; "A Região" — Catêândia; "O Despertar" — Marília; "O Nacionalista" — Araraquara; "Voz do Oeste" — Ribeirão Preto; "O Santeirno" — Guaratinguetá; "Anauê" — Mogi-Mirim; "Folha Integralista" — Taquaritinga; "A Raizão" — E. S. do Pinhal; "Folha do Povo" — Jararê; "Tribuna de Mocóca" — Mocóca; "A Luta" — São Carlos; "A Jornada" — Sorocabana; "A Folha de Jundiahi" — Jundiahi; "Anauê!" — Jai; "O Movimento Verde" — Piracicaba; "Coluna de Fogo" — Jaboticabal; "O Estado Integral" — Franca; "A Marcha" — Catanduva.

RIO DE JANEIRO

"Bandeira Integralista" — Barra do Pirai; "A Sapucáia" — Sapucáia; "Anauê" — Resende; "Alvorada" — N. Friburgo; "O Sigma" — Valença; "A Marcha" — Petrópolis; "A Ordem" — Niterói; "Gazeta de Nova Iguaçu" — Nova Iguaçu; "O Therópols" — Teresópolis; "O Aço Verde" — Estrela; "A Flâmula" (revista) — Valença; "O Academico Integralista" — Niterói.

GUANABARA

"O Estado Forte" — R. São José, 39 - 1.º andar; "Mônica Integralista" (Oficial) — AV. R. Branco, 117; "A Operativa" — R. Quitanda, 51; "Anauê" (revista) — R. Carra, 29; "Doutina" — Sacler, 28; "O Século XX".

MINAS GERAIS

"Alvorada" — Belo Horizonte; "Camisas Verdes" — Ouro Fino; "O Pliniano" — Pedra Branca; "O Sigma" — Juiz de Fora; "O Juvenil" — Juiz de Fora; "A Marcha" (revista) — Belo Horizonte; "A Reforma" — Juiz de Fora; "Satélite" — Teófilo Otoni; "A Falange" — Pocos de Caldas; "O Montanhês" — Três Pontas; "Fôgo Verde" — Raul Soares; "O Integralista" — Saúde; "Brasil Novo" — Guaxupé; "Rumo ao Sigma" — Ponte Nova; "Currupira" — Três Corações; "A Quarta Humanidade" — Itajubá; "Brasil Novo" — S. J. Del Rei; "Estado Novo" — Porto Novo; "Aço Verde" — S. Rita de Sapucaí; "Cidade de Ituitaba" — Ituitaba; "Gazeta de Uberaba" — Uberaba; "O Sertão" — Ituitaba; "O Integralista" — Ca-rangola; "Lábaro Azul" — Areado; "A Idéia Nova" — S. Lourenço; "Anauê!" — Belo Horizonte; "O Sigma" — Itambacuri.

ESPIRITO SANTO

"Idade Nova" — Vitória; "A Marcha" — Vitória.

BAHIA

"A Voz do Sigma" — Jequiê; "O Sigma" — Itabuna; "O Jornal" — Jequiê; "O Popular" — Salvador; "O Operário" — Salvador; "A Faula" — Maragogipe; "A Pro-víncia" — Salvador; "O Imparcial" — Salvador; "A Voz do Estudante" — Salvador; "O Serrinhense" — Serrinha; "O Sertão" — Lençóis; "A Mocidade" — Santo Amaro.

SERGIPE

"A Luta" — Neópolis; "A Cruzada" — Aracaju; "O Nacionalista" — Aracaju; "O Sigma" — Aracaju.

ALAGOAS

"A Provincia" — Maceió; "Bandeirante" — S. José da Lagôa.

GOIAS

"Provincia de Goiás" — Goiás.

PERNAMBUCO

"Diário do Nordeste" — Recife; "A Razão" — Garanhun; "O Tacape" — Tíuma; "O Braço Verde" — Caruarú; "A Ação" — Recife.

CEARÁ

"A Idéia" — Aracati; "A Razão" — Fortaleza; "A Reação" — Crato; "Legionário" — Fortaleza.

MARANHÃO

"O Integralismo" — Ealas; "A Ação" — São Luiz; "O Integralista" — São Luiz.

PARÁ

"Integralista" — Belém; "Avante" — Belém; "O Sigma" — Santarém.

AMAZONAS

"Amaue" — Manaus; "Renovação" — Manaus; "Provincia do Amazonas" — Manaus.

RIO GRANDE DO NORTE

"A Ordem" — Natal; "O Rebate" — Natal.

PARAIBA

"O Rebate" — Campina Grande; "Inubia" — João Pessoa.

MATO GROSSO

"Corumbá-Jornal" — Corumbá.

ANEXO III

A Offensiva, nº 5, 14/6/1934, p. 2.

Breviario

DO COMMUNISMO

Os erros communistas são velhos como o mundo. Já em Athenas se falava da emancipação das mulheres, que passariam a ser propriedade colectiva, e da abolição da família. Basta ler a crítica de Aristophanes.

O individualismo e o communismo são duas formas analogas de escravidão: uma pelo isolamento do individuo, outra pela sua absorção.

A origem da lingua é um mysterio impenetravel. Os communistas, entretanto, querem resolvê-lo com espantosa simplicidade: ella se origina dos gritos articulados durante o trabalho... As guaribas trabalhavam, quebrando côco e gritando, desde que ha guaribas, e até hoje ainda não conseguiram falar...

O estudo dos mythos e dos symbols pôde conduzir ao encontro da Verdade que elles occultam. A SWASTICA hillerista leva-nos aos ários avós dos germanos, o FASCIO mussolinico leva-nos á grandezza de Roma, o SIGMA integralista leva-nos aos primitivos christãos gregos. A estrella vermelha dos Sovietas leva-nos ao judaismo taluadico.

DO LIBERALISMO

O liberalismo não passa duma anarchia creada por de cesarismos democraticos.

O Estado creado pelo liberalismo é mera resultante das contradicções civis dos partidos que o dividem e fluctua ao sabor das agitações de interessees dos grupos economicos que o exploram.

Essa exploração liberal se faz, mostrando ao povo tres letreiros luminosos pendurados no vacuo: liberdade, igualdade e fraternidade.

Os tres letreiros annunciavam tres productos que nunca foram postos de verdade á venda.

O liberalismo antes de morrer teve um aborto com o qual pensou que se salvaria: o voto secreto.

DO INTEGRALISMO

O Integralismo é valorização de factores espirituales sem desvalorização de factores politicos e economicos. Mas valorizando-os tambem.

O Integralismo é nacionalista, porém, seu nacionalismo não é xenophobia e sim justo predomínio dos interessees nacionaes sem repulsa do natural interferencia do resto do mundo em certas manifestações da vida nacional.

O Integralismo é a moral, o espirito de sacrificio, o espirito, a fé, repostos nos seus pedestres que estavam occupados pelos idolos do materialismo: a senna, o bezerro de ouro e a Boa-Deusa do Sirio, o Befonet dos templarios e Baal zebub em que as moscas rinhavam libar o sangue das carnificinas...

GUSTAVO BARROSO

ANEXO IV

Pão, Terra e Liberdade

Sem Deus, sem Pátria e sem Família, não pode existir nem Pão, nem Terra, nem Liberdade.
Quem é a prova?

I — O PÃO

Na Rússia, um operário precisa trabalhar 17 horas para obter o alimento que um operário nos Estados Unidos obtém em 4 horas. Sabendo-se que o operário americano, no cruel regime liberal-democrático, já não está bem, calcule-se que pão come o operário russo!

II — A TERRA

Na Rússia, a terra é do camponez, mas a colheita pertence ao Governo. Há dias veio um telegramma annunciando o fuzilamento de varios camponezes, por terem escondido um pouco de trigo, para alimentar suas familias. A Rússia está dividida em duas classes: os que produzem e os que consomem. Quem produz? Os camponezes e os operarios! Quem consome? Os dirigentes que ainda agora deram bailes sumptuosos, onde fulguraram as joias e rodou o champanhe!

III — A LIBERDADE

Acaba de ser declarada a pena de morte para crianças de 12 annos para cima. Quem o annuncia? A agencia telegraphica a serviço do proprio Soviet!

CONCLUSÃO

Operarios! Que se abram vossos olhos! A Alliança Nacional Libertadora vos fala com a mesma linguagem dos bolchevistas de 1917.

Tereis de trabalhar 17 horas para comer mal. Podereis ter a terra, mas nunca o fructo da terra. Vossos filhinhos serão condemnados á morte.

Operarios! Vosso lugar é com os vossos companheiros que aos milhares já estão no Integralismo. Só o Integralismo dará Pão, Terra e Liberdade.

Sem Deus, não ha justiça, logo não ha pão.

Sem Patria, não ha direitos para os nacionaes, logo não ha terra.

Sem Família, não ha dignidade humana, logo não ha liberdade.

Só o integralismo dará Pão, Terra e Liberdade, em nome da justiça de Deus, da honra da Patria e dos direitos da Família!

D'„A Offensiva“

ANEXO V

Mogy-Mirim, recebendo hoje a visita do Chefe Nacional do Integralismo, irá ouvir a palavra do unico homem que poderá salvar o Brasil!



Anaue!

Orgam Official do Nucleo Integralista de Mogy-Mirim

Director—DR. RUBEM MARCONDES

Gerente—OLAVO M. PLESSMANN

PUBLICAÇÃO QUINZENTAL

REDACÇÃO:
RUA JOSÉ BONIFACIO N. 141

ANNO I — Mogy-Mirim (São Paulo), 18 de Agosto de 1935 — NUM. 5

Commemoramos hoje o primeiro anniversario da fundação do Nucleo Integralista de Mogy-Mirim, além de commemorarmos, tambem, a primeira visita que o Chefe Nacional do Integralismo faz a esta cidade.

Tal data é, pois, mais do que oportuna para que se relembra, embora rapidamente, como surgiu e como se desenvolveu aqui esse grandioso movimento que hoje empolga todo o Brasil.

Os inafanáveis auxiliares do Chefe Nacional, dentre os quaes destacaremos Loureiro Junior e Almeida Salles, foram, de accordo com os documentos existentes no archivo do nucleo, os primeiros a estabelecer contacto official com um dos pioneiros do movimento integralista local, companheiro Olavo Marcondes Plessmann.

Temos, cuidadosamente archivada, nesse sentido, a primeira carta do secretario do D. P. O. P., Loureiro Junior, dirigida a Olavo Plessmann em 17 de Abril de 1934, e que é a seguinte:— «São Paulo, 17 de Abril de 1934. Presado patriota Olavo Marcondes Plessmann, Mogy-Mirim. Acreditamos o recebimento de sua carta de 12 do corrente mez.

Congratulamo-nos com o patriotismo pela resolução de ingressar nas fileiras integralistas e o acolhimento com satisfação, vendo que se propõe accellar todos os nossos principios, acatar e cumprir todas as ordens dos seus superiores hierarchicos, e defender em qualquer lugar e hora a nossa doutrina. Para o ingresso no integralismo é necessario o que acima foi dito e, tambem, que seja afastado de qualquer partido politico, que devemos combater indistinctamente. Nessas condições, poderá considerar-se desde já nosso companheiro. Sem perda de tempo,

Breve historico

deve trabalhar no sentido de inscrever novos patriotas, afim de se organizar, dentro em breve, um forte Nucleo nessa localidade. E, tão cedo seja possivel, com a contribuição de todos, alugar uma sala em que se installe a sede do Nucleo. Deve tambem estar em constante comunicação com a Chiefta Provincial de São Paulo, por intermedio deste Departamento de Organização Política, para receber as informações necessarias. Por estes poucos dias remetteremos algum material de propaganda e novas informações. A nossa saudação: *Anaue! Pelo Bem do Brasil!* (s) Loureiro Junior, Secretario do D. P. O. P.»

Esse é o documento basilar da fundação do nosso Nucleo. E a franqueza e o rigor que delle tão singelamente resallam, meridianamente demonstram que a nota predominante no Integralismo, desde o seu inicio, é, além da disciplina,—lealdade e sinceridade!

Muito antes dessa data, porém, doutrinado por Eurico Quedes de Araujo, já eram aqui francos adeptos do Sigma os companheiros Ignacio Telxela Brandão, José Antonio Fagundes, Ambrosio Luiz Dedalo e outros cujos nomes não nos occorrem no momento. Por signal que o companheiro Ignacio Telxela Brandão foi o primeiro a exhibir aqui, entre seus amigos, alguns numeros da *Offensiva*, que elle normalmente mandava vir de São Paulo. Em virtude disso, tambem pela primeira vez em Mogy-Mirim, nas eleições da Chapa Unica, em Maio de 33,

sob a curiosidade geral, surgiram nas urnas mogyminas sete votos para Miguel Reale.

Mas só depois da carta que acima publicamos, em 17 de Abril de 1934, é que o movimento verdadeiramente começou a ter certa coordenação, a ponto de ser possivel, aenas quatro mezes depois, fundar-se, finalmente, no dia 18 de Agosto de 1934, o primeiro Nucleo Integralista de Mogy-Mirim, quando já começava lavrar o «incendio verde» em muitos corações mogyminos.

A sessão inaugural do Nucleo só pôde ser realizada cinco dias após, isto é, a 23 de Agosto, e della publicamos, neste mesmo numero, a copia da acta que na epoca foi lavrada, onde apparecem os nomes dos onze primeiros integralistas mogyminos, fundadores do Nucleo.

E porque, tendo o Nucleo sido fundado em 18, só no dia 23 houve a sessão inaugural? E' que, entre aquelles onze integralistas fundadores, nenhum queria ser o Chefe, cada qual achando que o outro era o mais digno. Foi durante tal espaço de tempo que se resolveu esse curioso *impasse* tão tipicamente integralista: enquanto aqui quasi se brigava porque nenhum queria ser o chefe, nos outros partidos que pullulam por ali, todos brigam porque quasi todos querem ser chefes...

Depois, aconteceu aquillo que já é do dominio publico. O Integralismo foi rapidamente se desenvolvendo aqui e nos districtos, onde já temos Nucleos perfeitamente organizados em Poase, Jaquary e Conchal, além do que se

fundou em Mogy-Cruassú e que, provisoriamente, enquanto não se organisa definitivamente embora já tenha cerca de 30 companheiros inscriptos, está sujeito á orientação do Nucleo local.

E já se acham bem adiantados os trabalhos para fundação dos Nucleos de Marlim Francisco e Arthur Nogueira, o que faremos no proximo mez.

Fundámos, pois, neste curto espaço de tempo, cinco Nucleos Integralistas onde contamos quasi trezentos companheiros regularmente inscriptos, além de outros tantos sympathisantes tambem regularmente fichados e que prazerosamente contribuem com as suas mensalidades.

O Nucleo central fundou, tambem, um jornal quinzenario—*Anaue!*—já no seu 5.º numero de publicação e que dentro em breve, logo que for possivel, passará a circular semanalmente.

Ahi tem o povo de Mogy-Mirim, em rapidas pinceladas, os factos principais do nosso historico.

E por ahi poderá tambem o povo, considerando que o Chefe Nacional só hoje nos vem conhecer, calcular a profundidade e a grandeza das ideias com as quaes esse Homem miraculoso—num paiz de apathicos, de gosadores ou de indifferentes—conseguiu, mesmo de longe, sob ferrea disciplina e sem promessas de favores, realisar esse milagre que é o Integralismo em nossa terra!

E aquelles que ouviram Pinho Salgado hoje á noite, no Theatro S. José, mais admirados ficaram quando pesadamente constatarem que *ainda não se resolveram* ingressar neste formidavel e bellissimo movimento—que é por Deus, pela Patria e pela Familia e que não mais pertence nem ao proprio Chefe Nacional, porque já pertence ao Brasil!

ANEXO VI

Ano 1º — CAXIAS, 9 de Fevereiro de 1935 — Num. 4

O BANDEIRANTE

da Ação Integralista Brasileira — Nucleo de Caxias — SUL

Diretor: Humberto Bassanesi

Gerente: Luiz A. Compagnoni

dos impostos Aos Integralistas de Caxias

ARTHUR RECH
(Secretario D. M. E.)

inte vadio, falcatruzeiro, banjador e parasita — em tado Integral — essencialmente operoso, honesto, upado e produtivo.

O Estado, dentro do regi- en integralista — e isso o será nenhuma novidade— nverter-se á no exercicio de as funções economicas fi- nceiras-socias, em empresa- de navegação, de ferroci- as, de fornecimentos de ele- cidade, em mineiro, em nqueiro, em segurador em ndedor e colonizador de as proprias terras, em in- drial e até em comercian- de produtos que a hygiene, segurança nacional e o bem tar coletivo mandam sejam tirados do ambito mercan-

Exercendo todas as ativida- es hoje exploradas por em- tesas em virtude de conces- es indecorosas e lesivas ão só aos interesses publi- s como aos privados, o Es- do Integral eliminará todo ise capitalismo que nasceu abornando homens publicos que vive parasitariamente sombra do favoritismo ofi- al. Esse mesmo capitalismo, na sua duplicidade mate- ca, — creador do depaupa- mento das finanças publicas causa da agravação dos escontentamentos e das de ordens sociais.

Si existissem estatisticas os lucros auferidos pelas mprezas concessionarias de ervices que deviam, e que, por sua natureza, podiam ser explorados pelos poderes pu- licos, veriamos que o mon- ante desses lucros — em sua maior quantia desandou para

Foi inaugurada a Sêde in- tegralista de Caxias.

Uma casa modesta. Meia duzia de cadeiras. Uma mesa rustica. O retrato do chefe. A bandeira do Sigma e a nos- sa linda bandeira.

Simplez tudo. Humilde, exa- geradamente humilde para um ideal tão grande. Mas por isso mesmo, como é bela, como é emocionante, como é significativa esta pobreza in- tegralista!...

E, estes moços que se atiram á luta, corajosos, optimistas em meio á todas as duvidas; ar- rostando com todas as respon- sabilidades; patriotas sacrifi- cando tudo pelo ideal nobre de salvar o Brasil!

Como eu admiro estes mo- ços caxienses! Com que emo- ção eu os contemplei no dia da inauguração da nova sêde; jovens, entusiastas, risonhos, olhos em fogo, peitos ofegan- tes; todos orgulhosos, todos fa- lizes com a inauguração da- quele modesto templo onde deve estar constantemente ace- so o fogo sagrado do amor pelo Brasil.

Filhos de Caxias! Eu vos admiro pela vossa coragem, pelo vosso sacrificio e pelo vosso arrojo nesta grande lu- ta! Brasileira eu sinto que te- nho o dever de acompanhar- vos nesta grande hora. Eu sinto que devo estar comvosco em todos os momentos. Não como uma feminista exaltada fazendo politica, mas como uma amiga sincera e dedica- da. Eu estarei comvosco nas vossas horas de indecisões, de lutas e de sacrificios, com- partilhando e m vosco de todas

TERESA TARRAGÓ

as amarguras a que está su- geito aquele que tem como vós, um idealismo puro. Estarei comvosco, com o meu cora- ção de mulher todo maternal para vós, pelo grande amor ao meu Brasil e pela gratidão que vos devo pelo que estaeis fazendo pela nossa Patria. Estarei comvosco trabalhando pelo integralismo; fazendo minhas as vossas atribulações; compartilhando comvosco de todas as perseguições, de todas as maldades, de todos os ridiculos que quizerem vos at- tirar aqueles que só compre- endem o amor pela Patria quando ha um osso succulento para roer... As pedras que atirarem em vós, caxienses, tambem cairão em mim por- que assim eu o quero no or- gulho do desprendimento da vida pelo meu Brasil e pela gratidão que vos devo. Est- arei comvosco, sempre, caxi- enses integralistas, porque vós estareis sempre com o meu Brasil.

Estarei comvosco com a minha alma de catolica pra- ticante, pondo aos pés do Se- nhor tudo o que eu puder de puro e de bom, pelo vosso bem, integralistas caxienses, pela realização do vosso ideal, pela salvação da nossa Pa- tria.

Estarei comvosco com o meu coração de mulher, amau- do-vos como uns filhos, zelau- do por vós, protegendo-vos, si for possível, com todas as bênçoes que eu pedirei ao céu para vós todos.

Caxienses integralista! Eu estarei sempre comvosco, acon- tença o que acontecer!

Ação Integralista Brasileira, nos declaramos proscritos, es- pontaneamente, da falsa vida politica da Nação, até ao dia em que formos um numero tão grande, que restaurare- mos pela força nossos direitos de cidadania, e pela força con- quistaremos o Poder da Re- publica. Por isso, marchare- mos através do Futuro e na- da haverá que nos detenha porque marcham conosco a consciência da Patria e a hon- ra do Brasil.

6.º

O que pensamos das conspirações e da politicagem pessoal de grupos e facções

Declaramo-nos inimigos de todas as conspirações, de to- das as tramas, conjurações, conchavos de bastidores, con- fabulações secretas, sedições. Nossa campanha é cultural, moral, educacional, social, ás claras, em campo raso, de peito aberto, de cabeça erguida. Quem se bate por principios não precisa combinar coisa alguma nas trevas. Quem mar- cha em nome de idéas niudas definidas, não precisa de mas- caras. Nossa Patria está mi- seravelmente lacerada de cons- piratas. Politicos e governo tratam de interesses imedia- tos, por isso é que conspiram. Nós pregamos a lealdade, franqueza, a opinião a des- coberto, a luta no camp- das idéas. As confabulações dos politicos estão desfibrat- do o carater do povo brasile- ro. Civis e militares giram em torno de pessoas, por falta de nitidez de programas. Todos os seus programas são os mesmos e esses homens estão separados por motivo de interesses pessoais e de grupos. Por isso, uns trama contra os outros. E, em qual- to isso, o comunismo tran- Não pregamos

Senhora

A agua e os cuidados da belleza

Algumas mulheres pódem servir-se de agua, sem prejudicar-se, para a sua toilette quotidiana. Outras, ao contrario, devem rejeitá-la como nefasta.

A agua então tem um effeito particular sobre certas epidermes.

Na verdade, agua e agua são duas cousas e não convém confundir a agua com a que ella contém. A agua, por si mesma não tem effeito algum sobre a epiderme e o effeito de irritação é devido aos corpos que ella tem em soluções. A agua de Paris, por exemplo, não é a mesma conforme os quarteiros. É sempre calcarea, mas a proporção de saes dissolvidos é mais ou menos forte, conforme sua origem.

Além disso, por uma medida de hygiene, tem addições de agua de Javel.

Causa até surpresa saber que uma agua semelhante seja capaz de ter effeitos nocivos sobre pelles delicadas. Podeis utilizar vos ou abster-vos da agua não de accôrdo com a natureza de vossa pelle, mas de accôrdo com a qualidade da agua que vos é fornecida. E se moraes num sector mal servido? Podeis escolher entre os seguintes remedios:

Primeiro: a agua de chuva; é perfeita, se vos fôr possível recolhê-la.

Segundo: a agua distillada. Ha esterilizadores destinados a produzir uma agua desembaraçada de todas as suas impurezas.

Terceiro: podeis fazer ferver a agua depois de adicionar-lhe uma pitada de bi-carbonato de sodio.

Emfim, ha outros aparelhos que agindo por simples filtração sobre productos especiaes, livram a agua dos saes calcareos.

Assim, por meio de um destes processos podereis fazer a toilette com agua, sem prejudicar vossa belleza.

Belleza e saude das unhas

A forma das unhas pódem ter tanta expressão como a das mãos. Ha unhas que exprimem bondade, nobreza, sensibilidade; ha outras que exprimem mesquinhéz e brutalidade. Ha unhas intelligentes e unhas embotadas, rapaces e cruéis... Naturalmente, como toda theoria, esta também não é infallivel, mas ha unhas que são sympathicas e unhas que são antipathicas.

A belleza das unhas não depende unicamente da forma, mas também da saúde. Esse estado de saúde é visivel, e não apenas quando ellas estão despojadas do verniz, mas até quando estão impeccavelmente cobertas por varias camadas. Pois, embora dissimule as imperfeições, se a unha não estiver em perfeito estado, o verniz não fixa muito bem, não brilha tanto, parece menos lisa e varia de côr. A boa saúde das unhas é influenciada por nosso

polidas, diariamente, varias vezes.

Ha productos especiaes que não alteram nem a côr nem o brilho do verniz. Tome o costume de polir automaticamente as unhas, depois de cada lava-



gem, fazendo uma ligeira massagem na cuticula.

Os banhos de oleo morno (oleo especial e muita alimenticio), que devem ser feitos uma ou duas vezes por semana, são excellentes para fortalecer as unhas exgattadas e quebradiças e para restituir-lhes o brilho. Nunca é demais recommendar o uso do brunidor, sempre que se applica o verniz. Lembre isto também á sua manicure.

Não tenha as unhas nem longas, nem pontudas demais; dê-lhe a forma natural dos dedos, alongando-as ligeiramente. A forma oval é sempre a mais bonita e favorece qualquer mão. Passe verniz até as pontas das unhas; isto torna-as mais longas e afiladas. As pontas brancas que ficam depois do verniz não têm nada de esthetico. Deixe a meia-lua livre; é por ella que a unha respira; para escarnar a cuticula, use somente instrumentos de marfim ou de "bois de rose".

Quanto a cor do verniz... Seria bom que existisse uma lei prohibindo os vermelhos escuros demais, os azues e os violetas.



estado geral: fadigo, anemia, alimentação deficiente. O verniz não fará mal, se fôr retirado de tres em tres dias com um dissolvente a oleo, para que as unhas possam respirar livremente, durante um dia ou uma noite inteira e sobretudo se forem

1) Vestido para tarde, de púrpura. Pôças na frente da blusa, agrupadas na extremidade. Meias-mangas bouffantes. Costura com sé de tafetá.

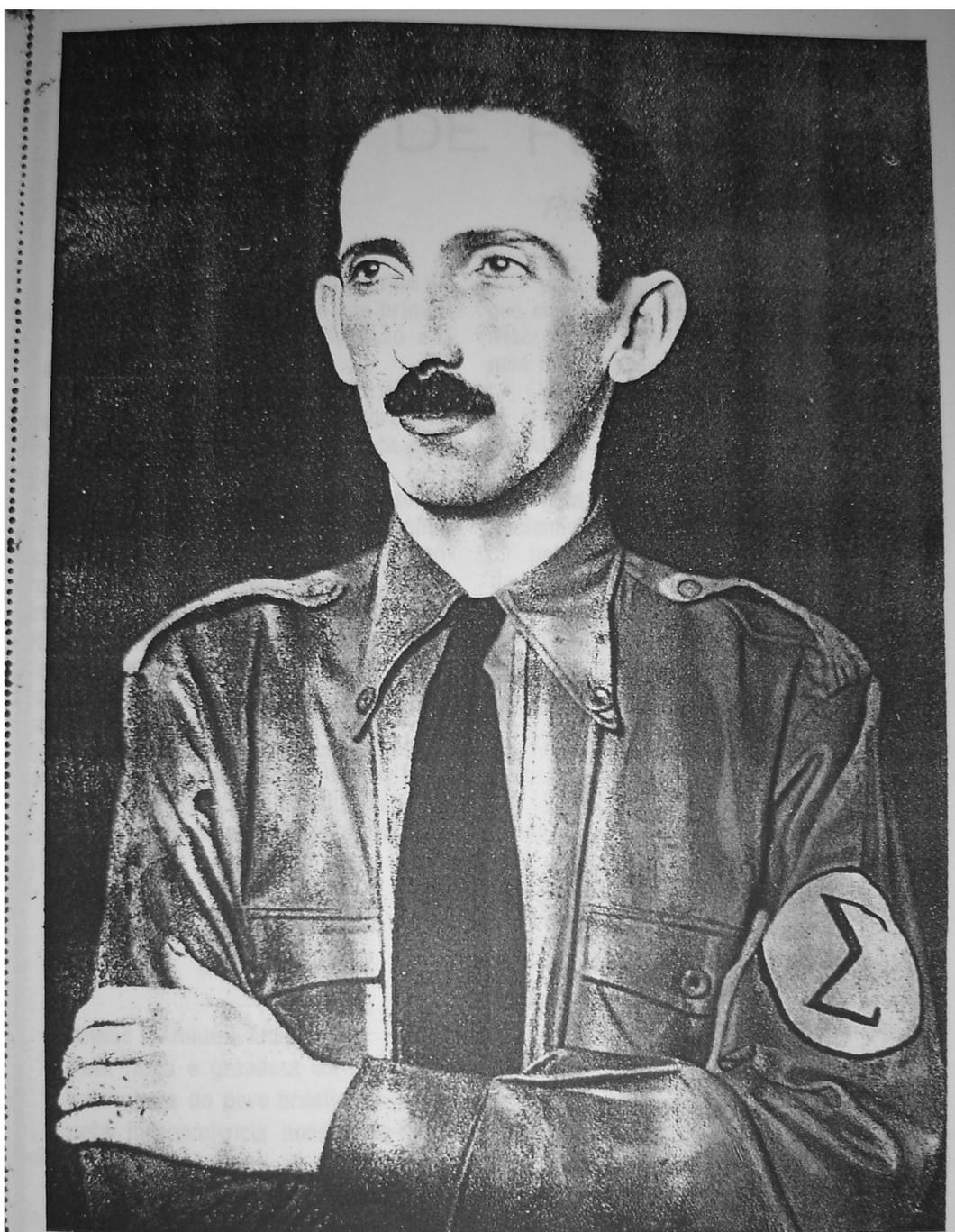
2) Vestido de rayonê estampado. Pesteço "drapi" na frente. Mangas raglan. Costura do mesmo tecido.

3) Vestido de tucill estampado. Mangas gigot, meio-longas. Garantiação de botões.

4) Vestido de crêpe fino. Plastron angular e mangas com guarnições e nós pregueados.



ANEXO VIII



Plinio Salgado

Chefe Nacional da Acção Integralista Brasileira

ANEXO X

DA SECÇÃO DE DACTILOGRAFIA

Art. 59 — A' Secção de Dactilografia compete:

- a) dactilografar ou mimeografar cartas, officios, circulares, ordens, (diretivas e boletins) do D. I.;
- b) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Expediente, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DA SECÇÃO DE ARQUIVO

Art. 60 — A' Secção de Arquivo compete:

- a) organizar mensalmente graficos estatistico representativos:
 - 1) da propaganda feita, separando pela especie. Ex. discursos, paradas, enfim, de todos os meios de propaganda que forem postos em pratica;
 - 2) do pessoal que trabalha na propaganda;
 - 3) das importancias dispendidas com a propaganda.
- b) executar os trabalhos estatísticos que lhe forem solicitados pela S. N. P. e pelas Divisões do D. I.;
- c) fornecer mensalmente ao Chefe da Divisão, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DA SECÇÃO DE CORRESPONDENCIA

Art. 62 — A' Secção de Correspondencia compete:

- a) fazer toda a correspondencia do D. I.;
- b) encarregar-se da correspondencia do Secretario Nacional de Propaganda, quando este assim o determinar;
- c) elaborar o boletim do D. I. quando assim o determinar o Chefe do Departamento;
- d) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Expediente, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DA DIVISÃO DE CONTROLE

Art. 63 — A Divisão tem por fim supervisionar através de suas 3 Secções toda a propaganda jornalística, fornecendo mensalmente ao Chefe do D. I. um relatório de suas atividades.

DAS SECÇÕES

Art. 64 — A Divisão de Controle compreende as seguintes Secções:

- a) Censura
- b) Distribuição
- c) Inspeção.

DA SECÇÃO DE CENSURA

Art. 65 — A' Secção de Censura compete:

- a) Censurar no que respeita ao processo de propaganda a materia publicada pela imprensa;
- b) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Controle, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DA SECÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO

Art. 66 — A' Secção de Distribuição compete:

- a) encaminhar aos jornais e revistas integralistas as autorizações para divulgação da materia devidamente aprovada pela Secretaria de Doutrina;
- b) distribuir pelos jornais e revistas não integralistas noticias de interesse para o Movimento;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Controle um relatório sobre o movimento desta Secção.

DA SECÇÃO DE INSPEÇÃO

Art. 67 — A' Secção de Inspeção compete:

- a) verificar si foram publicados os desmentidos, retificações, comunicados, entrevistas e artigos fornecidos pelo Departamento;
- b) verificar si os jornais e revistas integralistas estão cumprindo as determinações da Secretaria Nacional de Doutrina;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Controle um relatório sobre o funcionamento desta Secção.

DAS SUB-SECÇÕES DA DIVISÃO DE CONTROLE

Art. 68 — A' Divisão de Controle compreende as seguintes Sub-Secções:

- a) jornais e revistas nacionais;
- b) jornais e revistas estrangeiras;
- c) jornais e revistas integralistas;
- d) jornais e revistas não integralistas.

Paragrafo Unico:

As Sub-Secções da Divisão de Controle agirão dentro dos respectivos campos de ação, de acôrdo com a Secção a que se acham subordinadas.

DA DIVISÃO DE PUBLICIDADE

Art. 69 — A' Divisão de Publicidade compete:

- a) promover a publicação de assuntos integralistas, enviando colaborações, notícias e materia paga, quando necessario;
- b) fiscalizar as Secções e Sub-Secções da Divisão para que o serviço seja feito com a maior eficiencia;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe do D. L. dados sobre o funcionamento desta Divisão, para elaboração do boletim da S. N. P.

DAS SECÇÕES

Art. 70 — A' Divisão de Publicidade compreende as seguintes Secções:

- a) Colaboração
- b) Redação
- c) Materia Paga

DA SECÇÃO DE COLABORAÇÃO

Art. 71 — A' Secção de Colaboração, através de suas 2 Sub-Secções, compete: captar e escolher, em fonte nacional ou estrangeira, a colaboração manada, original ou transcrita, que interesse direta ou indiretamente a propaganda integralista, fornecendo ao Chefe da Divisão de Publicidade, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DAS SUB-SECÇÕES

Art. 72 — A' Secção de Colaboração compreende as seguintes Sub-Secções:

- a) Transcrições
- b) Originais

DA SUB-SECÇÃO DE TRANSCRIÇÕES

Art. 73 — A' Sub-Secção de Transcrições compete:

- a) preparar para serem transcritas em outros jornais as colaborações que o Chefe do Departamento de Imprensa indicar;
- b) organizar um arquivo das colaborações mandadas transcrever, separando-as pelo assunto, anotando onde foram transcritas, o numero de vezes, etc;
- c) fornecer ao Chefe da Secção de Colaboração, dados sobre o funcionamento desta Sub-Secção.

DA SUB-SECÇÃO DE ORIGINALS

Art. 74 — A' Sub-Secção de Originals compete:

- a) preparar as colaborações originais indicadas pelo Chefe do D. I. para serem publicadas;
- b) organizar um arquivo das colaborações originais destinadas a serem publicadas, separando-as pelo assunto, anotando onde foram publicadas, o numero de vezes, etc.;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Secção de Colaboração, dados sobre o funcionamento desta Sub-Secção.

DA SECÇÃO DE REDAÇÃO

Art. 75 — A' Secção de Redação, através de suas 4 Sub-Secções, compete:

- a) fornecer materia original referente á propaganda internacional, fornecendo mensalmente ao Chefe da Divisão de Publicidade, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DAS SUB-SECÇÕES

Art. 76 — A' Secção de Redação compreende as seguintes Sub-Secções:

- a) Noticiario
- b) Serviço Telegrafico
- c) Reportagem
- d) Editorial
- e) Paragrafo Unico

As Sub-Secções da Secção de Redação agirão dentro dos seus respectivos campos de acção, de acôrdo com a Secção a que se acham subordinadas.

DA SECÇÃO DE MATERIA PAGA

Art. 77 — A' Secção de Materia Paga compete:

- a) encarregar-se, através de suas 2 Sub-Secções, de todo o material de propaganda remunerada do Movimento Integralista;
- b) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Divisão de Publicidade, dados sobre o funcionamento desta Secção, para elaboração do boletim da S. N. P.

DAS SUB-SECÇÕES

Art. 78 — A' Secção de Materia Paga compreende as seguintes Sub-Secções:

- a) A Pedidos
- b) Anuncios.

DA SUB-SECÇÃO DE APEDIDOS

Art. 79 — A' Sub-Secção de Apedidos compete:

- a) preparar, para serem publicados, os apedidos feitos pelo D. I.
- b) organizar um arquivo dos apedidos publicados;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Secção de Materia Paga, dados sobre o funcionamento desta Sub-Secção.

DA SUB-SECÇÃO DE ANUNCIOS

Art. 80 — A' Sub-Secção de Anuncios compete:

- a) preparar, para serem publicados, os anuncios feitos pelo D. I.;
- b) organizar um arquivo dos anuncios publicados;
- c) fornecer, mensalmente, ao Chefe da Secção de Materia Paga, dados sobre o funcionamento desta Sub-Secção.

ANEXO XI

Secretaria Nacional de Imprensa

REGULAMENTO

I — DOS FINS

Art. 1.º) — A Secretaria de Imprensa é o órgão coordenador, orientador e organizador da imprensa integralista em todo o país.

Art. 2.º) — Compete á Secretaria de Imprensa:

- 1.º) — orientar os jornaes integralistas em materia technica e politica;
- 2.º) — cooperar com os jornaes integralistas fornecendo-lhes materia redactorial;
- 3.º) — organizar empresas e obras que lhes dêem auxilio financeiro;
- 4.º) — estimular e auxiliar jornaes integralistas ou favoraveis ao Integralismo;
- 5.º) — fazer a publicidade pela imprensa de que necessitar a Acção Integralista Brasileira.

Art. 3.º) — Além dos objectivos fundamentaes, enumerados no artigo anterior, á Secretaria compete coordenar estudos e fazer intercambio entre os homens de imprensa filiados ou approximados á A. I. B., bem como organizar congressos e museus que favoreçam a systematisação dos seus trabalhos.

II — DOS ORGAOS E SUAS ATTRIBUIÇÕES

Art. 4.º) — Os órgãos da Secretaria de Imprensa, são:

- 1.º) — Secretaria Nacional de Imprensa
- 2.º) — Secretarias Provinciaes de Imprensa
- 3.º) — Secretarias Municipaes de Imprensa

Art. 5.º) — São attribuições privativas do S. N. I.:

- 1.º) — representar ao Chefe Nacional sobre os serviços de imprensa em qualquer municipio;
- 2.º) — baixar regulamentos e directivas de execução obrigatoria em mais de uma provincia;
- 3.º) — transmittir ordens do Chefe Nacional;
- 4.º) — orientar e coordenar as S. P. I.;
- 5.º) — convocar reuniões a que compareçam integralistas de mais de uma provincia;
- 6.º) — orientar a imprensa integralista da Capital Federal;
- 7.º) — registrar os regulamentos provinciaes relativos á imprensa.

Art. 6.º) — São attribuições do S. P. I.:

- 1.º) — transmittir ordens do Chefe Provincial;
- 2.º) — orientar e coordenar os S. M. I.;
- 3.º) — approvar as resoluções e regulamentos municipaes relativos á imprensa;
- 4.º) — convocar reuniões a que compareçam integralistas da mesma provincia.

Art. 7.º) — São attribuições commutativas do S. N. I. e das S. P. I.:

1.º) — representar aos Chefes Provinciaes sobre os serviços de imprensa em qualquer municipio;

2.º) — baixar directivas de execução obrigatoria dentro de uma só provincia;

3.º) — orientar a imprensa integralista das capitães provinciaes.

Art. 8.º) — São attribuições commutativas do S. N. I. dos S. P. I. e dos S. M. I.:

1.º) — orientar e estimular os jornaes integralistas que se editarem nos municipios;

2.º) — exercer a censura das publicações nos casos autorisados;

3.º) — dar publicidade a factos cuja divulgação interesse á Acção Integralista Brasileira;

4.º) — organizar empresas e companhias de caracter jornalístico para obter recursos financeiros destinados á imprensa;

5.º) — fundar jornaes integralistas;

6.º) — estimular as boas relações entre os homens de imprensa filiados ou sympathicos á A. I. B., promovendo entre elles o intercambio das idéas e as relações profissionais;

7.º) — defender, prestigiar e engrandecer o jornalismo brasileiro.

Art. 9.º) — Nas materias commutativas de dois ou mais órgãos, a acção do S. N. I. prevalece sobre a dos demais, e a acção do S. P. I. sobre a dos S. M. I.

III — DO SECRETARIO NACIONAL DE IMPRENSA

Art. 10.º) — O Secretario Nacional de Imprensa é o Chefe da Secretaria Nacional de Imprensa, escolhido pelo Chefe Nacional da A. I. B., na fórma dos Estatutos.

Art. 11.º) — Ao Secretario Nacional de Imprensa, compete:

1.º) — referendar e regulamentar os actos do Chefe Nacional relativos á imprensa;

2.º) — transmittir aos Chefes Provinciaes, aos S. P. I., aos S. M. I., e aos directores de jornaes integralistas, as ordens e orientação do Chefe Nacional;

3.º) — representar ao Chefe Nacional sobre os serviços de imprensa no paiz, propondo o que lhes parecer necessario;

4.º) — officiar aos Secretarios Nacionaes e Chefes Provinciaes, sobre os serviços a seu cargo, harmonizando o exercicio da administração no seio do partido;

5.º) — relatar annualmente ao Chefe Nacional os serviços a cargo da Secretaria;

6.º) — chefiar a Secretaria Nacional;

- 7.º) — nomear os seus auxiliares;
8.º) — transmittir ao Secretario Nacional de Finanças, no dia 1.º de cada mez, o orçamento da Secretaria;
9.º) — baixar regulamentos, directivas e portarias;
10.º) — delegar poderes a quem lhe aprouver para represental-o em actos officiaes de qualquer natureza.

IV — DO GABINETE

Art. 12.º) — O Gabinete do Secretario Nacional compõe-se de um Director e de tantos officiaes quantos forem julgados necessarios.

Art. 13.º) — O Gabinete assiste o Secretario Nacional no exercicio de suas funcções, organisa o seu expediente, e a sua correspondencia, de accordo com a portaria que determinar o seu funcionamento e constituição.

Art. 14.º) — O Director do Gabinete é o substituto momentaneo do Secretario Nacional, o inspector dos serviços da Secretaria, o distribuidor do expediente, o relator do orçamento.

Art. 15.º) — Os officiaes de Gabinete são assistentes immediatos do Secretario Nacional. São obrigados a plantões segundo escala previamente feita.

V — DOS ORGAOS DE ORIENTAÇÃO

Art. 16.º) — Os orgãos da S. N. I. são de orientação, de execução ou de administração; de orientação são os que fornecem elementos ás directivas e ordens do Secretario Nacional; de execução são os que observam e promovem o cumprimento das directivas; de administração são os que se incumbem de tarefas de inspecção e coordenação.

Art. 17.º) — Os orgãos de orientação da S. N. I. são:

- 1.º) — Departamento de Orientação
- 2.º) — Departamento Technico

Art. 18.º) — O Departamento de Orientação estuda os assumptos que se tornam objecto das actividades jornalisticas do movimento integralista, e não só elabora sobre elles artigos, noticias e notas, como organisa directivas para approvação de Secretario Nacional.

Art. 19.º) — O Departamento de Orientação trabalha dividido em 5 divisões: Divisão de Assumptos politicos, Divisão de Assistencia Economico-Financelra, Divisão de Assistencia Administrativa, Divisão de Assistencia Syndical, Divisão de Assistencia Militar. A criterio do Secretario Nacional podem ser creadas novas divisões e extintas as existentes.

Art. 20.º) — O Departamento Technico estuda a aparelhagem technica dos jornaes integralistas e mantem um

serviço de informação sobre assumptos jornalísticos em geral.

Art. 21.º) — O Departamento Técnico trabalha dividido em 3 divisões: Divisão de Assumptos Redactoriaes, Divisão de Assumptos Commercias e Administrativos, Divisão de Assistencia aos Graphicos.

Art. 22.º) — O Secretario Nacional nomeia os encarregados das Divisões e cada um delles escolhe os seus auxiliares.

VI — DOS ORGAOS DE EXECUÇÃO

Art. 23.º) — Os orgãos de execução da S. N. I. são: Departamento de Imprensa Integralista, Departamento de Publicidade.

Art. 24.º) — O Departamento de Imprensa Integralista distribue aos jornaes integralistas os artigos e notas do Departamento de orientação, os artigos dos collaboradores nacionaes, e as directivas e officios do Secretario Nacional.

Art. 25.º) — O Departamento de Imprensa Integralista trabalha dividido em 7 divisões: Divisão de Collaboradores Locaes, Divisão de Collaboradores do Interior, 1.ª Divisão de Jornaes, 2.ª Divisão de Jornaes, 3.ª Divisão de Jornaes, 4.ª Divisão de Jornaes e 5.ª Divisão de Jornaes.

Art. 26.º) — O Secretario Nacional nomeia em cada Provincia os integralistas que lhe parecerem mais capazes de collaborar com eficiencia nos jornaes do palz, para exercerem as funcções de collaboradores nacionaes. Taes "collaboradores" ficam obrigados á remessa de artigos em data certa, e a se conduzirem dentro das directivas traçadas pelo Secretario Nacional para o serviço.

Art. 27.º) — Cada jornal integralista será incluído numa das 5 divisões de jornaes comprehendidas no Departamento de Imprensa. O encarregado da Divisão é o correspondente do jornal na Secretaria Nacional de Imprensa, o seu observador, assistente e transmissor das ordens do Secretario Nacional.

Art. 28.º) — O Departamento de Publicidade distribue aos jornaes não integralistas do Districto Federal os artigos e noticias cuja publicação seja considerada de interesse para a A. I. B.

Art. 29.º) — O Departamento de Publicidade trabalha indiviso, com funcionarios incumbidos das tarefas de redacção e outros incumbidos das tarefas de inserção.

Art. 30.º) — O Secretario Nacional nomeia os encarregados das Divisões no Departamento de Imprensa e o Director e funcionarios de Departamento de Publicidade. Cada encarregado de Divisão no Departamento de Imprensa escolhe os seus auxiliares.

VII — DOS ORGAOS DE ADMINISTRAÇÃO

Art. 31.º) — Os órgãos de administração da S. N. I. são:

- 1.º) — Departamento de Matrículas
- 2.º) — Departamento de Pessoal e Material.

Art. 32.º) — O Departamento de Matrícula processa a matrícula dos jornaes integralistas pertencentes ao consorcio "Sigma-Jornaes Reunidos", cuja relação é depositada na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro.

Art. 33.º) — Cada jornal integralista que queira se filiar ao consorcio "Sigma-Jornaes-Reunidos", deverá apresentar um pedido escripto ao Secretario Nacional de Imprensa, instruído de informações sobre as suas condições de vida e funcionamento, para que essa autoridade conceda a sua matrícula na forma regulamentar.

Art. 34.º) — O Secretario Nacional de Imprensa, depois de concluidas as diligencias que julgar necessarias, concederá ou denegará a matrícula pedida, recorrendo neste ultimo caso "ex-officio" para o Chefe Nacional.

Art. 35.º) — O Departamento de Matrícula trabalha dividido em duas divisões: Divisão de Expediente e Divisão de Estatística. A primeira dessas Divisões processa as matrículas de jornaes e as archiva. A segunda organisa as estatísticas dos serviços de imprensa.

Art. 36.º) — O Departamento de Pessoal e Material organisa os quadros de funcionarios e auxiliares da Secretaria, arrecada suas contribuições, demonstra mensalmente os seus trabalhos, guarda, fornece, e adquire o material usado nos serviços.

Art. 37.º) — O Departamento de Pessoal e Material trabalha dividido em 3 Divisões: Divisão de Pessoal, Divisão de Arrecadação, Divisão de Almojarifado.

VIII — DAS SECRETARIAS PROVINCIAES DE IMPRENSA

Art. 38.º) — As Secretarias Provinciaes de Imprensa, nos limites do territorio da Provincia, e dentro da orientação traçada pela Secretaria Nacional, exerce as funcções em tudo semelhantes ás desta, para o que se revestem de uma semelhante organisação.

Art. 39.º) — E' vedado ás S. P. I. reunirem em grupos os jornaes sob sua jurisdicção, afim de não perturbar a nitidez da organisação nacional.

Art. 40.º) — Quando uma directiva ou ordem oriunda da S. N. I. fôr desaconselhavel em face da situação especial

de uma Província, o Chefe Provincial ou o Secretario Provincial de Imprensa pôde sustar o seu cumprimento e representar dentro de um dia ao Secretario Nacional, dando as razões do acto.

Art. 41.º) — Os órgãos que compõem a estrutura do S. N. I. só devem ser creados nas S. P. I., á medida que se forem tornando uteis ou necessarios.

IX — DAS SECRETARIAS MUNICIPAES DE IMPRENSA

Art. 42.º) — As S. M. I. serão creadas nos Municípios onde houver jornaes integralistas, e naquelles onde o seu funcionamento fór julgado vantajoso para os serviços de imprensa do partido.

Art. 43.º) — Onde se fizer sentir apenas a necessidade de um serviço de publicidade será creado um Departamento com esse nome, subordinado directamente ao Chefe Municipal.

Art. 44.º) — A conveniencia de crear uma S. M. I. deve ser apreciada pelo Chefe Municipal e pelo Chefe Provincial. A creação será autorizada por acto do Chefe Provincial, referendado pelo seu S. P. I. e communicado ao Secretario Nacional de Imprensa.

Art. 45.º) — A organização das S. M. I. devem se inspirar nas condições locais, sendo vedado agrupar jornaes pelas razões do Art. 39.

X DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 46.º) — Toda ordem ou diretiva enviada pelo S. N. I. aos Directores de jornaes integralistas, será communicada aos S. P. I. interessados, para uniformidade da orientação seguida.

Art. 47.º) — As diretivas do S. N. I. são circulares, especiaes e reservadas. As circulares dirigem-se a todos os jornaes integralistas ou a todos os S. P. I.; as especiaes dirigem-se a uma parte apenas; as reservadas são as que visam os jornaes integralistas, mas pela relevancia da materia nellas tratada, são dirigidas aos S. P. I.

Art. 48.º) — Os casos omissos deste regulamento serão providos pelo Secretario Nacional de Imprensa, que igualmente o interpretará nos casos duvidosos.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1936.

SAN THIAGO DANTAS
Sec. Nac. da S. N. I.

PLINIO SALGADO
Chefe Nacional

ANEXO XII

A OFFENSIVA

Dois Pesos E Duas Medidas...

Segundo o noticiário telegraphico dos Jornaes, os revolucionarios das Asturias mataram 29 sacerdotes e os Soviets acabam de condemnar á morte 26 camponezes.

Os padres catholicos foram mortos pelos communistas hespanhóes com requintes de perversidade taes que a Santa Sé vae reconhecer nelles verdadeiros martyres. Uns soffreram os maiores ultrages antes de receberem a morte, outros a tiveram queimados a fogo lento, depois de embebidos em petroleo. Outros tiveram o cadaver exposto ao publico numa vitrine sob o distincto: "carne de porco".

Os campones sovieticos foram mortos pelos communistas moscovitas em dois grupos: vinte, porque assaltaram depositos de alimentos, e seis, porque se recusaram a entregar ao governo a colheita de suas mãos. Os esbirros da Guepeú fuzilaram-nos summariamente.

Isso é o que ás agencias telegraphicas nos dão. Sabemos que ellas estão engrenadas no mecanismo occulto que dirige o mundo para sua bolshevização e ruína. Peneiram todas as noticias e só servem ao publico os pratos que lhes convém. Dahl a importancia que devemos dar a taes noticias. Se tamanhos horrores chegam até nós, que não terá na realidade occorrido de monstruoso?

Ao mesmo tempo que se sabia dessas mortandades, os telegrammas informavam da nova perseguição á Igreja, no Mexico, em nome da liberdade. Mais de trezentos padres expulsos. Bispos impedidos de tornar á patria. Templos confiscados. Cerimonias religiosas prohibidas. E leis verdadeiramente infames sobre o assumpto como a que permittia a existencia de certo numero de sacerdotes num Estado sob a condição de serem casados...

Pois bem. Nenhum orgão de nossa imprensa, nem das outras imprensas do planeta, em nota ou artigo de redacção, em chronica de collaborador, em commentario de qualquer natureza se referiu a essas horríveis noticias. Passaram em silencio. Nem um pio. Entretanto um protesto se impõe, em nome dos mais sagrados direitos da humanidade, contra o martyrio dos padres hespanhóes, o fuzilamento dos pobres campones do Turquestão e a perseguição religiosa no Mexico.

Entretanto, esses mesmos Jornaes, articulistas e chronistas que hoje calam a boca e esquecem a pena, têm verberado e continuam a verberar indignados a falada "perseguição" dos judeus na Allemanha, onde até hoje Hitler não queimou nenhum vivo, não fuzillou nenhum, não confiscou nenhuma synagoga, não expulsou nenhum rabino pelo simples facto de ser rabino e só poz para fóra das fronteiras do seu paiz elementos indesejaveis.

Essa mesma imprensa qualifica o Integralismo de attentatorio á liberdade e de sanguinario. Então, por que não se ergue com a mesma indignação contra todas as monstruosidades que pelo mundo vão praticando communistas e judeu-communistas de braço dado a outros poderes occultos da sociedade?...

Será que tem medo?

Aos nossos companheiros camisas-verdes, fazemos notar esse regime de dois pesos e duas medidas...

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P676v	Oliveira, Rodrigo Santos de Imprensa integralista, imprensa militante / Rodrigo Santos de Oliveira. – Porto Alegre, 2009. 387 f. ; il. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, PUCRS. Orientador: Prof. ^a Dr. ^a Sandra Maria Lubisco Brancato. 1. Imprensa - Brasil - História. 2. Brasil - História - Movimento Integralista. 3. Salgado, Plínio - Crítica e Interpretação. I. Brancato, Sandra Maria Lubisco. II. Título. CDD 981.65
-------	--

Bibliotecário Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204